



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade



Organização:
Thiago S. Reis
Maria Ferreira

Realização



Apoio



**ACTAS COMPLETAS E RESUMOS DO 7º CICLO IBERO-
AMERICANO DE DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS:
HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE**

Editora Cravo

Comité Científico

Jorge Chinaa

(Wayne State University - EUA)

Keila Grinberg

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Brasil)

Leonardo Rosa Ramos

(Università Pontificia Salesiana - Itália)

Marcia Calainho

(Instituto Jurídico Luso Brasileiro - Portugal)

Márcia Maria Menendes Motta

(Universidade Federal Fluminense - Brasil)

Monique Montenegro

(Instituto Ensinar Brasil - Brasil)

Thiago de Souza dos Reis

(Universidade Estácio de Sá/Universidade Veiga de Almeida - Brasil)

Yanina Benitez

(Instituto de Filosofía Ezequiel de Olaso/Centro de Investigaciones Filosóficas - Argentina)

**Thiago S. Reis
Maria Ferreira
(Org)**

**Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-
Americano de Diálogos Contemporâneos:
História, Cultura e Interdisciplinaridade**

Copyright © 2026 Editora Cravo

Título: Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Direção Editorial: Lou Calainho

Edição e Diagramação: Equipa Editora Cravo

Projeto gráfico e capa: Cida Santos

Grafismo: Sofia Ferreira

ISBN 978-989-9037-82-3

Conselho Editorial

Lou Calainho

Magno F. Borges

Maria Auxiliadora B. dos Santos

Dados para Catalogação da Obra

Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos
(2025 : Porto, Portugal).

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade [recurso eletrónico] / Thiago S. Reis, Maria Ferreira (org.). – Porto : Editora Cravo, 2026.

E-book (pdf): 10Mb

ISBN 978-989-9037-82-3

1. Educação - Congressos. 2. Ensino Superior. 3. Investigação Científica. 4. Encontro Científico. I. Reis, Thiago S.. II. Ferreira, Maria. III. Centro Português de Apoio à Pesquisa Científica e à Cultura. IV. Título.

CDD: 370

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores e autores.



www.editoracravo.pt
contacto@editoracravo.pt
+351 960 221 473

**7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos:
História, Cultura e Interdisciplinaridade**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15

RESUMOS

OS REIS DO CHORO E DO SAMBA, DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ETNOMUSICOLOGIA ALIPIO CARMO.....	17
UM COLETIVO NADA ALEATÓRIOS E A TERRITORIALIDADE PRESENTE NOS CONTOS DA BAIXADA FLUMINENSE (RIO DE JANEIRO) AMANDA RODRIGUES ALVES CATEM TAMARA DE SOUZA CAMPOS.....	18
RELAÇÕES POLICIAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA: UMA ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE IMPRESSOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX ANA BEATRIZ LIMA DE SOUSA.....	19
CARTOGRAFIA CULTURAL DAS OLARIAS DE ICOARACI-PA: CERÂMICA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL ANA FLÁVIA DA COSTA DE CAMPOS PEIXOTO.....	20
MEMÓRIA ETNOBOTÂNICA DAS MINAS DE ALJUSTREL: UMA FERRAMENTA ESTRATÉGICA PARA REPOSICIONAR O TERRITÓRIO NO PRESENTE ANA PAULA MORAIS PIRES FIGUEIRA ANA CRISTINA MARQUES ENCARNAÇÃO VICTOR FIGUEIRA LUÍS MENDONÇA DE CARVALHO.....	21
OS SANTOS TAMBÉM SÃO DAQUI: FESTA, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA BAIXADA FLUMINENSE ANDRESSA MONTEIRO DE CARVALHO.....	22
CARTOGRAFIAS DO SENSÍVEL: TEATRO, MEMÓRIA E JUSTIÇA SOCIAL NA BAIXADA FLUMINENSE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO COLETIVO REDE BAIXADA EM CENA E DO INSTITUTO CULTURAL CERNE ANNA PAULA SOARES LEMOS VINICIUS BAIÃO.....	23
HISTÓRIA, MEMÓRIAS E O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “CAETANO DE CAMPOS”, SÃO PAULO, CAPITAL, BRASIL ARLETE ASSUMPTÃO MONTEIRO.....	24
ANÁLISE DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS PARA A CONSERVAÇÃO DE UM ACERVO UNIVERSITÁRIO NO INTERIOR DO BRASIL BÁRBARA CHAGAS OLIVEIRA KARINE RODRIGUES DOS SANTOS CLARA MARIA FERREIRA BIANCA LEIVA ROSA LUIZA EMRICH VIEIRA BOTELHO ELEONORA SAD DE ASSIS.....	25
PENSAR UM LEITOR COLETIVO: O CASO DO CENTENÁRIO QUEIROSIANO EM 1945 BRENO GÓES.....	26
HISTÓRIA, PATRIMÔNIO ESPORTIVO E SOCIEDADE: MEMORIAL DO ESPORTE DOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ CARLOS MAURICIO ZAREMBA CLAUDIO JORGE GUIMARÃES.....	27
HISTÓRIA NEFASTA: CORPO, CRIME E ESTUDOS SOBRE SERIAL KILLERS CELIA NONATA DA SILVA IGOR ARAÚJO DE AMORIM.....	28
O CORPO EM DISPUTA: GÊNERO, MORAL E PODER NAS IGREJAS PENTECOSTAIS CÉLIO CÉSAR DE AGUIAR LIMA - T1.....	29

O MERCADO DA FÉ: CULTURA RELIGIOSA, NEOLIBERALISMO E MEMÓRIA COLETIVA NO SÉCULO XXI	
CÉLIO CÉSAR DE AGUIAR LIMA - T2.....	30
HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR: BREVE REVISÃO DE ESCOPO (2020 - 2024)	
CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES - T1.....	31
INTEGRANDO A CULTURA LOCAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A COMUNIDADE CAIÇARA DA ILHA DOS VALADARES (PARANAGUÁ, BRASIL)	
CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES - T2.....	32
UM DIÁLOGO POSSÍVEL? APROXIMAÇÕES ENTRE AS PROPOSTAS EDITORIAIS DAS COLEÇÕES ANTIPRINCESAS (CHIRIMBOTE) E BLACK POWER (MOSTARDA)	
CLARA THAÍS PEREIRA DE ANDRADE.....	33
A CULTURA, HOJE, CONSISTE EM FALAR: MICHEL DE CERTEAU E SUA INVENÇÃO DA CULTURA	
CLARISSA PARANHOS.....	34
O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA NOS CURRÍCULOS DE MATO GROSSO DO SUL E DA PARAÍBA: POLÍTICAS, PRÁTICAS E DESAFIOS	
CLAUDIA CRISTINA DO LAGO BORGES VÂNIA CRISTINA DA SILVA.....	35
JOGOS ESTUDANTIS DA PRIMAVERA EM PONTA GROSSA – PR HISTÓRIA, MEMÓRIA, SOCIEDADE	
CLÁUDIO JORGE GUIMARÃES CARLOS MAURÍCIO ZAREMBA.....	36
CARTOGRAFIA DO CATIMBÓ EM NATAL-RN: REDES DE SOCIABILIDADE E OS ARQUIVOS DA CRIAÇÃO DE MELEAGRO A PARTIR DAS CORRESPONDÊNCIAS E CADERNETAS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (1929-1949)	
CLÁUDIO ROBERTO ARAÚJO DE ARRUDA JÚNIOR.....	37
AS TRAJETÓRIAS DE PRESERVAÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA DA PRISÃO DE LUIZ CARLOS PRESTES ENTRE 1936 E 1945	
CRISTIÉLE SANTOS DE SOUZA CARLA RODRIGUES GASTAUD.....	38
NOTAS TEÓRICAS: PEDAGOGIA DECOLONIAL E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO BRASIL	
DANIEL BERGUE PINHEIRO CONCEIÇÃO.....	39
PESQUISA INTERDISCIPLINAR E GÊNERO EM ARTES: ARTISTAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS/RS/BRASIL	
DANIELE BALTZ DA FONSECA SIMONE PINHO DE OLIVEIRA JULIANA SEIXAS BITTENCOURT MATEUS MENEGHETTI FERRER MURIEL BELO PEREIRA BRUNA ADRIANE FARY.....	40
O CONHECIMENTO COMO PODER GEOPOLÍTICO: UMA BIBLIOTECA AMERICANA NO RIO DE JANEIRO (1966-2022)	
DANILO MENDONÇA.....	41
A TERRA DA LIBERDADE: SANTOS NO CONTEXTO DA REDEMOCRATIZAÇÃO (1983-1984)	
DAYANE SANTOS ARAUJO.....	42
FILANTROPIA E SAÚDE: A CASA SANTA IGNEZ E O COMBATE À TUBERCULOSE ENTRE MENINAS E JOVENS OPERÁRIAS NO RIO DE JANEIRO (INÍCIO DO SÉCULO XX)	
DEILSON BARBOSA DA SILVA.....	43

IMPLEMENTAÇÃO DE UM MUSEU DE TERRITÓRIO NO DOM BOSCO, JUIZ DE FORA/MG: REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE OLHARES INFANTIS PARA O TERRITÓRIO E SUAS PRÁTICAS CULTURAIS

EDWALDO SÉRGIO DOS ANJOS JÚNIOR - T1 | CÉLIA FURTADO HENRIQUES | LUCIANA BITTENCOURT VILLELA | ROMILDA APARECIDA LOPES.....44

VISITAS ESCOLARES AO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF): REFLEXÕES EM TORNO DAS APRENDIZAGENS NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO CULTURAL DE CURSOS DO ICH/UFJF

EDWALDO SÉRGIO DOS ANJOS JÚNIOR - T2 | DÉBORA OLIVEIRA CARVALHO | ISADORA DE REZENDE FERREIRA | ROMILDA APARECIDA LOPES.....45

O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE MATO GROSSO

ÉRICA NÚBIA LOPES DE MORAES CARVALHO | FERNANDA MARTINS DA SILVA.....46

CULTURA MATERIAL NAS ESCOLAS NORMAIS DO RIO DE JANEIRO: COMO O ANEL DE FORMATURA DAS PROFESSORAS, SOB INFLUÊNCIAS ILUMINISTAS, SE TORNOU UMA REFERÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA CAPITAL DO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

FÁBIO SOUZA CORREA LIMA.....47

A EUGENIA E A EXPANSÃO DO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO

FELIPE CROMACK DE BARROS CORREIA.....48

ESCREVER PARA EXISTIR: A CULTURA ESCRITA NOS CONFLITOS TRABALHISTAS DO TEATRO OITOCENTISTA

FERNANDO MARTINS DA CONCEIÇÃO MUNHOZ | CLÁUDIO LUIZ DENIPOTI.....49

EXPRESSÕES EM TEMPOS SOMBRIOS: A ARTE SOB O NAZISMO E O COMUNISMO NA POLÔNIA (1933-1980)

FREDERICO ADOLFO SCHIFFER JUNIOR.....50

O NEGRO OPERÁRIO NO PÓS-ABOLIÇÃO: CONTEXTO HISTÓRICO E INVISIBILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

FREDERICO MONTEIRO DE CASTRO CÔRTEZ.....51

OS DIREITOS HUMANOS NOS MUSEUS DE MEMÓRIA NO CONE SUL

GIOVANE RODRIGUES JARDIM | CRISTIÉLE SANTOS DE SOUZA.....52

DEUSA TRACIA BERNDIS NA CULTURA MATERIAL: UM DIALOGO CONTEMPORÂNEO

JOSÉ ROBERTO DE PAIVA GOMES.....53

TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS REFLETIDAS NA ARTE AZULEJAR BRASILEIRA: A PRESENÇA DO PORTUGUÊS RAFAEL BORDALO PINHEIRO NO RIO DE JANEIRO

HEITOR MIGUEL CHAVES DIAS | INÊS EL-JAICK ANDRADE | ELISABETE EDELVITA CHAVES DA SILVA.....54

POLÍTICAS CULTURAIS E NORMATIZAÇÃO DO REGISTRO DOCUMENTAL DE INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS: PERSPECTIVA HISTÓRICA DA DOCUMENTAÇÃO PRODUZIDA SOBRE O SÍTIO FIOCRUZ DE MANGUINHOS (1966-2024)

INÊS EL-JAICK ANDRADE.....55

ESPECTROS NO ESPELHO: REFLEXOS DOS ANOS DE CHUMBO NO ROMANCE "OS SINOS DA AGONIA" (1974)

INGRID MORGANNA DE MENEZES OLIVEIRA.....56

UMA HISTÓRIA DE SILÊNCIO E LUTA: O LEGADO DAS MULHERES DE CONFORTO (COREIA, 1939-1945)

ISABELLA MENDONÇA DE ARAGÃO | TATHIANNI CRISTINI DA SILVA.....57

O INTERDISCURSO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS NA DÉCADA DE 1970 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS EM LEGISLAÇÕES E MATERIAIS DIDÁTICOS DA ÉPOCA	
JOÃO VITOR FERREIRA DA SILVA GONZALEZ.....	58
A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS DESAFIOS DA ESCRITA DA HISTÓRIA NO SÉCULO XXI	
JULIO BENTIVOGLIO.....	59
MUSEU LITÚRGICO COMO EXPERIÊNCIA SACRA E MEMÓRIA	
KARLA DENISE MARTINS.....	60
A IMPRENSA ARGENTINA E A RESISTÊNCIA NEGRA	
KAUÃ CESAR SALVIANO LIMA.....	61
CARTAS PELA CULTURA: ANÁLISE INICIAL DAS DEMANDAS POR POLÍTICAS CULTURAIS NA CONSTITUINTE (1987-1988)	
LAÍS NÓBREGA GABETTO DE SÁ.....	62
MONITORIA DA DISCIPLINA DE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE ACERVOS NOS CONTEXTOS DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E PRESENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS	
MÁRCIA JANETE EPIG BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER.....	63
CAMINHOS DO DESCAMINHO: ROTAS CLANDESTINAS, PATRIMÔNIO E RESISTÊNCIA NA ZONA DA MATA MINEIRA	
MARCIO HENRIQUE FRANCISCO DE SOUZA.....	64
MEMÓRIAS SUBALTERNAS E NARRATIVAS ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE	
MARTA HELENA SANT'ANNA PIRES.....	65
DA DOMESTICIDADE DE NOSSOS QUINTAIS PARA A COMPANHIA EM NOSSAS CAMAS: OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO EM DOURADOS- MS (2014 A 2024)	
NATHÁLIA DA MOTA MACHADO.....	66
A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DA GRANDE IMIGRAÇÃO (1880-1930)	
PAULO CESAR RIBEIRO VITAL.....	67
ENTRE A TRADIÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO: DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS NO SUDOESTE ANGOLANO	
PAULO PEREIRA OLIVEIRA MATOS AFONSO CAMACHO DOMBE DE JESUS.....	68
CENTRO ESTADUAL INTEGRADO DE EDUCAÇÃO RURAL (CEIER) DE ÁGUA BRANCA/ES: TRAJETÓRIA, TERRITÓRIO E PRÁXIS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO CAPIXABA	
RAINEI RODRIGUES JADEJISKI.....	69
HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM PERSPECTIVA TERRITORIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICA	
RAQUEL ARRUDA CARVALHO DE OLIVEIRA LEANDRO BENEDINI BRUSADIN.....	70
A REPÚBLICA EM CRISE: A REVOLTA TENENTISTA DE 1924 COMO REFLEXO DA INSTABILIDADE OLIGÁRQUICA	
RENAN AGUIAR JOSÉ FABIO RODRIGUES MACIEL.....	71
QUANDO A RUA VIRA EXTENSÃO DA IGREJA: FESTAS DOS PADROEIROS JUNINOS E PATRIMÔNIO CULTURAL NA BAIXADA FLUMINENSE	
RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA.....	72

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA REGIONAL: ESTUDO DA ESTRADA UNIÃO E INDÚSTRIA	
RICARDO SARTINE FERNANDES DE OLIVEIRA.....	73
“LIBERDADE A ELAS”: ALFORRIADAS, BRUXAS E FEITICEIRAS NEGRAS NA LUTA HISTÓRICA POR LIBERDADE EM MINAS GERAIS (SÉCULO XVIII)	
ROGÉRIA CRISTINA ALVES.....	74
ESCRavidão, CIDADANIA E A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL OITOCENTISTA	
ROSANE DOS SANTOS TORRES.....	75
DO NOME À MEMÓRIA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE HISTÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO EM DUQUE DE CAXIAS (RJ)	
ROSIANE DA SILVA BACIGALUPO TAMARA DE SOUZA CAMPOS.....	76
HISTÓRIA E PEDAGOGIA NO UNIVERSO ESCOLAR: A INTERDISCIPLINARIDADE NECESSÁRIA AO ENSINO DO SÉCULO XXI	
TATHIANNI CRISTINI DA SILVA SIRLEI IVO LEITE ZOCCAL.....	77
O FENÔMENO DA “RECOLONIZAÇÃO REVERSA”: UMA ANÁLISE JURÍDICA DAS DINÂMICAS CULTURAIS E MIGRATÓRIAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL A PARTIR DE 2020	
TATHYANE ALVES DOS SANTOS SUELI SIQUEIRA.....	78
ENTRE A ESPADA E A SERPENTE: FÉ, SÍMBOLO E NARRATIVA NA PEREGRINAÇÃO DE JOÃO LUIZ POZZOBON	
TATIANA GODINHO MARTINS MARTA ROSA BORIN.....	79
HUMANIDADE À BEIRA DO ABISMO: RESSONÂNCIAS DO CICLO DE COLÓQUIOS INTERNACIONAIS DO MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB (2024-2026)	
TAYARA BARRETO DE SOUZA CELESTINO.....	80
O MUSEU COMO ESPAÇO DE DISPUTA: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE O VITRAL “EPOPEIA DOS BANDEIRANTES” NO MUSEU DO CAFÉ	
THAYNARA FONSECA PEREZ.....	81
A HISTÓRIA, CULTURA E A INTERDISCIPLINARIDADE NO DESIGN DO LIVRO NO INÍCIO DO SÉC. XXI	
VAGNER BASQUEROTO MARTINS.....	82
A CONTINUIDADE DO LEGADO DE MESTRE PRUDÊNCIO NA BANDA DE CONGO RESGATE CULTURAL DE BOA VISTA, CARIACICA/ES, BRASIL	
VINICIUS DE AGUIAR CALOTI.....	83
ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A LITERATURA REGIONALISTA: OS ATOS PUNITIVOS E DE CONTROLE DOS SENHORES DE ENGENHO	
WANDERLEI PORTO DO NASCIMENTO AGUIAR.....	84
PATRIMÔNIOS CULTURAIS EM LUGARES DE LÍNGUA PORTUGUESA	
YUSSEF CAMPOS.....	85
UM MODERNO NA PAULICEIA (1922-1945)	
YVONE DIAS AVELINO.....	86

TEXTOS COMPLETOS

UMA HISTÓRIA DE SILÊNCIO E LUTA: O LEGADO DAS MULHERES DE CONFORTO (COREIA, 1939-1945)	
ISABELLA MENDONÇA DE ARAGÃO TATHIANNI CRISTINI DA SILVA.....	88

MEMÓRIA ETNOBOTÂNICA DAS MINAS DE ALJUSTREL: UMA FERRAMENTA ESTRATÉGICA PARA REPOSICIONAR O TERRITÓRIO NO PRESENTE ANA PAULA FIGUEIRA ANA ENCARNAÇÃO VICTOR FIGUEIRA LUÍS MENDONÇA DE CARVALHO.....	104
PESQUISA INTERDISCIPLINAR E GÊNERO EM ARTES: ARTISTAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS/RS/BRASIL DANIELE BALTZ DA FONSECA GERSON GERALDO HOMRICH CAVALHEIRO NÁDIA DA CRUZ SENNA DAYANNA MICHELLE CANON PERES SIMONE PINHO DE OLIVEIRA.....	117
DA DOMESTICIDADE DE NOSSOS QUINTAIS PARA A COMPANHIA EM NOSSAS CAMAS: OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO EM DOURADOS- MS (2014 A 2024) NATHÁLIA DA MOTA MACHADO.....	132
ANÁLISE DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS PARA A CONSERVAÇÃO DE UM ACERVO UNIVERSITÁRIO NO INTERIOR DO BRASIL BÁRBARA CHAGAS OLIVEIRA KARINE RODRIGUES DOS SANTOS CLARA MARIA FERREIRA BIANCA LEIVA ROSA LUIZA EMRICH VIEIRA BOTELHO ELEONORA SAD DE ASSIS.....	147
“A CULTURA, HOJE, CONSISTE EM FALAR” MICHEL DE CERTEAU E SUA INVENÇÃO DA CULTURA CLARISSA PARANHOS.....	164
A HISTÓRIA, CULTURA E A INTERDISCIPLINARIDADE NO DESIGN DO LIVRO NO INÍCIO DO SÉC. XXI VAGNER BASQUEROTO MARTINS.....	171
UM COLETIVO NADA “ALEATÓRIOS” E A TERRITORIALIDADE PRESENTE NOS CONTOS DA BAIXADA FLUMINENSE (RIO DE JANEIRO) AMANDA RODRIGUES ALVES CATEM TAMARA DE SOUZA CAMPOS.....	179
CARTOGRAFIA CULTURAL DAS OLARIAS DE ICOARACI-PA: CERÂMICA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL ANA FLÁVIA DA COSTA DE CAMPOS PEIXOTO.....	188
OS SANTOS TAMBÉM SÃO DAQUI: FESTAS, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA BAIXADA FLUMINENSE ANDRESSA MONTEIRO DE CARVALHO RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA.....	210
ESPECTROS NO ESPELHO: REFLEXOS DOS ANOS DE CHUMBO NO ROMANCE "OS SINOS DA AGONIA" INGRID MORGANNA DE MENEZES OLIVEIRA.....	222
MONITORIA DA DISCIPLINA DE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE ACERVOS NOS CONTEXTOS DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E PRESENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS MÁRCIA JANETE EPIG BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER.....	238
HUMANIDADE À BEIRA DO ABISMO: RESSONÂNCIAS DO CICLO DE COLÓQUIOS INTERNACIONAIS DO MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB (2024-2026) TAYARA BARRETO DE SOUZA CELESTINO.....	254
HISTÓRIA NEFASTA: CORPO, CRIME E ESTUDOS SOBRE SERIAIS KILLERS CÉLIA NONATA IGOR ARAÚJO.....	260
A CONTINUIDADE DO LEGADO DE MESTRE PRUDÊNCIO NA BANDA DE CONGO RESGATE CULTURAL DE BOA VISTA, CARIACICA/ES, BRASIL VINÍCIUS DE AGUIAR CALOTI.....	276

OS REIS DO CHORO E DO SAMBA - DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ETNOMUSICOLOGIA ALÍPIO PEREIRA DO CARMO.....	303
CARTAS PELA CULTURA: ANÁLISE INICIAL DAS DEMANDAS POR POLÍTICAS CULTURAIS NA CONSTITUINTE (1987-1988) LAÍS NÓBREGA GABETTO DE SÁ.....	319
O INTERDISCURSO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS NA DÉCADA DE 1970 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS EM LEGISLAÇÕES E MATERIAIS DIDÁTICOS DA ÉPOCA JOÃO VITOR FERREIRA DA SILVA GONZALEZ.....	332
AS TRAJETÓRIAS DE PRESERVAÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA DA PRISÃO DE LUIZ CARLOS PRESTES ENTRE 1936 E 1945 CRISTIÉLE SANTOS DE SOUZA CARLA RODRIGUES GASTAUD.....	339
ENTRE A TRADIÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO: DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS NO SUDOESTE ANGOLANO PAULO PEREIRA OLIVEIRA MATOS AFONSO CAMACHO DOMBE DE JESUS.....	354
HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM PERSPECTIVA TERRITORIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICA RAQUEL ARRUDA CARVALHO DE OLIVEIRA.....	371
JOGOS ESTUDANTIS DA PRIMAVERA EM PONTA GROSSA – PR: HISTÓRIA, MEMÓRIA, SOCIEDADE CLÁUDIO JORGE GUIMARÃES CARLOS MAURÍCIO ZAREMBA.....	387
“LIBERDADE A ELAS”: ALFORRIADAS, BRUXAS E FEITICEIRAS NEGRAS NA LUTA HISTÓRICA POR LIBERDADE EM MINAS GERAIS (SÉCULO XVIII) ROGÉRIA CRISTINA ALVES.....	403
MEMÓRIAS SUBALTERNAS E NARRATIVAS ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE MARTA HELENA SANT’ANNA PIRES.....	415
O CORPO EM DISPUTA: GÊNERO, MORAL E PODER NAS IGREJAS PENTECOSTAIS CÉLIO CÉSAR DE AGUIAR LIMA.....	426
O MERCADO DA FÉ: CULTURA RELIGIOSA, NEOLIBERALISMO E MEMÓRIA COLETIVA NO SÉCULO XXI CÉLIO CÉSAR DE AGUIAR LIMA.....	436
A DEUSA TRACIA BENDIS NA CULTURA MATERIAL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO JOSÉ ROBERTO DE PAIVA GOMES.....	445
A REPÚBLICA EM CRISE: A REVOLTA TENENTISTA DE 1924 COMO REFLEXO DA INSTABILIDADE OLIGÁRQUICA RENAN AGUIAR JOSÉ FABIO RODRIGUES MACIEL.....	458
HISTÓRIA E PEDAGOGIA NO UNIVERSO ESCOLAR: A INTERDISCIPLINARIDADE NECESSÁRIA AO ENSINO DO SÉCULO XXI TATHIANI CRISTINI DA SILVA SIRLEI IVO LEITE ZOCCAL.....	472
ENTRE A ESPADA E A SERPENTE: FÉ, SÍMBOLO E NARRATIVA NA PEREGRINAÇÃO DE JOÃO LUIZ POZZOBON TATIANA GODINHO MARTINS MARTA ROSA BORIN.....	479
ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A LITERATURA REGIONALISTA: OS ATOS PUNITIVOS E DE CONTROLE DOS SENHORES DE ENGENHO WANDERLEI PORTO DO NASCIMENTO AGUIAR.....	493

CARTOGRAFIAS DO SENSÍVEL: TEATRO, MEMÓRIA E JUSTIÇA SOCIAL NA BAIXADA FLUMINENSE COM A REDE BAIXADA EM CENA E O INSTITUTO CULTURAL CERNE ANNA PAULA SOARES LEMOS VINICIUS BAIÃO.....	504
O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE MATO GROSSO ÉRICA NÚBIA LOPES DE MORAES CARVALHO FERNANDA MARTINS DA SILVA.....	513
A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DA GRANDE IMIGRAÇÃO (1880-1930) PAULO CESAR RIBEIRO VITAL.....	532
TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS REFLETIDAS NA ARTE AZULEJAR BRASILEIRA: A PRESENÇA DO PORTUGUÊS RAFAEL BORDALO PINHEIRO NO RIO DE JANEIRO HEITOR MIGUEL CHAVES DIAS INÊS EL-JAICK ANDRADE ELISABETE EDELVITA CHAVES DA SILVA.....	549
O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA NOS CURRÍCULOS DE MATO GROSSO DO SUL E DA PARAÍBA: POLÍTICAS, PRÁTICAS E DESAFIOS VÂNIA CRISTINA DA SILVA CLÁUDIA CRISTINA DO LAGO BORGES.....	563
VISITAS ESCOLARES AO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF): REFLEXÕES EM TORNO DAS APRENDIZAGENS NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO CULTURAL DE CURSOS DO ICH/UFJF EDWALDO SÉRGIO DOS ANJOS JÚNIOR ISADORA DE REZENDE FERREIRA.....	575
CAMINHOS DO DESCAMINHO: ROTAS CLANDESTINAS, PATRIMÔNIO E RESISTÊNCIA NA ZONA DA MATA MINEIRA MARCIO HENRIQUE FRANCISCO DE SOUZA.....	590
A EUGENIA E A EXPANSÃO DO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO FELIPE CROMACK DE BARROS CORREIA.....	590



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

APRESENTAÇÃO

Promovido pelo CONJUGARE (Centro Português de Apoio à Pesquisa Científica e à Cultura), o **7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade**, foi realizado entre os dias 16 e 18 de Setembro de 2025, a partir do Porto, Portugal.

A comunidade de investigadores debruçou-se sobre a temática geral da edição, História, Cultura e Interdisciplinaridade, na produção de importante contribuição para nosso meio através de comunicações e publicações que ora apresentamos. As actividades do evento foram acompanhadas por diversos investigadores portugueses e do estrangeiro que comunicaram os resultados de suas respectivas investigações, apoiados por organismos de fomento diversos.

As *actas* e *resumos* que ora apresentamos são parte significativa dos esforços empreendidos durante o **7º CIDC** e nós, organizadores, esperamos que façam ressoar as propostas dos participantes e comunicadores em searas mais distantes e por mais alongado tempo.

Os organizadores

15



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3

RESUMOS



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OS REIS DO CHORO E DO SAMBA, DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ETNOMUSICOLOGIA

ALIPIO CARMO

Resumo:

Entre os meses de janeiro e fevereiro de 1925, o periódico “O Jornal” publicou a série “Os Reis do Choro e do Samba” para veicular o debate em curso na cidade do Rio de Janeiro sobre a criação e o desenvolvimento de gêneros musicais de caráter popular e nacional. As publicações reuniram depoimentos de compositores, instrumentistas, intérpretes e arranjadores, atuantes nos meios do teatro de revista, associações recreativas, ranchos, blocos, cordões e casas de edição de partituras. As principais discussões giraram em torno dos seguintes temas: arte brasileira, invasão estrangeira, o papel do carnaval, origens do samba e do choro e as perspectivas de elaboração de uma música brasileira. Foram entrevistados Sinhô, Donga, Caninha, Costinha, Freire Junior, João da Gente, J. Francisco de Freitas, Cardoso de Menezes, Pixinguinha, Chico da Baiana, Moleque Diabo, A. N. Caldas, Victor Hugo de Albuquerque, Santos Neves, João Thomas de Oliveira Junior, Raul Silva, Maestro Silva Sobrinho, Armando Vampa, Romeu Silva e J. Rezende. Pautado nos debates teóricos e metodológicos propostos pelo campo da etnomusicologia, o presente trabalho pretende analisar seis das enquetes da série para apontar possíveis eixos de pesquisa histórica sobre o processo de criação do samba enquanto gênero de música popular. A análise partirá das críticas historiográficas produzidas pela História Social do Trabalho, a partir dos anos 90, sobre os estudos acerca da participação política da população negra no período do pós-abolição com intuito de observar como as narrativas históricas sobre a criação do samba e sua consolidação se basearam em pressupostos consagrados nos campos das ciências sociais como chaves interpretativas da cultura brasileira, tais como a anomia social do negro e a democracia racial. Neste sentido, foram selecionados três depoimentos de musicistas negros e três de músicos brancos. A proposta fará uso de arcabouço teórico da etnomusicologia e da história como caminho interdisciplinar para debater a cultura no Brasil.

17



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

UM COLETIVO NADA ALEATÓRIOS E A TERRITORIALIDADE PRESENTE NOS CONTOS DA BAIXADA FLUMINENSE (RIO DE JANEIRO)

AMANDA RODRIGUES ALVES CATEM
TAMARA DE SOUZA CAMPOS

Resumo:

A literatura “oferece um meio (...) de preservar e transmitir a experiência dos outros” (Compagnon, 2009, p.60) e representa um papel relevante na sociedade, pois permite compreender aqueles distantes de nós e de conhecer diferentes realidades. O conceito de territorialidade, pertencente à geografia, tem aqui a ideia de que “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem cultural” (Haesbaert, 2009, p.79). A Literatura ao estar ligada à representação da sociedade, à uma construção de identidade e ao senso de pertencimento ao lugar constrói a ideia de territorialidade. O território que antes pertencia aos cânones, aos acadêmicos, e à elite tem sua reterritorialização, colocando em destaque não somente o lugar que sempre coube à periferia, mas também aos locutores: o autor periférico. A produção literária da periferia, especificamente do grupo de escritores de contos intitulado “Aleatórios”, realizada por atores desses espaços “esquecidos” cultural, político e economicamente apresentam essas nuances territoriais e as condições dos espaços em que eles vivem. A tentativa é compreender como os textos produzidos por esses artistas constroem a territorialidade ao explorar a relação entre o humano e o espaço, em que o lugar molda a identidade e as relações sociais. ao analisar os contos desses escritores da região periférica do Rio de Janeiro.

18



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

RELAÇÕES POLICIAIS ENTRE BRASIL E ARGENTINA: UMA ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE IMPRESSOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

ANA BEATRIZ LIMA DE SOUSA

Resumo:

O trabalho propõe analisar relações políticas, sociais e científicas entre as polícias brasileira e argentina no início do século XX, tendo como fontes os periódicos das instituições policiais de ambos os países: “Boletim Policial”, do Rio de Janeiro, “Boletín de Policía”, de Buenos Aires, e “Boletín de Policía de la Provincia de Buenos Aires”, de La Plata. No fim do século XIX, as temáticas de polícia científica e antropologia criminal foram foco da produção positivista, utilizando de saberes técnicos, médicos e biológicos, com inspiração no darwinismo, para estudo do crime e do criminoso, a fim de corrigi-los, resultando em ideias que ficaram conhecidas pelo determinismo biológico e racismo científico, ao considerarem o delito como fruto de condições sociais e biológicas. No período, capitais na América e Europa inauguraram Gabinetes de Identificação, órgãos responsáveis por aplicar na prática as ideias em voga, e congressos internacionais sobre o assunto foram frequentes, a fim de reunir os maiores nomes de polícia e ciência, o que resultou em uma rede de troca de conhecimentos e informações que teve a imprensa como principal expoente. Na América do Sul, a Argentina foi um dos mais influentes centros dessas novidades. Portanto, interessa pensar como se deu a comunicação e discussão entre os Gabinetes responsáveis pelo assunto nas capitais brasileira e argentina, com enfoque na influência platina nas relações entre polícia, sociedade e repressão no Rio de Janeiro.

19



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARTOGRAFIA CULTURAL DAS OLARIAS DE ICOARACI-PA: CERÂMICA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL

ANA FLÁVIA DA COSTA DE CAMPOS PEIXOTO

Resumo:

A pesquisa desenvolve uma cartografia cultural das produções cerâmicas nas olarias do Circuito Interativo do Ecomuseu de Belém, em Icoaraci-PA, com o objetivo de valorizar essa atividade como expressão cultural, econômica e identitária. Inicialmente centrada na produção utilitária de telhas e tijolos, a cerâmica local passou por um processo de transição para formas artísticas, refletindo a capacidade de adaptação dos artesãos às transformações sociais, econômicas e tecnológicas. Essa adaptação, porém, vai além das mudanças técnicas, configurando-se como uma forma de resistência cultural frente aos impactos da industrialização. A combinação entre saberes tradicionais e inovações contemporâneas revela um processo contínuo de reinvenção, no qual os ceramistas preservam suas práticas como estratégia de sobrevivência simbólica e econômica. Nesse contexto, a cartografia cultural se apresenta como instrumento de registro, valorização e preservação de um patrimônio vivo que desempenha papel central na construção da identidade local e no desenvolvimento sociocultural da região.

20



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MEMÓRIA ETNOBOTÂNICA DAS MINAS DE ALJUSTREL: UMA FERRAMENTA ESTRATÉGICA PARA REPOSICIONAR O TERRITÓRIO NO PRESENTE

ANA PAULA MORAIS PIRES FIGUEIRA
ANA CRISTINA MARQUES ENCARNÇÃO
VICTOR FIGUEIRA
LUÍS MENDONÇA DE CARVALHO

Resumo:

As Minas de Aljustrel (Baixo Alentejo, Portugal), integradas na faixa Piritosa Ibérica, representam uma das principais jazidas de sulfuretos e foram exploradas desde o tempo dos Romanos, ainda que com maior expressão após a Segunda Guerra Mundial. Esta manifesta longa tradição de exploração mineira, abriga a memória etnobotânica da população local, profundamente enraizada no território. Este artigo sugere uma reflexão interdisciplinar quanto ao saber ancestral/tradicional relativo à utilização das plantas em contexto mineiro, considerando-se esse saber como património cultural imaterial, com potencial estratégico para o reposicionamento do território na actualidade. Quando a Etnobotânica integra abordagens da História, da Antropologia, da Geografia e Território, entre outras áreas do saber, comprova-se que estão reunidas as condições para que ela possa sustentar projectos de educação patrimonial, de turismo sustentável e de desenvolvimento local, assumindo-se como um conhecimento incontornável com vista à concepção de identidades mais robustas e inclusivas, como resultado de uma colaboração entre a academia, as instituições, a comunidade e os demais agentes. Deste modo, a memória etnobotânica garante e salvaguarda o passado, enquanto recria o presente, baseado em princípios de sustentabilidade, de pertença e de inovação social.

21



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OS SANTOS TAMBÉM SÃO DAQUI: FESTA, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA BAIXADA FLUMINENSE

ANDRESSA MONTEIRO DE CARVALHO

Resumo:

Este trabalho propõe uma reflexão sobre os conceitos de memória e pertencimento a partir das festas juninas em duas cidades da Baixada Fluminense: Duque de Caxias e São João de Meriti. A análise se concentra especialmente nas celebrações em homenagem a Santo Antônio e São João, ambos padroeiros locais, que, para além da religiosidade, tornaram-se símbolos de pertencimento, identidade e resistência cultural. A pesquisa, de natureza qualitativa, adotou como principais instrumentos metodológicos a observação participante, escutando os sujeitos envolvidos nas festas juninas das cidades de Duque de Caxias e São João de Meriti. A investigação buscou compreender, a partir de narrativas e vivências locais, os sentidos atribuídos às celebrações juninas como formas de resistência cultural. Foram considerados depoimentos de devotos, moradores, trabalhadores e organizadores dos festejos. Além disso, foram analisadas imagens, decorações, músicas, cartazes e elementos estéticos que compõem o universo simbólico das festas. A interpretação dos dados dialoga com os conceitos de memória social (Gondar, 2005) e com a crítica à construção de narrativas únicas e silenciadoras (Adichie, 2019). Esses festejos contribuem para a construção de uma memória coletiva e para a identificação com o território, ao criarem afetos, histórias e modos de viver próprios da Baixada Fluminense, colaborando para afirmar um sentimento de pertencimento em um espaço historicamente marcado pela invisibilidade. Assim, as festas se constroem como dispositivos simbólicos que combinam e articulam tradição e religiosidade com inovação e sociabilidade, promovendo encontros entre diferentes gerações, ocupação do espaço público e afirmação de uma cultura frequentemente silenciada. O objetivo deste artigo é investigar como as festas juninas, especialmente as dedicadas a Santo Antônio e São João, se constituem como práticas culturais de resistência e pertencimento na Baixada Fluminense, contribuindo para a construção de uma memória coletiva e para a afirmação da identidade territorial em Duque de Caxias e São João de Meriti.

22



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARTOGRAFIAS DO SENSÍVEL: TEATRO, MEMÓRIA E JUSTIÇA SOCIAL NA BAIXADA FLUMINENSE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO COLETIVO REDE BAIXADA EM CENA E DO INSTITUTO CULTURAL CERNE

ANNA PAULA SOARES LEMOS
VINICIUS BAIÃO

Resumo:

Nesta comunicação discute-se o papel do teatro como prática sociocultural de resistência, memória e transformação nas periferias urbanas brasileiras, a partir da experiência do coletivo Rede Baixada em Cena e do Instituto Cultural Cerne, sediado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense (RJ). Esses coletivos atuam como articuladores de redes culturais e afetivas que promovem não apenas a criação artística, mas também o fortalecimento da identidade local, a preservação de patrimônios imateriais e o enfrentamento das desigualdades sociais que historicamente atravessam a região. Adota-se uma abordagem interdisciplinar entre história social, antropologia, artes da cena e educação crítica para investigar como essas iniciativas reconfiguram a relação entre cultura e território. O Rede Baixada em Cena, ao promover mostras, oficinas, rodas de conversa e espetáculos criados a partir das memórias da população local, mobiliza o teatro como linguagem capaz de gerar pertencimento e elaborar narrativas contra hegemônicas sobre a periferia. Já o Instituto Cultural Cerne, ao se estruturar como um espaço de formação, pesquisa e ação comunitária, opera como um polo de inovação cultural enraizado na história social de São João de Meriti, fortalecendo práticas e saberes invisibilizados. Ao articular arte, memória e práticas de poder, os coletivos contribuem para um debate urgente sobre o papel das culturas periféricas na reconfiguração dos imaginários sociais e no bem-estar das comunidades.

23



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HISTÓRIA, MEMÓRIAS E O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “CAETANO DE CAMPOS”, SÃO PAULO, CAPITAL, BRASIL

ARLETE ASSUMPÇÃO MONTEIRO

Resumo:

Em 2 de agosto de 1894, a Escola Normal Caetano de Campos foi instalada num prédio construído pelo famoso arquiteto Ramos de Azevedo, na Praça da República, na cidade de São Paulo. O nome da escola foi uma homenagem à Antônio Caetano de Campos, renomado médico formado pela Escola de Medicina da Corte, no Rio de Janeiro. Seu nome foi perpetuado pelo importante trabalho na implantação da instrução pública no Brasil. Caetano de Campos participou da Guerra do Paraguai como cirurgião; em 1870 transferiu-se para São Paulo, onde conseguiu grande clientela e ainda dedicava parte de seu tempo para ser professor, lecionando biologia. A primeira Escola Normal de São Paulo foi instalada em 1846 em um edifício anexo à catedral da Sé, no centro da cidade, com o propósito de promover a instrução primária na região, destinada exclusivamente ao público masculino, recebendo alunos a partir dos dezesseis anos, para formação de uma classe até vinte alunos, sob a direção do Dr. Manuel José Chaves. As atividades da escola foram encerradas em 1867, devido a falta de investimentos do setor público, ficando fechada por 8 anos. A Escola Normal teve que ser reaberta por conta da lei da obrigatoriedade do ensino, promulgada em 22 de março de 1874, funcionando numa ala da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, passou a aceitar alunos ambos os sexos. Fechada novamente, depois de um tempo a escola para formação de professores em São Paulo foi instalada num prédio da Rua da Boa Morte que pertenceu a Rangel Pestana, jornalista e atuante nos movimentos republicanos e na renovação da educação e finalmente instalada, definitivamente, na Praça da República e passou a ser conhecida como a Escola da Praça, tornando-se Escola Modelo para educação brasileira e quase foi demolida com a construção do metrô na cidade de São Paulo.

24



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ANÁLISE DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS PARA A CONSERVAÇÃO DE UM ACERVO UNIVERSITÁRIO NO INTERIOR DO BRASIL

BÁRBARA CHAGAS OLIVEIRA
KARINE RODRIGUES DOS SANTOS
CLARA MARIA FERREIRA
BIANCA LEIVA ROSA
LUIZA EMRICH VIEIRA BOTELHO
ELEONORA SAD DE ASSIS

Resumo:

Este trabalho apresenta uma avaliação das condições ambientais do espaço do “Centro de Memória Imagens de Minas”, localizado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O acervo é composto por tipologias diversas, incluindo madeira, metal, fotografias e papéis, o que demanda atenção diferenciada aos fatores ambientais. Dados climáticos externos e internos foram coletados e tratados com base nos índices de adequação ambiental e no método das isopermas, que permitem estimar a expectativa de vida útil de materiais em papel em função das condições de temperatura e umidade. A análise também incluiu o levantamento da edificação e de seu entorno, bem como a caracterização do ambiente físico ocupado pela coleção. Foram observados problemas de ventilação, variações de temperatura e de umidade relativa do ar, temperaturas elevadas, com potenciais impactos sobre a estabilidade dos objetos. Diante da impossibilidade de alterações no “layout” do espaço, foram propostas medidas pontuais de mitigação dos riscos ambientais, com foco em estratégias passivas de controle de umidade e temperatura, visando a conservação preventiva e a preservação do material do acervo.

25



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

PENSAR UM LEITOR COLETIVO: O CASO DO CENTENÁRIO QUEIROSIANO EM 1945

BRENO GÓES

Resumo:

Em seu livro “O Ato de leitura”, o teórico alemão Wolfgang Iser descreve em detalhes o sujeito desse ato, o leitor, como um agente produtor de sentido. Sua obra, contudo, é bastante enfática ao descrever esse processo de produção como um momento silencioso, íntimo, essencialmente individual. O que há de produtivo quando cotejamos essas reflexões com um caso de estudo em que a dimensão pública da produção de sentido da obra literária é a mais fundamental? A proposta desta apresentação é tentar responder essa pergunta a partir da análise da recepção da obra do escritor oitocentista Eça de Queirós na ocasião de seu centenário, ocorrido no contexto da ditadura de António Salazar. Naquela ocasião, o Estado português valeu-se de seu aparato de propaganda para controlar o sentido de leitura dos romances queirosianos, mas a capacidade de produção de sentido dos leitores portugueses atuou naquele espaço público (ainda que censurado, interditado) para confrontar a leitura monolítica salazarista. Neste sentido, é possível tensionar a hipótese de Iser e falar de um ato de leitura público, ou coletivo?

26



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HISTÓRIA, PATRIMÔNIO ESPORTIVO E SOCIEDADE: MEMORIAL DO ESPORTE DOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ

CARLOS MAURICIO ZAREMBA

CLAUDIO JORGE GUIMARÃES

Resumo:

No atual processo de desenvolvimento das sociedades observa-se a aceleração de perda de referenciais histórico-culturais das comunidades. As mudanças socioculturais na modernidade líquida têm contribuído com essas perdas em diferentes nichos. Nas práticas corporais com a perda de espaços antes destinados ao lazer, a jogos coletivos e individuais. Os referenciais perdem-se pela falta de cuidado ou de preocupação com a história/memória das comunidades e de suas práticas. Esse aspecto se destaca na cidade de Ponta Grossa quando se refere ao campo esportivo. Assim, o presente resumo visa refletir sobre a urgência de um espaço para a preservação da memória do esporte na região dos Campos Gerais. O patrimônio esportivo da cidade e região conta com diferentes modalidades esportivas e com um evento poliesportivo considerado como o mais antigo do Estado e que envolvia e envolve a comunidade regional. Os Jogos Estudantis da Primavera, realizados desde o ano de 1956, completa, em 2025, setenta edições. Os relatos evidenciam a relevância desse evento, envolvendo os alunos atletas, professores, as famílias, a imprensa local e regional, líderes políticos, religiosos, constituindo um patrimônio esportivo-cultural local e regional. Esse evento pode se constituir no projeto âncora do memorial do esporte, em um processo de garimpo de sua trajetória histórico-social, com depoimentos em vídeo de participantes, levantamento de matérias em jornais e material iconográfico.

27



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HISTÓRIA NEFASTA: CORPO, CRIME E ESTUDOS SOBRE SERIAL KILLERS

CELIA NONATA DA SILVA
IGOR ARAÚJO DE AMORIM

Resumo:

Este artigo propõe uma análise interdisciplinar sobre os crimes seriais na sociedade contemporânea, a partir dos estudos sobre a história e o corpo, buscando ampliar campo de estudos para a historiografia, a história nefasta. As crenças e os rituais que levam os assassinos a transformar o corpo, a pele, em ‘pergaminho’ é parte de instrumento de pensamento complexo, manifestado através das formas rituais e linguagem próprias gravadas nos corpos vitimados. Essas representações coletivas dialogam com a sociedade quer seja, através de categorias religiosas manifestadas em rituais, simbolismos e crenças advindas de seus autores, quer seja pelo sofrimento e dor. Entendendo a religião como eminentemente social, esses corpos ‘inscritos com sangue’ nascem de uma ossatura de inteligência codificada por desejo de poder, posse e controle sobre o outro, que fazem parte de um contexto histórico.

28



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O CORPO EM DISPUTA: GÊNERO, MORAL E PODER NAS IGREJAS PENTECOSTAIS

CÉLIO CÉSAR DE AGUIAR LIMA - T1

Resumo:

Este artigo analisa como os corpos — especialmente os corpos femininos — são regulados, disciplinados e investidos de significados morais nas igrejas pentecostais brasileiras contemporâneas. A partir de uma abordagem interdisciplinar que articula história cultural, estudos de gênero, antropologia do corpo e sociologia da religião, investigam-se os modos como vestimentas, usos e costumes e discursos sobre pureza funcionam como dispositivos de controle simbólico. Argumenta-se que tais práticas não se limitam ao campo doutrinário, mas operam como mecanismos de normatização social, reforçando estruturas patriarcais e reafirmando hierarquias de poder no interior da igreja. Com base em autoras como Judith Butler, Rita Segato e Mary Douglas, o trabalho examina ainda as formas de resistência simbólica e negociação que emergem nos cotidianos de mulheres pentecostais, cujos corpos são simultaneamente vigiados e protagonistas de experiências de fé. O artigo contribui para o debate sobre religião e gênero ao demonstrar como o corpo torna-se campo de disputa entre moralidade, subjetividade e poder.

29



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O MERCADO DA FÉ: CULTURA RELIGIOSA, NEOLIBERALISMO E MEMÓRIA COLETIVA NO SÉCULO XXI

CÉLIO CÉSAR DE AGUIAR LIMA - T2

Resumo:

Este artigo analisa a mercantilização da fé no contexto religioso latino-americano contemporâneo, com foco especial no Brasil. Em meio à consolidação do neoliberalismo como racionalidade dominante, observa-se a emergência de igrejas pentecostais e neopentecostais que associam espiritualidade ao consumo, ao sucesso individual e à lógica da performance. Argumenta-se que, longe de serem fenômenos apenas religiosos, essas manifestações representam um novo tipo de economia simbólica que ressignifica as noções de salvação, sofrimento e comunidade. A pesquisa articula elementos da história cultural, da sociologia da religião e da antropologia econômica para compreender como o sagrado é instrumentalizado como linguagem e mercadoria. A partir de autores como Pierre Bourdieu, David Lehmann e Nestor Canclini, o texto evidencia como o mercado da fé interfere na memória coletiva e na construção das subjetividades, tensionando valores democráticos e estruturas tradicionais de pertencimento.

30



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR: BREVE REVISÃO DE ESCOPO (2020 - 2024)

CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES - T1

Resumo:

Este estudo aborda a temática da homofobia no ambiente escolar, destacando a importância de compreender e enfrentar a discriminação contra estudantes LGBTQI+. Através de uma breve revisão da literatura acadêmica sobre homofobia em escolas, abrangendo uma análise de 41 artigos publicados entre 2020 e 2024, encontrados nas bases de dados Web of Science e PsycINFO, com aplicação da metodologia PRISMA. A pesquisa revela uma constante no número de publicações sobre homofobia nas escolas, indicando um interesse acadêmico e conscientização sobre os desafios enfrentados pela população LGBTQI+. O estudo conclui que a homofobia nas escolas é uma questão social urgente, exigindo atenção multidisciplinar e global. Como sugestão de pesquisa destaca a necessidade de uma abordagem diversificada para enriquecer o debate acadêmico e desenvolver soluções mais eficazes e contextualizadas.

31



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

INTEGRANDO A CULTURA LOCAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A COMUNIDADE CAIÇARA DA ILHA DOS VALADARES (PARANAGUÁ, BRASIL)

CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES - T2

Resumo:

O estudo realizado na Ilha dos Valadares, em Paranaguá (PR), investigou como crianças de 2 a 4 anos percebem a cultura caiçara em seu cotidiano escolar. A pesquisa parte da compreensão de que, embora a cultura caiçara — marcada por tradições como o fandango, a pesca e o artesanato — seja central na identidade local, ela sofre ameaças diante de transformações socioeconômicas. Utilizando métodos qualitativos e etnográficos adaptados à infância, como observação e diálogos lúdicos, o estudo foi conduzido no CMEI “Arcelina Ana de Pina”. Os resultados indicam que, mesmo em tenra idade, as crianças demonstram afeto, curiosidade e envolvimento com práticas culturais caiçaras, refletindo no brincar e nas interações com o ambiente. Elas revelam uma sensibilidade ambiental associada aos saberes tradicionais, reforçando a importância de sua inclusão nos debates sobre cultura e sustentabilidade. O estudo destaca o papel das crianças como agentes de continuidade cultural e a necessidade de políticas educacionais que valorizem as vozes infantis e as práticas pedagógicas baseadas nas identidades locais.

32



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

UM DIÁLOGO POSSÍVEL? APROXIMAÇÕES ENTRE AS PROPOSTAS EDITORIAIS DAS COLEÇÕES ANTIPRINCESAS (CHIRIMBOTE) E BLACK POWER (MOSTARDA)

CLARA THAÍS PEREIRA DE ANDRADE

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar de modo relacionado as propostas editoriais das coleções Antiprincesas, criada e publicada pela editora independente cooperativa argentina Chirimbote, e a Black Power, criada e publicada pela editora brasileira Mostarda. Ambas as coleções citadas são voltadas para o público infanto-juvenil e podem ser inseridas no gênero literário das biografias. Nesse sentido, buscaremos traçar algumas aproximações entre as duas propostas editoriais. Para isso, nos deteremos a analisar os catálogos das coleções e a refletir sobre os critérios de seleção das personagens a serem biografadas em cada caso. Assim, esperamos que seja possível refletir sobre como as propostas das editoras em cada coleção se relacionam com a proposta de promoção de uma escrita da história crítica que considere gênero e raça como categorias de análise histórica fundamentais. Somado à isso, esperamos que seja possível esboçar algumas considerações acerca do impacto do “boom” das biografias de personagens históricos para crianças tanto no Brasil quanto na Argentina.

33



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A CULTURA, HOJE, CONSISTE EM FALAR: MICHEL DE CERTEAU E SUA INVENÇÃO DA CULTURA

CLARISSA PARANHOS

Resumo:

O trabalho apresenta a elaboração da noção de "cultura" pelo pensador francês Michel de Certeau. Primeiro, apresenta-se a elaboração da experiência de Maio de 68 por Michel de Certeau. Permitindo-se alterar-se pela contestação surpreendente que tomou as ruas das principais cidades francesas, Certeau se vê instado a pensar a forma discursiva que melhor poderia dar conta do acontecimento, considerando a "Prise de parole" - a palavra assumida, a tomada da palavra - como o cerne da atividade criadora de cultura. Nos anos que se seguem a 68, Certeau dedica-se à reflexão sobre a cultura em diversas frentes, esforço que culmina com a publicação de "A Invenção do cotidiano I" em 1980. Obra declaradamente experimental, nela a "enunciação" é tomada como modelo para se pensar a "invenção" cultural da maioria despossuída de qualquer poder, os ditos "consumidores passivos". Vistos portanto como porta-vozes de sua própria "palavra", suas práticas culturais são articuladas ao par conceitual estratégia/tática, a fim de explicitar a capacidade de criação mobilizada em práticas cotidianas e tidas como banais. Nesse esforço, a própria escrita de Certeau é trabalhada pelo impulso de pôr a teoria no nível das práticas estudadas, na tentativa de não sobrepor um discurso "sabedor" ao fenômeno por que se interessa. Se a teoria está inscrita na cultura, deverá compartilhar de suas modalidades de "invenção" -- o que se mostra em particular pela exploração da metafórica marítima na obra referida.

34



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA NOS CURRÍCULOS DE MATO GROSSO DO SUL E DA PARAÍBA: POLÍTICAS, PRÁTICAS E DESAFIOS

CLAUDIA CRISTINA DO LAGO BORGES
VÂNIA CRISTINA DA SILVA

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo discutir de que maneira o ensino de história indígena está contemplado nos currículos estaduais da educação básica dos estados de Mato Grosso do Sul e da Paraíba, analisando os diferentes caminhos percorridos por cada Estado na implementação da Lei nº 11.645/2008. Essa legislação torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio, em instituições públicas e privadas. A análise dos documentos oficiais indica que, embora ambos os currículos apresentem limitações na abordagem dos povos indígenas locais, essa fragilidade se manifesta de forma mais acentuada na Paraíba. Por fim, ressalta-se a importância de que esses documentos normativos sejam elaborados para promover uma educação intercultural efetiva e sensível à diversidade dos povos indígenas.

35



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

JOGOS ESTUDANTIS DA PRIMAVERA EM PONTA GROSSA – PR HISTÓRIA, MEMÓRIA, SOCIEDADE

CLÁUDIO JORGE GUIMARÃES
CARLOS MAURÍCIO ZAREMBA

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre os Jogos Estudantis da Primavera (JEPs), realizados em Ponta Grossa – Paraná/Brasil, a partir de suas dimensões históricas, sociais e culturais, compreendendo o evento como patrimônio local e regional. O estudo adota uma abordagem interdisciplinar que articula História, Educação Física e Sociologia. Os JEPs constituem um evento escolar poliesportivo realizado de forma ininterrupta desde 1956, sendo considerado o mais antigo do Estado, sempre promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Idealizado por estudantes da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa – precursora da UEPG –, os jogos reuniam alunos da cidade e da região. Atualmente, desenvolve-se um trabalho de resgate de sua trajetória, não apenas esportiva, mas também sociocultural. A metodologia para esse estudo, baseia-se em pesquisa bibliográfica, consulta a acervos iconográficos, reportagens em jornais, documentos oficiais e história oral. No entanto, as fontes referentes às primeiras décadas do evento (até 1970), especialmente as iconográficas, são escassas devido à limitada acessibilidade a equipamentos fotográficos na época. A pesquisa sobre os JEPs representa um esforço de preservação da memória coletiva e de valorização de um evento que transcende o campo esportivo, configurando-se como manifestação cultural de relevância para a identidade regional.

36



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

**CARTOGRAFIA DO CATIMBÓ EM NATAL-RN: REDES DE
SOCIABILIDADE E OS ARQUIVOS DA CRIAÇÃO DE MELEAGRO A PARTIR
DAS CORRESPONDÊNCIAS E CADERNETAS DE LUÍS DA CÂMARA
CASCUDO (1929-1949)**

CLÁUDIO ROBERTO ARAÚJO DE ARRUDA JÚNIOR

Resumo:

Esta pesquisa investiga como a rede de sociabilidade intelectual de Luís da Câmara Cascudo influenciou a construção do Meleagro (1951), especialmente no que diz respeito à representação do Catimbó no Rio Grande do Norte entre 1928 e 1949. A partir de cartas trocadas com intelectuais como Roger Bastide, Arthur Ramos, René Ribeiro e Nilo Pereira, tratadas como “arquivos da criação”, busca-se mapear os fluxos epistolares, os debates e os silêncios que atravessam a gênese da obra, problematizando os caminhos escolhidos para narrar e categorizar o Catimbó, além de questionar a documentação se determinadas afirmativas aglutinadas no discurso do livro, compõem de fato traços de uma observação etnográfica ou materializam um posicionamento político e discursivo por parte de Câmara Cascudo. Com base em aportes teóricos de Michel de Certeau, Giuseppe Oliveira e Jean-François Sirinelli, articula-se uma cartografia discursiva e simbólica do Catimbó, confrontando a correspondência com cadernetas de pesquisa, recortes de jornal e atas do IHG-RN. O estudo propõe uma leitura crítica das práticas intelectuais de Cascudo, interrogando omissões e reconfigurações do campo religioso afro-brasileiro, com ênfase na tensão entre ciência, mito e identidade cultural no Nordeste brasileiro.

37



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

AS TRAJETÓRIAS DE PRESERVAÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA DA PRISÃO DE LUIZ CARLOS PRESTES ENTRE 1936 E 1945

CRISTIÉLE SANTOS DE SOUZA
CARLA RODRIGUES GASTAUD

Resumo:

Esta comunicação tem o propósito de apresentar em linhas gerais os resultados obtidos durante a pesquisa de doutoramento defendida no ano de 2023 na Universidade Federal de Pelotas – UFPel/BR, sob o título de “Memória e Reconhecimento: Trajetórias de preservação da correspondência da prisão de Luiz Carlos Prestes (1936-1945)”. Tendo como objeto de estudo as trajetórias de preservação da correspondência da prisão do líder comunista brasileiro, esta pesquisa buscou compreender como, e a partir de quais relações de reconhecimento constituíram-se as trajetórias de preservação das cartas, bilhetes e telegramas escritos e recebidos por Luiz Carlos Prestes ao longo dos nove anos em que esteve preso no Brasil, desde sua escritura até a sua publicização e/ou salvaguarda institucional. A noção de “rastro” pensada por Ginzburg (1989; 2007) a partir de uma dialética do indício e do testemunho, ofereceu a lente teórica por meio da qual o texto epistolar foi lido nesta pesquisa, permitindo uma leitura indiciária dos testemunhos, e uma leitura testemunhal dos indícios. Da mesma forma, a noção de “reconhecimento”, tal como trabalhada por Ricoeur (2006), permitiu que, a partir desses rastros, as relações existentes entre os sujeitos da correspondência e a sua preservação, pudessem ser pensadas como parte do mesmo processo, que envolve o texto epistolar publicado, as memórias e biografias dos correspondentes e a história das instituições e dos poderes que atravessaram as suas vidas.

38



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

NOTAS TEÓRICAS: PEDAGOGIA DECOLONIAL E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO BRASIL

DANIEL BERGUE PINHEIRO CONCEIÇÃO

Resumo:

O presente estudo tem como centralidade apresentar notas teóricas sobre a pedagogia decolonial e a educação intercultural no Brasil. A educação e as diferenças culturais têm sido objeto de estudos em toda a América Latina, sobretudo quando se reconhece que a colonialidade persiste em múltiplas dimensões da vida social, cultural e educacional. No campo educacional, destaca-se a urgência de valorizar identidades, culturas e movimentos étnico-raciais historicamente subalternizados. Assim, o objetivo é promover uma reflexão teórica sobre a pedagogia decolonial e a educação intercultural, situando essa discussão no âmbito da decolonialidade como chave analítica para repensar os processos sociais e educativos. O referencial teórico mobiliza autoras e autores cujas produções estão ancoradas nas lutas sociais e na reivindicação de outras formas de ensinar, aprender e existir. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, apropriada à análise crítica do objeto proposto. O estudo sustenta-se numa perspectiva crítica e politicamente situada, comprometida com as lutas dos movimentos sociais e étnico-raciais no Brasil, que reivindicam o direito de ser, viver e existir, bem como a construção de epistemologias que desafiem as estruturas coloniais e silenciosas ainda presentes em toda a América Latina.

39



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

PESQUISA INTERDISCIPLINAR E GÊNERO EM ARTES: ARTISTAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS/RS/BRASIL

DANIELE BALTZ DA FONSECA
SIMONE PINHO DE OLIVEIRA
JULIANA SEIXAS BITTENCOURT
MATEUS MENEGHETTI FERRER
MURIEL BELO PEREIRA
BRUNA ADRIANE FARY

Resumo:

Apresentamos dados parciais do projeto em andamento (2023-2027) na Universidade Federal de Pelotas (Brasil), voltado a pesquisas de pós-graduação interdisciplinares e desenvolvidas em consonância com as metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS-ONU). O projeto imbrica-se à ODS 5 – Igualdade de gênero – e mira mulheres artistas em Pelotas, especificamente, as oriundas da EBA Pelotas (1949-1969), pelo viés de suas trajetórias, práticas artísticas, obras e a materialidade destas. O alinhamento do projeto com a ODS 5 justifica-se no amplo e profundo longo negligenciamento das artistas na história da arte, cujo cânone artístico foi constituído de forma absolutamente androcêntrica. Quatro pesquisas se desenvolvem no projeto e articulam-se na intersecção de diferentes campos do saber, urdidura entre a história, a memória, as artes, as ciências dos materiais e o ensino de química, onde as artistas constituem a trama da tecitura. As pesquisas colaboram nas discussões conceituais sobre gênero nas artes e ampliam o conhecimento sobre as mulheres artistas, conhecimento que nos foi negado, passando a ser revisto no final do século XX.

40



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O CONHECIMENTO COMO PODER GEOPOLÍTICO: UMA BIBLIOTECA AMERICANA NO RIO DE JANEIRO (1966-2022)

DANILO MENDONÇA

Resumo:

Este projeto analisa o escritório da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos no Rio de Janeiro (1966-2022), investigando seu papel como instrumento de poder geopolítico e circulação de conhecimento durante a Ditadura Militar brasileira e a Guerra Fria. Fundado em 1966, o escritório coletava materiais como livros e jornais, promovendo o intercâmbio cultural e tecnológico entre Brasil e EUA. A pesquisa examina o contexto histórico de sua criação, o volume e tipo de suportes transferidos, e sua influência nas relações bilaterais. Por meio de análise bibliográfica e de anuários da Biblioteca, busca-se entender como o escritório contribuiu para a projeção da cultura brasileira nos EUA e para os interesses do Estado americano, questionando se a instituição almeja ser uma biblioteca "universal". O estudo destaca a relevância das bibliotecas como ferramentas de diplomacia cultural, oferecendo insights sobre a dinâmica do conhecimento como poder e sua impacto na política externa e na produção acadêmica.

41



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A TERRA DA LIBERDADE: SANTOS NO CONTEXTO DA REDEMOCRATIZAÇÃO (1983-1984)

DAYANE SANTOS ARAUJO

Resumo:

A cidade de Santos-SP esteve à frente de importantes debates nacionais, a exemplo da luta abolicionista no século XIX, acolhendo escravizados no chamado Quilombo do Jabaquara e, ao longo do século XX, ambientou diversas greves sobretudo dos trabalhadores do Porto, recebendo a alcunha de "cidade vermelha". No contexto da ditadura civil-militar do Brasil (1964-1985), e até mesmo em fases democráticas, Santos foi alvo de muitas retaliações e ampla fiscalização do Estado, cuja principal estratégia envolveu o enquadramento da cidade como área de segurança nacional e, conseqüentemente, o cancelamento de eleições municipais. A luta dos moradores pelo restabelecimento da autonomia política acompanhava um debate nacional: a campanha pelas Diretas-já que contou com o envolvimento de diversos segmentos da sociedade civil pelo retorno das eleições diretas para presidente.

42



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

FILANTROPIA E SAÚDE: A CASA SANTA IGNEZ E O COMBATE À TUBERCULOSE ENTRE MENINAS E JOVENS OPERÁRIAS NO RIO DE JANEIRO (INÍCIO DO SÉCULO XX)

DEILSON BARBOSA DA SILVA

Resumo:

Este artigo investiga a Casa Santa Ignez, preventório para operárias enfraquecidas no Rio de Janeiro do início do século XX. Em um cenário de desafios sanitários, a instituição atuou como iniciativa filantrópica contra a tuberculose. A pesquisa analisa seu modelo assistencial, focado na prevenção da doença em mulheres jovens e solteiras, vulneráveis devido às condições de trabalho e vida. Destaca o papel de mulheres da elite carioca, como a Primeira-Dama Mary Saião Pessoa, na idealização e gestão da Casa, demonstrando a filantropia feminina como via de protagonismo social. A imprensa da época foi crucial na divulgação da instituição, apresentando-a como exemplo de assistência que unia ciência e benevolência. A Casa Santa Ignez oferecia repouso, nutrição, helioterapia e educação higiênica, visando a recuperação física e moral das internas, “pré tuberculosas”. Buscamos analisar a relação entre filantropia, saúde pública e as condições do trabalho feminino, evidenciando as múltiplas formas de estigmatização enfrentadas pelas operárias. A análise sinaliza a relevância dessas ações para a profissionalização feminina e a redefinição de papéis sociais, além de sua contribuição para a luta antituberculose em um período de limitada intervenção estatal. Com base em fontes da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, a pesquisa emprega a micro-história para a compreensão da dinâmica da Casa Santa Ignez, o impacto na vida das operárias assistidas e na sociedade carioca da Primeira República.

43



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

IMPLEMENTAÇÃO DE UM MUSEU DE TERRITÓRIO NO DOM BOSCO, JUIZ DE FORA/MG: REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE OLHARES INFANTIS PARA O TERRITÓRIO E SUAS PRÁTICAS CULTURAIS

EDWALDO SÉRGIO DOS ANJOS JÚNIOR - T1
CÉLIA FURTADO HENRIQUES
LUCIANA BITTENCOURT VILLELA
ROMILDA APARECIDA LOPES

Resumo:

Este trabalho deriva de ações iniciais do projeto de extensão “Implementação de um Museu de Território no Bairro Dom Bosco, Juiz de Fora/MG”, iniciado em abril de 2025, com a realização de oficinas comunitárias, cujo propósito é apresentar o projeto a moradores e apreender deles percepções em torno do bairro, seus lugares de memória e suas práticas culturais. Dentre as razões que levaram ao projeto de extensão, a existência de um intenso processo de gentrificação urbana e racismo ambiental junto a esse território centenário, o que tem levado à perda de áreas de lazer, espaços sagrados e de lugares de memória por parte dos moradores, para abrigar empreendimentos comerciais e residenciais. A partir de oficinas de arte como instrumento de mediação, vide desenhos como expressão artística, realizadas com crianças entre 7 e 11 anos, espera-se, mediante pressupostos da Pesquisa-Ação, discutir, de maneira preliminar, de que maneiras as crianças do bairro compreendem o seu território. Para tanto, o trabalho parte da perspectiva teórica da Geografia da Infância, ao considerar que a categoria do espaço geográfico é um pilar essencial à própria vivência humana, na medida em que, se não há vidas fora do tempo, não há vidas fora do espaço. Os resultados preliminares revelam que as crianças enxergam o espaço público como espaço de liberdade e lazer, acompanhados pela presença protetora de familiares e vizinhos, articulando o brincar como atividade relevante em seu cotidiano.

44



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

**VISITAS ESCOLARES AO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF): REFLEXÕES EM
TORNO DAS APRENDIZAGENS NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO
CULTURAL DE CURSOS DO ICH/UFJF**

EDWALDO SÉRGIO DOS ANJOS JÚNIOR - T2
DÉBORA OLIVEIRA CARVALHO
ISADORA DE REZENDE FERREIRA
ROMILDA APARECIDA LOPES

Resumo:

O objetivo deste trabalho é discutir o processo de ensino-aprendizagem de estudantes secundaristas e universitários participantes do projeto de extensão “Visitas Escolares ao ICH/UFJF”, que tem recebido semanalmente, desde 2023, escolas do Ensino Médio para conhecer os cursos de graduação do Instituto de Ciências Humanas. A mediação realizada pelos membros do projeto de extensão, que é centrada na dialogicidade e na ludicidade, não foca na transmissão unilateral do saber, mas em estabelecer diálogos em torno dos cursos, áreas de atuação dos profissionais e territórios dos participantes. Isso propicia que, ao apresentar a área de Humanidades e os cursos de graduação, haja a manifestação de tensões e dúvidas dos secundaristas em torno de suas práticas culturais e da própria área de Ciências Humanas, desvelando um conjunto de situações desafiadoras para a equipe extensionista. Logo, a partir da perspectiva sociocultural acerca do desenvolvimento humano de Vygotsky, em que se destacam os contextos socioculturais dos indivíduos, a apresentação do campo das humanidades tem possibilitado um encontro de saberes, favorecendo novas formas de agir e de pensar por parte dos estudantes de Ensino Médio, especialmente através do desenvolvimento das suas crenças de autoeficácia, ao ter contato com experiências e trajetórias dos universitários que podem servir de modelos de inspiração e identificação.

45



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE MATO GROSSO

ÉRICA NÚBIA LOPES DE MORAES CARVALHO
FERNANDA MARTINS DA SILVA

Resumo:

O ensino de História afro-brasileira e africana na educação básica representa um avanço fundamental na construção de uma educação antirracista, plural e comprometida com a justiça social no Brasil. Essa conquista é fruto da persistente e multifacetada luta do Movimento Negro brasileiro, cujas raízes remontam às comunidades quilombolas, espaços de resistência formados por pessoas escravizadas que, desde o período colonial, desafiaram a opressão e buscaram preservar suas culturas e garantir autonomia. Ao longo dos séculos, essa luta se consolidou por meio de organizações como o Movimento Negro Unificado (MNU), Geledés e CEERT, que atuam na defesa dos direitos civis, na promoção da igualdade racial e na valorização das identidades negras, enfrentando a invisibilidade e a marginalização impostas historicamente pela sociedade brasileira. Historicamente, o sistema educacional brasileiro reproduziu um modelo eurocêntrico, marcado pela exclusão da história e cultura afrodescendente, naturalizando a desigualdade racial e reforçando estereótipos prejudiciais que influenciaram profundamente a formação social e cultural do país. Nas décadas de 1970 e 1980, esse currículo excludente, aliado a práticas escolares discriminatórias, contribuiu significativamente para a evasão de estudantes negros, evidenciando a urgência de transformações estruturais que promovessem o reconhecimento da diversidade étnico-racial e a valorização das contribuições dos povos africanos e seus descendentes na construção do Brasil. Em resposta às pressões do Movimento Negro e à mobilização da sociedade civil, a promulgação da Lei 10.639/2003 constituiu um marco histórico e simbólico ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as etapas da educação básica. Essa legislação atua como uma ferramenta essencial no enfrentamento ao racismo estrutural, entendido como o conjunto de práticas, normas e instituições que mantêm desigualdades raciais profundamente enraizadas nas estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas brasileiras.

46



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CULTURA MATERIAL NAS ESCOLAS NORMAIS DO RIO DE JANEIRO: COMO O ANEL DE FORMATURA DAS PROFESSORAS, SOB INFLUÊNCIAS ILUMINISTAS, SE TORNOU UMA REFERÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA CAPITAL DO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

FÁBIO SOUZA CORREA LIMA

Resumo:

O resumo em tela é fruto de um trabalho desenvolvido no campo da história da educação com a finalidade de abordar como o anel de formatura das professoras, sob influência iluminista, se tornou uma referência para a formação de professores na capital do Brasil no início do século XX. Para isso, além de abordarmos o passado e o surgimento do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, estudaremos a categoria de análise de Cultura Material, considerando os aspectos desse conceito e como eles podem ser aplicados para entendermos o processo em que o referido anel se tornou um símbolo de prestígio e distinção social no Distrito Federal brasileiro. Partindo dessa proposta, além de uma bibliografia específica, esta pesquisa utilizou a metodologia de história oral em uma rara oportunidade de aproximação com a categoria de cultura material. Essa pesquisa concluiu que apesar dos princípios modernos que instituíram a escola normal no passado carioca, seus significados foram esquecidos ou abandonados por transformações econômicas e/ou pelo apagamento da sua memória. Por conta disso, nos dispomos a continuar nossas investigações de maneira a entender os porquês de a valorização dos profissionais de ensino ter sido estimulada no passado do país, enquanto, na atualidade, tem sido negligenciada.

47



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A EUGENIA E A EXPANSÃO DO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO

FELIPE CROMACK DE BARROS CORREIA

Resumo:

A expansão do ensino público brasileiro foi constituída de práticas e métodos embasados em princípios eugenistas. Os ordenamentos e lógicas de avaliação social e física dos estudantes visavam estabelecer aproximações com a branquitude, em virtude de aperfeiçoar racialmente o país. Entretanto, as políticas de refinamento da nação pela raça se tornaram uma “faca de dois gumes” para a população preta e pobre. Embora a percepção de inferioridade em políticas públicas tenha nortado os projetos reformistas, estes grupos também se beneficiaram da expansão educacional. De que forma a raça e a classe se conectaram para definir o fracasso ou sucesso de crianças e jovens na primeira metade do século XX? De quais formas o Ensino de História pode auxiliar nesta luta por políticas compensatórias sobre séculos de desigualdades raciais e de classe que assolam o país?

48



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ESCREVER PARA EXISTIR: A CULTURA ESCRITA NOS CONFLITOS TRABALHISTAS DO TEATRO OITOCENTISTA

FERNANDO MARTINS DA CONCEIÇÃO MUNHOZ
CLÁUDIO LUIZ DENIPO'TI

Resumo:

Na segunda metade do século XIX, o Rio de Janeiro era o coração cultural do Brasil. Os palcos fervilhavam de arte, mas também de conflito. Por trás das cortinas, os trabalhadores do teatro – atores, técnicos, artistas – lutavam não apenas por espaço cênico, mas por reconhecimento, salários, contratos e dignidade. Essa dissertação busca olhar não para o brilho do espetáculo, mas para a dureza do trabalho que o sustentava. Nos processos judiciais analisados, a cultura escrita aparece como campo de disputa simbólica. Empresários, munidos de contratos e formalidades, usavam a escrita como ferramenta de poder. Já os trabalhadores recorriam à oralidade – testemunhos, narrativas, petições – para resistir. Cada documento não é apenas uma prova jurídica, mas uma materialização de lutas por justiça. Inspirada por Chartier e Bourdieu, a pesquisa mostra como a linguagem escrita nos tribunais revela desigualdades, mas também estratégias de enfrentamento. Assim, o teatro é lido como espaço de trabalho, conflito e negociação simbólica. Ao analisar os processos como práticas sociais, propomos uma história que valoriza os registros da resistência e a força da palavra escrita como forma de existir.

49



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

EXPRESSÕES EM TEMPOS SOMBRIOS: A ARTE SOB O NAZISMO E O COMUNISMO NA POLÔNIA (1933-1980)

FREDERICO ADOLFO SCHIFFER JUNIOR

Resumo:

“Arte sob Pressão” investiga expressões artísticas produzidas entre 1933 e 1950, abrangendo o nazismo e o início da Guerra Fria. A pesquisa estrutura-se em três eixos: arte criada em guetos, nos campos de concentração (encomendada ou clandestina) e no pós-guerra sob o regime comunista. O foco recai sobre a Polônia — epicentro desses conflitos — onde as obras revelam resistência, trauma e memória sob regimes opressores. Durante bolsa PDSE/CAPES em 2024, o autor realizou pesquisa de campo no Memorial de Auschwitz, consultando mais de 50 mil volumes da biblioteca e registrando cerca de 2000 imagens autorais em Auschwitz, Cracóvia, Oswiecim, Tarnów e Hungria. As fotografias documentam espaços onde obras foram produzidas ou preservadas, com apoio de restauradores, historiadores e arqueólogos. O projeto busca compreender como, em condições extremas, a arte atuou como gesto de sobrevivência e afirmação identitária, mesmo sob censura comunista. Amparado por autores como Didi-Huberman, Ricoeur e Arendt, o estudo enfatiza o papel da arte como testemunho histórico, resistência ética e ferramenta pedagógica em tempos de repressão e esquecimento.

50



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O NEGRO OPERÁRIO NO PÓS-ABOLIÇÃO: CONTEXTO HISTÓRICO E INVISIBILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA.

FREDERICO MONTEIRO DE CASTRO CÔRTEZ

Resumo:

O trabalho busca identificar o apagamento do trabalhador negro após a abolição no ensino de História. Muitas vezes subestimada pela historiografia brasileira, a atuação da população negra foi crucial na luta por melhores condições de trabalho no país. Inicialmente, abordo a história do Brasil, entre a segunda metade do século XIX e início do XX, apresentando fatos que promoveram mudanças importantes no mundo do trabalho. A historiografia trata a figura do negro durante o período colonial e imperial brasileiro sempre ligado à escravidão, desprezando-o como um trabalhador e associando-o à imagem do “escravo”, o que acaba reforçando o racismo presente em nossa sociedade. Ao mesmo tempo em que é promovida uma crítica à invisibilização da atuação dos trabalhadores negros no ensino de História, o artigo tem o propósito de analisar a luta desses operários no período pós abolição. A proposta é trabalhar com os conceitos de invisibilidade no ensino de História e movimento operário. Autores como Clóvis Moura, Emília Viotti da Costa, Álvaro Pereira Nascimento, Sidney Chalhoub e Silvia Hunold Lara advertiram sobre a falta da menção dos trabalhadores negros pela historiografia que costuma tratar dessa participação de forma minimizada, pois tende a focar sua escrita numa história predominantemente branca. A invisibilidade dos operários negros pela historiografia é um fenômeno persistente e que reflete a representação e a reprodução de narrativas com uma visão eurocêntrica no ensino.

51



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OS DIREITOS HUMANOS NOS MUSEUS DE MEMÓRIA NO CONE SUL

GIOVANE RODRIGUES JARDIM
CRISTIÉLE SANTOS DE SOUZA

Resumo:

No contexto dos países do Cone Sul, identificam-se cinco instituições museológicas que se autodenominam museus de memória: o Museo de la Memoria (MMR), localizado em Rosário, Argentina; o Museo de las Memorias: Dictadura y Derechos Humanos (MMDDH), em Assunção, Paraguai; o Centro Cultural Museo de la Memoria (MUME), em Montevidéu, Uruguai; o Museo de la Memoria y Derechos Humanos (MMDH), em Santiago, Chile; e o Museo Sitio de Memoria ESMA (MSM – ex-ESMA), em Buenos Aires, Argentina. Esta apresentação propõe discutir as concepções de direitos humanos expressas nos documentos e nas exposições de longa e curta duração dessas instituições, bem como compreender as perspectivas e os limites de uma abordagem universalista dos direitos humanos, a partir dessas políticas públicas de memória voltadas ao reconhecimento de graves violações ocorridas durante as ditaduras em seus respectivos países, e da articulação desses regimes no âmbito do Plano Condor. Este trabalho foi realizado com o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

52



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A DEUSA TRÁCIA BERNDIS NA CULTURA MATERIAL: UM DIALOGO CONTEMPORÂNEO

JOSÉ ROBERTO DE PAIVA GOMES

Resumo:

A deusa trácia Bendis apresenta uma produção material entre os séculos IV e V a.C. Observamos que seus atributos incorporam duas características distintas: uma de origem trácia e outra ateniense. A circularidade cultural de Bendis pode ser atestada no contexto do chamado "primeiro imperialismo ateniense", ocorrido entre o período da tirania arcaica e a democracia de Clístenes, quando a influência trácia se torna perceptível. Entre as Guerras Médicas e a Guerra do Peloponeso, o culto à divindade parece ter sido legitimado como parte do panteão ateniense, conforme indica Platão em *A República*. Nesse período, nota-se sua assimilação às figuras de Ártemis e Hécate, sendo reconhecida como deusa da vegetação e do submundo. Propomos analisar os fatores históricos e culturais que possibilitaram a adoção de uma deusa estrangeira em solo ateniense sem que isso implicasse na emergência do que se costuma chamar de barbarismo.

53



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS REFLETIDAS NA ARTE AZULEJAR BRASILEIRA: A PRESENÇA DO PORTUGUÊS RAFAEL BORDALO PINHEIRO NO RIO DE JANEIRO

HEITOR MIGUEL CHAVES DIAS

INÊS EL-JAICK ANDRADE

ELISABETE EDELVITA CHAVES DA SILVA

Resumo:

O Pavilhão Mourisco, sede da Fundação Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro, é uma edificação tombada pelo governo brasileiro, representativa da arquitetura eclética de vertente neo-mourisca. A edificação iniciada em 1905 foi concluída em 1918, e a última etapa da construção foi a colocação dos revestimentos internos variados e rebuscados. Destacam-se, entre o repertório de bens integrados do Pavilhão Mourisco, os painéis de azulejos policromáticos de padrão “Granada” localizados na varanda do primeiro pavimento da edificação, de autoria de Rafael Bordalo Pinheiro. O artista português morou no Rio de Janeiro no final do século 19, e dirigiu o jornal “O Mosquito” entre os anos 1875 e 1877. Foi um exímio desenhista, ilustrador, chargista e ceramista que ao retornar para Portugal fundou a Fábrica de Faiança Caldas da Rainha. A pesquisa propõe levantar dados sobre a vida e obra do artista português, investigando seus feitos no Brasil e em Portugal, a fim de contextualizar historicamente e socialmente a sua produção de azulejos de inspiração neo-mourisca presente no Pavilhão Mourisco e identificar seu legado na cidade do Rio de Janeiro. O resultado desse estudo contribuirá para o conhecimento do uso de azulejaria na arte decorativa no Rio de Janeiro na virada do século 19 para o século 20, e possíveis ressonâncias de sua obra na arte brasileira.

54



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

**POLÍTICAS CULTURAIS E NORMATIZAÇÃO DO REGISTRO
DOCUMENTAL DE INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS: PERSPECTIVA
HISTÓRICA DA DOCUMENTAÇÃO PRODUZIDA SOBRE O SÍTIO
FIOCRUZ DE MANGUINHOS (1966-2024)**

INÊS EL-JAICK ANDRADE

Resumo:

O material arqueológico salvaguardado em escavações – artefatos e superartefatos - tem a qualidade de datar uma época e informar sobre um modo de vida. No entanto, nem sempre a documentação obrigatória que acompanha as investigações arqueológicas e é depositada no órgão de tutela do patrimônio cultural brasileiro (Instrução Normativa IPHAN nº 001/2015) contribui para fornecer informações detalhadas sobre o sítio e os seus artefatos. A investigação se debruça em discutir o processo histórico de institucionalização de documentos normativos de políticas culturais (leis, portarias e instruções) no que tange o registro documental produzido por investigações arqueológicas no país. Para tanto, utiliza como objeto de estudo a documentação existente do sítio arqueológico do Campus da Fundação Oswaldo Cruz em Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro, produzida por distintas equipes de arqueologia dentro do recorte de 1966 a 2024.

55



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ESPECTROS NO ESPELHO: REFLEXOS DOS ANOS DE CHUMBO NO ROMANCE "OS SINOS DA AGONIA" (1974)

INGRID MORGANNA DE MENEZES OLIVEIRA

Resumo:

Essa comunicação analisa os aspectos literários da obra "Os Sinos da Agonia" (1974), no contexto histórico da Ditadura Militar no Brasil, buscando compreender como o período em questão impactou a construção da narrativa construída pelo autor mineiro, e como este foi refletido pelo escritor em determinados momentos no decorrer da história. Para isso, nos debruçaremos sucintamente na trajetória de Autran Dourado, nos impactos da Ditadura na Literatura e nas ferramentas utilizadas pelo autor para evadir a censura no período em que o livro foi publicado. Através dessa análise, a pesquisa adota uma percepção crítica da literatura, uma vez que a enxerga, para além de uma expressão artística, uma ferramenta de denúncia da repressão sofrida pelo regime vigente.

56



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

UMA HISTÓRIA DE SILÊNCIO E LUTA: O LEGADO DAS MULHERES DE CONFORTO (COREIA, 1939-1945)

ISABELLA MENDONÇA DE ARAGÃO
TATHIANNI CRISTINI DA SILVA

Resumo:

Este trabalho objetiva apresentar a história das "mulheres de conforto" que tiveram suas experiências silenciadas por anos, perdendo o direito de ter sua própria história contada e lembrada. Muitas dessas mulheres eram de famílias pobres, dependentes do trabalho de cada membro da família para seu sustento, residentes da Coreia, na época, uma colônia japonesa. Durante o período de 1939-1945, foram raptadas como escravas sexuais das tropas japonesas, em regiões pertencentes ao Império japonês. Compreende-se que o fator base para a sistema de conforto que praticava a violência sexual contra essas mulheres, foi o patriarcado, colonialismo e capitalismo, que para se manter ativo alimenta-se da violência, das narrativas históricas nacionais e controle do corpo das mulheres. Através do Museu da Guerra e dos Direitos Humanos das Mulheres, responsável por compartilhar suas histórias e dar voz as milhares de mulheres que tentaram calar, tem-se a memória como resistência. Permeiam as discussões desta pesquisa: ASSMANN (2011), discutindo a memória como base de poder e formação de identidade, apontando o esquecimento proposital das mulheres na história e memória, CHANG (1997), analisa como a violência presente no exército japonês não foi um caso isolado, mas uma construção vinda da base educacional, FEDERICI (2023), explica que o ciclo de violência presente no capitalismo permanece para sua própria perpetuação como sistema.

57



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O INTERDISCURSO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS NA DÉCADA DE 1970 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS EM LEGISLAÇÕES E MATERIAIS DIDÁTICOS DA ÉPOCA

JOÃO VITOR FERREIRA DA SILVA GONZALEZ

Resumo:

A interdisciplinaridade, embora recorrente no ensino de ciências, é frequentemente tratada como um conceito homogêneo e a-histórico. Este trabalho investiga como os sentidos do interdiscurso da "interdisciplinaridade", presentes na Lei 5.692/71, seus pareceres e resoluções, bem como nas obras de Valmir Chagas, foram recontextualizados em materiais didáticos e guias docentes produzidos no Brasil entre 1974 e 1977. Parte-se da compreensão de que tais materiais não refletem diretamente a legislação, mas incorporam, resignificam e hibridizam formações discursivas em disputa no contexto político e educacional da época. Com abordagem qualitativa, fundamentada na Análise de Discurso, associada à análise documental e à pesquisa bibliográfica, o estudo evidencia que a interdisciplinaridade aparece de forma polissêmica e difusa, subordinada ao discurso da renovação do ensino de ciências pautado na experimentação, no método científico e na valorização da disciplina de referência. Portanto, o interdiscurso da interdisciplinaridade, longe de um conceito fixo, emerge como efeitos de sentidos produzidos nas articulações entre textos legais, práticas educacionais e sociais do período analisado.

58



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS DESAFIOS DA ESCRITA DA HISTÓRIA NO SÉCULO XXI

JULIO BENTIVOGLIO

Resumo:

A presente comunicação destina-se a examinar os impactos do advento da Inteligência Artificial na pesquisa e escrita da História neste século XXI. Num primeiro momento apresenta um breve histórico sobre o desenvolvimento das IAs, o crescimento do seu uso por parte de estudantes e pesquisadores, analisando alguns indicadores a esse respeito. Depois se debruça sobre as principais IAs usadas por historiadores e historiadoras, atentando para suas características e o tipo de conteúdo produzido. Para isso examinará o desempenho do uso de duas IAs respondendo a questões relacionadas com a teoria da história. Por fim, a comunicação apresentará vantagens e desvantagens do uso dessa ferramenta e seus efeitos na produção, divulgação e no ensino da história no século atual.

59



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MUSEU LITÚRGICO COMO EXPERIÊNCIA SACRA E MEMÓRIA

KARLA DENISE MARTINS

Resumo:

Ao nos depararmos com os já existentes “museus litúrgicos” percebemos a característica da guarda de objetos de devoção, oriundos do sacerdócio, envolvendo o que chamamos de universo da religiosidade, no qual a memória religiosa de um grupo é apresentada. O chamado museu litúrgico ou sacro circunscreve a guarda e divulgação da memória material e imaterial dos agentes ligados à Religião e à Tradição. O espaço sagrado aqui perde a caracterização primordial pelo tom demonstrativo e reflexivo do visitante e pelos objetivos atualizados da monumentalização dessa memória religiosa, com a guarda do simbolismo que envolve certamente um lugar dessa natureza, por exemplo, os ditames comportamentais como manter silêncio, guardar compostura e não profanar o espaço considerado santo. Além de uma montagem arbitrária sobre os fragmentos de memória que, dependendo do valor histórico ou estético, atraem a atenção pública. Há um dilema nesse aspecto, algumas igrejas são elas mesmas museus, servem a dupla funcionalidade, abrigam seus devotos e mantêm-se como guarda da memória: por exemplo a Igreja de São Francisco de Assis, em Assis e a de São Pedro em Roma, ambas na Itália, e de muitas outras, especialmente no velho mundo e no oriente. Isso as torna complexo espaço de impressão aos visitantes, ao mesmo tempo que estes também lhes confere importância, enaltecendo seus objetos e os tornando ainda mais valiosos do ponto de vista histórico, religioso e artístico. O movimento turístico por essa propagação tem aumentado nas chamadas cidades históricas e também colocado um dilema sobre a relação com os monumentos e a vida cotidiana dessas cidades, nosso intuito aqui, que é parte de uma reflexão maior, é repensar o museu como “lugar de memória” e compreender sua dinâmica nas várias épocas.

60



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A IMPRENSA ARGENTINA E A RESISTÊNCIA NEGRA

KAUÃ CESAR SALVIANO LIMA

Resumo:

Este trabalho surgiu no âmbito do Laboratório Imprensa como Fontes Históricas, no qual se fomenta a utilização de periódicos (gazetas, jornais, revistas, boletins, entre outros) na construção de pesquisas históricas de graduandos que os possibilitem refletir sobre a construção da opinião pública em diferentes períodos históricos. A partir do Periódico Afro Argentino La Broma (1876–1885), a pesquisa tem como objetivo apresentar a importância da imprensa negra para o entendimento da história dos afro-portenhos e refletir sobre o mito de uma “Argentina branca”. Esse projeto contribui para minha formação e profissionalização como futuro historiador, pois desde o início do meu ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) atuo na área de conservação e organização de arquivos, especialmente jornais. A sociedade de Buenos Aires na segunda metade do século XIX é marcada fortemente pelo crescimento contínuo da imprensa periódica que revelam o amadurecimento da sociedade civil e uma sociedade urbana mais complexa. Portanto, a criação dos jornais afro portenhos, em 1858 é um marco importante para a história argentina, pois a opinião pública era formulada até então exclusivamente pela elite criolla, a qual não queria e não dava espaço para cidadãos de outras origens sociais e étnicas. Portanto, ao se estudar a história portenha a partir da “Imprensa criolla” se perde uma importante parte da história portenha e reforça o mito de uma Argentina de população exclusivamente branca, ignorando a presença e influência negra no país, principalmente se pensarmos que os afro portenhos chegaram a ser 30% da população da cidade em 1830. Dito isso, nossa proposta metodológica utiliza como referência os trabalhos de Norberto Pablo Cirio, Walter Benjamin, Beatriz Sarlo e Lea Geller com o intuito de integrar conhecimentos acerca da imprensa e uma história dos vencidos na história Argentina.

61



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARTAS PELA CULTURA: ANÁLISE INICIAL DAS DEMANDAS POR POLÍTICAS CULTURAIS NA CONSTITUINTE (1987-1988)

LAÍS NÓBREGA GABETTO DE SÁ

Resumo:

O trabalho tem como objetivo apresentar uma análise preliminar das demandas da população relacionadas ao campo cultural, com base nas sugestões enviadas à Assembleia Nacional Constituinte de 1987 a 1988. Durante a redemocratização do Brasil, a Assembleia Constituinte foi convocada pelo presidente José Sarney para a confecção da nova Constituição do país. Com o intuito de assegurar a participação popular nesse processo, e atendendo a reivindicação de movimentos sociais, foi criado um mecanismo oficial que permitia o envio de sugestões a serem incluídas no texto constitucional. A documentação resultante dessa iniciativa foi sistematizada e disponibilizada pela base de dados SAIC (Sugestões da população para Assembleia Nacional Constituinte) do Senado Federal. Esta proposta analisa as fontes levantadas com o tema da cultura, buscando refletir quais as principais demandas da população para os direitos culturais e qual o perfil daqueles que enviaram essas sugestões para o texto da Constituição.

62



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MONITORIA DA DISCIPLINA DE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE ACERVOS NOS CONTEXTOS DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E PRESENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS

MÁRCIA JANETE ESPIG
BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER

Resumo:

Os anos de 2020 e 2021 ficaram marcados pelo ensino remoto emergencial (ERE) devido à pandemia do coronavírus, o SARS-CoV-2. Nesse contexto, as atividades de ensino, tanto para docentes quanto para discentes, passaram por adaptações e atualizações importantes, que demandaram rapidez. Esta comunicação, portanto, se dedica a refletir sobre a experiência de monitoria discente na disciplina de Introdução ao Estudo de Acervos do curso de Bacharelado em História, da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), durante os anos de 2021, em período de ensino remoto e 2022, no ensino presencial. A disciplina em questão possui relevância significativa na grade curricular, pois está direcionada a alunos ingressantes e inaugura os debates acerca de fontes históricas, arquivos e acervos, que fundamentam um dos eixos principais do curso. Dessa maneira, apresentamos um relato de experiências através de reflexões que apontam desafios, dificuldades e adaptações vivenciadas em cada período. Através do relato comparativo e da análise de experiências, conclui-se que, guardadas as especificidades, a intervenção da discente-monitora ao longo dos semestres beneficiou os estudantes em ambas as circunstâncias e, também, colaborou para sua formação docente, demonstrando a importância de um programa de monitorias para disciplinas de cunho teórico-prático.

63



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CAMINHOS DO DESCAMINHO: ROTAS CLANDESTINAS, PATRIMÔNIO E RESISTÊNCIA NA ZONA DA MATA MINEIRA

MARCIO HENRIQUE FRANCISCO DE SOUZA

Resumo:

A análise das rotas clandestinas do ouro na Zona da Mata Mineira, entre os séculos XVII e XIX, revela uma ocupação territorial marcada pela resistência e pela articulação social fora do controle oficial da Coroa Portuguesa. Criadas à margem da Barreira Verde — mecanismo fiscal que visava conter o contrabando — essas trilhas foram percorridas por bandeirantes, comerciantes ilegais, indígenas e quilombolas, que construíram formas autônomas de sociabilidade e territorialidade. As “trilhas do descaminho” deixaram vestígios na toponímia, na paisagem e na memória oral das comunidades, tornando-se testemunhos históricos muitas vezes negligenciados. Compreender esses caminhos como patrimônios culturais contribui para o resgate de narrativas silenciadas e para a valorização das identidades locais. Este trabalho propõe uma reflexão sobre as patrimonialidades desses trajetos, abordando sua relevância enquanto espaços de memória, resistência e formação cultural. Ao reconhecer os caminhos do descaminho como vetores de identidade e de desenvolvimento sustentável, defende-se sua inclusão em políticas públicas de salvaguarda, educação patrimonial e fomento ao turismo cultural de base comunitária. Assim, a Zona da Mata Mineira emerge como um território de heranças plurais, onde o passado subterrâneo do contrabando ressignifica-se em potência para o futuro.

64



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MEMÓRIAS SUBALTERNAS E NARRATIVAS ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE

MARTA HELENA SANT'ANNA PIRES

Resumo:

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre os povos originários na contemporaneidade, destacando a importância de uma abordagem interdisciplinar para compreender suas trajetórias históricas, socioculturais e políticas. A partir de perspectivas indígenas, como as de Ailton Krenak e Daniel Munduruku, é evidenciada a urgência de superar estereótipos herdados do período colonial, ainda presentes em narrativas escolares e midiáticas. Ao privilegiar a escuta e o protagonismo indígena, o estudo analisa como as epistemologias nativas confrontam as visões hegemônicas da história do Brasil, propondo outras formas de existir, conhecer e narrar. Nesse sentido, a interdisciplinaridade – envolvendo história, antropologia, literatura e educação – torna-se ferramenta fundamental para a desconstrução de paradigmas coloniais e o fortalecimento das vozes indígenas na construção de um país mais plural e justo. A valorização dos saberes ancestrais, articulados com os desafios atuais, aponta caminhos para a reelaboração da memória coletiva e o reconhecimento da diversidade originária como parte constitutiva do Brasil contemporâneo.

65



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DA DOMESTICIDADE DE NOSSOS QUINTAIS PARA A COMPANHIA EM NOSSAS CAMAS: OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO EM DOURADOS- MS (2014 A 2024)

NATHÁLIA DA MOTA MACHADO

Resumo:

Os cães foram somente animais domésticos por muito do tempo em que compartilharam suas vidas e gerações com os seres humanos. A estimação veio com a contemporaneidade. Mas foi somente quando ela se consolidou de tal maneira que fosse necessária mudanças legislativas para de fato sanar as demandas sociais familiares dentro do direito que percebamos de forma substancial a mudança do status social desses animais de estimação dentro do contexto da atualidade. Para distinguir os animais domésticos dos animais de estimação dentro do próprio direito foi instituído pela socióloga Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima em Considerações sobre a família multiespécie cinco requisitos para a diferenciação dos animais de estimação dos animais domésticos. Eles consistem em primeiro: reconhecimento familiar, segundo: consideração moral, terceiro: apego, quarto: convivência íntima na rotina familiar e quinto: inclusão em rituais. Diante disso, levanta-se a seguinte pergunta: como eles deixaram de pertencer aos quintais e passaram a dividir todos esses espaços públicos e privados com o homem? Em outras palavras: como esses animais deixaram de ser somente animais domésticos e se tornaram animais de companhia/estimação?

66



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DA GRANDE IMIGRAÇÃO (1880-1930)

PAULO CESAR RIBEIRO VITAL

Resumo:

Durante as últimas duas décadas do século XIX e as primeiras três do século XX ocorreu uma das maiores migrações de pessoas da Humanidade. Europeus de diferentes nações buscaram no continente americano a melhoria de suas condições de vida. Este período da História ficou conhecido como a Grande Imigração. Nesse cenário, o Brasil foi o destino de indivíduos de diversas nacionalidades europeias, principalmente portugueses, italianos e espanhóis. Tanto o Brasil como as nações europeias tiveram políticas e realizaram ações diferentes em relação a este movimento migratório. A imigração portuguesa no Brasil foi a segunda maior em quantitativo no período da Grande Imigração, ficando atrás somente da imigração italiana, porém sendo a mais regular durante estes anos. O destino desses portugueses foi preferencialmente o Rio de Janeiro. Apesar disso, a imigração portuguesa não é tão abordada como ocorre com a imigração italiana, ou mesmo a alemã e a japonesa, em trabalhos acadêmicos e produções culturais como exposições e filmes. Portanto, o objetivo desse trabalho foi contribuir para o conhecimento do que foi esse processo histórico, apresentando os números e a conjuntura em que ele se deu, assim como as interpretações historiográficas sobre o mesmo, destacando os fatores de atração e repulsão que fizeram tantos portugueses terem como destino de suas vidas o Brasil, em especial o Rio de Janeiro, bem como evidenciar o legado que deixaram para esta cidade.

67



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ENTRE A TRADIÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO: DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS NO SUDOESTE ANGOLANO

PAULO PEREIRA OLIVEIRA MATOS
AFONSO CAMACHO DOMBE DE JESUS

Resumo:

O presente estudo examina as transformações socioculturais vivenciadas pelas populações pastoris do sudoeste de Angola a partir do fim da guerra civil, em 2002, período que marca um novo ciclo de reconfiguração territorial, econômica e simbólica na região. Através do cruzamento entre fontes escritas, bibliografia especializada e relatos de história oral, os autores analisam os efeitos de um processo de urbanização que tensiona os laços intergeracionais, compromete a transmissão de saberes tradicionais e impõe novas formas de adaptação cultural. Práticas culturais enraizadas — como os ritos de passagem para a idade adulta — vêm sendo reconfiguradas frente ao avanço de tecnologias digitais e à crescente influência de novas vertentes religiosas. Paralelamente, o avanço da propriedade privada, o aumento da pressão demográfica e a intensificação da exploração dos recursos naturais têm restringido o acesso às áreas comunais de pastagem, eixo estruturante do modo de vida pastoril. Ancorado em uma abordagem interdisciplinar que articula História, Antropologia e Sociologia, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre as dinâmicas contemporâneas que reconfiguram os sentidos de pertença, identidade e continuidade cultural entre as sociedades pastoris, confrontadas com dilemas cada vez mais agudos entre a permanência e a transformação, entre a memória coletiva e as urgências do presente.

68



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CENTRO ESTADUAL INTEGRADO DE EDUCAÇÃO RURAL (CEIER) DE ÁGUA BRANCA/ES: TRAJETÓRIA, TERRITÓRIO E PRÁXIS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO CAPIXABA

RAINEI RODRIGUES JADEJISKI

Resumo:

O Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Água Branca, localizado no estado do Espírito Santo, Brasil, é uma das experiências de Educação do Campo em solo capixaba. Criado em 1983, o Centro articula formação técnica, práticas pedagógicas territorializadas e resistências político-educacionais, configurando-se como espaço de luta por uma escola comprometida com os sujeitos do campo. Este estudo situa a trajetória institucional do CEIER, o território onde está inserido e sua práxis pedagógica, evidenciando como a escola se afirma diante das disputas entre os projetos de campo: o camponês e o do agronegócio. A análise se apoia em documentos oficiais, registros institucionais, dados estatísticos, produções acadêmicas e vivências do autor como ex-servidor e pesquisador que desenvolveu estudos de mestrado e doutorado sobre a instituição. O texto estrutura-se em três eixos: (1) a constituição histórica do CEIER; (2) o território como categoria relacional; e (3) sua práxis pedagógica, com foco nos temas geradores, nas UDEPs e nas resistências às reformas educacionais. Concluímos que o CEIER sustenta uma pedagogia contra-hegemônica que valoriza o campo como território de vida, memória, saberes e projetos coletivos, contribuindo para o fortalecimento da Educação do Campo.

69



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM PERSPECTIVA TERRITORIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICA

RAQUEL ARRUDA CARVALHO DE OLIVEIRA
LEANDRO BENEDINI BRUSADIN

Resumo:

Este artigo propõe uma discussão teórica no âmbito do estudo da Hospitalidade enquanto um fenômeno relacional e territorializado, entendido como um processo de mediação simbólica entre anfitrião e hóspede, no qual se (re)produzem vínculos sociais e espaciais. A hospitalidade é analisada a partir de suas ambivalências constitutivas, expressas nos mecanismos de abertura e fechamento, que operam diante da chegada do outro. A partir da articulação entre os conceitos de Hospitalidade, Dádiva e Território, busca-se compreender como os códigos e rituais simbólicos que regulam o encontro entre dois atores são construídos e marcados por fronteiras tangíveis e intangíveis. Ao adotar o território como possibilidade epistemológica, este trabalho contribui para o aprofundamento das discussões sobre os sentidos e desdobramentos da Hospitalidade, reforçando sua dimensão política profundamente enraizada nos modos de habitar, organizar e significar o espaço e as relações sociais. Fundamenta-se uma metodologia de revisão teórica ancorada em autores como Mauss, Godbout, Caillé, Derrida, Gotman, Raffestin e Camargo. A análise aborda o território como construção simbólica e relacional, expressa em práticas culturais, rituais e códigos compartilhados pelos membros de uma comunidade. Nesse contexto, entende-se a Hospitalidade como um fenômeno e uma prática cotidiana de caráter processual e contínuo que busca a mediação com a alteridade e o fortalecimento de vínculos interpessoais.

70



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A REPÚBLICA EM CRISE: A REVOLTA TENENTISTA DE 1924 COMO REFLEXO DA INSTABILIDADE OLIGÁRQUICA

RENAN AGUIAR
JOSÉ FABIO RODRIGUES MACIEL

Resumo:

A Primeira República Brasileira (1889–1930) dividiu-se entre a República da Espada (1889–1894), marcada por instabilidade, e a República Oligárquica (1894–1930), sob o predomínio das elites rurais, articuladas pela política do café com leite. Apesar da aparência de estabilidade, a República Oligárquica foi atravessada por revoltas, como Canudos e Chibata, bem como pelo movimento tenentista. A Revolta de 1924, sediada em São Paulo, coração da oligarquia cafeeira, tentou romper com o regime oligárquico e implementar reformas. Nesse contexto, questiona-se como o principal bastião do regime — a oligarquia paulista — tornou-se palco de uma das principais insurreições brasileiras. O presente artigo, com base em revisão bibliográfica, analisa a Revolta de 5 de julho de 1924 como evidência da fragilidade estrutural da República Oligárquica, contrastando com a imagem consolidada pela historiografia tradicional.

71



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

QUANDO A RUA VIRA EXTENSÃO DA IGREJA: FESTAS DOS PADROEIROS JUNINOS E PATRIMÔNIO CULTURAL NA BAIXADA FLUMINENSE

RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA

Resumo:

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa sobre as festas dos santos padroeiros juninos na Baixada Fluminense, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. O estudo concentra-se nas celebrações de Santo Antônio em Duque de Caxias e Nova Iguaçu, e de São João Batista em São João de Meriti. Seu objetivo é compreender como essas festas atuam como expressões de memória coletiva, religiosidade popular e construção simbólica do território urbano. A pesquisa integra um estudo mais amplo, fomentado pelo Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ), e articula os conceitos de memória coletiva (Halbwachs), lugares de memória (Nora) e da abordagem de Pierre Sanchis, que propõe compreender as religiões dos brasileiros a partir das práticas vividas, dos sincretismos e da pluralidade de crenças que marcam o cotidiano da fé no Brasil. Cabe destacar que Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio de Janeiro (Lei nº 10.713/2025) e está em processo de patrimonialização municipal. Enquanto patrimônio imaterial, a festa representa um conjunto de saberes, práticas e rituais transmitidos coletivamente, que constroem sentidos de pertencimento, continuidade e resistência cultural. A frase que dá título a este trabalho – “Quando a rua vira extensão da Igreja” – foi dita em entrevista pelo padre Renato Gentili, então pároco da Catedral de Santo Antônio. A partir dela, o estudo adota uma virada interpretativa: mais do que opor o sagrado ao profano, as festas de rua são compreendidas como prolongamentos da vivência religiosa, ampliando a noção de Igreja para o espaço público e comunitário. Esse recorte revela que, na Baixada Fluminense, as festas juninas são lugares de memória que entrelaçam fé, cultura e pertencimento, afirmando os territórios periféricos como espaços de resistência e criação simbólica.

72



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA REGIONAL: ESTUDO DA ESTRADA UNIÃO E INDÚSTRIA

RICARDO SARTINE FERNANDES DE OLIVEIRA

Resumo:

No ano de 2011, foi comemorado os 150 anos de inauguração da Estrada União e Indústria, as comemorações foram organizadas através de uma Comissão civil-governamental que celebrou no percurso das sete cidades, a partindo de Petrópolis, passando por Areal, Três Rios e Comendador Levy Gasparian no Estado do Rio de Janeiro e atravessando o Rio Paraibuna as cidades de Simão Pereira, Matias Barbosa e chegando no ponto final em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais. Durante os festejos ocorreu diversos trabalhos relacionados a Educação Patrimonial e História Regional. Os relatos da história da Estrada União e Indústria, a primeira rodovia do Brasil, nos faz viajar ao passado no qual se dá a patrimonialização desse bem material e imaterial através do ato simbólico político de inauguração com a presença do Imperador D. Pedro II e o idealizador o Comendador Mariano Procópio, mas todo o coletivo de pessoas que trabalharam na construção desta estrada, que foi considerada como uma obra do futuro que se baseava na experiência e no pioneirismo daqueles que, graças ao espírito empreendedor, são capazes de contribuir para a alavancagem do desenvolvimento da nação. A Estrada União e Indústria se destaca pelo seu brilhantismo, pela sua ousadia e pelo progresso da engenharia. A descrição da estrada para época é surpreendente: são seis metros de largura, valetas laterais de alvenaria, leito ensaibrado e comprimido, cuidadosamente drenada, e marcada por obras-de-arte e amplos raios de curva, tinha um traçado primoroso, permitindo o tráfego de diligências entre Petrópolis e Juiz de Fora a uma velocidade considerada inimaginável para a época de 20km/h. Sua construção exigiu o levantamento de capital em Londres e no Rio de Janeiro, pois a obra, que coroava o brilho administrativo de D. Pedro II, significava muito mais que a simples abertura de uma estrada. Tratava-se, na verdade, de um projeto de modernização do país, o traço de união entre dos polos, irradiadores de progresso: o Rio de Janeiro, capital do Império, e Juiz de Fora, mais tarde denominada Manchester Mineira, alusão a cidade de Manchester, na Inglaterra. Às suas margens e ao longo de seu percurso de 144km tinham dispostas várias estações de mudas de animais, grandes depósitos de café e de mercadorias diversas, fazendo da rodovia um importante eixo de desenvolvimento.

73



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

“LIBERDADE A ELAS”: ALFORRIADAS, BRUXAS E FEITICEIRAS NEGRAS NA LUTA HISTÓRICA POR LIBERDADE EM MINAS GERAIS (SÉCULO XVIII)

ROGÉRIA CRISTINA ALVES

Resumo:

Essa comunicação busca evidenciar a luta histórica de mulheres negras que viveram nas Minas Gerais Setecentista e que buscaram por diferentes formas de liberdade. Para tal, trabalharemos com duas vertentes principais acerca de liberdade: a liberdade econômica e financeira, buscada em especial pelas mulheres africanas e afro-brasileiras que se libertaram da escravidão, as chamadas alforriadas; e a liberdade intelectual/religiosa, também buscada por essas e outras mulheres, que viveram nas Minas Gerais, mas que foram oprimidas pela perseguição religiosa e intelectual, imposta pela ordem colonial, naquela sociedade patriarcal. Nossa premissa principal é que estas mulheres estiveram engajadas de diferentes formas, na busca por liberdade. Neste sentido, acreditamos que se engajaram em diferentes estratégias e formas de luta na busca por autonomia e rompimento com padrões e ordens vigentes. Assim, é também um objetivo geral desta pesquisa, resgatar e dar visibilidade às conquistas e desafios enfrentados por mulheres negras ao longo da história. Contribuímos, também, com os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU (ODS), na medida em que reforçamos a importância de educar as futuras gerações sobre a igualdade de gênero.

74



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ESCRavidÃO, CIDADANIA E A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL OITOCENTISTA

ROSANE DOS SANTOS TORRES

Resumo:

Baseados em diversificada documentação, que reúne documentos iconográficos, jornais e produção legislativa, procuramos perceber, nessa comunicação, o lugar atribuído à educação popular como mecanismo de organização social e progresso do país, nas últimas décadas do século XIX, bem como na superação do racismo, no tempo presente. As análises aqui empreendidas dão ênfase à discussão em torno do tripé “raça, racismo e liberdade”, onde a aquisição de instrução e educação, via escola, passava a ser percebida como um direito a ser conquistado, contrariando a perspectiva de “benesse”, sustentada pelos proprietários. O trabalho discute algumas distinções entre a escravidão antiga e a escravidão moderna; o discurso de valorização da educação como um instrumento de moralização da sociedade; assim como a importância do discurso racial, a partir das defesas de branqueamento da sociedade.

75



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DO NOME À MEMÓRIA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE HISTÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO EM DUQUE DE CAXIAS (RJ)

ROSIANE DA SILVA BACIGALUPO
TAMARA DE SOUZA CAMPOS

Resumo:

Este trabalho propõe uma reflexão crítica, sob um prisma interdisciplinar, acerca da construção de memórias e narrativas em torno da história, cultura e patrimônio no município de Duque de Caxias (RJ). O estudo do patrimônio cultural na cidade pode começar pela análise de seu próprio nome. Emancipada de Nova Iguaçu em 1943, a escolha de “Duque de Caxias” como nome do novo município vai além da simples homenagem ao patrono do Exército Brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva, o chamado “Pacificador”, nascido na região em 1803 e notório por reprimir levantes populares e consolidar o poder imperial por meio da força militar. Partir do nome da cidade como objeto de análise permite revelar como os discursos patrimoniais estão profundamente enraizados em projetos políticos de memória e (re)produção simbólica. Essa escolha simbólica e política legitima determinadas narrativas e silencia outras, contribuindo para a construção de uma memória oficial que valoriza figuras associadas à ordem e à autoridade, ao mesmo tempo em que invisibiliza saberes e experiências de grupos historicamente marginalizados. A metodologia baseia-se na articulação de fontes institucionais e midiáticas com o objetivo de compreender como o patrimônio cultural é concebido, valorizado e divulgado no município de Duque de Caxias (RJ), bem como tensionar os discursos que legitimam determinadas expressões culturais em detrimento de outras. Inicialmente, foi realizada a análise do Plano Municipal de Cultura de Duque de Caxias (Lei nº 2.745, de 10 de novembro de 2015), documento que orienta as diretrizes da política cultural do município. Em paralelo, analisou-se o Plano Diretor Municipal, com especial atenção ao Capítulo VI – Da Política de Patrimônio Histórico, Arqueológico e Etnográfico, que explicita, entre outras demandas, o dever do poder público em zelar pelos equipamentos culturais já estabelecidos, como o Complexo Cultural Oscar Niemeyer, a Biblioteca Governador Leonel de Moura Brizola e o Teatro Municipal Raul Cortez. Ambos os documentos evidenciam o compromisso com a democratização do acesso aos bens culturais públicos, embora apresentem certa limitação na incorporação de expressões culturais não institucionalizadas ou não vinculadas à tradição erudita.

76



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HISTÓRIA E PEDAGOGIA NO UNIVERSO ESCOLAR: A INTERDISCIPLINARIDADE NECESSÁRIA AO ENSINO DO SÉCULO XXI

TATHIANNI CRISTINI DA SILVA
SIRLEI IVO LEITE ZOCCAL

Resumo:

Este trabalho apresenta e discute práticas desenvolvidas na Educação Básica por um grupo formado por professores do ensino superior e da educação básica, estudantes universitários e da educação básica pensando o ensino de modo interdisciplinar, entre História e Pedagogia. Para tanto, foram desenvolvidas atividades do estudo do meio na Baixada Santista/SP-Brasil, que congregassem os dois cursos, educandos e educadores que trabalhassem de forma conjunta para uma compreensão diferenciada do trabalho dos participantes e das possibilidades de diálogo existentes. A ideia central no caso do trabalho dos futuros historiadores foi tornar a História algo vivo e cotidiano aos demais colegas, que infelizmente em sua ampla maioria tiveram aulas factuais e possuem certa resistência ao componente escolar como algo inerte e pouco representativo de suas práticas. As discussões são permeadas por autores como Ceri (2012), Ferreira e Oliveira (2019) e Barros (2019) quando discutem consciência histórica e os usos da História no ambiente escolar; Freire (1982) com a Pedagogia centrada na leitura de mundo; Fazenda (2017) e Morin (2011) para pensar a interdisciplinaridade tão necessária ao ensino do século XXI.

77



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O FENÔMENO DA “RECOLONIZAÇÃO REVERSA”: UMA ANÁLISE JURÍDICA DAS DINÂMICAS CULTURAIS E MIGRATÓRIAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL A PARTIR DE 2020

TATHYANE ALVES DOS SANTOS
SUELI SIQUEIRA

Resumo:

A migração massiva de brasileiros para Portugal e a crescente influência cultural brasileira no país europeu geraram a expressão "recolonização reversa" nas mídias sociais. Embora incipiente academicamente, esse conceito satírico reflete as complexas dinâmicas culturais, sociais e migratórias que alteram a percepção de poder entre as nações. Este estudo, de abordagem qualitativa, exploratório-descritiva, com base em pesquisa bibliográfica e documental, analisa os desafios e implicações jurídicas dessas dinâmicas pós-2020 sob a lente da "recolonização reversa". O Itamaraty confirma que a nacionalidade brasileira permanece como a principal comunidade estrangeira em Portugal. Essa relação migratória é ímpar, moldada por legislações e acordos bilaterais específicos que não se aplicam a outros países. Contudo, as recentes alterações na legislação portuguesa nos últimos anos chocam-se com o histórico arcabouço jurídico privilegiado entre essas nações. A burocratização na regularização migratória e o ambiente mais hostil aos imigrantes, com crescentes alertas de xenofobia e preconceito afetam diretamente os brasileiros. Nesse sentido, conclui-se que a intensificação dessas dinâmicas, vista como "recolonização reversa", criou desafios jurídicos significativos e lacunas normativas em ambos os sistemas legais. Isso, por sua vez, ergue barreiras à proteção dos direitos dos migrantes brasileiros, demandando readequação de políticas e instrumentos jurídicos.

78



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ENTRE A ESPADA E A SERPENTE: FÉ, SÍMBOLO E NARRATIVA NA PEREGRINAÇÃO DE JOÃO LUIZ POZZOBON

TATIANA GODINHO MARTINS
MARTA ROSA BORIN

Resumo:

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, vinculada à Linha de Pesquisa História, Migração e Trabalho. A pesquisa analisa os quadros produzidos por João Luiz Pozzobon, pai de família, católico cujo processo de canonização está em andamento em Roma. Os quadros podem ser considerados relatórios anuais de suas atividades religiosas. Nesta comunicação, propomos a leitura do quadro “O Grande Sábio”, elaborado em 1965 como relatório visual dos 15 anos da Campanha do Terço, oração a qual ele se dedicou por 35 anos. Os elementos simbólicos da composição deste quadro relacionam-se diretamente com suas vivências religiosas ao longo da sua peregrinação. Utilizamos esse quadro como fonte histórica e expressão iconográfica para interpretar os sentidos narrativos e simbólicos nele presentes. Assim, através destes relatórios podemos compreender aspectos do contexto sociocultural da igreja católica de Santa Maria/RS, entre 1950 e 1965, considerando como as experiências de um sujeito religioso permitem acessar dimensões mais amplas da cultura, da história local e das transformações no campo religioso.

79



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HUMANIDADE À BEIRA DO ABISMO: RESSONÂNCIAS DO CICLO DE COLÓQUIOS INTERNACIONAIS DO MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB (2024-2026)

TAYARA BARRETO DE SOUZA CELESTINO

Resumo:

Espaço museal referendado na comunidade baiana, nordestina, sertaneja e do povo conquistense, o Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) mantém agenda bienal de colóquios nacionais e internacionais, cujas ressonâncias se mantêm grafadas por processos de musealização em seu endereço fixo, localizado na cidade de Vitória da Conquista/BA/BRA. O último ciclo inaugurado em 2024 e mantido por exposição aberta ao público, com acesso livre e gratuito estendendo-se até 2026, coloca no centro do debate pedagógico a hora da humanidade, isto é, a demarcação do relógio dos tempos, uma referência que aproxima a proposta museal com a leitura dos tempos de Norberto Bobbio em “A era dos direitos” (2004), quando o critério do respeito ou desrespeito aos direitos humanos foi considerado o demarcador do futuro da humanidade. Com uma exposição permanente à margem direita da entrada de cada visitante contando a história da educação em Vitória da Conquista/BA liderada no decorrer do século XX pelo Padre Palmeira, a margem esquerda do espaço museal mantém um corredor alertando para as recentes ameaças à democracia brasileira, seguido de entradas em ambientes que reluzem o jornalismo local, as suturas nas memórias de povos conquistados na América Latina, finalizando com um ambiente que sugere um momento pós-apocalíptico mediante uma instalação artística que toca na possibilidade do abismo com a quebra dos laços que ainda unem a experiência humana no planeta terra.

80



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O MUSEU COMO ESPAÇO DE DISPUTA: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE O VITRAL “EPOPEIA DOS BANDEIRANTES” NO MUSEU DO CAFÉ

THAYNARA FONSECA PEREZ

Resumo:

Este trabalho propõe uma análise crítica do vitral “Epopeia dos Bandeirantes”, presente no Museu do Café (Santos-SP), sob a perspectiva decolonial. A obra enaltece os bandeirantes, enquanto silencia ou estereotipa sujeitos indígenas e afrodescendentes, perpetuando uma narrativa eurocentrada. A questão central que orienta esta pesquisa é: Como os educadores do Museu do Café podem abordar criticamente o vitral em ações educativas com escolas e famílias, promovendo uma leitura histórica mais plural e inclusiva? O objetivo geral é analisar como as práticas educativas podem tensionar as representações históricas hegemônicas no espaço museal. Os objetivos específicos são: (1) investigar os sentidos simbólicos presentes no vitral e seu papel na construção da memória coletiva; e (2) propor estratégias pedagógicas que favoreçam o reconhecimento da diversidade cultural e histórica do Brasil. Este estudo articula-se ao eixo “Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade”, valorizando o museu como espaço político e formativo. O referencial teórico apoia-se em autores como Walter Mignolo, que discute a colonialidade do saber, e Nilma Lino Gomes, que reforça a importância da educação das relações étnico-raciais. O estudo reconhece os museus como espaços educativos e políticos, que podem questionar narrativas únicas e abrir caminho para múltiplas vozes e memórias. Busca-se fortalecer práticas pedagógicas que estimulem o pensamento crítico e valorizem a diversidade.

81



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A HISTÓRIA, CULTURA E A INTERDISCIPLINARIDADE NO DESIGN DO LIVRO NO INÍCIO DO SÉC. XXI

VAGNER BASQUEROTO MARTINS

Resumo:

No início do Séc. XXI, o design editorial mudou significativamente quando história, cultura e a interdisciplinaridade são conectados. O progresso tecnológico e cultural influenciou o design de livros, desenvolvendo um diálogo dinâmico entre a tradição e tecnologias. A proposta deste artigo é explorar, onde o design editorial contemporâneo se encontra, bem como as futuras direções. Com base na teoria de Reinhard Koselleck do "espaço da experiência" e do "horizonte de expectativas", este trabalho examina como os padrões históricos na prática de design e como as narrativas culturais moldam as tendências tipográficas visuais atuais, conectando o passado com o futuro. É possível ver que o design como um meio entre o passado e o futuro baseia-se no "espaço da experiência", que foi formado por percepções históricas acumuladas e pelo "horizonte de expectativa", orientado para o que irá acontecer. Uma diretriz semelhante sugere considerar como as experiências culturais passadas afetam as expectativas dos leitores e designers contemporâneos. Essas ideias para o design editorial podem ser vistas em estudos de Lupton (2014) e Heller (2019), os quais sugerem que esses conceitos são essenciais para criar experiências de leitura impactantes para leitores globais. Assim, o artigo visa oferecer novas visões e ideias sobre o design de livros em um mundo em rápida mudança.

82



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A CONTINUIDADE DO LEGADO DE MESTRE PRUDÊNCIO NA BANDA DE CONGO RESGATE CULTURAL DE BOA VISTA, CARIACICA/ES, BRASIL

VINICIUS DE AGUIAR CALOTTI

Resumo:

Prudêncio da Conceição Nascimento, nascido em Boa Vista, Cariacica/ES, Brasil, foi uma das personagens mais importantes da identidade, história, memória social, folclore e tradição cultural de Cariacica. Descendente de escravizados, o afamado mestre reconhecido por seu notório saber popular foi considerado o “Mestre dos Mestres Prudêncio das Bandas de Congo de Cariacica” pela Prefeitura (2019), uma vez ser um dos maiores organizadores do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D’Água, um festejo em homenagem à Nossa Senhora da Penha, Padroeira do Estado do Espírito Santo, que existe na circunregião desde meados do século XIX, chegando a aglutinar 40.000 pessoas, após a instalação dos escravizados remanescentes da repressão à Insurreição de Queimado (1849) em quilombos no entorno do monte Mochuara. Mestre Prudêncio fomentou o Conselho das Bandas de Congo do município (1984), registrou a Unidos de Boa Vista (1954) e coordenou bandas por 16 anos, inclusive a mirim local. Também fundou as bandas da APAE de Cariacica e a Cia Cumby (1990). Mestre Prudêncio e os congueiros de Cariacica levaram as suas histórias para além do município, do estado e do país. Aos poucos, o seu legado retorna à cena, por meio da Banda Regaste Cultural, formada pelos filhos e netos dessa ilustre personagem folclórica. A fim de conhecer essas histórias, utilizamos a pesquisa etnográfica com observação participante no Terreirão da Cia Cumby, utilizando o método da história de vida na condução de entrevistas.

83



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A LITERATURA REGIONALISTA: OS ATOS PUNITIVOS E DE CONTROLE DOS SENHORES DE ENGENHO

WANDERLEI PORTO DO NASCIMENTO AGUIAR

Resumo:

O presente estudo tem como fundamentação teórica Bourdieu (1989), o trabalho se apoia nos conceitos de poder simbólico e violência simbólica, mostrando como sistemas simbólicos mantêm e reforçam estruturas de dominação. A metodologia utilizada é uma revisão narrativa, focando nas reflexões amplas e subjetivas com seleção de obras baseada na percepção do autor. Para a realização da pesquisa estamos utilizando algumas obras de destaque que são: “A Bagaceira” (1928) – José Américo de Almeida. A obra aborda seca, migração forçada, desigualdade social e conflito entre modernidade e tradição. Retrata o sofrimento dos sertanejos e as tensões entre o litoral urbano e o interior rural. Denuncia a opressão dos latifundiários. “Menino de Engenho” (1932) – José Lins do Rego. Descreve o cotidiano nos engenhos de açúcar, com destaque para desigualdade, opressão e mudanças socioeconômicas. “Vidas Secas” (1938) – Graciliano Ramos. Retrata a luta pela sobrevivência no sertão, a desumanização causada pela miséria e o isolamento dos personagens. Denuncia injustiça social e revela o silêncio da natureza frente ao sofrimento humano. Sobre a violência e as punições nos engenhos, apontamos que apesar da abolição oficial da escravidão, continuam práticas de tortura e castigo físico e psicológico sobre os trabalhadores rurais. A literatura regionalista funciona como espelho da realidade, revelando as formas brutais de dominação e exploração mantidas por elites agrárias. Sobre as reflexões e relevância contemporânea, o estudo propõe que a literatura vai além da estética: ela desperta memórias coletivas e denuncia desigualdades históricas. Estimula uma análise crítica das estruturas sociais que ainda perpetuam injustiça. Funciona como convite à transformação social — um chamado à ação por um futuro mais justo.

84



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

PATRIMÔNIOS CULTURAIS EM LUGARES DE LÍNGUA PORTUGUESA

YUSSEF CAMPOS

Resumo:

A pandemia da covid 19, nos anos de 2020 e 2021, radicalizou, de maneira indelével, o uso da internet como meio de realização de eventos acadêmicos, entre outros tipos de eventos. À frente da organização do colóquio Patrimônios Culturais em Países de Língua Portuguesa, oferecido pelo Centro Cultural Brasil-Angola, da Embaixada do Brasil em Angola, durante a pandemia, pudemos viver uma experiência única com esse cenário de adesão geral à internet. Reunimos, sincronicamente, em duas mesas de debate, pesquisadoras e pesquisadores que trabalham com o patrimônio e que são provenientes de lugares que adotam o português como uma de suas línguas oficiais, estando, cada um deles, em seus respectivos países. A partir dessa experiência, organizamos o livro "Patrimônios culturais em lugares de língua portuguesa", editado pela Cegraf-UFG, sobre o qual pretendemos tratar nesse evento.

O colóquio atuou como ambiente democrático onde indivíduos silenciados por governos autoritários e por crises políticas usaram seus momentos de fala como meio de denúncia e notificação dos fatos ocorridos em seus países. Pedro Leyva, por exemplo, que se encontra radicado no Brasil, pôde expressar sua fala engajada sobre os problemas da Guiné Equatorial, governada há quatro décadas pelo ditador Teodoro Obiang Nguema. Laurentina Belo demonstrou que o Timor Leste vive uma crise patente, padecendo dos efeitos de uma batalha de décadas pela independência diante da ocupação indonésia.

85



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

UM MODERNO NA PAULICEIA (1922-1945)

YVONE DIAS AVELINO

Resumo:

A nossa proposta nesta singela comunicação é refletir sobre o personagem Mário de Andrade e os cruzamentos culturais da sua vida, infelizmente curta, com a cidade de São Paulo onde nasceu, onde desenvolveu ideias culturais, estabeleceu contatos sociais e produziu muito. Nesta cidade que este intelectual tanto amou desenrolaram-se muitas tramas políticas culturais, sociais, econômicas e religiosas que ele próprio ajudou a construir com suas ideias, ações e participações dinâmicas. Ao estabelecer uma conexão entre o personagem e a cidade estaremos abrindo nexos de análise de um tempo significativo para a construção da urbe e de Mário de Andrade um dos artífices, entre outros, da Semana de Arte Moderna em São Paulo (1922) e intenso colaborador das principais Revistas e de outros eventos significativos na sua fase mais polêmica.

86



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3

TEXTOS COMPLETOS



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

UMA HISTÓRIA DE SILÊNCIO E LUTA: O LEGADO DAS MULHERES DE CONFORTO (COREIA, 1939-1945)

Isabella Mendonça de Aragão¹

Tathianni Cristini da Silva²

O termo mulheres de conforto encontra-se como uma tradução em inglês *comfort women* do termo em japonês *ianfu*, que traz em sua tradução literal o propósito dessas mulheres de trazerem conforto ou consolo as tropas japonesas. Estima-se que cerca de 50.000 a 200.000 tenham servido como mulheres de conforto, em sua maioria mulheres de nacionalidade coreana, durante todo o período de 1939-1945. Esse acontecimento é visto no presente artigo, a partir do aspecto histórico e cultural, analisando que a estrutura dessa violência está baseada no patriarcado, colonialismo e o capitalismo imperialista.

Essas mulheres coreanas em sua maioria, eram de famílias pobres, sendo assim o alvo dos recrutadores que as aliciavam com falsas promessas de emprego e estudo, pois sabiam que elas aceitariam qualquer trabalho sem questionar afinal precisavam ajudar suas famílias e ao serem levadas, sua perda havia sido justificada. Segundo Soh (2008), esse sistema possuía uma estrutura de violência, percebida na economia, política e cultura, resultando na desigualdade de gênero, classe e etnia, da Península coreana e de seu invasor o Império japonês causando um desequilíbrio de poder.

A solidificação do sistema de conforto pelo governo japonês, apresenta o caráter violento e misógino nos soldados japoneses, ajudando a normalizar a exploração sexual das mulheres colonizadas e as violências repetidas contra elas nas estações de conforto. A escravidão sexual militar japonesa demorou a ser reconhecida como crime de guerra, sendo até os dias atuais, um pedido das mulheres de conforto de reconhecimento do governo japonês pelos crimes cometidos.

No entanto, devido a base da sociedade coreana ser patriarcal muitas dessas mulheres ao tentarem retornar às suas famílias após a derrota do Japão (1945) na Segunda Guerra Mundial, eram ridicularizadas e abandonadas por suas famílias consideradas uma desonra a toda a nação, afinal haviam perdido o bem mais precioso de uma mulher que era a virgindade

88

¹ Graduada em Licenciatura em História na Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES); isaaragao993@gmail.com.

² Professora Doutora no curso de Licenciatura em História na Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES); tathianni@gmail.com



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

e castidade, sendo melhor a morte do que isso. Dois estudos de caso serão apresentados, explicando detalhadamente o que essas mulheres passaram, auxiliando na compreensão dos estudos teóricos, com as experiências de violência vividas na prática. As mulheres de conforto não foram apenas vítimas do governo japonês, que lucrou com o domínio e exploração de seus corpos, mas também das atitudes de suas famílias, bem como, do próprio governo coreano que não lutou por justiça e retratação do governo japonês, levando a 46 anos de silenciamento de todas essas mulheres, obrigadas a passar pelo sofrimento físico, mental e emocional totalmente sozinhas.

Dessa forma, compreender as formas de silenciamento sofridas por essas mulheres e as formas de resistência encontradas é essencial para manter sua memória viva em uma sociedade que tenta a todo custo apagá-la para o progresso da nação. Entende-se que a memória é o fator principal para a manutenção da história das mulheres de conforto, servindo como um legado passado de geração em geração mantendo essas mulheres vivas e escritas na história, lugar em que em sua maioria estão apenas as narrativas históricas de homens.

Os autores discutidos incluem ASSMANN (2011), discutindo a memória como base de poder e formação de identidade, porém apontando o esquecimento proposital das mulheres na história e memória, AZENHA (2017) relata a importância dos movimentos feministas na resistência ao apagamento histórico dessas mulheres, CHANG (1997), analisa como a violência presente no exército japonês não foi um caso isolado, mas uma construção vinda da base educacional, FEDERICI (2023), explica que o ciclo de violência presente no capitalismo permanece para sua própria perpetuação como sistema. A opção por trabalhar majoritariamente com autoras mulheres partiu de um posicionamento crítico dentro da epistemologia feminista e decolonial, visando romper com a predominância de vozes masculinas na produção acadêmica sobre memória, guerra e colonialismo.

A invasão japonesa

A ocupação japonesa foi crescendo pelo território coreano, até culminar na anexação oficial da Península coreana ao Império japonês em 1910, tornando-se um governo com base militar para manter a ordem, o controle da região e do povo coreano que começava a mostrar descontentamento com esse processo de colonização formando resistências (SEO, 2005, p.105). Dessa forma, o Japão assume o controle de todo o sistema coreano, incluindo, a educação, sendo obrigatório o uso da língua japonesa no ambiente escolar. Assim, é possível

89



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

compreender a evolução de um processo violento de imposição colonial, no qual, as tradições e cultura local sofrem uma tentativa de apagamento por meio da incorporação obrigatória da cultura de caráter colonial, sendo proibido o uso de vestimentas tradicionais coreanas e adoção de nomes japoneses, bem como, a obrigatoriedade do idioma da metrópole.

Esse momento vem acompanhado de uma forte militarização do exército imperial japonês que passa a se modernizar e ter em sua estrutura um processo de doutrinação dos soldados, buscando e incutindo valores ultranacionalistas, patrióticos, xenofóbicos e de glorificação do exército, exigindo submissão, obediência e disciplina aos seus superiores (SANTOS, 2022, p.30). Essa doutrinação molda os soldados desse exército, que são expostos em sua base escolar à valores acima de tudo a autoridade daqueles considerados superiores, e sempre ao Imperador. Dessa forma, os meninos deveriam ser disciplinados sendo comum sofrerem castigos físicos de seus professores, como: socos, ficarem descalços na neve e segurar objetos pesados por um longo tempo (CHANG, 1997, p.43).

Massacre de Nanquim

90

Em 1937 o Japão entra em conflito direto com a China, invadindo e ocupando o território com um rastro significativo de violência com soldados chineses e civis. Um exemplo desse comportamento foi a invasão à cidade de Nanquim em 13 de dezembro de 1937, no qual as estimativas apontam que cerca de 260.000 civis morreram nas mãos do exército japonês entre final de 1937 e início de 1938, sendo registrado como o Massacre de Nanquim. (CHANG, 1997, p. 15)

Outra forma de ataque foram os estupros cometidos pelos soldados japoneses contra as mulheres chinesas, segundo Chang (2008), 20 000 - 80 000 mulheres foram violentadas, não havendo limite de idade. Os estupros eram cometidos muitas vezes em público, sendo em frente a conhecidos ou parentes das vítimas e com tamanha brutalidade que muitas dessas mulheres após a violência sexual sofriam mutilações nos seios e em sua maioria eram mortas esquartejadas. O estupro coletivo era o mais comum nesses casos, tornando essas mulheres como objetos e as subjugando, baseados na misoginia, xenofobia e o propósito supremo de dizimar seu inimigo em nome do “bem” comum.

O estupro foi usado como uma arma ou tática de guerra, sendo uma política que traça como objetivo causar a destruição, sofrimento e a humilhação da vítima, de seus familiares e de toda a sociedade, principalmente em uma sociedade marcada pela importância da moralidade nos corpos femininos por meio da castidade. Dessa forma, pode ser caracterizada como uma forma social de poder e hierarquia como uma política de agressão (MOURA, 2015, p. 54 - 55).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A agressividade desses crimes em Nanquim foi tamanha, levando a reconhecimento e críticas pela comunidade internacional dessas atrocidades de tal forma que o Imperador japonês protegendo seu exército dessa condenação, bem como de doenças venéreas que estavam rapidamente se propagando decide instituir de forma legal o Sistema de Conforto.

Sistema de conforto

Após a violência cometida pelo exército imperial ao longo do massacre de Nanquim, mesmo com visibilidade internacional, não houve nenhum julgamento, como consequência, esses homens se organizam criando um sistema de escravização sexual, que mais uma vez lhes favorece e perpetua sua brutalidade e violência. Assim, com o objetivo de prevenir doenças venéreas, o médico japonês Aso Tetsuo (1939) propõe em um relatório ao governo o recrutamento de mulheres coreanas para servirem sexualmente os militares (AZENHA, 2017, p.23).

A partir dessa escravização nasce o termo Mulheres de Conforto, que traz em sua base o patriarcado possuindo uma cultura da sexualidade masculina, em que o homem biologicamente tem desejos, necessidades e impulsos sexuais incontroláveis, por isso é preciso que tenha facilmente acesso ao corpo feminino. Assim, em tempos de guerra para evitar estupros em massa como no caso de Nanquim, o Governo japonês preferiu criar o Sistema de Conforto, no qual consistia em casas administradas por civis japoneses ou coreanos regulados pelo governo, para o uso exclusivo dos militares japoneses.

A escolha específica dessas mulheres se dá ao fato de que o Império japonês tinha em sua base o fascismo, racismo, colonialismo e sexismo, observado na forma em que essas mulheres eram vistas, afinal eram consideradas um “presente” do Imperador, visto como divino, aos seus grandes guerreiros que sacrificavam suas vidas por ele. Dessa forma, essas mulheres eram alojadas em casas de conforto, que possuíam esse nome, pois tinham como objetivo prover um rápido serviço sexual que traria conforto e consolo a esses jovens guerreiros (SOH, 2008, p.31). É importante analisar também a visão colonialista presente nesses homens, em que essas mulheres pertenciam ao Imperador, não apenas por serem mulheres, mais que isso, elas eram parte de um território ocupado pelo Japão, logo seus corpos eram a extensão desse território invadido, violado e desrespeitado.

Com a propaganda de acesso à trabalho fora de suas localidades, muitas mulheres acreditavam nas oportunidades de emprego em fábricas do Império oferecidas por traficantes de pessoas que em sua maioria eram do exército japonês, porém também havia coreanos que trabalhavam em agências do governo ludibriando essas mulheres por meio

91



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

dessa falsa promessa. Dessa forma, elas tornam-se alvos fáceis por sua condição de vulnerabilidade raptadas por meio de coerção psicológica e física, sendo levadas para as Estações de conforto, na qual, eram submetidas a repetidos e cruéis estupros, usadas como escravas sexuais do exército com o objetivo de satisfazer os militares que estavam guerreando, auxiliando no seu bem-estar diante de um momento de tensão, mas também serviam em campos de trabalho forçado, estando diretamente ligadas com a economia japonesa no momento de guerra. (AZENHA, 2017, p. 25-26)

Um exemplo claro do trabalho desses recrutadores está no relato de Mun P'il-gi (1925), ela recorda que durante sua infância tinha um grande desejo de estudar e ir para a escola, no entanto, seu pai era veementemente contra, dizendo que mulheres estudadas se tornavam manipuladoras e ardilosas. Ao completar 9 anos sua mãe a matriculou secretamente na escola, quando seu pai descobriu queimou todos os seus livros e a agrediu fisicamente repetidamente. Assim, Mun P'il-gi abandonou os estudos, obrigada a trabalhar com as tarefas de casa e da plantação de sua família.

Em 1943, aos 18 anos, um homem que vivia na sua vila e trabalhava como agente para o governo japonês a abordou e disse que conhecia um lugar onde ela poderia ganhar dinheiro e estudar. Preenchida pelo desejo de estudar, ela decide seguir esse homem sem avisar os pais, com medo de novamente ser agredida, então o homem a leva para um lugar deserto com um caminhão estacionado e um policial japonês ao lado. Ela seguiu sozinha com o policial e no dia seguinte foi colocada em um trem junto com outras mulheres em direção a Manchúria para servir como uma mulher de conforto (SOH, 2008, p. 82-83).

Nesse caso específico, enxerga-se a base patriarcal que reduz essas mulheres a objetos de seu domínio, no qual é possível observar que suas famílias não tinham problemas financeiros, porém os homens como pai, proibiam as meninas de irem à escola afinal para que serviria estudo se eram apenas mulheres. Tal fato colaborou na vontade de busca por independência, os recrutadores aproveitaram para enganá-las com promessas não só de trabalho, como também de estudo. Em um contexto familiar marcado pelo patriarcado, em que a mulher deveria obedecer de três modos: ao pai como filha, ao marido como esposa e ao filho como viúva. Perpassando essa lógica de submissão por toda a sua vida.

Seguindo essa lógica, percebe-se o corpo é uma poderosa máquina, sendo considerado um meio de produção para o Estado, dessa forma tornando-se a principal pauta das políticas sociais governamentais. Assim, o corpo torna-se fundamental para a manutenção do Estado, do capitalismo e do patriarcado. Segundo Federici (2023):



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nessa linha, Calibã e a Bruxa mostra que, na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. (FEDERICI, 2023, p.42)

Esse aspecto pode ser observado, na forma, como o corpo das mulheres de conforto foi continuamente explorado e violentado pelo governo japonês, como perpetuação de sua hegemonia colonial, usado para manter o exército focado na expansão imperial. Seus corpos foram apropriados por toda essa camada hierárquica, com o objetivo de perpetuação do crescimento da metrópole e demonstração do poderio racial e de gênero. Dessa maneira, como aconteceu com Mun P'il-gi, seu corpo era de controle do seu pai, detentor do poder de decidir quais lugares sua filha iria ocupar e como ela deveria se portar, sempre possuindo como base seu gênero. Ao ser raptada, seu corpo passou a ser de forma institucional controlado pelo Estado, servindo outros homens, novamente sem poder de escolha algum, estando nas mãos desses soldados, sua vida. Segato diz:

A agressão contra os corpos das mulheres era uma declaração de masculinidade diante do mundo; uma forma expressiva, não instrumental de violência; que essa declaração era apenas uma obediência a um mandato que o grupo estabelecia a cada um de seus membros: o da masculinidade. (2022, p.92)

A sexualidade e o desejo feminino passam a ser violentamente reprimidos a serviço da ordem econômica do Estado, sendo necessário a essas mulheres servirem as necessidades sexuais dos homens. Porém, esse contexto aplica-se às mulheres colonizadas de classe baixa, diferente das mulheres de elite e das japonesas, que seguindo a ideologia patriarcal, deveriam ter sua sexualidade dócil³, tendo como único objetivo a procriação, que por sua vez atende sua nação pela prosperidade do Império, como base da estabilidade política, social e moral. Outro exemplo a ser estudado é de Ok-sun Lee (1927 - 2025), nascida em Busan na Península coreana. Sua família era composta por sua mãe, seu pai e mais três irmãos, todos dependiam do trabalho de seu pai para ter o sustento, dessa forma, ele aceitava qualquer serviço disponível trabalhando em fazendas, consertando sapatos, como servente e muitos outros. Um dia, trabalhando no porto de Busan, ele caiu e machucou as costas, não conseguindo

³ Essa sexualidade acompanhada da domesticidade, com um papel de gênero marcado e reforçado, na figura da mulher com vocação para ser mãe, criada por Deus para cumprir seu único objetivo na terra. Dessa forma, essa ideologia foi essencial para a reprodução da força de trabalho inserida no capitalismo, sendo nesse caso específico, fonte geradora de soldados e trabalhadores forçados.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

mais trabalho e piorando ainda mais a situação financeira da família. Passavam fome por dias, e o pouco que tinham conseguiam de vizinhos e de alimentos ou bebidas que sua mãe vendia nas ruas, também trabalhando na casa de outros e costurando. E mesmo com todas essas dificuldades, o sonho de Ok-sun Lee permanecia o mesmo: ir para a escola.

Aos 14 anos Ok-sun Lee foi adotada, por um casal coreano donos de um restaurante, com a promessa de que lá ela não passaria fome e poderia frequentar a escola, pois sua família não possuía condições financeiras para mantê-la em casa, sendo um gasto menor e acreditando que ela teria uma vida melhor. Uma realidade impossível de ser alcançada se estivesse com sua família, no entanto, tudo não passava de mentira. Sua vida se resumia a trabalhar sem descanso, por longos períodos no restaurante do casal, forçada uma única vez a entrar em um quarto escuro no restaurante e servir bebida alcoólica a um homem, esse convite significava que no momento que oferecesse a bebida era um sinal de que estaria disponível sexualmente a este homem, assim, com medo do que o homem faria recusou-se a cuidar desse cliente. Então, foi vendida a um bar em outra localidade trabalhando como ajudante de cozinha.

Sua nova patroa pediu para buscar utensílios na casa de seu cunhado e durante esse trajeto Ok-sun Lee foi raptada por dois homens coreanos que a levaram a um caminhão com mais quatro garotas. Levando-as a uma estação de trem, na qual, encontraram soldados japoneses que fizeram essa locomoção. Em 1942, aos 15 anos Ok-sun Lee chega à China, em uma Estação de conforto que também possuía um campo de trabalho forçado. Dessa forma, ela e mais outras meninas serviam sexualmente aos soldados, bem como, realizavam trabalhos pesados no campo em troca de comida.

Ok-Sun Lee foi estuprada pela primeira vez na frente de suas amigas e colegas de quarto. De acordo com Geundry-Kim (2020, p. 207) “As mulheres têm uma coisa chamada hímen. Quando se perde isso, sem nem ter casado ou conhecido o marido, é horrível”. A cultura da pureza e da virgindade antes do casamento estavam intrínsecas na mente dessas mulheres outra razão para a dor que sentiam além do estupro em si. O sentimento de vergonha e nojo, juntamente com o medo de não serem mais aceitas por suas famílias e não conseguirem um marido. E muito desse pensamento estava enraizado na ideologia neo-confucionista⁴ que reforçava os papéis de gênero, destacando a importância da submissão feminina, castidade e lealdade perante todos os homens presentes em suas vidas. Sua única missão de vida estava diretamente ligada ao casamento e a fertilidade para a produção de descendentes homens.

⁴ Essa ideologia foi incorporada ao Estado coreano na dinastia Joseon (1392 - 1910), seguindo os três principais fundamentos: a lealdade do sujeito ao líder; adoração dos filhos aos pais e ancestrais; a dedicação da mulher ao marido e sua família. Dessa forma, o neo-confucionismo via a mulher como inferior ao homem devendo ser submissa a ele, com essa atitude mantendo o funcionamento da sociedade.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Portanto, a castidade era a característica mais importante de uma mulher coreana, vista como mais valiosa que sua própria vida. Por esse motivo, essas mulheres preferiam a morte, a ter de voltar para as suas famílias quando consideradas desonradas. Essas mulheres sofreram inúmeras e repetidas violências, foram retiradas de suas famílias, de seu país, de sua cultura, de sua língua. Tiveram seu corpo explorado e usado, perderam sua cidadania e muitas o direito de voltar para casa, por vezes por conta do sistema misógino em que sabiam que não seriam aceitas pela família por não serem mais virgens, ou por conta das guerras que se sucederam, como a guerra das Coreias (1950 - 1953) que dividiu o território e diversas mulheres de conforto norte-coreanas nunca mais viram seus parentes.

Após 1 ano servindo como mulher de conforto Ok-sun Lee é exposta a sífilis, uma doença sexualmente transmissível, e explica como foi o processo feito pela Casa de conforto. Segundo Gendry-Kim:

Mas, mesmo depois de dois meses, eu não melhorava. O dono da casa deve ter ficado desesperado porque eu fiquei parada, sem poder gerar receita e conseguiu mercúrio em algum lugar. Ele disse que tinha obtido com o médico militar, que o instruiu para que eu colocasse num saco de papel pequeno, fervesse e me expusesse ao vapor. Ele me fez cobrir o rosto, tirar a roupa, me agachar em cima do papel com o mercúrio líquido fervendo e me expor ao vapor. No fim, a doença foi curada, mas por causa disso eu nunca pude ter filhos. (GEUNDRY-KIM, 2020, p. 265)

95

Assim, livre da doença Ok-sun Lee poderia voltar a sua rotina de servidão sendo violentada por 30 a 40 soldados por dia, sem hora marcada seguindo apenas a rotina e cronograma desses homens. Agressões físicas eram comuns por parte dos donos e soldados, tanto que Ok-Sun Lee sofreu diversos ataques perdendo a audição de um ouvido e não obteve acesso a nenhum tratamento, pois a prioridade na questão da saúde eram apenas as doenças sexualmente transmissíveis, afinal o corpo dessas mulheres era a extensão do prazer dos soldados. Nesse sentido, o abuso sexual expressava a soberania e autoridade presente no grupo invasor, desse modo, o patriarcado trouxe na guerra o feminino, colocando as mulheres no centro desse processo, revelando sua importância.

Em 1945, após os bombardeios nucleares por parte dos Estados Unidos da América em Hiroshima e Nagasaki, o Japão assinou sua rendição libertando por sua vez suas colônias. Com a invasão das tropas norte-americanas, o medo do governo japonês de ter seus crimes descobertos aumenta, dessa forma, descartam as mulheres que viviam nas estações de conforto de diversas formas. Muitas foram assassinadas, ou como no caso de Ok-Sun Lee abandonadas pelos donos das Casas de conforto, sem ter consciência de que estavam livres,





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sem terem o que comer nem como voltar para casa. Assim, sua única forma de sobreviver foi continuar vivendo na China e casar-se com um homem que a aceitasse.

O marido de Ok-Sun Lee era alcoólatra e viciado em jogos, acumulando assim várias dívidas e sendo violento com ela. Ele tinha dois filhos, um deles possuía uma deficiência auditiva e na fala, dessa forma, entende-se que seu interesse em Ok-Sun Lee era exclusivamente para cuidar de seus filhos e lhe servir, ao mesmo tempo, ancorada em sua ideologia e baseada nas experiências que teve ela casou-se com ele porque ele a aceitou. Assim, viveu na China trabalhando como parteira e cuidando de seu marido na velhice dele, aguentando seus xingamentos e raiva contra ela, passando por quase toda a sua vida diferentes tipos de violência e esse era o único destino possível a uma mulher que perdeu a sua virgindade antes do casamento e fez sexo com diversos homens, mesmo que sendo por meio de um abuso sexual, não alterava em nada a sua pena perante a sociedade, de uma mulher que trazia vergonha a família que ela formasse.

Após 50 anos vivendo na China, Ok-Sun Lee tem a oportunidade de retornar a Coreia e rever sua família. Gendry-Kim (2020), descreve o que aconteceu:

Eu nunca conheci a felicidade. Nunca, desde o momento em que saí da barriga da minha mãe. Os meus irmãos, que eu tanto queria rever, não quiseram saber de mim quando descobriram que eu tinha ficado numa casa de conforto. (GEUNDRY-KIM, 2020, p.438)

Essa mulher sofre novamente a perda de sua família que não a aceitou por considerá-la uma vergonha a sua honra. Esse relato compartilha a experiência vivida por uma mulher, ecoa uma voz em meio a tantas que ficaram esquecidas durante praticamente 50 anos.

A memória como resistência

O que acontece quando a memória, um caminho importante para a formação da identidade, é negligenciada? As mulheres de conforto se sentiram dessa forma diante de sua própria história, violentadas pelos soldados japoneses, em seguida tiveram os registros documentais de sua vivência apagados pelos colonizadores e desprezadas pela sua nação, enxergando como única opção depois de tantas opressões, o silenciamento.

Esse fato demonstra que as instituições sociais, responsáveis por incluir e manter essa memória não dão foco ou atenção sobre as mulheres. Segundo Assmann:



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Em todas as camadas sociais a mulher constitui o pano de fundo sobre o qual a fama masculina se ergue, luzente. Enquanto as condições para a inclusão na memória cultural forem a grandeza heroica e a canonização clássica, as mulheres serão sistematicamente vítimas do esquecimento cultural: trata-se de um caso clássico de amnésia estrutural. (ASSMANN, 2011, p. 67)

Essa memória é organizada estruturalmente para o esquecimento dessas mulheres, pois sua história reforça a violência como manutenção do patriarcado, ao mesmo tempo, expõem um país invadido e assolado pela colonização que nada fez para proteger essas mulheres. Assim, compreende-se a exaltação dos homens que lutaram pela independência da Coreia, mas nenhuma menção por anos das mulheres de conforto também assoladas diretamente pela brutalidade colonial. O estupro dessas jovens virgens coreanas, simbolizava a perda da nação, e do orgulho que os mantinha firmes. Esse pensamento esteve presente ao longo dos anos pós-guerra, alimentado pelo neo-confucionismo e pelo patriarcado aumentando a dor das sobreviventes que viam sua história ser trancada e guardada apenas com elas.

A história nacional coreana precisou ser escrita a partir do momento de independência. Assmann escreve:

Com o descobrimento do abismo entre presente e passado, é iniciada a invenção da história nacional, a construção de uma memória coletiva que se apresenta como busca do passado perdido nesse abismo. No topos da construção do passado há, a partir da conscientização acerca do esquecimento, uma tomada de consciência, um despertar, a recordação e o retorno. (ASSMANN, 2011, p. 59)

Era necessário reconstruir uma sociedade que resistiu a 35 anos de colonização, resgatando a memória do passado constituído por tempos de glória daquela nação e distanciando-se da imagem de desolação desse passado ainda tão presente que carregava a impotência dos homens que não conseguiram proteger suas mulheres, famílias e a própria nação dos japoneses.

Memória é poder, dessa forma, para alcançar o progresso que esse novo Estado esperava, era impossível reconhecer a história das mulheres de conforto e manter vivo tudo o que aconteceu com elas, exigindo justiça e lutando por reparação do governo japonês. Essa nova memória construída não obtinha em seus planos a inclusão dessas mulheres, sofrendo assim mais uma violência e condenação, a do esquecimento, apagamento e silenciamento por parte daqueles que se esperava acolhimento.

Após 46 anos esquecidas e caladas pela história, em 1991, Kim Hak-Sun (1924 - 1997) testemunhou publicamente pela primeira vez toda a violência que sofreu como mulher de conforto. Sua voz e coragem ecoou em outras mulheres que passaram pela mesma violência, dessa maneira, é realizado em 1992 pela primeira vez as manifestações semanais em Seul em





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

frente à Embaixada japonesa. Segundo Azenha (2017), como resultado em 1993, ocorreu um pedido de desculpas do governo japonês, seguido da declaração do Ministro de negócios estrangeiros japonês, em que anuncia uma investigação realizada sobre o sistema de conforto, apontando o envolvimento direto e indireto do governo japonês. Esse fato aumenta a pressão do governo coreano para tomar uma decisão levando o presidente a instituir o pagamento de cinco milhões de Wons, bem como, pensões mensais às vítimas.

Os anos à frente foram seguidos de completo descaso por parte do governo coreano de lutar pelas mulheres de conforto coreanas e sem nenhuma resposta do governo japonês quanto a retratação oficial de desculpas e as reparações solicitadas pelas sobreviventes. Desse modo, o *Korean council for the women drafted for military sexual slavery by Japan*⁵ decide em 2011 retomar de maneira organizada as manifestações semanais (Wednesday demonstration), realizada todas as quartas-feiras ao meio-dia, ocorrem com a presença das sobreviventes e ativistas. As manifestações se concentram em frente à Embaixada do Japão em Seul e nelas são estruturadas atividades de danças tradicionais coreanas, discursos de estudantes, ativistas, relatos de mulheres de conforto e cartazes dedicados às sobreviventes prestando solidariedade. Por fim, são citados os pedidos dessas mulheres: reconhecer o sistema de conforto como um crime de guerra; divulgar os documentos oficiais que comprovam a organização desse sistema; realizar um pedido de desculpas oficial; efetuar reparações às sobreviventes; punir os responsáveis pelo sistema de conforto; registrar esse sistema de escravidão sexual nos livros de História; e construir um monumento em memória dessas mulheres, assim como, um museu. Todos esses pedidos são formas de manterem a memória dessas mulheres vivas em sua própria nação, no país que as dominou territorialmente e fisicamente, assim como, ao resto do mundo para que esse crime não se repita.

A manutenção da memória dessas mulheres tem mais um símbolo de resistência presente na criação no ano de 2012, em Seul, do Museu da guerra e dos direitos humanos das mulheres (War and women's human rights museum). Ele segue com o objetivo de educar as gerações dos crimes de guerra cometidos contra às mulheres de conforto, assim como, crimes de guerra sexuais em conflitos armados ocorridos atualmente. Assmann (2011) explica a importância dos espaços culturais para a recordação da sociedade:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação na medida em que a

⁵ Fundado em 1990 por 37 organizações feministas com o objetivo de fornecer apoio jurídico, acadêmico por meio da divulgação desses crimes através de pesquisas e grupos de estudo, bem como, apoio social para as vítimas.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos. (ASSMANN, 2011, p. 318)

O Museu da guerra e dos direitos humanos das mulheres, traduziu isso não apenas na construção em si do local, mas também na estruturação da exposição permanente, com o intuito de adentrarem e sentirem a emoção mais profunda presente em tudo que cada mulher de conforto passou, usando elementos como salas escuras simulando o campo de batalha e a estação de conforto, vídeos e áudios das sobreviventes compartilhando cada uma das suas experiências mais sombrias e dolorosas.

O museu possui um numeroso acervo documental acerca do sistema de conforto, como relatórios médicos japoneses e um livro usado para registrar a entrada de soldados japoneses nas estações de conforto, sendo evidências sólidas da participação do Estado japonês na organização sistemática de recrutamento dessas mulheres. Um quadro com estatísticas sobre o aliciamento dessas mulheres é apresentado: 49.3% eram enganadas com promessas de emprego em fábricas ou como enfermeiras, 27.6% não faziam ideia de que estavam sendo recrutadas para servir sexualmente as tropas japonesas, 14.8% foram recrutadas como voluntárias na guerra e 3.9% eram oferecidas promessas de alimentação e abrigo. O restante dessas mulheres afirma terem sido coagidas e sequestradas. (CHEEYUN, 2020, p. 47)

Essa organização do museu desperta um olhar crítico não só a situação que as mulheres de conforto passaram durante todos esses anos, como também, mantém a atenção que atos como esse ainda acontecem ao redor do mundo, trazendo à tona a vulnerabilidade das mulheres e crianças em países com a política instável ou em zonas de guerra, tendo seus direitos diretamente ameaçados e retirados.

Ao analisar o Museu da guerra e dos direitos humanos das mulheres, é possível afirmar que sua visão não é baseada no ultranacionalismo, ou em fomentar um sentimento anti japonês. E esse fato é importante para compreender a apresentação do museu, segundo Vergès (2023):

Por trás da aparente neutralidade, o museu tem participação nos processos de dominação e na representação do Estado-nação sobre si mesmo. O poder do museu não se apoia exclusivamente em taxas de visitação ou prestígio; apoia-se também na transformação de quadros e objetos em símbolos da glória nacional e da riqueza da nação. (VERGÈS, 2023, p. 83)

Compreende-se a importância do museu e de sua narrativa, pois têm participação nos processos de dominação das narrativas da história nacional, possuindo papel central na memória coletiva da nação ou de determinado grupo. Sendo assim, o foco desse museu é



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

apresentar a história dessas mulheres que viveram uma violência, com base na relação desigual de pertencerem ao território ocupado. Expondo que essa violência ocorreu de forma tão organizada por anos devido ao patriarcado que não apenas se viu no direito de violentar essas mulheres, como também, exigiu seu silêncio por anos. Apagamento esse realizado pelo governo coreano e japonês, dessa maneira, o museu seguiu o que todas as sobreviventes pediram, que sua memória não fosse apagada e por justiça. Não sendo neutro, o museu toma partido em difundir a história das mulheres de conforto que lutam continuamente contra um sistema que as queria mortas e escondidas nas páginas da história mundial.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

A TO Z GUIDE FOR JUST RESOLUTION OF THE JAPANESE MILITARY SEXUAL SLAVERY ISSUE. Seul: **The Korean Council for Justice and Remembrance for the Issues of Military Sexual Slavery by Japan**, 2020.

AZENHA, Tatiana Sofia Fonseca. **Para além do silêncio**: o sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das mulheres de conforto na Coreia do Sul (1905-2015). 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Asiáticos) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2017.

CHANG, Iris. **The rape of Nanking**: the forgotten holocaust of World War II. Estados Unidos: Basic Books, 1997.

CHEEYUN, Lilian Kwon. Sexual violence, imperialism, and museum activism: the case of the war & women's human rights museum. **Museum & gender**. v.72: 1-2, 42-53, 2020.

DOLGOPOL, Ustinia; PARANJAPE, Snehal. Comfort women an unfinished ordeal: Report of a mission. **International Commission of Jurists, Geneva**, 1994. Disponível em: <https://www.icj.org/wp-content/uploads/1994/01/Japan-comfort-women-fact-finding-report-1994-eng.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

DOURADO, Flavia. **Memória cultural**: o vínculo entre passado, presente e futuro. 2013.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DUARA, Prasenjit. The new imperialism and the post-colonial developmental state: Manchukuo in comparative perspective. **The Asia-Pacific journal**. V.4, Iss.1, 2006. Disponível em: <https://apjjf.org/wp-content/uploads/2023/11/article-1835.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025.

DUDDEN, Alexis. **Japan's colonization of Korea: discourse and power**. Estados Unidos: University of Hawai'i Press, 2005.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2023.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERREIRA, Fernando Sarti; GOMES, Rosa Rosa. O fascismo no Japão. In: RODRIGUES, Julian; Ferreira, Fernando Sarti (orgs.). **Fascismo ontem e hoje**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Maria Antonia, 2021. p. 63 - 70.

GENDRY-KIM, Keum Suk. **Grama**. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020.

INMAN, Christina Joan. **History, counter-memory, and commemoration: enacting remembrance for the comfort women of WWII**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes) - Faculdade de Artes e Ciências, Universidade do Alabama em Birmingham, Alabama, 2017. Disponível em: <https://digitalcommons.library.uab.edu/etd-collection/2012/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

JAYASURIYA, Tabitha. **Can you be a feminist in South Korea?** Investigating the compatibility of confucianism and feminism in a korean context. 2024. Dissertação (Mestrado em antropologia) - Faculdade de Ciências Sociais e Estudos Internacionais, University of Exeter, Reino Unido, 2024.

MAYNES, Katrina. **Korean perceptions of chastity, gender roles, and libido: from kisaengs to the twenty first century**. Grand valley journal of history, Estados Unidos, v. 1, iss.1, 2012. Disponível em: <https://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1004&context=gvjh>. Acesso em: 25 jun. 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MOURA, Samantha Nagle Cunha de. **Estupro de mulheres como crime de guerra sob as perspectivas feministas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Gênero e Direitos Humanos) - Faculdade de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8331/2/arquivototal.pdf#page=54.79>. Acesso em: 06 jul. 2025.

MUTTER, James. Japanese society and the 1931 invasion of Manchuria. **The Atlas**: UBC undergraduate journal of world history, 2004. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=17c90366aa04552f429ba3b32c771fc9107b42fe#page=1.20>. Acesso em: 26 jun. 2025.

NA-YOUNG, Lee. The korean women's movement of japanese military "comfort women": navigating between nationalism and feminism. **The review of korean studies**, v.17, n.1, 2014. Disponível em: <https://accesson.kr/rks/assets/pdf/7761/journal-17-1-71.pdf#page=9.31>. Acesso em: 23 maio. 2025.

NISHI, Taira et al. **Controversy on protectorate**: a case study on the practical meaning of european international law doctrines in East Asia. Japão, 2019-2020. Disponível em: <https://www.kansai-u.ac.jp/ILS/publication/asset/nomos/50/nomos50-01.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2025.

RUIZ, Brito Ester. **The rape of Nanking**: a historical analysis of the aftershocks of wartime sexual violence in international relations. 2018. Monografia (Quinto curso del doble grado de ADE y Relaciones Internacionales) - Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2018. Disponível em: <https://repositorio.comillas.edu/xmlui/bitstream/handle/11531/22100/TFG%20Entrega%20Final.%20Esther%20Brito.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ju. 2025.

SANTOS, Aline de Souza Correia. **A violência sexual em zonas de conflito**: um estudo sobre o Japão imperial no século XX. 2022. Monografia (Curso de Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/245624/001146310.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 jul. 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

SEO, Min-Kyo. Korea and Japan during the Russo-Japanese war: with a special focus on the japanese occupation forces in Korea. **International journal of korean history**, Seul, vol.7, p.85, fev. 2005. Disponível em: https://ijkh.khistory.org/upload/pdf/7_04.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

SOH, Chunghee Sarah. **The comfort women: sexual violence and postcolonial memory in Korea and Japan.** Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

SOUSA, Vivian Simões de. **Estupro enquanto crime de guerra: uma análise sobre as “mulheres de conforto”.** 2022. Monografia (Trabalho de conclusão de curso Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/37559/2/EstuproEnquantoCrime.pdf>. Acesso em: 06 maio. 2025

103

UCLA Center for Korean Studies. Statement by Supreme Commander for the Allied Powers at the Time of the Proclamation of Japanese Surrender. UCLA International Institute. Disponível em: https://international.ucla.edu/cks/care/us_allieddocs/245368. Acesso em: 20 maio 2025.

WOMEN AND WAR. About us. Disponível em: <https://womenandwar.net/aboutus-eng>. Acesso em: 22 maio 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MEMÓRIA ETNOBOTÂNICA DAS MINAS DE ALJUSTREL: UMA FERRAMENTA ESTRATÉGICA PARA REPOSICIONAR O TERRITÓRIO NO PRESENTE

Ana Paula Figueira¹

Ana Encarnação²

Victor Figueira³

Luís Mendonça de Carvalho⁴

Referencial teórico

Não obstante o crescente reconhecimento do património imaterial, uma breve pesquisa com o fim de aferir títulos relacionados com a mineração evidencia que, em territórios e contextos mineiros, ressaltam trabalhos associados principalmente à industrialização e à produção. O saber relacionado com o conhecimento e com o uso das plantas – saber etnobotânico –, mesmo estando sempre presente, tem sido discretamente considerado. Deste modo, o capital simbólico, ecológico e cultural dessas práticas locais não tem obtido a merecida evidência. Todavia, o conhecimento empírico associado ao uso tradicional das plantas articula práticas culturais com conhecimento ecológico e resistência simbólica e assume um papel importante, em particular em territórios que, em regra, se debatem com problemas resultantes do despovoamento, como é o caso de Aljustrel. Rocha *et al* (2015: 67-68) lembram que

104

A etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o Homem e as Plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos. Atualmente a etnobotânica tenta se comprometer com o mundo em desenvolvimento, adotando uma posição estratégica com seu foco integrativo. (...) [mostrando-se] capaz de contribuir para aproximar o conhecimento científico do saber tradicional, com vista a mitigar danos, criar alternativas produtivas, direcionar soluções para o bem coletivo. Assim, consideramos o desenvolvimento local como mais uma perspectiva presumível dentro do hall de possibilidades apontadas pela etnobotânica.

¹ Instituto Politécnico de Beja/Instituto de História Contemporânea (IHC), apf@ipbeja.pt

² Câmara Municipal de Aljustrel, ana.encarnacao@mun-aljustrel.pt

³ Instituto Politécnico de Beja/Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo (CiTUR), victorfigueira@ipbeja.pt

⁴ Instituto Politécnico de Beja/Instituto de História Contemporânea (IHC), lmmc@ipbeja.pt





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Neste sentido, este saber etnobotânico, transmitido geracionalmente, o qual teve um papel significativo na vida quotidiana da comunidade mineira, tanto no tratamento de doenças, na alimentação ou até mesmo na organização do espaço, deve ser entendido como património cultural imaterial com valor estratégico para o reposicionamento actual dos territórios.

Valente & Figueiredo (2008) acrescentam que algumas especificidades dos territórios mineiros, nomeadamente as “galerias, as infraestruturas e equipamentos de exploração, os bairros operários e outras construções associadas às comunidades mineiras” podem ser trabalhadas no sentido de funcionarem como “elementos atractivos para o desenvolvimento de actividades turísticas”. Contudo, atribuem especial destaque ao vasto “património imaterial, constituído pelas memórias, narrativas e histórias locais de comunidades profundamente marcadas por esta actividade.”

Segundo as mesmas autoras, a forma mais frequente de conservar e manter o património material e imaterial associado à exploração mineira, com contributos efectivos para o desenvolvimento local, é através do seu aproveitamento turístico. Todavia, alertam para as particularidades deste património, cuja transformação em produto turístico só pode ser sustentada na identidade colectiva da comunidade, correndo o risco de, ao mesmo tempo, ser promovida a sua alteração. Deste modo,

Para que as memórias e identidades associadas à actividade mineira se mantenham vivas e dinâmicas importa partir de uma base em que o sentimento de pertença e comunhão das comunidades locais e da identidade colectiva esteja marcado efectivamente por fortes símbolos da actividade mineira. O turismo mineiro é, em grande medida, como o definem Ballesteros e Ramírez (2007) um turismo de herança. (Valente & Figueiredo, 2008)

A reacquirição deste conhecimento obriga a abordagens interdisciplinares. Estas deverão incluir, entre outras áreas do saber, a História, a Antropologia, a Geografia e Território, o que se traduz num favorecimento do registo desses saberes, assim como na incorporação crítica dos mesmos nas estratégias de desenvolvimento territorial. Chambino *et al* (2014:170) defendem esta “visão multidisciplinar” como aquela que permite

conhecer e inventariar por um lado e por outro, estudar, preservar e colocar em valorização este mesmo património, tanto em relação os seus vestígios materiais (documentação relacionada, caracterização das paisagens mineiras romanas a contemporâneas, infraestruturas, tecnologias, objetos,) como imateriais (linguagens próprias, gestualidades, repertórios de saberes, modos de organização formal e informal e afins).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Assim, o saber etnobotânico, empírico e tradicional, se integrado em projectos de educação patrimonial, turismo sustentável e inovação social, pode contribuir para a diversificação económica, para a valorização da identidade local, tal como para a sustentabilidade ecológica do território. Tendo por base a etnomineralogia e o património geológico, Chambino *et al* (2014:147) referem o caso do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional, Portugal (Naturtejo Geopark, s/d), o qual engloba os municípios de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Nisa, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão e que, desde 2006, integra as Redes Europeia e Global de Geoparques (UNESCO). O objectivo principal desta união é, pois, “conservar e promover o património geológico, potenciando o desenvolvimento regional sustentável.” Para isso, apontam que “os geoparques assentam em três pilares, a conservação, a educação e o turismo, com a participação das comunidades locais.” Neste contexto, focados especialmente em questões relacionadas com a educação e “na construção da identidade da juventude rural”, Oliveira *et al* (2017: s/p) consideram que “a Etnobotânica, aliada aos saberes populares e religiosos, desempenha um papel central na construção [dessa] identidade”. Acrescentam que

A preservação desses conhecimentos resgata as memórias das pessoas mais velhas, mantendo-as vivas na tradição cultural, contribuindo para o desenvolvimento sustentável, para a conservação ambiental e para a resiliência das comunidades. O entendimento desses aspectos é essencial para promover uma abordagem holística na construção da identidade da juventude rural.

Assim, a memória etnobotânica, tal como Faria (2020) a define, ou seja, aquela que comporta “diálogos e reflexões sobre as plantas ornamentais, alimentícias e medicinais na vida das pessoas e dos lugares (...)”, assume uma particular importância, na medida em que é no “cultivo da terra e na luta pela sobrevivência das classes mais pobres que a sabedoria popular garante o sustento e a sobrevivência na escassez de recursos”. Logo, a memória etnobotânica não apenas preserva o passado, como também pode recriar o presente, assente em princípios de sustentabilidade e de identidade territorial.

Objectivos

O objectivo geral deste trabalho é identificar formas de valorização do saber etnobotânico em contexto mineiro – no caso particular do território de Aljustrel –, enquanto património imaterial e promotor de reposicionamento territorial sustentável. Para o efeito e em termos específicos, propõe-se fazer uma resumida abordagem da relação entre a etnobotânica e a



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

mineração, identificando-se algumas práticas etnobotânicas no território mineiro de Aljustrel. Alude-se igualmente ao potencial educativo, turístico e social dos saberes daí decorrentes e, com base nos mesmos, sugerem-se algumas ideias que poderão alavancar a marca territorial, assim como eventuais rumos para a sua integração em estratégias de desenvolvimento local.

Metodologia

Optou-se por uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, sustentada por uma revisão bibliográfica nas áreas da etnobotânica, património cultural e desenvolvimento local, pela análise de documentos alusivos a práticas etnobotânicas relacionados com as Minas de Aljustrel e pelo levantamento de testemunhos orais de antigos mineiros e de seus familiares a propósito da utilização das plantas para a construção de ferramentas e de estruturas utilizadas no interior da mina, assim como para fins medicinais e para a sua alimentação.

Desenvolvimento

Carvalho (2019:12) considera que “as plantas são os pilares das civilizações”, dado que “os seres humanos dependem dos recursos vegetais para suprir as suas necessidades básicas.” É sabido que a cultura enriquece a vida humana de múltiplas formas. Daí a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (ONUECC, s/d) advogar que o património cultural, material e imaterial, se assume “como uma fonte de identidade e coesão para as comunidades afetadas pela mudança desconcertante e pela instabilidade económica”, acreditando que o desenvolvimento apenas poderá ser sustentável se integrar uma forte componente cultural. Logo, o desenvolvimento cultural e o desenvolvimento local estão intimamente relacionados. Neste processo de transformação social de uma comunidade, a cultura detém um papel decisivo, exercendo influências políticas e económicas, exigindo que as comunidades locais e regionais desempenhem a sua função de protagonistas do seu próprio desenvolvimento, estimulando assim a democracia cultural.

Aljustrel tem uma longa tradição de operações ligadas à mineração. Actualmente, continua a atrair muitos trabalhadores e é a principal força impulsionadora da economia do concelho. Gomes (2018:2) classifica Aljustrel como “uma vila que tem como elemento gerador do seu desenvolvimento a procura pelo minério.” Está geograficamente localizada na Faixa Piritosa Ibérica (cerca de 300 km de comprimento e entre 30 a 60 km de largura), uma vasta área geográfica do sul da Península Ibérica na designada Zona Sul Portuguesa e desenvolve-se desde Alcácer do Sal (Portugal), a noroeste, até Sevilha (Espanha), a sudeste. Integra várias





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

minas que exploraram principalmente pirite (ou pirita). Integrada nesta Faixa, a mina de Aljustrel é conhecida pela extracção de pirite, popularmente conhecida como o “ouro dos tolos”, devido ao seu brilho metálico e ao seu tom amarelo-dourado. A pirite é um composto de vários tipos de minerais, sendo os predominantes o cobre, o zinco e o chumbo. Por vezes, apresenta também algum teor de ouro ou de prata, mas em quantidades muito residuais.

Existem provas de mineração em Aljustrel datadas do período Calcolítico (entre 3300 a.C. e 1200 a.C), nomeadamente a existência de um cadinho de fundição da Idade do Cobre, o qual sugere uma ocupação pré-islâmica da área e revela a importância da metalurgia do cobre na região.

Durante o período romano, foi fundada a povoação Vipasca (actual Aljustrel) e esta, durante cerca de 400 anos, tornou-se um dos principais centros mineiros da Península Ibérica. Entre os diversos achados arqueológicos que ali ocorreram destacam-se duas placas de bronze com fragmentos de legislação mineira daquela época histórica. A exploração acabou por decair após a ocupação romana, reavivando-se em larga escala no século XIX, após a Revolução Industrial. Ao longo dos anos, várias empresas foram concessionárias dessa exploração. De todas elas, a mais conhecida foi a Société Anonyme Belge des Mines d’Aljustrel, “os Belgas”, como eram conhecidos. Esta empresa explorou as minas de Aljustrel durante aproximadamente 75 anos. A concessão foi atribuída em 1898 e a exploração continuou até 1973, quando houve a nacionalização parcial. A partir dessa altura, a mina passou a ser explorada por diversas entidades estatais até 2001, quando foi adquirida pela empresa canadiana EuroZinc Mining Corporation. Em 2009, voltou a ser vendida, desta vez a um grupo português, que alterou o nome da empresa para ALMINA - Minas do Alentejo, S.A., mantendo-se a exploração mineira viva, até à actualidade.

Quando se pretendeu perceber o nível de conhecimento etnobotânico relacionado com a mineração e os mineiros em Aljustrel, surgiram várias dificuldades na medida em que a documentação é escassa. Em contrapartida, conseguiram-se apurar alguns testemunhos de pessoas que estiveram, ou ainda estão, ligadas à mina. Especialmente com base nesses depoimentos, optou-se então por fazer um levantamento das plantas utilizadas no contexto socioambiental dos usuários, sendo as espécies categorizadas pelo respectivo uso. É sabido que a ligação entre a mina e Aljustrel é milenar, contando com cerca de 5000 anos de história. Vários povos passaram por esta região e realizaram a exploração dos solos. Existem alguns indícios do uso das plantas e da vegetação local para auxílio dessa actividade.

Martins (2017:55) ao estudar a utilização da madeira na mineração durante a época romana em Portugal, refere que

108



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A madeira foi uma matéria-prima importante para a exploração mineira e metalurgia no período romano, embora as suas evidências arqueológicas no actual território português sejam escassas, atendendo ao material perecível que é. A mineração consubstanciada na exploração subterrânea apresenta bastantes constrangimentos, particularmente ao nível da segurança, e daí a necessidade de usar escoramentos de madeira em galerias e poços. Este árduo trabalho obriga o mineiro a munir-se de todo um conjunto de instrumentos de ferro encabados por madeira. O evoluir dos trabalhos, por norma através de vários níveis de profundidade, impõe também a necessidade de utilização desta matéria-prima em escadas, assim como em máquinas elevatórias para extracção da água quando se atingem os lençóis freáticos. No tratamento do minério, este material continua também a ser imprescindível, como o descrito por Agrícola para as instalações de separação gravítica. No âmbito do processo metalúrgico, a madeira era a fonte de combustível dos fornos.

Não sendo, obviamente, a condição única em todo este processo industrial, a madeira assume-se inequivocamente como uma infra-estrutura (vastas áreas florestadas) importante na exploração mineira “proto-industrial” romana.

Segundo a autora, “no universo da mineração romana em Portugal”, a mina de Algares (Ajustrel) é um locais onde estes vestígios puderam ser observados. Efectivamente, o povo romano foi o primeiro a fazer escavações e a minerar no subsolo. Para isso, construía utensílios e ferramentas que pudessem facilitar o trabalho aos mineiros, que muitas das vezes tinham de conseguir aceder e de trabalhar em galerias com pequenas dimensões. Nesse período, a madeira era, pois, o material de excelência mais utilizado, tanto em elementos de construção, na produção de objectos, como no acabamento de instrumentos mineiros. A bateia, o rodo e a cuba são disso um exemplo. Nas minas de Algares e de São João foram encontrados vários exemplos destas ferramentas, estando algumas delas, enquanto réplicas, representadas no Museu Municipal de Aljustrel. Em larga maioria eram contruídas em azinho (*Quercus rotundifolia* Lam.), aliás, a madeira preferida pelos romanos, face à sua alta resistência e durabilidade. Após a abertura dos poços, fazia-se a sua entivação, isto é, revestiam-se ou reforçavam-se as paredes do poço escavado, geralmente com madeira, metal ou outros materiais, para evitar desmoronamentos e garantir a segurança durante a escavação e trabalhos subsequentes. No seu interior eram colocados toros, também em azinho, com um a dois metros de comprimento, com pequenos entalhes que serviam de degraus e que facilitavam o acesso ao mesmo.

109



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

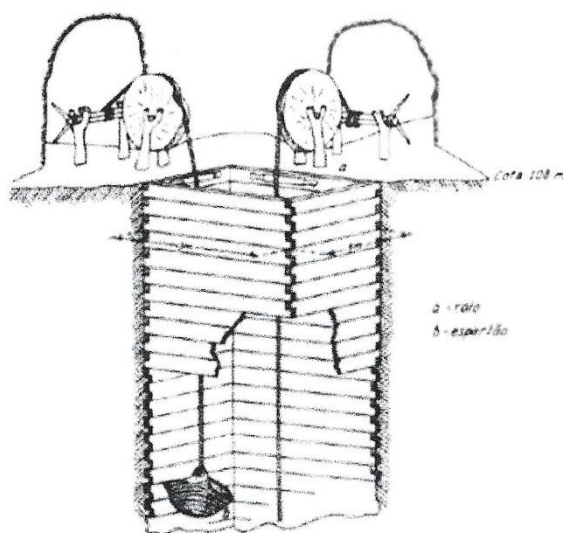
Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 1. Poço de Aljustrel com cofragem em madeira, tal como foi encontrado



110

Fonte: Viana *et al* (1954: 81, fig.1, citado por Martins, 2008:65).

Os poços incluíam ainda estruturas que tinham por finalidade levar o minério à superfície. Designadas “sarilhos de elevação”, estas estruturas eram constituídas por roldanas, também em azinho, e por cabos de esparto entrelaçado que, ligados a alcofas de esparto, faziam a subida do minério. Estas alcofas tinham de ser muito resistentes e impermeáveis. A sua impermeabilização era feita com alcatrão vegetal, criado através de uma mistura de pezo, sebo, resina e azeite, produtos provenientes da flora circundante à área das minas. O esparto (*Stipa tenacissima* L.) é uma gramínea perene nativa do Mediterrâneo Ocidental, incluindo a Península Ibérica e o noroeste da África. É conhecido pelas suas folhas longas e fibrosas. Na altura, era vulgarmente utilizado pelos romanos na criação de utensílios e vestimentas para serem utilizados no trabalho mineiro. Para além das alcofas antes mencionadas, também o usavam para fazerem alcofas mais pequenas, que colocavam à cintura, o que lhes permitia percorrer galerias pequenas e apertadas. O esparto entrançado era ainda utilizado no vestuário dos mineiros, em particular, nos capacetes e nas alpercatas. Para além disto, dado que o minério em contacto com a água perde propriedades e riqueza, tornava-se necessário contruir instalações hidráulicas que permitissem transportar a água para fora da mina. Surgiram então as rodas hidráulicas, de madeira que, movidas pelo movimento de uma pessoa dentro dela, faziam a drenagem da água das áreas de trabalho. Para a realização do trabalho na mina



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

também era necessário levar água limpa até à sua entrada. Foram encontradas em Aljustrel, na mina de Algares, caleiras, canais de comprimentos mais diminutos e mais precisos, em termos de funcionalidade, e construídas também em madeira. Logo, nos tempos da mineração romana em Aljustrel, a flora era um importante recurso, com múltiplas funcionalidades. Existem registos, por exemplo, no Museu Municipal de Aljustrel ou no Centro de Recepção e Interpretação do Parque Mineiro de Aljustrel, que comprovam esta realidade.

Após a Revolução Industrial e já em meados do século XIX, quando a exploração mineira voltou a prosperar em Aljustrel, as árvores e as plantas voltaram a ter um papel de destaque nesta actividade. Pensa-se inclusivamente que as matas circundantes às minas, terão sido plantadas com o propósito de a sua madeira ser utilizada na mineração. Tanto os malacates (elevador existente no poço de mina) como a entivação usavam basicamente a madeira, se bem que, nos dias de hoje, prevalecem as estruturas em metal.

A fim de verificar a utilização das plantas com fins medicinais, em particular para curar feridas e aliviar dores, como para problemas digestivos e respiratórios, assim como para a culinária, e na falta de documentação que a atestasse, entendeu-se igualmente questionar antigos mineiros e respectivos familiares. Aferiu-se que, de facto, algumas plantas eram utilizadas para essa dupla finalidade. Foram citados, a título de exemplo, o calafito (*Hypericum tomentosum* L.), devido às suas propriedades anti-inflamatórias e analgésicas, muito utilizado para o inchaço e para tratamento de feridas exteriores, como cataplasma. Também era utilizado em infusões para aliviar problemas do sistema digestivo e de fígado. As folhas da figueira comum (*Ficus carica* L.), eram utilizadas em cataplasmas para as feridas e para aliviar problemas como tosse com expectoração ou inflamações dos pulmões ou das vias respiratórias. A betadine (*Chelidonium majus* L.) era usada como cicatrizante, devido às suas propriedades antibacterianas e antivirais. Por sua vez, o eucalipto (*Eucalyptus globulus* Labill.), em particular as suas folhas, devido às suas propriedades expectorante e anti-inflamatória, eram utilizadas para diversos fins, com destaque para o tratamento de problemas do trato respiratório. O poejo (*Mentha pulegium* L.) era muito usado para tratar problemas digestivos e como um anti-helmíntico, mas também na preparação das refeições dos mineiros, em açordas ou sopas. Era comum os mineiros possuírem uma pequena horta nos seus quintais onde eram semeados vegetais de fácil cultivo e outras plantas, ricas em nutrientes para enriquecer a sua dieta. Assim, comidas confeccionadas e temperadas com azeite, como “sopas de tomate”, “açordas de poejos ou coentros” e “favas com folha de alho” eram presença comum nas cestas de vime que carregavam as “buchas” dos mineiros quando iam para a mina. O funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.), especialmente o bolbo, era usado em saladas, sopas, e como

111





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

tempero. Medicinalmente, devido às suas propriedades digestivas, utilizava-se em particular para aliviar gases, cólicas e indigestão. O cardo com flores roxas [*Silybum marianum* (L.) Gaertn.], conhecido em Aljustrel por tengarrinha ou carrasquinha, era usado na preparação de sopas, com feijão branco, assim como para uso medicinal, em particular para problemas do fígado. Por fim, os catacuzes (*Rumex crispus* L.) e as acelgas (*Beta maritima* L.), ambas plantas espontâneas desta região de Portugal, com alto teor em ferro, eram muito utilizadas na alimentação dos mineiros, cozinhadas normalmente com feijão ou grão.

Segundo Gomes (2018:17), de acordo com um estudo levado a cabo pela antropóloga Inês Fonseca em 1997,

é cada vez mais frequente a atribuição de novos usos e valências às funcionalidades às infraestruturas de produção industrial e ao próprio equipamento industrial, à arquitetura, aos jazigos e à paisagem alterada pela atividade mineira, visto esta não ser diferenciada de situação para situação em parte alguma. Estas estruturas são atualmente convertidas para atividade turística de carácter cultural e educacional com resultados bastante auspícios.

112

O Parque Mineiro de Aljustrel, cuja entrada em funcionamento ocorreu em 2023, com a mina em laboração, responde a uma importante estratégia de valorização patrimonial, educativa, turística e identitária. Para além de valorizar e salvaguardar o património mineiro de Aljustrel, o Parque pretende igualmente, relacionar a história mineira ao presente e ao futuro da mineração responsável e sustentável, destacando o papel que a mina continua a ter na economia local da vila. Ao conceber uma oferta turística diferenciada, enquadrada nos princípios do turismo industrial, o Parque pretende também a sua integração em rotas nacionais e internacionais ligadas ao património mineiro e, assim, atrair visitantes através de experiências imersivas – caso da visita à antiga galeria mineira do Piso 30, que foi reabilitada com vista a receber visitantes, ou da criação do Centro de Recepção e Interpretação sobre a história geológica e humana da mina, um espaço museológico, instalado junto ao Malacate Viana, um dos antigos poços de descida ao fundo da mina. Concomitantemente, o Parque Mineiro de Aljustrel desempenha uma função educativa e de sensibilização, na medida em que estimula o conhecimento científico e técnico sobre mineração, geologia, ambiente e território, a todos os públicos e aos diferentes graus de ensino, ambicionando posicionar Aljustrel como referência nacional e europeia no que concerne à valorização de património mineiro em contexto activo. O envolvimento da comunidade em acções educativas sobre memória colectiva, identidade territorial e sustentabilidade é fundamental, tanto para diversificar a economia local, como para reforçar o orgulho identitário e o sentimento de





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

pertença da população, especialmente dos ex-mineiros e suas famílias. Acredita-se que os saberes derivados da utilização etnobotânica pelos mineiros de Aljustrel, enquanto recurso cultural e territorial, podem enriquecer todos estes propósitos, contribuindo para alavancar a marca territorial e para o desenvolvimento local. O seu valor pedagógico pode ser impulsionado, por exemplo, através da criação de projectos educativos que envolvam a colaboração de escolas, museus e associações culturais, com a finalidade de facilitar a sua transmissão geracional, reforçando a identidade local. Já o seu potencial enquanto recurso turístico, baseado na autenticidade e na singularidade do território mineiro, julga-se possível ser aproveitado, a título de exemplo, mediante a criação de roteiros interpretativos, pelas áreas mineiras, que façam a articulação entre as plantas e o quotidiano dos mineiros. Por fim, o reconhecimento desta herança etnobotânica enquanto património vivo pode fortalecer o orgulho e o sentimento de pertença na comunidade, assim como combater estigmas associados ao mundo mineiro e rural. Assim, a promoção de projectos baseados em testemunhos orais, geracionais, relacionados com o uso das plantas, que reúnam pessoas mais idosas, antigos mineiros, mulheres e jovens são fortemente inclusivos. Simultaneamente, estimular o cultivo de plantas assim como a fitoterapia poderá ser uma forma de levar à criação de produtos novos e a novas práticas económicas sustentáveis. Um exemplo seria a criação de uma “farmácia viva”, com plantas usadas na mina, gerida por voluntários, com fins educativos e terapêuticos.

Carvalho (2019:101) acrescenta que

Uma decisão política que, certamente, contribuiria para valorizar o nosso património etnobotânico seria a criação e a implementação de uma Lei do património Vivo, que apoiasse activamente todos os Portugueses que mantêm vivas as técnicas e a artes tradicionais, reconhecendo-lhes assim o seu valor e a sua perseverança, bem como o seu papel de inestimáveis guardiães de um património que se deseja preservar, usufruir e legar.

Por sua vez, Gomes (2018: 18) remata, assumindo que, em Aljustrel “o trabalho do mineiro sempre foi visto como algo sagrado”. Prossegue, referindo que, para os Aljustrelenses,

Ser de Aljustrel é ser mineiro. Para quem lá vive, a mina está em todo o lado, cerca a Vila e entranha-se na terra. Segundo o povo, a mina é a sua única fonte de riqueza. Essa força de sustento nunca foi exclusiva, nem para a economia da região, nem nunca se prescindiu do trabalho no campo para poder haver comida em casa; mas o cante do coro dos mineiros não esconde a força dessa relação, qualquer pessoa tem ou teve alguém a trabalhar na mina, sempre com a forte

113



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sensação de que a mina pode ser mãe ou madrastra. Neste aspecto estamos perante o que podemos designar como uma identidade hegemónica. (Gomes, 2018: 28)

Conclusão

Conhecer a herança mineira etnobotânica, material ou imaterial, em Aljustrel é determinante para a sua salvaguarda. Esta memória constitui um significativo recurso educativo, turístico e social, através do qual é possível reforçar a identidade local, promover o desenvolvimento sustentável e reposicionar o território. A valorização do saber tradicional aumenta o orgulho da comunidade, tal como a sua coesão, e conduz ao surgimento de novas práticas económicas baseadas na cultura e na natureza. “O Parque Mineiro de Aljustrel é a soma de várias épocas. Onde se encontra história, património, identidade, paisagem, investigação e ciência” (PMA, s/d). Desta forma e enquanto um espaço vivo de futuro, integrador e participativo, ele pode e deve ser o motor central de valorização educativa, turística e social da região

Referências

Carvalho, L. (2019). *As Plantas e os Portugueses*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Chambino, E., Carvalho, C- & Rodrigues, J. (2014). "Rosmaninhal terra do Ouro". Etnomineralogia e património geológico: uma experiência participativa no Geopark Naturtejo, Portugal. In SEDPGYM) (eds), *Libro de Actas del XV Congreso Internacional sobre Patrimonio Geológico y Minero, Logrosán*, 145 – 176. <https://www.researchgate.net/publication/304488241>

Faria, W. C. (2020). *Memória etnobotânica: uma possibilidade pedagógica entre escola e comunidade*. [Monografia]. Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/62075>

Gomes, D. (2018). *As Minas de Aljustrel - Território subterrâneo, paisagem a descobrir : CIMA - Centro Interpretativo da Mina de Algarés* [Dissertação de mestrado]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. https://recil.ulusofona.pt/bitstream/10437/9183/3/Dina_Gomes_Tese%20Mestrado.pdf





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Martins, C. (2008). *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal* [Tese de doutoramento]. Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais. <https://pt.scribd.com/document/272669852/Exploracao-Mineira-Romana-Carla-Maria-Braz-Martins>

Martins, C. (2017). O uso da madeira na mineração e metalurgia do ouro durante a época romana em Portugal. *Estudos do Quaternário*, 16, 55-71. <https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/65470/1/242-1081-1-PB.pdf> Naturtejo Geopark (s/d). Geopark Naturtejo da Meseta Meridional (Portugal). Consultado em 07 de Julho de 2025. <https://www.naturtejo.com/>.

Liveira, K., Costa, J., Oliveira, L. & Silva, J. (2025). Etnobotânica: resgatando memórias e fortalecendo a identidade da juventude rural por meio do uso de plantas medicinais e religiosas. *Revista Educação Pública*, 25 (13). <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/25/13/etnobotanica-resgatando-memorias-e-fortalecendo-a-identidade-da-juventude-rural-por-meio-do-uso-de-plantas-medicinais-e-religiosas>

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) – ONUECC (s/d). Proteger o nosso património e promover a criatividade. Comissão Nacional da UNESCO, Ministérios dos Negócios Estrangeiros de Portugal. Consultado em 01 de Julho de 2025. <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade>

Parque Mineiro de Aljustrel – PMA (s/d). Um dos territórios mais antigos do mundo. Município de Aljustrel. Consultado em 30 de Junho de 2025. <https://www.mun-aljustrel.pt/menu/879/parque-mineiroh>

Rocha, J., Boscolo, O. & Fernandes, L. (2015). Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *Interações (Campo Grande)*, 16 (1), 67-74. <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/51>

115



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Valente, S. & Figueiredo, E. (2008). Feridas abertas na terra: da degradação dos sítios mineiros à sua recriação patrimonial – o caso das Minas da Panasqueira. IN Orlando Simões & Jorge Moreira (Org.), Actas do VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais, Coimbra. https://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20II/2_19.pdf

Viana, A., Andrade, R. & Ferreira, O. (1954). Minerações romanas de Aljustrel. In Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, tomo XXXV, 79-90.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

PESQUISA INTERDISCIPLINAR E GÊNERO EM ARTES: ARTISTAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS/RS/BRASIL

Daniele Baltz da Fonseca¹

Gerson Geraldo Homrich Cavalheiro²

Nádia da Cruz Senna³

Dayanna Michelle Canon Peres⁴

Simone Pinho de Oliveira⁵

Introdução

Neste 7º Ciclo Ibero-americano de Diálogos Contemporâneos, apresentamos dados parciais do projeto interdisciplinar denominado “Valorização da Produção Artística Feminina por Meio da Ciência: As Artistas Mulheres da Escola de Belas Artes de Pelotas”, em desenvolvimento - 2023/2027 - na Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (RS/Brasil) através do Programa de Estímulo à Pesquisa Interdisciplinar na Pós-Graduação (PAPIn). O Programa PAPIn da UFPEL, volta-se ao fomento de pesquisas interdisciplinares de Programas de Pós-Graduação (PPGs) de diferentes área de conhecimento: Ciências da Vida; Humanidades; Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar, as pesquisas são apoiadas pela agência de fomento do Brasil, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

O projeto envolve diretamente quatro PPGs da UFPEL, onde estão se desenvolvendo as pesquisas pelas discentes e os docentes orientadores, e de forma colateral, através dos docentes coorientadores das pesquisas, outros quatro PPGs. Os PPGs onde se desenvolvem as pesquisas são: PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP), o PPG em Ciência e Engenharia dos Materiais (PPGCEM)⁶, o PPG em Artes (PPGArtes) e o PPG em

117

¹ Profa. no DMCOR e Coordenadora do PPGMP, UFPEL. danielefonseca1980@gmail.com.

² Prof. no CDTEC, Ciência da Computação, UFPEL. gerson.cavalheiro@inf.ufpel.edu.br.

³ Profa. no CA e no PPGArtes, UFPEL. nadiadacruzenna@gmail.com.

⁴ Mestranda na Pós-Graduação em Artes, UFPEL. dayis.canon.123@gmail.com.

⁵ Doutoranda no PPG Memória Social e Patr. Cultural, UFPEL. simone.aqr@gmail.com.

⁶ No PPGCEM fazem parte do projeto a Doutoranda Juliana Neumann Seixas Bittencort e seu orientador, o Prof. Dr. Mateus Meneghetti Ferrer.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Química (PPGQ)⁷. Os PPGs que cooperam no projeto com a participação de docentes coorientadores são: o PPG em Computação (PPGC), PPG em História (PPGH), PPG em Antropologia (PPGANT) e PPG em Recursos Hídricos (PPGRH).

O projeto que apresentamos caracteriza-se por reunir pesquisas de pós-graduação interdisciplinares, desenvolvidas em consonância com as metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS-ONU (ONU Brasil, 2025). O projeto imbrica-se de forma ampla com a ODS 5 – Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas – mirando as mulheres artistas em Pelotas, especificamente, as que passaram pela antiga Escola de Belas Artes (EBA) de Pelotas (1949-1969), pelo viés de suas trajetórias, práticas artísticas, as obras produzidas e suas materialidades. A ODS 5, alinha-se ao projeto através da meta 5.b na promoção do empoderamento das mulheres, através da pesquisa, comunicação e divulgação da atuação das mulheres na história da arte pelotense, justamente pelo amplo e profundo negligenciamento das artistas na história da arte, não só no sul global, mas ao redor do mundo, cujo cânone artístico foi constituído de forma absolutamente androcentrista.

Neste sentido, articulam-se no projeto quatro pesquisas na intersecção de diferentes campos do saber, urdidura entre a história, memória, artes, ciências dos materiais e ensino de química, onde as artistas constituem a trama da tecedura. As pesquisas se enlaçam com diversos ODSs, conjuntamente, colaboram com as discussões conceituais sobre gênero nas artes, ampliando o conhecimento sobre as mulheres artistas, inspirando o empoderamento de meninas e mulheres através de um conhecimento que nos foi negado pela história da arte, passando a ser revisto através de incontáveis pesquisas e estudos a partir do terço final do século XX, desde a publicação em 1971, do ensaio de Linda Nochlin “Why Have There Been No Great Women Artists?”, e que se estende até o tempo presente (Broude e Garrard, 2014). No final do século XX (1949), ano de fundação da EBA em Pelotas, interior do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, o direito de voto das mulheres contava com 16 anos, ainda que legalmente reconhecido em 1932, elas só puderam de fato voltar e ser votadas na Assembleia Nacional Constituinte de 1933, quatro séculos após a primeira eleição no Brasil (Del Priore, 2017, UFPEL, Ferreira, 2025).

Na Europa, no ano da fundação da EBA, foi publicado “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir, que marcou o pensamento feminista ao aprofundar e discutir a situação das mulheres na sociedade ocidental, a análise filosófica foi recebida com profunda controvérsia

⁷ No PPGQ fazem parte do projeto a Mestranda Muriel Belo Pereira e sua orientadora, a Profa. Dra. Bruna Adriane Fary.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

em uma Europa em transição e tensão social, que tentava reencarcerar as mulheres no pós guerra. Elas, que nos países mais profundamente envolvidos na segunda guerra, experimentaram avanço no papel social feminino, atuando nas mais diversas áreas, mas, no pós guerra, a sociedade tradicional resistiu e pressionou para que as mulheres retornassem ao seu antigo papel social.

No mesmo período, em Pelotas, no sul global, de tradicional e rígida sociedade, ancorada no patriarcalismo, os avanços e discussões sobre a questão feminina que já atingiam o mundo estavam bastante distantes, ainda limitava-se às mulheres através da alteridade masculina normativa hegemônica. Nos anos 50, no país chamado de “anos dourados”, o que a sociedade esperava das jovens mulheres, era que se educassem e dedicassem a uma tríade submissão, feminilidade, matrimônio e maternidade, as que não se submetiam às expectativas sociais sofriam com falatórios maledicentes de toda sorte.

As expectativas sociais sobre o papel das mulheres ao longo do período pesquisado, da Fundação da EBA (1949) até o início da Federalização (1969) – início da absorção da EBA pela UFPEL, não sofreram profundos avanços no país, ainda que a sociedade estivesse em constante transformação, os ganhos sociais das mulheres eram tímidos, no campo artístico não era diferente. A EBA, tanto quanto as aulas de piano, significavam educação cultural, raramente possibilidade profissional, exceto no campo da educação, profissão bem aceita e desejável para as mulheres. Ainda assim, neste período, 224 mulheres que passaram pela EBA fazem parte do universo de pesquisa, e cada uma a seu modo, buscou seu lugar em uma sociedade em lenta transformação, algumas, hoje sabemos, romperam as amarras sociais que lhes definia um papel não de sujeito social, mas de outro incompleto, suplantaram a construção discursiva de um sistema social que privilegiava o masculino, e floresceram como artistas.

A pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, volta-se às relações entre a produção artística e a atuação profissional das mulheres que passaram pela EBA, identificando trajetórias, oportunidades e limitações na atuação no campo artístico, além de localizar as obras das artistas, observando seu potencial como patrimônio cultural. A investigação viabiliza-se através da história oral e documental, articulando campos relacionados à memória, história e antropologia, bem como, pela exploração de obras em acervos institucionais ou particulares. O ODS 5, como citado anteriormente, está relacionado a esta pesquisa, igualmente, o ODS 10 – Redução das desigualdades, também é considerado através da meta 10.2 – empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra. Justamente por

119



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

promover o conhecimento sobre as artistas, tão amplamente subalternizadas na história da arte, possibilitando a ampliação de seu conhecimento, demonstrando que, ainda que a histórias da arte as tenha negligenciado longamente, provendo uma arte e um sistema de artes de base masculina, androcêntrico, elas estavam lá e criaram. A pesquisa contribui assim, com equidade social e cultural, independente das diferenças que todos carregamos. Ainda, pelo seu potencial gerador de patrimônio cultural das obras dessas artistas, aproxima-se do ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis – através de sua meta 11.4 – fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo – também está relacionado. A pesquisa, através das informações coletadas, colabora com as demais ações do projeto, ao construir uma narrativa em que as mulheres artistas da EBA são protagonistas. A pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Ciências e Engenharia de Materiais, visa caracterizar os materiais usados pelas artistas da EBA, buscando desenvolver soluções para a estabilização e conservação das chapas de fibras de madeira, sobre as quais muitas obras foram realizadas, colaborando com as técnicas de restauração futuramente aplicadas as obras. Igualmente, volta-se a elaborar produtos que não liberam resíduos tóxicos ao meio ambiente, considerando a utilização de recursos renováveis. Dessa forma, além de se vincular ao ODS 5, também se vincula ao ODS 03 – saúde e bem-estar – através da meta 3.9, relativamente à redução de contaminação e poluição do ar, água e solo, e das doenças geradas por contato com produtos químicos, uma vez que, os profissionais de restauração poderão optar pelo uso de produtos menos agressivos ao à saúde dos profissionais e ao meio ambiente. Como também, o ODS 12 – consumo e produção responsáveis – através da meta 12.4, no que se tange ao manejo saudável dos produtos químicos e seus resíduos, reduzindo a liberação destes ao ambiente, minimizando impactos negativos sobre a saúde humana e o meio ambiente.

A pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Artes aborda o processo criativo da artista Seli Maurício, formada na EBA em 1966, pioneira do teatro de bonecos no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa se volta à trajetória da artista na criação de bonecos e sua atuação como professora, responsável por desenvolver uma linguagem teatral singular que marcou gerações. Ao destacar a relevância histórica de suas criações, o estudo também estabelece conexões com a contemporaneidade, evidenciando como sua obra influencia práticas artísticas e pedagógicas atuais. A investigação propõe um panorama da permanência dessa herança cultural por meio de ações pedagógicas com a comunidade, que utilizam bonecos e fantoches como recursos poético-pedagógicos para refletir sobre os saberes das artes. Esta proposta articula-se mais diretamente com o ODS 5 – Igualdade de Gênero, colaborando também, com metas do ODS 4 – Educação de Qualidade.

120



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Química, mira a produção artística da escultora Judith Bacci, mulher negra, trabalhadora contratada para fazer a zeladoria/higienização na EBA desde sua fundação, e que, ao longo do tempo revelou-se uma artista. Na linha de pesquisa de ensino em Química, a arte de Judith e os materiais utilizados por ela (argila e gesso) têm sido os meios para o desenvolvimento de atividades didáticas que colaborem com o desenvolvimento do ensino da química no ensino médio. Além disso, um desdobramento das intersecções entre as questões humanísticas e a química tem sido realizada por meio da elaboração de atividades com Arduino, para materializar tais relações em sala de aula, estimulando uma formação sensível, inclusiva e cidadã, que se vincula com a ODS 4 – Educação de qualidade, a ODS 5 – Igualdade de Gênero e também da ODS 10 – Redução das desigualdades, por meio da meta 10.2 – empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos.

Os caminhos das pesquisas

A pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – PPGMP, volta-se às trajetórias e produções das artistas da EBA, no período compreendido entre os anos de 1949-1969. Para situar os leitores, a cidade de Pelotas foi emancipada em 1835, situa-se às margens de um grande conjunto de cursos d'água, entre eles o Arroio Pelotas e o Canal de São Gonçalo, que deságua na Lagoa dos Patos, a maior lagoa estrangulada do mundo (Kjerfve, 1986). Pelotas viveu um longo período de desenvolvimento econômico, inicialmente ligado a economia saladeiril, as charqueadas escravistas e a pecuária, que fomentaram igualmente o comércio e a indústria. No início do século XX, constitui um potente sistema financeiro, através do Banco Pelotense, um dos maiores do país em sua época, posteriormente, foi um dos maiores centros ligados à indústria conserveira no país. Estes ciclos de prosperidade, desde cedo refletiram fortemente na cultura local, com o cultivo e promoção das artes e o dos artistas, razão da criação, ainda nos anos 40, da Escola De Belas Artes de Pelotas - EBA (Loner, Gill; Magalhães, 2017). Metodologicamente, a pesquisa ancora-se na história oral, nas memórias de expressão oral através das narrativas de fontes vivas, as artistas e/ou seus círculos de proximidade, neste último caso, especialmente, das artistas falecidas. Narrar experiências vividas é contrapor o esquecimento, a amnésia (Catroga, 2009), é escolher, é interpretar, é performar a própria história, ao recordar e trazer suas memórias para a pesquisa, as(os) cooperadoras(os) nos entregam suas emoções e subjetividades, através de escolhas pessoais, da representação e justa reivindicação de suas memórias (Carvalho e Ribeiro, 2013; Meihy e Seawright, 2020;

121



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Portelli, 2010), é como pretendem que os outros as reconheçam, sua metamemória⁸. Além da história oral, a pesquisa faz uso de fontes documentais diversas, como também, acervos de pinacotecas de instituições públicas ou privadas, e de colecionadoras(es) particulares, o conjunto de fontes tem trazido uma ampla produção artística destas mulheres.

A grande problemática da pesquisa, é, justamente, o exposto anteriormente, o negligenciamento das artistas na história da arte, o objetivo é construir um acervo documental com base nas produções e trajetórias das artistas, e assim, ampliar o conhecimento sobre este conjunto de mulheres artistas, que construíram suas formações artísticas entre os anos de 1949 a 1969, desenvolveram sua arte e viveram no sul global.

O passo inicial da pesquisa em busca das artistas, foi listar as ex-alunas, o que se deu através dos livros de atas das formaturas da instituição, documentos albergados no acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Foram listados os nomes de 220 mulheres, que juntamente com outras quatro, igualmente ligadas a EBA, compõem o universo da pesquisa. Esses números trouxeram o primeiro dado objetivo, o percentual de alunas da EBA, elas foram 86% dos alunos da escola nos vinte anos que compõem o tempo espaço pesquisado.

Conhecidos os nomes, surgiu o que parecia ser a maior dificuldade da pesquisa, algo que se confirmou. As alunas, salvo raras exceções, eram solteiras ao deixar a EBA, posteriormente, alteraram seu sobrenome em função do matrimônio, este fato tornou-se um ponto nevrálgico na localização das ex-alunas, além de serem frequentes e dispersas os nomes homônimos, nos levando a investigar vários caminhos em busca de uma única ex-aluna.

Apesar dos inúmeros caminhos, até o momento mais de 35 ex-alunas foram localizadas, destas, 27 se encontram efetivamente em processo de pesquisa, as demais entrarão em breve, igualmente, um grande número de obras foram localizadas, possibilitando inclusive a apresentação de algumas obras a sociedade, através da exposição que trataremos adiante.

No início nos perguntávamos se haveria acolhimento da pesquisa, hoje, frente às pessoas procuradas para colaborar nessa construção de conhecimento, temos certeza da importância da pesquisa, não só por ter sido francamente acolhida pelas artistas e pelas pessoas ligadas aquelas falecidas, mas, pela demonstração de apreço de todos os colaboradores com a pesquisa. Infelizmente, um grande número das artistas pesquisadas, já não podem, através de sua voz e com suas palavras, narrar as memórias de suas trajetórias, especialmente aquelas da

122

⁸ Conceito trazido por Joël Candau, pelo qual, por meio da consciência individual, lembramos, ostensivamente narramos nossas memórias, representamos nossas memórias, é o que dizemos dela, uma reivindicação de nossa memória. Ver Candau (2005, p. 95).





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

fase inicial, justamente, as que historicamente atravessaram um maior negligenciamento das artistas mulheres nas artes e sua história. Passados 72 anos da formatura da primeira turma da EBA, em 1953, das 11 mulheres formadas, 10 são falecidas, somente uma pode trazer as memórias de sua trajetória diretamente, por sua voz.

Neste segundo semestre de 2025 (julho/outubro), acontece no Museu da Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) da UFPEL, em Pelotas, a primeira exposição de obras de artistas ex-alunas da EBA, “O corpo humano pelo olhar das artistas da EBA”, a exposição é uma ação do projeto, fruto da colaboração do PPGMP e PPGArtes. Na exposição podem ser vistas obras localizadas ao longo da pesquisa no PPGMP, bem como obras do acervo da EBA, hoje acervo do MALG, acesse o *card* da exposição ([Card da Exposição](#)) e faça o *tour* ([Tour Exposição](#)).

Sobre a pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Engenharia de Materiais, importante iniciar lembrando que muitas artistas que passaram pela EBA utilizavam chapas de fibra de madeira (Eucatex) como suporte alternativo à tela tradicional, por serem mais acessíveis e versáteis, mas a fragilidade desse material coloca em risco a conservação de importantes expressões da arte feminina local (OLIVEIRA; SILVA, 2021; LOPES et al., 2023).

A ciência dos materiais surge, nesse cenário, como campo essencial para propor soluções técnicas que assegurem a durabilidade desses bens culturais. Isso porque os objetos à base de celulose demandam atenção especial em processos de preservação. A celulose, presente em madeira, papel e fibras têxteis, sofre hidrólise ácida e oxidação, o que leva à perda de propriedades mecânicas e à alteração estética dos artefatos (ORIOLA et al., 2020; TVEIT et al., 2022). No caso específico das chapas de madeira, há ainda a emissão de ácidos orgânicos, como o acético e o fórmico, que aceleram a degradação tanto da própria estrutura quanto de obras em contato próximo, como molduras e telas (VĂCAR et al., 2022; XU et al., 2020). Com o tempo, a madeira se fragiliza, esfarela e compromete a fixação das camadas pictóricas (ION et al., 2020).

Outro fator crítico é a compatibilidade entre camadas da obra. Tintas metálicas, por exemplo, podem provocar corrosão e perda de resistência, como já observado em manuscritos históricos (BÖHME et al., 2020). Além disso, as fibras de madeira são suscetíveis à umidade e ao ataque de fungos e cupins, causando deformações, esfarelamento e decomposição (IPHAN, 2016). Em ambientes sem controle ambiental, comuns em acervos domésticos ou comunitários, esses processos são intensificados e resultam em manchas, perda de estabilidade dimensional e degradação acelerada (SILVA; ALMEIDA, 2020; IONESCU et al., 2023).

123



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Diante desse panorama, a presente pesquisa busca desenvolver uma película protetora de álcool furfurílico e anidrido maleico, com e sem nanopartículas de prata, para a conservação de chapas de fibra de madeira utilizadas em obras de artistas da EBA. A proposta justifica-se pela carência de estratégias específicas para esse tipo de suporte, que difere em composição e comportamento das telas de linho ou algodão. A aplicação da película é pensada como barreira física e química, capaz de reduzir a ação da umidade, da radiação ultravioleta e de microrganismos, prolongando a vida útil das obras.

O uso de nanomateriais representa um avanço promissor na conservação de bens culturais. Estudos indicam que nanopartículas metálicas, como as de prata, possuem propriedades antimicrobianas eficazes contra fungos e bactérias, sendo menos invasivas que métodos tradicionais (ION et al., 2020; SILVA et al., 2019). Além disso, tecnologias recentes de conservação têm recorrido a nanopartículas para estabilização química, desacidificação e consolidação de superfícies lignocelulósicas (BAGLIONI, 2006; BÖHME et al., 2020). A incorporação de AgNPs em matrizes poliméricas amplia a resistência das películas, associando proteção mecânica e biocida (SILVA et al., 2019).

Até o momento, a pesquisa avançou na síntese e aplicação experimental da película protetora composta por álcool furfurílico e anidrido maleico, testada com e sem a adição de nanopartículas de prata. Foram conduzidos ensaios comparativos de aplicação por rolo, pincel e imersão, variando o tempo de exposição da chapa à resina. A aplicação por imersão, especialmente entre três e quatro minutos, apresentou maior homogeneidade e cobertura da superfície, indicando melhor formação da camada protetora. Além disso, os corpos de prova foram submetidos a ensaios de intemperismo artificial, simulando até seis meses de exposição ambiental, o que permitiu avaliar alterações visuais e de coloração através de análises colorimétricas.

Os resultados preliminares revelaram que a película pura já confere certo grau de proteção, mas a incorporação das nanopartículas de prata potencializou os efeitos, sobretudo no controle microbiológico. Ensaio iniciais mostraram que a resina sem aditivos apresenta ação antifúngica moderada contra *Candida albicans*, enquanto as formulações com prata, especialmente na maior concentração, conseguiram inibir de forma significativa o crescimento do fungo, sugerindo maior potencial de preservação em ambientes úmidos. De forma geral, os dados iniciais confirmam a viabilidade da abordagem proposta, apontando para a necessidade de ajustes na formulação para ampliar sua durabilidade, mas já demonstram que a técnica pode se tornar uma alternativa promissora e sustentável na conservação de obras em chapas de fibra de madeira.

124



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Os resultados esperados apontam para três dimensões principais. No campo da engenharia de materiais, a pesquisa contribui com protocolos inovadores de proteção de superfícies lignocelulósicas, explorando a combinação de polímeros furânicos e nanopartículas. Em termos de preservação cultural, a película deverá reduzir significativamente a necessidade de restaurações, manter a estabilidade estrutural e conservar as cores originais das obras. Já no âmbito social e histórico, a iniciativa fortalece a visibilidade das artistas da EBA, promovendo a valorização de um patrimônio que até hoje esteve à margem do reconhecimento institucional (DEL PRIORE, 2017; MAGALHÃES, 2018).

Além disso, a pesquisa se insere em uma perspectiva sustentável, alinhada às novas diretrizes globais da conservação de patrimônio. O uso de resinas menos agressivas e a preocupação com o impacto ambiental das nanopartículas buscam alternativas ecologicamente responsáveis (COSTA, 2018; BAGLIONI; CHELAZZI, 2013). Dessa forma, o estudo transcende a dimensão técnica, contribuindo para a construção de metodologias que associam eficiência, responsabilidade ambiental e valorização da memória cultural. A criação de uma película protetora eficaz e sustentável representa não apenas uma contribuição tecnológica, mas também um gesto de reparação histórica e de ampliação do legado cultural. Os próximos passos incluem otimização da formulação, avaliação da durabilidade em longo prazo e colaboração com museus e instituições, para que a solução possa ser aplicada em escala maior e consolidar-se como referência na preservação do patrimônio artístico feminino no Brasil.

A pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de pós-graduação em Artes com enfoque na trajetória da artista Seli Maurício, formada pela EBA, adota como abordagem central a metodologia da *a/r/tografia*, proposta por Rita Irwin (2013). Essa metodologia entrelaça os papéis de artista, pesquisadora e educadora, permitindo que o processo investigativo se enraíze na prática e nas experiências estéticas e pedagógicas da pesquisadora. Trata-se, assim, de uma investigação marcada por um movimento vivo, sensível e encarnado, no qual memória, corpo e criação se cruzam continuamente. Foram realizadas entrevistas com a própria artista, bem como oficinas de confecção de bonecos e fantoches em diferentes contextos educativos, inspiradas nas práticas pedagógicas de Seli.

A pesquisa traz reflexões sobre a atuação de Seli Maurício como precursora de uma educação sensível, promotora da igualdade, da empatia e do cuidado com o meio ambiente. Como professora, dedicou-se a propor atos de transformação e resistência junto aos seus alunos, utilizando bonecos como mediadores de reflexão e de experiências singulares. Sua prática, de caráter transgressor, estava voltada à libertação e à construção de novas narrativas e formas de pensar (Hooks, 2024). Essa postura se refletia não apenas no contexto escolar,

125



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

mas também em sua produção artística, na qual encenava peças de teatro de bonecos para provocar reflexões sobre diversidade e consciência ambiental.

A história de Seli deixou um impacto cultural profundo na cidade de Pelotas. Reconhecida como uma artista da comunidade, ela participou de carnavais, Fenadoce e festas infantis, encantando o público com sua habilidade para construir bonecos de tamanho real. No processo de pesquisa, foram reunidos depoimentos e lembranças de pessoas que, na infância, tiveram contato com seu trabalho; memórias que revelam o encanto, a generosidade e o amor de Seli pelas crianças (Figura 1) que até hoje reverberam na cidade de Pelotas.

Figura 1: Seli na escola de educação infantil Laranjinha no início de anos 90.



Fonte: Acervo de Sérgio Madeira e sua família, que participaram dessa atividade de bonecos com Seli.

Durante as entrevistas, Seli destacou que a experiência como professora foi determinante para sua carreira artística. Por meio do teatro de bonecos, desenvolveu habilidades de contadora de histórias, bonequeira, improvisadora e criadora de múltiplas estratégias para envolver o público infantil. Sua atuação revelava também um caráter interdisciplinar: oriunda das artes visuais, ampliava seu campo de atuação ao integrar habilidades manuais, corporais, teatrais e dramáticas que anos depois a levaram a criar o grupo de teatro Trio Pilha que representou a cidade em várias ocasiões no *Festival Internacional de Bonecos* de Canela (Figura 2).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 2: Homenagem de Seli Mauricio - Diário Popular do dia 29 de junho de 1995.



127

Fonte: Acervo da Artista Seli Mauricio.

Essa dimensão interdisciplinar inspirou as oficinas realizadas no âmbito da pesquisa, que evidenciaram o papel dos bonecos e fantoches como mediadores em sala de aula. Mais do que objetos lúdicos, eles funcionaram como dispositivos propositores, capazes de instigar o pensamento crítico, fomentar o diálogo e criar espaços de aprendizagem horizontal e colaborativa. Como define Martins (2006), o papel do educador vai além da transmissão de conteúdo, envolvendo a criação de experiências provocadoras que estimulam a sensibilidade, a reflexão e o prazer de aprender.

As oficinas realizadas, tendo a memória de Seli como inspiração, abriram portas para o trabalho com diferentes públicos: grupos de mulheres, crianças e pessoas refugiadas durante o período das enchentes em Pelotas. Cada experiência permitiu compreender, na prática, uma pedagogia horizontal e dialógica, na qual cada participante é convidado a se expressar, criar e refletir. Em uma das oficinas, realizada com mulheres da cidade de Morro Redondo, foram confeccionadas bonecas que retratavam realidades do contexto local. Um exemplo marcante foi o de uma dupla de alunas que criou uma boneca negra em homenagem a uma professora que as inspirou e encorajou, gesto que gerou um espaço de trocas no qual o grupo de mulheres utilizou os bonecos como meio de elaborar narrativas pessoais sobre resistência e superação.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Esse processo de confecção e animação revelou uma prática educativa que chega para escutar, e não para impor, uma oportunidade nutrida pelo reconhecimento da comunidade, de sua identidade e de seu lugar de fala. Os bonecos possibilitaram essa mediação, criando caminhos de escuta e criação conjunta. As conexões entre as práticas educativas de Seli e sua adaptação a contextos contemporâneos revelam a urgência de uma educação sensível nos dias atuais.

Assim, a pesquisa não apenas documenta e valoriza a trajetória de Seli Maurício, mas também a insere em um panorama mais amplo de resistência e criação no campo das artes. O trabalho realizado com o grupo de pesquisa atendeu ao objetivo coletivo de visibilizar a história de mulheres artistas, entre elas Seli, entendendo essa ação como oportunidade de combater desigualdades e reescrever a história das mulheres como exercício político (Lerner, 2019). Reconhecer como esses artistas resistiram em períodos de patriarcado estrutural evidencia práticas que ainda hoje ressoam, inspirando processos educativos e artísticos comprometidos com a transformação social e cultural.

As diferentes trocas e perspectivas do grupo de pesquisa sobre as mulheres da EBA fomentaram reflexões constantes a partir de diversos campos. A interdisciplinaridade permitiu novos olhares sobre a memória e a vida das artistas, reconhecendo não apenas suas lutas como mulheres, mas também suas contribuições, descobertas e investigações permanentes, seja sobre materiais, seja sobre formas de resistência, através de suas práticas artísticas e pedagógicas.

A pesquisa de mestrado, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Química, volta-se a articulação do ensino de química, considerando os Declaração Universal dos Direitos, 2015, bem como, a determinação legal (Lei 10639) da Lei de Diretriz da Educação Brasileira, definiu a inclusão da história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio. Como forma de unir na educação o ensino da química, os direitos humanos e a educação antirracista, a pesquisa reuniu a artista escultora Judith Bacci e os materiais por ela utilizados ao ensino da química.

Desde 1949, Judith Bacci, mulher negra, foi uma trabalhadora da EBA, com o tempo ela revelou-se uma escultora, através da busca autodidata, descobriu e aperfeiçoou seu talento artístico. Judith trabalhou de forma bastante cotidiana com uso de argila e gesso, materiais utilizados na pesquisa para o desenvolvimento de atividades didáticas de ensino da química no ensino médio.

A argila, a cerâmica e o gesso se articulam de forma contextualizada para ensinar conceitos químicos e suas transformações de forma lúdica, possibilitando uma educação mais ampla, e ao trazer a arte de Judith, interdisciplinar, possibilitando um aprendizado significativo, além

128



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

de ligar-se igualmente a educação antirracista, conforme as determinações da Lei de Diretriz da Educação Brasileira.

Desta forma, a pesquisa articula-se com os ODSs 4, educação de qualidade, ODS 5, igualdade de gênero e ODS 10, redução das desigualdades, unindo a obra da artista Judith Bacci ao ensino da química, levando igualmente, a ampliação da visibilidade e conhecimento da artista.

Conclusões

Considerando o período do projeto 2023-2027 e o desenvolvimento de cada uma das pesquisas, entendemos que os trabalhos para alcançar os objetivos de cada uma tem sido bastante produtivos, mesmo que, ainda encontrem-se em processo. Todas têm demonstrado um amplo desempenho dentro das proposições do projeto, mostrando que cada discente sob a orientação do docente orientador, tem realizado sua pesquisa de forma colaborativa e interdisciplinar, demonstrando que é possível construir conhecimento de forma mais ampla, mesmo entre áreas de conhecimento díspares, mas que podem, e devem, trabalhar de forma conjunta, visando ampliar as possibilidades de construção de conhecimento.

129

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 5 Ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2019.

BÖHME, K. et al. Nanoparticles as deacidification agents for historical paper and wood. **Journal of Cultural Heritage**, v. 45, p. 223-234, 2020.

BRASIL, ONU. **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 23 jun. 2025.

BROUDE, Norma; GARRARD, Mary D. **Introducing Feminist Art History** (English Edition). Independently published, Kindle Edition, 2014, p. 255.

CANDAU, Jöel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2005. Tradução: Míriam Lopes.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARVALHO, Maria L. M.; RIBEIRO, Suzana L. S. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013.

COSTA, R. M. Sustentabilidade e conservação do patrimônio cultural: novas perspectivas. **Revista CPC**, São Paulo, n. 26, p. 118-141, 2018.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

ION, R. et al. Nanotechnology for cultural heritage conservation: recent advances and future perspectives. **Applied Surface Science**, v. 500, p. 144-163, 2020.

KJERFVE, Björn. Comparative Oceanography Of Coastal Lagoons. Ed.: Douglas A. Wolfe. **Estuarine Variability**, Academic Press: 1986, p. 63-81, ISBN 9780127618906. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-761890-6.50009-5>.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório [org.]. **Dicionário de História de Pelotas [recurso eletrônico]**. 3. Ed. Pelotas: Editora da UFPEL. FAU - Fundação de Apoio Universitário, 2017. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/dicionario-de-historia-de-pelotas/>.

LOPES, C. et al. Conservação de obras de Benette Casaretto Motta em chapas de fibra de madeira: análise físico-química e protocolos de preservação. **Revista Museologia & Patrimônio**, v. 16, n. 1, p. 120-139, 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo, Cultrix, 2019.

MAGALHÃES, A. C. Mulheres artistas e a invisibilidade na história da arte brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, p. 223-240, 2018.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MARTINS, Mirian Celeste. Entrevistas: a inquietude de professores-propositores. **Revista Educação** (UFSM), v.31 – n. 02, p.227-240, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

OLIVEIRA, J.; SILVA, P. O uso de chapas de fibra de madeira na arte sul-brasileira: entre inovação e fragilidade. **Revista Arte & Patrimônio**, v. 8, n. 2, p. 55-73, 2021.

ORIOLO, F. et al. Cellulose-based materials in cultural heritage: degradation and protection. **Heritage Science**, v. 8, n. 1, p. 1-16, 2020.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010a. Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago.

SILVA, R. et al. Silver nanoparticles in polymeric coatings for cultural heritage conservation. **Progress in Organic Coatings**, v. 135, p. 563-572, 2019.

TVEIT, M. et al. Hydrolytic and oxidative degradation of cellulose: mechanisms and conservation strategies. **Cellulose**, v. 29, n. 5, p. 2275-2290, 2022.

UFPEL, Em Pauta; FERREIRA, Vanessa. **A conquista do voto feminino no Brasil completa 92 anos**. 2024. Em Pauta UFPEL. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/a-conquista-do-voto-feminino-no-brasil-completa-92-anos/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

VĂCAR, C. et al. Acid emissions from wood: implications for conservation of heritage objects. **Journal of Cultural Heritage**, v. 49, p. 98-107, 2022.

XU, Y. et al. Wooden supports in art and heritage: degradation, acid emission and conservation approaches. **Heritage Science**, v. 8, n. 2, p. 55-68, 2020.

131



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DA DOMESTICIDADE DE NOSSOS QUINTAIS PARA A COMPANHIA EM NOSSAS CAMAS: OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO EM DOURADOS- MS (2014 A 2024)

Nathália da Mota Machado¹

É notável que o cão hoje ocupa um local social de grande destaque na vida humana nas mais diversas sociedades, sobretudo no mundo ocidental. Essa relação afetiva entre os cães e os seres humanos decorre de centenas e milhares de anos de evolução conjunta como afirma a psicóloga e pesquisadora ativa sobre a temática da relação do ser humano com os cães e o olfato canino, Alexandra Horowitz:

Archeological evidence suggests that domestication of dogs, from wolves, *Canis lupus*, began at least 10-15,000 years ago, about the time that nomadic hunter-gathering humans settled into more agricultural societies (Clutton-Brock 1999), and perhaps at multiple locations (e.g. Boyko et al. 2009)—although mitochondrial DNA from wolves and dogs dates their divergence to 145,000 years ago (Vilà et al. 1997). (HOROWITZ, 2017, pVII)

132

É evidente que essa interação teve diversos caracteres no decorrer dos milênios e que ela começou de forma muito distinta da qual percebemos hoje. Contudo, é inegável que a presença canina na vida cotidiana do ser humano tem sido uma constante há muito tempo e que esses seres não somente presenciaram muitos acontecimentos e feitos dos homens, mas também evoluíram de forma direta e indireta no decorrer desse tempo com eles.

Em seu livro *Seu Cachorro e Você: A história de uma conexão única*, Alexandra Horowitz afirma:

Eles já estavam ao nosso lado milhares de anos antes de sonharmos em fazer uma viagem ao espaço -- não somente antes dos foguetes, como também de todas as etapas tecnológicas de sua produção, da metalurgia à fabricação de motores. Antes de vivermos em cidades, antes de surgir qualquer elemento reconhecível de uma civilização contemporânea, já vivíamos na companhia dos cães. (HOROWITZ, 2021, p10)

¹ Mestranda pelo programa de pós graduação em história pela Universidade Federal da Grande Dourados. nathalia.machado8@hotmail.com.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Uma ligação que provavelmente começou como uma simbiose² e acabou se transformando em uma relação afetiva entre espécies. Hoje eles não somente ocupam um espaço significativo no espectro afetivo individual, mas esse laço tem se refletido na necessidade de mudanças legislativas para seja possível se dar conta do que eles representam na vida cotidiana da sociedade ocidental atual.

Por mais que os cães façam parte das relações que estabelecemos como sociedade há muito tempo, a forma que essa relação tem tomado na atualidade é a grande problemática da presente pesquisa. Visto que:

No other animal has a closer mutualistic relationship with humans than the dog (*Canis familiaris*). Domesticated from the Eurasian grey wolf (*Canis lupus*), dogs have evolved alongside humans over millennia in a relationship that has transformed dogs and the environments in which humans and dogs have co-inhabited. The story of the dog is the story of recent humanity, in all its biological and cultural complexity. (SYKES *et al.*, 2020, p2)

O campo de estudos sobre os cães e as relações que os seres humanos contemporâneos tem estabelecido com esses animais é um campo de estudos relativamente recente, que tem como uma de suas grandes características a interdisciplinaridade. Por isso, para a construção do presente projeto não se pode deixar de lançar mão de uma bibliografia que não se limita somente ao campo de estudos históricos.

A grande dificuldade em encontrar estudos que trabalhem com a temática canina dentro da história é grande e quando se focaliza no cenário nacional, os estudos sobre o tema são ainda mais escassos. O que contradiz com fato de o Brasil possuir a segunda maior população canina mundial, segundo o site Word Population Review se tem o numero bruto de 55,000,000 cães em território nacional. Ficando atrás somente dos EUA³. Fatos esses que fazem com que estudos com a temática aqui proposta sejam de extrema relevância.

133

² John C. Bowman conjectura em *Animais úteis ao Homem*, 1977, ao falar sobre a domesticação, no exemplo de simbiose: “deve ter havido uma fase, na evolução do homem, em que matilhas de cães selvagens dependiam, para sua sobrevivência, de sobras de alimentos que lhes eram deixados pelo homem em seus pequenos acampamentos. Os cães, em troca, atuavam como guardas, alertando o homem contra saqueadores e predadores. (...)” (Bowman, 1977, p30).

³ <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/dog-population-by-country>





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Pesquisas arqueológicas realizadas pela Universidade Federal de Pelotas em parceria com várias instituições⁴ em setembro de 2016⁵ comprovaram a existência de cães antes mesmo da chegada de Colombo ao território que hoje compreende-se como Brasil. Através de dois dentes, foi possível provar que existiam cães na região que atualmente entende-se como Rio Grande do Sul por volta de 1500 a 1700 anos atrás.

Gregory Berns, um neurocientista norte americano, não deixa esquecer de fazer uma importante distinção sobre o compartilhamento de um ancestral em comum que os cães possuem com o lobos modernos:

Embora seja verdade que cães e lobos compartilham um ancestral comum, isso não significa que os cães descendam dos lobos. Essa é uma distinção importante. As trajetórias evolutivas de lobos e cães divergiram quando alguns dos “lobos-cães” começaram a andar com proto-humanos. Aqueles que ficaram por perto se tornaram cachorros, e aqueles que se mantiveram afastados se tornaram os lobos modernos. (BERNS, 2013, p36).

A domesticação é um fenômeno que o ser humano estabeleceu com várias espécies de animais distintas. Hoje ao pensarmos em animais domésticos, principalmente dentro de um contexto urbano, restringimos nosso imaginário a algumas espécies específicas, espécies essas que muitas vezes também são percebidas como de estimação. O que faz com que os termos “animais domésticos” e “animais de estimação” possam ser confundidos como sinônimos quando se olha para o recorte espacial e temporal urbano do momento presente. No entanto existe uma grande distinção entre esse dois conceitos.

Durante a pesquisa de iniciação científica *As Atitudes em Relação ao Animais na Conquista e Colonização da Fronteira Oeste da América Portuguesa (1727-1780)*, me deparei que o termo “animais domésticos” eram atribuídos a animais distintos da contemporaneidade. Pois naquele dado momento histórico esse bichos eram porcos, galinhas, vacas e outros animais os quais eram cultivados para que servissem de alimento posteriormente.

134

⁴ Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano (INAPL), Consejo Nacional de Investigaciones científicas y Técnicas (CONICET), Buenos Aires, Argentina, Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Paseo del Bosque, La Plata, Argentina e School of Science & Engineering, Teesside University, Middlesbrough, UK.

⁵ Milheira, R. Guedes *et al.* *The First Record of a Pre-Columbian Domestic Dog (Canis lupus familiaris) in Brazil.* International Journal of Osteoarchaeology, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/oa.2546> . Acesso em 11 de Janeiro de 2025.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Tal questão também remete a mudança de significado que as palavras podem sofrer no decorrer do tempo e dos contextos. Os cães foram somente animais domésticos por muito do tempo em que compartilharam suas vidas e gerações com os seres humanos.

A estimação veio com a contemporaneidade. Mas foi somente quando ela se consolidou de tal maneira que fosse necessária mudanças legislativas para de fato sanar as demandas sociais familiares dentro do direito que percebamos de forma substancial a mudança do status social desses animais de estimação dentro do contexto da atualidade.

Para distinguir os animais domésticos dos animais de estimação dentro do próprio direito foi instituído pela socióloga Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima em *Considerações sobre a família multiespécie* cinco requisitos para a diferenciação do animais de estimação dos animais domésticos. Eles consistem em primeiro: reconhecimento familiar, segundo: consideração moral, terceiro: apego, quarto: convivência íntima na rotina familiar e quinto: inclusão em rituais.

Ademais, a presente pesquisa inevitavelmente carrega consigo uma considerável carga de algo que está ganhando força na atualidade, o pós-humanismo, que é uma corrente de pensamento que visa analisar mundo descentralizando o ser humano, permitindo assim focalizar o olhar para outros sujeitos que não sejam somente os homens.

Visando, portanto, a construção de um conhecimento histórico sobre as relações contemporâneas entre os seres humanos e os cães no âmbito do município de Dourados-MS, para que seja possível entender como o cachorros foram e estão sendo inseridos na vida cotidiana dessa sociedade.

Parte-se da hipótese de que houve uma mudança acentuada na forma que o poder público tratava não somente sobre os cães, mas os animais domésticos e de estimação de forma geral. As alterações que a lei número 5.235 trazem em seu primeiro artigo faz perceber a mudança do entendimento legislativo dos animais de estimação de seres semoventes para sujeitos de direito, mesmo que o caráter paternal humano ainda lhes recaia.

Ao comprovar essa mudança pretende-se analisar como esse deslocamento se fez possível. De quais locais esses debates tiveram origem, a quem e a quais interesses eles defendem, além de como essas mudanças se relacionam com políticas públicas externas ao município de Dourados Mato Grosso do Sul.

É inegável que essa pesquisa nasce pensando os cães que pertencem a um local muito privilegiado. Mas é importante ressaltar que não se pretende tratar somente desses animais que possuem tratamentos distintos. Mesmo que talvez eles acabem possuindo um enfoque maior dentro do presente estudo é essencial evidenciar a necessidade de problematizar esse local de grandes regalias.

135



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ao se pensar nos animais domésticos que já viviam em residências contemporâneas, com enfoque nas camadas menos favorecidas, percebemos que em muitas delas eles não dividiam determinados locais sociais com os humanos. A eles lhe pertencia o quintal, pois não podiam entrar nas casas e em determinados condomínios e não eram autorizados em locais de lazer como parques e shoppings centers.

Nos últimos anos, mudanças tem ocorrido no tratamento dado aos cães, e em Dourados, isso pode ser notado com a aprovação da lei n. 4.966, de 22 de dezembro de 2022 que: "Dispõe sobre o ingresso e a permanência de animais de estimação em praças, parques públicos, jardins e dá outras providências.". Nota-se que antes da referida lei tínhamos a lei n. 35 de 20 de agosto de 1952 que proibia a permanência de animais de gado na zona urbana da cidade.

Mais a frente discorreremos sobre a lei número 186 de 11 de março de 1959 que fala especificamente sobre o registro e controle de cães no município. A necessidade de regulamentação canina na dada localidade evidencia a existência desses animais, mas mais do que isso, mostra que muito provavelmente o contingente canino não se tratava de um numero baixo. Esses cães eram somente domésticos ou é possível perceber através das fontes utilizadas algo que remeta a lapsos de estimação?

Diante disso, levanta-se a seguinte pergunta: como eles deixaram de pertencer aos quintais e passaram a dividir todos esses espaços públicos e privados com o homem? Em outras palavras: como esses animais deixaram de seres somente animais domésticos e se tornaram animais de companhia/estimação? É possível perceber através das fontes escolhidas como a relação humana com os cães de estimação tem se dado no contexto do município de Dourados-MS?

Para pensar o presente trabalho pretende-se explorar as legislações da câmara municipal de Dourados-MS, especificamente as posturas municipais e todas as leis que abordaram os animais no âmbito legal do município. Entender como os animais foram vistos pelo poder publico da cidade em questão é a grande tônica da pesquisa.

Aliado a isso, analisar como as leis são referidas em um dos jornais mais tradicionais da cidade, *O progresso*. Ele está digitalizado e disponível para cópia e análise no Centro de Documentação Regional (CDR) da UFGD. Optou-se por esse jornal em específico por se tratar de uma das coleções mais completas e acessíveis.

O período de 2014 a 2019 para a versão impressa do jornal se dá em decorrência do fato anteriormente a 2014 existirem várias edições incompletas e perdidas. 2019 é o último ano em que o jornal circula de forma física. A partir disso ele passar a circular de somente de forma digital, online. E com isso será feito o uso de sua versão online de 2019 até 2024.

136



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Pretende-se realizar um trabalho de história animal (um subcampo relativamente recente da história) que visa, portanto, perceber os cães e sua relação com os seres humanos no município de Dourados-MS com o maior enfoque na última década, de 2014 até 2024 através das fontes apontadas acima. Mas, ao se tratar das leis, o recorte temporal será a partir de todas, que tratem sobre questões animais, das quais seja possível acessar. Elas começaram com a, já citada, lei numero 35 de 1952.

A localização geográfica próxima a fronteira a qual Dourados se encontra também possibilita a análise dessa relação de forma distinta, visto ser recorrente a utilização de cães farejadores na apreensão de drogas na região. O que significa que esses animais também estão inseridos socialmente para além de questões de estimação, pois também são utilitários para a dada localidade⁶.

O início desse recorte temporal, 2014, se deu majoritariamente em decorrência da completude do jornal *O Progresso*, uma vez que é a partir dessa data que não há inviabilidade de acesso a determinadas datas e períodos. Já o fim, 2024, se dá pela necessidade de inclusão de eventos recentes acerca dos cães e da forma como eles aparecem tanto no contexto do município de Dourados-MS quanto no contexto nacional e internacional.

É preciso reforçar que a presente pesquisa não é uma pesquisa sobre os cães exclusivamente, pois envolve principalmente a relação entre os seres humanos e os cães. Mais especificamente sobre as formas que essa relação tem tomado no decorrer dos últimos anos.

A Medicina Veterinária, a Psicologia, a Antropologia, a Biologia e a História se articulam de forma acentuada quando se volta o olhar para pensar o estudo dos animais, principalmente quando focamos nos animais de companhia, aqueles com os quais se desenvolveu relações afetiva ao longo dos milênios de convivência mútua.

Essa interdisciplinaridade não é tônica somente dos estudos científicos que pensam os animais de estimação e os cães. Os estudos sobre os animais percebido pela bibliografia da qual aqui é exposta até o presente momento trazem uma análise carregada de novo paradigma que está sendo construído ao longo das últimas décadas, o *pós-humanismo*.

137

⁶ Fundada em 1861 como Colônia Militar de Dourados, o município de Dourados se desmembra de Ponta Porã a partir de um decreto do então Governador do Estado Mário Corrêa da Costa em 20 de dezembro de 1935. A CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) idealizada por Getúlio Vargas, trouxe para a região do município de Dourados uma grande "avalanche" demográfica composta de vários migrantes das mais diversas regiões do país. Colonos esses que viram nos solos férteis do sul do estado do Mato Grosso a possibilidade de melhoria de vida. Movimento que acabou ajudando na consolidação da região como um polo agrícola.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Em *A história para além do humano*, um dos pilares teóricos da pesquisa em questão, a historiadora Ewa Domańska enfoca novas perspectivas que vêm sendo incorporadas pelo campo histórico nos estudos da atualidade.

Uma delas é o pós-humanismo e sobre ele no capítulo *História e pós-humanismo* ela afirma:

Os pós-humanistas rejeitam a definição humanista de ser humano como a medida de todas as coisas e sua fixação no sujeito narcisista e autônomo que - como os teóricos de gênero têm enfatizado - se revelou ser o homem branco, de classe média, europeu (antropocentrismo = androcentrismo). O objeto das pós-humanidades é, portanto, não o homem, mas o *anthropos* (ou o animal humano) em seus emaranhamentos de relações interespecies e ambientais. Inspirando-se, por um lado, no anti-humanismo de Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Frantz Fanon e Michel Foucault e nas discussões pós-estruturalistas sobre o fim/declínio do humano e, por outro, nas conquistas das ciências da vida, o pós-humanismo questiona a visão do ser humano nas tradições europeias e cristãs que apresentam uma imagem do humano como o centro do universo e o topo da hierarquia das espécies (chauvinismo de espécie). Em vez disso, ele se volta para uma concepção do ser humano como uma espécie que existe em relações com outras formas de vida orgânicas e não orgânicas. O humano é, assim, retratado como uma forma específica de vida entre outros animais por possuir consciência e linguagem, ser capaz de pensamento abstrato e racional e por criar cultura e civilização (com estas consideradas as formas mais complexas e desenvolvidas de vida comunitária). Seguindo os passos de biólogos (e autores de ficção científica), os pós-humanistas concebem a humanidade como um ecossistema particular, um holobionte (Gilbert, Sapp e Tauber, 2012) que, com efeito, forma um agrupamento (ou *assemblage*) que consiste nas várias espécies que o habitam e que permanece sempre em um processo de cocriação com outras formas de vida, máquinas e coisas. Como diz Donna Haraway (2007), parafraseando Bruno Latour, "nunca fomos humanos" ou, pelo menos, nunca fomos o tipo de humano idealizado pelos modelos tradicionais das humanidades. Este tipo de pós-humanismo ecológico e pós-antropocêntrico está presente na história animal e ambiental. (DOMANSKA, 2024, p 60-61)

138

Sua importância para pensar o presente estudo é fundamental. As discussões levantadas sobre o pós-humanismo e suas implicações são absurdamente ricas e necessárias para se pensar o campo histórico e o que precisa ser superado dentro do contexto antropoceno.

É necessário evidenciar mais uma citação, que pertencente ao capítulo *História animal* que poderia por si só defender a necessidade de pesquisas como a que aqui pretende-se fazer:

Historiadores como Éric Baratay, Erica Fudge ou David Gary Shaw (para mencionar apenas alguns) estão certos quando salientam que estudar animais obriga os pesquisadores a repensar a história enquanto disciplina e seus fundamentos. Baratay lista vários dos principais problemas que estão



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

constantemente freando a história animal e reduzindo-a à "história humana dos animais". Primeiro, a definição clássica de história formulada por Marc Bloch - "a ciência dos homens no tempo" - precisa ser transformada a fim de abranger os não humanos. Isso significaria abandonar o velho e duradouro paradigma antropocêntrico do conhecimento histórico. Segundo, os historiadores teriam de incorporar ciências naturais tais como ecologia, etologia, zoologia e psicologia cognitiva animal. Terceiro, os académicos teriam de ir além da história sociocultural e do problema da representação que os ocupou por tanto tempo (Baratay, 2015a:3-6). The Historical Animal mostra claramente que tais reconfigurações massivas da disciplina histórica já estão aparecendo na prática histórica e que os historiadores mais progressistas já estão tentando ir ainda mais longe. (DOMANSKA, 2024, p 94)

Domańska elabora a necessidade de orientar a disciplina história para o futuro. E para que isso seja possível ela afirma que devemos olhar para a sociedade como parte de um todo, e que os seres humanos não deveriam se dividir entre espécies, nações etc. mas sim se ver todos como terráqueos.

O presente estudo recairá sobre o que a autora classifica como um estudo pós-humanista humanista, muito provavelmente pelos motivos que ela evidencia fazer desse tipo de estudo sobre os animais os mais frequentes.

Quando pensamos na história das relações entre os seres humanos e os animais, o historiador Keith Thomas é um dos grandes percursores desse campo. O seu livro, *O homem e o mundo natural*, é um dos grandes alicerces bibliográficos para pensar a relação ser humano e animal. No entanto, sua análise sobre essa relação vem de uma perspectiva antropocêntrica. O que faz com que sua obra seja uma das únicas, aqui abordadas, que não se constitua sob o prisma do pós- humanismo.

Jacques Derrida, filósofo franco-magrebino, é uma grande referência no campo da história das relações entre os seres humanos e os animais. A sua obra *O Animal que Logo Sou*, onde ele discorre sobre o olhar atento e perspicaz de sua gatinha, se faz leitura obrigatória para pensar a relação sujeito humano e sujeito animal. Sendo então uma longa reflexão sobre eu animal que habita o *ser* humano e suas possíveis implicação na forma como lidamos, projetamos e representamos o *ser* animal.

O campo da história das relações entre os seres humanos e os animais começou a emergir em meados da década de 1980, segundo afirmação da historiadora norte americana Harriet



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ritvo⁷. Entretanto as publicações traduzidas para o português do Brasil ainda se mostram muito recentes. Isso de fato dificulta estudos desse âmbito, mas também pode ser um indicador de algo que possa ser visto talvez como um despertar de interesse recente em relação ao presente assunto no contexto nacional.

Pensar esse campo no cenário brasileiro é impossível sem notar Regina Horta Duarte, uma das grandes referências em nossa conjuntura. Em *História e Natureza* a autora busca tratar sobre um tema que nos é extremamente caro em nossa contemporaneidade, o meio ambiente.

(...) Compreender a historicidade das relações entre a sociedade e a natureza pode, certamente, dar-nos instrumentos para assumir uma postura mais crítica frente aos debates sobre o ambiente. Tornarmo-nos mais capazes de perceber mais claramente tanto as falácias do desenvolvimentismo como as idealizações autoritárias de algumas propostas ecológicas ditas “alternativas”. Conhecer a história possibilita o amadurecimento das posturas a serem assumidas em defesa da sociedade, numa visão para além de “isso é certo, isso é errado” ou “esses são bonzinhos e aqueles são malvados”. (DUARTE, 2005, p. 32)

140

Após justificar a importância do estudo da história das relações entre sociedade e natureza ela evidência o grande papel da interdisciplinaridade para o campo. Mais ao final do livro a autora salienta o papel comercial dela referenciando Cronon. Pensar o relacionamento do ser humano com seus animais de estimação de forma a perceber o mercado que se consolida por trás dessa relação é fundamental, pois:

Ao mesmo tempo, a moda dos animais de estimação movimenta a economia, com inúmeros produtos, como sapatinhos e roupinhas para cães, fitinhas para gatos, uma chatice para os bichinhos, mas um apelo inestimável para um homem cada vez mais só, carente de afeto e contato. Há também o comércio de animais silvestres, levando tucanos, cobras diversas, salamandras e outros pobres coitados para dentro de pequenos e escuros apartamentos, tudo isso alimentado por práticas de tráfico ilegal. Durante o transporte clandestino, sempre inadequado e na maior parte das vezes em condições cruéis, dezenas de animais morrem, muitas vezes sufocados, para que um ou dois cheguem aos destinos de vendas e satisfaçam o desejo do homem moderno de “maior contato com a natureza”, reforçado por frases como “adoro animais!”. Imaginem se não gostassem, que fariam... (DUARTE, 2005, p 82-83).

⁷ Ritvo, Harriet. *História dos animais: uma entrevista com a professora Harriet Ritvo*. Entrevista concedida a Nelson Aprobato Filho. HCS- Manguinhos, volume 28, suplemento 1, dezembro, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QhcNdBDWM5t8PdhZRQ9YYCB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 de janeiro de 2025.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Mesmo que o texto tenha quase duas décadas de publicado é notável que ainda se trata de uma realidade vigente. Talvez o cenário tenha melhorado um pouco para salubridade da vida animal, em decorrência, é claro, de imposições legislativas visto que o direito dos animais tem ganhado mais força e visibilidade nessas últimas décadas. Mas situações como a descrita ainda existem.

Alexandra Horowitz, psicóloga previamente citada, traz perspectivas muito necessárias para se pensar esse relacionamento. Ela busca dar luz a novas possibilidades de como esse contato entre essas duas espécies é e do que ela poderia então vir a se tornar. Tudo isso carregando a tônica da sustentabilidade e das necessidades que nosso planeta demanda.

No capítulo introdutório *Unidos* da obra *Seu Cachorro e Você, A História de Uma Conexão Única* Alexandra levanta várias concepções sobre como se interage com os animais e como essa interação é perceptivelmente ambígua:

Na verdade, o lugar dos cães na sociedade é cheio de contradições. Temos consciência de seu animalismo (costumamos dar-lhes ossos e levá-los para fora de casa para fazer xixi), mas impomos uma falsa humanidade (vestindo-os com capas de chuva e comemorando o aniversário deles). Para manter a aparência de determinada raça, cortamos suas orelhas (para ficarem mais parecidos com canídeos selvagens), mas encurtamos o comprimento do rosto (para se parecerem mais com primatas). Falamos do gênero, mas regulamos sua vida sexual.

(...) São parte da família, mas também propriedade; são estimados, mas muitas vezes abandonados. Nomeamos um, enquanto sacrificamos milhões de outros anônimos.

Celebramos sua individualidade, mas os reproduzimos para serem iguais. Ao desenvolvermos raças fantásticas, destruimos a espécie: fizemos cães de focinho achatado que não conseguem respirar direito; cachorros de cabeça pequena com pouco espaço para o cérebro; animais gigantes que mal aguentam o próprio peso. Eles se tornaram familiares, mas o processo ofuscou sua essência. Deixaram de ser vistos pelo que são. Conversamos com eles, mas não os ouvimos; olhamos para eles, mas não os enxergamos. (HOROWITZ, 2021, p13)

O modo como se tem lidado com os cães ao longo do tempo em que se evoluiu conjuntamente com eles é cheio de contradições, como disse Horowitz. Principalmente quando colocamos em perspectiva o local de grande importância afetiva que a sociedade contemporânea os tem dado. Cada vez mais se tem percebido os cachorros (mas não somente eles) como sujeitos ativos dessa relação. O status social que lhes vem sendo empregado não condiz mais com a ideia de propriedade que perdurou por tantos séculos.

No capítulo *Ser tutor de um cão* Alexandra discorre longamente sobre a incoerência de pensar os cães como propriedade na realidade em que se vive com eles atualmente. A autora discute

141



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sobre a necessidade de mudança sobre o entendimento da perspectiva jurídica sobre posse dos animais de estimação. A fim de sanar a questão ela trás como solução a compreensão dessa relação a partir da ideia de tutela.

Chegamos, então, aos cães. Favre sugere que eles se encaixam melhor na categoria dos pica-paus silvestres e recém-nascidos do que na das sequoias: como donos de si - mesmo que ainda sejam propriedade de alguém, de acordo com a visão binária da lei. Atualmente, eles são mais sequoia do que bebê. E, por mais incríveis que as coníferas sejam, temos uma ideia diferente delas da que temos sobre as maravilhas peludas como a que me fareja neste momento. Assim, nossa "posse" atual se transformaria em algo mais próximo de "tutela". O termo "tutor" já é usado em algumas cidades - como Boulder, São Francisco e Amherst -para descrever melhor a relação entre humanos e cães.* É preciso apenas que o status legal alcance as finalidades do termo. (HOROWITZ, 2021, p77-78)

É perceptível, através de suas falas e posicionamentos, o quanto Alexandra é não somente uma estudiosa sobre as questões caninas, mas também uma grande ativista sobre a necessidade de mudanças que a contemporaneidade desse relacionamento pede. E é exatamente esse movimento de modificação social que chamou atenção para pensar o assunto na perspectiva legislativa que se orientou o presente projeto.

Dominick LaCapra, historiador estadunidense, pontua questões muito importantes de serem analisadas quando se fala sobre os animais em seu livro *Compreender Outros: Povos, Animais, Passados*. Ao começar o segundo capítulo, *Humanos, outros animais e as ciências humanas*, ele faz referência a uma fala de Ludwig Wittgenstein frequentemente citada: “Se um leão pudesse falar, não o compreenderíamos”. (LaCapra, 2022, p. 105)

Sobre a citação LaCapra afirma:

“Em uma leitura plausível, poder-se-ia traduzir o que Wittgenstein diz como uma injunção: o que quer que você faça, não entenda o que o leão falante diz, ao menos se quiser manter uma percepção segura de sua identidade humana, supostamente assentada, separada e distinta. Gostaria de confrontar essa injunção com outra: faça o possível para perlaborar e superar o sintomático desejo de uma oposição fundamental entre o humano e outros animais. E procure ter distância crítica da busca compulsiva e repetitiva do critério essencial ou do conjunto de critérios que subscreva essa oposição. Aqui, de certo modo como Wittgenstein, notadamente em relação a um quadro que mantém a “nós” cativos, aponto para uma transformação “terapêutica”, até mesmo um tipo de experiência de conversão no nosso uso da linguagem, na nossa imaginação, em nossas reações emocionais e formas de vida relacionadas a elas. De forma mais alinhada à minha contrainjunção, seria possível até defender que a asserção de Wittgenstein sobre o leão falante parece plausível na medida em que “nós” estamos tão distanciados ou alienados do modo de vida dos leões e de outros animais, os “não de

142



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

companhia”, que estão além do alcance de nossa empatia, como outros totalmente alheios e tipicamente ameaçadores (digamos, terroristas). Gostaria ainda de destacar que se voltar a outros animais como preocupação integral da história e das ciências humanas não é apenas incluir outro tópico de pesquisa na agenda de acadêmicos e estudantes. É um movimento que implica conceitualizar os estudos históricos e as ciências humanas em geral. De fato, as ciências humanas tornaram-se, com essa guinada, um campo ou um conjunto de campos não centralizados exclusivamente no ser humano, e definitivamente deixam de ser um empreendimento em que outros animais se constituam como um “outro” mais ou menos encoberto ou como bode expiatório de uma ideia do humano ou das ciências humanas (e de campos aliados como a antropologia) enganosamente entendida como universal em seus valores e adequada em sua tentativa de compensar ou “redimir” tradicionais exclusões ou subênfases. Uma consequência evidente para a pesquisa “pós-humanista” é que a atenção aos animais deva ser levantada na avaliação de trabalhos (...)” (LACAPRA, 2022, p 106-107).

O que LaCapra quer dizer nessa passagem é que os seres humanos geralmente não se colocam em uma posição a qual seja possível observar os animais a partir deles mesmos, que a perspectiva antropocêntrica nunca é de fato superada a fim de entender os outros seres vivos sem que o se faça pelas lentes do *ser* humano.

Fica evidente que o autor não pensa ser impossível que se possa de fato entender a fala do leão, uma vez que sua linguagem não se reduz a fala, mas sim a um conjunto de gestos, ações, expressões, contextos etc. Mas que para que tal feito seja realizável será necessária que se abra mão dessa visão humana de si como métrica de tudo e todas coisas. Porque só assim, talvez, se possa ver os animais por eles próprios.

Ao final da mesma página dessa última citação La Capra toca em outro ponto muito necessário:

(...) Ao longo do tempo e do espaço, seres humanos buscaram, de modo repetidos, embora variados, uma identidade segura baseada em um critério decisivo que opusesse o humano de maneira binarista a “o” animal, tipicamente de uma forma que possibilitasse cometer violência a esse outro. (...) (LACAPRA, 2022, p 107-108).

E nesse sentido sempre se subjuga o mundo animal, tentando a todo custo se afastar até mesmo dos próprios instintos animais que o ser humano possui em busca do que se construiu culturalmente como civilidade. Civilidade essa que compreende o animal não somente como inferior, mas também algo que necessita de lapidação, que precisa evoluir, por consequência, algo a ser superado.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A primeira concepção questionável da relação humano/outro-animal postula o domínio do ser humano sobre a natureza, incluindo outros animais, que são com frequência meramente subsumidos como um componente de um conceito indiferenciado de natureza. A grande cadeia do ser, à qual A. O. Lovejoy e outros deram grande atenção, costuma ser vista como uma série vertical de elos, com os animais na parte mais baixa e os humanos perto do topo (abaixo apenas da divindade e talvez dos anjos). A implicação dessa concepção é que os outros animais existem para uso humano, algo limitado ao máximo por noções de pureza humana ou ética humana, notadamente o conceito de crueldade para com os animais. Mas, mesmo quando é tema de legislação, a crueldade é tipicamente uma noção muito restrita, abrigando ampla gama de comportamentos em relação a outros animais não permitidos com relação a humanos, como caçar, matar ou bater, comer, manter em cativeiro, impor trabalho forçado e submissão. (...) (LACAPRA, 2022, p. 110-111).

Entender a História das relações entre os seres humanos e os animais sem entender a relação de submissão que o homem sempre estabeleceu aos outros sujeitos, até mesmo de sua própria espécie, é inconcebível.

O antropocentrismo é uma concepção de mundo que se carrega como verdade há alguns séculos e mesmo que já tenha sido superada em alguns âmbitos ela ainda permeia o imaginário do senso comum. E mesmo que o universo não dependa do ser humano para existir e que muito provavelmente a natureza funcionaria perfeitamente sem as constantes intervenções humanas, não se deixa de olhar o ambiente e dar a ele o sentido que se acredita que ele deva ter. Regina Orta Duarte deixa isso bem evidente em sua obra previamente citada *História e Natureza*.

O campo da história das relações entre os seres humanos e os animais é um campo de estudo em ascensão, como já foi dito anteriormente. Pesquisas sobre a história dos animais, ou os não que humanos, estão emergindo no seio da historiografia brasileira e principalmente internacional.

Exemplo disso é o periódico Manguinhos que circulou uma edição dedicada a história dos animais em dezembro de 2021. Também se teve o acesso ao dossiê *La Historia de los Animales en América Latina y el Caribe* que foi publicado em 22/11/24.

Outro grande exemplo da expansão do campo estudos históricos sobre a natureza é o grupo de pesquisa Laboratório História e Natureza da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O LabHeN promove encontros recorrentes com pesquisadores de história ambiental e também realiza oficinas e cursos sobre temáticas que se relacionem com tópicos em comum.

Entender como os animais de estimação, principalmente os cães, foram percebidos no município de Dourados Mato Grosso do Sul através das leis municipais e do Jornal O



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Progresso de 2014 até 2024. Ou seja, de que maneira os cachorros estão sendo vistos pelo poder público do município e como essas leis são noticiadas no periódico em questão.

Ao focar nas leis pretende-se lançar mão de uma bibliografia interdisciplinar, vinda do próprio campo do direito, visto que a temática das famílias pós-humanas ou multespécies já é um campo um avançado dentro não somente do direito em âmbito nacional e internacional. Quando nos voltamos para o jornal *O progresso* é necessário ter em mente que as empresas atendem aos interesses daqueles que as detêm. Por isso, atentar-se aos principais colaboradores, o público ao qual se destinava, os subsídios que a fomentavam são, segundo Tania Regina de Luca, fundamentais.

(...) Nunca é demais lembrar que não há uma receita pronta a ser aplicada e que os esquemas, mais abrangentes que sejam, têm utilidade muito limitada, como você vai perceber assim que folhear sua fonte. A partir deste ponto a aventura é sua. (DE LUCA, 2005, p142).

Pretendo articular a presente pesquisa de forma a perceber as leis municipais de Dourados-MS e seus reflexos no jornal *O Progresso*. Ou seja, como essas leis apareceram no jornal. Também tenho a intenção de perceber os reflexos das notícias sobre os animais de estimação no âmbito legislativo.

145

REFERÊNCIAS

Aprobato Filho, Nelson. História dos animais: uma entrevista com a professora Harriet Ritvo. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Volume: 28 Supplement 1, 2021.

Berns, Gregory. *Será que ele me ama?: Um neurocientista decifra o cérebro emocional canino*. 1ª edição. Porto Alegre: Citadel, 2020.

Burk, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Derrida, Jacques. *O Animal que Logo Sou*. 1ª edição. São Paulo. Fundação Editora da UNESP (FEU), 2002.

De Luca, Tania Regina. *Práticas de pesquisa em história*. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2022.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

De Luca, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Pinsky, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 3ª edição, São Paulo: Contexto, 2005.

Domańska, Ewa. *A História para Além do Humano*. 1ª edição. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2024.

Duarte, Regina Horta. *História & Natureza*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Haraway, Donna J.. *Quando as espécies se encontram*. 1ª edição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Horowitz, Alexandra. *Seu cachorro e você: A história de uma conexão única*. 1ª edição. BestSeller, 2021.

Horowitz, Alexandra. *Preface*. In: *Domestic Dog Cognition and Behavior: The Scientific Study of Canis familiaris*. 1st edition. New York, Springer, 2014.

LaCapra, Dominick. *Compreender outros: povos animais, passados*. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

Levi, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: Burke, Peter. *A escrita da história: Novas perspectivas*. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Sykes, Naomi *et al.* *Humanity's Best Friend: A Dog-Centric Approach to Addressing Global Challenges*. In: *Animals*. Basel. 10, 502. 1-18. March, 2020.

Thomas, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Edição de bolso, 2010.

Thompson. E. P.. *Costumes em comum*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Menezes, Ana Paula. *COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS – HISTÓRIA, MEMÓRIA: considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados*. In: *Revista História em Reflexão*: Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourados jan/jun 2011.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ANÁLISE DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS PARA A CONSERVAÇÃO DE UM ACERVO UNIVERSITÁRIO NO INTERIOR DO BRASIL

Bárbara Chagas Oliveira¹

Karine Rodrigues dos Santos²

Clara Maria Ferreira³

Bianca Leiva Rosa⁴

Luiza Emrich Vieira Botelho⁵

Eleonora Sad de Assis⁶

Introdução

Os Centros de Memória de uma universidade desempenham um papel fundamental na conservação, ensino e pesquisa dos diversos tipos de acervos que compõem o patrimônio cultural e acadêmico da instituição. E como todo espaço de guarda permanente de coleções, a correta preservação de seus objetos depende do monitoramento rigoroso de fatores ambientais, como temperatura e umidade relativa do ar (UR). Caso esses fatores não estejam sob controle, o resultado são flutuações indesejáveis de temperatura e umidade, que podem acarretar no aceleramento da degradação dos materiais e propiciar o surgimento de pragas, como insetos e fungos, que prejudicam ainda mais o acervo.

O controle termohigrométrico do ambiente é feito com base em parâmetros específicos estabelecidos para a preservação de coleções, que classificam os materiais em categorias de sensibilidade. Segundo Michalski (2007), para uma boa conservação da maioria dos acervos em papel, recomenda-se uma faixa de 20-22°C para a temperatura e 40-50% de UR, com variações máximas de 5% UR para mais e para menos por dia. Em temperaturas elevadas,

147

¹ Graduanda em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, UFMG-EBA, barbaraoliveira.restauo@gmail.com

² Graduanda em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, UFMG-EBA, kariner313@gmail.com

³ Graduanda em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, UFMG-EBA, claramariaferreira22@gmail.com

⁴ Graduanda em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, UFMG-EBA, leivarosabianca@gmail.com

⁵ Graduanda em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, UFMG-EBA, luiza.emrich05@gmail.com

⁶ Professora doutora em Arquitetura e Urbanismo, UFMG-Escola de Arquitetura, elsad@ufmg.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

isto é, acima de 25 °C, há um aumento significativo na velocidade das reações químicas que podem afetar papéis, principalmente aqueles muito ácidos, filmes fotográficos, alguns plásticos, borrachas e suportes magnéticos; enquanto em temperaturas muito baixas, o papel pode ser tornar quebradiço (Michalski, 2009). Já Ogden (1997), alerta que, para itens cujo suporte é o papel, as condições do ambiente não devem variar mais 2°C para temperatura e 3% UR em um único dia.

Entretanto, essas recomendações técnicas ideais são muito difíceis de serem implementadas em países tropicais como o Brasil, cuja média de temperatura está em torno de 25°C a 27°C e pode chegar a 80% de umidade relativa durante o ano todo em algumas regiões, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, 2025). As particularidades dos contextos tropicais, onde o controle de temperatura e umidade relativa por meio de sistemas HVAC nem sempre é viável, seja pelo alto custo de implementação e manutenção, seja pela instabilidade no fornecimento de energia precisam ser levadas em conta. Dessa forma, é preciso considerar o potencial das soluções passivas para controle das condições ambientais, que são mais simples e fáceis de serem efetivamente implementadas em edifícios brasileiros, como cortinas blackout, filtros UV, ventilação natural, o isolamento térmico e o uso de materiais construtivos apropriados ao clima local.

O presente trabalho apresenta uma análise das condições ambientais do Centro de Memória Imagens de Minas, situado na Escola de Belas Artes (EBA), localizada no campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil. O espaço abriga um acervo composto por tipologias materiais diversas, como madeira, papel, cartazes e fotografias, que integram a história da cinematografia mineira. Essa diversidade de materiais exige atenção diferenciada aos fatores ambientais que afetam sua conservação. Por isso, esta investigação abrange tanto a caracterização física e funcional do espaço quanto a influência das condições externas sobre o ambiente interno. Considerando as limitações estruturais que impedem modificações no layout do espaço, foram propostas ações pontuais de mitigação dos riscos ambientais, priorizando estratégias passivas de controle de umidade e temperatura, adequadas às limitações do espaço e voltadas à preservação a longo prazo do acervo.

Esta pesquisa foi desenvolvida com o apoio do Acervo Imagens de Minas, que, em consonância com seu propósito interdisciplinar enquanto espaço de memória universitário, colaborou com a coleta dos dados analisados e proporcionou acesso às suas instalações.

148



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Fundamentos teórico-conceituais

Esta investigação baseia-se na coleta e no tratamento de dados climáticos externos internos, analisados por meio dos índices de adequação ambiental. Uma proposta para análise desses dados é a carta psicrométrica de May Cassar (1995). A carta psicrométrica é uma ferramenta gráfica que possibilita relacionar temperatura e umidade relativa do ar a partir de medições ambientais, de modo a facilitar a identificação de situações de risco para o acervo. Ao inserir os dados coletados no gráfico, é possível verificar se as condições do ambiente, visualmente representadas pelos pontos de temperatura e UR plotados, estão dentro das faixas recomendadas, chamadas zonas ambientais ideais, para diferentes tipologias de acervo, o que facilita a tomada de decisões preventivas e o planejamento de intervenções.

Outro parâmetro utilizado é o método das isopermas, desenvolvido por Donald Sebera (2001). O gráfico de isopermas, apresentado na figura 1, é composto por curvas que relacionam a umidade relativa do ar e a temperatura, permitindo estimar a expectativa de vida útil de materiais celulósicos com base nas relações entre temperatura e umidade relativa do ar. Sebera (2001), demonstra que a estabilidade ambiental é mais crítica do que os valores absolutos, defendendo que pequenas variações controladas são preferíveis a mudanças abruptas.

149



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

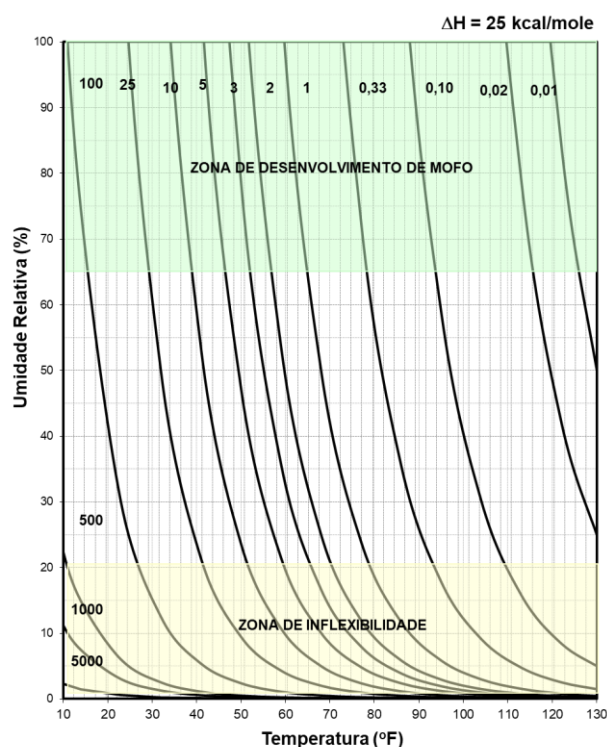
Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE



150

Fig. 1 - Diagrama das Isopermas, elaborado a partir do texto “Isopermas: uma ferramenta para o gerenciamento ambiental” (SEBERA, 2001, p.11-12)

Os diagramas usados para a análise de isopermas utilizam simultaneamente os dados de variação de temperatura e umidade relativa, no qual, de acordo com a UR está representada a “zona de mofo” que equivale UR maior que 65% e a “zona de inflexibilidade”, demarcada pela região abaixo de 20% UR. Essa zona deve ser evitada se desejar prevenir deterioração biológica, como mofo e foxing. Entre 20-65% UR, é a zona de temperaturas medianas, considerada mais estável.

Caso de estudo: Centro de Memória Imagens de Minas – UFMG

Segundo o IBGE, a cidade de Belo Horizonte, no qual se localiza o Campus Pampulha da UFMG, está dentro da zona climática denominada de Tropical Brasil Central. (IBGE, 2002, p.1). O Campus possui uma área total de 3.340.000m² dos quais quase 60% são compostos por vegetação nativa preservada, de densa cobertura arbórea, cujas copas bloqueiam a radiação solar direta e reduzem a circulação dos ventos, mantendo a umidade do ambiente e





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

15% corresponde gramados e vegetação arbórea, que favorecem a incidência solar e permitem maior ventilação. Essa diversidade de cobertura vegetal influencia diretamente o microclima da região, criando variações locais de insolação, temperatura e umidade.

O Acervo Imagens de Minas, espaço pertencente à Rede de Museus Universitários, atualmente ocupa uma sala de 22m² no terceiro andar da Escola de Belas Artes da UFMG e reúne cerca de 1500 itens, incluindo fotografias, cartazes de filmes, roteiros, documentos em papel diversos, móveis em madeira, filmes em diferentes bitolas (8mm, 16mm e 35mm), fotografias, e equipamentos históricos em madeira que compõe da cinematografia mineira.

O espaço que ele ocupa é uma antiga casa de máquinas e possui dois níveis: o térreo, dividido entre área de trabalho e reserva técnica com armários deslizantes; e um mezanino com estantes abertas, nas quais se armazenam tambores de filme. A iluminação natural é limitada a uma claraboia e uma janela coberta por persiana fina; a iluminação principal é artificial. A climatização é deficiente: o ar condicionado do espaço está desativado e a ventilação depende de ventiladores comuns. Tanto a janela quanto a clarabóia permanecem sempre fechadas.

Apesar das dificuldades estruturais, o acervo conta com mobiliário museológico adequado (mapotecas, traineis, compactadores e estantes metálicas). Entretanto, alguns itens, como os quadros da coleção estão expostos à luz, ainda que protegidos por Tyvek®, material sintético estável, mas não resistente à radiação UV.

151

Metodologia

Para a análise das condições ambientais a que está submetido o acervo do Imagens de Minas foram realizados dois ensaios: o de insolação e o de ventilação, a fim de entender respectivamente como é a entrada de luz solar no espaço do acervo e se há ou não ventilação no local. O primeiro objetivou verificar a insolação no espaço do acervo, utilizando uma maquete réplica do prédio da Belas Artes, de escala 1:50, em uma sala escura com o auxílio de um heliodomo, composto de 39 lâmpadas, dispostas em 3 faixas de 13 lâmpadas, de modo a reproduzir as posições do sol de hora em hora, das 6 horas às 18 horas, nos períodos do solstício de inverno, solstício de verão e equinócios de primavera e outono. A maquete foi colocada sob uma mesa, posicionada corretamente de acordo com a sua orientação geográfica no espaço terrestre. Uma lâmpada foi acendida por vez, de modo a identificar em qual momento do ano e do dia a sala do acervo receberia maior incidência solar e em qual momento teria mais sombra.

O ensaio de ventilação realizado utilizou a mesma maquete já mencionada, na qual o teto foi removido e com o uso de bolinhas de isopor por todo o interior da maquete, que foi coberta



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

por uma placa de acrílico. Com o auxílio de um sistema de ventilação, que “sopra” a partir da direção nordeste para a direção sudoeste, direção em que sopram os ventos principais de Belo Horizonte, ou seja os ventos sopram na direção contrária que fica localizada o acervo, também foram utilizada diferentes velocidades e diferentes direções demonstrando outros ventos ocasionais. Assim pode ser observado a corrente de ar pelo movimento das bolinhas, bolinhas paradas e redemoinhos significam má circulação do ar.

Para analisar os dados climáticos exteriores foram utilizados os dados da Estação Meteorológica da Pampulha, em Belo Horizonte, disponíveis no site do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, 2020). Os dados utilizados são referentes ao período de 08 de maio de 2025, às 1 hora até 09 de junho de 2025, às 16 horas. Os dados foram coletados nesse intervalo, pois foi o mesmo intervalo de medição feito dentro do acervo e que será apresentado a seguir. Esses dados foram aplicados à carta psicrométrica (CASSAR, 1995) para identificar se a coleção está dentro ou não dos índices adequados.

Para o monitoramento das condições ambientais internas no espaço ocupado pelo acervo do Centro de Memória Imagens de Minas, foi utilizado um *datalogger*, modelo U12-012, número de série #904043, da marca HOBO, fabricado pela Onset Computer Corporation. Este aparelho é reconhecido por sua precisão na medição de parâmetros ambientais em estudos de conservação preventiva. O equipamento foi configurado para registrar, em intervalos regulares de 1h, os valores de temperatura (°C) e umidade relativa do ar (%), fatores críticos para a estabilidade física e química dos materiais constituintes da coleção.

O sensor foi posicionado dentro de uma prateleira, a 1,5m do chão, da última estante, do segundo módulo deslizante, como mostra a figura 2 onde se encontra o acervo principal, de modo a registrar as condições reais às quais os objetos estão efetivamente expostos.

152



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HOBO



Fig. 2 - Fotografia do local em que o HOB0 foi instalado no Acervo do Imagens de Minas. Foto: Clara Ferreira, 2025.

153

O equipamento foi pendurado em um abrigo de proteção envolto em papel alumínio, como pode ser visto na figura 3, assegurando que as medições não fossem diretamente influenciadas por correntes de ar, radiação direta ou contato com superfícies, o que poderia distorcer os dados.



Fig. 3 - Fotografia do *datalogger* HOB0 dentro do abrigo envolto em papel alumínio, posicionado para fazer as medições. Foto: Bárbara Oliveira, 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A escolha do local de instalação foi fundamentada na busca por uma leitura representativa das condições microclimáticas predominantes no ambiente de guarda. O monitoramento foi realizado no período de 08 de maio de 2025 das 1 hora, até 09 de junho de 2025, às 16 horas, permitindo a observação de padrões diários com foco na identificação de riscos potenciais à integridade do acervo. Após o fim do monitoramento, os dados foram baixados do HOBO utilizando o aplicativo fornecido pelo fabricante e estes dados foram tratados em planilhas do *software* Microsoft Excel e, em seguida, eles foram plotados em gráficos no mesmo *software* para melhor visualização e análise das condições microclimáticas do local do acervo.

Resultados

Pelo ensaio de insolação constatou-se que durante o solstício de verão, o sol começa a incidir na janela do acervo por volta das 13 horas e permanece até se pôr às 18h. Durante o equinócio de primavera e outono, o sol começa a incidir na janela por volta das 11 horas e durante a tarde incide em toda a fachada noroeste do prédio, ao contrário do solstício de verão em que a insolação fica diretamente sobre a cobertura do prédio. Já durante o Solstício de Inverno, o sol começa a incidir na janela às 8h da manhã e permanece pleno até se pôr. Sabemos então que o principal horário de incidência solar na janela do Acervo é durante a radiação ultravioleta mais intensa devido à posição do sol no céu e menor absorção pela atmosfera. Segundo de Vries, “No verão, aproximadamente 20% a 30 % da radiação UV diária incide entre 11 h e 13 h” (DE VRIES et al., 2015, p.S76).

Já o ensaio de ventilação mostrou que a ventilação no Acervo Imagem de Minas é pouca ou quase nula. Pode ser observado pelo movimento das bolinhas, pelas bolinhas paradas e redemoinhos a circulação do ar no espaço é muito ruim. Devido a localização do acervo na ala sul da entrada do prédio de Belas Artes e noroeste no mapa, a maior parte da ventilação do prédio circula e na parte central, onde há uma grande área aberta que funciona como um átrio, coberto por uma claraboia. O corredor auxilia minimamente para a ventilação.

Os dados climáticos exteriores retirados da Estação Meteorológica da Pampulha estão aplicados na carta psicrométrica (CASSAR, 1995) e apresentados na figura 4. Durante o período monitorado, a temperatura no ambiente externo permaneceu amena, porém a maior parte do tempo ela se encontra fora da zona de adequação ambiental para quase todos os materiais. A temperatura máxima registrada foi de 29,7°C e a mínima de 12,9°C. Já em relação à umidade absoluta a mínima foi de 8g e a máxima de 14,8g no ar seco, valores esses que fogem da zona de adequação ambiental para materiais higroscópicos, porém só será avaliado o impacto no acervo ao medir a umidade interna do prédio e da sala de acervo.

154



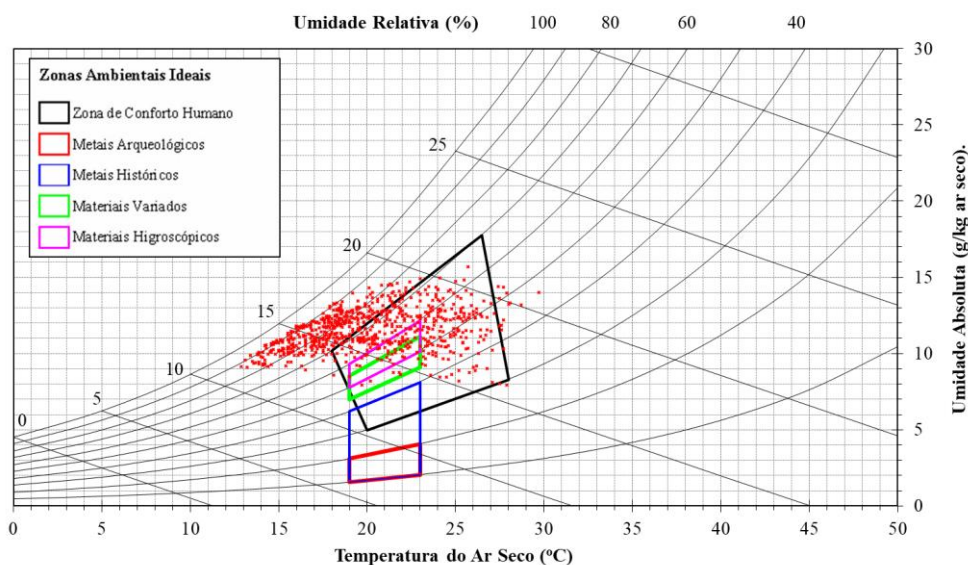


Fig. 4 - Carta psicrométrica plotada com os dados externos do espaço de guarda do acervo pelas autoras deste trabalho com base em Cassar (1995)

Percebe-se pelo gráfico na figura 4, que no local no qual se encontra a edificação a maior parte dos dias no período analisado teve temperaturas fora das zonas ideais para a maior parte do acervo, o que leva a concluir que o local da edificação já é naturalmente desfavorável à conservação do acervo e impõe grandes desafios aos Conservadores da instituição.

É possível ver uma nuvem de pontos bem dispersa, mas que predomina a umidade relativa do ar acima dos 70%, com temperaturas elevadas, que evidenciam o clima local impor dificuldades à conservação do acervo. As faixas recomendadas são de 20-22 °C para temperatura e 40 %-50 % para UR para coleções diversas. Temperaturas abaixo de 18 °C podem causar contração, acima de 22 °C acelera reações químicas e o excesso de umidade ou variação intensa prejudica materiais sensíveis. A UR acima de 65 % favorece mofo e corrosão e abaixo de 40 %, pode provocar ressecamento e fragilidade. Já as flutuações rápidas de T e UR podem causar tensões mecânicas nos objetos. (SEBERA, 2001).

Já a análise da carta psicrométrica construída com os dados internos obtidos no local do acervo, apresentada na figura 5, revela que todas as temperaturas medidas no interior do ambiente também estão fora dos parâmetros recomendados para conservação de qualquer tipo de acervo mencionados anteriormente. Embora essas temperaturas estejam dentro da chamada “zona de conforto humano”, essa classificação mostra-se inadequada ao contexto



analisado: relatos de profissionais que atuam no local indicam grande desconforto térmico após algumas horas de permanência, em razão do calor e da ausência de ventilação adequada. Esse cenário compromete não apenas o bem-estar dos usuários, mas também levanta preocupações quanto à circulação do ar e ao potencial acúmulo de umidade. A umidade relativa interna mantém-se no intervalo 56-65%, o que é aceitável, apesar de não ser ideal. As temperaturas estão em um intervalo de 22-29 °C, o que exige muita atenção, pois há temperaturas abaixo e muito acima do recomendado por Michalski (2009) especialmente em períodos mais quentes, nos quais o risco de aproximação do ponto de saturação pode se acentuar.

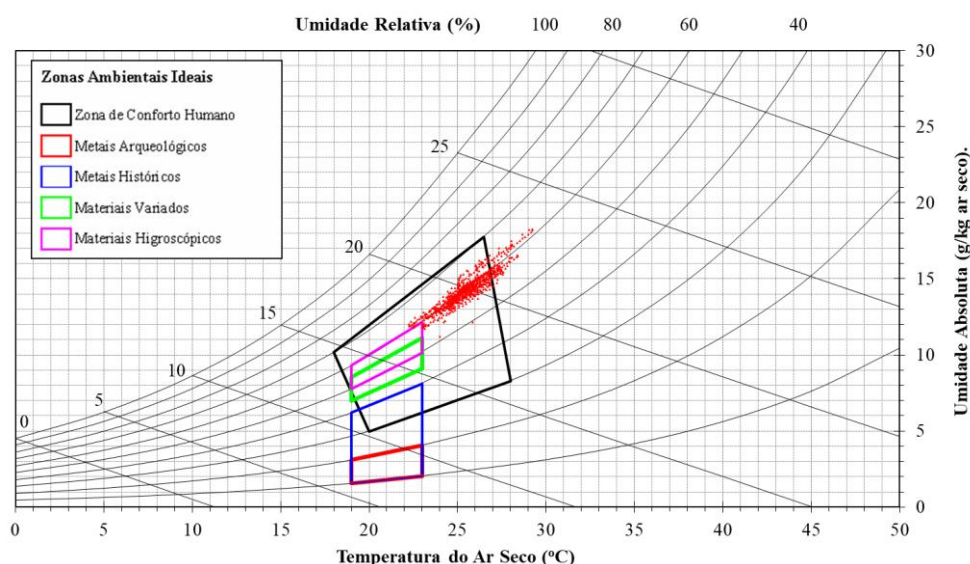


Fig. 5 - Carta psicrométrica plotada com os dados internos do espaço de guarda do acervo pelas autoras deste trabalho com base em Cassar (1995).

A análise por meio do método das isopermas, na figura 6, demonstra que a maioria dos pontos monitorados está situada à direita da curva isoperma 1, muitos deles próximos à curva 0,33, o que indica que, mantidas as atuais condições ambientais, os materiais analisados — especialmente aqueles cujo suporte é o papel — apresentam uma expectativa de durabilidade inferior a 45 anos (SEBERA, 2001). Além disso, os dados revelam que os pontos estão muito próximos da zona crítica para o desenvolvimento de fungos, o que representa um risco significativo, considerando-se que o acervo inclui materiais higroscópicos e sensíveis, como



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

papéis e filmes fotográficos. Mesmo pequenas flutuações na umidade relativa podem acelerar processos de degradação química e biológica. Ressalta-se, ainda, que o período analisado corresponde aos períodos de outono e inverno no Brasil (maio-junho), caracterizados por temperaturas e umidade relativa comparativamente mais baixas; nos meses mais quentes, é provável que os valores aumentem consideravelmente, colocando o acervo sob condições ambientais ainda mais críticas. (INMET, 2020)

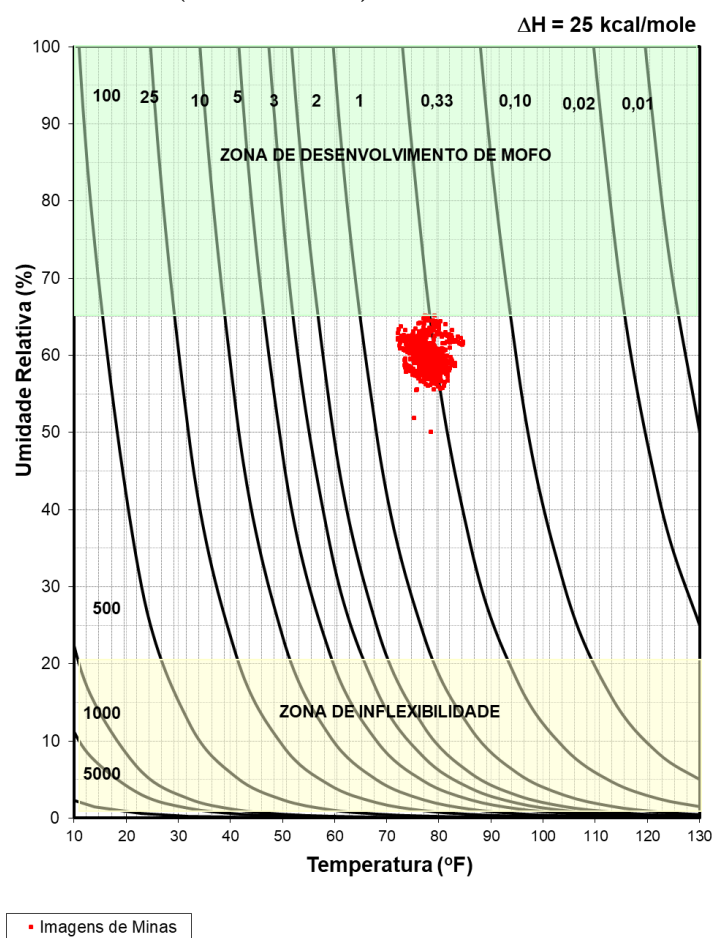


Fig. 6 - Gráfico das Isopermas com os dados internos do espaço de guarda do acervo plotado pelas autoras deste trabalho com base em Sebera (2001).

Os dados de temperatura foram plotados em um gráfico de temperatura por tempo na figura 7, cuja análise revela que, embora existam momentos do dia em que a temperatura se mantém dentro de faixas aceitáveis, a maior parte dos registros está acima do ideal recomendado para



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



conservação de acervos sensíveis, que seria de até 20 °C. Considerando, no entanto, a flexibilidade (MICHALSKI, 2007), admite-se uma margem de tolerância até a temperatura de 25 °C para ambientes sem climatização ativa. Nesse contexto, observa-se que a maior parte das temperaturas medidas se mantém entre 25 °C e 29 °C, sem, contudo, ultrapassar os 30 °C, limite crítico acima do qual se verifica um acelerado processo de degradação física e química dos materiais, incluindo risco elevado de danos mecânicos a artefatos vulneráveis e risco moderado a pinturas, fotografias e livros. (MICHALSKI, 2009) Apesar dos valores elevados, nota-se que a temperatura se mantém relativamente estável, com amplitude térmica inferior a 9°C. Ainda que esse valor esteja acima do ideal, variações inferiores a 2°C seriam mais indicadas, a baixa oscilação sugere certo grau de estabilidade térmica, embora em patamares superiores aos recomendados para a preservação a longo prazo. (OGDEN, 1997)

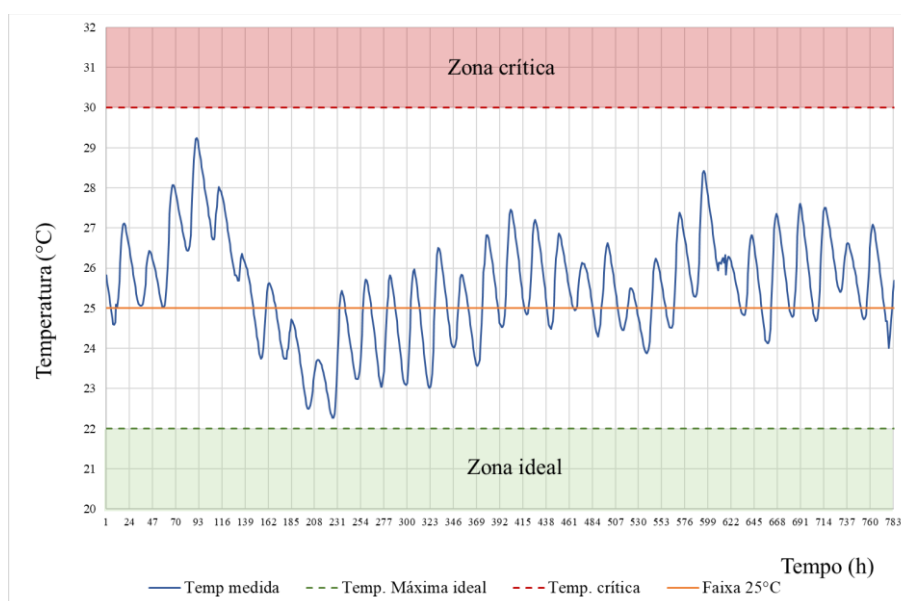


Fig. 7 - Gráfico de temperatura (°C) por tempo (h) com os dados internos do espaço de guarda do acervo plotado pelas autoras deste trabalho.

De maneira análoga à análise térmica, a umidade relativa do ar também foi avaliada ao longo do tempo, conforme mostrado no gráfico da figura 8. Ele apresenta uma linha de referência em 65%, traçada com base nos limites superiores de tolerância sugeridos pela literatura (SEBERA, 2001). Embora o ideal para acervos sensíveis seja manter a UR abaixo de 50%, admite-se, em situações sem climatização ativa, uma faixa de tolerância entre 25% e 70%.



(MICHALSKI, 2007). Valores fora desses limites representam alto risco de dano mecânico para materiais vulneráveis, bem como risco moderado para pinturas, fotografias, livros e outros objetos compostos por materiais orgânicos. Acima de 70%, os riscos de proliferação de fungos e desenvolvimento de mofo aumentam significativamente. (MICHALSKI, 2009). No período analisado, os níveis de umidade relativa permaneceram razoavelmente estáveis e dentro da faixa tolerada, o que indica uma condição ainda não crítica, mas que requer atenção e intervenção preventiva oportuna para evitar o agravamento das condições ambientais e o comprometimento do acervo a médio e longo prazo.

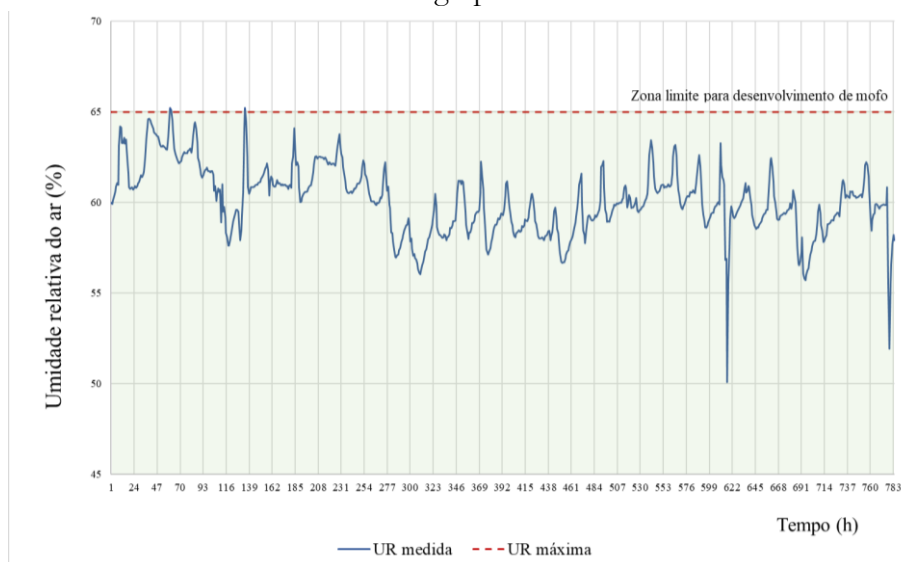


Fig. 8 - Gráfico de umidade relativa (%) por tempo (h) com os dados internos do espaço de guarda do acervo plotado pelas autoras deste trabalho.

Comparando os dados externos e internos no interior do ambiente, observou-se uma amplitude térmica significativamente menor em comparação às variações externas, o que indica que as envoltórias da edificação exercem papel relevante na atenuação das oscilações climáticas. Essa condição proporciona um microclima relativamente estável, com menor exposição do acervo a flutuações bruscas de temperatura. Tal comportamento evidencia a presença de um certo grau de inércia térmica no espaço, o que contribui para suavizar os impactos das condições ambientais externas sobre a coleção, favorecendo, em alguma medida, a conservação preventiva dos materiais armazenados.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Considerações finais

A avaliação ambiental do acervo do Centro de Memória Imagens de Minas revela que a ventilação insuficiente, a temperatura e umidade relativa interna elevadas, mesmo num período de transição para o inverno, e a incidência direta de luz sobre parte do acervo são os fatores mais preocupantes e mais urgentes. Somados à presença de materiais sensíveis como películas fotográficas e documentos em papel, que exigem atenção especial quanto às condições ambientais, e observando as limitações físicas e orçamentárias da instituição, recomenda-se a imediata adoção de estratégias passivas de conservação preventiva e de baixo custo.

Quanto à insolação, é essencial o controle da exposição à luz, especialmente nos suportes mais sensíveis à radiação. Recomenda-se a instalação imediata de cortinas blackout nas janelas e claraboias, além da revisão das fontes de luz artificial, mantendo as lâmpadas desligadas sempre que não houver atividade no espaço. O blackout é uma solução de baixo custo, pode ser instalado sem a retirada do acervo e de modo rápido. Ele irá diminuir a incidência direta de luz solar e com isso ajudar reduzir as temperaturas internas e limitar ao mínimo a radiação solar sobre o acervo.

Outro recurso simples e eficaz a ser adotado é o uso de sílica gel, especialmente nos armários, gavetas e estantes onde estão guardados materiais mais sensíveis. A sílica gel atua como desumidificador passivo, ajudando a manter níveis de umidade mais estáveis e reduzindo os riscos de proliferação de fungos e deterioração de papéis e emulsões fotográficas. É importante garantir sua reposição periódica para manter a eficiência do controle microclimático.

A médio prazo, recomenda-se a implementação de um plano de manutenção preventiva do ar-condicionado, equipamento fundamental para a estabilidade térmica do espaço. A execução desse plano enfrenta algumas dificuldades devido aos poucos recursos financeiros e aos problemas relacionados à instalação incorreta do equipamento, por isso, recomenda-se que no momento se continue utilizando os ventiladores para promover maior ventilação no local. Sugere-se que o armário deslizante seja periodicamente aberto para que haja ventilação no acervo. Entretanto é imprescindível que esse equipamento volte a funcionar. O plano sugerido inclui a limpeza quinzenal dos filtros, higienização semestral interna completa, verificações mensais de funcionamento e inspeções anuais do sistema elétrico e do gás refrigerante, além da manutenção de registros atualizados de todas as ações realizadas.

Por fim, destaca-se que as alterações sugeridas devem ser implementadas o mais rápido possível, visto que o presente estudo foi conduzido durante o período mais frio do ano. Dessa forma, é

160



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

esperado que as condições do acervo se agravem durante a primavera e o verão, épocas em que a temperatura ambiente e a umidade relativa tendem a ser mais elevadas.

Referências

ASSIS, E. S.; JERÔNIMO, B. T. S.; ALMEIDA, D. L.; ANDRADE, F. C. O.; COSTA, R. S. R.; FERNANDES, L. R. L.; TORRES, M. A. L.; LACERDA, P. B. T. **A influência do clima na conservação preventiva de acervos móveis e o papel dos edifícios que os abrigam.** In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO ICOMOS/BRASIL, 3., Belo Horizonte, Brasil, 2019. Anais [...]. Belo Horizonte: Even3, 2019. Disponível em <https://www.even3.com.br/anais/iiisimposioicomosbrasil/149267-a-influencia-do-clima-na-conservacao-preventiva-de-acervos-e-o-papel-dos-edificios-que-abrigam-colecoes>. Acesso em 06 jul 2025.

BARBOSA, M. J.; LAMBERTS, R.; GUTHS, S. Uso de barreiras de radiação para minimizar o erro no registro das temperaturas do ar em edificações. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 8, n. 4, 2008, p. 117-136.

CARVALHO, C. S. R. **O espaço como elemento de preservação dos acervos com suporte em papel.** Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, s./d. Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_ClaudiaCarvalho_OEspaco_como_elemento_representacao_dosacervos_com_suporte_em_papel.pdf. Acesso em 11 jan 2012.

CASSAR, M. **Environmental Management: guidelines for museums and galleries.** London: Routledge, 1995.

DEAN, J. F. Preservation in tropical climates: an overview. **International Preservation News**, n. 54, Aug. 2011, p. 6-10.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Clima. In: **Atlas geográfico escolar: mapas do Brasil – informações ambientais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/produtos_educacionais/atlas_educacionais/atlas_geografico_es

161



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

colar/mapas_do_brasil/mapas_nacionais/informacoes_ambientais/brasil_clima.pdf.

Acesso em: 7 ago 2025.

ICCROM (International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property). **La conservación de los bienes culturales: con especial referencia a las condiciones tropicales.** Paris, UNESCO, 1969.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). **Normais.** Portal do INMET, 2020. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/normais>. Acesso em: 29 mai 2025.

LUCCHI, E. Review of preventive conservation in museum buildings, **Journal of Cultural Heritage**, v. 29, 2018, p. 108-193.

MICHALSKI, S. **The ideal climate, risk management, the ASHRAE chapter, proofed fluctuations, and toward a full risk analysis model.** In: EXPERTS' ROUNDTABLE ON SUSTAINABLE CLIMATE MANAGEMENT STRATEGIES, April 2007, Tenerife, Spain. Disponível em: https://www.getty.edu/conservation/our_projects/science/climate/paper_michalski.pdf. Acesso em 04 jun 2019.

MICHALSKI, Stefan. Humedad relativa incorrecta. Tradução para o espanhol por ICCROM. Ottawa: Canadian Conservation Institute (CCI), 2009. Disponível em: <http://www.cci-icc.gc.ca/caringfor-prendresoindes/articles/10agents/chap10-spa.pdf>. Acesso em: 27 abr 2025.

MICHALSKI, S. Temperatura Incorrecta. Canadian Conservation Institute; ICCROM, 2009. Disponível em: http://www.cncr.cl/611/articles-56474_recurso_9.pdf Acesso em: 27 abr 2025.

OGDEN, S., ed. (1997). Meio ambiente, trad. Elizabeth L. Nascimento [e] Francisco C. Azevedo. 2a ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, Arquivo Nacional, 41 p. Disponível em: <http://www.cpba.net>. Acesso em: 02 jul 2025.

REINERT, R.; DE VRIES, E.; ERDMANN, F.; ESPINA, C.; AUVINEN, A.; KESMINIENE, A.; SCHÜZ, J. et al. **European Code against Cancer 4th edition: Ultraviolet radiation and cancer.**



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Cancer Epidemiology, v. 39, supl. 1, p. S75–S83, 19 jun. 2015. DOI: 10.1016/j.canep.2014.12.014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877782115000028>. Acesso em: 03 jun 2025.

SEBERA, D. K. **Isopermas: uma ferramenta para o gerenciamento ambiental**. Trad. J. L. Pedersoli Jr., 2ª ed., Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, Arquivo Nacional, 2001.

SILVEIRA, M. M.G.; JULIÃO, L. Rede de museus e espaços de ciências e cultura da UFMG: trajetória, desafios e perspectivas. **Revista CPC**, v. 16, n. 32, 2021, p. 36-55.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

“A CULTURA, HOJE, CONSISTE EM FALAR” MICHEL DE CERTEAU E SUA INVENÇÃO DA CULTURA¹

Clarissa Paranhos²

Quando o movimento contestatório de estudantes e operários franceses estourou em maio de 1968, Michel de Certeau estava prestes a completar 43 anos. O intelectual francês já era conhecido, mas no meio restrito da comunidade intelectual jesuíta e no campo dos estudos de história da religião. Ele mesmo jesuíta, morava então nas imediações do Quartier Latin junto a uma comunidade de irmãos responsáveis pela publicação da revista jesuíta *Études*. É nela que o autor publicou uma série de artigos entre os meses de maio e setembro de 1968, numa tentativa de elaborar o sentido que aquele movimento poderia ter para a França e para ele. Digo *para ele* porque Certeau implicou-se, à sua maneira, na atividade revolucionária, sentindo-se tocado e solidário ao que nomeou com acerto como o ato dos manifestantes de “tomar a palavra”. *La prise de parole* é o nome do compêndio em que reúne esses escritos de 68, publicado no fim daquele ano. Os arquivos jesuítas de Paris recolhem um conjunto de anotações de Certeau, registradas no calor dos acontecimentos: frases escritas nos muros, conversas entre estudantes e operários, anotações de assembleias ocorridas na Sorbonne, um arrazoadado das discussões mantidas entre seus colegas jesuítas, etc. Os textos que ele escreve ao longo do ano transmitem essa implicação. Das muitas citações que eu poderia destacar, pinço esta:

Alguma coisa aconteceu conosco. Alguma coisa começa a remexer-se em nós. Emergindo não se sabe de onde, enchendo de repente as ruas e as fábricas, circulando entre nós, tornando-se nossas mas sem deixarem de ser os ruídos de nossas solidões, vozes nunca ouvidas nos transformaram. Ao menos nós

¹ O texto foi apresentado pela primeira vez no simpósio “História, Cultura e Subjetividades” no 33º Simpósio Nacional de História, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de 13 a 18 de julho de 2025.

² Clarissa Paranhos é doutora em História social da cultura pelo departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), tendo defendido sua tese *Uma escrita da escuta: símbolo, ação e crença em Michel de Certeau* em junho de 2025 sob orientação de Luiz Costa Lima e com o auxílio das bolsas Capes/Prosuc, Capes/Proex e Faperj Nota 10. E-mail para contato: issapar1592@gmail.com.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

tínhamos esse sentimento. Produziu-se isto de inaudito: nós começamos a falar. (1994, p. 41)³

A intenção desta comunicação é explorar os dois polos da experiência transmitida por Certeau enquanto intelectual engajado na compreensão plena da cultura: de um lado, o sentimento do “nós”; do outro, a solidão renitente.

O movimento de 68, politicamente desprovido dos meios de tornar suas reivindicações efetivas no plano institucional, propiciou no entanto o deslocamento dos modelos culturais transmitidos entre as gerações. Claude Lefort notava em texto de 1988:

Eu não vejo tanto o signo da expansão do individualismo, mas, em vez disso, uma exigência nova de trazer para o registro do sensível o que estava no domínio da pura teoria. Dessa exigência guardam a marca, me parece, as mudanças que se produziram desde 68 nas relações entre as mulheres e os homens, entre os pais e os filhos, entre os professores e os alunos (2008, p. 284 - 285)⁴

Certeau, que em 1988 já havia falecido, pôde contudo se abrir no calor dos acontecimentos a esse movimento de passagem. O autor se recusa a deslegitimar o ato de “tomar a palavra” dos manifestantes por uma explicação que os sobredeterminasse. Um exemplo do tipo de abordagem que Certeau recusa é oferecido por passagem do livro de Jean-François Sirinelli sobre *Maião de 68*, publicado em 2008. O historiador qualifica da seguinte maneira a ação dos manifestantes:

Pela construção de barricadas, eles agem por reminiscência histórica, recuperando atitudes e poses vindas de um outro tempo. Pelos modelos defendidos, Che Guevara ou o Vietcongue por exemplo [...] eles praticam uma espécie de mimetismo [...]. Reminiscência e mimetismo: o combate que as palavras de ordem mais radicais preconizam está portanto fora do tempo [...] e do espaço dos países industrializados da Europa ocidental. A revolução, aqui, é portanto imitada e

165

³ Todas as traduções de textos originais em francês estão sob a responsabilidade de autora. “Quelque chose nous est arrivé. Quelque chose s’est mis à bouger en nous. Émergeant d’on ne sait où, remplissant tout à coup les rues et les usines, circulant entre nous, devenant nôtres mais en cessant d’être le bruit de nos solitudes, des voix jamais entendues nous ont changés. Du moins avions-nous ce sentiment. Il s’est produit ceci d’inouï: nous nous sommes mis à parler”.

⁴ “Je n’y vois pas tant le signe de l’expansion de l’individualisme, mais plutôt d’une exigence nouvelle de ramener au registre du sensible ce qui était du domaine de la pure théorie. De cette exigence-là portent l’empreinte, me semble-t-il, les changements qui se sont produits depuis 68 dans les relations entre les femmes et les hommes, entre les parents et les enfants, entre les maîtres et les élèves”.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

permanece, de fato, no estatuto de simulacro, sendo mais virtualidade do que realidade. (2008, p. 170 - 171)⁵

Certeau poderia responder com uma das frases dos manifestantes destacada por ele em sua argumentação: “Professores, vocês nos fazem envelhecer” (1994, p. 53), complementando: “não é verdade que a novidade seja explicável por elementos já identificados mas combinados de forma diferente” (1994, p. 53)⁶.

O autor aposta, então, na possibilidade de que aquilo que se dizia e fazia durante os dias de Maio comporte em si mesmo um sentido ainda não alcançado pelas leituras feitas a partir de fora, sentido experimentado mas também não explicitado por quem vivia a revolução por dentro. A noção de “ação simbólica” (1970, p. 28; 1994, p. 37), que desponta timidamente em seus textos sobre o acontecimento, nomeia essa intuição: se os atos e gestos de 68 tem sim uma virtualidade, não é por serem imitação, mas por carregarem a chance desse sentido ainda não desdobrado.

Uma vez a revolução acabada, Certeau permanece movido pela questão que motivou 68, a da autonomia de cada um na experiência da cultura. Dessa autonomia reclamada e realizada, ainda que por um breve instante, em 68, o pensador retirou a pergunta sobre a forma como o sentido se instaura no exercício dessa autonomia, desejoso de encontrar em práticas tidas como sem valor cultural aquele tesouro.

É todo o esforço de seu *A Invenção do cotidiano I* (1980), clássico incontornável dos estudos culturais e leitura imperdível. Sua linha diretora é o jogo entre duas posições que podem ser assumidas no campo de forças da cultura: de um lado, a *posição estratégica*, que se aproveita das vantagens sociais conferidas por posições de poder – como a de um professor autorizado por uma instituição – para determinar suas relações com “*uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o mundo rural [campagne] em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc.)” (1990, p. 59 - grifos do autor)⁷. Sim, é

166

⁵ “Par l’érection de barricades, ils agissent par réminiscence historique, retrouvant des attitudes et des poses issues d’un autre temps. Par les modèles mis avant, Che Guevara ou le Vietcong par exemple [...] ils pratiquent une sorte de mimétisme [...]. Réminiscence et mimétisme: le combat que préconisent les mots d’ordre les plus radicaux est donc hors du temps [...] et de l’espace des pays industrialisés de l’Europe occidentale. La révolution, ici, est donc mimée et reste, de fait, au statut de simulacre relevant de la virtualité plus que de la réalité”.

⁶ “Mais il n’est pas vrai que la nouveauté soit explicable par des éléments déjà repérés mais combinés différemment (‘Professeurs, vous nous faites vieillir’, disait une affiche)”.

⁷ “J’appelle stratégie le calcul (ou manipulation) des rapports de force qui devient possible à partir du moment où un sujet de vouloir et de pouvoir (une entreprise, une armée, une cité, une institutions scientifique) est isolable. Il postule un *lieu* susceptible d’être circonscrit comme *un propre une extériorité* de cibles ou de menaces (les clients ou les concurrents, les ennemis, la campagne autour de la ville, les objectifs et objets de la recherche, etc.)”.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

com essa acidez que Certeau se refere à prática que é também a sua, a de pesquisador. Do lado oposto, há a *posição tática*, que pode ser assumida por qualquer um, mas que Certeau discerne na prática cotidiana do consumo por pessoas que não participam da produção institucionalizada da cultura. Nessa posição, o tratamento dado ao que é recebido – isto é, os produtos da indústria de massa, a informação, mas também a tradição – é de uma passividade ativa, uma transformação do sentido inicial conferido a objetos, discursos e práticas a partir de dentro, por um movimento de apropriação que supõe o deslocamento do sentido, um jogo metafórico e sensível. A particularidade da posição tática é que, como no caso dos estudantes e operários de 68, ela não precisa declarar a que veio: se há apropriação, trata-se de uma posse, não de uma propriedade.

Ora, é aqui que começam os problemas. Isso porque o pesquisador, de sua posição estratégica, não alcança o sentido da apropriação cultural tática; já do lado da posição tática, não há declaração, explicitação do sentido de sua ação. Certeau circula em torno de uma impossibilidade que, para ele, inaugurou a modernidade e continua a nos assombrar.

Ruptura da plenitude simbólica medieval, que teria conjugado toda ação à palavra revelada, a modernidade é o campo fértil de um sujeito que nasce angustiado em sua relação com o mundo. Se, desde o nominalismo do século XII, a Escritura, *logos* divino, não mais doa o sentido da existência de suas criaturas, o humano se viu instado a emprestar por uma atividade imparável de escrita o sentido e mesmo novas formas para o mundo. A postura antropológica sintetizada por Certeau na figura do “escritor” – da qual o pesquisador das ciências humanas é um sucedâneo contemporâneo – toma tudo o que se apresenta como já dado em seu processo produtivo de transformação:

O laboratório da escrita tem função “estratégica”: ou uma informação recebida da tradição ou do exterior é coletada ali, traçada, imbricada num sistema e dessa forma transformada, ou as regras e os modelos elaborados nesse lugar excetuado permitem agir sobre o ambiente e transformá-lo. (1990, p. 200)

Certeau conclui: “o que entra ali é algo ‘recebido’, o que sai dali é um ‘produto’” (1990, p. 200)⁸.

⁸ “Le laboratoire de l’écriture a fonction “stratégique”: soit qu’une information reçue de la tradition ou de l’extérieur s’y trouve collectée, tracée, imbriquée dans un système et par là transformée, soit que les règles et les modèles élaborés dans ce lieu excepté permettent d’agir sur l’environnement et de le transformer. L’île de la page est un lieu de transit où s’opère une inversion industrielle: ce qui y entre est un ‘reçu’, ce qui en sort est un ‘produit’”.



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Diferentemente, os sujeitos históricos que não se investem nesse tipo de atividade se encontram na posição marginal da “oralidade”. Desprovida de sua relação com a revelação divina e como se acabrunhada pela produtividade moderna, essa “oralidade” só se expressa em surdina, na *práxis* não explicitada verbalmente, na linguagem velada de ações cotidianas. Esses “fazeres” que instigam Certeau na escrita de *A Invenção do cotidiano* alterariam o que assumem da cultura, mas sem planificação, como se num processo interno de procura e experiência do sentido. Para Certeau, é possível vislumbrar um movimento de mudança histórica não determinado pelo domínio da escrita, não regido por nenhuma revolução vitoriosa, no descompasso entre essa *práxis* e os discursos determinantes das relações sociais. Numa inversão provocativa, essa *práxis*, constantemente escapando da rede da escrita moderna, poderia ser o móvel da mudança histórica pela relação evasiva que mantém com todo o domínio da “escrita”: em si mesma, ela sempre se diferencia do determinado; para as instâncias do poder que visam determiná-la, ela é uma instigadora constante da ação produtiva pela própria frustração que a toda vez lhes impõe (CERTEAU, 1975; BÜTTGEN, 2008).

Mas se entre “estratégia” e “tática”, “escrita” e “oralidade”, entre o domínio do saber e o campo amplo do que se faz sem a necessidade de saber há sempre desencontro, como o conhecimento pode se dar? “Conhecer”, em sua raiz latina, tem o sentido de “nascer junto” – na palavra francesa “co-naissance” isso se explicita. O pesquisador que é Certeau se esforça, em sua *Invenção do cotidiano*, em exercitar uma escrita que desse espaço para que a forma da apropriação cultural pela tática se expressasse: uso teórico da metáfora, citações de pessoas comuns e amigos, exploração de referenciais teóricos que têm a inventividade dialógica como fundamento. No entanto, expressão não é conhecimento e Certeau, a despeito do encanto que o cotidiano lhe provoca, o admite ao comentar seu recurso teórico à metafórica marítima, que atravessa todo o livro:

Ao escrutar essa realidade fugidia e permanente, tem-se a impressão de explorar a noite das sociedades, uma noite mais longa que os dias, água [nappe] obscura onde se recortam e sucedem instituições, imensidão marítima onde os aparelhos socioeconômicos e políticos figurariam como insularidades efêmeras. [...] Também, o estudo é marginal com relação aos fenômenos estudados. A paisagem que põe em cena esses fenômenos de um modo imaginário tem, então, o valor de uma retificação e de uma terapêutica global contra sua redução por um exame lateral. Ela assegura, ao menos, sua presença enquanto assombrações [revenants]. Esse retorno numa outra cena lembra, assim, a relação que a experiência dessas práticas entretém com o que uma análise científica expõe. É o testemunho, que

168



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

só pode ser fantástico e não científico, da desproporção entre as táticas cotidianas e uma elucidação estratégica. (1990, p. 67 - 68)⁹

É como se Certeau reconhecesse aquela posição de que maio de 68 o havia arrancado por um instante: a de estar a ouvir os “ruídos de nossas solidões”.

Referências

BÜTTGEN, Philippe. Le contraire des pratiques. Commentaires sur la doctrine de Michel de Certeau. In: BÜTTGEN, Philippe e JOUHAUD, Christian (org.). **Lire Michel de Certeau. La formalité des pratiques / Michel de Certeau lesen. Die Förmlichkeit der Praktiken.** Frankfurt am Main: Zeitsprünge, Forschungen zur Frühen Neuzeit, Vittorio Kolstermann, 2008, p. 69 - 97

CERTEAU, Michel de. L’articulation du “dire” et du “faire”. La contestation universitaire, indice d’une tâche théologique. In.: **Études théologiques et religieuses**, 45o ano, n. 1, 1970, p. 25 - 44

CERTEAU, Michel de. La formalité des pratiques: Du système religieux à l’éthique des Lumières (XVIIe-XVIIIe siècle). In: CERTEAU, Michel de. **L’écriture de l’histoire.** Paris: Gallimard, 1975a. p. 178-241.

CERTEAU, Michel de. **L’invention du quotidien: 1. arts de faire.** Paris: Gallimard, 1990 (1980).

CERTEAU, Michel de. **La prise de parole et autres écrits politiques.** Paris: Seuil, 1994 (1968)

⁹ “À scruter cette réalité fuyante et permanente, on a l’impression d’explorer la nuit des sociétés, une nuit plus longue que les jours, nappe obscure où se découpent des institutions successives, immensité maritime où les appareils socio-économiques et politiques feraient figure d’insularités éphémères. [...] Aussi est-ce l’étude même qui est marginale par rapport aux phénomènes étudiés. Le paysage qui met en scène ces phénomènes sur un mode imaginaire a donc valeur de rectificatif et de thérapeutique globale contre leur réduction par une examen latéral. Il assure au moins leur présence au titre de revenants. Ce retour sur une autre scène rappelle ainsi le rapport que l’expérience de ces pratiques entretient avec ce qu’en expose une analyse. C’est le témoin, qui ne peut être que fantastique et non scientifique, de la disproportion entre les tactiques quotidiennes et une élucidation stratégique”.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

LEFORT, Claude, Relecture (1988). In: CASTORIADIS, Cornelius, LEFORT, Claude e MORIN, Edgar, **Mai 68: La Brèche, suivi de Vingt ans après**. Paris: Fayard, 2008, p. 269 - 286

SIRINELLI, Jean-François. **Mais 68. L'événement Janus**. Paris: Fayard, 2008



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A HISTÓRIA, CULTURA E A INTERDISCIPLINARIDADE NO DESIGN DO LIVRO NO INÍCIO DO SÉC. XXI

Vagner Basqueroto Martins¹

Introdução

No início do século XXI, uma revolução paradigmática atravessou o campo do design editorial, estabelecendo um grau incomparável de entrelaçamento com dimensões históricas, culturais e interdisciplinares. Essa mudança radical foi o resultado da digitalização exponencialmente avançada da tecnologia e das dinâmicas culturais cada vez mais intrincadas em um mundo conectado.

Segundo Manovich (2023), pode-se até argumentar que a área do design editorial está vendo a configuração de uma nova ecologia do livro que é simultaneamente do livro físico e digital coexistindo em um sistema de economia que os desenvolve e impulsiona reciprocamente (Manovich 2023).

A dimensão teórica deste artigo está profundamente enraizada na teoria de Koselleck (2006), que encontra sua forma na dualidade do espaço de experiência — uma soma de todas as práticas, técnicas e cognitivas adquiridas pelo design ao longo de sua história, e o horizonte das expectativas, uma investigação de futuros decorrentes do progresso tecnocultural. Tal configuração bifocal é bastante útil para abordar as contradições do design editorial moderno, como presente no trabalho recente de Drucker (2021) e Colombo (2022).

Além disso, as perspectivas desenvolvidas neste artigo permanecem focadas em quatro eixos analíticos, que ligam a melhor compreensão pela relação dialética entre tradição tipográfica e inovação tecnológica no design de livros; na emergência de identidades visuais multiculturais em projetos editoriais globais; na crescente hibridização do design editorial com outras áreas do conhecimento e nos desafios éticos e práticos impostos por essas transformações aos profissionais do design, e de certo modo, a toda a cadeia produtiva do livro.

Como foi recentemente mostrado pela Pentagram (2023) em seu relatório de tendências editoriais futuras, a direção final do novo design editorial é um duplo vínculo, no qual o ancestral e a IA generativa de ponta coexistem em um espaço sem precedentes para a prática do design.

¹ Doutorando em História – UEM; Mestre em Design – UFPR; Especialista em Design Thinking – Unyleya; Graduado em Design – UNIBAN; Professor EBT de Design Gráfico no IFRR, basqueroto.martins@gmail.com, vagner.martins@ifrr.edu.br.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

História e Design Editorial: Um Diálogo Contínuo

A história do livro enquanto artefato cultural e veículo de conhecimento constitui um patrimônio indispensável para compreender as transformações contemporâneas do design editorial. Como argumenta Chartier (2018, p. 23), "Cada revolução na tecnologia do livro - do rolo de papiro ao códice, da prensa móvel ao livro digital - não substitui completamente as formas anteriores, mas as ressignificam em novas constelações culturais."

No século XXI, esse processo de ressignificação atingiu níveis sem precedentes, que podem ser observados a partir de três pontos. A tipografia histórica, que baseia na digitalização e adaptação de fontes clássicas (Bodoni, Garamond) para suportes digitais (TIFFANY, 2022); do artesanato editorial, que traz o ressurgimento de oficinas de encadernação manual para edições especiais (MORRIS, 2023); e da iconografia tradicional, que resumidamente é a releitura contemporânea de gravuras e ornamentos históricos.

Por outro lado, como demonstram os experimentos do MIT Media Lab (2023), tecnologias como: Papel eletrônico de quarta geração; Interfaces hápticas avançadas e Sistemas de realidade aumentada imersiva, que estão redefinindo radicalmente o conceito mesmo de livro, enquanto artefato histórico e de design. Essa dualidade é magistralmente sintetizada por Bringhurst (2024, p. 45): "O designer editorial contemporâneo deve ser simultaneamente um arqueólogo do passado e um arquiteto do futuro, dominando tanto a alquimia da tinta quanto os algoritmos generativos."

172

Cultura e Identidade no Design de Livros

A globalização acelerada do início do século XXI criou um paradoxo cultural fascinante: enquanto as grandes corporações editoriais buscam linguagens visuais universalizantes, surge um movimento contrário de valorização das identidades locais. Como analisa Appadurai (2023) em seu estudo sobre glocalização² editorial, o design de livros tornou-se um palco onde se encena o drama da identidade cultural na era digital, com tipografias regionais e padrões visuais tradicionais resistindo à homogeneização global.

Exemplos emblemáticos dessa tendência incluem três grandes eixos de desenvolvimento. Sendo: 1 - Projetos decoloniais, que se utilizam de sistemas de escrita indígenas em edições

² É um conceito que combina elementos da globalização com a adaptação à realidade local, buscando um equilíbrio entre o alcance global e a relevância cultural e regional. Em outras palavras, é a prática de operar em escala global, mas com sensibilidade e adaptação às características e necessidades de cada mercado local.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

bilíngues, padrões gráficos baseados em arte rupestre e tradições visuais não-ocidentais. 2 - Edições comemorativas com o desenvolvimento de livros-objeto que incorporam técnicas artesanais específicas de cada cultura, ou projetos como a "Biblioteca das Linguagens Ameaçadas" (UNESCO, 2023). E ainda o eixo 3 - Narrativas visuais alternativas, com experimentos com direcionalidade de leitura não-linear (direita-esquerda, topo-base) e diagramações que desafiam convenções ocidentais.

Como argumenta Lupton (2024) em seu manifesto sobre design inclusivo, a verdadeira inovação no design editorial do século XXI não está na tecnologia, mas na capacidade de dar voz visual às culturas que historicamente foram silenciadas.

Interdisciplinaridade no Design Editorial Contemporâneo

O design editorial do século XXI rompeu as fronteiras disciplinares tradicionais, tornando-se um campo híbrido que incorpora conhecimentos de tecnologia, ciências cognitivas, arte e até biologia. Essa interdisciplinaridade reflete a complexidade das demandas contemporâneas, onde o livro deixou de ser apenas um veículo de texto para se tornar uma plataforma de experiência multimodal.

A convergência entre design editorial e tecnologia digital gerou novos paradigmas, como dos livros aumentados, que se utilizam de realidade aumentada (RA) para sobrepor camadas de conteúdo, como na edição especial de Alice no País das Maravilhas (PENGUIN, 2023), onde ilustrações ganham animações 3D via aplicativo (MANOVICH, 2023). Outro exemplo ainda, é o da tipografia generativa, na qual algoritmos de IA (Inteligência Artificial) criam fontes dinâmicas que se adaptam ao conteúdo, como no projeto Variable Type (MIT MEDIA LAB, 2024). Como afirma Flusser (2023, p. 71): "O designer editorial contemporâneo é um programador de experiências, que domina tanto a sintaxe visual quanto a linguagem computacional."

Ainda na mesma linha de raciocínio, a neurociência passou a influenciar diretamente o design de livros, a partir de conceitos como os da Legibilidade aumentada, fontes como Atkinson Hyperlegible (BRAILLE INSTITUTE, 2023) são otimizadas para dislexia e baixa visão, baseadas em estudos de rastreamento ocular (NORMAN, 2023). E através da hierarquia visual, na qual, pesquisas sobre atenção seletiva impactam a diagramação, como no uso de micro-brancos para guiar o leitor (LUPTON, 2024).

Dessa forma, projetos editoriais tornaram-se obras coletivas com a utilização de ilustração expandida, na qual artistas como Julie Mehretu colaboram com designers para criar livros-objeto onde texto e imagem se fundem (MOMA, 2023) e com o desenvolvimento de edições

173



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

performáticas, Como *The Book of Sand* (BORGES, 2023), com páginas que mudam de disposição a cada leitura.

Implicações para o Design Editorial Contemporâneo

A indústria editorial enfrenta pressões para reduzir seu impacto ambiental, no sentido de utilizar, por exemplo, materiais regenerativos, como papéis feitos de algas (como o projeto *Algae Paper* da ESA, 2023) e tintas vegetais ganham espaço (PAPANEEK, 2024). Também existe a cobrança por ciclos de vida prolongados, como o conceito de "livros sementes" (com sementes para plantio pós-uso) desenvolvidos pelo Studio Roosegaarde (2023) e ainda a logística reversa, com a adoção de sistemas de aluguel e reuso de livros físicos, como o modelo *BookCircular* (AMSTERDÃ, 2024).

Tais desafios, vão de encontro ao que alerta Papanek (2024, p. 89): "O designer do Antropoceno deve medir seu sucesso não pela beleza formal, mas pelo balanço entre função e impacto ecológico"

Na mesma direção, outro aspecto que permeia as exigências para o design editorial do século XXI, é a inclusão, que deixou de ser opção para tornar-se requisito através da utilização do design universal, com projetos como o *FontAccess* (W3C, 2023) padronizam ferramentas para leitores de tela avançados, tipografias para dislexia e diagramação para TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e da Hiperatividade). Além da multissensorialidade, que possam desenvolver edições que integram o braille tátil, os audiografismos (sonorização de elementos gráficos) e os óleos aromáticos como marcadores de seção (projeto *SenseRead*). Além dos aspectos trazidos anteriormente, ainda existem os dilemas do design editorial digital que exigem novas diretrizes, como a transparência com a exigência de selos que indiquem o uso de IA generativa, fontes de dados para personalização, grau de vigilância embutido (tracking de leitura), e ainda a autonomia contra tendências como, textos mutáveis (que se alteram conforme perfil do leitor) e design persuasivo (dark patterns em e-books). Padrões que foram estabelecidos pela UNESCO (2024), como os *Princípios para Design Editorial Ético*, enfatizando, o direito à leitura imutável e à privacidade cognitiva devem guiar as inovações.

Considerações Finais

O design editorial contemporâneo, analisado através das lentes da história, cultura e interdisciplinaridade, revela-se como um campo em permanente tensão criativa. No início

174



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

do século XXI, o livro — seja físico, digital ou híbrido — transformou-se em um artefato cultural complexo, que carrega em sua materialidade as contradições e possibilidades da contemporaneidade. Como sintetiza Chartier (2023, p. 211):

"O livro do século XXI é um palimpsesto tecnocultural: nele se sobrepõem camadas de história, inovação e identidade, desafiando designers a equilibrar permanência e mudança."

A história do design editorial não é um mero repositório de formas obsoletas, mas um reservatório ativo de soluções e significados. O novo uso para técnicas utilizadas em tempos passados, como o uso de técnicas tipográficas do século XVIII (como na reedição da Encyclopédie por Taschen, 2023) e a releitura contemporânea de iluminuras medievais em e-books (Projeto Digital Scriptorium, 2024) demonstram que o passado não é nostalgia, mas ferramenta crítica para repensar o presente. Nas palavras de Bringhurst (2023, p. 178): "Tipografia é a arquitetura do tempo: cada glifo carrega séculos de evolução, mesmo quando projetado para telas efêmeras."

Em um mundo globalizado, o design editorial tornou-se arena para disputas identitárias. Projetos como a Biblioteca de Literaturas Indígenas (FNLIJ, 2023), com diagramação que respeita narrativas orais, ou edições árabes que subvertem a direcionalidade ocidental de leitura (Khatt Foundation, 2024), provam que a cultura não é meramente "incorporada" ao design, mas o constitui radicalmente. Como argumenta Hall (2023, p. 92): "Nenhuma página é neutra: seu branco, suas margens e hierarquias reproduzem cosmologias específicas."

A hibridização do design editorial com neurociência (estudos de legibilidade), ecologia (materiais sustentáveis) e ciência da computação (IA generativa) não é mero modismo, mas condição de relevância profissional. O caso emblemático do Dynamic Folio (Adobe, 2024) — sistema que adapta layouts em tempo real conforme dados biométricos do leitor — mostra como as fronteiras disciplinares desmoronam. Porém, como adverte Flusser (2023, p. 145): "Interdisciplinaridade sem filosofia gera apenas Frankenstein visuais: monstros técnicos desprovidos de sentido."

Este panorama exige um novo contrato social para o design editorial, baseado em três vetores de ação, sendo o primeiro, a ecologia integral, que passa e interliga o processo de produção desde florestas de papel certificado até servidores verdes para e-books (Greenpeace, 2024). Passando pela inclusão radical, com padrões como o EPUB 4.0 (W3C, 2024), que integra braille digital e audiodescrição automática. E a autonomia do leitor, como um processo de resistência à vigilância algorítmica em plataformas de leitura (Privacy International, 2023). O que corrobora com o que é trazido pela Carta de Lisboa para o Design Editorial (2024), assinada por 30 instituições globais na qual orientam que o direito à página legível, estável e não vigiada é tão fundamental quanto o direito à água potável.

175





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Referências

AMSTERDÃ. Prefeitura. BookCircular: diretrizes para economia circular do livro. Amsterdã: Prefeitura de Amsterdã, 2024. 42 p. Disponível em: <https://www.amsterdam.nl/circularbooks>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRAILLE INSTITUTE. Atkinson Hyperlegible Font. Los Angeles: Braille Institute, 2023. Disponível em: <https://brailleinstitute.org/freefont>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRINGHURST, Robert. Os elementos do estilo tipográfico. Tradução de André Stolarski. 5. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2023. 416 p. ISBN 978-85-405-0789-3.

BRINGHURST, Robert. Tipografia como ética visual. Tradução de Carla Barroso. 3. ed. São Paulo: Rosari, 2023. 288 p. ISBN 978-85-88343-89-2.

CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2023. 224 p. ISBN 978-85-393-0825-4.

CHARTIER, Roger. A página e a tela: desafios do design na era digital. Tradução de Guilherme Freitas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. 224 p. ISBN 978-65-5691-045-6. ESA. European Sustainability Agency. Algae Paper Guidelines. Bruxelas: ESA, 2023. DOI: 10.2788/337199.

FEBVRE, Lucien. O aparecimento do livro. Tradução de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2022. 480 p. ISBN 978-85-314-1689-7.

FLUSSER, Vilém. Filosofia do design digital. Tradução de Maurício Liesen. São Paulo: Annablume, 2023. 150 p. ISBN 978-85-391-6543-2.

FLUSSER, Vilém. Filosofia do design: o mundo codificado. Tradução de Rafael Cardoso. 2. ed. São Paulo: Ubu, 2023. 176 p. ISBN 978-85-92886-67-8.

FOER, Jonathan Safran. Tree of Codes. Nova York: Visual Editions, 2023. 138 p. ISBN 978-0-9562842-3-5.

176



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

GREENPEACE. Guide to Green Digital Publishing. Amsterdã: Greenpeace International, 2024. 32 p. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/digitalpublishing>. Acesso em: 10 ago. 2025.

HALL, Stuart. Design e diferença cultural. Tradução de Marina Appenzeller. Belo Horizonte: Âyiné, 2023. 160 p. ISBN 978-65-89023-34-1.

LUPTON, Ellen. Design e neurociência: princípios cognitivos para leitura. Tradução de Paula Tavares. São Paulo: Gustavo Gili, 2024. 180 p. ISBN 978-85-8276-789-9.

LUPTON, Ellen. Design tátil: a materialidade no mundo digital. Tradução de Carlos D'Alge. Porto Alegre: Bookman, 2023. 192 p. ISBN 978-85-8260-456-2.

MANOVICH, Lev. Cultura algorítmica: design e IA. Tradução de Rodrigo Sartori. Cambridge: MIT Press, 2023. 320 p. ISBN 978-0-262-54876-3.

MIT MEDIA LAB. Variable Type: Dynamic Fonts for Digital Reading. Cambridge: MIT Press, 2024. DOI: 10.1016/j.future.2024.01.002.

MORRIS, William. A arte da encadernação manual. Tradução de Ana Maria Machado. Lisboa: Atelier Livro Ouro, 2023. 160 p. ISBN 978-989-33-4567-2.

NORMAN, Donald. Design emocional na era digital. Tradução de Ana Deiró. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2023. 256 p. ISBN 978-85-325-4567-8.

PAPANEK, Victor. Design for the Real Eco-World. 4. ed. rev. Nova York: Thames & Hudson, 2024. 320 p. ISBN 978-0-500-34256-1.

PENGUIN. Alice in Wonderland: Augmented Edition. Londres: Penguin Classics, 2023. 200 p. + aplicativo. ISBN 978-0-141-19876-5.

PRIVACY INTERNATIONAL. Reading Under Surveillance: 2023 Report. Londres: PI, 2023. 48 p. Disponível em: <https://privacyinternational.org>. Acesso em: 10 ago. 2025.

177



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

STUDIO ROOSEGAARDE. Living Books Project. Roterdã: Studio Roosegaarde, 2023. Disponível em: <https://www.studio Roosegaarde.net>. Acesso em: 10 ago. 2025.

TASCHEN. Dante: A Divina Comédia – Edição Crítica. Colônia: Taschen, 2023. 512 p. ISBN 978-3-8365-8724-1.

UNESCO. Patrimônio do papel artesanal no Japão. Paris: UNESCO Publishing, 2022. 96 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org>. Acesso em: 10 ago. 2025.

UNESCO. Princípios para Design Editorial Ético. Paris: UNESCO, 2024. 18 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ethicaldesign>. Acesso em: 10 ago. 2025.

W3C. EPUB 4.0 Accessibility Guidelines. Genebra: W3C Publishing, 2024. DOI: 10.17487/W3C.EPUB40.

W3C. Web Accessibility Initiative. FontAccess API. Genebra: W3C, 2023. Disponível em: <https://www.w3.org/fontaccess>. Acesso em: 10 ago. 2025.

178



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

UM COLETIVO NADA “ALEATÓRIOS” E A TERRITORIALIDADE PRESENTE NOS CONTOS DA BAIXADA FLUMINENSE (RIO DE JANEIRO)

Amanda Rodrigues Alves Catem¹

Tamara de Souza Campos²

Introdução

O presente trabalho aborda como os contos de um coletivo literário da Baixada Fluminense (região periférica do Rio de Janeiro), especificamente do grupo de escritores intitulado “Aleatórios”, constroem territorialidade e apresentam as condições dos espaços vividos em suas narrativas. Na contemporaneidade, a literatura produzida por autores da periferia tem surgido como uma parte importante para compreender as dinâmicas territoriais vividas pelos seus habitantes. Vale destacar que a pesquisa baseia-se na perspectiva de que a territorialidade não é construída apenas fisicamente, mas também simbolicamente através dos sujeitos sociais nestas narrativas e seus cenários.

O objeto dessa pesquisa são os contos do “Aleatórios” que é um coletivo literário que valoriza a narrativa breve e a colaboração entre escritores fundado em 2019 pelos escritores Jonatan Magella e Thiago Kuerques. Esses artistas reúnem-se às terceiras terças-feiras do mês no Teatro Sylvio Monteiro, localizado em Nova Iguaçu (uma das 13 cidades que compõem a Baixada Fluminense). Nestes encontros reúnem-se não somente escritores, mas também leitores e ouvintes de contos os quais são criados com base em temas sugeridos de forma aleatória na reunião anterior. No entanto, essas narrativas não são criadas ao acaso, existem regras: os contos devem ter no máximo uma página e não devem ser assinados, para que ao serem lidos o foco recaia sobre a narrativa e não a autoria. A iniciativa desse coletivo surgiu, conforme afirma o próprio grupo, do desejo de estabelecer na Baixada Fluminense um ambiente que valorizasse a arte da narrativa breve.

Os textos produzidos por esses artistas da periferia, que normalmente são estigmatizados, criam confrontos com as narrativas hegemônicas e funcionam como resistência aos discursos

¹ Doutoranda em Humanidades, Culturas e Artes pela UNIGRANRIO. E-mail: alvesamanda2@yahoo.com.br

² Doutora em Memória Social. Professora Adjunta Doutora I do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO. E-mail: tamara.campos@unigranrio.edu.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

dominantes. Assim, a produção literária funciona como reterritorialização desses espaços marginalizados. Desta forma, as narrativas circulam de forma que possam ocupar, protagonizar e reinventar simbolicamente o território da Baixada Fluminense.

Convém destacar que a chamada literatura periférica refere-se à produção artística que revelou-se no Brasil a partir dos anos 70 e ganhou visibilidade na década de 90, consolidando-se como um movimento literário que reúne identidade, resistência e criação artística desses grupos sociais colocados à margem. A periferia, aqui, é entendida para além do espaço geográfico, ou seja, compreendida também como estilo de vida, espaço de troca e convivência artística que foge ao cânone dominante e à hegemonia cultural tradicional. Contexto em que a Literatura é marcada por cenários e sujeitos sociais periféricos em diversificadas dimensões e temas pouco explorados.

Para compreender as narrativas como construção da ideia de territorialidade integrou-se tanto a geografia crítica quanto a literatura por meio de uma abordagem interdisciplinar tendo como aporte conceitos teóricos essenciais de autores como Rogério Haesbaert e Antonio Candido. A seguir serão apresentados os conceitos, métodos e análises que nortearam essa pesquisa.

180

Literatura e Território

A literatura, conforme afirma Antônio Candido (1988), é um direito humano fundamental que deve ser acessível a todos e tem papel humanizador, pois

assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade (...) (CANDIDO, 1988, p.175).

A própria produção de literatura funciona como uma prática social, porque “na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo para nós mesmos” (COSSON, 2014, p.17).

Ao analisar as histórias narradas nos contos é possível identificar quais são os temas emergentes nestes locais de convivência. Temas estes que não só refletem as preocupações individuais do escritor, como também podem reverberar questões sociais mais abrangentes. Ao analisar a história que a narrativa conta, deve-se estar ciente que os cenários e a territorialidade se conectam com contextos sociais e culturais da realidade dessa periferia. Os



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

contos podem servir como espelhos que refletem a sociedade, evidenciando tensões, conflitos e aspirações coletivas. Isso resulta em uma análise que busca ir além da questão individual para considerar o significado social e coletivo das histórias que estão sendo narradas.

Para tanto, é preciso deixar evidente que território não corresponde a uma delimitação física, mas um lugar de luta, convívio social, prática cultural que incorpora diferentes questões. O geógrafo Rogério Haesbaert (2009) põe em destaque a natureza multifacetada desse conceito e cita as três concepções, que não são excludentes, mas norteiam o conceito: política, cultural (ou simbólico-cultural) e econômica. Essas dimensões do território mostram-se relevantes para compreender como os sujeitos e grupos sociais constroem sentidos em seu espaço vivido, especialmente na periferia.

Para tanto, trazemos à baila as palavras de Haesbaert sobre amplitude do conceito

Território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, têm uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com enfoque no território, em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade, em suas múltiplas dimensões... a Ciência Política enfatiza sua construção a partir das relações de poder... a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto força produtiva); a Antropologia destaca a sua dimensão simbólica... a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo (HAESBAERT, 2009, p.37).

181

Desta forma, o território se constitui nos aspectos político-jurídico, econômico e cultural e a territorialização assume o sentido de dominação e apropriação do espaço que se dá no processo de produção desse espaço, tanto material quanto simbólico.

A relação entre território e territorialidade, mostra-se relevante para a análise das narrativas de escritores periféricos, pois reafirma o papel desses sujeitos como protagonistas no espaço da escrita literária. Desta forma, ao considerarmos a própria escrita literária como território, podemos pensar que os escritores constroem a territorialidade quando retratam em seus contos o sentido de pertencimento, uso e vivência no espaço das cidades da Baixada Fluminense.

O território que antes pertencia aos cânones, aos acadêmicos, e à elite tem sua reterritorialização, colocando em destaque não somente o lugar que sempre coube à periferia, mas também aos seus locutores: o autor periférico.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A dimensão cultural ou simbólico-cultural do território, neste trabalho, será sobreposta às outras, já que aqui o território é considerado, em seu aspecto subjetivo, ou seja, “é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2009, p.40).

A territorialidade nos contos Aleatórios

Para o presente trabalho foram selecionados dois textos do livro “Contos de todos os cantos: uma coletânea de narrativas”. Esta obra foi organizada pelo próprio coletivo de autores “Aleatórios” e produzida de forma independente. O livro apresenta cenários específicos: cidades da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. No entanto, por ser um livro, não segue a regra dos encontros de precisar caber em somente uma página e não ter a autoria identificada. Diante das possibilidades, já que a obra apresenta 27 contos, foram selecionados “As sombras são” e “Cabeça-de-vento”, uma vez que as duas narrativas foram escritas pelo mesmo autor: Edgard Vieira Matos, o que só acontece uma vez. Todos os outros autores têm somente uma narrativa no livro. Outro fator preponderante foi esse autor ter nascido e ainda viver em Nova Iguaçu, cidade onde o encontro do coletivo literário acontece. Além disso, Moduan Matus (seu nome artístico) ficou conhecido pela gização, ato em que publicava “a giz nas portas das lojas para que as pessoas, ao passar, pudessem ler seus poemas” (FÉLIX; INÁCIO, 2019, p.6).

A seguir serão apresentadas as análises sobre cada um dos dois textos levando em consideração as teorias que aqui foram explicitadas.

Primeiramente traz-se aqui o conto “As sombras são” que em seu título já apresenta um trocadilho, pois ao ser lido forma sonoramente a palavra “assombração”. Essa assombração era um vulto que apareceu pela primeira vez nas ruínas da torre sineira³ e seu “espectro tinha uma forma humana, mas alada, com rabo e era grande, dois metros de altura, que diminuía, diminuía até sumir” (ALEATÓRIOS, 2020, p.33).

Esse vulto torna-se o protagonista da história e percorre alguns espaços históricos do bairro de Tinguá, como a caixa-d’água (hoje desativada) que abastecia as marias-fumaças em 1944. A história termina sem a certeza do que é realmente esse vulto, pois “*muitos dizem* (grifo nosso) que esse vulto não é nada mais, nada menos que um bugio e um gavião-pombo-

³ É a torre sineira (da antiga igreja Nossa Senhora da Piedade de 1719) tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), que faz parte do sítio histórico e arqueológico da antiga Vila de Iguaçu Velho.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

grande, guardiões, que andam ou voam juntos, preservando o que resta do lugar” (ALEATÓRIOS, 2020, p.33).

Em “As sombras são” a história acontece “lá pras bandas de Tinguá, mais precisamente em Santana das Palmeiras” (ALEATÓRIOS, 2020, p.33), o que situa a narrativa em um lugar específico, repleto de memória e identidade local. Há, então, o surgimento de um vulto que se aproxima de quem adentra a Reserva Biológica. Vulto este que funciona como um guardião da reserva e interfere nas relações dos visitantes com o território. “Aparecia em qualquer situação, como se vigiasse passo a passo do visitante ou como se medisse as radiações de cada aura e sua harmonia com o lugar” (ALEATÓRIOS, 2020, p.33). Essa ação do vulto reforça a ideia de que há uma força que regula o espaço, que reconhece e julga a legitimidade da apropriação do território. Esse controle, vigilância e afeto representam a territorialidade simbólica.

Há, na narrativa, uma tempestade de objetos (motosserras, serrotes, gaiolas etc) que são reaproveitados por artistas plásticos locais para criar um monumento “com toda aquela parafernália para servir de alerta” (ALEATÓRIOS, 2020, p.33). Tal momento demonstra que a comunidade se apropriou do que sobrou desse ambiente marcado por destruição e também tradição em que os artistas locais são os agentes que constroem um monumento destacando o papel da arte que dá voz às territorialidades invisibilizadas pelos discursos hegemônicos. O conto evidencia também o território vivido: a praça central, a caixa d’água desativada, a reserva biológica e as ruínas de uma torre (elementos físicos do espaço) sem esquecer as práticas dessa comunidade.

Da mesma forma que a literatura periférica funciona como uma prática que representa a experiência social e dá voz aos sujeitos marginalizados, esse conto pode ser entendido como uma narrativa que, na ficção, constrói e defende territórios.

Agora, parte-se para o conto “Cabeça-de-vento” que começa com um “vento diferente, com ares de alienígena” (ALEATÓRIOS, 2020, p.34) que circula pela cidade de Itaguaí, o território. Esse vento que acontece desde 1880, é o protagonista da narrativa e representa uma figura que soa/retumba nos diferentes espaços da cidade.

O vento possui papel significativo no conto, pois tem o valor simbólico de mexer com a população, com os diferentes espaços, causando desordem e preocupação. Ele inclusive mexe com o psicológico, com o racional dos habitantes, trazendo à tona a questão da sanidade “os marinheiros passaram a se fechar em um bar e meio aos estados de referência se ouviam vozes carregadas, encharcadas, pastosas e esfumadas, dizendo: - Que demência! - Que maluquice! - E desconexo! - E porralouquice!” (ALEATÓRIOS, 2020, p.34)



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A história termina apontando que esse vento, e seus sons, não é algo sobrenatural, mas criação humana e concreta: “um grande moinho de vento na fazenda Santa Teresa” (ALEATÓRIOS, 2020, p.34). No entanto, fica evidente no conto que seus efeitos ainda perduram na cidade.

Esse vento personificado circulava pelos espaços, “como se a beber água da fonte da praça e que dali seguia em redemoinho onde os sons aumentavam e as árvores balançavam, criando mais barulhos diferentes” (ALEATÓRIOS, 2020, p.34) e carregava consigo sentidos não apenas físicos, mas também representativos.

A circulação contínua desse vento está ligada, inclusive, a eventos históricos como a Segunda Guerra e a chegada de imigrantes japoneses, o que expressa a dimensão social da territorialidade.

A forma como a comunidade percebe e interpreta esse fenômeno do vento estabelece a ideia de territorialidade uma vez que é construída pelas práticas culturais partilhadas e relacionada ao espaço vivido. O vento representa as inquietações e as singularidades que atravessam a cidade e seus moradores.

“Cem anos depois da primeira aparição, meio a um vendaval, soube-se que tudo fora obra do doutor Pinel” (ALEATÓRIOS, 2020, p.34) que construiu um moinho transformando lanças em pás que provocam sibilâncias. A cidade (o espaço) é ressignificada através da descoberta do dispositivo que emite sons estranhos, o que expressa a reterritorialização do espaço construindo a identidade local.

Da mesma forma que artistas e coletivos literários da periferia atuam na reterritorialização simbólica do espaço marginalizado que se encontram, a narrativa evidencia um elemento imaginário que constrói sentidos e pertencimentos subjetivos através do vento e dos sons que ele carrega. A literatura periférica revela-se essencial para dar visibilidade e representação a sujeitos e experiências negadas pelos discursos hegemônicos uma vez que essa expressão da experiência social contribui para a construção da identidade coletiva.

Os contos selecionados funcionam como um reflexo das condições sociais e simbólico-culturais de um determinado grupo, aqui especificamente: escritores e território da Baixada Fluminense. A literatura produzida por esses escritores colocados à margem não apenas retrata suas realidades e documenta momentos e a história desses territórios e de seu grupo, mas também desafia as narrativas hegemônicas que dominam o discurso literário. Esses escritores periféricos trazem à tona as questões de identidade, de pertencimento e de resistência funcionando como uma crítica ao discurso e poderes dominantes. Uma vez que a ausência de desses escritores no cenário literário, não é apenas uma exclusão simples, ingênua mas fruto de censuras históricas e institucionais conforme afirmava Foucault (1996, p.41) em



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

“que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma "sociedade de discurso"⁴ difusa, talvez, mas certamente coercitiva”.

Essa literatura capaz de construir identidades coletivas em diálogo com o espaço, que é excluído urbana e economicamente, e também é marcada pela singularidade cultural do seu território constitui a chama chamada literatura marginal em que

“a origem social comum e as elaborações compartilhadas de ‘marginalidade’ e ‘periferia’ impulsiona os escritores a assumir o papel de porta-vozes dos sujeitos e espaços marginais na literatura e a conferir às suas obras uma significação estética e política” (Nascimento, 2006, p. 87).

Considerações Finais

Ao examinar os contos, que têm o território da Baixada Fluminense como protagonista e cena, o objetivo não é esgotar impressões ou emitir juízos de valor sobre a totalidade da literatura da Baixada Fluminense ou sobre esse território que é foco desta pesquisa, pois isso poderia levar a uma generalização da interpretação, mas ressaltar a ideia de dar voz e espaço às literaturas, identidades e territorialidades que normalmente são colocadas à margem.

Quando se trata do espaço, nessas narrativas, a periferia é representada não apenas como um lugar de ausência ou carência, mas também como um território de múltiplos sentidos: lugar de resistência, criação artística, partilha e socialização. As narrativas desses escritores com o território da Baixada Fluminense (periferia) como protagonista e personagem dão destaque ao espaço como personagem ativo, possibilitando enxergá-lo como um elemento que constitui a identidade local e funciona como palco dos sujeitos periféricos. É a partir desses espaços e das experiências vividas neles que a linguagem e as histórias das narrativas podem funcionar como legitimação da voz desses autores e da própria periferia.

Por fim, este trabalho pretende contribuir despertando um olhar para a literatura e o território da periferia, aventando (e plantando a semente para) futuras pesquisas que aprofundem essas relações entre espaço, subjetividades e cultura na produção periférica ou em outros espaços também marginalizados.

⁴ “Sociedade do discurso”, segundo Foucault (1996), é uma forma de compreender como o discurso molda e é moldado pelas relações de poder em qualquer sociedade. Ou seja, o discurso não é neutro, mas um fator vivo na construção da realidade social, que produz e reproduz as relações de poder.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Com tudo isto, as narrativas de escritores periféricos revelam-se um modo de pensar e construir cidades mais justas e inclusivas, colocando em destaque o poder da cultura e da arte para a transformação de territórios e de vidas.

Referências Bibliográficas

ALEATÓRIOS (Org.) **Contos de todos os cantos: uma coletânea de narrativas de autores da Baixada Fluminense**. Nova Iguaçu: Independente, 2020.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão; INÁCIO, Gabriela Maria. Nas trilhas de Moduan Matus: A Baixada Fluminense como um lugar poético. **Almanaque Multidisciplinar de pesquisa**. Ano VI, Volume 1, Número 1, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Leituras Filosóficas).

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Revista GEOgraphia**, Niterói, ano IV, n.7, p.7-31, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MAGELLA, Jonatan; KUERQUES, Thiago. **Quem Somos**. Contos Aleatórios, 2024. Disponível em: <<https://contosaleatorios.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

MAGELLA, Jonatan. **Projeto ALEATÓRIOS: Evento literário na Baixada Fluminense promove o gênero conto**. [Entrevista concedida a] César Manzóllilo. ArtCult, 28 fev.2020. Disponível em <https://artecult.com/projeto-aleatorios/>. Acesso em: 10 dez. 2024

186



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena.** 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. **Vila de Iguassú Velho está com obras de revitalização em sua fase final.** Secretaria Municipal de Cultura, 2021. Disponível em: <https://www.novaiguacu.rj.gov.br/semcult/2021/03/09/vila-de-iguassu-velho-esta-com-obras-de-revitalizacao-em-sua-fase-final/> Acesso em: 31 jul. 2025



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARTOGRAFIA CULTURAL DAS OLARIAS DE ICOARACI-PA: CERÂMICA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Ana Flávia da Costa de Campos Peixoto¹

Esse trabalho busca entender a produção cerâmica no Paracuri por meio das suas inovações tecnológicas e preservação de processos tradicionais, revelando um processo contínuo de adaptação das técnicas ancestrais à incorporação de novos métodos produtivos. Em Icoaraci, a arte cerâmica não apenas salvaguarda práticas culturais, mas também desempenha um papel relevante na economia local, seja pela comercialização de peças artesanais, seja pelo fomento ao turismo. Iniciativas como a “Rota das Tradições” e a “Rota Ancestral” exemplificam esse movimento, ao promover projetos que ecoam e fortalecem as narrativas da memória, da história e da bioeconomia ancestral do distrito. Essas ações, conduzidas por coletivos culturais e pelas olarias locais, vem buscando consolidar Icoaraci como um polo de identidade, criatividade e desenvolvimento sustentável.

Prática primordialmente familiar, tem suas raízes na confecção de cerâmica utilitária, como telhas, tijolos e tubulações. Contudo, ao longo do tempo, essa tradição adaptou-se às transformações sociais, econômicas e culturais, incorporando elementos estéticos e artísticos que vão além do uso utilitário. Tavares (2012) ressalta que os ceramistas de Icoaraci preservam uma tradição secular, transmitida oralmente de geração em geração. Predominantemente organizados em grupos familiares, esses artesãos não só garantem seu sustento, mas também refletem sua visão de mundo através de suas habilidades e relações sociais.

Essa herança cultural e racial é evidenciada até hoje, uma vez que grande parte da população envolvida na produção cerâmica no distrito de Icoaraci é composta por negros e pardos, que imprimem na cerâmica não apenas seu trabalho manual, mas também a memória e a identidade coletiva do território (Oliveira & Santos, 2018; IBGE, 2010). A produção cerâmica urbana, conforme discutida por Ribeiro (1985), exemplifica a dinâmica singular de um espaço urbano caracterizado pela modernidade e pelos processos de industrialização, ao mesmo tempo em que preserva elementos tradicionais que conectam as comunidades às suas raízes culturais.

188

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Pará. Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (2022). Email: peixoto.naaflavia@gmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nesse contexto, a cerâmica transcende sua função utilitária, consolidando-se como um símbolo expressivo da identidade cultural local. A dualidade entre ser simultaneamente um produto de mercado e um veículo de expressão cultural constitui uma das características mais marcantes da cerâmica urbana, evidenciando a interação complexa entre tradição, inovação e as exigências impostas pelo ambiente urbano. A Lei nº 9.705, de 19 de setembro de 2023, reconhece oficialmente a cerâmica de Icoaraci como patrimônio cultural imaterial de Belém, destacando sua relevância histórica, artística e cultural. Esse reconhecimento celebra os saberes ancestrais associados às culturas dos povos originários da Amazônia, ao mesmo tempo que evidencia a resiliência das práticas cerâmicas diante das transformações históricas e socioeconômicas.

Formação territorial e cultural do Distrito de Icoaraci



189

Figura 1. Localização distrito de Icoaraci, Belém, Pará, Brasil. No mapa à esquerda, observa-se circulado em vermelho a Região Metropolitana de Belém, com a área de Icoaraci indicada por um círculo amarelo. No mapa à direita, uma ampliação do distrito mostra seus principais limites urbanos.

Fonte: Google Earth 2025.

A ocupação da Amazônia pela Coroa Portuguesa visava garantir a posse e explorar suas riquezas, por meio de estratégias geopolíticas como fortificações e missões religiosas, que originaram os primeiros núcleos coloniais. Desde o século XVII, a região Norte foi incorporada ao território colonial brasileiro, voltada à extração e comercialização das drogas



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

do sertão.² Para sustentar esse sistema, fundaram-se povoados, freguesias e vilas ao longo dos rios, que serviam tanto à defesa quanto ao escoamento da produção, padrão ribeirinho que persiste até hoje.

Icoaraci, devido à sua posição estratégica em relação a Belém, passou a ser ocupada formalmente em meados do século XVII. Em 1656, recomendou-se a criação de um povoado, e no século XVIII, terras entre o Igarapé Paracuri e o Furo do Maguari foram concedidas por sesmaria,³ consolidando a presença colonial. A ocupação seguiu a frente fluvial e, posteriormente, avançou para áreas de terra firme, mantendo o acesso principalmente por via fluvial até o século XX.

Após o declínio da borracha, a economia voltou-se para sementes oleaginosas, estimulando indústrias como curtumes, serrarias, olarias e o Matadouro Municipal. Até então, a cerâmica local atendia usos utilitários, mas a concorrência de alumínio e plástico levou os artesãos a adotar estéticas marajoara e tapajônica como estratégia de valorização cultural a suas produções. Hoje, o Igarapé Paracuri concentra dezoito olarias, eixo central da produção cerâmica local. As mais antigas, como a Olaria do Espanhol e a Rosemiro Artesanato, situam-se próximas às margens, enquanto as recentes se afastam do curso d'água, evidenciando o papel do território na organização da atividade.

190

² A expressão remete a um conjunto de plantas, raízes, sementes e cascas extraídas da região amazônica durante o Brasil Colônia. Esses produtos eram valorizados por suas propriedades como tempero, corante, óleo, cicatrizante e medicamento, e eram considerados equivalentes às especiarias vindas da Ásia ou Mediterrâneo.

³ Sistema de distribuição de terras usado em Portugal e transplantado para o Brasil durante o período colonial.



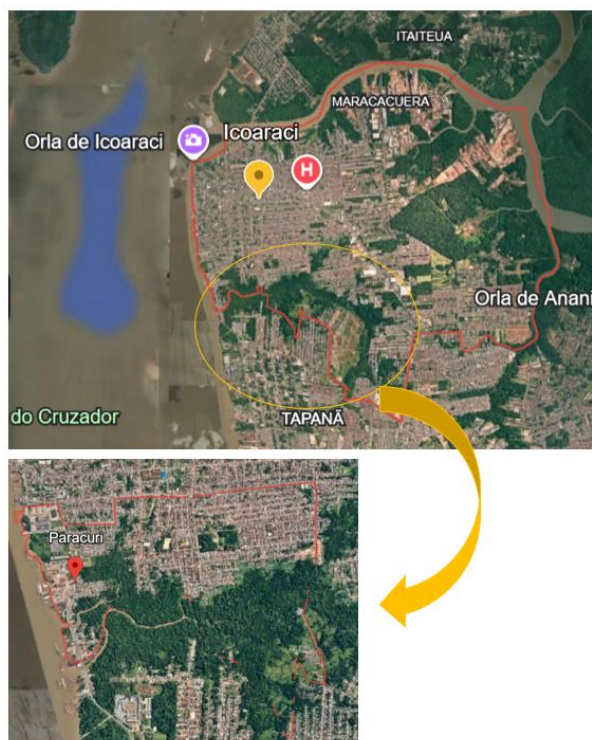
Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 2. Localização bairro do Paracuri no distrito Icoaraci, Belém, Pará, Brasil. A Evidencia a posição geográfica do bairro do Paracuri dentro do distrito de Icoaraci, em Belém (PA) que está circulado em vermelho. O mapa superior mostra o distrito como um todo, com destaque em amarelo para o bairro do Paracuri.



Fonte: Google Earth 2025.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 3. Em vermelho as olarias e em azul a bacia hidrográfica do Paracuri.



Fonte: Imagem do Google Maps 2025

A localização da Olaria do Espanhol foi estrategicamente escolhida, próxima ao braço do igarapé Paracuri, devido à facilidade de acesso à matéria-prima local e ao transporte fluvial, que, durante décadas, foi o principal meio de escoamento da produção cerâmica. Historicamente, a argila utilizada na olaria era extraída nas imediações, mas, com o tempo, as áreas de exploração foram se distanciando, exigindo maior esforço logístico. Ainda assim, a proximidade às margens do rio desempenhou um papel fundamental na sustentabilidade da produção. Até a década de 1970, o transporte dos produtos finalizados era realizado por canoas, que navegavam pelos canais até o mercado do Ver-o-Peso, em Belém, um dos maiores centros de comercialização da região.

Com o advento da urbanização e a ampliação das vias terrestres, o transporte fluvial deu lugar ao escoamento por caminhões, refletindo as transformações socioeconômicas e tecnológicas que impactaram a região. No entanto, o passado fluvial permanece intrínseco à identidade da olaria, resgatando memórias de um tempo em que os canais e igarapés não eram apenas vias de transporte, mas também elementos integradores das dinâmicas produtivas e culturais locais.

A abundância de argila, matéria prima para a produção da cerâmica, na região do Paracuri incentivou a continuidade dessa prática artesanal, levando algumas famílias, predominantemente negras, a estabelecer suas próprias olarias nas proximidades do Igarapé Paracuri. Essas famílias, herdeiras de saberes tradicionais e marcadas pela experiência histórica da resistência afro-amazônica, perpetuaram o ofício ceramista como uma prática cultural e econômica essencial para a comunidade (Nascimento & Almeida, 2020).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Processo metodológico

A pesquisa foi desenvolvida no distrito de Icoaraci, no bairro do Paracuri, reconhecido por concentrar a maior quantidade de olarias da região e por sua relevância histórica na produção cerâmica da Amazônia. Dentro deste recorte territorial, foram selecionadas três olarias integrantes do circuito interativo do Ecomuseu de Belém: Olaria do Espanhol, Olaria Doca Leite e Olaria da Família Santana.

A escolha se fundamenta na significativa diferenciação entre suas técnicas, estilos e repertórios de produção, o que possibilita compreender de maneira mais abrangente a diversidade existente no fazer cerâmico local. Essa diversidade constitui um elemento central para a cartografia cultural proposta, uma vez que a metodologia visa não apenas localizar e documentar as práticas, mas também interpretar seus significados e as variações sociotécnicas que marcam a identidade cultural do território.

Junto a arqueologia da paisagem, utilizada para entender como os espaços de produção estão organizados e como a geografia do território interfere nas práticas cerâmicas. Este levantamento espacial permitirá observar a relação entre os espaços de produção e os locais de comercialização, e como essas áreas refletem as transformações sociais e culturais do bairro. Além disso, será realizada uma cartografia social participativa, com o intuito de registrar como os ceramistas percebem e interagem com o território ao longo do tempo, destacando os impactos da globalização sobre a produção local.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com ceramistas locais, como Ciro Croelhas (Olaria do Espanhol), Bruno Gonçalves (Olaria Doca Leite) e Guilherme Santana (Família Santana), com o objetivo de captar suas percepções sobre as mudanças ao longo do tempo, os desafios enfrentados pela comunidade e a preservação das tradições. Buscando entender como a cerâmica de Icoaraci se insere nas histórias pessoais e coletivas dos ceramistas, e como suas práticas resistem às pressões externas. A codificação temática será aplicada para identificar padrões emergentes nos relatos, como a relação entre a cerâmica e a identidade local, e a maneira como os ceramistas reinterpretam suas tradições no contexto da globalização.

Nesta fase, estabeleceu-se a delimitação espacial do estudo, a definição das categorias de análise: técnicas de produção, tecnologias utilizadas, repertório estético e usos sociais das peças e a seleção dos instrumentos metodológicos. Foram adotadas entrevistas semiestruturadas, a observação participante e o registro fotográfico como técnicas de coleta de dados, permitindo captar tanto as dimensões objetivas do processo produtivo quanto os aspectos subjetivos, narrativos e simbólicos que envolvem a prática ceramista

193



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Além de preservar os saberes ancestrais, transmitidos oralmente por gerações, o estudo visa construir um acervo que expresse a riqueza técnica e artística dessa prática cultural. A integração das informações levantadas busca ampliar o acesso ao conhecimento sobre a cerâmica de Icoaraci, incentivando um envolvimento ativo tanto da comunidade local quanto dos visitantes.

Resultados Preliminares

Olaria do Espanhol

Fundada em 1903 pelo mestre João Espanhol, a Olaria do Espanhol é pioneira na produção cerâmica do Paracuri, em Belém do Pará, e referência na preservação de práticas artesanais transmitidas por gerações. Inicialmente voltada a atender necessidades domésticas antes da popularização de materiais industrializados, produzia panelas, filtros de água, vasilhas e outros utensílios essenciais. O filtro de barro de modelo europeu, introduzido pelo fundador, permanece como item emblemático e funcional até hoje.

Atualmente dirigida por Ciro Croelhas, neto do fundador, a olaria mantém uma produção organizada por especialização dos oleiros, garantindo eficiência e alta qualidade em mais de 100 modelos de peças. Entre elas, os filtros cerâmicos continuam simbolizando a união entre tradição, funcionalidade e resistência cultural ao longo de 121 anos de história.

194



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



1.Tabela Espátulas Olaria do Espanhol

Material	Espátula
Madeira	
Alumínio	
Policarbonato	
Plástico	

Fonte: Construção da autora, 2025.

Na Olaria do Espanhol, os oleiros desenvolvem suas próprias ferramentas, como espátulas de madeira, alumínio, policarbonato ou plástico, adaptadas às demandas específicas da produção. Essa autonomia técnica reforça a personalização do trabalho e a eficiência na modelagem. Além do material, o design das espátulas, incluindo a forma e os detalhes ergonômicos, contribui significativamente para a eficiência e a qualidade do trabalho dos oleiros e para a textura que ele pode aplicar na peça como na figura 4.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 4. Espátula e textura desenvolvida na peça. Olaria do espanhol, 2025.



Fonte: Construção da autora, 2025

Entre as espátulas utilizadas na Olaria do Espanhol, algumas apresentam maior frequência de uso devido à sua versatilidade ou à necessidade em etapas críticas da produção. Isso acaba refletido no desgaste que essas ferramentas sofrem ao longo do tempo. Na Figura 5, podemos observar um exemplo claro desse fenômeno: a segunda espátula apresenta marcas evidentes de desgaste em comparação com a espátula representada na primeira figura, que mantém seu formato original. Essa diferença ilustra o impacto do uso contínuo e destaca a importância de substituições ou ajustes regulares para garantir a eficiência no processo produtivo.

196

Figura 5. Espátulas Olaria do espanhol, 2025.

Espátula com menos uso



Espátula com mais uso



Fonte: Construção da autora, 2025



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O desgaste de ferramentas é um indicativo do intenso trabalho manual e da repetição de movimentos característicos do ofício cerâmico. A análise comparativa entre uma espátula desgastada e uma em seu formato original não apenas fornece informações sobre a dinâmica do uso, mas também reflete a experiência acumulada pelos oleiros em adaptar suas ferramentas ao longo do tempo. Essa adaptação contínua reforça o caráter artesanal da produção, em que o ferramental não é apenas um instrumento, mas uma extensão do próprio artesão, moldando as peças com precisão e técnica apurada.

Além disso, a durabilidade e a performance das espátulas estão ligadas à escolha do material. Ferramentas feitas de madeira, por exemplo, podem sofrer mais rapidamente com o desgaste devido ao atrito contínuo com a argila, enquanto espátulas de alumínio ou plástico tendem a ter maior resistência. Ainda assim, a madeira pode oferecer vantagens em termos de leveza e maleabilidade, dependendo do tipo de peça a ser modelada. Dessa forma, a seleção e o cuidado com as ferramentas tornam-se elementos fundamentais na rotina dos oleiros, refletindo não apenas seu conhecimento, mas também a complexidade e o valor do processo artesanal.

Assim, o estudo e a observação das espátulas, incluindo seu uso, desgaste e formatos, revelam nuances importantes sobre a prática cerâmica na Olaria do Espanhol. Esses detalhes ilustram a interdependência entre ferramenta, técnica e resultado, ressaltando a habilidade dos artesãos em equilibrar tradição e funcionalidade em cada etapa de sua produção.

A Olaria do Espanhol, com mais de um século de história, destaca-se pela preservação e divulgação de sua tradição, aliando produção cerâmica à transmissão de saberes por meio de oficinas e de um ponto de memória criado por Ciro Croelhas. Projetos como o Ecomuseu, em parceria com a Prefeitura e coletivos transformaram o espaço em centro educativo e cultural, permitindo que visitantes conheçam o processo artesanal e sua importância histórica. Unindo tradição e inovação, a olaria fortalece o patrimônio cultural, estimula o turismo e se consolida como referência de resistência cultural no Paracuri.

Olaria Doca Leite

A Olaria Doca Leite, conduzida pelo mestre oleiro Doca Leite e seu filho Bruno Gonçalves, une tradição e inovação na produção cerâmica de Icoaraci. Com 50 anos de experiência de Doca e 25 de Bruno, o ateliê preserva saberes marajoaras e tapajônicos, aprendidos com o mestre Rosemiro Pereira, ao mesmo tempo em que incorpora soluções criativas para atender ao mercado atual. Suas peças combinam técnicas artesanais e inovações estéticas, tornando

197



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

a olaria não apenas um espaço produtivo, mas também um núcleo de resistência cultural e valorização da identidade amazônica.

Bruno Gonçalves desempenha um papel central na modernização da olaria, ao incorporar princípios de gestão mais eficientes e introduzir novos modelos de design que ampliam o alcance da produção. Suas contribuições possibilitam que a olaria diversifique seu portfólio, atendendo a diferentes nichos de mercado, sem comprometer os valores e as práticas tradicionais que caracterizam a cerâmica de Icoaraci. Ele colabora na introdução de novos designs, adaptando a produção para atender a demandas específicas, como peças decorativas, utilitárias e personalizadas, sempre respeitando os métodos artesanais que caracterizam a cerâmica local.

A Olaria Doca Leite é um patrimônio cultural vivo, reafirmando a cerâmica como elemento identitário da região e símbolo da resiliência dos artesãos amazônicos. Unindo tradição e modernidade, adapta-se ao mercado por meio de escolhas estéticas inovadoras, como a textura exclusiva criada por Doca Leite há cerca de 20 anos com um martelo desenvolvido por ele. Essa técnica, hoje marca registrada da olaria, garante reconhecimento imediato das peças e diferenciação no mercado, assegurando a continuidade e valorização da produção local.

As práticas culturais não são respostas passivas às transformações externas, mas formas de reconfigurar e reinventar a cultura. A escolha das cores e a experimentação com texturas são, portanto, uma afirmação da identidade local e uma estratégia para projetar essa identidade nas esferas estéticas e mercadológicas contemporâneas. A criação de uma identidade visual própria, marcada pelas cores e texturas inovadoras, fortalece a posição da Olaria Doca Leite no mercado e intensifica a construção de sua identidade cultural.

198

Figura 6. Marte para textura e textura, 2025



Fonte: Construção da autora, 2025



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

As cores da Olaria Doca Leite, como ocre, vermelho personalizado e branco, resultam de um processo contínuo de experimentação guiado pelo feedback dos clientes. Essa adaptação às preferências do público, alinhada às tendências de decoração, garante inovação sem perder a essência cultural, fortalecendo a presença da olaria no mercado contemporâneo.

Figura 7. Tabela de cores utilizadas na Olaria Doca Leite, 2025



Fonte: Construção da autora, 2025

199

O uso de elementos marajoaras nas peças, aliados a influências de outras tradições, como a arte tapajônica e os desenhos rupestres, cria uma identidade visual única para a produção da Olaria Doca Leite, reconhecível em qualquer parte do mundo. Esse processo de hibridação cultural, conforme Canclini (2008), demonstra como a cerâmica de Icoaraci integra diversas influências culturais, criando um produto que é ao mesmo tempo local e global. A criação de peças que incorporam esses diversos elementos culturais reflete uma prática ceramista que, ao mesmo tempo em que preserva a tradição, também se abre para a experimentação e a inovação, sendo um exemplo claro de como o artesanato pode se reinventar.

A olaria também se dedica à reprodução de peças arqueológicas tapajônicas e marajoaras, essas peças são produzidas por meio de moldes de gessos. Segundo Bruno, essas peças possuem uma demanda mais específica, frequentemente relacionada a turistas em busca de souvenirs que carreguem um valor cultural ou simbólico. Além disso, essas peças atraem clientes interessados em presentear com itens únicos ou em exportar o artesanato como forma de difundir a cultura local para outros territórios. Essa prática reforça o papel da olaria como um ponto de preservação e valorização do patrimônio cultural, ao mesmo tempo que atende a nichos de mercado com interesse em artefatos históricos reinterpretados para o presente.

As ferramentas utilizadas para a criação dos desenhos nas peças são cuidadosamente desenvolvidas pelos próprios desenhistas, adaptando-se às necessidades específicas de cada



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

projeto artístico. Esse processo artesanal permite uma personalização única, atendendo às exigências de variação nos traços, seja para alcançar a delicadeza de linhas finas ou a expressividade de traços mais grossos. A criatividade e a habilidade dos desenhistas são essenciais nessa etapa, já que a escolha e a confecção das ferramentas influenciam diretamente a qualidade estética e o detalhamento das peças, evidenciando o caráter autoral e artesanal do trabalho realizado na olaria.

Figura 8. Esteques riscos finos



Fonte: Construção da autora, 2025

A Olaria Doca Leite mantém o equilíbrio entre técnicas tradicionais e inovações, preservando a identidade cultural da cerâmica de Icoaraci. A produção envolve modelagem manual, uso de ferramentas criadas pelo mestre Doca Leite e etapas como brunição, desenho pré-queima e pintura. O mestre é responsável pelo “risco grosso”, de textura única, enquanto os “riscos finos” são feitos por desenhista especializado, evidenciando a colaboração e a especialização no processo produtivo. Embora algumas etapas do processo sejam terceirizadas, a presença familiar permanece central na produção, assegurando a continuidade da tradição. A especialização de funções, com o mestre Doca Leite focado na modelagem e desenho, e Bruno, que cuida do desenho e da pintura, contribui para a eficiência da produção. A esposa de Bruno, Patrícia, assume a responsabilidade pela pintura final e pela comercialização das peças, consolidando a estrutura familiar como a espinha dorsal da olaria.

Essa flexibilidade na divisão do trabalho, aliada à especialização técnica, demonstra como a olaria se adapta aos tempos modernos, mantendo a autenticidade cultural. A terceirização de algumas etapas, como o acabamento da pintura e o desenvolvimento do risco fino, permite uma maior especialização, mas a supervisão e direção familiar garantem que os princípios de tradição e identidade cultural sejam preservados.

200



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



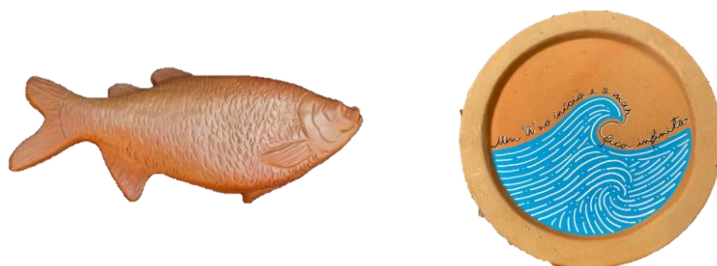
7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Olaria Família Santana

A olaria da Família Santana, liderada pelo mestre Guilherme Santana, ceramista com 25 anos de experiência, combina tradição e modernidade em suas peças. Embora especializado em desenho, Guilherme domina todas as etapas da produção, influenciado pelo convívio com olarias desde a infância. Suas criações transitam entre referências marajoaras e uma estética contemporânea, atendendo tanto ao mercado decorativo quanto ao utilitário.

Figura 9. Produções família Santana: prato de parede e peixe



201

Fonte: Instagram Família Santana, 2025.

Os elementos decorativos utilizados pela olaria são inspirados na cultura marajoara. Contudo, conforme explica Guilherme, os desenhos não têm a preocupação de serem réplicas arqueologicamente fiéis, mas servem apenas como referências criativas: “Elas servem como inspiração”, afirma ele. Essa abordagem destaca a autonomia artística e a busca por novas interpretações culturais, que combinam aspectos tradicionais com uma estética mais contemporânea.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 10. Produções Família Santana: tampa e uma xicara



Fonte: Instagram Família Santana, 2025.

A equipe da olaria é composta por três pessoas no processo de confecção das peças, enquanto na parte de desenho, Guilherme divide as atividades com sua irmã, que possui uma experiência mais extensa no trabalho com cerâmica. As produções da olaria abrangem tanto peças utilitárias quanto decorativas, sendo marcadas por um equilíbrio entre tradição e inovação.

As peças produzidas refletem essa dualidade entre passado e presente. Enquanto muitas delas mantêm traços inspirados na cultura marajoara, outras revelam uma linguagem moderna que se afasta dos elementos característicos das cerâmicas de Paracuri. Essa flexibilidade permite que a olaria alcance um público diverso, ampliando sua atuação no mercado de cerâmicas decorativas e utilitárias.

O processo produtivo na olaria da Família Santana combina métodos tradicionais com o uso de tecnologias mais modernas. Uma característica singular destacada pelo mestre Guilherme é sua habilidade em avaliar a qualidade das peças queimadas por meio do som que produzem: “As peças que passam por uma boa queima têm um som específico, mais agudo ou mais grave, e isso nos ajuda a identificar se o processo foi bem-sucedido”. Essa sensibilidade adquirida pela experiência é uma demonstração do vínculo entre o saber tradicional e a prática cotidiana do ofício.

Outro aspecto notável é a utilização de ferramentas modernas, como máquinas de brunimento, formas de gesso e máquinas de extrusão. Enquanto o brunimento nas olarias tradicionais do Paracuri ainda é realizado manualmente, a adoção de uma máquina para esse processo reflete uma busca por maior eficiência e padronização. As formas de gesso e a máquina de extrusão também contribuem para a diversificação da produção e para a estética



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

contemporânea das peças, que muitas vezes se afastam dos padrões decorativos marajoaras ou paracuri.

Figura 11 . A esquerda maquina de brunir e a direita Maquina de extrusão



Fonte: Imagem da autora, olaria família Santana, 2025.

203

Quando questionado sobre a possível descaracterização da produção artesanal devido ao uso de ferramentas modernas, o mestre Guilherme foi categórico em afirmar que não acredita que essas inovações comprometam a essência artesanal de suas peças. Segundo ele, a utilização dessas ferramentas não transforma o processo em uma produção industrial, que se caracteriza pela padronização e pela fabricação de peças idênticas em larga escala. "Mesmo com o uso dessas ferramentas, as peças ainda são produzidas uma a uma", explicou ele, destacando que cada item conserva sua singularidade e personalidade.

Guilherme argumenta que as ferramentas modernas, como a máquina de brunimento e a extrusora, são apenas um auxílio para melhorar a eficiência do trabalho, sem eliminar o toque humano que caracteriza o processo artesanal. Ele ressalta que a essência do trabalho manual reside na dedicação e no envolvimento do artesão em cada etapa do processo. Desde a modelagem inicial até os detalhes decorativos, cada peça reflete a habilidade, o cuidado e a criatividade do ceramista.

Além disso, o mestre observa que a introdução de tecnologias pode, na verdade, enriquecer a prática artesanal ao permitir maior experimentação e diversificação nas técnicas. A possibilidade de explorar novas formas, texturas e acabamentos, sem comprometer a originalidade das peças, demonstra como a tradição pode dialogar com a inovação. Esse equilíbrio entre o antigo e o novo reafirma a importância da identidade cultural no trabalho



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



artesanal, mesmo em um cenário onde ferramentas contemporâneas desempenham um papel crescente.

Portanto, longe de ameaçar a autenticidade da produção, essas ferramentas são vistas como aliados no processo criativo. Elas ajudam a preservar a sustentabilidade do ofício ao otimizar etapas específicas, ao mesmo tempo que respeitam a singularidade e a identidade cultural de cada peça. Assim, a prática artesanal da olaria da Família Santana exemplifica como tradição e modernidade podem coexistir de maneira harmoniosa, contribuindo para a perpetuação do ofício e para sua adaptação às demandas contemporâneas.

Técnicas e tecnologias

	Olaria do Espanhol	Olaria Doca Leite	Olaria Família Santana
Limpeza da Argila	Realizada em duas etapas: Inicial: maromba usada para remover raízes e impurezas. Final: limpeza manual na olaria, com arame para remover resíduos	Realizada em duas etapas: Inicial: maromba usada para remover raízes e impurezas. Final: limpeza manual na olaria, com arame para remover resíduos	Realizada em duas etapas: Inicial: maromba usada para remover raízes e impurezas. Final: limpeza manual na olaria, com arame para remover resíduos
Mistura da Argila	Não realizadas.	Não realizadas.	Não realizadas.
Técnicas de Modelagem	Torno Manual	Torno elétrico Moldes de gesso	Torno elétrico Moldes de gesso Extrusão Acordelado.
Métodos de Queima	Forno de chama ascendente	Forno de chama ascendente	Forno a lenha, tipo "garrafão" (800°C e 950°C.)
Tipos de Produto	Vasos (de pequenos a grandes) Filtro de água Painéis (que não vão ao forno) e pratos Objetos Religiosos de Matriz Africana (Alguidar, Pote-de-abo)	Réplicas arqueológicas Marajoaras, Tapajônicas e Maracá Pratos decorativos de Parede Centro de Mesa Imãs de Geladeira Luminárias	Pratos decorativos Conjuntos de louças (pratos, copos, xícaras, tigelas) Esculturas Filtros Réplicas Arqueológicas Maracá

A escolha das técnicas de modelagem na produção cerâmica é diretamente influenciada pelas propriedades da argila, como sua plasticidade e granulometria. A plasticidade refere-se à



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

capacidade do material de ser moldado sem rachar ou perder coesão, sendo essencial para técnicas que exigem maior manipulação, como o torno elétrico e o acordelado. Já a granulometria, ou o tamanho das partículas que compõem a argila, afeta a homogeneidade e a resistência da peça durante e após a modelagem. Argilas com partículas mais finas geralmente oferecem maior plasticidade, enquanto as mais grosseiras podem ser indicadas para peças de maior porte ou menor detalhamento.

Técnicas de Modelagem

1. Torno Elétrico

O torno elétrico, adaptado de modelos manuais antigos como o torno de chute, é amplamente utilizado para a produção de peças simétricas, como vasos e potes. Essa técnica permite maior controle durante o processo de modelagem, especialmente em argilas de alta plasticidade, que respondem bem ao movimento rotacional. O torno possibilita a produção de peças com acabamento refinado e dimensões controladas, sendo uma técnica eficiente para peças que exigem precisão e regularidade.

2. Baliza

A baliza é uma ferramenta auxiliar que serve para controlar o diâmetro das peças modeladas no torno. Sua utilização é fundamental para assegurar a padronização das dimensões, especialmente em peças que precisam ser combinadas ou encaixadas. Esse controle dimensional é essencial tanto para aspectos funcionais quanto estéticos.

3. Moldes de Gesso

Os moldes de gesso são empregados para conformar peças de formatos específicos ou repetitivos, como placas decorativas. Essa técnica é particularmente útil quando se trabalha com argilas de menor plasticidade, pois o gesso absorve parte da umidade do material, facilitando o processo de conformação e a retirada da peça do molde. É amplamente utilizada para itens de “produção em série”, garantindo uniformidade no design.

4. Extrusão

Na técnica de extrusão, blocos de argila são inseridos em uma máquina que exerce pressão, forçando o material a passar por um molde que define o formato desejado. É uma técnica eficiente para produzir peças alongadas ou tubulares, como ladrilhos ou elementos decorativos. A escolha da argila para a extrusão depende da sua

205





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

consistência, sendo necessário que ela tenha uma plasticidade equilibrada para resistir ao processo sem deformações.

5. Acordelado

O acordelado é uma técnica manual que consiste na construção da peça por meio de rolos de argila empilhados e alisados externamente para conformar o formato desejado. É uma técnica ancestral que permite a criação de peças de formatos orgânicos e únicos. A plasticidade da argila é crucial nesse método, pois o material precisa sustentar seu próprio peso enquanto os rolos são sobrepostos e ajustados. Além disso, a granulometria fina contribui para uma maior adesão entre os rolos, reduzindo o risco de rachaduras durante a secagem.

Considerações Finais

A documentação sistemática e interpretativa das práticas cerâmicas, embora essencial, apresenta desafios significativos para consolidar os objetivos da Lei nº 9.705. Apesar de seu potencial para fornecer subsídios acadêmicos, culturais e educacionais, a efetivação de projetos de preservação e pesquisa depende de um compromisso institucional consistente, frequentemente limitado pela falta de recursos e pela ausência de políticas públicas voltadas à valorização cultural. Embora a lei reconheça a cerâmica de Icoaraci como um bem imaterial protegido, o risco de que esse reconhecimento se restrinja ao plano simbólico permanece, especialmente diante de um cenário marcado por desigualdades socioeconômicas e pressões mercadológicas que impactam diretamente os artesãos locais. Ainda assim, iniciativas como a cartografia cultural das práticas cerâmicas têm o potencial de fomentar o turismo cultural e impulsionar o desenvolvimento regional, desde que conduzidas de maneira participativa, respeitando e valorizando as especificidades culturais e as vozes dos próprios artesãos.

No entanto, há o perigo de que esse processo de valorização cultural seja apropriado por interesses externos, transformando a cerâmica em um produto mercadológico desvinculado de suas raízes identitárias e ancestrais. Nesse contexto, o mapeamento e a documentação da cerâmica de Icoaraci, embora promissores, não garantem por si só a perenidade ou a ressignificação desse patrimônio no imaginário coletivo de Belém. É necessário questionar se tais iniciativas estão realmente promovendo o fortalecimento das comunidades locais ou se, ao contrário, estão reproduzindo as mesmas dinâmicas de exclusão que historicamente marginalizaram saberes e práticas não alinhadas às lógicas hegemônicas.

Por fim, o estudo pretende reforçar a conexão entre o patrimônio cultural e o território, enfatizando a cerâmica de Icoaraci como um símbolo de resistência cultural diante das

206



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

mudanças impostas por processos coloniais e desenvolvimentistas. Ao documentar de forma sistemática as práticas e os saberes cerâmicos, busca-se garantir não apenas a salvaguarda desse bem imaterial, mas também sua relevância contínua na construção da identidade amazônica. A cerâmica, nesse contexto, é apresentada não apenas como herança cultural, mas como um elemento dinâmico e estratégico para o desenvolvimento regional, cujo reconhecimento e proteção demandam políticas públicas efetivas e sustentáveis.

A produção cerâmica artesanal se distingue da industrial por valorizar o tempo, o cuidado e a relação sensorial com o barro, priorizando a qualidade e a singularidade de cada peça. Enquanto a indústria busca eficiência e produção em larga escala, muitas vezes sacrificando a integridade do material, o artesanato preserva saberes ancestrais e uma filosofia que respeita o ritmo natural do processo.

Na cerâmica urbana, técnicas, desenhos e materiais carregam a identidade cultural das comunidades, funcionando como símbolos de resistência cultural e preservação da memória coletiva frente às transformações da modernidade e da globalização. A cerâmica transcende sua função utilitária, tornando-se patrimônio cultural e agente ativo na construção e manutenção de sentidos culturais. Assim, a cerâmica artesanal reafirma sua relevância não só econômica, mas sobretudo cultural, como elo entre passado e presente, capaz de dialogar com o mundo contemporâneo sem perder sua essência.

207

Referências

ALMEIDA, A. W. B. (2004). Manifestações culturais e a luta pela preservação ambiental na Amazônia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(55), 5-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TX5L7dN7qF6jCXs76DmdjFy/>

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1990.

COSTA, D. M.; VIANA, S. Materializando a história: o passado humano através da cultura material. *Revista Mosaico - Revista de História*, Goiânia, Brasil, v. 12, p. 3–13, 2019. DOI: 10.18224/mos.v12i0.7316. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7316>.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DIAS, Mario Benjamin. Industrialização e a produção do espaço urbano em Icoaraci - Belém/PA. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001632545>

Dias, Mario Benjamin. Urbanização e ambiente urbano no distrito administrativo de Icoaraci, Belém-PA. Diss. Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em : https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-03122007-114244/publico/TESE_MARIO_BENJAMIN_DIAS.pdf

FONSECA, Renata Maria. Território e economia na Amazônia colonial: as fazendas carmelitas e suas dinâmicas produtivas. Manaus: Valer, 2015. Disponível em : https://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/documentos/2022_Organiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20livro_01_Estudos%20Amaz%C3%B4nicos%20em%20Revista_Vol%201.pdf

HISTÓRIA E CULTURA DO PARÁ. Secretaria de Cultura do Estado do Pará, 2000.

208

IBGE. Censo: veja mapa com a distribuição de habitantes no Pará. Metrôpoles, 21 de março de 2024. Disponível em: <https://www.metrolopes.com>. Acesso em: 06 out. 2024.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). (2010). Censo Demográfico 2010: Características gerais da população. Disponível em: www.ibge.gov.br.

LIMA, J. P. Missões religiosas e desenvolvimento econômico na Amazônia colonial. Belém: Editora Universitária, 2009.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana. Uma nova política para um antigo acervo: a redescoberta das coleções arqueológicas do Museu Goeldi. Revista de Arqueologia, v. 33, n. 3, p. 43-62, 2020. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/824/6>

NASCIMENTO, M. P., & Almeida, A. W. B. (2020). Resistência negra na Amazônia: Saberes e práticas tradicionais na cerâmica de Icoaraci. Revista Brasileira de Estudos Culturais, 6(1), 45-67. Disponível em: https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Dossie_Ra%C3%A7a_e_Amazonidades.pdf



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OLIVEIRA, F. S., & Santos, R. L. (2018). Afro-amazonidade e identidade cultural: A presença negra no distrito de Icoaraci. *Revista de Ciências Sociais da Amazônia*, 4(3), 32-50.
OLIVEIRA, M. A.; SANTOS, R. F. *Afrodescendentes na Amazônia: cultura e resistência*. Belém: Editora Cultura Viva, 2018.

PERES DA SILVA, Marcelle. Desenvolvimento, desigualdades socioespaciais e violência urbana: um olhar para o distrito de Icoaraci em Belém, pa. *Revista desenvolvimento social*, [s. L.], v. 17, n. 1, p. 49–60, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/2162/2236>

RIBEIRO, Berta G. Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. In: *Revista do Museu Paulista*. Nova série, Vol. XXX, n 30, p. 13-41.1985

RIBEIRO, B. G. *A cerâmica urbana e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

SANTOS, M. A. C., & Pereira, E. S. (2017). Impactos ambientais e culturais da cerâmica em comunidades amazônicas. *Revista do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, 12(2), 381-399. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br:8080/bitstream/mgoeldi/717/1/B%20MPEG%20Ant%204%281%291988%20OLIVEIRA.pdf>

SOUZA, Doracy Moraes de. O trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci, Belém/PA: contribuições aos estudos sobre a dinâmica da Amazônia brasileira. 2010. 121 f. Dissertação (mestrado) - universidade federal do Pará, instituto de ciências sociais aplicadas, Belém, 2010. Programa de pós-graduação em serviço social. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4355/1/Dissertacao_TrabalhoArtesaosCeramistas.pdf

TAVARES, Auda Edileusa Piani; Figueiredo, Silvio Lima. Saberes tradicionais e interculturalidade: o fazer cerâmica em Icoaraci, Pará. *Desenvolvimento & sustentabilidade*. Belém: naea, p. 102-115, 2012. Disponível em: https://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/10974/1/Dissertacao_SaberesTradicionaisPatrimonio.pdf



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OS SANTOS TAMBÉM SÃO DAQUI: FESTAS, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA BAIXADA FLUMINENSE

Andressa Monteiro de Carvalho¹

Renata de Almeida Oliveira²

Introdução

A Baixada Fluminense carrega uma história marcada por contrastes: de um lado, um território rico em manifestações culturais, de outro uma região que, ao longo do tempo, foi alvo de estigmas e narrativas reducionistas. Entre as expressões mais vivas de sua cultura, destacam-se as festas juninas dedicadas aos santos padroeiros, que articulam memória, fé e sociabilidade, ocupando praças e ruas e criando espaços de encontro e reafirmação identitária. Jô Gondar (2005) define a memória como “viva, pulsante e em constante mudança”, ressaltando seu caráter dinâmico e plural. Nessa perspectiva, compreende-se que que esses festejos não apenas celebram santos populares, mas também recontam, a cada ano, histórias que desafiam o apagamento cultural e ressignificam o pertencimento territorial. Diante desse cenário o objetivo deste artigo é investigar como as festas juninas, especialmente as dedicadas a Santo Antônio e São João, acabam se construindo como prática cultural de resistência e pertencimento na Baixada Fluminense, contribuindo para a construção de uma memória coletiva e para a afirmação da identidade territorial em Duque de Caxias e São João de Meriti. Como observa Michelle Pereira (2021, p. 298), artista e moradora da Baixada, existe um discurso estigmatizante da região que, muitas vezes, é reproduzido pelos próprios moradores. Em seu relato, ela afirma: “Passei a lidar com a região de forma distanciada, reproduzindo afirmações como: ‘Esse povo não tem jeito!’; ‘São João não vai para frente’; ‘Esse povo é sem educação’. Sem me ver como parte desta população.” Completando seu depoimento dizendo que apenas na fase adulta, por meio de sua

210

¹ Doutoranda em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA/UNIGRANRIO) Professora de Informática Educativa da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. E-mail: profandressamonteiro@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA/UNIGRANRIO). Doutora e Mestre em Memória Social, Mestre em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas. Historiadora, Pedagoga e Produtora Cultural. E-mail: renataa.oliveira@unigranrio.edu.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

aproximação com a arte, passou a desenvolver uma consciência crítica sobre o seu próprio território.

Além disso, é importante considerar como o território da Baixada Fluminense é carregado por discursos que desqualifica e reduz o papel das cidades pertencentes a esse grupo. Com frequência, municípios como Duque de Caxias e São João de Meriti são classificadas como “cidades-dormitório”, termo que, Michele Pereira destaca (2021, p. 308) “As cidades da região da Baixada Fluminense, são consideradas cidades-dormitório”. Problematisando o conceito, ao refletir que, no Brasil, ele é geralmente “utilizado com uma carga pejorativa, referindo-se a lugares com precárias condições no nível econômico e social e com clara dependência econômica a um pólo regional”

Pensando nessas histórias estereotipadas que criam padrões excludentes e desumanizantes, nesses territórios periféricos, torna-se pertinente lembrar do relato da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, 32), que, ao chegar para estudar nos Estados Unidos, foi surpreendida pela forma como sua colega de quarto a imaginava. Para a colega, Chimamanda representava apenas a imagem estereotipada da África: “minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais”. A Baixada Fluminense também sofre com o peso das narrativas únicas, histórias que a reduzem à violência, à carência e ao abandono.

No entanto, como Chimamanda Adichie (2019, p. 32) afirma: “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” Dessa maneira, o artigo propõe lançar um olhar cuidadoso de observação às festas juninas como expressões vivas de memória, fé e cultura popular, que resistem ao apagamento e ao estigma e fazem surgir nos moradores dessas regiões periféricas um sentimento de empoderamento e pertencimento, uma vez que estimulam a identificação deles com o lugar em que estão inseridos e lutam contra à tentativa de apagamento da cultura presente nessas localidades.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, adotou como principais instrumentos metodológicos a observação participante dos eventos e dos sujeitos envolvidos nas festas juninas das cidades de Duque de Caxias e São João de Meriti. Observando diretamente suas práticas, interações e comportamentos. A investigação buscou compreender, a partir de narrativas e vivências locais, os sentidos atribuídos às celebrações juninas como formas de resistência cultural. Foram considerados depoimentos e narrativas de devotos, moradores, trabalhadores e

211



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

organizadores dos festejos, bem como analisados diversos elementos simbólicos presentes nas festas, como imagens, decorações, músicas, cartazes e outros artefatos estéticos. A interpretação dos dados dialoga com os conceitos de memória social (Gondar, 2005) e com a crítica à construção de narrativas únicas e silenciadoras (Adichie, 2019), evidenciando a pluralidade de sentidos que emergem dessas manifestações culturais.

Contexto histórico: as origens das festas juninas: da antiguidade à catequese no Brasil

“Cocada, cuscuz, pé de moleque! Forró e muita fé! Orações em uma cidade a comemorar e a festejar seu Santo Padroeiro, um dos mais importantes eventos do calendário de comemorações local.” Oliveira (2017, p.132)

Historicamente, as festas juninas têm suas origens na Antiguidade, havendo registros de que essas celebrações estavam presentes em antigos rituais ligados aos ciclos agrícolas e à fertilidade da terra. Inicialmente de natureza pagã, acendia-se a fogueira como forma de pedido ou agradecimento por boas colheitas, festejava-se o solstício de verão no hemisfério norte, a mudança de estação da primavera para o verão, que ocorre por volta do mês de junho. Na Roma Antiga, o mês de junho, *Iuno*, em latim, era dedicado ao culto da deusa Juno, divindade protetora do matrimônio, da fecundidade e das mulheres. O próprio nome do mês, “junius”, deriva dessa deusa, evidenciando a ligação entre o calendário solar e as práticas culturais e religiosas da época.

Em concordância com essa perspectiva, Elis Regina Barbosa Angelo, professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, reflete que esses festejos, incluíam oferendas à deusa romana Juno que deu a origem etimológica do termo “junino” e representavam os ciclos solares de verão e inverno. No entanto, como ocorreu com outras festividades de caráter popular, na Idade Média, essas celebrações passaram por um processo de reestruturação promovido pelo cristianismo, que incorporou seus símbolos e acabou conferindo novo sentido religioso e social a elas. De acordo com Elis Angelo (p.172, 2022)

Marcada pela diversidade dos simbolismos da tradição popular, a idéia se concretiza por meio das oferendas à deusa Juno, de onde advém o termo “junino” e a própria concepção de continuidade tradicional. Enquanto pagãs essas celebrações juninas representavam os solstícios tanto de inverno quanto verão. Como muitas outras festividades populares têm na Idade Média, uma redefinição adequada pela religião cristã, e, a partir daí seus símbolos e a própria logística e reinvenções.(Angelo, 2022, p.172)

212



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Assim, com a consolidação e o avanço do Cristianismo na Europa, esses festejos foram cristianizados pela Igreja, incorporados ao calendário litúrgico católico e passaram a serem dedicados em homenagem a santos comemorados em junho. São eles: São João Batista, Santo Antônio e São Pedro, que se tornaram os protagonistas desses festejos. Pois suas datas comemorativas respectivamente 24, 13 e 29 de junho coincidiram com o período tradicional das festas, o que contribuiu para a consolidação do caráter religioso.

Em contexto brasileiro, quando os colonizadores portugueses invadiram o território do Brasil, os padres jesuítas passaram a utilizar a festa como uma estratégia de catequização dos povos originários. Incorporaram aos festejos elementos da cultura local, como comidas, danças, e muitas outras manifestações culturais presentes. Pode-se afirmar assim que o formato do catolicismo implantado no Brasil pelos jesuítas foi determinante para a conformação das festas juninas como as conhecemos. Conforme Angelo (p.176, 2022):

Dos aspectos de criação das festas difundidas, pode-se dizer que o próprio formato do catolicismo no Brasil com os jesuítas, inspirou por meio de celebrações de caráter catequizador dos padres as nossas festas juninas. A partir das festas joaninas, que eram comemoradas ascendendo fogueiras, rezas e danças acabaram coincidindo com rituais indígenas de fertilidade. Isso acabou acabaram sendo palco e cenário por conta da própria estrutura do país, seja geográfica, climática e de culturas alimentícias, ou seja, plantios, colheita e mesmo os sabores são atrelados ao que aqui se prosperou na celebração. (Angelo, 2022, p.176)

213

Dessa forma, com o passar do tempo, as festas juninas no Brasil foram sendo atravessadas por outras tradições que também habitam este território. Misturaram-se às práticas indígenas e afro-brasileiras, adicionando a essa cultura elementos locais que enriqueceram os festejos. Conforme Simas (2022, p.151-152)

As festas católicas normalmente transitam em torno dos eventos da paixão e da ressurreição de Jesus Cristo; do culto aos santos e beatos e da adoração a Maria. Já os fundamentos das celebrações indígenas e africanas celebram a força da ancestralidade e a divinização da natureza. Do cruzo entre esses fundamentos surgiram os nossos modos de celebrar o mistério. (Simas, 2022, p.151-152)

A cultura indígena trouxe consigo o uso ritual da fogueira e práticas ligadas à agricultura e à fertilidade da terra. Já a influência africana se fez presente por meio das danças, dos ritmos e dos instrumentos musicais, que hoje marcam de forma vibrante as festas juninas brasileiras.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Os santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro

Com o intuito de elaborar e preservar a memória dos santos, a Igreja Católica desenvolveu a chamada hagiografia³, um memorial oficial das vidas e feitos desses santos, que reúne os registros dos acontecimentos atribuídos a esses personagens sagrados. Mesmo assim, para além desses registros as narrativas dos santos populares perpetuaram-se de geração em geração, contadas nas famílias, celebradas nas festas, criando uma memória viva sobre suas vidas, milagres e simbolismos. São memórias que não pertencem apenas aos livros, mas às práticas cotidianas de um povo que celebra seus santos como amigos próximos e intercessores de suas causas.

Dentro da cultura das festas juninas entre os homenageados está Santo Antônio, cuja hagiografia registra seu nascimento em 13 de junho, em Lisboa, Portugal, no ano de 1195. Era o filho mais velho de uma família abastada e tinha por nome de batismo, Fernando. Segundo Renata Almeida de Oliveira (2017, p.95) pesquisadora reconhecida em Duque de Caxias: “Era o primogênito de uma família burguesa, o pai, Martinho de Bulhões era cavaleiro e a mãe, Maria Teresa Taveira (KRUS; CALDEIRA, 1994), descendia igualmente de uma família importante (GAMBOSO, 1996).”

No Brasil, Santo Antônio tornou-se conhecido popularmente como o “santo casamenteiro”. Contudo, é importante problematizar essa imagem, uma vez que acabou se encaixando com muita facilidade na engrenagem do patriarcado, em que a trajetória socialmente esperada para a mulher se limita à trajetória de filha, esposa e mãe. Mulheres que mudavam esse destino, frequentemente, eram alvo de estigmas e marginalização, revelando um padrão social que restringe e condiciona a vida feminina. Como bem aponta Oliveira (p. 91-92, 2017),

O casamento consistia numa obrigação para as moças que deviam se enquadrar no padrão socialmente estabelecido para as mulheres: filha, esposa, mãe, sucessivamente. Romper essa norma social significava, para essas mulheres, ser relegada à condição de “tia solteirona”, o que implicava em segregação e marginalização no grupo. Ora, tal imagem de “solteirice” era abominada pelas moças e, no intuito de fugir dela, o culto a Santo Antônio tornou-se um dos mais interessantes a ser problematizado, pois referendava não a lembrança da vida do santo, seus milagres e méritos, mas antes, ações e ritos com a sua estátua, muitas vezes, cômicas, que visavam obrigá-lo a atender ao desejo da devota, ou seja, providenciar-lhe um noivo. (Oliveira, 2017, p.91-92,)

³ Conforme o *Dicionário Aurélio*, **Hagiografia**: substantivo feminino 1-Narrativa ou biografia que relata a vida, feitos e milagres dos santos, com tom laudatório e reverente. 2- Estudo ou conjunto de escritos sobre a vida dos santos.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Embora não hajam registros oficiais de milagres diretamente ligados ao matrimônio, é bastante comum, sobretudo, nas festas juninas mais tradicionais, que se façam promessas a Santo Antônio em troca de um casamento feliz.

Essa crença popular tem raízes em uma narrativa hagiográfica que se perpetuou ao longo dos séculos. Conta-se que, em Nápoles, na Itália, vivia uma jovem devota cuja família não possuía recursos para oferecer um dote ou preparar um enxoval, requisitos para o casamento segundo os costumes da época. Desesperada, ela recorreu a Santo Antônio, rogando com por auxílio. Pouco tempo depois, conta a lenda, a jovem conseguiu uma bolsa com moedas de prata, o suficiente para garantir seu dote. E assim, o povo atribuiu o feito à intercessão do santo. Segundo Luiz Antonio Simas (p.143, 2022), em seu livro, *“Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia”*:

Um dos procedimentos mais peculiares do cristianismo popular brasileiro, marcado por intimidades surpreendentes entre o devoto e a santidade, eram as inusitadas ‘negociações com o santo’, geralmente realizadas durante a trezena de Santo Antônio, preservada nos primeiros treze dias de junho. Enquanto a vida sentimental não era resolvida, a imagem de Santo Antônio sofria como criança levada que toma castigo dos pais: era colocada atrás da porta, molhada de cabeça para baixo em um poço, colocada junto ao fogo, ou tinha o Menino Jesus roubado de seus braços. (Simas, 2022 p.143)

215

Além de Santo Antônio, os festejos juninos reverenciam São João Batista, celebrado no dia 24 de junho, data em que se festeja sua natividade, o nascimento, o que é raro entre os santos católicos. Tradicionalmente, ele é representado pela a figura de um menino com cabelos de anjinho, carregando um carneiro nos braços. Essa iconografia remete à sua missão profética: anunciar a vinda do “Cordeiro de Deus”⁴. Além disso, São João Batista recebe esse nome, por ter sido, em relatos bíblicos, aquele que batizou Jesus nas águas do rio Jordão. Nas festas juninas, ele não é lembrado apenas pela devoção religiosa, mas também por meio de símbolos populares, como por exemplo, pela presença das fogueiras um elemento central nos festejos. Para tanto, a tradição popular do cristianismo remete ao nascimento do santo, pois conta-se que Isabel, mãe de João Batista, e Maria, mãe de Jesus, teriam engravidado em tempos próximos. Com dificuldades de locomoção, combinaram que aquela que tivesse o filho primeiro mandaria acender uma fogueira para anunciar a boa nova. Assim, no dia 24 de junho, ao nascer João, Isabel ordenou que se acendesse uma grande fogueira. Narrativa que é resgatada pelo teórico Luiz Antonio Simas (2022, p. 152), ao afirmar que:

⁴ Conforme registrado no Evangelho de João: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (JOÃO, 1:29,2002)





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Certa tradição do cristianismo popular conta que Isabel, mãe de João Batista, e Maria, mãe de Jesus, estavam grávidas na mesma época. Com dificuldades de locomoção, combinaram que aquela que tivesse o filho primeiro mandaria acender uma fogueira para avisar da boa nova. Isabel mandou, então, que se acendesse uma grande fogueira no dia 24 de junho, quando nasceu João. (Simas, 2022, p.152,)

A história do santo relata que Isabel, sua mãe, era considerada estéril e que os seus pais já estavam idade avançada, mesmo assim, o Arcanjo Gabriel, apareceu para Zacarias, seu pai, para anunciar o nascimento do menino, que se deveria se chamar João. Zacarias, incrédulo diante da notícia, perdeu temporariamente a voz, conforme a narrativa, até que o nascimento de João se cumprisse. Conforme Simas (2022, p.149) destacou, “Segundo a tradição, assentada sobretudo no Evangelho de Lucas, João foi o filho de Zacarias e Isabel — prima de Maria, mãe de Jesus —, e teve seu nascimento anunciado pelo anjo Gabriel.”

João Batista era conhecido como um pregador incorruptível, denunciando com coragem as injustiças do poder. Não hesitou em condenar publicamente a união incestuosa entre Herodes Antipas, tetrarca da Galileia, e Herodíade, esposa do irmão dele, Herodes Felipe, sendo preso por isso. Mesmo na prisão, João continuou a denunciar os erros dos poderosos. Sua determinação, porém, lhe custou a vida. Durante uma festa na corte de Herodes, a jovem Salomé, filha de Herodíade, realizou uma dança que encantou o tetrarca. Como recompensa, ele prometeu conceder-lhe qualquer pedido. Instigada pela mãe, Salomé exigiu a cabeça de João Batista, entregue numa bandeja de prata. Assim, João foi decapitado. Conforme nos relata Antonio Simas (2022, p.150):

Pregador veemente, moralista e incorruptível, João Batista não deu trégua ao trio Antipas, Herodíade e Salomé. Clamava aos ventos contra a união incestuosa, que desmoralizava a lei de Moisés e envergonhava a Galileia, além de conclamar o povo de Jerusalém a se voltar contra o casal que aviltava as escrituras. Em virtude disso, Herodes Antipas encarcerou João Batista na fortaleza de Maquerunte, às margens do mar Morto. Mesmo no cárcere, solitário, diz a tradição que o pregador continuou gritando impropérios contra a união entre o tio e a sobrinha. Em certa ocasião, durante a festa de aniversário do padrasto, Salomé protagonizou um espetáculo de dança em que seduziu os convidados. Ao fim do bailado, Antipas disse que ela poderia fazer qualquer exigência, que prontamente seria atendida. Salomé virou-se para Herodíade e perguntou sobre o que a mãe queria que ela exigisse. Herodíade não perdeu tempo: — A cabeça de João Batista numa bandeja de prata, com alfinetes cravados na língua! (Simas, 2022 p.150)

216





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Por fim, dentro da tríade dos santos juninos, celebra-se também São Pedro, no dia 29 de junho, marcando o encerramento do ciclo dos festejos. Um dos santos mais queridos da cristandade, São Pedro é reverenciado como padroeiro dos pescadores e dos porteiros, pois, segundo a tradição popular, é ele quem guarda as chaves que abrem as portas do céu. Seu nome de batismo era Simão, mas um aspecto relevante a ser destacado de sua história é que ao ser apresentado a Jesus por seu irmão André, foi chamado de Petros, que significa “pedra” em grego. Como destaca Simas (p.159, 2022):

Levado pelo irmão para conhecer Jesus Cristo, que imediatamente passou a chamá-lo de Petros (pedra, em grego), tornou-se o discípulo mais próximo do Messias. Essa posição de proximidade foi afirmada pelo próprio Cristo, que teria dito a ele (conforme o Evangelho de Mateus: “Tu és Pedro, e sobre essa pedra construirei a minha Igreja” (Simas, 2022 p.159,)

Além disso, no imaginário popular, há uma crença que resiste ao tempo, por possuir a chave do Reino dos Céus, São Pedro é visto na cultura popular como aquele que tem o controle do tempo. Quando chove, é porque São Pedro está lavando o céu. É muito comum ouvir que se fará uma reza para que São Pedro “feche as torneiras nos céus”.

Dizem, ainda, que, como bom porteiro do paraíso, o santo precisa manter os céus limpos e preparados para acolher as preces. Simas(2022, p.161) ainda ressalta que: “Há ainda a lenda, muito difundida para entreter as crianças, de que quando chove muito é porque São Pedro está lavando o céu para arrumá-lo. Os trovões acontecem porque, durante a arrumação, o santo arrasta os móveis do paraíso.”

Esse imaginário também se conecta aos ciclos agrícolas que marcam a vida rural e as festas juninas. A chuva, um símbolo para a fertilidade da terra e a renovação das plantações, acaba ganhando uma narrativa que mistura fé e natureza. Assim, a ação de São Pedro lavando o céu pode ser entendida como uma metáfora para a preparação do solo e a benção sobre os campos, elementos que gerariam uma colheita. Para Simas (p. 161, 2022)

No Brasil, especialmente no agreste e no sertão nordestino, que os camponeses peçam a São Pedro a chuva que garanta a boa safra durante o período do cultivo. Na época da colheita, a rogação é inversa: pede-se que São Pedro cerre as portas do céu para evitar as chuvas constantes. (...) Além de ser pescador, chaveiro, primeiro papa e dono das fogueiras triangulares das noites frias de junho, Simão Pedro é o faxineiro do céu! (Simas, 2022, p. 161)

São Pedro era um simples pescador do mar da Galileia, mesmo lugar em que trabalhavam seu pai, Jonas, e seu irmão, André. Após a morte de Jesus, os registros históricos indicam



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

que ele tornou-se o líder dos apóstolos, sendo amplamente reconhecido como o primeiro Papa e figura central na fundação da Igreja. Os principais relatos contam que os apóstolos Pedro e Paulo viajaram inicialmente para Antioquia e, posteriormente, para Roma, com o propósito de pregar a Palavra de Deus. Durante o reinado do imperador Nero, um grande incêndio devastou a cidade de Roma, evento pelo qual Nero responsabilizou os cristãos, desencadeando uma intensa perseguição.

Nesse contexto, São Pedro foi condenado à crucificação no local que viria a ser conhecido como Circo de Nero. No entanto o santo pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, pois não se considerava digno de morrer da mesma forma que Jesus Cristo. Para finalizar, conforme explica Antonio Simas (p.160, 2022): “Por ter sua festa realizada no fim do mês de junho, completa um ciclo que inclui também os festejos de Santo Antônio e São João, São Pedro é celebrado com rituais típicos das festas juninas, que têm como referência a fogueira.”

As festas na Baixada Fluminense: Santos, Cidades e devoção

No contexto brasileiro, o nome “festas juninas” está relacionado ao mês de junho, período em que essas celebrações são tradicionalmente realizadas em todo o país. No entanto, é importante lembrar que essas festas, em sua origem, eram conhecidas como *Festas Joaninas*, em clara homenagem a São João Batista, mas com o passar do tempo ela foi se incorporando as manifestações culturais brasileiras e passou a ser representada pelo 6º mês do ano, junho que transformou-se em junina, como nas tradições ancestrais.

Com o decorrer da história do Brasil, os santos juninos não apenas chegaram à Baixada Fluminense, como também se tornaram padroeiros de suas cidades: Santo Antônio, em Duque de Caxias e Nova Iguaçu; São João Batista, em São João de Meriti. Locais em que se fazem festas em homenagem aos Santos, mas é possível afirmar que, de certa forma, as próprias cidades também são celebradas.

As festas dedicadas aos santos extrapolam o campo do sagrado e da devoção individual: são celebrações que também reverenciam a própria identidade urbana e comunitária da cidade, com suas ruas adornadas, as pessoas reunidas e sua história revivida. Os festejos são muito marcados pela devoção, pelo encontro da comunidade e pelo giro econômico local, eles atravessam os tempos e são uma tradição, com missas, procissões, apresentações culturais, quadrilhas, decorações e barraquinhas com comidas típicas.

Costumam durar cerca de uma semana, sendo intensamente celebrados na Baixada Fluminense, rememorando e produzindo uma memória social compartilhada. Como afirma Jô Gondar (2016, p. 20), o conceito de memória social “é, além de polissêmico, transversal

218



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ou transdisciplinar”, sendo atravessado por diferentes campos do saber, ela ainda destaca (2016, p.23): “no campo da memória social o conceito está sempre por ser criado: é um conceito em movimento.”

Nas festas juninas, essa memória ganha cheiro, forma, sabor. Está presente na barraquinha da cocada, sempre no mesmo lugar, onde se volta ano após ano para comprar e comer, nas histórias vividas e revividas, nos reencontros, nas missas e homilias ministradas pelos freis, nas promessas feitas pelos fiéis, entre outras coisas. E, é no movimento do festejo que a Baixada ganha voz, tem sua cultura respeitada, seu espaço conquistado. Nesse contexto, refletir sobre *quem pode falar*, como propõe Grada Kilomba (2021) em diálogo com a indiana Gayatri Spivak (1995), que traz o questionamento: Pode o subalterno falar? É importante. O ato de falar, segundo Kilomba (2021, p.51), é sempre uma negociação entre quem fala e quem escuta, pois ouvir é também autorizar. Falar, portanto, não é apenas dizer algumas palavras, mas reconfigurar relações de poder. “Não é que não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura, e mesmo em nós. (Kilomba, 2021, p.51)

Assim, ao celebrar seus santos padroeiros, as comunidades da Baixada estão se celebrando, reapropriando sua voz e sua história, insurgindo contra os silenciamentos que por tanto tempo tentaram relegá-las à condição de margem. Torna-se pertinente lembrar o relato da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, 32), que, ao chegar para estudar nos Estados Unidos, foi surpreendida pela forma como sua colega de quarto a imaginava. Para a colega, Chimamanda representava apenas a imagem estereotipada da África: “minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais”. A Baixada Fluminense também sofre com o peso das narrativas únicas, histórias que a reduzem à violência, à carência e ao abandono.

No entanto, como Chimamanda Adichie (2019, p. 32) afirma: “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” Dessa maneira, propõe-se lançar um olhar cuidadoso de observação às festas juninas como expressões vivas de memória, fé e cultura popular, que resistem ao apagamento e ao estigma e fazem surgir nos

219



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

moradores dessas regiões periféricas um sentimento de empoderamento e pertencimento, uma vez que estimulam a identificação deles com o lugar em que estão inseridos e lutam contra à tentativa de apagamento da cultura presente nessas localidades.

Considerações finais

Conclui-se que as festas juninas, especialmente as dedicadas a Santo Antônio e São João, são práticas culturais importantes para a afirmação do pertencimento e da identidade na Baixada Fluminense. Esses festejos articulam religiosidade, tradição e inovação, promovendo a sociabilidade e o encontro entre gerações, e fortalecendo a memória coletiva. Ao incorporarem elementos locais e expressarem a cultura popular, os festejos resistem ao apagamento histórico e social da região, transformando as cidades em territórios de protagonismo cultural. As manifestações festivas reapropriam a voz das comunidades, lutando contra os estigmas e silenciamentos que as marginalizam. Celebrar os santos juninos é, portanto, celebrar a própria comunidade, suas histórias, afetos e modos de vida. Reconhecer que “os santos também são daqui” é afirmar que a Baixada Fluminense é lugar de cultura viva, memória em movimento e dignidade histórica. Assim, essas festas surgem como um símbolo potente que renovam o vínculo entre território, identidade e resistência cultural.

220

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANGELO, E. B. As festas juninas no Rio de Janeiro: entre o fazer e o manter nas relações sociais. Cadernos CERU, Série 2, Vol. 33, n. 1, jun. 2022, p. 171-191.

GONDAR, Jô.: Cinco Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEL, Vera. O que é memória social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar? In: _____ Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cogobó, 2019, p.47-70.



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OLIVEIRA, Renata de Almeida. *Memórias da devoção: estudo de caso sobre a festa de Santo Antônio nas cidades de Duque de Caxias - RJ e Lisboa, Portugal*. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PEREIRA, Michelle Lima. Estética da resistência: as narrativas e processo criativos dos artistas da cidade de São João de Meriti - Baixada Fluminense. In: Revista Desvio, Edição Especial - PLURIS. Rio de Janeiro, ano 6, n.º 1, 2021. Disponível em:
<https://revistadesvio.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2024/09/EDI%C3%87%C3%83O%20ESPECIAL%20PLURIS.pdf>

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. *Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história*. Publishing Solutions, 2008.

SIMAS, Luiz Antonio. *Santos de casa: fé, crenças e festas do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

ZOULAY, Ariella. A condição Humana: uma ontologia política até Exercer Direitos In ZOULAY, Ariella. *História Potencial*, 2024. p.55-89.

221



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ESPECTROS NO ESPELHO: REFLEXOS DOS ANOS DE CHUMBO NO ROMANCE "OS SINOS DA AGONIA"

Ingrid Morganna de Menezes Oliveira¹

Introdução

Todo o debate sobre a cultura latino-americana que não inclua a importância do Barroco é incompleto, pois é ele essa encruzilhada estética e cultural que originou o moderno (CHIAMPI, 2010); que se desdobra no tempo em manifestações literárias, artísticas e sociais como um todo. Este universo mental no qual estamos imersos é muito pouco estudado. O Barroco foi uma cultura, uma mentalidade, uma maneira de ver o mundo que marcou um estilo de época cheio de turbulências, crises e mudanças sociais, o que proporcionou a intensa tensão e passionalidade do estilo.

Emergindo da esfera marginal e excluída a qual foi relegado, esse movimento, uma vez mediterrâneo, ibérico, colonial e, atualmente americano, ao ser reapropriado na modernidade alcança não somente a sua legibilidade estética como também a sua legitimação histórica. "Encruzilhada de signos e temporalidades", o Barroco fundamenta a sua razão estética no duplo sentido propiciado pelo luto/melancolia e o luxo/prazer, regressando nos dias atuais anunciando a crise/fim da modernidade concomitante ao desvelamento da condição de um continente que não conseguiu incorporar o projeto do Movimento Iluminista (CHIAMPI, 1998).

Com isso, o neobarroco emerge partindo da percepção de, no século XX, urgir confrontar a configuração cultural concebida no período colonial. Autran se encaixa na terceira inserção desse movimento, caracterizado pela experimentação e recreação com as formas barrocas, conjugando-as com a atribuição de um conteúdo americano.

Buscando analisar o que definiria Minas Gerais no passado e nos dias atuais, o pesquisador Jonatas Guimarães referencia Autran Dourado como o autor mais dedicado a pensar o Estado de maneira mais sistemática no século XX, uma vez que, desde a sua estreia na literatura brasileira em 1947 até a sua última publicação, o autor se dedicou com afincos a

222

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas. Email para contato: ingrid.oliveira@ichca.ufal.br. Membro do grupo História Social do crime, CNPq.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

análise de Minas, lugar que, para ele, apesar de conservar os estigmas do passado em contraste com as mudanças evidentes em sua superfície, não pode ser visto de maneira singular.

Por debaixo, a problemática continua a mesma. A mesma Minas contraditória. Minas subversiva. Minas conservadora. (...) Essa idéia estereotipada de uma só Minas conservadora não prevalece – há várias Minas. Se assim não fosse, nosso Estado não estaria no plural – Minas Gerais. (Senra, 1983, p.8).

Se por sua vez, suas obras são marcadas pela originalidade da sua incansável análise sobre Minas Gerais “em um amplo espectro histórico, geográfico, social, político e existencial(...)”(GUIMARÃES, 2021, p.85), o autor também se destaca pelo diálogo que mantém com o panorama literário da segunda metade do século XX, sendo um dos escritores integrantes do que se denomina *Geração Edifício* - revista que se consolidou como um espaço de encontro para o debate de concepções de literatura, além do lugar que esta ocuparia no momento histórico e na sociedade a qual esses escritores integravam (GUIMARÃES, 2021). Por seu trabalho elaborado com a linguagem e com a imaginação formadora, o autor adota uma tendência de criação simbólico-poética que emergiu entre os ficcionistas da América Latina do século XX. Analisando a imaginação poética e a técnica neobarroca² utilizada por Autran em uma de suas obras, Leite referencia Campos uma vez que ele:

(...) identifica uma tendência ao “voltar-se incessante do escritor para a materialidade mesma da linguagem” em uma transposição do domínio poético, nos termos de Roman Jakobson, para a prosa. Tal legado é verificado, na literatura brasileira, em Clarice Lispector, com a publicação de *Perto do coração selvagem*, em 1943, e em Guimarães Rosa, com *Grande sertão: veredas*, em 1956. O crítico enfatiza, ainda, que, no caso de *Grande sertão e Paradiso* [1966], de Lezama Lima, as produções ficcionais são neobarrocas, porque apresentam técnicas como o fusionismo e a mistura de culturas (Leite, 2021, p.2).

Desde o estudo da crítica Maria Lúcia Lepecki (1976), a produção do autor mineiro passou a ser reconhecida pela manifestação da morte como motivo, temática e tom ficcionais, tornando-se o estatuto de fundamento das obras, deixando de representar apenas o ato físico de morrer. Analisando a compreensão da poética autraniana quanto a morte, o romancista Ronaldo de Melo e Souza (2010) examina o complexo ontológico que norteia os personagens; ao referenciá-lo, Leite esclarece que:

² Autran se encaixa na terceira inserção desse movimento, caracterizado pela experimentação e recreação com as formas barrocas, conjugando-as com a atribuição de um conteúdo americano. Ver mais em: CHIAMPI, I. *Barroco e modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2010.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

(...) a morbidez da arquitetura imaginante se relaciona ao que denomina “princípio teleotânico”. Para o autor, o homem autraniano realiza “uma catábase às avessas, uma descida extemporânea ao reino da morte” (SOUZA, 2010, p. 163) como vingança contra o movimento vital incessante. Na mundividência autraniana, a vida é coágulo, tempo detido no pretérito (Leite, 2021, p.5).

Integrando em suas obras a radicalização da tendência de resgatar a plasticidade barroca, a arquitetura do universo autraniano é alicerçada através do uso de metáforas, enquanto a construção de seus personagens resgata mitos e aviva a camada arquétipa de sentido. Em suas obras, “*Tudo é símbolo e todo símbolo é mensagem*” (DOURADO, 2003, p.27), nada é inserido à trama em vão ou por mera coincidência. Diante disso, é possível retomar a palestra do escritor visando compreender sua maneira de compreender a própria escrita, uma vez que, ao declarar a semelhança de Monte Santo à Duas Pontes – cenário de muitas das suas tramas, Autran não somente elucida a influência do lugar em que cresceu nas suas obras como também nos permite questionar quais mudanças o levou a se distanciar desse padrão no livro *Os Sinos da Agonia*.

224

A metáfora do mal

Ambientado na cidade de Vila Rica (MG) no final do século XVIII, o romance é conduzido pelos acontecimentos envolvendo o triângulo amoroso composto por Januário, Malvina e Gaspar. Narrado pelo ponto de vista dos três protagonistas, todos os personagens têm o rumo de suas vidas alteradas pelo mesmo acontecimento: a morte de João Diogo Galvão.

Viúvo e com o único herdeiro, Gaspar, já adulto, decidiu se casar com uma moça muitos anos mais jovem, Malvina, cuja nobreza do nome foi ofuscada pela situação financeira em que sua família se encontrava; determinada a reviver seus dias de glória através de um bom arranjo, a jovem, consciente da sua beleza e sagacidade, cativa João Diogo ao ponto deste se recusar a casar sem que seja ela a noiva entregue pela família.

Após mais de um ano, a felicidade do casal é abalada pela ausência de Gaspar. Este, que decide abandonar os estudos na Europa após a morte da mãe e da irmã, retorna ao Brasil determinado a permanecer distante da sociedade, em especial, das mulheres, por quem desenvolveu certa repulsa. Cedendo aos apelos do pai, Gaspar retorna à Vila Rica para finalmente conhecer a madrasta, selando o destino de ambos no instante em que se encontram pela primeira vez; na sala da casa do pai, surpreso com as mudanças que podia observar após a chegada de Malvina, ambos se apaixonam instantaneamente.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Fascinada pelos modos e delicadeza do enteadado - característica ausente em João Diogo, que cresceu longe da erudição que pôde proporcionar ao filho - Malvina vê em Gaspar o futuro que tanto almejava alcançar; para além da riqueza que este dispunha, tornou-se, aos seus olhos, um companheiro com qualidades que ela tanto admirava. Gaspar, por outro lado, via em Malvina *"um retorno à cultura através da música, dos diálogos, da classe que a moça trazia por possuir uma ascendência nobre."* (KAISER, 2006, p.13). Mas é Januário, filho bastardo de outro proprietário de terras que inaugura a trama com as lembranças de sua paixão obsessiva por Malvina, sendo ele apenas um meio para o fim nos jogos da protagonista feminina.

Mesmo que instigante, não almejamos analisar a trama amorosa e suas motivações no decorrer do presente capítulo - o que veremos com uma maior atenção no capítulo seguinte, uma vez que foi o período em que a obra foi escrita e a maneira com que isso impactou a trama os pontos que despertaram a nossa atenção.

Para Autran, os recursos utilizados na construção de um romance são elementos contribuintes para a elaboração de um outro mundo: o literário, os princípios que dominam a sua realidade divergindo daqueles que contribuem para os eventos na vida dos personagens. Há, porém, a concepção da arte como recurso representativo da realidade; no meio historiográfico, com o crescente debate da relação entre ambos os estudos, alguns historiadores já identificam nas obras literárias cenários capazes de alcançar elementos históricos, mesmo que sob uma perspectiva específica: a do autor. Com isso, visamos discorrer sobre a possibilidade de uma representação histórica escrita por Autran em *Os Sinos da Agonia*, mesmo quando declarado não possuir o interesse de recorrer a tal função na construção de sua trama.

Ao ter o romance adotado como uma das obras a serem lidas nos exames de agrégation nas universidades francesas, Autran participou de uma conferência na Universidade de Sorbonne no dia 17 de novembro de 1992, onde, além de declarar a emoção que sentia no momento, também se propôs a falar sobre a construção da trama e seus propósitos ao escrevê-la. Longe de considerar seu livro um romance histórico, o escritor declara – seja em entrevistas, ou na própria nota dos editores em seu romance – abertamente não ter em sua história uma única data, personagem ou episódio com acuracidade histórica, sendo estes reais não por condizerem com a realidade em algum momento, mas porque foi ele quem os inventou.

Ao negar a historicidade de sua obra, o autor define seu romance em uma tríade: político, mítico e pós-moderno, sendo o primeiro àquele a que nos propomos a analisar, tendo em vista a temática apontada no presente capítulo.

225





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Pensando no aspecto político da obra, faz-se necessário compreender, em um primeiro momento, o cenário pintado pela ditadura de 1964, mais especificamente no que diz respeito à literatura durante o período em questão.

Reflexos na penumbra

Marcada por golpes, regimes autoritários, disputas agrárias e diversas outras problemáticas, a análise do cenário do continente latino-americano no século XX elucida o desafio da formação de democracias plenas e inclusivas. A importância do seu debate tornando-se evidente com a constituição da temática num campo de reflexões interdisciplinares de grande relevância no contexto internacional. Um dos autores mais emblemáticos sobre o contexto René Dreifuss (1981) nos oferece um panorama das mudanças ocorridas no país a partir do Estado Novo, uma vez que, como indicado por Piazza, compreender o surgimento e desenvolvimento do regime militar torna-se possível a partir do estudo sobre o contexto histórico no qual ele foi concebido.

Podendo ser considerada um divisor de águas na introdução das pesquisas acerca do regime ditatorial no país, a Segunda Guerra Mundial adquire esse aspecto por seu papel na *"consolidação econômica e a supremacia política do capital monopolista nos centros industriais e financeiros."* (DREIFUSS, 1981, p. 49). As novas formas de capitalismo, empreendidas a nível global por meio de uma associação complexa e divergente com as diversas formações sociais nacionais, tiveram como principal expressão organizacional as corporações multinacionais

O capitalismo brasileiro, tardio e dependente, viria a ser tanto transnacional quanto oligopolista e subordinado aos centros de expansão capitalista. O capital "nacional", que fora predominante no governo de Getúlio Vargas, conseguiria coexistir de modo significativo somente em sua forma associada ou em empresas pertencentes ao Estado. Mesmo nesse último caos, o capital transnacional teria ainda um papel central através de joint ventures (empreendimentos conjuntos) entre o Estado e corporações multinacionais, além de exercer controle multinacional parcial das ações de empresas estatais brasileiras (Dreifuss, 1981, p. 49).

Dando continuidade a pesquisa a partir do estudo da inserção multinacional e da integração da indústria, Dreifuss realiza um levantamento de dados - o qual apresenta em tabelas no decorrer do capítulo - dos grandes grupos econômicos do início da década de 60, tratando, após a análise destes, do controle oligopolista de mercado, além de outros aspectos do

226



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

processo de concentração industrial. A partir do estudo dos interesses nacionais na economia do país, o autor elucida como isso se tornou um fator político central no final dos anos 50. Dentre as categorias criadas após a Segunda Guerra Mundial no processo de desenvolvimento no Brasil, o autor menciona o grupo modernizante-conservador composto por um pequeno número de oficiais das Forças Armadas, tanto pela compatibilidade destes com os valores defendidos pelos tecno-empresários, quanto pela participação militar nas empresas privadas, o que já era uma realidade em meados dos anos 50 e tornou-se ainda mais efetiva no início da década de 60. Diante dessa afinidade ideológica, o autor destaca que:

A aproximação ideológica entre os militares brasileiros e empresários e seus pontos de vista em comum quanto aos caminhos e meios que levariam ao crescimento industrial foram traduzidos no acordo militar de 1952 entre o Brasil e os Estados Unidos. (...) Tendo em mente as práticas oligopolistas do capital multinacional, as cláusulas do Acordo Militar dirigidas contra o controle estatal de recursos estratégicos tinham, em fins da década de cinquenta, um toque irônico e mesmo cínico. O Brasil estava se tornando rapidamente um "sistema e regime político penetrado." (Dreifuss, 1981, p. 78-79).

227

Diante do exposto, Dreifuss aponta dois veículos como fundamentais no processo de treinamento e educação no período em questão, o primeiro deles sendo a Escola Superior de Guerra (ESG), *"cujas turmas eram levadas anualmente aos Estados Unidos em viagens minuciosamente preparadas completando assim um ano de informação dirigida."* (DREIFUSS, 1981, p. 79), enquanto o outro era o complexo político de acordos militares entre o Brasil e os Estados Unidos, entre os quais observa terem se sobressaído o PAM (Programa de Assistência Militar), e o Acordo de Defesa Mútua.

Os militares norte-americanos auxiliaram na formação da ESG entre os anos 1946-1947, onde mantiveram ao menos um oficial de ligação sob a titularidade de docente até 1970; em conjunto com oficiais brasileiros, reforçavam as ideias de uma colaboração entre os dois países contra as ameaças do comunismo. Referenciando Estep, Dreifuss aborda a posição adotada pelos oficiais norte-americanos no Brasil após a Segunda Guerra, uma vez que é possível ter ocorrido um aprofundamento da cisão no meio militar entre os mais ligados à ESG e os nacionalistas; ao examinar a composição de algumas turmas dessa instituição, o autor constata o alcance da difusão da sua doutrina - seja pela ESG, ou pela ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) entre civis e militares.

Como resultado dessa íntima cooperação entre os civis e militares e entre ambas as Forças Armadas, o autor observa a convicção progressiva do dever em desempenhar um papel



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

moderador nos conflitos entre as facções das classes imperantes; discorrendo sobre o "mito do poder moderador", Dreifuss declara:

Esse mito do poder moderador societário do Exército foi aceito e legitimado por muitos estudiosos de política brasileira em seus escritos históricos. No entanto, esse papel de poder moderador era conflitante com a identificação partidária de oficiais militares. Embora as Forças Armadas exibissem uma aparente unidade e manifestassem o desejo de coibir atitudes políticas faccionárias em nome da sobrevivência, da corporação, a atividade política dos oficiais militares relegou a segundo plano a coesão institucional, chegando mesmo a resultar em confrontações abertas no interior da organização militar (Dreifuss, 1981, p. 81-82).

Os oficiais brasileiros fragmentaram-se politicamente *"no decorrer do espectro partidário de direita e das ideologias de centro-direita numa identificação, (...) com o povo"*. (DREIFUSS, 1981, p.82), entretanto, essa identificação era notada pelos valores da classe média e normas burguesas dominantes. A partir dessa declaração, também, da menção a norma como força militar politizada e heterogênea, o autor analisa a posição de Goulart, abordando a postura tomada por este ao assumir a presidência e na prática:

(...) o que aconteceu foi que João Goulart estava rompendo com os limites estreitos e exclusivistas das relações civil-militares, trazendo à tona o que elas realmente representavam, ou seja, um Bonapartismo militar sancionado constitucionalmente. Contudo, e apesar da evidência histórica, o mito do papel moderador proporcionou a racionalização para o controle militar autoritário do sistema político depois de 1964 (Dreifuss, 1981, p. 82).

Para Spigolon, em sua tese *"As noites da ditadura e os dias de utopia...O exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979"*, o golpe se engendrou em uma ameaça constante no decorrer da nossa história republicana, com seu espectro cercando o país desde a Proclamação da República. A partir disso, *"sucederam-se intervenções militares na política brasileira."*, sustentando, por trás dessas ações – *"como num jogo de/pelo poder(...)"*. (SPIGOLON, 2014, p.78); a violência visando enfraquecer os conflitos e as imposições sociais que direcionam a sociedade aos confrontos entre os grupos no poder, a autoridade das elites e a subordinação das classes marginalizadas .

Como a pesquisadora observa, o espectro do golpe perscrutou, especialmente, os governos democráticos no pós-45, tornando-se ainda mais intenso a partir da década de 60; como compreendido por Toledo (1997), o governo de Goulart conviveu com o fantasma do golpe

228





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

da sua criação até o dia em que foi deposto, o que aconteceu no dia 31 de março de 1964, quando o golpe foi declarado vitorioso (SPIGOLON, 2014).

A partir disso, se instaurou no país uma política marcada pelo *autoritarismo* - regime político cuja autoridade do Estado subjuga a liberdade individual dos cidadãos - justificando suas ações:

(...) afirmando que o objetivo era restaurar a disciplina e a hierarquia nas Forças Armadas e deter a "ameaça comunista" que, segundo eles, pairava sobre o Brasil. Uma idéia fundamental para os golpistas era que a principal ameaça à ordem capitalista e à segurança do país não viria de fora, através de uma guerra tradicional contra exércitos estrangeiros; ela viria de dentro do próprio país, através de brasileiros que atuariam como "inimigos internos" – para usar uma expressão da época. Esses "inimigos internos" procurariam implantar o comunismo no país pela via revolucionária, através da "subversão" da ordem existente – daí serem chamados pelos militares de "subversivos". ("O golpe de 1964 e a instauração do regime militar | FGV CPDOC", 2024).

Discorrendo sobre a censura de livros em Brasília durante o regime ditatorial (1964-1985), Greenhalgh introduz a temática explicitando brevemente como o sistema censório não foi instaurado no país somente após o golpe, elucidando como essa ferramenta de controle e repressão também pode ser encontrada durante outros períodos da história do Brasil, do período Colonial ao Estado Novo. Entretanto, o autor esclarece que é em governos despóticos que a censura se consolida, tornando-se uma das ações de repressão contra os opositores, ou contra os que "*supostamente atentam contra o status quo.*" (GREENHALGH, 2020, p.2). Durante a Ditadura Militar, os livros tidos como imorais (ou subversivos):

(...) não podiam ser publicados ou tinham sua circulação impedida. Para esse controle, o governo instaurou o exame prévio de obras, que deviam ser encaminhadas à Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), órgão preocupado, principalmente, em verificar livros que pudessem atentam contra a moral e os bons costumes. A censura política aos livros, geralmente era feita após a publicação da obra, visto que não havia previsão legal para sua aplicação. (Greenhalgh, 2020, p.2).

Em 1939 foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), um instrumento de censura e propaganda oficial criado durante o governo de Getúlio Vargas, sendo o responsável por desempenhar esse papel até 1945. Após o seu fim, seus critérios de censura foram mantidos com base no Decreto nº 20.493, de 1946, norma que também regulamentava o Serviço de Censura e Diversões Públicas (SCDP); permaneceu sendo utilizado como um

229



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

dispositivo legal quando, em 1972-1973 este (SCDP) se tornou a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) (GREENHALGH, 2020).

Referenciando a obra *1964: história do regime militar brasileiro*, de Marcos Napolitano (2014), Greenhalgh explicita a censura ao setor cultural a partir da divisão feita pelo historiador entre os seguintes períodos: 1964-1968, 1968-1978, e 1978-1985, caracterizados, respectivamente, como o momento em que a censura era mais episódica e menos estruturada, e a repressão subjulgava o indivíduo com menor intensidade à sua aplicação às instituições e aos movimentos culturais; o momento em que a censura se torna mais frequente, tornando-se institucionalizada no início dos anos 70; e o período onde ocorreu o abrandamento do controle policial à oposição cultural ao regime, diante do fim da censura prévia e da vigilância centralizada na moralidade e nos bons costumes.

Com isso:

A partir da Constituição de 1967 foi oficializada a centralização da censura em Brasília e em 26 de janeiro de 1970 a censura prévia a livros seria regulamentada pelo Decreto-Lei Nº 1.077, que determinava em seu artigo primeiro, que “não ser[iam] toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação”. De modo que, a averiguação prévia a livros e periódicos foi autorizada ao Ministério da Justiça, quando este julgasse necessário, no intuito de não serem publicados materiais contrários ao artigo primeiro (Greenhalgh, 2020, p. 4).

230

A partir do que foi exposto, o autor ressalta a importância de observarmos a permanência da censura em vários períodos políticos do Brasil, enfatizando a necessidade de compreendermos as estruturas e as práticas censórias considerando as particularidades com que estas foram impostas em cada momento histórico e em cada localidade no país.

Os espelhos nunca mentem

Em seu capítulo *Romance sob Censura*, a pesquisadora Letícia Malard se dispõe a interpretar os aspectos de alguns romances brasileiros publicados durante o regime de 64, visando revelar como a tematização de questões sociopolíticas não teve problemas com a censura, pois os escritores se apropriaram de recursos capazes de burlá-la.

Discorrendo sobre a temática a partir de uma alusão a “caça às bruxas”, Malard enfatiza o afincamento com que editoras, livrarias, teatros e bibliotecas foram invadidas, espalhando “*o pânico na floresta artístico-cultural tropicalista*”. Determinados a “*mostrar serviço, mesmo incompetente, não raro caçavam gato por lebre*” (MALARD, 2012, p. 124). Ao tratar da invasão à Editora Civilização





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Brasileira, em setembro de 1965, Malard cita algumas obras censuradas e as razões que as levaram a cair em um “saco de gatos”, tidos como “lebres”:

(...) um romance do ex-secretário da embaixada de Israel no Brasil, Pinchas Lapide, cujo tema é o conflito entre árabes e judeus na Palestina. Nada de esquerdismo, muito menos comunismo. Título: O canhão e a foice. Ilustração de capa: uma foice. A falta do martelo seria despiste, tal como no aeroporto de Brasília? Outro gatão: um livro da jornalista Leda Barreto – reportagem sociológica sobre questões nordestinas. Com a infelicidade de trazer no título o nome de um dos mais caçados, arquiteto das Ligas Camponesas: Julião, Nordeste e Revolução (Malard, 2012, p.124).

Outros livros acabaram tendo o mesmo fim nesse evento, como *O portão vermelho*, romance da chinesa Lin Yutang, ou *Nosso homem em Havana*, ficção de Graham Greene, o primeiro: vermelho e chinês, e o segundo pela presença de Havana, emblema proibido em qualquer um de seus significados: cor, charuto ou capital. A ficção nacional não escapou, como Manuel Cavalcanti Proença aponta ao tratar dos ataques contra os textos de Mário de Andrade, José Lins do Rego e Jorge Amado, levando-os a sumirem das livrarias por um determinado período (MALARD, 2012).

O romance *Os Sinos da Agonia* não passa despercebido pela pesquisadora, mais especificamente a “Notas dos editores”, que indicava ao leitor pistas para a sua análise e interpretação, insistindo em três pontos cruciais:

(...) remissão aos trágicos do passado articulados à decadência de Minas Gerais, esgotado o ouro no século XVIII; negativa de ser ele um romance histórico-realista com anacronismos a serem desvendados pelo leitor; afirmativa de ser um romance moderno pela técnica. Ora, tais explicações, inusitadas nesse tipo de publicação, a meu ver intentam assegurar a circulação do livro, a perigo de leituras inconvenientes para o sistema. Se a “Nota” de fato garantiu a permanência do romance nas livrarias, ela não o livrou de análises que detectassem alegorias não só ao 64 mas também a outras agruras por que passou o Brasil (Malard, 2012, p. 134).

Ambientado em uma Minas Gerais Colonial na pré-Inconfidência Mineira, o recorte temporal “*não é arbitrário por parte de um escritor que vive nos “anos de chumbo” da Ditadura militar.*” (FIGUEIREDO, 2012, p.5); diante disso, podemos ver o aspecto político que Autran atribui à sua obra em alguns momentos no decorrer da história, como na ida de Gaspar à casa de sua noiva, sendo recebido pelo coronel Bento Pires, seu futuro sogro.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Angustiado com a visita inesperada, o diálogo é iniciado pelo coronel, deixando transparecer a preocupação com a razão por trás da presença de Gaspar; sem mais delongas, questiona se as preocupações do futuro genro têm relação com a derrama, evento abordado como sinônimo de terror sempre que mencionado na trama. Tranquilizando-o, Gaspar esclarece que seu mal-estar se dá pelo espetáculo montado pelo governador para receber o assassino de seu pai:

Não é isso, tranquilizou-o Gaspar, estou falando dos dragões e dos ordenanças, dessa festa de mosquetes e varapaus que o Senhor Capitão e o Governador das Minas aprontou para receber o assassino do meu pai. Ah, suspirou aliviado Bento Pires. Eu estava pensando noutro assunto. E depois, Vossa Mercê não deve falar assim, lembre-se de que as paredes têm ouvidos. Hoje a gente tem de coser a boca, cuidar mesmo de não pensar alto (Dourado, 1975, p.220).

A cautela adotada nessa cena, advinda de uma sensação constante de vigilância, o estado de alerta mesmo no conforto do próprio lar e a paranóia que isso carrega consigo reflete muito do clima criado pelo regime ditatorial. O temor que o personagem transparece, quando analisado como uma alusão ao pavor evocado pela Ditadura, é abordado em muitos dos trabalhos produzidos sobre esse período no Brasil, como encontramos no texto *Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão*, de Carlos Fico.

Visando se precaver do ataque daqueles considerados inimigos, logo, todo aquele que questionasse ou se mostrasse contrário ao regime militar – do integrante de algum movimento social ao cidadão comum que demonstrasse alguma insatisfação, os militares buscavam dispor dos mecanismos necessários para possuir “olhos” em todos os ambientes para fins de controle. Com isso, podemos observar a expressão “as paredes têm ouvidos”, utilizada por Bento Pires, como uma referência à aflição que o período da Ditadura Militar causou àqueles por ela subjugados.

Outro aspecto que podemos observar no desenrolar da trama se dá com a alegoria da morte em efígie, já mencionada anteriormente como a razão por trás da nota que acompanhou o livro em sua publicação.

Nesse tipo de execução – a Efígie sendo uma alegoria à imagem de um sujeito que pode ser real ou não – é feita a substituição provisória do condenado para declarar a sua morte jurídica e social; “*podendo assim os seus bens serem filiados por qualquer que os queira*” (DOURADO, 1976, p. 25), ou mesmo capturado e morto sem que seu assassino seja considerado um criminoso. Com seu crime sendo levado à julgamento como o de lesa-majestade, ao se ver acusado de



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

possuir relação com os ideais da Inconfidência, Januário foge, o que resulta em sua morte em efígie.

Assim, representado como um transgressor da ordem – tal qual os “subversivos” do período ditatorial, Januário acaba relegado ao exílio, tornando-se ainda uma presa mesmo após sua morte simbólica. A narração do evento é feita por Isidoro, e como apontado por Figueiredo, a execução adquire um aspecto carnavalesco; uma “festa” aprontada pelo Capitão-General e Governador, como um exemplo do poder e domínio do rei:

Desde muito cedo, manhãzinha ainda, um mundéu de gente se deslocava pelos caminhos, becos e vielas, para se apinhar na praça e disputar os melhores lugares. [...] tinha vindo gente para assistir ao grande espetáculo guinhol, ao inusitado sacrifício em efígie, que o Capitão General ia dar para edificação daqueles povos das Minas, turbulentos e motineiros, libertários (Dourado, 1991, p.30).

Como observado por Claudia Maia, há outras passagens que podem ser observadas durante a trajetória de Januário que podem ser analisadas como referências ao regime militar; a divulgação na cidade do espetáculo para a sua “execução” sendo uma dessas possíveis alusões.

Se na ficção o decreto do Capitão-General foi anunciado às ruas e pregado nas portas das igrejas e no pelourinho, durante o período ditatorial os locais propensos a aglomeração pública eram utilizados para divulgar os nomes e as imagens dos considerados subversivos, assim como também divulgavam a prisão e morte destes para reafirmar o poder do regime (MAIA, 2008). Além disso, há a questão da tortura, implacável ao ponto de levar a vítima a confessar além do que havia feito, presente em ambos os períodos:

(...)mesmo o que não fez ou pensou. No seu medo e pavor, gostaria de saber alguma coisa, de ter ouvido de alguém alguma coisa, de poder imaginar alguma coisa, de poder imaginar qualquer trama que fizesse sentido. Mesmo sabendo que o crime de lesa-majestade (crime de capítulo de primeira cabeça, como lhe dizia o carcereiro, nenhum dos dois entendendo muito bem o sentido dessas palavras, mas sabendo as terríveis) tinha a força por punição, ele confessaria, tal o terror que a tortura antessentida lhe dava. A morte é melhor, pensava. Pensava na morte como uma libertação das torturas. Não, as dores não, não suportaria, dizia sem cessar (Dourado, 1991, p.47).

Assim, ao evocar o período colonial e seus mecanismos de opressão, Autran não somente denuncia o regime político do período em que ambienta a trama, como também referência àqueles usados pela Ditadura:



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Quando não se pode escrever o que se pensa (nem todos temos a coragem de enfrentar o arbítrio, a censura, a tortura, o exílio e a morte), nos períodos ditatoriais temos de ser barrocos e rebuscados, para que os censores não nos entendam e sejamos sentidos e entendidos por aqueles pelos quais nos sentimos irmãos na angústia e no sofrimento. Cada um sente, sofre e fala à sua maneira; às vezes a fala é apenas um gemido rebuscado. (Dourado, 1994, p. 120).

Ao abordar as características do romance sob a perspectiva da retomada e repetição do barroco no livro, a pesquisadora também chama a atenção para o caráter carnavalesco que o jogo irônico e intertextual criado pelo autor assume, esclarecendo que tal ironia não possui como alvo os leitores da obra, mas sim os censores desse período. Nesse sentido, a morte em efígie torna-se uma metáfora de sacrifício para a coletividade, podendo ser interpretado no romance como uma alegoria ao exílio dos intelectuais brasileiros. Um “expurgo” que visava limpar da mente dos cidadãos os pensamentos que não estavam em concordância com os ideais do regime (FIGUEIREDO, 2021).

Os Sinos da Agonia, dentro da América Latina, insere-se assim dentro do contexto político em que o novo romance histórico: a repressão das ditaduras militares. Como já apontado com Menton (1992), a ascensão das ditaduras militares é uma das causas da transformação do gênero romance histórico, que passa a tratar o passado como uma forma implícita de criticar as repressões do presente driblando as censuras (Figueiredo, 2021, p.6).

234

Abordando o “dialogismo intertextual” por Umberto Eco, Maia esclarece que por esse termo Eco se refere à: “(...) *citação irônica do topos*” como um procedimento típico da narrativa. O *topos* citado é um “lugar original” e que já está registrado na “*enciclopédia*” do leitor, “*faz parte do imaginário coletivo, e como tal é evocado*”. (MAIA, 2008, p. 113, apud ECO, 1989, p.126). No romance, o boneco de palha que toma o lugar de Januário pode ser observado como um exemplo para essa citação.

A execução de Tiradentes - figura histórica mineira - no Rio de Janeiro pertence a essa enciclopédia do leitor; enquanto Vila Rica, cenário ficcionalizado no livro, configura-se como um espaço real transportado para a história de Autran. A execução do boneco e o assassinato de Januário pelos soldados ao final do livro, após retornar à Vila Rica, nos permite pressupor o desenvolvimento de outro *topos*: uma representação conjecturada da cidade em que aconteceu a Inconfidência Mineira.

Essa revolta, marcada na memória do leitor, é resgatada como uma ficção. Um tempo histórico diferente, mas que faz alusão ao período vivido pelos leitores na época da sua



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

publicação, que foi a ditadura. Um mundo subvertido tenta entrecruzar dois momentos históricos caracterizados pela repressão pela qual o país foi subjugado. Com isso:

(...)Autran Dourado retoma o tempo mítico, desdobra-o especularmente no da Inconfidência, a fim de tratar, metaforicamente, da ditadura, tempo este da escrita do romance. Esse jogo entre o tempo e a história atribui à narrativa uma complexidade que depende, segundo Eco, da já referida enciclopédia do leitor (Maia, 2008, p.115).

Uma breve conclusão

Autran quis mostrar a forma como se promove o assassinato de almas, transformando espectros do passado em gritos silenciosos no presente. O terror dos regimes autoritários sempre promoveu literaturas que desconfortavelmente ecoarão com suas vozes de lamentos e resistências ao confronto dos silêncios do passado sepulcral. O que promove o assassinato da almas? São várias dores sentidas pelos tempos que se esgotam em fazer referencia ao que é injusto. As almas são mortas pela injustiça política, pela dor de ideologias políticas que as tentam calar, desterrando a terra em seus males sociais. Autran nos revela como a dissonância política é nefasta com a alma humana, sem cura e sem remédio. Regimes autoritários são dissolventes políticos que como veneno entorpece a alma e corrompe a moral social, agindo lentamente até ter dizimado a humanidade em massa amorfa, incrédula e nefasta.

Esse assassinato de almas é o pior de nossos tempos. O mal maior de todos os males. Aquilo que tem que ser dito por metáforas, onde a realidade é escondida e não pode ser revelada. Autran nos chama a atenção para essa morte social, silenciosa e escondida no passado. Provocada por regimes totalitários que se alimentam das almas numa fome insaciável. Esse mal ronda nosso presente, provocando medo no futuro.

E, como num mundo invertido, subjugado pelo medo e pela intolerância, Autran tenta desvendar a realidade de seu mundo como um espelho povoado de espectros entre o presente e o passado. Quem olhar no espelho verá a realidade desse contexto histórico marcado pela dissonância política.

Referências

CUNHA, D. A. **A Dimensão Barroca de Os Sinos da Agonia**. Florianópolis, UFSC, 1978.

DOURADO, Autran. **Os Sinos da Agonia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DOURADO, Autran. “Os sinos da agonia, romance pós-moderno”. In.: **Revista USP**, n. 20, p. 119-124, 1994.

DREIFUSS, R. Armand Dreifuss. **1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FEIJÓ, Sara Duarte. “Em teu nome...” E “Batismo de Sangue”: Formas cinematográficas de representar o exílio na Ditadura Brasileira. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 43, 2011.

FICO, Carlos (et. all.) (org). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FIGUEIREDO, Nathaniel Reis de. **Os sinos da agonia: leitura a partir da teoria dos gêneros literários**. *Revista Falange Miúda*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 152–173, 2023.

GUIMARÃES, Jonatas. “Constelações mineiras de Autran Dourado”. In.: **Caletoscópio**, v. 9, n. 1, 2021.

GREENHALGH, Raphael Diego. “Os livros e a censura em Brasília durante a Ditadura Militar (1964-1985)”. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 3, p. 1- 15, 2020.

KAISER, Ágata. “Antes, agora e sempre durante as sete badaladas: uma análise temporal de Os sinos da agonia, de Autran Dourado”. **Revista Alpha**, n. 7, p. 11-19, 2006.

LEITE, Thaís Seabra. “Imaginação poética e técnica neobarroca no romance A serviço del-Rei, de Autran Dourado”. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 30, n. 2, 2021.

LEPECKI, M. L. **Autran Dourado: uma leitura mítica**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1976.

LUSO, T.; BORGES, C.; PINHO, D. “Um caso de lesa-majestade humana no reinado de D. João II”. **JURISMAT: Revista Jurídica**, n. 17, p. p. 227-234, 2023.

236



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MAIA, C. C. "Paisagem na neblina: Os sinos da agonia, de Autran Dourado". 151 p. **Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)** – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7D2J99>; Acesso em: 17 fev. 2025.

MALARD, Leticia. "Romance sob censura". **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 21, n. 1, p. 123-137, 2012.

MELO, Ana Cecília Agua de. "Memórias de um escritor bem-comportado: Autran Dourado". 303 p. **Tese (Doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1627802>. Acesso em: 02 mar. 2025.

RUFINO, Nathaly de Oliveira; MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. "A ficção e a construção narrativa em Autran Dourado: Algumas considerações". **Revista Água Viva**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2018.

SANTOS, Elis Angela Franco Ferreira; GOMES, Alessandra Leila Borges. "Autran Dourado: aspectos da obra e da crítica". **Cadernos do CNLF**, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 - Anais do XVI CNLF. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/032.pdf. Acesso em: 29 de mar. 2025.

SILVA, Marisa Corrêa; OLIVEIRA, Vicente Soares de. "Os Sinos da Agonia" de Autran Dourado: Tragédia clássica e romance pós-moderno". **Via Atlântica**, v. 5, n. 1, p. 111-120, 2004.

SILVA, Raphael Corrêa da. "Da menagem e da lesa-majestade". **Revista da Faculdade de Direito de São Paulo**, v. 10, p. 13-49, 1902.

SPIGOLON, Nima Imaculada. "As noites da ditadura e os dias de utopia...: o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979". 505 p. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1623377>. Acesso em: 1 mai. 2025.

237



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MONITORIA DA DISCIPLINA DE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE ACERVOS NOS CONTEXTOS DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E PRESENCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Márcia Janete Espig¹

Bethânia Luisa Lessa Werner²

Introdução

Historicamente, o ensino superior no Brasil sempre apresentou aspectos desafiadores, enfrentados com maior ou menor empenho por parte dos diferentes governos centrais e estaduais (SENKEVICS, 2021). Como ressalta Teodoro, a Universidade apresenta-se como um espaço de mudança, sobre o qual se colocam expectativas quanto a resolução de problemas sociais e econômicos, bem como culturais e políticos (TEODORO, 2013, p. 227). Assim tem sido, também, com a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Embora tenha sido oficialmente criada através do decreto-lei nº. 750, de 8 de agosto de 1969, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) possui origens centenárias, visto que tal denominação agregou cursos existentes anteriormente, tais como o curso superior de Agronomia e Veterinária, do Lyceu de Agronomia, Artes e Ofícios, inaugurado em 1890 (LONER, 2017, p. 279-280). Sua expansão ampliou rapidamente o número de áreas de ensino e, conseqüentemente, de alunos. Nesse contexto encontrava-se o curso de História, que teve seu início associado a uma portaria publicada no dia 28 de maio de 1981, quando foi instituído no formato de uma Licenciatura Curta em Estudos Sociais. Alguns anos após, em 1990, passou por alterações curriculares, tornando-se uma Licenciatura Plena em História, com duração de 4 anos (GILL; MANKE, 2021, p. 4). Atualmente, o curso de História/Licenciatura da UFPEL possui tradição na formação de professores e pesquisadores, tendo educado várias gerações.

Na esteira dessa tradição, e no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, foi criado o curso de Bacharelado em História. A adesão ao Programa era de

238

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada do Departamento e da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

² Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bacharel e mestra em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

livre escolha pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). No caso da UFPel, a adesão foi feita na primeira hora, e envolveu metas ambiciosas que visavam a ampliação do número de cursos, número de professores e de alunos, bem como a ampliação das instalações existentes (BRITO; HEIDEN, 2011). O novo curso de Bacharelado se dispunha a atender demandas regionais por profissionais com perfil focado na pesquisa, na gestão de patrimônio e de acervos históricos. Sua primeira turma ingressou em março de 2008, sendo o curso oficialmente criado pela portaria nº. 1.610, de 15 de outubro de 2009, tendo obtido reconhecimento por portaria de abril de 2013, com renovação do reconhecimento em dezembro de 2018 (GILL; PEREIRA, 2020, p. 84).

O curso de Bacharelado em História da UFPel tem duração de oito semestres, sendo ofertadas 50 vagas anuais no segundo semestre do ano, no turno vespertino. No período 2020/2022, ao qual se refere esse artigo, o curso possuía carga horária total de 2.578 horas, habilitando seus formandos (as) como Bacharéis em História, dividindo-se a carga horária total em disciplinas de formação específica e de formação livre.³ O caráter do curso e sua missão sempre mantiveram como linha mestra ou espinha dorsal os debates sobre acervos históricos e patrimônio histórico (Universidade Federal de Pelotas, 2011, p. 4). Frente a isso, as disciplinas ofertadas foram organizadas em três núcleos principais. São eles: o Núcleo de Formação Específica; o Núcleo de Formação Geral; e por fim o Núcleo de Formação Profissionalizante, no qual encontramos as matérias que trabalham com a especificidade do curso. São elas as disciplinas de Introdução ao Estudo de Acervos, Organização de Arquivos Históricos, Laboratório de História Oral, Arquivos Especiais, Metodologia e Prática da Pesquisa em História, Orientação de Prática de Pesquisa e Monografia (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2011). Introdução ao Estudo de Acervos se configura, do ponto de vista didático-pedagógico, como disciplina fundamental para o início da trajetória acadêmica dos futuros bacharéis, e como pré-requisito para o desenvolvimento das disciplinas posteriores do Núcleo de Formação Profissionalizante deste curso.

Ademais, a disciplina possui caráter teórico-prático, fundamentalmente interdisciplinar, e conjuga discussões teóricas acerca de aspectos centrais ao trabalho do historiador e da historiadora ao estudo prático e metodológico sobre acervos e arquivos permanentes. Seus objetivos gerais e específicos preveem debates acerca de inúmeros termos significativos da área da história, tais como documento histórico e pesquisa em história; e de outras áreas, tais

239

³ Todas as informações até aqui e a seguir foram retiradas do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) vigente entre 2011 e 2025. Em 2025, entrou em vigência um novo PPC. Porém esse manteve as linhas gerais do curso, tais como seu escopo e missão na formação de bacharéis em História, permanecendo a disciplina de Introdução ao Estudo de Acervos com o mesmo perfil e posição na grade curricular.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

como acervos, conservação e guarda, dentre outros, dialogando permanentemente com áreas como Museologia, Conservação e Restauração e Arquivística. Destaque-se, ainda, a importância de atividades práticas, tais como visitas e Oficinas, bem como palestras sobre experiências na área.

Dada a relevância desta disciplina e sua posição no fluxograma do curso de Bacharelado em História, por trabalhar com turmas ingressantes e em geral bastante extensas, tem sido prática frequente da professora responsável a inserção de um(a) monitor(a) para apoio pedagógico. Naturalmente, pelas características próprias desse componente curricular, já explicitadas acima, a função de monitoria se afigura bastante desafiadora, visto demandar atenção a aspectos teóricos, metodológicos e práticos muito complexos, bem como a interação com um grupo amplo de discentes. O período de ensino remoto emergencial (ERE), feito necessário durante a crise sanitária devido ao vírus da covid-19, trouxe novos desafios a discentes e docentes, bem como a monitores.⁴

O Programa de Monitoria da UFPel, em sua versão atual, foi regulamentado através de Resolução de outubro de 2018, e objetiva

[...] proporcionar ações contínuas e efetivas que contribuam no combate à reprovação, à retenção e à evasão nos cursos de graduação da UFPEL, mediante atuação direta do monitor no apoio ao desenvolvimento dos componentes curriculares [...]. (BRASIL, 2018, Resolução no. 32)

Durante o período de aulas remotas, levando-se em conta as dificuldades apresentadas tanto por docentes quanto por discentes, houve uma preocupação institucional em incrementar o número de bolsas de monitoria. Essas passaram de um número aproximado de 90 bolsas, em 2019, para mais de 100 bolsas em 2020, e para 140 bolsas em 2021. Percebe-se, portanto, que a função de monitoria encontrou valorização institucional durante o período pandêmico. Este artigo se dedica a refletir acerca da experiência de monitoria discente na disciplina de Introdução ao Estudo de Acervos do curso de Bacharelado em História da UFPel durante os anos de 2021, ainda em período remoto, e 2022, quando do retorno ao ensino presencial. A reflexão ganha contornos e possibilita comparações significativas, visto a professora responsável e a monitória da disciplina terem se mantido nestas funções.

⁴ Reflexões importantes sobre o ensino de história durante o período pandêmico podem ser encontradas em COSTA; PEREIRA, 2022; CAIMI; MISTURA; MELLO, 2021; sobre a relevância do ensino de História frente aos negacionismos e revisionismos acentuados durante a pandemia, conferir DOMICIANO *et al.*, 2021; sobre a formação de professores e o desenvolvimento de competências digitais, vide BERGMANN; GONZÁLEZ ARGÜELLO, 2024.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Experiência de monitoria: ensino remoto emergencial

Como visto, as turmas ingressantes no primeiro semestre do curso de Bacharelado em História da UFPel contam com um número significativo de alunos, em sua maioria recém-egressos do ensino médio. Um aspecto inicial característico desse momento da formação é justamente o “estar incluído na cultura acadêmica”, sendo esse visto como “um grande desafio para muitos” (RAMALHO, 2007, p. 15). Nesse sentido, a experiência de ensino realizada no ano de 2021, em caráter remoto, acentuou o caráter da aluna monitora na posição de mediadora, tanto entre discentes e docentes, quanto entre os discentes e o ambiente universitário.

As escolhas e necessidades trazidas pelo ERE, e a rapidez demandada pelo contexto não encontrava antecedentes:

Com a instauração da pandemia do vírus Sars-CoV-2, em 2020, diversas instâncias (Secretarias, Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, entre outros) tiveram de desenvolver e implantar, em um curto prazo, estratégias e suportes para que a escola brasileira conseguisse manter os estudantes conectados ao processo formativo. [...] O surto de Covid-19 abriu o caminho para iniciar o aprendizado digital como uma emergência de ensino alternativo em todos os níveis de ensino [...]. Tal fato, sem precedentes na História da educação nacional e mundial, nos colocou diante de um cenário desconhecido e nada amigável, pois o que se delineava no horizonte era inédito e sem nenhuma base disponível para uma ambientação anterior à sua implementação. (COSTA; PEREIRA, 2022, p. 213)

241

Com isso, crescia a importância da figura do aluno/a monitor, para a consecução dessas estratégias e suportes. A seleção da aluna que viria a desempenhar a função de monitora foi baseada em sua experiência prévia, histórico acadêmico e capacidade de comunicação.

A atuação da monitoria foi baseada em atividades de cunho prático e teórico. Após diálogos entre a discente monitora e a professora orientadora, a primeira das preocupações, dado o distanciamento social, foi em relação aos canais de comunicação.⁵ Utilizaram-se as redes possíveis (em especial e mail) para facilitação dos contatos, facilitando agendamentos de reuniões ou revisões de conteúdo. Destaca-se, dessa forma, uma das características da função dos monitores, como evidencia Almeida ao elencar a possibilidade de “ser consultado em

⁵ Tal aspecto também foi observado por Bergmann e González Argüello (2024) enquanto uma das dificuldades apontadas por professores em formação neste contexto, seja devido à dificuldade de conexão com redes de internet ou, ainda, a ausência de comunicação verbal e o pouco ou ausente uso das câmeras durante as aulas on-line, por exemplo.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

caso de dúvidas, bem como o não obter resultados esperados ao longo de uma atividade sugerida” (ALMEIDA, 2019, p. 144). Sugeriu-se aos alunos um roteiro que orientava para uma metodologia de estudos ativa, bem como alertava para a importância de horários de descanso entre as atividades. Nesse momento, “transpareceram os desafios que os professores, alunos, pais, diretores, dentre outros profissionais da área da educação precisaram enfrentar para manter uma rotina estudantil ativa” (BROILO; NETO, 2021, p. 144). Em relação ao acompanhamento dos estudantes a partir do canal de comunicação virtual, foram organizados horários específicos em contraturnos, mas também agendamentos flexíveis. As demandas aconteceram de maneira esporádica, notando-se que foi mais acionado em momentos pré-avaliativos.

O ensino remoto na UFPel foi realizado através do sistema e-aula,⁶ utilizado a partir do primeiro semestre de 2020. Este funcionou como ambiente virtual de apoio às disciplinas, trazendo possibilidades de ensino e aprendizagem inovadores, mas obrigou professores(as) e alunos(as) a uma rápida adaptação. Através da integração dessa plataforma com o sistema de webconferência da instituição, realizavam-se aulas de forma síncrona, às quais os(as) discentes compareciam remotamente. Com isso, rompia-se a concepção de aula como “o espaço ou suporte no qual ocorre a situação pedagógica”, pois no período pandêmico

242

[...] a sala de aula passou a implicar relações virtuais, ensino remoto, a distância, online, comunicação por mídias ou mesmo entrega de materiais impressos. [...] Em linhas gerais, podemos caracterizar aula como uma ação estruturada de trabalho na qual se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem, que pressupõe comunicação entre sujeitos – professor e alunos; objetos de conhecimento, os chamados conteúdos; e situações didáticas que amparam a ação conjunta e colaborativa entre os sujeitos sobre os objetos de conhecimento. (CAIMI; MISTURA; MELLO, 2021, p. 14-15)

Sendo assim, compreendeu-se como necessária a participação da monitora nas atividades síncronas e seu apoio prático ao uso dessa nova tecnologia. Nesse sentido, foram exploradas as potencialidades do uso dos ambientes virtuais de aprendizagem, como, por exemplo, a divisão da turma em grupos menores para discussões, visando uma melhor integração entre os discentes. Incluíram-se também alguns relatos de experiências vivenciadas pela aluna-monitora em diferentes acervos, destacando a importância com que a “monitoria deve ser pensada abarcando todo o processo de ensino” (NUNES, 2007, p. 49).

⁶ Para saber mais, acessar: <https://wp.ufpel.edu.br/ufpeldigital/e-aula/>.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Destaque-se ainda o constante diálogo entre a docente regente da turma e a discente-monitora. Tal aspecto vem ao encontro das propostas de aplicação dos programas de monitoria nas instituições de ensino superior, as quais promovem “o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem com caráter mais cooperativo” (DANTAS, 2014, p. 578). Nas experiências aqui relatadas, a relação docente/discente possibilitou que a monitora aprofundasse “seu conhecimento teórico prático, bem como o desenvolvimento de ações que permitam uma formação inicial para a docência no ensino superior [...] em conjunto com os professores” (DIAS, 2007, p. 40-41). Além disso, ressaltam-se as demandas de novas estratégias didáticas na formação e atuação de docentes e monitores, como apontam Bergmann e González Argüello (2024), impulsionadas pela excepcionalidade da situação. Um dos desafios enfrentados deu-se na relação com um aluno com deficiência visual. Tal situação acentuou a preocupação quanto ao acompanhamento da disciplina e um cuidadoso planejamento e a adaptação de atividades, visando a criação de um espaço inclusivo. Para isso, a monitora elaborou vídeos com gravações da tela do computador, narrando ações realizadas no ambiente virtual da disciplina. Nesse caso, cabe destacar a importância do trabalho realizado pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFPEL.⁷ A partir da interação entre professora, monitora e NAI, foram direcionadas alternativas em diferentes frentes para a permanência do estudante e para o melhor aproveitamento possível da disciplina. Tal colaboração evidencia as competências de formação pedagógica que envolvem a função dos monitores, criando-se uma espécie de “sensibilidade didático pedagógica na relação com o outro (orientador ou colega)” (DANTAS, 2014, p. 587), caracterizada pelo acolhimento.

Outro aspecto que se mostrou desafiador no contexto do ensino remoto foi o aumento da desistência e o abandono das disciplinas. Ao longo das aulas em 2021, era perceptível a crescente ausência de estudantes e, considerando esse cenário, a professora e a monitora realizaram a busca ativa destes, obtendo-se somente dois retornos. Nesses casos, as ausências ocorreram devido a dificuldades de saúde enfrentadas pelos estudantes ou por seus familiares, reforçando o impacto da pandemia e seus reflexos no ensino. Além da necessidade de adaptação ao novo modelo de ensino e a uma “nova jornada estudantil durante o período da pandemia” (BROILO, NETO, 2021, p. 143), discentes e docentes também lidaram com dificuldades sociais, especialmente em relação à saúde física e mental.

Visando atender, da melhor forma então possível, o aspecto prático da disciplina, a monitora elaborou uma apresentação acerca de sua atuação em diferentes acervos, evidenciando

243

⁷ Ver: <https://wp.ufpel.edu.br/nai/sobreonucleo-organograma/>.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

diferentes locais, materiais e possibilidades para o trabalho com acervos históricos. Apesar das limitações, os estudantes ficaram empolgados com as possibilidades que se abriam para sua atuação futura.

Tratando do aspecto prático da disciplina, houve um esforço em promover atividades remotamente. Quando de suas edições presenciais, a disciplina promovia uma oficina de tratamento e higienização de documentos históricos. Pretendendo instrumentalizar a turma em relação ao conhecimento sobre documentos históricos e ao tratamento de fontes em acervos, em 2021 essa atividade passou por adaptações. A professora regente propôs atividades de higienização de documentos históricos encontrados nas residências dos educandos, evitando dessa forma qualquer risco sanitário. Em um dos primeiros encontros, os alunos já haviam sido estimulados a escolher um documento pessoal ou familiar com a finalidade de, através deste, apresentarem-se à turma. Após várias aulas, os documentos escolhidos foram objeto de uma intervenção teórico-prática, quando os estudantes filmaram sua ação de higienização e acondicionamento adequado dos materiais. Essa experiência proporcionou o contato com fontes históricas de diferentes tipologias, tais como vestimentas, bustos e documentos em suporte papel,⁸ obrigando os estudantes a pesquisar aspectos de preservação, conservação e higienização de variados materiais, dialogando com os objetivos da disciplina. Nesse percurso, foi salutar a figura da monitora, tendo em vista seu apoio na orientação aos trabalhos, retirando dúvidas e auxiliando no processo de edição e postagem de vídeos.

A utilização dessas novas ferramentas, bem como o domínio do sistema e-aula, foram aspectos para os quais a instituição buscou dar suporte aos monitores(as), ao percebê-los(as) como possíveis multiplicadores desse conhecimento. Para facilitar o acesso a uma variedade maior de ferramentas foi oferecida uma formação específica aos monitores(as). Ofertada pelo Núcleo de Políticas de Educação a Distância (NUPED),⁹ a Oficina para Tutores e Monitores da UAB UFPel caracterizou-se enquanto um momento de trocas e aprendizados. A realização da Oficina permitiu discussões sobre o papel dos monitores, percepções sobre o ensino remoto, bem como a exploração de ferramentas da plataforma utilizada pela instituição.

Os intercâmbios promovidos pela Oficina de formação de monitores tornaram possível perceber os impactos deste modelo de ensino, seus reflexos no processo de ensino-

244

⁸ O suporte é o material no qual são registradas as informações (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

⁹ Ressalte-se que o NUPED UFPel teve sua criação relacionada ao contexto da pandemia de covid-19 e às necessidades tecnológicas então existentes. Vide: <https://wp.ufpel.edu.br/nuped/2021/08/25/historico/>.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

aprendizagem e dificuldades enfrentadas por docentes e discentes. Desde a permanência estudantil ou o acesso a equipamentos para o acompanhamento dos encontros síncronos, até o acesso (ou a falta desse) a cuidados com a saúde mental dos estudantes e professores, inúmeros foram os desafios enfrentados durante e após as experiências do cenário pandêmico.

Experiência de monitoria: o retorno ao ensino presencial

Se as experiências educativas durante o contexto da pandemia foram marcadas por aspectos profundamente desafiadores, o retorno ao ensino presencial também demandou esforços. No primeiro semestre letivo de 2022 foram ainda sentidos os impactos da crise sanitária de covid-19, através de marcas ou dificuldades laboriosas, que se mostraram tanto individuais quanto coletivas. O retorno às atividades presenciais, deliberado pela Portaria nº. 942, de 23 de maio de 2022, foi realizado de modo a tentar garantir a segurança de docentes e discentes através de algumas medidas de proteção, tais como a obrigatoriedade do uso de máscaras e a comprovação do esquema vacinal completo. Ainda que a plataforma virtual tenha sido, definitivamente, incorporada às atividades acadêmicas da instituição, sobretudo voltada para a disponibilização de materiais e de avaliações, o retorno ao ensino presencial deu-se com empolgação pela maior parte dos discentes.

A aluna monitora que havia atuado anteriormente foi, novamente, selecionada para desempenhar esta função e pôde, enfim, ter sua primeira experiência presencial de acompanhamento aos discentes. No âmbito dos Programas de Monitoria da UFPel, a monitora iniciou as atividades com a turma nas primeiras semanas de aula. No primeiro encontro com a turma, após sua apresentação, foram estabelecidos combinados sobre o funcionamento da monitoria, como a disponibilização de um e-mail para agendamentos de reuniões ou revisões.

Dedicando-se com grande disponibilidade, a aluna-monitora acompanhou integralmente as aulas da disciplina. Dessa forma, pôde colaborar com as discussões propostas em aula, com as atividades teóricas e práticas e auxiliar no esclarecimento de dúvidas. Sendo orientada pela professora responsável, nessa experiência a monitora pôde realizar um apoio pedagógico e acadêmico completo aos ingressantes. Novamente, foi realizada uma apresentação sobre as experiências práticas realizadas pela aluna-monitora em acervos históricos — relato que provocou empolgação nos acadêmicos, visto que já se previa a visitação *in loco* aos acervos mencionados.

245



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Em continuidade, no escopo da disciplina, foi agendada uma visita presencial ao acervo no qual a aluna-monitora desenvolvia atividades de higienização, catalogação e organização de documentação em turno inverso ao turno das atividades da monitoria. Com a intenção de colaborar com a ampliação do repertório dos discentes, a turma foi levada ao Acervo Histórico da Agência de Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim (ALM), localizada no campus Anglo da UFPel.¹⁰ Antes da realização da visita, ainda em sala de aula, os discentes puderam visualizar fotografias que registravam o caráter de desordem do espaço antes do início da organização, possibilitando a percepção das transformações que o trabalho de historiadores, mas também arquivistas, bibliotecários e conservadores e restauradores podem gerar em um espaço, e na preservação de seus materiais. No momento da visita, portanto, os alunos tiveram contato com fontes em diferentes suportes, com os processos de organização já realizados e aqueles em andamento, vislumbrando de forma empírica a realidade vivenciada em um acervo histórico. Essa atividade despertou interesse e empolgação dos alunos(as).

Além desta, outras visitas guiadas foram realizadas em 2022, agendadas em dias e horários de aula em espaços variados, tais como a Bibliotheca Pública Pelotense¹¹ e o Museu do Doce.¹² Além desses locais, a disciplina possibilitou que os estudantes realizassem visitas aos diferentes laboratórios e núcleos de pesquisa localizados no Instituto de Ciências Humanas da UFPel, proporcionando um momento para que conhecessem e explorassem seus acervos. Foram visitados o Núcleo de Documentação Histórica Beatriz Ana Loner (NDH/UFPel), o Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPel), o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPel) e o Núcleo de Pesquisa em História Regional (NPHR).¹³

Sob orientação da professora, outra atividade prática ocorrida em 2022 foi a oficina de higienização de documentos, apresentada pela monitora. A atividade teve seu início em sala de aula, quando a monitora apresentou, de forma prática, os processos necessários para realização da higienização de um documento histórico — como o uso de luvas e máscara para a manipulação do material, a utilização de pincéis e o modo mais adequado para a

246

¹⁰ Sobre esse Acervo, consultar: <https://agencialagoamirim.com.br/acervo-tecnico/>.

¹¹ Vide: <https://www.bibliotheca.org.br/?playlist=19eb955&video=316c4d8>.

¹² Para maiores informações, consultar: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/museu-do-doce/>.

¹³ Cabe lembrar, ainda, que essas experiências haviam sido adaptadas anteriormente ao modelo do ensino remoto através da apresentação desses espaços por meio de vídeos com narração ou explicações descritas, porém as visitas presenciais foram consideradas muito mais empolgantes. Para saber mais sobre esses espaços, sugere-se, respectivamente: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/>, <https://wp.ufpel.edu.br/leh/inicio/>, <https://wp.ufpel.edu.br/lepaarq/> e <https://nphrufpel.wordpress.com/>.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

retirada de grampos de metal. Após instruções, a turma foi dividida em pequenos grupos e foram levados ao Núcleo de Documentação Histórica Beatriz Ana Loner (NDH/UFPEL) para que realizassem a prática da higienização em documentos históricos. Ressaltou-se, durante a realização da proposta, a importância da familiaridade dos estudantes com os conteúdos teóricos discutidos em sala de aula, conferindo visualidade aos conceitos e teorias estudados e proporcionando interação com os conteúdos dos documentos higienizados, pois despertaram interesse e apontavam para diferentes possibilidades de pesquisa. Nessa perspectiva, as experiências práticas no ensino de história voltam-se para o estímulo à compreensão e questionamento crítico. Como ressaltam Domiciano *et al.*,

[...] o ensino e a aprendizagem da História exigem pensar em caminhos que despertem interesse nos estudantes, que abram espaço para perguntar e responder, que possibilitem vivenciar experiências estéticas, conhecendo outras narrativas que sejam capazes de aguçar a sensibilidade e estimular transformações nas formas de pensar e de sentir as relações e as sociabilidades humanas. (2021, p. 53)

247

Outra atividade, bastante efetiva e bem recepcionada pelos alunos, foi a revisão de conteúdos, em perspectiva preparatória para a prova individual e final da disciplina. Nesse momento, foi elaborada uma proposta de revisão para a prova — a qual realizou-se no mesmo dia da avaliação, em horário anterior a ela, e caracterizou-se por diálogos da monitora com a turma para retirar dúvidas, relembra aspectos centrais sobre os textos e elaborar um mapa mental no quadro sobre os conteúdos.

Já ao final do semestre foi elaborado um formulário pela professora regente e pela monitora, o qual, posteriormente, foi enviado pelo e-mail institucional aos estudantes, a fim de receber *feedbacks* sobre o desenvolvimento e aproveitamento da disciplina e da monitoria, garantindo anonimato aos discentes que enviaram suas respostas. As sete perguntas propostas abrangeram o desempenho da monitora e o apoio pedagógico prestado. As respostas foram francamente positivas, destacando-se a interação, apoio e atenção recebidos, bem como a relevância da Oficina realizada e das saídas de campo.

Nas respostas, foram elencadas a importância da monitora em sala de aula para a facilitação na expressão e na retirada de dúvidas, para o compartilhamento de experiências e, principalmente, para a aproximação com os ingressantes. De maneira semelhante, foram ressaltadas as reflexões entre o ofício do historiador e os documentos, ampliando sua atuação não apenas no campo da pesquisa, mas também no tratamento documental, demonstrando efetivo entendimento sobre as discussões propostas. Ainda, metade dos estudantes que



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

responderam ao questionário demonstraram interesse em atuarem como monitores da disciplina posteriormente.

Considerações finais

Buscando conectar-se, no sentido mais amplo e humano dessa palavra, através de telas ou do contato presencial, ambas as experiências de monitoria descritas foram transformadoras. A oportunidade de exercer a função de monitora, em diferentes contextos, na mesma disciplina, foi também um meio para que o olhar sobre a sala de aula fosse modificado, além de promover, em relação aos estudantes-monitores, a adoção de “atitudes autônomas perante o conhecimento, impulsionando-os à responsabilidade e ao compromisso com a própria aprendizagem” (FRISON, 2016, p. 148).

Os resultados encontrados dialogam com perspectivas apresentadas em outras reflexões já realizadas sobre a aplicação e os impactos da monitoria no ensino superior como a colaboração na autorregulação da aprendizagem por parte dos alunos e monitores, sendo, portanto, a monitoria concebida enquanto uma “estratégia de apoio ao ensino” (FRISON; MORAES, 2010, p. 147). Compreendemos, ainda, que a monitoria colabora na formação docente, possibilitando “experiências profissionais aos alunos e futuros educadores” (FRISON; MORAES, 2010, p. 147), e apresentando aspectos positivos adquiridos como a autonomia, responsabilidade e o compromisso com o processo de aprendizagem (FRISON, 2016).

Foi possível perceber a construção e a sistematização de diferentes conhecimentos a partir das trocas, compreendendo que “o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que ele realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos [...]” (SANTOS, 2007, p. 137), sejam as trocas estabelecidas entre monitora e docente ou entre a monitora e seus demais colegas. Assim, o estabelecimento dessas relações possibilitou que estudantes e monitores aprendessem juntos, “sistematizando diferentes pontos de vista” (FRISON, 2016) e construindo estratégias distintas nos processos de aprendizagem. Indo ao encontro do que afirmam Bergmann e González Argüello (2024), consideramos a importância da formação digital para o ensino, apontando para a crescente demanda de atividades e projetos sendo desenvolvidos já neste meio.

Nesse aspecto, a prática da monitoria no ensino remoto apresentou ganhos, como o domínio de novas ferramentas para a colaboração junto a docente e o conhecimento de outras metodologias, solidificando o uso da plataforma virtual. Além disso, o desenvolvimento de uma capacidade digital docente e a implementação renovada de atividades do plano de ensino

248



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

a partir do uso de tecnologias (BERGMANN, GONZÁLEZ ARGÜELLO, 2024, p. 18) também foram fundamentais para as reflexões acerca da sensibilidade exigida no acompanhamento de diferentes trajetórias educacionais.

Por outro lado, como apontam Bergmann e González Argüello (2024, p. 18), observamos que dificuldades como a instabilidade de conexão à internet e a impossibilidade de observar a gestão da aula de maneira mais próxima apresentaram-se enquanto obstáculos no ensino remoto. Já no ensino presencial, o processo de observação e interação nas aulas pela monitora foi facilitado, favorecendo diálogos e questionamentos que não se restringiam ao espaço da sala de aula, mas o ampliavam para conversas de corredores, dúvidas rápidas e diálogos sobre o acompanhamento dos conteúdos.

Apesar das distinções entre a prática da monitoria nas duas experiências acima apresentadas, consideramos que ambas colaboraram para a formação da monitora e em seu envolvimento com os processos de ensino e aprendizagem, sendo possível observar a necessidade de adaptações e a imprevisibilidade no trabalho docente (BERGMANN, ARGÜELLO, 2024, p. 3). Compreendendo a interação e a cooperação enquanto “estratégias pedagógicas que mais mobilizam os processos de ensino e de aprendizagem” (FRISO; MORAES, 2010, p. 157), é que foram ordenados os esforços nos dois momentos para gerar proximidade e favorecer a colaboração coletiva ao longo dos semestres, a qual consideramos ter sido alcançada.

Apesar das dificuldades e limitações encontradas, consideramos que a prática da monitoria no ensino remoto (2021) e no ensino presencial (2022) na disciplina de Introdução ao Estudos de Acervos tenha sido positiva em diferentes níveis. Seja de modo a colaborar no processo de aprendizagem dos estudantes, na formação docente da monitora e na possibilidade desta em relacionar-se de maneira distinta com o conhecimento, inclusive ampliando o impacto dos elementos afetivos nas relações e no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, inserindo as discussões e os resultados das reflexões propostas acima no âmbito do ensino de História, consideramos que

A História, em definitivo, não é a mestra da vida, mas ela nos permite olhar pelo retrovisor e perceber que esta não foi a primeira vez, e seguramente não será a última, que enfrentamos situações disruptivas no cotidiano escolar e na vida social, seja em escala reduzida, seja em escala ampliada. Quiçá, ao nos reconhecermos humanos e frágeis, possamos mobilizar nossos esforços para inventar novos caminhos e produzir novas respostas para mudar as estruturas e ações que sabemos já não nos servirem mais. Podemos aproveitar esta época tão singular, em um tempo tão estranho, em que experimentamos tamanhos desconfortos e deslocamentos, para perguntar, ousadamente: daquilo que somos e daquilo que fazemos, o que queremos e o que podemos mudar? (CAIMI, MISTURA, MELLO, 2021, p. 22)





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Através dos relatos de experiências apresentados, especialmente em relação às comparações e distinções entre ambos, buscamos compartilhar desafios, dificuldades, estratégias e atividades que estiveram presentes ao longo dessas experiências nas diferentes modalidades de ensino relatadas. Logo, a partir das reflexões sobre a importância das práticas de monitoria no ensino superior — que não se esgotam neste ponto final — objetivamos colaborar para a sua compreensão enquanto uma “troca mútua de conhecimento, que beneficia a solidificação de um ensino público de qualidade e abrangente a todos” (SILVA *et al.*, 2023, p. 4), gerando constantes questionamentos e mudanças em seus agentes e em suas práticas.

Referências

ALMEIDA, Ricardo Santos de. A monitoria no Ensino Superior: revisão integrativa de literatura com ênfase para a preparação docente. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema/AL, vol. 4, nº1, p. 143-158, jan./abr. 2019.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTTO, Heloisa. Da administração à história: ciclo vital dos documentos e função arquivística. In: BELLOTTTO, Heloisa. **Arquivos permanentes**. Tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BERGMANN, J. C. F.; GONZÁLEZ ARGÜELLO, M. V. As práticas no ensino remoto: uma oportunidade para o desenvolvimento da competência digital docente. **Perspectiva**, 42(1), 2024, p. 1–21.

BRASIL. Universidade Federal de Pelotas. **Resolução nº 32, de 11 de outubro de 2018**. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/10/SEI_UFPel-0312781-Resolu%C3%A7%C3%A3o-32.2018.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

BRITO, Eliana Povoas; HEIDEN, Roberto. Entre a reestruturação e a expansão das universidades federais brasileiras: movimentos que singularizam a travessia da Universidade Federal de Pelotas. Didasc@lia: **Didáctica y Educación**, v. 04, p. 15-26, 2011.

250



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BROILO, Liane; NETO, Gilberto Broilo. Pandemia 2020 e a EaD: o impacto do Covid-19 no ensino brasileiro. **Rev. ECCOM**, v. 12, n. 23, p. 139-150, jan./jun. 2021.

CAIMI, F.; MISTURA, L.; MELLO, P. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 37, p. 09-23, 28 jul. 2021.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA ESCOLA PARA FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL DA FUNDAÇÃO CASA – SP. **Conservação de documentos: Higienização e Organização**. CPFOC/NDA, 2012/2014.

COSTA, J. C. V. da.; PEREIRA, A. de A. Ensino de História em tempos de pandemia. **Revista História Hoje**, v. 11, n. 23, p. 209–230, 2022. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v11i23.914>

DANTAS, Otilia Maria. Monitoria: fonte de saberes à docência superior. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**. (online). Brasília, v. 95, n. 241, p. 567-589, set./dez. 2014.

251

DIAS, Ana Maria Iorio. A monitoria como elemento de iniciação à docência: ideias para uma reflexão. In: SANTOS, Mirza Medeiros., LINS, Nostradamos de Medeiros (orgs.). **A Monitoria como Espaço de Iniciação à Docência: Possibilidades e Trajetórias**. Coleção Pedagógica. Natal: EDUFRN, 2007, p. 37-44.

DOMICIANO, D.; KRAMES, I.; DE SOUZA, M.; CAMPOS, S. O ensino de história diante dos discursos negacionistas e revisionistas no contexto da pandemia. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 37, p. 45-60, 28 jul. 2021.

DRUMOND, Maria Cecília de Paula. Preservação e conservação em museus. In.: **Caderno de Diretrizes Museológicas**. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. MORAES, Márcia Amaral Corrêa de. As práticas de monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens discentes. **Póiesis Pedagógica**, v. 8, nº2, p. 144-158, ago./dez., 2010.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Pro-posições**, 27(1), p. 133–153, 2016.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

GILL, L. A.; PEREIRA, L. T. Os egressos e as egressas do curso de Bacharelado em História da UFPel: inserção laboral e adequação curricular. In: MICHELON, Francisca; Ana Bandeira; Paula Lima e Letícia Zimmermann (Org.). **Conexões para um tempo suspenso: extensão universitária na pandemia**. Pelotas: Editora da UFPel, 2020, v. 1, p. 82-98.

GILL, Lorena Almeida; MANKE, Lisiane Sias (orgs.). **Memórias de formação: os 40 anos do curso de Licenciatura em História da UFPel**. Porto Alegre: Casaletas, 2021.

LONER, Beatriz Ana; GILL, L. A.; MAGALHAES, M. O. (Orgs.) **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017.

MIRANDA, Márcia Eckert. Os arquivos e o ofício do historiador. **Anais eletrônicos do XI Encontro Estadual de História ANPUHS**. Rio Grande, 2012, p. 900-911.

NUNES, João Batista Carvalho. Monitoria acadêmica: espaço de formação. In: SANTOS, Mirza Medeiros., LINS, Nostradamos de Medeiros (orgs.). **A Monitoria como Espaço de Iniciação à Docência: Possibilidades e Trajetórias**. Coleção Pedagógica. Natal: EDUFRN, 2007, p. 45-57.

PAES, Marilena Leite. Arquivos Permanentes. In.: **Arquivo – teoria e prática**. 3ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004. p. 121-146.

RAMALHO, Betania Leite. Reflexões sobre o ensino e o exercício da docência no ensino superior. In: SANTOS, Mirza Medeiros., LINS, Nostradamos de Medeiros (orgs.). **A Monitoria como Espaço de Iniciação à Docência: Possibilidades e Trajetórias**. Coleção Pedagógica. Natal: EDUFRN, 2007, p. 11-26.

SANTOS, Betina Stern dos. Vygotsky e a teoria histórico-cultural. In: LA ROSA, Jorge (Org.). **Psicologia e educação: o significado do aprender**. 9. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 121-147.

SENKEVICS, Adriano Souza. A expansão recente do ensino superior: cinco tendências de 1991 a 2020.: **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais: Cenários do Direito à Educação**. v. 3 n. 4 (2021); p. 199-247.

252



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

SILVA, Ana E. V. SILVA, Eyshila C. da. PEREIRA, Maria R. de. KOPANYSHYN, Emanuelle. Monitoria de História: um processo de aprendizagem mútua. **15ª Jornada Científica e Tecnológica**. 12º Simpósio de Pós-Graduação IFSUL – MG, p. 1-4, 2023.

TEODORO, António. Educação superior e inclusão, tendências e desafios no século XXI. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 22, n. 2, p. 225-238, jul.-dez. 2013.

Universidade Federal de Pelotas. Curso de História. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em História**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/historia/files/2021/02/PPC_Bacharelado-1.pdf. Acesso em: 16 de junho de 2024.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HUMANIDADE À BEIRA DO ABISMO: RESSONÂNCIAS DO CICLO DE COLÓQUIOS INTERNACIONAIS DO MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB (2024-2026)

Tayara Barreto de Souza Celestino¹

Introdução

As diversas ações em museus pedagógicos e em museus de artes distribuídos pelo Brasil salvaguardam acervos enquanto desenvolvem propostas educativas que forjam novas identidades artísticas ou sujeitos artistas, mas principalmente garantem a partilha do sensível em comunidades onde estão inseridos. Tal é o caso do Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) ao reunir contribuições com relatos, experiências e investigações acadêmicas ligados a temas locais e globais, apresentando-se como um equipamento dedicado à educação formal, às iniciativas da sociedade civil organizada e atuando à semelhança de museus comunitários nos quais são criados acervos artísticos, salvaguardados ou expostos mantendo-se o diálogo com o conceito de estética voltado para o ensino da arte.

Assim como os museus pedagógicos, os arquivos públicos, os centros de cultura e diversas instituições culturais distribuídas no território brasileiro, o Museu Pedagógico da UESB desenvolve diariamente ações que fundam práticas culturais e que educam as pessoas para a percepção artística e para a partilha de movimentos sensíveis nas artes, que tocam pessoas e forjam sujeitos artistas. Tal partilha diária é elemento-chave na filosofia da estética e na filosofia do ensino da arte, à medida que possibilita que emoções, afetos, sentimentos,

254

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista pós-doc pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Museóloga, doutora em Sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFS), mestra em Culturas Populares pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT/UFS), especialista em Museografia e Patrimônio Cultural pelo Claretiano Centro Universitário (Batatais/SP) e em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, (IFES). Bacharela em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciada em Artes Visuais pelo Claretiano Centro Universitário (Batatais/SP). Integrante do Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (Labeurc-CNPq-UFS). E-mail: tay.celestino@gmail.com.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

vontades, verdades se convertam em experiências concretas de partilha coletiva, educando para a liberdade da criação artística humana, despojada de preconceitos e interdições.

Integrando a programação do sétimo ciclo ibero-americano de diálogos contemporâneos, apresento o artigo “Humanidade à beira do abismo: ressonâncias do ciclo de colóquios internacionais do Museu Pedagógico da UESB (2024-2026)” que objetiva apresentar o atual ciclo expositivo do Museu Pedagógico Casa Padre Palmeira, espaço museal referendado na comunidade baiana, nordestina, sertaneja e do povo conquistense, mantido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) que mantém agenda bienal de colóquios nacionais e internacionais, cujas ressonâncias se mantêm grafadas por processos de musealização em seu endereço fixo, localizado na cidade de Vitória da Conquista/BA/BRA.

O último ciclo inaugurado em 2024 e mantido por exposição aberta ao público, com acesso livre e gratuito estendendo-se até 2026, coloca no centro do debate pedagógico a hora da humanidade, isto é, a demarcação do relógio dos tempos, uma referência que aproxima a proposta museal com a leitura dos tempos de Norberto Bobbio em “A era dos direitos” (2004), quando o critério do respeito ou desrespeito aos direitos humanos foi considerado o demarcador do futuro da humanidade.

Com uma exposição permanente à margem direita da entrada de cada visitante contando a história da educação em Vitória da Conquista/BA liderada no decorrer do século XX pelo Padre Palmeira, a margem esquerda do espaço museal mantém um corredor alertando para as recentes ameaças à democracia brasileira, seguido de entradas em ambientes que reluzem o jornalismo local, as suturas nas memórias de povos conquistados na América Latina, finalizando com um ambiente que sugere um momento pós-apocalíptico mediante uma instalação artística que toca na possibilidade do abismo com a quebra dos laços que ainda unem a experiência humana no planeta terra.

À beira do abismo: ressonâncias do Museu Pedagógico da UESB

Em “A era dos direitos” (2004), Norberto Bobbio inverteu a lógica das explicações históricas a respeito da humanidade, especialmente a que empregava o conceito de “revolução” como o destino da história. Não inverteu a lógica para fazer uma “história em migalhas” (DOSSE, 1992), provida de teoria e método, todavia sem o conceito que acompanhou a história como vida, tarefa, destino, lugar final, fado, a exemplo das escrituras. Sem olhar para o passado de destruições da humanidade, Bobbio (ano) recomendou a leitura dos tempos a partir da observação do respeito ou desrespeito aos direitos humanos. Quando a humanidade, seus

255



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

líderes e povos desprezam a democracia, empreendem golpes, suspendem liberdades individuais, pregam violência e ódio, perseguem, torturam, quando os preconceitos ganham a esfera pública e quando não se está mais seguro no mundo, eis o momento do apocalipse, eis o relógio do fim dos tempos apontando para a destruição. Um cenário final, espelhado em imagem a seguir:

Imagem 1 – Instalação artística no Museu Pedagógico da UESB (2025)



256

Fonte: Acervo pessoal (2025)

A instalação assinada e concebida por Vinícius Gil – Purki, coordenada com montagem de Edilando Ferraz, produção de Tamara Cherquer e montagem plural, assinada por Xandy Barros, Abel Teixeira, Renato Souza, Gabriel Alves, Afrânio Barbosa, Alison Ferreira, Rafael Oliveira, Marcelo Vinícios e Douglas dos Santos entrega uma proposta para o Museu Pedagógico da UESB, cujo ciclo iniciado em 2024 se estenderá até 2026, com o tema “humanidade à beira do abismo” apresentando temas locais e globais que evocam a nossa responsabilidade diante das catástrofes climáticas, dos movimentos que pretendem destruir democracias ou atentar contra a sobrevivência de povos originários nas américas, temas que



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ressoam no ambiente desde o início do último ciclo de colóquios internacionais do Museu Pedagógico da UESB, ocorrido no ano 2024 na cidade de Vitória da Conquista, no sudoeste do Estado da Bahia, Brasil.

Com o compromisso na defesa da democracia, o Museu Pedagógico da UESB mantém um corredor da democracia alertando para os riscos da perda de conquistas históricas recentes no Brasil. Quando José Murilo de Carvalho entregou “Democracia no Brasil” (2014), havia passado um ano das chamadas jornadas de junho, quando a esperança por mais democracia animou os primeiros movimentos e ativistas sociais espalhados no Brasil. Com o tempo, as esperanças de aprofundamento da democracia se transformaram em ataques às liberdades e às instituições brasileiras, concretizadas com um impeachment político que destituiu uma presidenta legitimamente eleita pela maioria do voto da população brasileira, para colocar em seu lugar a chamada “ponte” para um futuro incerto, de desregulamentações excessivas, de retirada da ação social do estado e de aprofundamento do modelo neoliberal e de necropolítica (MBEMBE, 2018).

Os anos seguintes, entre os fins de 2019 a meados de 2022, foram marcados por tãtatos e hades, por ausência de vacinas e uma sanha de abertura dos mercados, quando a população desprovida de recursos teve que enfrentar as ruas com a doença, enquanto lideranças em seus ambientes seguros pregaram a abertura do comércio e a ilusão da normalidade. O cenário de destruição se aprofundava e as conquistas sociais de um país continental como o Brasil, cujos líderes não pensaram a república para o povo (CARVALHO, 2014), até quando posteriormente obteve-se educação e saúde públicas depois da Constituição de 1988. A longa caminhada de uma civilização tropical foi com constante altos e baixos, com duas ditaturas entre fases de experiências democráticas.

O relógio do fim dos tempos parecia estar bem próximo do fim com o genocídio ao povo Yanomami, com os movimentos antivax pregando que populações inteiras negassem vacinas, agravando a catástrofe anunciada. Desde o ciclo de 2024 e até antes de novembro de 2026, o Museu Pedagógico da UESB faz o convite a esta reflexão a todos que o visitam, a humanidade nunca esteve tão a beira do abismo, o que não se caracteriza como um fatalismo, mas como um alerta para que as próximas gerações tenham o direito de existir. Os atos dos governos entre 2016 e 2022 no Brasil foram de estímulo para o desrespeito aos direitos sociais e posteriormente aos direitos humanos, com a derrota eleitoral dos golpistas em 2022, um ato final foi ensaiado e executado num domingo, 08 de janeiro de 2023, quando a esplanada e o Supremo Tribunal Federal (STF) foram invadidos, depredados, o que poderia ter sido ainda mais absurdo quando seus líderes chegaram a planejar o confronto na posse do presidente Lula no domingo anterior.

257



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Com todas as contradições em torno dos limites da democracia brasileira, o fato é que as vitórias recentes do campo democrático não garantem que o risco apontado em tom de alerta esteja completamente afastado. O Museu Pedagógico da UESB, com sua tradição pedagógica, neste momento ensina a todos os seus visitantes a estarem sempre alertas, pois as ameaças às liberdades individuais e o discurso de ódio seguem sendo empregados para a pavimentação de um caminho de retomada do poder de forças antidemocráticas, destruidoras de expectativas de afastamento do fim.

Considerações finais

A visitação ao Museu Pedagógico da UESB confere condições de reflexão sobre o risco da chegada do relógio do fim dos tempos, no caso brasileiro diante do desrespeito aos valores democráticos durante o ciclo Temer-Bolsonaro. A retomada da ordem democrática não garante absolutamente que o retorno de forças antidemocráticas ao poder na república brasileira se torne uma realidade no futuro, sendo fundamental a tarefa de manter as portas dos museus abertos tal como ocorre neste momento em Vitória da Conquista/BA/BRA, para que visitantes, estudantes, moradores, crianças, jovens e idosos compreendam o quanto o destino da humanidade está diluído nas mãos de cada pessoa.

A imersão no tema que animou os dois colóquios internacionais no ano de 2024 seguem repercutindo na cidade, na Bahia, no sertão, no Nordeste brasileiro e no Brasil, chamando a atenção de todos para que se cuide de nossos tempos e para o adiamento do relógio fatal. O cenário de luzes representando a radiação e dos entulhos em sinal de destruição nas cores cinza e branca, os sons estrondosos e a passagem única por caminho único com destino a um túnel eterno de destruição são formas de partilhar pela sensibilidade artística a tragédia. Tal como o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado ao retratar a elegia (DANTO, 2015), a instalação do Museu Pedagógico da UESB exalta o fim com beleza. Esperamos todos que esta não seja a única solução possível e que a elegia deste museu referencial nos sirva de alerta.

Referência

BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DANTO, Arthur C. *O Abuso da Beleza*. Tradução de Paulo Sussekind. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. Tradução de Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Edunicamp, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *Democracia no Brasil*. Editora: Companhia das Letras, 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HISTÓRIA NEFASTA: CORPO, CRIME E ESTUDOS SOBRE SERIAIS KILLERS

Célia Nonata¹

Igor Araújo²

Introdução

Atualmente, as análises sobre o fenômeno da violência e da criminalidade tem buscado cada vez mais interpretações que se aproximam da questão cultural, para além dos aspectos sociais e políticos. Isto proporciona uma verificação sobre a permanência da aceitabilidade do fenômeno para uma dada sociedade, independente do viés da legalidade do uso da violência. A contribuição desse artigo está em apresentar uma proposta historiográfica que ofereça a problematização da criminalidade e da violência num diálogo interdisciplinar e atual, através da história cultural, particularmente da história do corpo. Neste viés, buscamos perceber que a linguagem ritual, os símbolos e as dimensões comportamentais dos crimes seriais, são a ossatura de uma inteligência criminal, cuja mentalidade dialoga com a sociedade em tom sombrio.

Essa inteligência nefasta, além de outros elementos, nasce de uma existência isolada, fragmentada e brutal, cujos indivíduos tem admiração pela maldade, desprezo pelo corpo e sem vínculos sociais. Esse tipo de comportamento tornou-se visível nas sociedades modernas, principalmente a partir dos contextos totalitários no século XX (ARENDT, 2016), onde a falta de relações sociais normais, a solidão e o desprezo pelas regras do bom senso oportunizaram regimes políticos brutais. Contudo, percebemos que esse comportamento não ficou preso apenas aos contextos políticos. Na verdade, esses indivíduos são herdeiros das sociedades modernas que, pela precarização da educação, desprezo de valores e individualização extrema, transmitiram-lhes um vazio de pensamento, onde “*nós serial killers somos seus filhos*” (CASOY, 2014, p. 97). Neste aspecto, existe uma aproximação

260

¹Professora doutora em Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Associada IV do curso de História da Universidade Federal de Alagoas, onde coordena o grupo de pesquisa História Social do Crime (CNPq) desde 2010. É autora dos livros: *Entre Lobos: femicídio e crimes passionais em Alagoas*. 2024. (2 edição); *A Teologia da Libertação em Fontes Documentais* (2024); *Territórios de Mando: Banditismo em Minas Gerais, século XVIII*. (2005); além de vários artigos nacionais e internacionais sobre a temática da violência e criminalidade. celianonata@gmail.com

² Aluno graduando do curso de História Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, integrante do Grupo de Pesquisa do CNPq: História Social do Crime. igor.amorim@ichca.ufal.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

entre os movimentos totalitários e os serial killers, além do ódio e do desprezo que eles demonstram pelo ser humano, o corpo é para eles um troféu a ser conquistado e colecionado. Essa afirmação é compartilhada com Castheden (2011), onde ele inclui vários tiranos na lista de assassinos seriais. Ao fazer a diferença entre assassinos em massa e os assassinos seriais, ele estabelece tipos ou padrões desses assassinos que pouco variam em sua essência, a não ser a mudança de comportamento. Assim, no quinto tipo de assassinos em série ele destaca os sádicos tiranos totalitários que *“Heads of state have often been in the privileged position of legitimising their killing.”* (CASTHEDEN, 2011, p, 10). Existem autores que irão discordar como os estudos de Connelly (2011).

Estudar os crimes seriais é, portanto, ampliar os estudos sobre o fenômeno da criminalidade e contribuir para os estudos posteriores, como história do tempo presente (HOBSBAWM, 1997). Nesta empreitada, a ‘história nefasta’ tende a torna-se uma linha de pesquisa sobre um objeto específico da criminalidade que são os crimes de seriais killers, cujo documento peculiar são as peles humanas transformadas em documento e memória.

Desde o início a proposta da História Social do Crime, uma vertente de pesquisa da Historiografia Inglesa orientada para as pesquisas sobre a temática da criminalidade, foi contribuir para uma profusão de trabalhos sobre o tema estudando os bandidos e os motins na época moderna inglesa, e que ainda são registros para as análises de quaisquer trabalhos. Um dos argumentos centrais nesta perspectiva de análise demandou estudos exaustivos sustentados pela relação pobreza-crime. A criminalidade seria analisada a partir do processo de exclusão social, pauperização e desigualdades econômicas, que inevitavelmente incidiam sobre as classes operárias e o *‘lumpem’* proletariado. A proposta foi apurada pela Tese da Privação Relativa e Absoluta, ainda vigentes para o entendimento da criminalidade nas sociedades modernas e defendidas concomitantemente por Merton (1970) e Messner (1980). Ainda, a História Social do Crime considerava importante as análises sobre as classes excluídas, demandando não apenas uma outra metodologia mais quantitativa, como também identificando as rupturas sociais nas mudanças da criminalidade. O historiador inglês, Lawrence Stone (1983), a este exemplo, ao analisar a violência interpessoal na Inglaterra entre os anos de 1300 a 1980, constatou tanto uma mudança na atitude pública perante o crime, quanto a publicação de novas leis e uma maior sensibilização da população, influenciando negativamente nos índices da agressão. O autor concluiu que a introdução de uma força policial no século XIX na Inglaterra foi responsável pelo declínio da violência e da agressão. Autores que se inserem nessa perspectiva são sustentados pela tese de Norbert Elias (1994) sobre o processo civilizador e reiteram, através de evidências documentais, um acentuado declínio dos homicídios a partir do século XVII e que se estende até o Oitocentos. O que só

261



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

foi possível pela implementação de políticas públicas de ordenação do tecido social e aumento da força policial. Notadamente, a monopolização da violência se fez pela atuação crescente do Estado, acompanhada pela organização de uma força policial e por um processo sócio psicológico de pacificação do instinto agressivo.

Jean-Claude Chesnais (1998) ao contrário, irá perceber a manifestação da violência como uma ação invariavelmente objetivada sobre as famílias. Sem se preocupar com estes modelos explicativos de aumento ou diminuição na incidência de crimes, Chesnais apenas constata a permanência da violência nas sociedades ocidentais e suas múltiplas formas de manifestação em cada momento histórico. Com efeito, as famílias, estes pequenos núcleos humanos, sempre foram afetados em sua constituição íntima pelo ódio humano em todas as épocas históricas. A destruturação dos lares se dá seguramente pela violência incontrollável que os margeia, justificada tanto pela fome, quanto pela idolatrada honra nos séculos passados. Beattie (1974), por sua vez, defende um aumento na proporção dos crimes durante o século XVIII na Inglaterra graças a criação da '*Reformation of Nauners*', cujo objetivo era ajudar a conter os crimes e demais desordens e violências. Porém, o resultado verificado foi outro, uma vez que a extensão da pena de morte para os homicídios contra a propriedade e outros atos violentos considerados insignificantes no período posterior, levou a um aumento gradual tanto dos registros das prisões, quanto dos julgamentos nos tribunais.

Esses debates sobre o aumento da criminalidade foram muito profícuos para a historiografia criminal, evoluindo em sua extensão de análises e interesses aos sujeitos criminosos. Neste aspecto, os estudos sobre banditismo, enquanto fenômeno social, tiveram um grande alcance nas discussões acadêmicas, possibilitando o surgimento de várias análises sobre o assunto. Das revisões teóricas que têm sido feitas, a primeira colocação faz-se com relação ao clássico *Bandidos* (2001) de Eric Hobsbawm, que influenciou a criminologia latino-americana com modelos de interpretação, tanto para formas de banditismo individual, como para grupos marginais.

No início dos anos 90, as análises da violência interpessoal e do crime concentraram-se num diálogo com a vertente francesa da Escola dos Annales, buscando desta forma contribuir com elementos diferenciados para o tema. A importância da cultura e dos aspectos rituais seriam valorizados, frente a dinâmica do conflito de classes. Metodologicamente a violência seguiria uma proposta a partir de dois modelos interpretativos e interdependentes: a violência instrumental (racional) que se traduz enquanto abordagem quantitativa. Ou seja, consideram-se apenas os índices de homicídios como indicação do grau de violência nas sociedades passadas. Um aumento ou declínio da proporção de homicídios nas dadas culturas traduz-se em resultados variáveis nos níveis de violência. A outra abordagem qualitativa, por sua vez,

262



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

situa-se no estudo da violência impulsiva e suas variáveis culturais. A ênfase da pesquisa qualitativa situa-se no campo do comportamento moral e ritual dos indivíduos; assim como o significado contemporâneo atribuído aos atos violentos.

Segundo Spierenburg (1994) a obra de Natalie Davis foi pioneira neste tipo de estudo. Ao analisar a violência enquanto ato simbólico para a purificação da comunidade francesa no século XVI, Davis buscou não apenas constatar um fato histórico, mas problematizar a manifestação da violência inserida dentro de um código moral religioso. Os estudiosos dessa linha têm proclamado que, até meados do século XVIII, a vida social dos indivíduos, suas atitudes e comportamentos eram moldados de acordo com as normas de conduta e as regras morais que caracterizavam o Antigo Regime, cujo teor valorativo se evidenciava tanto nos laços amorosos, quanto nas relações de ódio.

A partir daí, elementos culturais passaram a ocupar as análises da violência cotidiana nas sociedades europeias pré-industriais, relacionando-a aos conceitos de honra, infâmia, os insultos e até as celebrações festivas vigentes em sua época. Também, as análises de Pieter Spierenburg (1994), Ted Gurr (1970), Juian Pitt-Rivers (1992), Robert Muchembled (2008), Gregory Hanlon (2013), Jon Elster (1990) e outros têm possibilitado uma nova interpretação sobre a manifestação da violência interpessoal e da criminalidade no século XVIII, cujos resultados demonstram uma relação íntima entre a agressividade humana, o conflito e a exigência em se manter um espaço de aparências sustentado pela honra e pela virilidade masculina. A conduta violenta dos indivíduos objetivava não apenas a manutenção de uma posição de destaque frente aos demais. Buscava-se, antes de tudo, a distinção pessoal.

A importância do contexto histórico deve-se à capacidade em se perceber os elementos valorativos e as formas culturais que contribuem para a manifestação ou perpetuação das formas da violência. A descoberta dessas noções valorativas possibilita um novo entendimento das formas mais corriqueiras do viver em sociedade e a conjugação destas com a manifestação da violência, constatando-se não apenas os fatos históricos cruéis e sangrentos, mas uma trama histórica intimamente relacionada com as necessidades do homem. Essa violência ritual manifestava-se tanto nos crimes passionais tidos como racionais, já que o assassino elaborava um cálculo racional para cometer tal ato (mormente cometidos contra as mulheres infiéis em dias significativos, como o de Santa Maria Madalena), quanto em duelos e rixas familiares. Tais crimes eram classificados como atos impulsivos, cujo objetivo era o de lavar com sangue a honra dos envolvidos. Com feito, tanto a violência racional, que possui uma orientação estratégica de meios e fins, quanto à violência impulsiva pode, de acordo o com contexto histórico, orientar-se, cada qual, por um código ritual e moral das comunidades, estabelecendo elementos discursivos de análise.

263



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Elementos culturais como moral, ética, rituais, elementos simbólicos, as noções do lícito e o ilícito podem (e devem) ser utilizados na análise dos incidentes violentos de uma determinada sociedade, como defende Pieter Spierenburg (1994). Porém, para este pesquisador, a tendência atual é a de uma marginalização crescente dos aspectos rituais da violência e uma ênfase progressiva no caráter instrumental da ação violenta, já que a produção recente tem elaborado análises superficiais e meramente estatísticas, que não respondem à complexidade de tal fenômeno. Pois, a análise da violência exclusivamente abordada em seu caráter quantitativo, através de indícios documentais judiciais, apresenta inúmeros problemas: veracidade das fontes, poucos indícios, mudanças nas atitudes públicas de repressão e nos padrões dos crimes cometidos, aumento da população, sem mencionar as variações da economia, que influenciam as atitudes de sobrevivência dos agrupamentos humanos.

Seguindo esta abordagem da história cultural, o corpo torna-se um importante espaço de representação social por um grupo específico, que são os seriais killers. A construção da representação social do corpo pelos seriais é um processo de socialização imagética, onde a linguagem ritual é forma de comunicação, derivada de uma estrutura complexa de imaginários culturais. Então, o corpo passa a ser um elemento de socialização, onde se comunica de forma desumana, o que é do mais profundo das relações sociais.

A dificuldade em se analisar o corpo enquanto instrumento de linguagem, principalmente por parte desse grupo criminal específico, está na própria construção ritual e imagética que ele carrega, necessitando de estudos interdisciplinares para o entendimento desse documento específico em seu contexto histórico.

A ossatura de uma inteligência: a linguagem nefasta

Em nossas pesquisas, os seriais apresentam uma linguagem peculiar e singularmente comunicante à sociedade que é inseparável do religioso e do simbólico. Sabemos que “*a religião é algo eminentemente social. As representações religiosas são coletivas que exprimem realidades coletivas*” (DURKHEIM, 2022, p. 35). Essa linguagem nasce de discursos, comportamentos e rituais que remetem a um primitivismo de cultos mágicos, carregados de entendimentos sobrenaturais que são inteligíveis ao social e ao nosso mundo contemporâneo, mas propõem-se a negação da condição humana. Ou seja, essa linguagem nefasta apresenta-se a sociedade e ao mundo como o avesso do humano e da condição humana, fazendo com que sua forma de apresentação social transpareça como o contrário e o avesso de algo inaceitável.

Como repetição de cultos mágicos, o corpo é profanado, violado e circunscrito numa forma ritual e grotesca de poder e domínio, destinado a ser objeto de uma função social e complexa

264



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

de crença de quem o domina. Assim podemos identificar o ‘maníaco da cruz’, um famoso serial killer do Brasil que deixava suas vítimas em forma de cruz, onde “todos estavam com os braços abertos e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, como se tivessem sido crucificados”³. Esta maneira de comunicação pela dor e de forma sofrida faz parte da instrumentalização ritual, onde o objetivo é o medo. Neste aspecto, quando referimos a magia estamos referendando a diferença entre cerimônias “profanar as coisas santas” (DURKHEIM, 2022, p. 70).

O caso do "Maníaco da Cruz" revela complexas intersecções entre religiosidade popular brasileira e imaginário criminal. Como observa Vásquez (2011, p. 215), *"no contexto latino-americano, a religiosidade popular frequentemente incorpora e retrabalha elementos de diversas tradições, criando sincretismos que moldam profundamente a experiência cotidiana"*. Esta dimensão sincrética da religiosidade brasileira fornece um contexto cultural essencial para compreender o simbolismo presente nos crimes de Celestrino, tendo a presença de elementos religiosos em crimes violentos no Brasil uma continuidade significativa. Segundo Montero (2006, p. 48), *"desde o período colonial, observa-se uma tendência a interpretar crimes violentos com dimensão ritual através de categorias religiosas, frequentemente associando-os a práticas religiosas marginalizadas ou demonizadas"*. Esta tradição interpretativa continua a influenciar a compreensão contemporânea de casos como o do "Maníaco da Cruz", frequentemente enquadrados através de categorias que evocam o imaginário religioso tradicional.

O corpo violentado nos crimes com dimensão religiosa torna-se um território simbólico disputado. Como argumenta Birman (2009, p. 112), *"nos contextos onde a religiosidade permeia profundamente o tecido social, o corpo violentado frequentemente se torna local de inscrição e disputa de significados religiosos concorrentes"*. Esta perspectiva permite compreender como, no caso, o corpo das vítimas torna-se simultaneamente objeto de horror e superfície de inscrição de significados religiosos distorcidos. Os crimes seriais com forte dimensão simbólica frequentemente produzem impactos duradouros na memória cultural. Como observa Halbwachs (2006, p. 72), *"a memória coletiva seleciona e preserva acontecimentos que, por sua carga afetiva e simbólica, parecem condensar significados culturais fundamentais"*. O caso do "Maníaco da Cruz", por sua particular combinação de violência extrema e simbolismo religioso, possui potencial para se tornar um marco na memória cultural brasileira sobre crimes violentos.

Os assassinatos em série de Altamira no Brasil também apontam para este cenário. Entre os anos de 1989 a 1993, uma sequência de mortes cruéis de meninos adolescentes abalou

265

³ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/saiba-quem-e-o-maniaco-da-cruz-que-jogou-urina-em-policia-penal/>. Acessado em 17/06/2024.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Altamira, a começar com o achado do corpo do Evandro, um menino de 6 anos barbaramente torturado, emasculado e ritualizado. Depois ele, outros corpos de meninos começaram a ser encontrados do mesmo jeito. As mortes eram seguidas de rituais e torturas que incluíam castração, mutilação dos corpos, apresentando um quadro magia negra e satanismo, promovidos por Francisco das Chagas Brito, dois médicos e mais outros acusados⁴, todos com ligações a seita *Lineamento Universal Superior*⁵. Esse grupo não era apenas mais um simples consórcio da morte, como tantos que assolam a região. Era mais especializado, pois tinha ligações com magia e esoterismo. Organizado, fundado e solidificado em princípios sobrenaturais possuía muitos membros importantes e influentes, cujo líder era Valentina⁶. Valentina de Andrade Albuquerque liderava uma seita, que se tornou suspeita por uma série de desaparecimentos de meninos na década de 90 no Paraná, cujas mortes eram idênticas ao caso de Evandro em Altamira. Segundo ela, ‘a voz que ouvia’ ensinou tudo sobre o universo e sobre ‘verdades universais’. Porque os meninos eram emasculados e torturados? Segundo a seita, os meninos carregavam uma ‘riqueza energética’, que era preciso possuir (destruir) (MIZANZUKI, 2024, p,191).

A exemplo de vozes que guiam os assassinos, a história de Ted Bundy relata que seus crimes eram orientados por vozes que o induziam a cometer os atos. Ao contrário de uma incursão numa seita, Bundy começou a sua incursão ao mundo do crime através da pornografia violenta⁷. Mas, o que impressiona é o fato de que tinha prazer em possuir os corpos de suas vítimas, muitas vezes por necrofilia. Num total de 65 possíveis vítimas, Ted começou aos 14 anos ao matar seu vizinho de oito anos. Neste percurso seu padrão de assassinato foi sendo apurado e seu comportamento de dominação foi progressivo: “a mulher era dominada, espancada e algemada, antes de ser abusada e estrangulada”⁸. Independente do pretexto, o serial killer deseja controle sobre o corpo do outro. Uma necessidade de controlar alguém até o limite da morte. A história de Ted Bundy repete-se em outros casos de seriais killers como o de Dennis Rader conhecido com as siglas que ele mesmo se identificava: BTK (amarrar, torturar e matar). Também gostava de pornografia e sadismo, mas diferente do anterior, Dennis matava homens e mulheres pois a morte lhe dava prazer. Em seus relatos BTK tinha prazer em matar, ter domínio sobre os corpos das mulheres.

266

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/07/cotidiano/36.html>. Acessado em 11/06/2024.

⁵ <https://www.estadao.com.br/brasil/mecanico-e-condenado-a-63-anos-de-prisao-por-matar-criancas/>. Acessado em 11/06/2024

⁶ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/04/valentina-de-andrade-absolvida-em-caso-de-emasculados-no-para-morre-no-pr.htm>. Acessado em 11/06/2024.

⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47220321>. Acessado em 11/06/2024.

⁸ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47220321>. Acessado em 11/06/2024.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Josephine, quando eu a enforquei realmente me deixou com tesão; ela implorando por misericórdia depois a corda aperta, ela indefesa; me encarando com olhos cheios de terror a corda apertando mais e mais. (WENZL, 2019, p. 89)

Um cemitério de ossos como herança de BTK e seus escritos como narrativas de ânsia no controle total do ser humano. O corpo tem que ser dominado, domesticado e controlado.

Vou encher sua boca até você até você não conseguir falar
Vou amarrar suas pernas até você não conseguir andar
Vou amarrar suas mãos até você não conseguir resistir.
E finalmente vou fechar seus olhos para que você não consiga ver
Vou levar uma morte sexual a você para o meu ser. (WENZL, 2019, p. 260)

Assim como Bundy, BTK gostava da prática de pornografia violenta e tinha um ‘amiguinho’ com ele. Como relatou: “O amigo, disse, era um sapo imaginário que ele batizara de ‘Batter’ (espancador). Em tempos recentes, fizera o desenho de um sapo alado sorridente nos envelopes de sua correspondência” (WENZL, 2019, p. 369).

O ‘palhaço assassino’ assemelha-se a BTK por levar uma vida normal sem suspeitas. Mas, Gacy colecionava os corpos em sua casa. Além de vários jovens abusados, antes de praticar os assassinatos, como consta no seu relato, Gacy mudou de tática ao longo do tempo. Começou a matar os jovens que abusava e colecionar seus corpos em sua casa. Gacy tornou-se mais violento com o tempo, usando praticas severas de sadismo até a morte por estrangulamento. Inspirava-se em outro assassino serial Dean Corll, que também matava meninos e jovens com práticas de sadismo.

Gary Ridgway foi outro exemplo de vida normal, mas que possuiu uma extensa lista de crimes seriais contra as mulheres trabalhadoras do sexo. Ele tinha uma propensão para o sadismo, sexo violento e perversão. Algumas vezes praticava necrofilia e por isso muitas vezes deixava os corpos onde pudesse voltar perto do Green River. Os corpos não significavam nada, assim como as mulheres. Esse comportamento de desprezo pelo corpo, pelo humano também pode ser identificado nos assassinatos em série do ‘assassino do tabuleiro de xadrez na Rússia. Alexander Pitchuchkin matava suas vítimas para completar seu tabuleiro de xadrez a marteladas, e depois jogava os corpos no poço de água ou em esgotos. Tinha prazer em matar, sentia-se como Deus, pois tinha o poder de vida sobre a vida. Além de gostar de ver os relatos na mídia de seus crimes: “para mim, viver sem matar, é como para você, viver sem comer”. Um exemplo muito parecido com o ‘carniceiro de Rostov’, o Estripador Vermelho ou simplesmente ‘um lobo esquecido’ (CASOY, 2014). No meio social de miséria e violência,

267



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



nascia um dos seriais mais emblemáticos da história criminal. Membro do Partido Comunista na URSS e professor, Chikatilo especializou em assassinar mulheres com requintes de crueldade, canibalismo e mutilação. Fervia e cozinhava os órgãos sexuais de suas vítimas e comia. Assim, também o chamado ‘Vampiro de Sacramento’ (CASOY, 2014). O assassino serial Richard Chase bebia o sangue das vítimas e comia as vísceras para se manter vivo. Um repertório seguido por Dahmer, o canibal de Wilwaukee, que estuprava, canibalizava e mantinha relações com os cadáveres que colecionava. Dahmer ainda jovem matava animais e bebia seu sangue. Ele tinha um fascínio pelo corpo cadavérico, pelos ossos e pelo domínio de possuir a vítima, qual mantinha relações depois de mortos. Decapitava os seus mortos, guardava as vísceras para comer mais tarde e mantinha as cabeças guardadas até o ponto de putrefação. A casa de Dahmer era um cemitério de corpos que ele usava e guardava para meditar, queria fazer um altar para colocar as cabeças, mas não houve tempo pra isso. Dos seus dezessete assassinatos, um era homem branco e outro indígena, sendo o restante de homens negros americanos (CASOY, 2014).

O desumano também está descrito em Dennis Nilsen^{9 10} que transformava os cadáveres em manequins, vivendo com ele. Quando os corpos não serviam mais, descartava pela privada. O fascínio pela morte é algo comum em todos os seriais killers. O anjo cruel chamado Dodd é um caso exemplar de ódio ao ser humano pelo canibalismo, mutilação e depravação sexual a crianças. Mas Dodd iria além, ele queria ver o sofrimento das suas vítimas. Havia um desprezo pelo corpo e pela vida, fazendo com que essas mortes transformassem em uma linguagem angustiada. Os corpos são usados como objetos, desprovidos de humanidade. O caso de Dodd é emblemático porque ele começou desde sua infância com atos de crueldade e nunca parou (CRUZ, 2024). Numa evolução constante chegou ao ponto de não aguentar mais viver e pedir para ser morto.

“Nós serial killers somos seus filhos e estamos em toda parte”

Esta frase de Bundy é a mais profunda constatação de uma sociedade moderna completamente destituída de um projeto humanista. O criminosos seriais são filhos de uma sociedade moderna, herdeiros de uma massificação sem precedentes. E como processo social, estão em toda parte. A constatação é uma realidade social moderna constituída por

⁹ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/05/09/serial-killer-que-transformava-cadaveres-em-manequins.htm>. Acessado em 12/06/2024.

¹⁰ <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/dennis-nilsen-o-necrofilo-escoces/358588928>. Acessado em 12/06/2024.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

indivíduos massificados, produzidos sem nenhum princípio de bondade ou humanidade e carentes de solidez humana.

O estudo do corpo para além de ser intrigante nestas histórias é a constatação das mazelas de nossa sociedade moderna. Ele não é apenas vitimizado, mas profanado, humilhado e desprezado. Corpos humilhados e domesticados são a tônica da discussão sobre este objeto. Mas nada mais convincente de um processo desumano que as experiências de criminosos seriais. O corpo é uma mercadoria a ser possuído. Algo parecido com as somas de corpos mutilados e consumidos pelos regimes totalitários.

Tudo isso revela a sociedade contemporânea e sua relação com o corpo, com o humano. A forma como os seriais tratam o corpo é o limite das relações como a maioria dos indivíduos tratam os corpos transeuntes. A modernidade líquida fragiliza a relação humana e consequentemente o corpo torna-se objeto num mundo de valores mercadológicos, desumanizado e desfigurado. A transformação da pessoa humana como coisa é um dado histórico da banalidade do mal e sua radicalização no século XX sintomático do totalitarismo (SOUKI, 1998).

Enquanto nas sociedades passadas o corpo era entendido como algo sagrado, valorizado e respeitado. Em nossa sociedade atual, o corpo é maciçamente desprezado, ao ponto de tornar-se um objeto desprezível e coisificado nas histórias de seriais killers. O que o corpo tornou-se afinal em um mundo contemporâneo? Existe um processo rápido de dessacralização do humano, que ecoa no corpo, uma dificuldade de lidar com o corpo como algo respeitoso, “*com efeito pela queda dos ideais*” (DEL PRIORE & AMANTINO, 2011, p. 482). Neste aspecto, a constatação de uma sociedade líquida é notória onde,

Nossa época é marcada pela perda, ou pela extrema fragilização, daquilo que, antigamente, balizava a cultura: tradição, virtude, moral, senso comum, autoridade etc. (...). Essa desagregação do Ideal e dos elementos simbólicos que sustentam a armadura social é um dos fatores que parecem estar fortemente relacionados ao recurso à marcação do corpo ‘como gravura sobre si, em que o tecido social não exerce mais seu papel de fiador’. (DEL PRIORE & AMANTINO, 2011, p. 482)

Esta é uma constatação nos vários corpos mutilados, ritualizados e ‘marcados’ dos seriais killers comprovando essa perda de tecitura social, onde o criminoso usa os corpos como recurso ou busca de uma identidade significativa, ausente na sociedade moderna. Um contexto social cuja urdidura social é sentida como frágil, eles utilizam-se do corpo vitimizado como um escárnio, uma afronta e até um desprezo por essa sociedade liquefeita. O corpo vitimizado, colecionado, é uma demonstração de controle aparente em um mundo

269



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

líquido. Uma vez que a maioria os seriais não conseguiam viver socialmente, tinham dificuldades em lidar com as pessoas e alguns tinham histórico de vidas fragilizadas, os corpos formavam uma outra realidade social, como que uma anti-sociedade. O que explica o caráter colecionador. Entretanto, faziam isso de forma odiosa e cruel, pois sentiam o limite de uma existência social inexistente. Eles são produto de um meio social rarefeito, dessacralizado, desumanizado e materializado ao extremo.

Os crimes seriais são a demonstração e a constatação de uma sociedade moderna construída sobre escombros, que se manifesta na banalidade do mal, onde o corpo tornou-se um valor social substituto de antigos valores e significados relacionais necessários a uma vida social. O perigo está no vazio social, na perda de referências e vínculos sociais, dando lugar a uma sociedade sem classe, portanto, uma sociedade de massa. Um contexto latente para manifestação do mal radical tanto dos sistemas totalitários, quanto dos crimes seriais.

Assim, quando falamos de tirania, ou seja, ditadura reportamos sempre a prisão, tortura, sofrimento e mortes. Pois, nada mais semelhante quando começamos a pesquisar e estudar as histórias dos seriais killers. Estranhamente há uma semelhança de um regime político com a política de assassinato dos seriais: mesma banalidade do mal, mesmo desprezo pelo humano, mesma desordem que causa terror social e o mesmo controle sobre o corpo humano. A tirania do mal dos criminosos é a mesma de um poder totalitário que somente quer o poder, o consumo de seu prazer e a totalidade de sua vontade.

Muitas são as semelhanças entre essas duas tiranias. Todas são manchadas pela ausência de um humanismo, corrompendo a existência social ou individual. As tiranias do mal refletem-se igualmente num poder maligno, que avança à medida que domina e elimina corpos e ambos, poder político e seriais, fazem de forma autômata, movidos pelo ódio e desprezo. O uso e consumo dos corpos é um mesmo processo idêntico de desmoralização nas duas formas de domínio perverso. Seja na ditadura política, seja no domínio do serial killer a dialética da malignidade simplesmente ignora os rastros de vida, donde os corpos são o fim último desse empenho.

O que faz com que em nossa sociedade moderna haja uma tamanha aproximação entre os empenhos malignos? Talvez o desprezo pela inocência, pela moralidade ou pela dignidade humana. Se há uma aproximação entre ambos estaria nosso projeto humanista fracassado? Os assassinatos de serial killers não são formas rituais de culturas antigas, cuja morte tinha um significado de crença. Os assassinatos em série não são repertórios antigos de religiões proscritas. Mas são crimes com a única finalidade de satisfação pessoal, poder sobre a vida do outro, controle absoluto sobre a vida e o ódio ao corpo. O que definitivamente os aproximam da banalidade do mal presente em regimes totalitários em sua essência é a

270





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

radicalidade da maldade. Desde os regimes totalitários, o aparecimento das sociedades sem classe, portanto, do surgimento do homem massificado, sem vínculos sociais, infantilizado e desumanizado segue-se o mesmo padrão para a constatação da banalidade do mal.

Conclusão: para uma historiografia do nefasto

Diferente do que pensa Casoy (2014), entendemos que o serial killer, como homem massa, enxerga suas vítimas como objeto, coisa e algum tipo de diversão patética. Embora demonstrem ser inteligentes na busca por controlar suas presas, propagar o terror e garantir o consumo de cadáveres ao longo de um trajeto de vida, eles são completamente destituídos de humanidade. Com isso, podemos entender que existe uma inteligência do mal. Mas esta capacidade de ciência do mal produz também uma aniquilação completa do ser humano. O vazio existencial, aquele que se torna massa, a exemplo de Dodd que pede para morrer porque não aguenta mais o vazio da vida.

Assim, buscamos chamar a atenção com esse artigo para a problematização historiográfica de crimes nefastos como condicionantes de sociedades contemporâneas, que vivem em condições similares aos contextos históricos do totalitarismo. A massificação social, a redução do ser humano ao grau de desumanização condiz com a perda de referências sociais de uma sociedade moderna estruturada em classes e consciente de sua situação social.

Propomos uma história do nefasto, uma história nefasta, onde o estudo sobre a banalidade do mal não está circunscrito nos relatos dos campos de concentração dos regimes totalitários, nem nas coleções de corpos torturados das inúmeras ditaduras. O mal radical, ao contrário do que acredita-se, cria raízes em sociedades fragilizadas, sociedades que estão rapidamente perdendo vínculos sociais e se atomizando (ARENDT, 2000). Sociedades tipicamente modernas, características de indivíduos massificados e destituídos de percepção religiosa, do sagrado e do humano. Um processo descrito de Ortega Y Gasset (2016) emblemático para as sociedades atuais. Os serials killers de hoje assumem a mesma essência dos servidores do poder totalitário, porque ambos perderam sua alma.

Portanto, inserida na noção de história do tempo presente (HOBBSAWN, 1997) pretendemos ampliar a contribuição para os estudos sobre criminalidade e da história social do crime numa perspectiva mais contundente sobre os serial killers como produtos de sociedades de massa.

271



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Referências

Fontes primárias impressas:

- BBC, CNN, Folha de São Paulo, Estadão, Jusbrasil, UOL.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.

ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia. Das letras, 2000.

BEATO, Cláudio. *Crime e Cidades*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

BEATTIE, F. M. "The pattern of crime in England: 1660-1800". In.: *Past and Present*, 62 (1974). Pp. 45-95.

BIRMAN, P. "Feitiçarias, territórios e resistências marginais". In.: *Mana*. V. 15, n2. Pp.: 321-348, 2009.

CASOY, I. *Serial killers Made in Brazil*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2022.

_____. *Serial Killers: louco ou cruel?* Rio de Janeiro: DarkSide, 2014.

_____. *Arquivos Serial Killers: limited edition*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2017.

CASTLEDEN, Rodney. *Serial Killers: They Live to Kill*, Great Britain: Canary Press, 2011.

CHANDLER, Billy Jaynes. "Brazilian Cangaceiros as Social Bandits: A Critical Appraisal". In: SLATTA, Richard W. *Bandidos: the varieties of latin America banditry*. United States of America: Greenwood Press, 1987. Pp. 97-112.

CHESNAIS, Jean-Claude. *Historie de la violence*. Seuil. Paris, 1998.

272



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CONNELLY, P. *The Representations of serial killers*. Tese de doutorado. Departamento de filosofia da University of Stirling, 2010.

CRUZ, D. *Anjos cruéis*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2024.

DEL PRIORE, M & AMANTINO, M. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Edipro, 2022.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1994.

ELSTER, J. “Norms of revenge”. In.: *Ethics*, 100. Pp.: 862-885.

GURR, Ted. *Why men rebel*. New Jersey, 1970.

HANLON, G. “The Decline of Violence in the West: from cultural to post-cultural history”. In.: *English Historical Review*. V. 13, 2013. Pp.: 367-340.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Cia. Das letras. 1997.

MELLO, Frederico Pernambucano. *Estrelas de couro: estética do cangaço*. São Paulo: Editora Escrituras, 2012.

_____. Frederico. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil*. São Paulo: Girafa, 2004.

MERTON, Robert. “Estrutura Social e Anomia”. In.: *Sociologia: teoria e estrutura*. Rio de Janeiro: Mestre Jou, 1970. Pp.: 203-234.

MESSNER, S. “Income Inequality and Murder Rates: Some Cross-sectional Findings”. In.: *Comparative Social Research*. v. 3, p. 185-198, 1980.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MIZANZUK, I. *O caso Altamira: as investigações dos meninos emasculados*. Rio de Janeiro: Harpercollins, 2024.

_____. *O caso Evandro*. Rio de Janeiro: Harpercollins, 2021.

MONTERO, P. “Religiões no plural, Estado laico: reflexões sobre a atuação do Ministério Público”. In.: CUNHA, L. *Religião e Sociedade*. N. 26. Rio de Janeiro: SER. Pp.: 38-52.

MUCHEMBLED, Robert. *História da violência*. Edições 70: Lisboa, 2008.

O'MALEY, Pat. “Social Bandits, Modern Capitalism and the Traditional Peasantry. A Critique of Hobsbawm.” In: *The Journal of Peasant Studies*. Pp.: 489-501.

ORTEGA Y GASSET, J. *A Rebelião das Massas*. Vide Editorial, 2016.

PITT-RIVERS, Julian. “A Doença da Honra”. In.: CZECHOWSKY, N. *A Honra*, Porto Alegre, LPM, 1992. Pp.: 17-83.

RULE, Ann. *Ted Bundy*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2019.

SCHRECHTER, H. *Anatomia do mal*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2019.

SHILLING, C. *O Corpo: uma introdução histórica, social e cultural*. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

SOUKI, Nádia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SLATTA, Richard W. “Conclusion: Banditry in Latin America”. In: SLATTA, Richard W. *Bandidos: the varieties of latin America banditry*. United States of America: Greenwood Press, Inc., 1987. Pp. 191-200.

_____. “Images of Social Banditry on the Argentine Pampa”. In: SLATTA, Richard W. *Bandidos: the varieties of latin America banditry*. United States of America: Greenwood Press, Inc., 1987. Pp. 49-66.

274



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

_____. "Introduction to Banditry in Latin America". In: SLATTA, Richard W. *Bandidos: the varieties of latin America banditry*. United States of America: Greenwood Press, Inc., 1987. Pp. 1-10.

SILVA, Célia Nonata. *Territórios de Mando: banditismo e criminalidade em Minas Gerais, século XVIII*. Belo Horizonte, Crisálida, 2007.

SPIERENBURG, Peter. "Faces of violence: homicide trends and cultural meanings: Amsterdam, 1431-1816." In.: *Journal of Social History* (1994). Pp.: 701-716.

STONE, Lawrence. "Interpersonal Violence in English Society: 1300-1980". In.: *Past & Present*, 1983. Pp. 22-33.

TELFER, T. *Lady Killers: assassinas em série*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2019.

VÁSQUEZ, M. *More than belief: a materialista theory of religion*. Oxford: Oxford Press, 2011.

WENZL, R; POTTER, T; LAVIANA, H. & KELLY, L. *BTK. Mascara da Maldade*. Rio de Janeiro: DarkSide, 2019.

ZIMBARDO, P. *The Lucifer Effect: How Good People Turn Evil*, London: Rider Books, 2009.

275



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A CONTINUIDADE DO LEGADO DE MESTRE PRUDÊNCIO NA BANDA DE CONGO RESGATE CULTURAL DE BOA VISTA, CARIACICA/ES, BRASIL

Vinícius de Aguiar Caloti¹

Introdução

Prudêncio da Conceição Nascimento, nascido em Boa Vista, território quilombola de Cariacica, Espírito Santo, Brasil, foi uma das personagens mais importantes da identidade, história, memória social, folclore e tradição cultural da cidade de Cariacica. Descendente de escravizados, o afamado mestre reconhecido por seu notório saber popular foi considerado o “Mestre dos Mestres das Bandas de Congo de Cariacica” pela referida Prefeitura (2019), em homenagem *post-mortem*, uma vez ser um dos maiores organizadores do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D’Água no século XX, um festejo realizado em homenagem à Nossa Senhora da Penha, Padroeira do Estado do Espírito Santo, que existe na circunregião desde meados do século XIX, chegando a albergar 40.000 pessoas, após a instalação dos escravizados que sobreviveram à repressão da Insurreição de Queimado (1849) em quilombos no entorno do monte Mochuara.

O saudoso mestre fomentou o Conselho das Bandas de Congo de Cariacica em 1984, registrou o grupo folclórico Unidos de Boa Vista em 1954, coordenou bandas de congo por 16 anos, inclusive a agremiação mirim vinculada a Unidos de Boa Vista, hoje extinta, sendo o primeiro intelectual orgânico capixaba a registrar bandas de congo em cartório cível, em um período sócio-histórico assinalado por preconceitos na sociedade capixaba contra as organizações e os movimentos negros que realizavam manifestações folclóricas e apresentações culturais, registrando-se apenas bandas marciais. Esse ilustre personagem da cultura popular outrossim fundou a Banda de Congo para-folclórica da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Cariacica em 1990 e a Cia Cumby em 1997, quando saiu da Unidos de Boa Vista, com a intenção de fundar uma banda com os membros de sua família.

A banda da APAE visa a inclusão, a socialização, a musicalização e a *terapia* de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos com deficiência (PcDs) dentro de uma instituição cuja

276

¹ Doutorando em História Social no PPGHS/UERJ





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

missão é garantir a qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual e múltipla, prestando atendimento especializado a mais de 800 pessoas, ao trabalhar com o planejamento, a organização, o desenvolvimento de projetos e planos de trabalho junto a órgãos governamentais, instituições, conselhos de direitos, secretarias municipais e estaduais. Já a Cia Cumby, nome que em *bantu* significa “filhos do sol”, buscou uma releitura do congo, a partir do rap, configurando uma bricolagem de ritmos musicais chamada de congo-rap ou rap-congo, com o propósito de se apresentar em palcos de grandes eventos, divulgando o trabalho dos congueiros, a sua cultura, a sua história e a sua memória para além da municipalidade.

Assim, Seu Prudêncio e os congueiros de Cariacica levaram as suas histórias, memórias e canções para fora do município, do estado do Espírito Santo e do nosso país. Aos poucos, a sua herança cultural retorna à cena, por meio da Banda de Congo tradicional “Mestre dos Mestres Prudêncio Resgate Cultural” regida pelo Mestre Ezequiel, formada pelos filhos, netos, membros da comunidade e amigos da família dessa ilustre personagem folclórica. Com vistas a conhecer essas histórias, utilizamos a pesquisa etnográfica de campo com observação participante no Terreirão Cultural da Cia Cumby, utilizando principalmente o método da história de vida na condução de entrevistas com os integrantes da agremiação. Com o propósito de melhor compreensão acerca de quem foi Mestre Prudêncio, as suas memórias, a sua biografia e o contexto sócio-histórico e cultural de surgimento dessa persona insigne, vamos delinear a importância do congo no Espírito Santo, do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D’Água em Cariacica e o trabalho realizado pela banda em discussão.

277

Bandas de Congo no Espírito Santo

O Congo é um dos símbolos mais significativos e difundidos da cultura capixaba, presente em diversas manifestações tradicionais. Reconhecido como o primeiro patrimônio cultural imaterial registrado pelo Governo do Estado do Espírito Santo em 2014, ele desempenha um papel fundamental na identidade local. No entanto, a sua importância como referência cultural das comunidades negras do estado ainda é pouco explorada. De acordo com membros da Comissão Espírito-Santense de Folclore, as bandas de congo estão presentes em vários municípios capixabas, com destaque para a região de Roda D’Água, em Cariacica, um dos principais redutos dessa tradição. A localidade sedia uma das maiores festividades do congo no estado, que, n’algumas edições, chegou a reunir mais de quarenta mil pessoas, reforçando sua relevância cultural e comunitária.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Do mesmo modo, o congo se tornou um bem cultural muito presente em muitos trabalhos artísticos nas esferas do cinema, música, artes plásticas, teatro, *et al* – ansiosos por aglutinar a cultura capixaba em seus produtos ou “mercadorias culturais”, também incrementando “valores de uso” e de “troca” (MARX, 2007) às mesmas, ao engendrar um forte apelo comercial baseado no “sentimento”, ou melhor, na “alma” e na “identidade cultural” capixabas. Diversos grupos musicais se projetaram no cenário capixaba e nacional lançando mão do ritmo do congo (BRAVIN, 2008; CARVALHO, 2004; SANTOS, 2013). Como exemplos, Martinho da Vila, em seu disco *O Canto das Lavadeiras* (1989), fez uma gravação de uma música tradicional do congo, a cantiga *Madalena do Jucu*, posteriormente (re)gravada por diversos(as) cantores(as), obtendo sucesso nacional e internacional, assim como o robô *Spirit* que, ao aterrissar no Planeta Marte, em 2004, após ser transportado pela sonda *Perseverance*, foi acordado pela música *Da da da* (2001) da banda Casaca, um grupo musical regional que mescla pop-rock, reggae e congo, projetando o congo capixaba. Quando consideramos o “campo acadêmico” (BOURDIEU, 2011), concebemos que são poucos os trabalhos que apresentam o congo capixaba como objeto de investigações científicas. Contribuições significativas foram realizadas nas últimas décadas, partilhando-se dos estudos dos folcloristas e das pesquisas efetuadas em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, de maneira a superar os relatos do século XIX de religiosos e viajantes, tais quais as crônicas de François Biard (1858) em *Deux années au Brésil* (1862, p. 197), Levy Rocha (1860) na *Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo* (1960, p. 97), Bispo Pedro Maria de Lacerda (1880-1886) nos cadernos manuscritos de sua visita pastoral ao Espírito Santo, Padre Antunes de Siqueira (1893) no *Esboço histórico dos costumes do povo Espírito-santense* (1893, p. 43), marcados por “olhares etnocêntricos”, evolucionistas e “não relativistas” (GEERTZ, 1978) que idealizavam os grupos folclóricos, a princípio como “primitivas bandas de congo” e “bandas de índios” (SANTOS NEVES, 1980, p. 3), nas quais posteriormente houve ingerências, apontando-se para a “intromissão do elemento negro no folguedo ameríndio” (SANTOS NEVES, 1980, p. 8).

Essas acepções foram sorvidas pelas produções dos folcloristas capixabas, assim como Santos Neves, sobretudo no período entre 1944 e 1982, tornando-se uma referência posteriormente empregada para a maioria das produções subseqüentes nas quais a ênfase seria numa homogeneização das bandas de congo, ao desconsiderar as vicissitudes de singularidades dos grupos e regiões do Espírito Santo, imobilizando-os temporalmente, como se não houvesse antagonismos e transformações sócio-históricas e culturais. Assim, tais estudos confeccionaram um inventário das bandas de congos, partindo de uma concepção cartesiano-positivista e essencialista ao focalizar elementos constituintes das

278



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

bandas, detalhando alguns aspectos tais quais as cantigas, as vestimentas, os instrumentos utilizados e a quantidade dos componentes. Exemplarmente, citamos as obras *Atlas Folclórico do Brasil* (1982) cunhado pela Fundação Nacional da Arte e o Instituto Nacional do Folclore e *O congo no Espírito Santo: Uma panorâmica das bandas de congo* (2009), nas quais a pesquisadora Maria de Lourdes Ribeiro e o maestro Jaceguay Lins perfilham a *praxis* dos folcloristas na composição de descrições e análises deveras influenciadas por Santos Neves.

Em *Canto de tambor e sereia: Identidade e participação nas bandas de congo da Barra do Jucu, Vila Velha/ES* (2002), Nascimento e Menandro (2002) efetuaram uma crítica a essa acepção, por exemplo esboçada por Santos Neves (1980, 2008) e Lins (2009), arraigada em fontes cujos estudos remontam a um período oitocentista. Logo, assinalado por um ideal romântico, inclusive idílico-indigenista e por um "racismo científico" (SCHWARCZ, 1993), senão um "racismo de Estado" brasileiro (FOUCAULT, 2010) no qual a idealização de um indígena "típico ideal" (WEBER, 1972) caracterizado por traços europeus era fabulado simultaneamente com uma política eugenista de branqueamento populacional, baseada numa *epistème* racista, ao conceber que a matriz negra implicaria em prejuízos à constituição do "povo brasileiro" (RIBEIRO; ORTIZ, 1985). Segundo Nascimento e Menandro (2002), é mais cordata a compreensão de que as bandas de congo capixabas guardam relação com elementos culturais das matrizes negra, indígena e lusitana. Aliás, elementos fundacionais de uma civilização brasileira singular e mestiça fundada entre os trópicos (RIBEIRO, 1995; FREIRE, 2019). Compreensão que se tornou um consenso científico dentro do campo acadêmico das ciências humanas e sociais que investigam a temática do congo capixaba.

Não obstante tal configuração sobre o congo, pairam dúvidas sobre os pesquisadores acerca da gênese do bem cultural. Santos (2013), em sua dissertação *Processos organizativos e identidade afro-brasileira: A transmissão cultural do congo em Cariacica/ES* (2013) e Oliveira (2005), na sua tese *O projeto político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação da terra* (2005) compreendem que o congo capixaba pertence a um tronco comum às congadas em nosso país, guardando relação com as corações de reis negros no Brasil escravista em duas investigações muito consequentes. Santos (2013) focaliza a transmissão cultural no seio das bandas de congo de Cariacica e das famílias congueiras, salientando a história de vida d'alguns mestres e a memória coletiva de algumas famílias na comunidade. Da mesma forma, constrói registros etnológicos sobre os carnavais de congo de 2011 e 2012, trazendo algumas discussões sobre o processo de institucionalização da Associação das Bandas de Congo de Cariacica. Oliveira (2005) focaliza a Banda de Congo Unidos do Retiro, situada na comunidade quilombola homônima, em Santa Leopoldina/ES, próxima às margens do rio Mangaraí.

279



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nesse estudo antropológico, o congo é interpretado como um dos elementos que demarca sinais diacríticos e fronteiras étnicas pertinentes à coagulação da identidade sócio-cultural dessa comunidade na construção de um projeto político em torno da “Associação dos Herdeiros do Benvindo Pereira dos Anjos” - ancestral desses quilombolas, que desencadeou a indivisibilidade do seu território. O antropólogo se remete a historiadores como Cléber Maciel e Maria Stella Novaes, avocando registros ainda mais remotos que os descritos por Santos Neves (2008) sobre o congo no Estado do Espírito Santo, ao recordar uma apresentação de uma banda de congo em 1854, numa festa em São José do Queimado, na qual se celebrou uma missa, referenciando-se ao diploma legal Postura nº 3, de 10 de julho de 1854, por meio do qual o Governo Provincial interditou a realização de danças e batuques de escravizados, frisando que várias apresentações de congo ainda “pedem licença” às autoridades, com vistas à realização de suas atividades (OLIVEIRA, 2005).

Outros indícios que apontamos estão inscritos em relatos de viajantes estrangeiros e em jornais mencionados nos trabalhos de Santos Neves (1980, 2008) que retratam a presença de negros e indígenas nesses grupos folclóricos, nos quais não estão noticiadas algumas descrições nas quais prevalecem a matriz negra, afora uma aquarela de Debret (1768-1848) reproduzida por Lins (2009) que exibe uma banda de negros, aduzindo um instrumento similar ao reco-reco. Ambos os registros são bem anteriores às descrições que Santos Neves e Lins utilizaram para atestar a suposta gênese indígena das bandas de congo. Indo adiante da gênese das bandas de congo capixabas, quer sejam indígenas ou negras, ressaltamos que a melodia das bandas de congo constitui uma importante referência cultural para as comunidades tradicionais que vivem no território étnico de Roda d'Água, compondo uma tradição que guarda diversos elementos das culturas afro-brasileiras, indígena e portuguesa, formando uma referência com fortes entrecruzamentos híbridos (HALL, 2004; HANNERZ, 1997).

A partir de uma pesquisa etnográfica de campo, interpretamos o congo como um “sinal diacrítico” (BARTH, 2000) ou “negativo fotográfico” das identidades afro-brasileira e afro-capixaba, considerando a perspectiva da interação social com os demais segmentos etno-culturais formadores do “processo civilizatório brasileiro” (RIBEIRO, 1995; SANTOS, 2013). Dito isso, adiante passamos às nossas considerações sobre o congo de Cariacica, com vistas a entendermos o legado de nossa personagem folclórica.

O Carnaval de Congo de Máscaras em Roda D'Água

O Carnaval de Congo de Máscaras é uma festividade que transcorre, há mais de 150 anos em Roda D'Água, Cariacica/ES, Brasil, em homenagem à Nossa Senhora da Penha, Padroeira

280



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

do Espírito Santo, cuja gênese associa-se aos escravizados fugitivos da circunregião, sendo descrito por um auto de fé, tradição e alegria, assinalado por um catolicismo popular sincrético com as religiões de matriz africana, albergando um público que outrora orbitou até 40.000 pessoas, advindas de várias regiões do estado e do país. Atualmente, o Carnaval de Congo principia-se com um cortejo, guiado pela charola de uma Santa muito aprumada. A caminhada é seguida em seu percurso, pelos integrantes das bandas de congo e por brincantes mascarados, travestidos do personagem mitológico João Bananeira, culminando com uma “missa congueira”, outrossim coadjuvada pelos batuques das bandas e ultimando-se por um momento solene de reza da Ave Maria.



Foto: Cortejo do Carnaval do Congo de Máscaras de Roda D'Água com a imagem de Nossa Senhora da Penha, Padroeira do Estado do Espírito Santo (SÉCULO DIÁRIO, 2018).

281



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE



Foto: Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água (FOLHA VITÓRIA, 2017)

282

As músicas entoadas pelas bandas capixabas se remetem a temáticas históricas, tais como a guerra do Paraguai, a cantigas mais politizadas de caráter abolicionista e antirracista. Contudo, predominam, inclusive em Roda D'Água, composições poéticas chamadas “peças” que se relacionam com temas da vida quotidiana imediata, assim como o amor, a morte, o mar, o meio rural e as experiências de fé popular mediatas, tais quais: “Taiá, você vai a Penha? Me leva, ô. Me leva!”. O território de Roda d'Água abrange uma franja de terras, que vai do Bairro Piranema (região 10) até a localidade chamada Encantado (região 13)², apresentando dez bandas de congo³, conforme observamos nos três mapas a seguir:

² Dentro do Plano de Organização Territorial do Município de Cariacica (CARIACICA, 2014), os bairros Piranema, Novo Brasil e Vale dos Reis pertencem à região 10, enquanto Roda D'Água, Boa Vista, Taquaruçu e Encantado situam-se no setor 1 da região 13. Todavia, tais regiões não foram particularizadas na produção cartográfica cariaciquense.

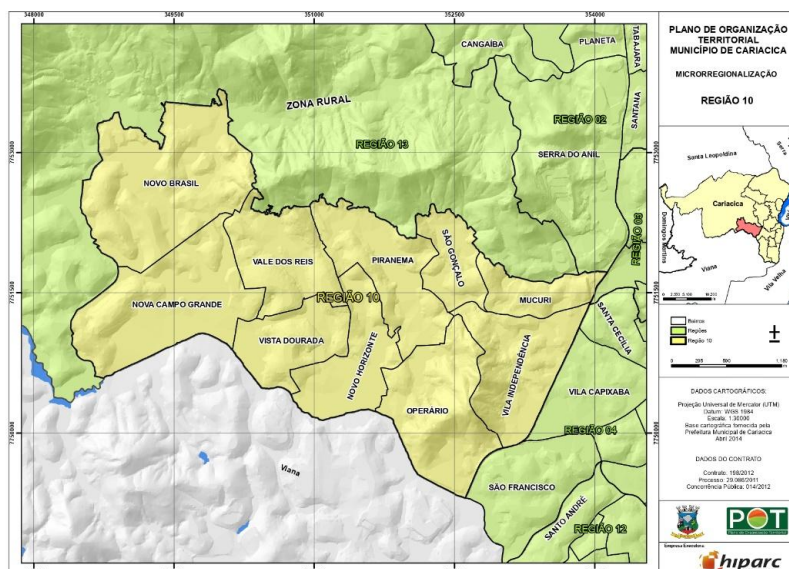
³ Hoje, as bandas de congo ativas na região são: Santa Isabel, Mestre Tagibe, Mirim Mestre Cemir (Roda D'Água); São Sebastião de Taquaruçu, Unidos de Boa Vista, São Benedito de Boa Vista, Resgate Cultural (Boa Vista); São Benedito de Piranema, Afro-Dandaras (Vale dos Reis), APAE de Cariacica.





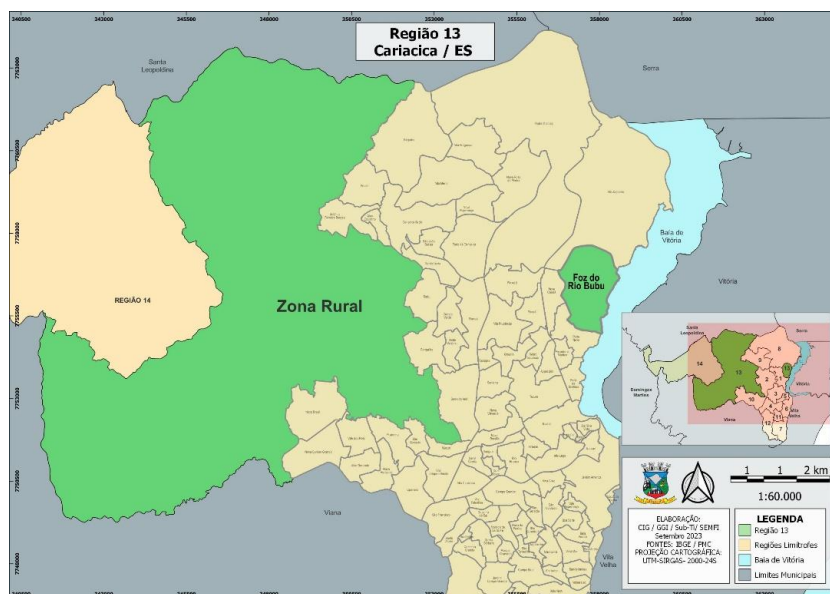
7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE



Mapa 1 – Plano de Organização Territorial do Município de Cariacica: região 10 (2014). Fonte: Prefeitura Municipal de Cariacica (2014).

283



Mapa 2 – Plano de Organização Territorial do Município de Cariacica: região 13 (2014). Fonte: Prefeitura Municipal de Cariacica (2014).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

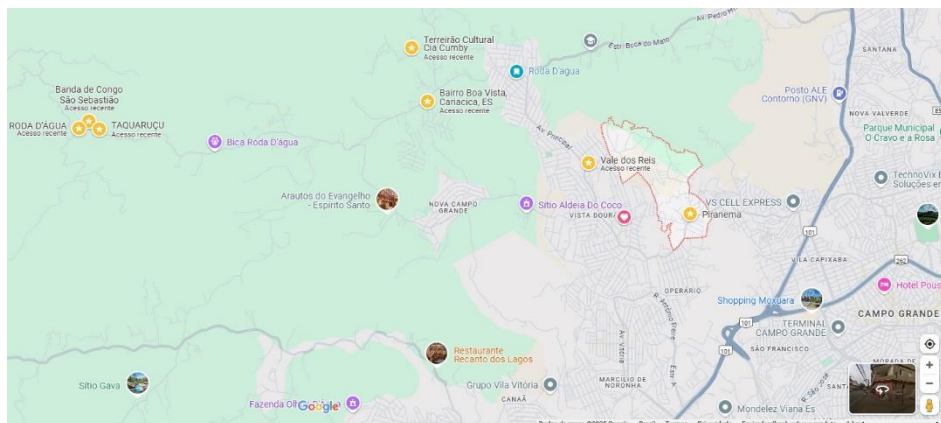
Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE



Mapa 3 – Território do Congo de Cariacica: Roda D'Água estendida (2025). Fonte: Google Maps (2025).

Em sua maioria, formadas por homens e mulheres descendentes de escravizados que nasceram naquela região ou para lá se mudaram, exercendo diversas atividades econômicas para a sobrevivência, em geral, trabalhos subalternos. As bandas se nucleiam em torno da Associação das Bandas de Congo de Cariacica (ABCC-ES), organizando variadas festas no decorrer do ano, tendo como o seu vértice o Carnaval de Congo de Máscaras, realizado oito dias após o domingo de Páscoa e, portanto, com uma data móvel, seguindo o calendário litúrgico católico, em homenagem à Nossa Senhora da Penha, padroeira do Estado do Espírito e com grande reverência a São Benedito, o “Santo dos pretos”, padroeiro e “irmoneiro”, consoante a tradição Yorubá, que concebe cada indivíduo como descendente de uma linhagem de Orixás (LYRA, 1981). Aliás, duas das bandas de congo levam o nome do santo, a saber, “São Benedito de Boa Vista” e “São Benedito de Piranema”.

Quando refletimos acerca da origem do Congo de Máscaras de Roda D'Água, partindo das entrevistas realizadas com Mestre Prudêncio da Banda Cia Cumby, observamos em seus relatos que muitos negros fugiram para a mencionada região, (re)criando o congo que se brincava na Serra/ES, após a Insurreição de Queimado em 1849.

[...] Eles [fugitivos da repressão de Queimado] correram para aquela região de Moxuara ali, que é hoje a Banda de Congo da Unido de Boa Vista, que ainda permanece aquele povo que é nós mesmos, e tal! Este povo aqui, então! O povo de Roda d'Água com Taquaruçu onde eles tocavam no Adriano. É um morro que tem, tinha um lugar isolado ainda tá lá! Muito alto, eles tocavam lá e Piranema tocava naquele pico do outro lado, mas isso é também devido à polícia não ir lá para mexer com eles, eles faziam os tambores que nem esses que eu faço de tronco oco de madeira e tocavam lá nos morros. [...] Os negros que fugiram do



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Queimado, tudo conhecia o congo e aí eles trouxeram a cultura né! (Mestre Prudêncio apud SOUZA, 2005)

Mestre Tagibe da Banda de Congo que leva o seu próprio nome, ao conversar conosco em sua casa de congo sobre a origem do festejo do Carnaval de Roda D'Água, aduziu a seguinte resposta:

[...] o relato que se fala no passado é [que] os escravos fugiram da rebelião que houve no navio na costa capixaba, então uns se esconderam em Queimados e depois pegaram as cabeceiras de Roda d'Água (FERREIRA, 2024)

Ambos os relatos acima transcritos concernem a dois fatos históricos que se presentificam em outras várias narrativas, quais sejam, o naufrágio no navio Palermo, que engendrou as festas de puxada e fincada de mastro e a Insurreição de Queimado em 1849, lembradas todos os anos no dia 19 de março, em frente ao sítio arqueológico e histórico da Igreja de São José do Queimado, no Município de Serra/ES (SANTOS, 2011). Para Quintino (2018), os ritos de puxada e fincada do mastro singularizam o congo capixaba, em relação àqueles dos demais estados, tornando-o *sui generis*. Maciel (1992, p.42-47) observa que negros insurretos em Queimado se articularam com escravizados de variadas localidades, dentre as quais, Cariacica. Os estudos de Oliveira (2005) ponderam sobre a existência de refugiados de Queimado na região de Retiro, em Santa Leopoldina/ES, enquanto Santos (2011), partindo dessas fontes, obtempera acerca da grande possibilidade de existência duma rota de fuga de Queimado para Roda d'Água, perpassando por Retiro.

Portanto, consideramos o Carnaval de Congo de Máscaras um evento de caráter festivo, ritualístico e atual, ao mesmo tempo que celebra “lugares de memória” (NORA, 1993) em tempos pretéritos, tais quais espaços, objetos, rituais, símbolos, ou mesmo “textos culturais” que a comunidade adotou como referências para a construção de sua identidade coletiva, visto os congueiros narrarem emocionadamente as recordações por eles vividas e aquelas “vividas por tabela” (POLLAK, 1992), herdadas por seus ancestrais e de sua comunidade, que outrora realizavam essa celebração a qual lhes transmitiu, o que delinea o congo como um evento e um acontecimento de memória. Após discorrermos sobre as bandas de congos capixabas e o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água é mister abordarmos a herdade cultural do Mestre Prudêncio e o trabalho realizado pelo Mestre Ezequiel, sobretudo com a Banda de Congo “Resgate Cultural”.

285





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Banda de Congo “Mestre dos Mestres Prudêncio Resgate Cultural”

Nascido em Boa Vista via Roda D’Água, Mestre Prudêncio é filho de Augusto Borges, antigo Mestre da Banda de Congo “Palmeira do Sertão”, naquela época “Puxador”, já que a ideia de “Mestre da Cultura Popular” ou “Tesouros Humanos Vivos” apenas surgiu na década de 1990, em um contexto de esforços internacionais desenvolvidos pela UNESCO, com vistas à salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Aliás, uma banda centenária que ganhou um prêmio no Concurso Estadual de Congos em 1951, por ocasião das festas do Quarto Centenário de Vitória, sendo fundada pelos escravos remanescentes da Rebelião de Queimado, após o assentamento do quilombo de Piranema, no entorno do Mochuara, trazendo os mascarados.



286

Imagem: Fragmento da matéria *Personalidade de Cariacica* saudando o Mestre Prudêncio, em razão dos serviços prestados à cultura do Município (INFORMAÇÃO CARIACICA, 2002)



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Com um aninho de idade, começou no congo. Coordenou grupos de congo por mais de 16 anos, inclusive a banda mirim da Unidos de Boa Vista. Foi um dos mestres que levou o Carnaval de Congo para Roda D'água, junto com os saudosos Srs. Queiroz, Dos Santos e Jeoval. Foi Coordenador do Conselho das Bandas de Congo fundado em 1984 e ajudou a fundar a Associação das Bandas de Congo de Cariacica (ABCC) em 2002, sendo a primeira pessoa a registrar uma banda de congo em cartório cível, num período sócio-histórico em que somente eram aceites assentos das bandas marciais. A primeira banda a ser cartoriada em Cariacica foi a Unidos de Boa Vista. Da mesma forma, encabeçou o movimento para lavrar em cartório as bandas de congo de Roda D'Água, ao afirmar junto com Mestre Tagibe que o congo trouxe desenvolvimento para a região, a saber, abertura de estradas, asfaltamento, escolas, unidades de saúde, água encanada, energia elétrica, praças etc. “O congo trouxe tudo para o município de Cariacica, para a região de Roda D'Água e Boa Vista” (Mestre Prudêncio *apud* PALAURO, 2012).



287

Foto: Quadro do saudoso Mestre Prudêncio feito pelo artista plástico Luciano Cardoso (acervo familiar, 2023)

Mestre Prudêncio e os congueiros levaram as suas histórias para todo o Município, para o Estado do Espírito Santo e até mesmo, para fora do país. Em 1990, fundou a Banda de Congo para-folclórica da APAE de Cariacica. Período que formou o seu filho Ezequiel, como Mestre de Congo da Banda da APAE municipal e da Cia Cumby, constituída no morro da Fonte Grande com os seus filhos, a propósito de popularizar o congo de Cariacica, a partir de uma releitura do ritmo com o rap (congo-rap ou rap-congo, como queira, afirma Mestre



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ezequiel). De 2010 a 2017, ano de seu falecimento aos 71 anos de idade, Mestre Prudêncio e a Banda Cia Cumby abriram o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água, apresentando rap, dança e congo.



Foto: Mestres Ezequiel e Prudêncio em apresentação da Cia Cumby. Da esquerda para a direita, temos uma casaca de origem indígena, fabricada pelo Sr. Ezequiel e um tambor de “oco de pau” confeccionado por “Seu Prudêncio” no Terreirão Cultural, conforme a tradição dos escravizados na região datada do período da Província do Espírito Santo, no Brasil Império do século XIX.

Em sua propriedade rural, o Mestre-artesão, de forma idêntica, um pequeno produtor rural de alimentos orgânicos e agroecológicos, abrigou uma oficina com a tenção de fabricar instrumentos musicais, a fim de suprir as bandas de congos locais, por exemplo, usando o “pau tambor”, o cedro e o “pau Brasil” para a produção de tambores, além da “taquara” e o “bambu” para fazer casacas, ao contrário dos indígenas do norte do Estado que utilizam, respectivamente a “siriba-roxa” e a “tagibubuia”, madeiras apropriadas no entorno de suas comunidades.

288



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE



Foto: Mestre Prudêncio fabricando um tambor de congo (acervo familiar, 2023).



Foto: Casaca em processo de fabricação no Terreirão Cultural pelo Mestre Ezequiel (acervo familiar, 2023)

289



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE



Foto: Mestre Ezequiel segurando uma máscara da personagem mitológica [africana] João Bananeira do século XIX e uma casaca [indígena] feitas no Terreirão Cultural. Apoiados sobre o tablado, observamos uma máscara pronta de animal silvestre e dois moldes em argila para a construção doutras.

290

Foi nesse contexto sócio-histórico que o Mestre Ezequiel se formou educador social e trabalhou por quase trinta anos nas APAEs da Grande Vitória/ES. Começou a sua trajetória na APAE de Cariacica, sucedendo o Mestre Prudêncio na regência de uma banda para-folclórica composta por pessoas com deficiência (PcDs) e depois percorreu as unidades de Santa Leopoldina, Serra e, por último Vitória, até a sua demissão em dezembro de 2025, por motivos de ordem político-institucional e clientelares, não obstante efetuar um excelente trabalho de musicalização com pessoas com necessidades educacionais especiais, sendo muito elogiado hoje, por mães e pais de alunos da instituição, em razão da seriedade de seu trabalho, do seu profissionalismo e de sua cordialidade, afora o notório saber popular e cultural que caracteriza a formação dos Mestres de Bandas de Congo da Grande Vitória, enfaticamente do território étnico-rural de Roda D'Água, uma comunidade remanescente dos quilombos do oitocentistas. “Papai deu um duro danado para comprar terras, aqui na região, muitas vezes, bebeu água com sal” (Mestre Ezequiel), complemento, por não haver recursos, nem tempo hábil para devidamente se alimentar, já que o trabalho braçal agrícola, reminiscência do modo de produção escravista colonial, exigia um grande esforço físico e muita contenção [estóica] de recursos.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3

Um dos pratos típicos da região é o “suteco”, um caldo de banana verde que contém fragmentos de carne de porco, linguiça e temperos verdes.⁴ Alimento muito forte que os antigos escravos consumiam para a reprodução de sua força de trabalho na realização do *tripalium* de oito, no século XIX, aproveitando o ensejo da larga produção de bananas no território, o maior produtor da América Latina. Região que produz alimentos orgânicos e agroecológicos, hoje marcada pelas micro, pequena e média propriedades rurais, ao contrário dos períodos do Brasil colonial e, posteriormente imperial, em que havia grandes fazendas *a priori* comandadas por padres Jesuítas, explorando mão-de-obra servil indígena e, depois, latifúndios orquestrados por portugueses que empregaram negros escravizados. Os irmãos do Mestres Ezequiel também são pequenos produtores rurais, ao contrário desse mestre que se apegou à sua função de educador social nas APAEs, principiada na década de 90 e hoje luta pela reinserção na sua área de formação, atuação e vocação. “Sempre gostei de trabalhar com cultura. Sou um dos poucos mestres [de congo] de Cariacica que trabalham com cultura [congo] há mais de 30 anos” (Mestre Ezequiel).



Foto: Suteco - bem cultural de natureza imaterial do território de Roda D'Água consumido pela comunidade tradicional quilombola assentada no entorno do monte Mochuara.

Após o falecimento do pai, a Banda Cia Cumby foi retirada da programação do Carnaval de Congo, não obstante o seu histórico de treze anos de sucesso em apresentações no festejo, juntamente com bandas regionais de renome nacional como a extinta “Manimal” e a “Casaca”, que mesclam ritmos como o congo, o rock e o reggae, em função de conflitos dentro da Associação das Bandas de Congo de Cariacica (ABCC) que o Mestre Prudêncio

⁴<https://www.ipatrimonio.org/cariacica-modos-de-fazer-o-suteco/#!/map=38329&loc=-20.26026464944022,-40.48685073852539,13>



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ajudou a criar. Há três anos, Mestre Ezequiel retomou o legado de seu pai, por outras vias, tirando do papel a Banda de Congo tradicional “Mestre dos Mestres Prudêncio Resgate Cultural” cujo projeto existe há 25 anos e tornou-se realidade, não obstante as inúmeras dificuldades sociais, econômicas e institucionais, movimentando o Terreirão Cultural Cia Cumby, a mais importante casa de congo na atualidade em Cariacica. O nome da sua banda faz alusão a um título que Mestre o Prudêncio ganhou da Secretaria Municipal de Cultura (SEMCULT) da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) em 2019, *in memoriam*, que homenageou com uma placa condecorativa na região de Campo Grande os vinte maiores agitadores da história cultural da cidade, através da Lei de Incentivo Cultural Municipal João Bananeira.



Foto: Placa condecorativa em homenagem ao “Mestre dos Mestres das Bandas de Congo de Cariacica Prudêncio”, no bairro Dona Augusta, em Cariacica (acervo familiar, 2025)

Tal homenagem foi recebida pela sua família, através do Mestre Ezequiel e contou com uma apresentação musical da Banda Cia Cumby na data específica. Atualmente, a “Resgate Cultural” realiza diversas apresentações nos municípios da Grande Vitória, sobretudo Cariacica, Vitória e Vila Velha, formando uma parceria com a Banda de Congo Afro-Dandaras, fundada pela Mestra Cida em 2010 e com o Mestre Cidney da Banda de Congo São Benedito de Piranema de 1937, ao contabilizar também em seu seio a inclusão de quatro pessoas com deficiência, ex-alunos do Mestre Ezequiel na APAE de Cariacica, dentre os quais se encontra o congueiro Dione, auxiliar de serviços gerais, “amigo da APAE” e um exímio músico, o maior casaquista e tamboreiro da APAE do Espírito Santo. Mestre Ezequiel, assim como todos os nossos mestres das bandas de congo de Cariacica e do Espírito Santo, a despeito de ser portador de um notório saber popular cultural, encontra



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

muitas dificuldades para elaborar projetos culturais, com vistas a levar adiante a rica herança cultural de seu pai, de sua família, da sua comunidade e dos seus ancestrais na região.



Foto: Alguns integrantes da Banda de Congo “Mestre dos Mestres Prudêncio Resgate Cultural” prontos para uma apresentação na inauguração do mercado municipal de Itacibá, em Cariacica (acervo familiar, 2025).

293



Foto: Participação de alguns integrantes [do núcleo familiar] da Banda de Congo Resgate Cultural em apresentação cultural voltada para o tradicional Colégio Sagrado Coração de Maria (*Sacre coeur*) de Vitória/ES (acervo familiar).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE



Foto: Da esquerda para a direita: Wesley (músico da APAE e da Resgate Cultural), Vinícius (Professor em Cariacica, Doutorando do PPGHS/UERJ-FFP), Mestre Ezequiel, Wanderlei (Professor em Cariacica e Viana/ES, Mestrando no PPGE/UFES), Dione (músico da APAE e da Resgate Cultural) no aniversário de 50 anos do Mestre Ezequiel. (Acervo familiar, 2025).

294

Conforme o informado neste percurso textual, o congo de Roda D'Água apresenta mais de 150 anos de fé, tradição, devoção e alegria, sendo o congo mais negro da Grande Vitória, visto estar inscrito em território étnico quilombola. O congo é Patrimônio Cultural Imaterial capixaba desde 2014, o Carnaval de Congo de Roda D'Água e o ícone João Bananeira são Patrimônio de Cariacica a partir de 2020 e, tramita na câmara técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2024, um processo para que o “Congo do Espírito Santo” que configura um universo de mais de 62 bandas do norte ao sul do Estado, torna-se patrimônio cultural do povo brasileiro. O congo capixaba afigura o mote de várias músicas, documentários, filmes, memórias fotográficas e projetos culturais vários, além de cursos acadêmicos de curta duração, sequências didáticas na educação básica, conquanto as comunidades e as pessoas detentoras do bem cultural não sejam valorizadas com políticas públicas adequadas. Enfim, o congo capixaba fabula a identidade cultural, a história, a memória social e a tradição cultural capixaba, além dos liames da consciência coletiva e do inconsciente estético de uma população muito religiosa, por vezes, devota dos santos católicos, frequentadora de denominações evangélicas e (ou) dos terreiros de Umbanda e Candomblé do Espírito Santo.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Por último, porém não menos importante, cabe-nos salientar que os congueiros da região de Roda D'Água são descendentes dos escravizados que lutaram pela sua liberdade na Insurreição de Queimado em 1849, ao enfrentarem o Aparelho Repressivo de Estado escravista da Província do Espírito Santo no período do Brasil Império oitocentista. Constituem-se hoje, como homens e mulheres dos extratos subalternos da classe trabalhadora brasileira, aliás pessoas muito simples, gente muito digna e ativa, enfaticamente trabalhadores rurais que, em geral, tiveram poucas oportunidades de frequentar a “educação bancária capixaba” nas suas trajetórias existenciais, formando-se na “escola da vida”, de maneira a encontrar muitas dificuldades para viver daquilo que mais gostam e melhor sabem fazer, isto é, a produção de cultura popular. O “caso particular de alteridade” do Mestre Ezequiel nos parece emblemático. Ao cogitar o “trabalho com cultura [congo]” enquanto missão, senão um sacerdócio, levando o legado cultural de seu pai adiante, o saudoso Mestre Prudêncio, desdobra-se em variadas direções, ao conduzir uma série de ações simultâneas, dentre as quais, a busca da filiação de suas bandas na Associação das Bandas de Congo de Cariacica e a realização de atividades culturais em sua Casa de congo, inclusive o Pré-Carnaval do Terreirão existente há 40 anos, acionando o bar do espaço cultural com a finalidade de saldar contas.

295



Foto: Aula de campo com alunos de escola da rede estadual do Mochuara em espaço não formal de educação da Casa de Congo Terreirão Cultural (acervo familiar, 2023).

De forma idêntica, o Mestre Ezequiel está a perscrutar um novo emprego de educador social em Organizações Sociais de Interesse Público (OSIPs) regionais, com o propósito de salvaguardar a continuidade de seu trabalho, ofertando aulas de musicalização para pessoas em vulnerabilidade social, além da constante busca por produtores culturais, com o escopo



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

de formular projetos para editais de leis culturais, orientados à implexa captação de recursos públicos para levar adiante o seu legado na cultura popular de Cariacica. Afinal, “é difícil trabalhar com cultura em Cariacica, Professor Vinícius. Mas, não desisto, não. Sou guerreiro e força de vontade eu tenho muita” (Mestre Ezequiel).

Considerações finais

Mestre Prudêncio é uma personagem da identidade cultural, da história, da memória social e do folclore de Cariacica, assim como tantos outros mestres antigos, tais quais os Srs. Dos Santos, Queiroz, Gaudêncio, Valdeci e Tagibe. Em sua maioria, descendentes de escravizados que lutaram por sua liberdade e por uma sociedade mais justa e igualitária, desatando a rebelião de Queimado. Todos tiveram uma vida muito difícil. Mestre Prudêncio chegou a passar fome em tempos antigos e a “beber água com sal” para se sustentar no trabalho de oito, a fim de adquirir a sua pequena propriedade, vivendo uma vida digna de pequeno produtor rural, não obstante a sua genialidade na cultura congueira. Mestre Tagibe e Mestre Valdeci, também pequenos produtores, revelaram-nos memórias afetivas nas quais, quando jovens, trabalharam no escoamento da produção da região para o mercado da Vila Rubim, no centro de Vitória/ES, percorrendo distâncias de mais de 20 km montados em lombos de burros, ou mesmo, à pé, através de caminhos e estradas muito difíceis, há quase 60 anos. Mestre Ezequiel, Ceir, Mestre Sidney e Mestra Darinha se desdobram para “não deixar a cultura morrer” e levar adiante o trabalho dos Mestres Prudêncio, Pereá, Gaudêncio, Hermínio, Dos Santos, Jeoval. É comum ouvir em suas narrativas e histórias de vida, assim como lições “que papai nos ensinou” (Mestre Ezequiel), bem como devoções de “fé em Santa Bárbara” (Mestra Darinha). Neste artigo, trouxemos um pouco do trabalho e das memórias afetivas de ilustres personagens da cultura popular de Cariacica e capixaba, com o propósito de contar como a Banda de Congo Resgate Cultural, regida pelo Mestre Ezequiel, está a levar adiante o legado do Mestre Prudêncio e dos antigos mestres a serem homenageados pelo citado em Carnavais devires, por meio de estandartes em sua banda e no Terreirão Cultural, quando houver condições materiais e objetivas para realizar esse projeto de vida que carrega a continuidade do desejo do seu pai e a “memória dos antigos”. Doravante, a intenção deste articulista, na medida em que for constituindo a sua tese doutoral num cenário capixaba muito difícil para a docência na educação básica, será escrever artigos biográficos acerca dos mestres e das bandas de congo do município de Cariacica, contando histórias de vida, histórias de família e histórias comunitárias não registradas, divulgando a história, a memória, a cultura e o folclore da cidade na qual trabalha como Professor de

296



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ensino Religioso, preleccionando para alunos do Ensino Fundamental citadino, principalmente sobre os trabalhos das bandas de congos, as memórias e os feitos de seus congueiros de forma afetiva, histórico-crítica, estético-expressiva e emocionada.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1959.
_____. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

BANKS, Marcus; RUBY, Jay (orgs.). ***Made to be seen: perspectives on the history of visual anthropology***. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BIARD, François. ***Deux années au Brésil***. Paris: Hachette, 1862.

BOURDIEU, Pierre. ***Homo academicus***. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás**. Brasília: Ed. da UnB, 1977.

BRAVIN, Adriana. **Congopop: Mídia, música e identidade capixaba**. Vitória: Ed. do autor, 2008.

CARIACICA (ES). **Plano de organização territorial do município de Cariacica**. 2014. Disponível em: <https://cariacica.es.gov.br/pagina/pot>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

297



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARVALHO, José Jorge de. **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras:** de patrimônio cultural a indústria do entretenimento. Série Antropologia. Brasília: UnB, n. 354, 2004.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

COSTA, Douglas Pinheiro. **O preconceito religioso e a cultura de congo nas aulas de artes.** 2017. 161f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução de Isabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERREIRA, Itagiba Cardoso. **Entrevista concedida a Vinícius de Aguiar Caloti.** Cariacica, 23 de julho de 2022.

Festa em ritmo de congo em Cariacica. *A Tribuna*, Vitória, 24 de abril de 2006, Cidades, p. 5.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 52. ed. rev. São Paulo: Global, 2019.

298



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUIMARÃES, Aissa Afonso; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Jongos e Caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo**. UFES-Proex: Vitória e ES, 2017.

HANNERZ, Ulf. “Fluxos, Fronteiras, híbridos: Palavras - chaves da Antropologia Transnacional”. In: **Mana, Estudos de Antropologia Social**, vol.3, n.1, Rio de Janeiro, PPGAS/UFRJ, 1997.

LINS, Jaceguay. **O Congo no Espírito Santo: Uma panorâmica das bandas de congo**. Vitória: EDUFES, 2009.

LYRA, Maria Bernadete Cunha de. **O jogo cultural do Ticumbi**. 1981. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFRJ, Rio de Janeiro.

MACIEL, Cleber. **Candomblé e Umbanda no Espírito Santo - Práticas Culturais Religiosas Afro-Capixabas**. DEC/ UFES: Vitória - ES, 1992.

_____. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: DEC/SPDC/UFES, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril. Cultural, 1978.

MARTINS, Robson L. M. Em louvor a “Sant’Anna”: notas sobre um plano de revolta escrava em São Matheus, norte do Espírito Santo, Brasil, em 1884. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 38, 2000.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2017.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. Vol. II. E.P.U/EDUSP: São Paulo, 1974.

MAZÔCO, Eliomar Carlos. **O Congo de Máscaras**. Vitória (ES): UFES – Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1993.

299



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; MENANDRO, Paulo Roberto Meira. **Canto de Tambor e Sereia: Identidade e Participação nas Bandas de Congo da Barra do Jucu**, Vila Velha/ES. Vitória: EDUFES, 2002.

NEVES, Guilherme Santos. **Bandas de congos**. Rio de Janeiro: MEC/Secretaria de Assuntos Culturais/FUNARTE, 1980. (Cadernos de Folclore, 30).

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

NOVAES, M. S. **História do Espírito Santo**. Fundo Editorial do Espírito Santo: Vitória, 1968.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. **O projeto político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação das terras**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia), PPGAS-UFSC, Florianópolis.

300

_____. **Relatório técnico de identificação da comunidade remanescente de quilombos de Monte Alegre**. Projeto territórios quilombolas no Espírito Santo. Convênio Ufes-Incra. Vitória-ES, 2006.

_____. **Congo: demarcador de identidade em uma comunidade quilombola**. Revista Do Arquivo Público Do Estado Do Espírito Santo, 2(3), p. 99 - 117, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, João Batista Borges. **A folclorização da cultura negra no Brasil**. In: PAULA, Eurípedes Simões de (Org.). "In memoriam". São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, p. 200-212. RJ, 1992.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

RAMOS, Andreia Teixeira. **Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do Congo de Roda D'Água**. 2013. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. Congo. In: FUNARTE. **Atlas Folclórico do Brasil: artesanato, danças e folguedos**: Espírito Santo. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.

ROCHA, Levy. **Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo**. 2. ed. Vitória: Editora EspíritoSantense, 1960.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Estudos Afro-Asiáticos** 17, Rio de Janeiro, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS NEVES, Guilherme. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. v. 1. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

SANTOS NEVES, Guilherme. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. v. 2. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

SANTOS, José Elias. **Processos organizativos e identidade afrobrasileira: A transmissão cultural do congo em Cariacica/ES**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

301



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

____. **Processos organizativos, memória e identidade:** Etnografia e História da Transmissão Cultural do Congo em uma Comunidade Afrobrasileira - Cariacica (ES). In: Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES, 1., 2011, Vitória. Anais... Vitória: EDUFES, 2011, p. 1-20.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Nathalia Brunet Procópio da. Quem vai organizar? Ainda não entrou na minha cabeça!: Etnografando o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água / Cariacica (ES). 2018. 159f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

SIQUEIRA, Antunes de. **Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense.** Vitória: [s.n.], 1893.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Tamborizar:** História e afirmação da autoestima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo. 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, 2005.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** 3. ed. Brasília: ED.UNB, 1972.

WIED-NEUWIED, Von Maximiliano. **Viagem ao Brasil.** BH/SP: Itatiaia/Edusp, 1989.

302



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OS REIS DO CHORO E DO SAMBA - DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ETNOMUSICOLOGIA

Alípio Pereira do Carmo¹

Introdução

Entre os meses de janeiro e fevereiro de 1925, o periódico “O Jornal” publicou a série “Os Reis do Choro e do Samba” para veicular um debate sobre a criação e o desenvolvimento de gêneros musicais de caráter popular e nacional. As principais discussões giraram em torno dos seguintes temas: arte brasileira, invasão estrangeira, o papel do carnaval, origens do samba e do choro, as relações raciais e as perspectivas de elaboração de uma música popular no país. Foram entrevistados Sinhô, Donga, Caninha, Costinha, Freire Junior, João da Gente, J. Francisco de Freitas, Cardoso de Menezes, Pixinguinha, Chico da Baiana, Moleque Diabo, A. N. Caldas, Victor Hugo de Albuquerque, Santos Neves, João Thomas de Oliveira Junior, Raul Silva, Maestro Silva Sobrinho, Armando Vampa, China, Neném do Pandeiro, Romeu Silva e J. Rezende.

O presente trabalho pretende analisar seis das enquetes da série para apontar possíveis eixos de pesquisa sobre o processo de criação do samba enquanto gênero de música popular. Para tanto, faz-se necessário o uso de ferramentas metodológicas e o aparato conceitual de um outro campo de estudo, a etnomusicologia, a fim de viabilizar a compreensão da historicidade dos processos de criação musical. Entender como se faziam canções, quais os procedimentos, os valores e referenciais estéticos abre uma ampla possibilidade de abordagem do objeto pesquisado. A aproximação entre a etnomusicologia com a nova história social coloca-se de maneira oportuna. Tomarei, neste sentido, como referenciais teóricos o antropólogo Frederick Barth, o etnomusicólogo Anthony Seeger e o historiador Roger Chartier.

O antropólogo norueguês, Fredrik Barth, desenvolveu a relação entre os conceitos de etnicidade e cultura, como fenômenos que se relacionam sem uma hierarquização, onde um aspecto não predomina sobre o outro. Para o autor a cultura está em um fluxo permanente, expressada nas interações dos agentes sociais, o que implica necessariamente em

303

¹ Alípio Pereira do Carmo, doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em história pelo Programa em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharel em comunicação social pela Universidade Federal Fluminense. Email: trabalhoecidadania@gmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

transformações e variações dentro dos grupos. A etnicidade, portanto, não pode ser entendida como a expressão de conteúdos culturais pré-estabelecidos e passados de geração a geração.

Os pressupostos apontados por Barth se relacionam com a ideia uma antropologia musical como propôs Anthony Seeger em seu livro *“Why Suyá Sing: a Musical Anthropology of an Amazonian People”*.

“Uma antropologia da música olha para a forma como a música é parte da cultura e da vida social. Diferentemente, uma antropologia musical olha para a forma como performances musicais criam diversos aspectos da cultura e da vida social. Em vez de estudar a música na cultura, uma antropologia musical estuda a vida social como performance. Em vez de assumir que existe uma matriz social e cultural preexistente e logicamente anterior, dentro da qual a música é realizada, ela examina a forma como a música é parte da própria construção e interpretação das relações e dos processos sociais e conceituais. Por meio de sua ênfase na performance e na mise-en-scène de processos sociais mais do que em leis sociais, essa antropologia musical compartilha uma ênfase no processo e na performatividade comum a muito da antropologia contemporânea” (SEEGGER, 1987, p.14).

304

Ao compreendermos a música como parte do processo de construção do próprio mundo social e não como a expressão de uma matriz cultural original torna-se necessário pensar dois aspectos; o das relações de poder e o fazer musical como prática e representação social, o que implica trazer para o primeiro plano as ideias debatidas por Roger Chartier.

Para o historiador as “representações” são construções sociais da realidade, em que os sujeitos fundamentam suas visões a partir de seus interesses e de seu grupo. Este processo se dá por meio de relações de poder, o que leva o autor a desenvolver o conceito de “luta de representações”.

Em a “Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico”, o historiador define que a categoria de cultura popular é uma criação da chamada cultura erudita. Trata-se de um processo de distinção estabelecido a partir de um jogo de forças onde um grupamento social delimita, circunscreve e tipifica as práticas sociais fora do seu próprio círculo.

Chartier considera, portanto, necessário compreender o “popular” não como um conjunto de elementos capazes de expressar uma identidade cultural de grupos dominados, mas como um tipo de relação e ou modalidades de apropriações que qualificam modos de uso de objetos e normas circulantes na sociedade.

“A apropriação tal como a entendemos visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem. Prestar, assim, atenção às



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

condições e aos processos que muito concretamente são portadores das operações de produção de sentido, significa reconhecer, em oposição à antiga história intelectual, que nem as ideias, nem as interpretações são desencarnadas, e que, contrariamente ao que colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas”(CHARTIER,1995, p.184).

Baseado nestes pressupostos sobre a ideia de “cultura popular” e partindo da noção de música como representação e prática social, buscarei compreender a complexidade do debate travado na enquete “Os Reis do Choro e do Samba”, no ano de 1925, sobre a criação do samba enquanto gênero musical.

O samba não existia, Maestro J.Rezende

A entrevista de J. Rezende, regente da Banda do 6º Batalhão da Força Policial, publicada no dia 17 de fevereiro de 1925, se iniciava com uma caracterização do periódico sobre o musicista. Segundo o jornal, Rezende preferia ser chamado de mestre da banda e não reivindicava o título de maestro apesar de ser um exímio executor e compositor. Em sua primeira declaração, o entrevistado discorreu sobre o que era o samba e qual sua origem: Doa quem doer, contrarie qualquer opinião, o samba existe apenas abstratamente, é uma criação fantástica e irreal” (O JORNAL, 1925, p.5).

O que há é o “jongo” grosseiro dos pretos africanos transformado em música. Ora, o jongo só é interessante executado nas mesmas circunstâncias do gosto africano e com mesmo instrumental: caxambu, urucungo, reco-reco e ganzá” (O JORNAL, 1925, p.5).

Para o mestre da banda policial, o samba não existia enquanto um estilo próprio e singular, mas como expressão de uma suposta cultura primitiva. Regente de uma banda militar e compositor, Resende atuava também nas sociedades carnavalescas e clubes dançantes. Compunha fox-trot, choros, maxixes e sambas para serem executados em bailes e nos carnavais. Sua condição de mestre de um conjunto de uma corporação policial lhe dava um papel de destaque no ambiente das associações recreativas. Na entrevista, porém, o mestre tem a habilidade de se reposicionar ao minimizar sua condição e reforçar seus vínculos ao ambiente dos clubes e sociedades recreativas da época.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Sou folião, sou carnavalesco, já pertenci a cordões, já sai a rua tocando para os outros dançarem, mas sou brasileiro e não posso ver, sem irritar, a preocupação frívola de quererem erigir a possibilidade de peça musical, o samba – nova tradução do jongo mal feito, por falta do instrumental típico (O JORNAL, 1925, p.5).

O antagonismo folião e brasileiro, articulado nesse trecho da entrevista, sugere que a oposição do musicista dizia respeito a instituição do samba como um gênero musical nacional a partir de valores racistas em que as práticas sociais dos afrodescendentes eram vistas como “grosseiras”. Sua argumentação afirmava que o estilo se constituía a partir de uma base ou matriz de origem africana, o jongo, que sem sua roupagem original, perdia autenticidade e não alcançava os requisitos necessários para atingir o patamar de obra de arte.

O samba, como vemos, em meados da década de 20 ainda não possuía um padrão estético e musical definido e estava situado em um terreno ocupado por disputas imbricadas por várias questões como o desenvolvimento de uma música nacional e a produção de canções para o consumo em espaços como o carnaval, as associações recreativas e o teatro de revista. O processo de constituição da cultura popular nacional passava por um processo de seleção, autenticação, delimitação e definição por agentes ligados aos setores dominantes da sociedade, por meio de um “jogo” de demarcação social onde um grupo tenta se diferenciar do outro através da produção de uma unidade, o nacional.

Nota-se que, para J. Rezende, o samba figurava como uma tentativa de produção de um estilo musical baseado em padrões rítmicos e melódicos elaboradas por um conjunto de práticas culturais dos negros no período do pós-abolição, o jongo. Feita a observação, destaca-se que a conceituação e a nomeação dos gêneros musicais se basearam numa aproximação entre o tipo de coreografia praticada com estilo musical executado. Afinal, maxixe, lundu, batucada designavam tanto uma dança quanto um ritmo. Portanto, a afirmação de Rezende aparentava uma contradição. Se o samba não existia, era o jongo, afinal o que significa a expressão “samba”, antes das suas primeiras edições como gênero musical em partituras comercializadas e os seus primeiros registros fonográficos nos anos 10?

As reflexões de Samuel Araújo nos ajudam a compreender esse processo de criação do samba a partir de seu trânsito por códigos culturais distintos, que, por vezes, se sobrepõe um ao outro, com uma hierarquização estabelecida pelos setores hegemônicos da sociedade, ou, circulam entre si por meio de apropriações.

Um exame crítico e abrangente de emergência do samba com o gênero de música urbana apontava para um diferente quadro. As fontes mais confiáveis indicavam que, pelo menos desde a década de 1880, tal termo já era empregado não apenas



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

em referência a prática cultural entre parentes envolvendo música e dança, mas também aparecia ligado ao teatro musical como número de novidade. Temos já aí, portanto, um possível quadro de práticas culturais de grupos distintos onde o nome de um determinado gênero estilo de música e dança, no caso samba, pode adquirir significados marcadamente distintos de acordo com o contexto. Isso não exclui, porém, a possibilidade de realimentação entre estas mesmas práticas (ARAUJO, 1993, p.148).

Estilizado, Romeu Silva

Em 11 de janeiro, as posições afirmadas por Romeu Silva, chefe de orquestra e diretor da jazz-band Sul-Americana, reforçava a ideia de que o samba, enquanto gênero musical, estava em disputa e ainda com um formato inacabado.

Não se observa mais a distinção existente nos ritmos, samba, batuque, cateretê, toada, pelo que se ouve são a mesma coisa, com denominações diferentes. Não é mais a cadência que classifica a música, é o batismo do autor (O JORNAL, 1925, p.5).

307

A fala de Silva, além de indicar que, pelo mercado musical, gêneros eram definidos a partir dos aspectos rítmicos, parecia antecipar o depoimento de Rezende que ocorreu seis dias depois. “Eu também fiz umas coisas e denominei-as samba. Tive e acompanhar a onda, como compositor”² (O Jornal, 1925, p.5). Para o musicista tal problema era consequência da falta de um ensino formal de música que fosse capaz de refinar o gosto do público para o que ele chamava de pequena arte. O debate proposto pelo maestro aponta para a constituição de um programa estético que forjasse a música ligeira (pequena arte) como nacional e portadora de requisitos capazes de conferir-lhe o status de produção artística.

No entanto, é outra declaração que indica a pista sobre qual procedimento de criação estética e musical o maestro defendia como o caminho para a construção de uma possível música popular brasileira.

Antes de ultimar esta palestra devo registrar que os Srs. Otavio e Arnaldo Guinle tem amparado a música brasileira, prestando-lhe apoio e auxílio. É possível que seu gesto tenha imitadores e se metodize o movimento a favor da nossa pequena música. Em breve tempo teremos, plenamente, estilizados o batuque, o choro e o samba” (O Jornal, 1925, p.5).

² O JORNAL, “Os Reis do Choro e do Samba”, 17 de fevereiro, p.5





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A partir deste depoimento é possível perceber que a perspectiva de uso da estilização apareceria de maneira indireta na entrevista de J. Rezende, analisada anteriormente, que concebia o samba como uma estilização do jongo, tocado sem sua instrumentação típica. Cabe destacar que a estilização era um conceito que compreendia a representação de alguma “coisa” a partir da evidenciação de características que lhe são próprias em detrimento da atenuação de outras.

Ao tomarmos as ideias de Roger Chartier a respeito da constituição das culturas populares, torna-se possível sugerir que a criação do samba enquanto gênero de música popular na nascente indústria fonográfica e no mercado de entretenimento da cidade do Rio de Janeiro pode ser compreendida como resultado de diálogos e tensões. Por um lado, como produção de uma representação social de práticas musicais e coreográficas da população negra do pós-abolição, decodificada a partir de pressupostos estéticos e musicais ocidentais em diálogo com projetos de elaboração do popular nacional, por músicos, jornalistas e teatrólogos. Por outro, como a afirmação de costumes e práticas sociais pela população negra carioca organizada em associações recreativas e sociedades carnavalescas.

308

A Origem Africana, A.N Caldas

No dia 30 de janeiro, a entrevista do musicista A.N Caldas segue em uma perspectiva oposta aos demais entrevistados. Ao trazer a arte para o campo da criação subjetiva como fruto da liberdade individual e da experimentação estética, sensitiva e emocional, Caldas relativiza o aspecto técnico e formal da música enquanto produção artística.

A música é arte instintiva. O fato do China, muito jocosamente, se referir aos maestros do assobio, incluindo-se no meio deles, é interessante, pois no samba, o China é autoridade (O JORNAL, 1925, p.5).

O domínio para Caldas se estabelecia por outros meios e não apenas por um tipo de fazer musical instituído pelos ditames técnico convencionado pela tradição europeia. “O não saber música não impede a inspiração musical. Com assobio, ou sem assobio, o samba é nosso”³ (O JORNAL, 1925, p.5). Maestro e professor de música, de origem branca, o entrevistado reivindicou a ideia de originalidade e reconheceu que um determinado grupo, a população negra no pós-abolição, cumpria o papel de ser a autêntica cultora do samba, produção nacional fundada a partir de elementos de uma ancestralidade africana. “Tenha ele procedido

³ Idem





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

das margens do Lago Nianza ou dos cimos da Serra da Leoa, o samba, hoje, tem carta de nacionalidade brasileira”⁴ (O JORNAL, 1925, p.5).

A afirmação de A.N Caldas trouxe as relações raciais para o centro debate sobre a constituição do estilo em gênero de música popular e de maneira objetiva sinalizava que as polêmicas em torno da qualidade artística do samba são provenientes do racismo no Brasil.

Entre o branco e o negro preconceito de raça sempre existiu. Antigamente, o senhor moço permitia que o elemento negro, na época da safra, após a entrada do último carro dos produtos da colheita, se entregasse as suas diversões prediletas. Danças de pretos são a bamba, o batuque, o cateretê, e o samba cuja cadência é sempre caracteristicamente marcada a caxambu e ganzá. Veio a liberdade, o samba pode gozar a liberdade de expansão, mas na festa de “Nhambu Jacu” não entra. Do mesmo modo, no baile de branco com a dança de preto não entra. O samba ficou limitado pelos velhos preconceitos (O JORNAL, 1925, p.5).

Ao contrapor a declaração de Caldas às entrevistas anteriores, se torna possível compreender sob quais bases o racismo se manifestou no debate sobre samba e música popular. Romeu Silva e J. Rezende expressaram de forma objetiva que para o estilo em questão se configurar como arte brasileira era necessário que certos requisitos se fizessem necessários. Tal perspectiva operava a partir de uma ideia de mestiçagem, defendida pelos folcloristas no final do Século XIX, na qual se estabelecia, do ponto de vista estético, uma hierarquia que determinava quais padrões deveriam se sobrepor aos outros. Esses intelectuais consideravam que cada uma das raças estava em um grau distinto de desenvolvimento e evolução. Para eles, nessa escala, os modelos musicais brancos e europeus encontravam-se em maior estágio de desenvolvimento. Talvez o procedimento da estilização do samba, feito por esses agentes do emergente mercado musical, possa ser pensado, portanto, como um fazer musical que objetiva produzir uma canção popular brasileira com elementos rítmicos da tradição afro-brasileira, delimitados e subordinados à harmonia da tradição ocidental.

Outro aspecto que devemos nos atentar refere-se ao entendimento destes musicistas sobre o binômio ritmo, como representação de uma contribuição genuinamente africana, e harmonia, como expressão de uma sofisticação branca. A compreensão de Silva e Rezende tomava como referência uma complexa operação de enquadramento e tipificações de práticas culturais dos negros no pós-abolição como manifestações genuínas que expressariam a “alma” do nosso povo. O processo de classificação implementado pelo folclore se deu por mecanismos de distinção social perpassados por relações de poder, o que implica dizer que

309

⁴ Idem





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

artefatos, instrumentos, coreografias e estilos musicais foram apagados da história da música brasileira sobre este período como aponta o pesquisador Antônio Spírito Santo no artigo “Música Africana na Corte Imperial do Brasil - Notas etnomusicológicas sobre a cultura africana no Brasil Colonial”:

A ampla diversidade organológica e musical africana, mantida viva na Corte do Rio, pelo menos a existência dos Cucumbi, desaparece, como num passe de mágica, na virada do século 19 para o 20. O elo epistemológico entre mestres em técnicas originais e aprendizes potenciais foi quebrado pelo sistema de trabalho escravo, de forma devastadora. No âmbito da radical gentrificação ocorrida a partir de 1904, com a reforma urbana do Prefeito Pereira Passos (emulando a reforma de Paris, realizada por Georges Haussmann) há uma espécie de violento etnocídio. O momento é paradigmático, pois, ao que parece, representa, simbolicamente, um dos sinais mais claros da brusca ascensão do racismo, tal como o conhecemos hoje no Brasil. Mas ficaram as perguntas: Para onde teria ido o povaréu negro do centro urbano da Corte Imperial entre 1904 e 1920 (quando se dá o renascimento das festas africanas de rua, representado pela criação das Escolas de Samba)? (SPIRITO SANTO, 2021, p.17).

310

As indagações de Spírito Santo, nos levam a outras perguntas: Teria o processo de folclorização das práticas sociais dos negros selecionado o aspecto rítmico como a matriz musical para a formação de uma cultura popular nacional? Neste contexto, coube ao tambor e a melodia, caracterizada como “lamento africano”, a tarefa de representar a autenticidade musical dos afro-brasileiros? Tais questões precisam ser aprofundadas e demandam um estudo histórico específico acerca da elaboração do folclore brasileiro. Porém, as três entrevistas analisadas nos dão indícios quanto a uma priorização do caráter rítmico como sendo uma representação do elemento africano nos nascentes gêneros musicais urbanos no Rio de Janeiro.

O depoimento de A.N Caldas chama atenção exatamente para a possibilidade de pensar o protagonismo dos negros na cidade do Rio de Janeiro, fossem eles artistas profissionais ou simples frequentadores das associações recreativas, foliões do pequeno carnaval e adeptos de cultos religiosos afro-brasileiros.

O Gesto e o som, Chico da Baiana

O compositor Francisco Antônio da Rocha abriu sua entrevista no dia 28 de janeiro com a explicitação de sua ancestralidade negra com a argumentação que seu valor enquanto praticante dessa manifestação cultural se dava em função de sua raça. O samba foi costurado



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

em sua fala como uma prática típica, própria e original dos descendentes dos africanos escravizados no Brasil. O canto e a dança são apresentados como herança sanguínea e o processo de aprendizado é algo que teria se dado naturalmente de forma geracional.

Estabelecida a demarcação pelo autor, se evidencia uma convergência de ideias entre um sambista, de origem africana, com os musicistas profissionais e os folcloristas. Ao aspecto rítmico é dado o papel de representar a africanidade do estilo. Chico corrobora com a compreensão articulada no depoimento de A. N Caldas quanto a existência dos chamados maestros do assobio. Compositores que criam suas canções a partir de um “sopro de inspiração” sem os recursos formais determinados.

A presença do cancionista, considerado amador e autêntico, no conjunto de entrevistas nos oferece indícios quanto aos espaços de veiculação e produção do samba para além do comércio de partituras, teatros, carnaval e ou espaço de ritualização ou práticas de lazer, classificadas como folclóricas.

A música tem de satisfazer as necessidades da dança. O que se vê, atualmente é o samba batucado, sapateado como cateretês, o que é uma coisa muito diferente. O samba tem estilo e, bem dançado, é muito bonito (O JORNAL, 1925, P.5).

311

Chico afere ao aspecto coreográfico um caráter de predominância sobre o processo de tipificação desse tipo musical.

Para melhor facilitar a dança do samba necessário foi que déssemos à música o maior desenvolvimento. Do samba africano, somente música, resta-nos hoje somente o motivo, o tema. Conforme a nossa imaginação vamos dando desenvolvimento, aumentando o número de compasso dentro das regras musicais (O JORNAL, 1925, P.5).

Ao analisar em conjunto as declarações, duas leituras e questões surgem de imediato. Primeiro, se a música satisfaz as necessidades da dança e para melhor facilitar sua execução foi necessário desenvolver o samba musicalmente, significa que uma nova forma coreográfica de samba surgiu antes de suas mudanças musicais? Se dos elementos africanos restam apenas o motivo (frases melódicas), os procedimentos de estilização, que tomam esses referenciais estéticos sonoros, estariam dando conta dos requisitos determinados por uma forma de bailar, em par nos salões das associações recreativas, distinta das entendidas como tipicamente oriundas da África, consolidadas pelos modelos folclorizados?

As respostas a esses questionamentos passam por um olhar atento ao fenômeno dos clubes dançantes que proliferou na cidade nos fins do Século XIX a partir das experiências



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

associativistas dos negros no pós-abolição. Nestes locais, o movimento que promoveu uma nova coreografia e musicalidade, que se pretendia negra e nacional, era resultante de um longo processo de lutas e negociações entre os trabalhadores afrodescendentes frente ao projeto de desenvolvimento de uma sociedade industrial capitalista no Rio de Janeiro na República Velha. A dança em par no salão não é uma ruptura do gestual dos corpos negros das práticas sociais perseguidas pela polícia no período. Trata-se de um contraponto ao enquadramento de suas expressões artísticas como peças do folclore nacional, bem como, a iniciativa de trazer o samba para o status de nacional e moderno, tal qual ocorrera com o lundu e com o maxixe.

O novo tipo de samba, desenvolvido para se adequar a um gestual dos negros e das danças modernas nas primeiras décadas do século XX, foi também produzido por compositores oriundos dessas agremiações. A entrevista de Chico da Baiana deixa claro que a constituição do estilo enquanto gênero de música popular urbana não era apenas resultante das representações sociais da população negra carioca produzidas por teatrólogos, cronistas, desenhistas no Teatro de Revista e nos Jornais e destinadas unicamente ao comércio engendrado no emergente mercado de entretenimento. Sua criação fez parte de uma disputa em torno da construção da imagem do negro como ator social e político na cidade e na república, o que envolvia de um lado segmentos da classe artística e imprensa e de outro, homens e mulheres afrodescendentes, moradores de cortiços e favelas, trabalhadores ambulantes, do porto, do setor de serviços e operários, que lutavam por participação na vida pública e para afirmar seus costumes e forjar suas identidades coletivas.

312

O ritmo como fundamento para além da estilização, Moleque Diabo

No dia 10 de fevereiro de 1925, o músico negro, Aristides Júlio de Oliveira, o Moleque Diabo, banjista e compositor de choros, sambas e valsas, concedeu sua entrevista para a série. Na enquete, o musicista admitiu de imediato que, enquanto gênero de música popular, o samba seria um produto próprio do meio urbano, distinto dos espaços de ritualização e dos lazeres do ambiente rural.

Tenho notado no samba carioca a grande influência do Lundu que outrora fez a popularidade dos cantadores de modinha. Caso o casamento fosse possível não seria mau, porém depois de realizado, nota-se que do consórcio não resulta nem samba, nem lundu. Esta embrulhada, mistura aqui a bodega do samba e inutiliza o lundu (O JORNAL, 1925, p.5).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O compositor manifestava uma preocupação com a distinção musical em relação aos demais gêneros.

Samba verdadeiro tem sua toada característica e não precisa a gente “ser bacharel em Do Ré Mi” para conhecer essa toada. É da nossa alma e do nosso sangue. A técnica do samba não está só na melodia que todo mundo pode assobiar, não senhor. A questão é muito outra. Samba impreterivelmente tem de conservar a reminiscência africana na sua toada da própria. Vou dar um exemplo em que a música do verso indica, naturalmente, a música da dança (O JORNAL, 1925, p.5).

Agregado à semelhança com Lundu apontada pelo banjista, provavelmente resultante de uma tentativa de desenvolvimento do estilo enquanto modalidade de canção, o samba para o músico sofria da ausência do uso de padrões rítmicos, definidos como toadas, característicos das manifestações relativas às práticas sociais dos afro-brasileiros.

No samba que se toca aqui no Rio falta o essencial ao próprio samba, o contratempo acentuado, que é o seu característico fundamental. No desenvolver desse contratempo é que aparece a característica da reminiscência africana, com o seu tom e ritmos próprios, lembrando Urucungo monocórdico e o Caxambu marcante etc, etc (O JORNAL, 1925, p.5).

313

Em consonância com Chico da Baiana, Moleque Diabo afirmava a origem africana do samba, bem como, compreende que o conhecimento de sua toada não requer formação musical específica. Além disso, ainda reforçava a ideia, defendida pelo outro entrevistado, que a música deveria seguir os ditames da dança. Para Moleque é preciso que a música do verso indique a música da dança ou seja, a divisão rítmica da melodia deve seguir o mesmo padrão do ritmo marcado pela coreografia. Outro ponto central para o banjista diz respeito ao fato de a produção carioca não possuir o padrão rítmico característico da vertente, que para ele se dava pela acentuação no contratempo.

Eu sambo, eu me desengonço no samba com absoluto prazer. E sambo de vários modos, com a garganta, com os dedos, com os pés e com o corpo. Com a garganta cantando, com os dedos ferindo violão cavaquinho violino a viola (o que vier de corda, morre), com os pés e com o corpo dando os passos e as cadências da dança (O JORNAL, 1925, p.5).

Para o musicista o samba só era possível, enquanto, verbo, ou seja, tratava-se de uma ação, um gesto corporal, circunscrito no espaço e no tempo. Desta forma, se fazia necessário que os instrumentos harmônicos também fossem executados com as mesmas “batidas” com a



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

finalidade de reforçarem o elemento do ritmo como um tipo de identificação capaz de manter a sua originalidade enquanto expressão de reminiscências africanas para produzir sua distinção dos demais estilos em circulação na cidade a partir do gestual dos afrodescendentes. As ideias manifestas pelo cancionista embaralham ainda mais os debates das ciências sociais sobre a criação do samba. Ao sugerir que a ritmicidade do gênero deveria se também estabelecida pela divisão melódica e que esta era uma condição para a depuração dessa vertente musical no Rio de Janeiro, podemos questionar os argumentos defendidos pelo etnomusicólogo Carlos Sandroni, que ao estudar as mudanças nas levadas de violão do estilo entre as décadas de 10 e 30, concluiu que o processo de transformação dos padrões rítmicos se deu a partir da vinculação de uma maneira de tocar a determinados espaços culturais e atores sociais. Para o autor, o samba da Praça Onze, referenciado nos terreiros das tias baianas, expressava-se por meio de um paradigma musical específico que refletia a cultura deste grupo. Enquanto, que a outra forma era reflexo de um ambiente em torno do Estácio e da região do baixo meretrício, o Mangue, onde o malandro, cancionista puro e intuitivo, se transformaria em um tipo de compositor voltado ao mercado. Teríamos, dessa maneira, a passagem do oral para o escrito, do popular para a mercadoria.

O depoimento de Aristides Júlio de Oliveira, o Moleque Diabo, músico profissional atuante nas associações recreativas e no corpo de fuleiros navais, nos sugere, inicialmente, que tais operações para a criação de gêneros musicais populares eram necessidades de demarcação social e, desta forma, foram elementos constitutivos de novas identidades e que estão atreladas a uma longa luta política por defesa de costumes, conquistas de direitos, participação na vida pública do negro ao longo da República Velha em espaços diversos, tais como as rodas de capoeiragem, o teatro de revista, as associações recreativas, o carnaval, os cultos religiosos afro-brasileiros e outros. Além disso, indica que tal debate ocorria de forma aberta, sobretudo, nos meios profissionalizados da música.

Como vimos, ao contrário do que supõe Sandroni, o estilo considerado como “amaxixado”, entendido pelo pesquisador como “paradigma do tresillo”, não representa, propriamente, uma forma musical pura ou verdadeira, oriunda da comunidade baiana, mas uma representação social forjada a partir de procedimentos de estilização usados nas composições do período. Frequentadores de diversos redutos culturais afro-brasileiros do Rio de Janeiro e atuantes no mercado musical, seus autores tentavam criar um novo gênero de música popular por meio da apropriação de motivos melódicos, provenientes do jongo, da pernada, da capoeira, das macumbas, chulas e do partido alto, que circulavam nas diversas festas e confraternizações dos trabalhadores negros, tipificadas como samba. Apesar das declarações de Moleque, os indícios são insuficientes para tirar conclusões, mesmo que iniciais, acerca

314



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

das razões pelas quais se deram essas mudanças, no entanto, indicam que não havia um consenso em torno da forma musical do samba e que este era um tema em debate entre instrumentistas e compositores.

A criação do samba enquanto gênero popular urbano e nacional, entendido aqui como vertente musical produzida pelo nascente mercado de entretenimento, legitimada como expressão genuinamente brasileira, não se daria apenas a partir de uma mudança geracional nas comunidades afro-brasileiras do Rio de Janeiro na segunda metade dos anos 20, com a passagem do grupo do grupo baiano para os cariocas do Estácio. Ela correspondia também à participação ativa de músicos negros, atuantes nos meios musicais da cidade, em torno das discussões sobre a constituição da arte brasileira e era fruto de suas lutas por ampliação de participação política, bem como, o enfrentamento ao racismo.

Quando surge nos anos 10, o samba era produzido a partir da estilização de músicas oriundas de diversas práticas culturais tipificadas como folclóricas, ou seja, procurava-se criar o samba como uma representação destas práticas como uma linguagem musical moderna. A partir de meados dos anos 20, como sugere a entrevista de Moleque Diabo, esse tipo de canção não seria mais criado pela estilização, mas por uma identificação de caráter rítmico que seria traduzido na divisão da melodia. Desse modo, a utilização de uma nova célula rítmica, o chamado toque do “teleco teco” do tamborim, sua identificação com a favela como espaço social e a fundação, na virada para os anos 30, das escolas de sambas se deram, portanto, a partir de uma mudança de conceito musical nos procedimentos das composições e como uma luta das comunidades negras cariocas ao produzirem suas representações sociais.

315

Considerações Finais

Entre os anos 20 e 40, o termo “estilização” foi utilizado por diversos artistas modernistas e se referiam a processos desenvolvidos para trabalhar o elemento rítmico e melódico, tipificado como folclórico, em composições de obras da música erudita brasileira. O método se dava através do uso de estruturas melódicas, rítmicas, rítmico-melódicas, harmônicas, instrumentais e da estrutura propriamente dita como motivos para a criação de peças musicais de caráter nacional. Tratava-se de um processo de autentificação.

No conjunto de enquetes da série, publicada em 1925 no periódico O Jornal, nota-se que o método era também adotado no mercado de partituras e na nascente indústria fonográfica para a formatação de gêneros musicais com caráter nacional no âmbito da chamada música ligeira, urbana, destinada ao comércio e ao entretenimento.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Aristides de Oliveira, o Moleque Diabo, em sua entrevista questionava a eficácia da utilização de motivos melódicos de caráter folclóricos para a formatação do gênero do samba ao compreender que o aspeto rítmico deveria ser o elemento definidor do gênero. Tal discussão, como demonstra a série de reportagens, se deu entre artistas negros que circulavam em espaços como o carnaval, os ritos religiosos de matriz africana e as festas católicas, o teatro de revista, os clubes de dança, o mercado de partituras e a nascente indústria fonográfica na cidade do Rio de Janeiro. O samba, expressão usada genericamente pela imprensa policial desde os fins do século XIX, que caracterizava um conjunto de práticas sociais das comunidades negras cariocas como ameaçadoras a ordem e o trabalho, passava por um processo de ressignificação ao se constituir como gênero coreográfico e de música modernas.

A partir do final dos anos 20, mudanças na metodologia do processo de composição do samba com o uso de células rítmicas como matriz para a formatação do gênero parecem convergir com as questões levantadas por Moleque Diabo. A historiografia do samba, baseada em um conjunto de fontes produzidas por mediadores pautados pelo folclorismo urbano dos anos 50, convencionou, no entanto, caracterizar essas transformações como frutos do surgimento de uma nova geração de sambistas oriunda do bairro do Estácio em detrimento a tradição musical da comunidade baiana da Pequena África com o objetivo de criar uma dualidade entre o urbano e o rural, o moderno e o tradicional ao produzirem para isso uma representação social do Rio e da Bahia.

No ano de 1947, o sociólogo Gilberto Freyre, autor de “Casa Grande Senzala”, um dos principais pensadores sobre a formação nacional e a mestiçagem, afirmava em seu prefácio ao livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, que o futebol, assim como o samba, não se degradou “moral ou socialmente em proezas como as do cangaço ou nos rabos-de arraia da capoeiragem” (FREYRE,2003, P.24):

O samba teria se conservado particularmente primitivo, africano, irracional que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com prejuízo para a nossa cultura e para o seu vigor híbrido. A malandragem também teria se conservado inteiramente um mal ou uma inconveniência. (FREYRE,2003, P.24).

As afirmações de Freyre, vinte e dois anos após a série de entrevistas, contribuem para o questionamento aos cânones da historiografia do samba, que dualizam um estilo rural versus um urbano. Ao pontuar que as estilizações modernas do samba não seriam conhecidas se fossem mantidos os aspectos africanos, valorados como primitivos, o sociólogo entendia que o samba teria passado por um processo de evolução à medida que adotou conceito musicais

316



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

brancos e europeus. E é, justamente, em contraponto a essas ideias, que as questões trazidas por Moleque Diabo se revelavam portadoras de um significado social e político. A mudança proposta no método de criação musical, sugerida pelo autor, propunha, não mais o uso do recurso da estilização, e sim o da produção de uma música baseada em uma matriz rítmica como elemento de afirmação de uma origem africana para o moderno samba carioca. Cabe destacar que esse procedimento não significava a afirmação de uma africanidade em uma perspectiva essencialista, metafísica, produzindo uma forma única e verdadeira para o gênero. Ao contrário, o conjunto de sambas compostos, a partir dessa metodologia, permitiu o uso, a apropriação e ressignificação de práticas sociais de diversos grupos sociais pelas comunidades negras cariocas. Subvertia-se dessa forma as ideias dos folcloristas dos finais do século XIX e dos modernistas dos anos 20 e 30 que entendiam o samba como híbrido à medida que representava uma evolução da contribuição dos negros, valorada negativamente como primitiva, em direção a erudição e ou a música branca e europeia como sugeriu Vinícius de Moraes na canção Samba da Benção:

Por que o samba nasceu lá na Bahia
E se hoje ele é branco na poesia
Ele é negro demais no coração

317

Desse modo, Moleque Diabo, Chico da Baiana e os chamados maestros do assobio travaram uma importante disputa pelo sentido social das práticas sociais das comunidades negras cariocas em busca por direitos sociais e no enfrentamento ao racismo.

Referência

ABREU, Martha e DANTAS, Carolina Vianna. *“Música Popular, Identidade Nacional e Escrita da História”*, Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, v. 13. n. 1, Rio de Janeiro, mai. 2016.

ARAÚJO, Samuel. *“Trabalho Acústico uma reconceitualização do objeto de estudo na etnomusicologia”*, Rio de Janeiro, Anais do VI ANPPOM, 1993.

_____. *“Descolonização e discurso: notas acerca do poder, do tempo e da música”*, Revista Brasileira de Música, 1992-93.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BARTH, Fredrik. “O guru, o iniciador, e outras variações antropológicas”. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.

CHARTIER, Roger. “A História Cultural: entre práticas e representações”, Portugal, Difel, 1990.

_____. “Cultura Popular: revistando um debate historiográfico”, Rio de Janeiro, Revista Cultura e História Urbana, vol 8, n 16, 1995.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. “Ecos Da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920”. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FILHO, Mario, “O Negro no Futebol Brasileiro”, Rio de Janeiro, MAUAD, 2003.

FONSECA, Edilberto, “A ideia de folk e as musicologias”, Rio de Janeiro, *DEBATES - Cadernos Do Programa De Pós-Graduação Em Música*, vol.12, 2014.

PEREIRA, Leonardo A. Miranda. “A Cidade que Dança, Clubes e Bailes Negros no Rio de Janeiro (1881-1933)”. Rio de Janeiro: 2021.

SANDRONI, Carlos. “Feitiço decente. Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./ Ed. UFRJ, 2001.

SANTO, Sprito. “Música Africana na Corte Imperial do Brasil - Notas etnomusicológicas sobre a cultura africana no Brasil Colonial”, 2021.

SEGEER, Anthony, “Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People”, Cambridge, Reino Unido, Cambridge University Press, 1987.

318



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARTAS PELA CULTURA: ANÁLISE INICIAL DAS DEMANDAS POR POLÍTICAS CULTURAIS NA CONSTITUINTE (1987-1988)

Laís Nóbrega Gabetto de Sá¹

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados preliminares das análises de cartas enviadas para a Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988) com as demandas para o campo da cultura. Essa pesquisa faz parte do projeto “História das Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1980 ao século XXI” coordenado pela Lia Calabre, chefe do Setor de Políticas Culturais da Fundação Casa de Rui Barbosa.

As cartas analisadas foram fruto dos formulários entregues aos Correios para a população participar diretamente do processo enviando sugestões para redação do texto da Constituição de 1988. Segundo consta no site do Senado Federal, a iniciativa foi feita por um servidor do Senado e foi acolhida pelo presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) (SENADO FEDERAL, 2025). Entretanto, a proposição desse mecanismo foi possível por conta da mobilização do período com os movimentos sociais solicitando que a população deveria ser devidamente escutada:

[...] O interesse participativo revelado nas cartas encontrava sustentação ideológica e organizacional nas campanhas pró-participação popular na Constituinte, que, naquele momento, irrompiam na cena pública [...] (VERSIANI, 2013. p. 172)

O percurso metodológico da pesquisa contou com a análise de fontes primárias e revisão de literatura sobre os temas das políticas culturais, cultura e do processo constituinte. As fontes foram dadas a partir da busca na base de dados SAIC – Sugestões da População para a Assembleia Nacional Constituinte do Senado Federal. Para o levantamento das cartas, o termo de entrada utilizado foi “cultura” e a partir disso foram apresentados 1562 resultados. Por conta da abrangência do termo de busca, algumas palavras que não pertenciam ao contexto da temática da pesquisa foram retiradas, como “agricultura” ou “monocultura”, entre outras. Dessa forma, o presente trabalho apresenta os resultados obtidos através da

¹Pesquisadora e bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/PIPC). Mestra em História (PPGH/Unirio). Graduada em História (UFF). Pesquisadora do Jics/UFF e do OTP/UFF. E-mail: laisgabetto@id.uff.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

análise de 381 cartas com as sugestões para o campo da cultura. O levantamento ainda se encontra incompleto, pois foram observadas em torno de 900 cartas restando ainda 662 para chegar ao resultado completo.

Por isso, o título do artigo menciona a abordagem de uma análise inicial sobre as demandas por direitos culturais e sobre o perfil daqueles que escreveram esses pedidos, trazendo dados de gênero, faixa etária e renda, além de exemplos de sugestões de políticas para a cultura.

Cultura e redemocratização

Logo após o fim da ditadura militar, o presidente José Sarney convocou a Assembleia Nacional Constituinte para confecção do texto da Constituição para o novo ordenamento democrático. Palco de intensas disputas políticas e algumas controversas, a Assembleia foi organizada de maneira a manter sujeitos conservadores para garantir que certos direitos ficassem à margem das discussões. Assim, a sua composição ficou dividida entre partidos conservadores (PFL, PDS, PTB, PL e PDC) e progressistas (PT, PDT, Pcdob e PSB), além do PMDB ser o partido majoritário, mas se posicionar conforme a ala. Os conservadores ocuparam a maior parte das cadeiras do Congresso (PILATTI, 2020).

Embora essa formação seja relevante para exemplificar que nem tudo almejado foi conquistado, a Constituinte não se define somente nessa esfera. A população participou intensamente e diretamente do processo colocando o contexto como momento inédito em quesitos de participação e mobilização na história do país (VERSIANI, 2013).

O contexto da redemocratização certamente impulsionou a organização dos movimentos sociais e de outras esferas da sociedade que viveram mais de duas décadas sem seus direitos políticos garantidos. A repressão da ditadura militar fez com que, por exemplo, as eleições para presidente ficassem suspensas. Além disso, a Constituição aparecia como um lugar de esperança e possibilidade de colocar antigas demandas em prática, algumas até pela primeira vez.

No campo da cultura, uma novidade aparecia no cenário democrático com a criação de um Ministério exclusivo para a cultura. A justificativa para criação do Ministério vinha sendo discutida desde a década de 1970 (CALABRE, 2009). Os defensores do MinC acreditavam que o país havia atingido um grau de desenvolvimento em que consistia necessário pensar uma Política Nacional da Cultura e separar a cultura da educação porque o segundo tema acabava por ser prioridade para o MEC, na maior parte das vezes (CALABRE, 2009).

Em 1986, Celso Furtado ocupou o cargo de Ministro da Cultura e realizou mudanças na gestão com a finalidade de estruturar o ministério (CALABRE, 2009). Com a Assembleia

320



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nacional Constituinte iniciada em 1º de fevereiro de 1987, Celso Furtado participou da audiência pública promovida pela Subcomissão de Educação, Cultura e Esportes, em 12 de maio de 1987, defendendo o campo cultural com desenvolvimento de políticas para o país (ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE, 1987).

As subcomissões temáticas fizeram parte da organização dos trabalhos parlamentares da ANC e no caso, em específico para a cultura, o tema foi debatido em três reuniões da referida subcomissão, com dois dias dedicados exclusivamente para o tema. Nessas reuniões, participaram diversos representantes de entidades do setor, como do Conselho Nacional de Direito Autoral, Associação de Jovens Artistas, Fórum Nacional de Secretários de Cultura, entre outros que debateram sobre temas específicos para suas áreas, mas também em relação a proposição de políticas públicas culturais no âmbito federal (ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE, 1987).

Segundo o representante do Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social, de Orientação e Formação Profissional em Brasília (SENALBA-DF), a subcomissão convidou apenas membros efetivos de órgãos oficiais do setor, indicando o caráter elitista das discussões, com a ausência de movimentos de base e comunitários (DUARTE, 2017). Nesse sentido, a crítica do representante do sindicato reforçava os pedidos dos movimentos sociais de participação efetiva na Constituinte.

A criação de um canal oficial para comunicação entre o governo e sociedade, como foi o exemplo para o envio das cartas através das agências dos Correios, possibilitou a ampliação dessa participação. Nesse sentido, os que foram escrever sugestões para a Constituinte não eram necessariamente pertencentes aos movimentos sociais, mas também pessoas comuns sem nenhum tipo de vínculo institucional ou organização (VERSIANI, 2013). Assim, diversas questões foram postas, como demandas por políticas culturais, denúncias para antigos problemas, mas também anseios para a democracia brasileira.

Perfil em gênero, idade e renda

O envio desses formulários foi realizado através do projeto “Diga Gente e Projeto Constituição” da CCJ. Para enviar a sugestão, os cidadãos deveriam ir até uma agência dos Correios onde o formulário estaria disponível para o preenchimento. Os campos correspondentes para preenchimento contavam com a indicação para marcar informações sobre: sexo, morador (zona urbana ou zona rural), Estado e Município, grau de instrução, faixa etária, faixa de renda e atividade profissional, além do espaço em branco para escrever

321



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

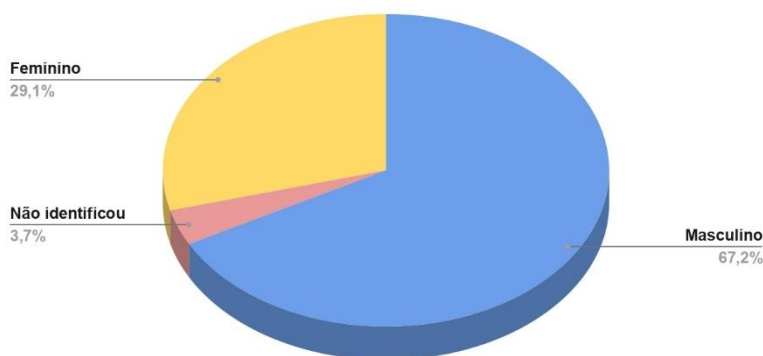
com as próprias palavras sugestões para o texto constitucional. As cartas poderiam ser direcionadas a parlamentares específicos.

Os dados tratados para a pesquisa foram: sexo, faixa etária e faixa de renda. Essa escolha se deu pelos resultados serem melhor representados a partir de gráficos, elencando pontos importantes para elaborar um perfil inicial sobre essa participação em relação àqueles que enviaram suas sugestões para o campo da cultura. Acrescenta-se que os outros campos constituem elementos igualmente importantes para serem informados em outra oportunidade.

Havia a possibilidade de deixar o espaço para preenchimento em branco, sendo o caso representado no gráfico como “não identificou”. Além disso, esses dados se encontravam separados, ou seja, foi preciso um trabalho para tratar essa informação com a finalidade de gerar resultados sobre porcentagem e quantidade. Nesse sentido, foi possível o estabelecimento do perfil daqueles que escreveram suas demandas para o campo da cultura. Os gráficos seguem abaixo com elaboração autoral baseados nas informações disponíveis nas cartas:

322

Gráfico 1 - Gênero



Fonte: Autoral (com base em Senado Federal)

A partir do gráfico 1 em que constam dados sobre Gênero, foi possível concluir que 67,2% das pessoas se identificaram com o sexo masculino; 29,1% com o sexo feminino e 3,7% não se identificaram. Dessa forma, aqueles que enviaram sugestões para o campo da cultura foram na maior parte homens, indicando um perfil majoritariamente masculino. Embora,



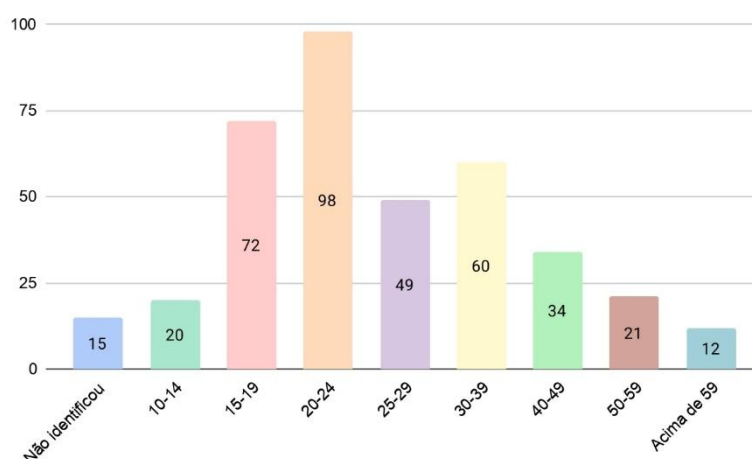


7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

isso não exclua a participação das mulheres que se fizeram presentes nesse processo. É importante destacar que os únicos campos disponíveis para identificação eram “masculino” e “feminino”, entendendo o contexto da década de 1980 em questões sobre gênero.

Gráfico 2 – Faixa Etária



Fonte: Autoral (com base em Senado Federal)

O gráfico 2 - Faixa Etária trazia os campos de identificação para as idades entre: 10 a 14 anos; 15 a 19; 20 a 24; 25 a 29; 30 a 39; 40 a 49; 50 a 59 e acima de 59. O gráfico mostra que as idades entre 20 a 24 anos e 15 a 19 anos foram predominantes, o que indica, portanto, a participação de jovens nesse processo pelas demandas por políticas para a cultura.

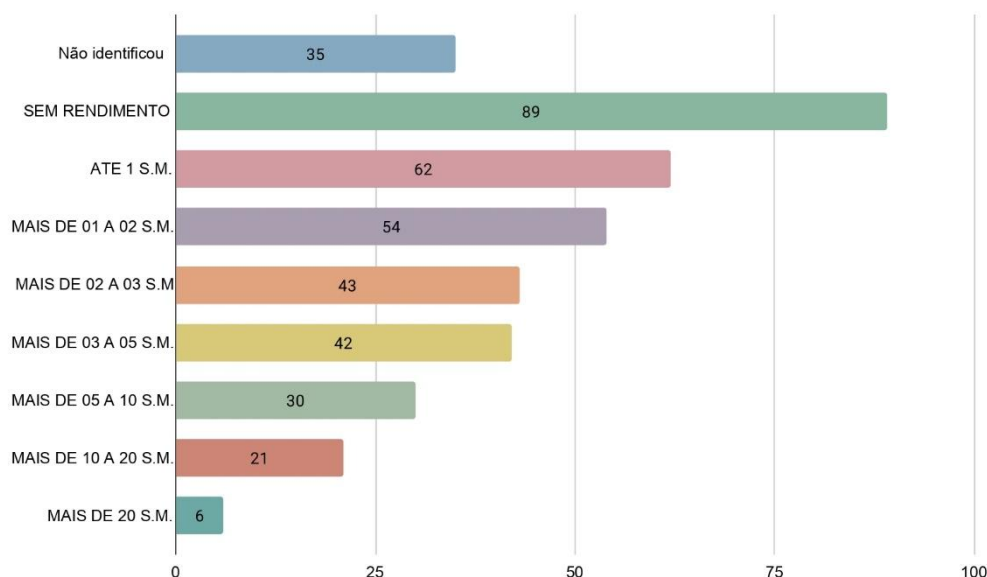
Esse resultado pode estar relacionado com a organização da juventude no período através do movimento estudantil, ou dos estudantes de uma forma geral, além da organização de outros movimentos de juventude que surgiram na época, como a juventude do PT e a União da Juventude Socialista (UJS). Cabe ressaltar que, na década de 1980, os jovens elaboraram um pedido para que o voto fosse dado a partir dos 16 anos, construindo campanhas para intensificar a participação nesse processo, entendendo seu lugar enquanto atores políticos (SÁ, 2021).



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Gráfico 3 – Renda



Fonte: Autoral (com base em Senado Federal)

324

O gráfico 3 – Renda demonstra a Faixa de Renda predominante como sendo sem rendimento, seguido de até um salário mínimo e mais de um a dois salários. Esses dados apontam para a participação de uma população de baixa renda nesse processo e corroboraram com a análise do gráfico anterior, em que foi mencionada a participação de jovens estudantes. Na maioria das vezes, estudantes não possuem renda própria, pois ainda não estão inseridos no mercado de trabalho, apesar dessa observação ter um recorte de classe e existirem estudantes que são trabalhadores inseridos em outro contexto.

Sugestões para a Cultura

Durante a Constituinte, como foi mencionado anteriormente, a organização dos trabalhos contou com comissões e subcomissões temáticas, sendo a cultura pauta da Subcomissão de Educação, Cultura e Esportes. Na subcomissão, os titulares eram parlamentares majoritariamente dos partidos conservadores, com os progressistas tendo alguma representação com Florestan Fernandes (PT) e Chico Humberto (PDT), a presidência ficou com o PMDB, pelo deputado Hermes Zaneti.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Os parlamentares da subcomissão foram os responsáveis por estruturar o anteprojeto a ser encaminhado para a Comissão de Sistematização com a redação sobre os temas da educação, cultura e esportes a serem inseridos na Constituição. Significa que parte da responsabilidade atribuída ao que consta no Capítulo III – especialmente ao que se refere para o objeto em análise da Seção II (Cultura) da Constituição de 1988 - foi incorporada durante o período das discussões da subcomissão (DUARTE, 2017).

Embora, o objetivo do trabalho seja apresentar uma análise inicial sobre as demandas da população por políticas culturais apresentadas nas cartas, existe a necessidade de mencionar pontos que estavam sendo debatidos pelos parlamentares. Essa reflexão busca evidenciar em que medida as demandas da população se encontravam distantes ou foram inseridas nas discussões parlamentares.

Em relação as discussões parlamentares, a historiadora Aimée Duarte (2017) estruturou uma síntese dos pontos mais debatidos durante a ANC. Segundo a autora, os temas poderiam ser divididos em:

- 1) Acesso à cultura como direito do cidadão, liberdade de criação e de expressão e respeito à identidade e diversidade cultural [...]
 - 2) Fim da censura [...]
 - 3) Crítica a subcomissão da cultura ao mercado e à influência estrangeira [...]
 - 4) Preservação do Patrimônio [...]
 - 5) Ampliação do orçamento para a cultura [...]
- (DUARTE, 2017. p.134).

325

Todos esses pontos apresentados pela autora seguem interligados ao contexto de retorno democrático, além de incluírem demandas antigas do setor cultural, principalmente em relação à questão do orçamento para a cultura.

Um dos exemplos dessas demandas apareceu na carta escrita por uma mulher de Manaus-AM, de 1 de julho de 1986, na qual foi feito um pedido pelo acesso à cultura. A sugestão continha: “democratização da cultura (livre expressão de indivíduos e grupos), acesso a todos os bens culturais” (BRASIL, 1986a). A carta exemplificava especialmente o ponto síntese apresentado no primeiro tópico em relação ao acesso e a liberdade de expressão. Nesse sentido, a demanda apresentada demonstra a articulação presente entre o que estava sendo debatido pela sociedade com o que estava sendo levado às discussões parlamentares.

Outro aspecto relevante diz respeito à democratização da cultura, conforme proposto na carta, sobre a desigualdade de acesso. Esse ponto articula-se diretamente à concepção da cultura como direito de todos, questão ainda discutida amplamente pelos setores na formulação de políticas públicas para o campo.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A menção ao fim da censura atinge essencialmente ao contexto anterior por conta da suspensão de direitos pela ditadura militar. Nesse sentido, a discussão sobre a liberdade de expressão e criação soma-se à demanda pelo fim da censura, como na carta escrita por um homem de Itajaí-SC: “[...] censura (que precisa ser acabada definitivamente, quer nas artes, no teatro, no cinema e na televisão) [...]” (BRASIL, 1986b).

A censura também foi assunto em relação a classificação etária, no sentido de redefinir esse entendimento, com o intuito de propor uma nova forma de fiscalização voltada à exibição de obras televisas ou cinematográficas fora desse âmbito repressivo. Nesse sentido, duas contribuições destacaram-se ao sugerirem essa atribuição como competência do Ministério da Cultura, uma carta de Olinda-PE com a sugestão: “e por isso, é que acho que a questão da liberação ou não, no que diz respeito a diversões públicas deve ser função apenas do Ministério da Cultura, pois ele agora existe” (BRASIL, 1986c). E outra de Viamão-RS: “que a censura seja abolida, ficando em seu lugar um conselho multidisciplinar subordinado ao Ministério da Cultura [...]” (BRASIL, 1986d).

A crítica à influência da cultura estrangeira foi recorrente em muitas cartas. Nesse contexto, foi possível identificar uma demanda significativa pela restrição de reprodução de músicas e filmes estrangeiros, bem como pedidos para preservar o português – compreendido como esforços para valorizar a cultura nacional. As críticas eram dirigidas para a quantidade expressiva de filmes e músicas, principalmente norte-americanos, apelidados de “enlatados” e que estariam ocupando o espaço destinado à produção nacional.

Assim, as sugestões diziam sobre a valorização da cultura nacional e mencionavam a criação de uma legislação que garantisse o lugar do artista na cultura do país, a partir da reprodução obrigatória de obras nacionais. Esse foi um dos pedidos listados na carta de um homem que escreveu de Juiz de Fora-MG a seguinte sugestão: “gostaria de sugerir uma legislação onde emissoras de televisão fossem obrigadas a veicular pelo menos 70% de programas produzidos no Brasil” (BRASIL, 1986e).

Outros pedidos reforçavam esse posicionamento ao reivindicarem pela reprodução de músicas brasileiras nas rádios. A valorização da cultura nacional também pode ser evidenciada pelo contexto histórico das décadas de 1970 e 1980, em que havia ainda resquícios da discussão sobre um projeto nacional-desenvolvimentista.

A questão do patrimônio cultural foi ponto de diversas cartas, especialmente em questões como preservação do patrimônio histórico e reconhecimento de outros como partes componentes da cultura brasileira. Houve numerosos pedidos para a preservação da cultura indígena, entendida também como um patrimônio nacional. Nesse sentido, a questão indígena recebeu atenção na Constituição por meio de um capítulo específico, distinto

326



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

daquele da cultura, por demandas particulares das populações indígenas, embora ambos os campos compartilhem de questões comuns em temáticas sobre valorização do patrimônio nacional.

Uma observação em relação aos temas do patrimônio e da censura e liberdade de expressão consiste em mencionar que eles foram pontos de análise em artigos e dissertações, como do pesquisador Yussef Campos (2015) e Lucas Borges de Carvalho (2016). Além desses, alguns temas são amplamente discutidos dentro do campo das políticas culturais, principalmente questões sobre o orçamento. Mas, outros ainda carecem de análises mais aprofundadas, pensando particularmente o período da Constituinte de 1987-88 e suas reverberações para a construção de políticas públicas que podem influenciar contextos mais contemporâneos.

O tema do orçamento talvez seja o mais polêmico nas discussões parlamentares e de um modo geral por ser um ponto extremamente conflituoso pelas disputas dos recursos. Por esse motivo, o tema recebeu bastante atenção em diversas cartas. No entanto, muitas apresentaram propostas vagas, com expressões como “verbas para cultura e educação” ou “incentivo à cultura”, sem detalhar como gerir o orçamento ou sobre quantidade destinada ao setor. Isso não significa, contudo, que todas as cartas tenham abordado o assunto dessa maneira, tampouco que o tema foi considerado secundário. A população demonstrou entender que esse era um aspecto central a ser disputado para formulação de políticas.

Nesse sentido, um ponto de discussão dizia sobre o direcionamento do orçamento para os trabalhadores da cultura. Então, além de pedidos de ampliação do orçamento para a cultura de forma geral, pedidos específicos diziam sobre a valorização do artista e ampliação de seus direitos enquanto trabalhador da cultura:

Espero que a nova Constituição disponha de artigo que, após ser transformado em lei ordinária, proteja todos os artistas e artesãos [...] garantindo-lhes um salário referência no valor de 20 salários mínimos (BRASIL, 1986f).

Esses são alguns dos exemplos das demandas para o campo da cultura, mas existiram outros que tratavam sobre as áreas específicas do setor, com sugestões para a música, artes, livro, direito autoral, bibliotecas, museus etc. Algumas cartas apresentaram somente reclamações e denúncias e outras indicavam o sentimento de esperança em relação ao retorno da democracia, duas cartas encontradas trouxeram a frase “tem que dar certo”.

Um assunto que também prevaleceu foi o entrelaçamento da cultura e educação. As sugestões das cartas que mencionavam esses dois campos colocavam a cultura e educação como partes essenciais para o desenvolvimento nacional. A educação foi apresentada como uma ponte inicial para o ensinamento da cultura do país. Essa relação historicamente

327



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

construída, pode ser exemplificada a partir dos ministérios da cultura e educação serem aglutinados em um só até 1985. Entretanto, o campo cultural entendia suas especificidades e demandava por uma atenção específica, buscando sempre enfatizar o seu lugar particular na formulação de políticas (CALABRE, 2009).

Considerações finais

A partir da análise dos gráficos, foi possível delinear um perfil amostral dessa população que foi aos Correios escrever propostas de políticas culturais. Logo, esses pedidos vieram majoritariamente de homens, jovens, provavelmente estudantes – por conta da marcação do campo “sem rendimento” – e também de uma população de baixa renda.

A cultura foi entendida como um direito e apareceu em diversas sugestões como ponto essencial para o desenvolvimento do país. Dessa forma, a população entendeu que era preciso investir na cultura, construir políticas públicas voltadas para área de uma forma ampla, mas também em campos específicos do setor.

Ainda que essa abordagem analítica seja inicial, foi possível perceber uma ampla variedade de demandas por direitos culturais, algumas de forma abrangente, mas outras propostas particulares e estruturadas, como a formulação de uma política que assegurasse dignidade aos trabalhadores da cultura, articulando questões da época e relacionadas aquelas discutidas no âmbito institucional.

Ao analisar os fundamentos e direitos culturais, a partir da inserção da cultura na Constituição de 1988, Humberto Cunha Filho (2004) estabeleceu que os princípios constitucionais culturais poderiam ser elencados como sendo: “princípio do pluralismo político [...] participação popular na concepção e gestão das políticas culturais [...] respeito à memória coletiva e princípio da atuação estatal” (CUNHA FILHO, 2004. p.74).

A interpretação do autor, portanto, colabora para concluirmos que as demandas apresentadas pela população não estavam isoladas daquilo que foi debatido na política institucional, algo que foi apresentado também pela síntese de Duarte (2007). Embora, a teoria muitas vezes se distancie da prática e a proposição de políticas culturais sejam elaboradas fora dos princípios mencionados e que deveriam ser norteadores da formulação e implementação de políticas públicas na atualidade.

Assim, as discussões sobre o campo cultural tomaram outras proporções nesse período, entrelaçando questões que faziam sentido à época e reforçavam também as demandas sobre a atenção específica para o setor cultural. Contudo, o país mantém a lógica de descontinuidades de suas políticas, então, muito do que foi construído acaba se perdendo

328





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

por mudanças na conjuntura e outras questões políticas que interferem nas continuidades dos processos (RUBIM, 2007).

Apesar dos percalços e tentativas de controle do processo, o contexto e a mobilização permitiram uma ampliação da participação da população que conseguiu se organizar e fazer representar suas demandas na ANC, exercendo e construindo sua cidadania (VERSIANI, 2013).

Referências

ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE. **Atas das Comissões**. Diário da Assembleia Nacional Constituinte. Brasília: DF, julho de 1987. Disponível em: imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/sup97anc18jul1987.pdf#page=178 Acesso: 18 jul 2025.

BRASIL. **Base SAIC** – Sugestões da população para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Brasília: 1988. Formulário n. 092, Tipo 60, Origem L004, 02 jul. 1986a.

BRASIL. **Base SAIC** – Sugestões da população para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Brasília: 1988. Formulário n. 087, Tipo 10, Origem L004, 10 abr. 1986b.

BRASIL. **Base SAIC** – Sugestões da população para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Brasília: 1988. Formulário n. 646, Tipo 9, Origem L026, 25 maio 1986c.

BRASIL. **Base SAIC** – Sugestões da população para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Brasília: 1988. Formulário n. 687, Tipo 10, Origem L128, 29 abr. 1986d.

BRASIL. **Base SAIC** – Sugestões da população para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Brasília: 1988. Formulário n. 194, Tipo 10, Origem L009, 4 dez 1986e.

BRASIL. **Base SAIC** – Sugestões da população para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Brasília: 1988. Formulário n. 562, Tipo 10, Origem L023, 11 abr 1986f.

CALABRE, Lia. **Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

329



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

_____. **Escritos sobre políticas culturais.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. **A dimensão política do patrimônio cultural na constituinte de 1987-1988.** Tese. 242f. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

_____. Patrimônio cultural e processo constituinte (1987/88). **Políticas Culturais Em Revista**, n.6, 71–84, 2013. <https://doi.org/10.9771/1983-3717pcr.v6i1.8246>

CARVALHO, Lucas Borges de. Censura e liberdade de expressão na Assembleia Constituinte (1987-1988). **Revista de informação legislativa: RIL**, v. 53, n. 209, p. 87-113, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/53/209/ril_v53_n209_p87>

CUNHA FILHO, Humberto. **Cultura e Democracia na Constituição Federal de 1988:** Representação de interesses e sua aplicação ao Programa Nacional de Apoio à Cultura. 2004. Tese (Doutorado em Direito Público) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

DUARTE, Aimée Schneider. **Agenda oculta:** a Constituinte de 1987-88 e seus fundamentos culturais. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017.

_____. **As faces da cultura no âmbito da CF de 1988.** In: CUNHA FILHO, Francisco Humberto; BOTELHO, Isaura; SEVERINO, José Roberto. **Direitos culturais: coleção cultura e pensamento.** Bahia: EDUFBA, 2018. v.1, p.57-77.

PILATTI, Adriano. **A Constituinte de 1987-1988:** progressistas, conservadores, ordem econômica e regras do jogo. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: RUBIM, A.; BARBALHO, A. (orgs.). **Políticas Culturais no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2007. p.11-37.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

SENADO FEDERAL. **Base SAIC** – Sugestões da população para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Brasília: 1988. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/constituicao-dos-sonhos/> Acesso: 18 jul 2025.

VERSIANI, Maria Helena. Uma República na Constituinte (1985-1988). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, n.60, 2010. p. 233-252

_____. **Linguagens da cidadania**: os brasileiros escrevem para a Constituinte de 1987/1988. 2013.284f. Tese (Doutorado em História). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2013.

SÁ, Laís Nóbrega Gabetto de. **Participação da juventude no Processo Constituinte Brasileiro (1985-1988)**. 2021. 68f. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021.

331



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O INTERDISCURSO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS NA DÉCADA DE 1970 E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS EM LEGISLAÇÕES E MATERIAIS DIDÁTICOS DA ÉPOCA

João Vitor Ferreira da Silva Gonzalez¹

Introdução

A interdisciplinaridade é uma temática de grande destaque tanto no meio científico quanto no educacional. No campo das ciências, áreas como a ecologia, a bioquímica, a informática, a engenharia genética e a medicina, por exemplo, recorrem a múltiplas abordagens para investigar seus objetos. No campo da educação, a interdisciplinaridade ganha relevância à medida que articula saberes recontextualizados para o ambiente escolar (SANTOMÉ, 1998). Entretanto, com frequência, deixam-se de lado os aspectos históricos e constitutivos do termo, o que contribui para sua naturalização como um conceito pronto, linear, estável e desprovido de historicidade. Na realidade, a interdisciplinaridade carrega uma polissemia de sentidos, inserida em contextos sociais marcados por tensionamentos e disputas de poder, que tornam o vocábulo aberto a múltiplas interpretações (Idem, ibidem).

Assim, este trabalho analisa, de forma sintética, o interdiscurso da interdisciplinaridade em sua constituição no contexto brasileiro, com ênfase na década de 1970. Busca-se examinar sua presença em legislações e pareceres da época, bem como na obra de Valnir Chagas (1982), autor de destaque no período. Além disso, investiga-se como esse interdiscurso se manifesta em materiais didáticos e guias docentes, a fim de compreender de que maneira os discursos são recontextualizados nesses diferentes espaços.

O período analisado foi marcado pela ditadura militar no Brasil e pelas reformas educacionais instituídas pela Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971), que ampliou a escolarização obrigatória para oito anos. Nesse contexto, consolidou-se também a defesa de um ensino de ciências com ênfase na experimentação e na ciência de referência, influenciado pelo movimento de renovação curricular oriundo dos Estados Unidos.

¹ Licenciado em Ciências com habilitação em biologia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e discente do Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Matemática (PECMA) pela mesma instituição com foco de estudo na interdisciplinaridade e no ensino de ciências em uma perspectiva histórica. Professor de biologia há oito anos. Contato: vitor.gonzalez@unifesp.br





A metodologia adotada fundamenta-se na análise de documentos e em pesquisa bibliográfica, articuladas à teorização proposta pela Análise de Discurso, conforme Orlandi (2015). Essa abordagem permite relacionar a linguagem à materialidade histórica inscrita no social, com o objetivo de desvelar os efeitos de sentido produzidos pelo interdiscurso da interdisciplinaridade.

A hipótese inicial é a de que os materiais analisados expressam distintas concepções da interdisciplinaridade enquanto interdiscurso, em virtude da polissemia que marca esse termo. Tal multiplicidade de sentidos contribuiria para ações pedagógicas mais difusas e genéricas, dificultando a consolidação de uma prática estabilizada e teoricamente fundamentada para o ensino de ciências da natureza.

Percurso teórico e metodológico da pesquisa

A Análise de Discurso proposta por Orlandi (2015) não se restringe à linguagem como um sistema abstrato, mas a relaciona com a história e com os sujeitos que produzem e são atravessados por discursos. Esses sujeitos ocupam posições determinadas por interesses, ideologias e desejos, representando lugares sociais que compõem uma trama discursiva situada historicamente. O discurso, nessa perspectiva, não é entendido como uma matriz neutra, como o seria em uma abordagem positivista, mas como uma formação marcada por tensionamentos, deslocamentos e pela memória que o constitui.

O conceito de interdiscurso, conforme proposto por Orlandi (2015), refere-se ao já dito que circula entre diferentes formações discursivas, sendo constantemente ressignificado em novos contextos sociais. Isso significa, por exemplo, que termos recorrentes no período, como “integração” e “articulação”, não devem ser tratados como sinônimos diretos de interdisciplinaridade, mas sim como parte de sua memória discursiva. Japiassu (1976), por sua vez, classifica distintas concepções, como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, com base nos níveis de coordenação e integração entre saberes. O uso do conceito de interdiscurso neste trabalho busca justamente evitar a concepção da interdisciplinaridade como um objetivo linear ou um estágio superior a ser alcançado. Ao examinar o interdiscurso, pretende-se evidenciar contradições, margens, silenciamentos e sentidos implícitos que atravessam os textos analisados.

Para a análise dos materiais, seguiram-se os procedimentos delineados por Orlandi (2015), organizados em torno dos seguintes aspectos:

- Leitura exploratória do *corpus*, com o objetivo de delimitar os recortes a serem analisados, mantendo o foco na temática da pesquisa e evitando dispersões que escapem ao seu escopo.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

- Identificação de elementos linguísticos e históricos, buscando compreender como se constituem, no interdiscurso da interdisciplinaridade, termos como “articulação” e “integração”, amplamente utilizados no período.
- Análise de contradições e conflitos, observando o lugar ocupado pelo interdiscurso da interdisciplinaridade ao mesmo tempo em que se destaca o discurso de renovação do ensino de ciências.
- Reconstrução de sentidos em circulação, como no caso da Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971). Embora seja um texto jurídico, elaborado com o propósito de evitar ambiguidades, seu deslocamento para outras esferas como a social, a política e a pedagógica, abre espaço para interpretações diversas e até contraditórias.
- Análise das relações de poder e ideologia, essenciais para compreender os materiais didáticos do período, os quais projetam ideias, valores e concepções de sociedade, sujeito e aprendizagem, revelando como o interdiscurso da interdisciplinaridade é atravessado por essas determinações.

Resultados

Lei 5.692/71

A Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) instituiu o modelo de escola única, subdividida em primeiro e segundo graus. O primeiro grau foi ampliado para oito anos, com oferta gratuita obrigatória, enquanto o segundo grau previu de três a quatro anos de duração, com profissionalização compulsória. Essa organização refletiu o interesse do Estado em adaptar o sistema educacional às demandas de uma economia em expansão, especialmente nos setores secundário e terciário, impulsionados pelo processo de urbanização. Assim, buscou-se formar mão de obra qualificada e, simultaneamente, reduzir a pressão por vagas no ensino superior.

No que se refere ao ensino de ciências, o primeiro grau foi estruturado em atividades e áreas de estudo: os quatro primeiros anos voltados à iniciação científica, e os quatro seguintes dedicados à disciplina de ciências. Já no segundo grau, houve a fragmentação em disciplinas específicas, matemática, física, química e biologia, voltadas à formação técnica e especializada.

Chagas (1982) justificou esse escalonamento com base na noção de currículo em espiral de Bruner e nos estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget. A proposta visava garantir uma abordagem mais integrada no primeiro grau e uma formação mais segmentada no

334



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

segundo. Além disso, defendeu-se que uma base ampla no primeiro nível facilitaria a profissionalização no seguinte.

Quanto às atividades, observou-se em Chagas (1982) uma formação discursiva escolanovista, centrada na valorização da experiência concreta do aluno. Nas áreas de estudo, buscou-se um equilíbrio entre a articulação geral dos saberes e as especificidades das ciências. Já nas disciplinas, prevaleceu uma orientação mais tecnicista, vinculada à preparação para o trabalho.

Desse modo, o interdiscurso da interdisciplinaridade apareceu de forma difusa, não problematizada explicitamente, enquanto o discurso de uma escola única, voltada à profissionalização compulsória, manifestou-se com maior clareza e centralidade.

Resultado dos livros analisados

Nos três livros de ciências examinados (MIGUEL *et. al*, 1974; VILELA, LIMA NOVAIS, DUARTE NOVAIS, 1976; 1977) predominou a formação discursiva voltada à renovação do ensino de ciências, tratada e defendida de forma explícita. O interdiscurso da interdisciplinaridade, por sua vez, apareceu de maneira difusa. Tomando como referência Japiassu (1976), que distingue níveis de coordenação e cooperação entre saberes, observa-se o predomínio das abordagens multidisciplinar e pluridisciplinar. Isso se evidencia, por exemplo, quando os materiais recorrem a episódios da história, como os modelos astronômicos de Ptolomeu, Copérnico, Galileu e Kepler, para introduzir a temática da astronomia, ou ainda no uso da matemática para o cálculo de fórmulas da física. Já no nível que se aproxima de uma proposta interdisciplinar, identificou-se uma relação mais integrada entre química e biologia, especialmente ao tratar do metabolismo, em que ambas as áreas se enriquecem mutuamente, ultrapassando a simples justaposição de conteúdos.

Contudo, é relevante considerar o referencial de Jantsch e Bianchetti (1995), que entendem a interdisciplinaridade não como uma escolha metodológica prévia, mas como uma necessidade imposta pelo próprio objeto de estudo em sua relação com o sujeito e com a materialidade histórica. Sob essa perspectiva, os trechos em que se percebe maior articulação entre saberes não resultam de uma proposta idealizada de interdisciplinaridade, mas emergem das exigências do conteúdo em si.

Apesar dessas articulações pontuais, o interdiscurso da interdisciplinaridade não é tematizado ou problematizado também no exame dos dois guias docentes (AMBROGI *et. al*, 1974; CLEFFI *et. al*, 1974). Eles orientam a prática docente de ciências da natureza com base na

335



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

experimentação e no uso do método científico. Esse é o discurso explícito. Já aspectos relacionados à integração ou à interdisciplinaridade não são mencionados.

Sem o apoio de um referencial teórico, o docente no período tende a naturalizar o predomínio da formação discursiva centrada na experimentação e no método científico, concepção que, na verdade, já estava enraizada no país durante a década de 1970. Esse discurso recontextualiza a proposta de renovação curricular norte-americana, com a intenção de formar estudantes dotados de habilidades próprias do fazer científico.

Embora o debate sobre interdisciplinaridade estivesse em ascensão no período, sua presença discursiva explícita foi apagada ou esteve em segundo plano para justificar o núcleo central dos materiais: a renovação do ensino de ciências com base nas ciências de referência e na prática experimental.

Considerações finais

Esse estudo explicitou a importância de se estudar a interdisciplinaridade para além do componente linguístico de sua polissemia ao abranger a perspectiva histórica e as relações ideológicas e de poder envolvidas. Embora o termo estivesse presente na literatura da área no Brasil na década de 1970, ele não foi manifestado de forma explícita nas legislações, na obra de Valnir Chagas e nos materiais didáticos e guias docentes examinados.

Isso evidenciou a importância de se investigar a interdisciplinaridade para além de sua polissemia linguística, ao considerar também a perspectiva histórica e as relações ideológicas e de poder envolvidas. Embora o termo já estivesse presente na literatura da área no Brasil na década de 1970, não se manifestou de forma explícita nas legislações, na obra de Valnir Chagas nem nos materiais didáticos e guias docentes analisados.

O que se evidenciou foi seu interdiscurso no uso do termo “integração”, empregado para expressar diversas finalidades, como na construção de um modelo de escola única para os primeiros e segundos graus. Esse modelo recontextualizava perspectivas teóricas, como a de Piaget, ao propor um trabalho mais disciplinar nos anos finais da escolarização, com base na capacidade dos adolescentes de formularem hipóteses; e a de Bruner, ao fomentar um currículo em espiral com uma base mais integrada nos anos iniciais. Essa abordagem se refletiu na organização dos conteúdos em atividades, áreas de estudo e disciplinas, retomando também sentidos do escolanovismo, especialmente por meio do trabalho com atividades, como no caso da disciplina Iniciação às Ciências.

Observou-se ainda uma articulação com o ideal tecnicista, segundo o qual uma base integrada de saberes prepararia os alunos para uma etapa posterior de diversificação e aprofundamento.

336





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nos materiais didáticos examinados, predominou uma orientação multidisciplinar e pluridisciplinar, embora de forma secundária, já que a principal preocupação era a renovação do ensino de ciências com base no método científico e na experimentação. Os guias docentes seguiram essa mesma linha. Ainda que os conteúdos de ciências da natureza no primeiro grau envolvessem saberes da física, química e biologia, essa articulação não foi problematizada, atribuindo-se um caráter de naturalidade a um processo que, na verdade, é histórico.

Assim, não se discutia como um professor de ciências poderia trabalhar com conhecimentos oriundos de diferentes epistemologias de forma interdisciplinar e levando em conta o contexto escolar. O foco era o estímulo às práticas experimentais, refletindo o esforço em alinhar o ensino de ciências no Brasil às práticas adotadas por países considerados referência, especialmente os Estados Unidos.

Portanto, embora a interdisciplinaridade seja um conceito polissêmico, não foi o aspecto linguístico que a relegou a segundo plano, mas sim a escolha deliberada por uma abordagem voltada à renovação do ensino de ciências, em consonância com as práticas sociais da época. Dessa forma, torna-se essencial estudar esse movimento em sua dimensão histórica para compreender suas nuances de maneira crítica.

337

Referências

AMBROGI, Angélica *et. al.* **Iniciação à Ciência:** Guia do professor, 7º e 8º séries, 1º grau. São Paulo: EDART, 1974.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: 1971.

Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23. jan. 2025.

CHAGAS, Valnir. Educação brasileira: o ensino de 1º e 2º graus: antes; agora; e depois? 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

CLEFFI, Norma Maria *et. al.* **Iniciação à ciência:** Guia do professor – Introdução. 4. ed. São Paulo: EDART, 1974.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

JANTSCH, Ari Paulo.; BIANCHETTI, Lucídio. Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito. *In*: JANTSCH, Ari Paulo (org.); BIANCHETTI, Lucídio (org.).

Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

MIGUEL, Fuad Karim *et., al.* Iniciação à Ciência: 5º e 6º séries, 1º grau. 8. ed. São Paulo: EDART; Brasília: INL, 1974.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade:** o currículo integrado. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

VILELA, Carlos Ribeiro.; LIMA NOVAIS, Luiz Antônio.; DUARTE NOVAIS, Vera Lúcia. **Ciências:** 5º série, 1º grau. São Paulo: Atual Ed., 1976.

_____. **Ciências:** 6º série, 1º grau. São Paulo: Atual Ed., 1977.

338



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

AS TRAJETÓRIAS DE PRESERVAÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA DA PRISÃO DE LUIZ CARLOS PRESTES ENTRE 1936 E 1945

Cristiéle Santos de Souza¹

Carla Rodrigues Gastaud²

Este artigo apresenta, em linhas gerais, algumas das reflexões que integraram a tese de doutorado defendida em 2023, no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas/BR, sob o título “Legado e Reconhecimento: Trajetórias de Preservação da correspondência da prisão de Luiz Carlos Prestes (1936 - 1945)”. Não obstante, a relevância histórica de Luiz Carlos Prestes e de sua vida como homem público e liderança comunista no Brasil, o objetivo deste artigo é propor um olhar crítico sobre cartas e suas trajetórias de preservação, os lugares que ocuparam, as pessoas e as instituições que mobilizaram, e as diferentes relações que testemunharam ou promoveram.

Na história que contaremos aqui, as cartas são protagonistas inconteste, todavia, dividem o palco com personagens icônicos para a história brasileira, assim como com outros menos conhecidos, cujos escritos preservados se restringem à correspondência mantida em momentos de sofrimento e de forte controle institucional. Importam, igualmente, nesta abordagem, os gestos que envolvem a epistolografia, isto é, a escrita, a leitura, a guarda e a publicização de cartas, assim como as pessoas que escrevem, leem e guardam esses documentos.

Nessa perspectiva, este também é um artigo sobre Luiz Carlos Prestes e sua família, sobre os nove anos de prisão que limitaram sua comunicação a um profícuo fluxo de correspondências; e sobre as mais de o ito décadas seguintes, marcadas por escolhas discursivas e de preservação. O texto que segue, portanto, considera as lutas por reconhecimento que permeiam a preservação e a publicização de acervos epistolares, e os limites impostos pelas relações familiares, em que amor, memória, ressentimentos e frustrações habitam uma mesma zona de influência. Assim como, os limites impostos pelas

339

¹ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Email: cristiele.hst@gmail.com

² Professora associada da Universidade Federal de Pelotas no Curso de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Email: crgastaud@gmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

leis e pela estima social, onde a preservação dessas escritas ordinárias é atravessada por poderes que consolidam narrativas na memória pública.

Sobre as pessoas, os lugares e as cartas

Os personagens que povoam a história de produção, circulação e preservação das cartas escritas e recebidas por Luiz Carlos Prestes, ao longo dos nove anos em que esteve preso durante o governo de Getúlio Vargas, são também aqueles que fazem parte da história da família Prestes e das desventuras que enfrentaram, tanto como família quanto como agentes e críticos da política brasileira ao longo do século XX. A história dessa correspondência é, assim, uma história das pessoas, dos lugares e das cartas, e tem início algumas décadas antes dos acontecimentos que levaram Luiz Carlos Prestes à prisão.

Os motivos que, em novembro de 1935, levaram um ex-oficial do Exército Brasileiro, filho de uma família pequeno-burguesa e de origem aristocrática, a liderar um levante comunista no país, remontam à década de 1920, quando este mesmo homem, então com 26 anos e capitão do exército, liderou uma coluna revolucionária pelo interior do Brasil. A famigerada Coluna Prestes³ percorreu cerca de 25 mil quilômetros por 13 estados brasileiros, mobilizando cerca de 1.500 combatentes que reivindicavam o fim da República Oligárquica e das suas práticas corruptas e clientelistas.

Sobrevivendo às inúmeras investidas das forças governistas, a Coluna Prestes manteve-se ativa de 1925 a 1927, quando seus remanescentes deixaram o território nacional e passaram a viver exilados na Bolívia e no Paraguai. De acordo com Fausto (2014, p. 173), houve pouco êxito militar na Coluna. Em suas palavras:

Ela [a Coluna] teve um efeito simbólico entre os setores da população urbana insatisfeitos com a elite dirigente. Fosse como fosse, a seus olhos havia esperança de mudar os destinos da República, como mostravam aqueles heróis que corriam todos os riscos para salvar a nação.

Foi nesse contexto que Luiz Carlos Prestes deixou de ser um militar anônimo para se tornar o Cavaleiro da Esperança, alcunha que o acompanharia por toda a vida.

³ A Coluna Prestes pode ser compreendida a partir dos desdobramentos da revolta do Forte de Copacabana, em janeiro de 1922, violentamente debelada, e, mais tarde, de outros levantes militares no contexto do tenentismo: um deles em São Paulo, origem da Coluna Paulista, liderada por Miguel Costa, e outro no Rio Grande do Sul, do qual resultou a Coluna Gaúcha, liderada por Luiz Carlos Prestes. A união das duas colunas na região do Paraná deu formação à Coluna Miguel Costa-Prestes, conhecida como Coluna Prestes (PRESTES, 2015).



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Vivendo no exílio, inicialmente sozinho e depois acompanhado por sua mãe e irmãs, Prestes aproximou-se do comunismo – “em busca de uma efetiva emancipação econômica, social e política para o povo brasileiro” (PRESTES, 1985, p. 32) –, decisão que acabou por isolá-lo da maioria dos seus companheiros de luta, que aderiram, em maior ou menor grau, à chamada “Revolução de 30”⁴, em apoio ao governo instalado sob a liderança de Getúlio Vargas. Contudo, o isolamento de Prestes restringiu-se ao campo da política nacional, pois, no ambiente familiar, ele contava como o apoio incondicional da mãe e das irmãs, que resistiram ao ambiente de notoriedade e, por vezes, de difamação construído nos anos seguintes à marcha da Coluna e ao exílio na Bolívia, mantendo uma postura pública, porém discreta, de apoio aos ideais e as ações de Prestes na política nacional.

Leocádia Prestes, mãe do Cavaleiro da Esperança, foi uma personagem fundamental para a história da correspondência do período de prisão. Isso se deve não apenas por ser a autora da maioria das cartas escritas nos primeiros cinco anos, mas porque suas decisões foram fundamentais para as trajetórias de preservação dessas cartas. Sua influência começou antes mesmo do episódio que resultou na prisão de seu filho e perdurou por muitos anos após sua morte, uma vez que, em sua memória, foram tomadas decisões de guarda e preservação, baseadas no que sua filha mais nova chamou de “gloriosa herança” (PRESTES, 2002, P.470). Para uma melhor compreensão do lugar ocupado por Leocádia na história que contamos aqui, cabe lembrar que, após ficar viúva aos 34 anos, ela assumiu integralmente a educação dos filhos. Manteve a família com a pensão que recebia como viúva de militar e com os rendimentos de seu trabalho como professora de música e de idiomas, além de trabalhar como costureira no Arsenal da Marinha (PRESTES, 2006). Mais tarde, passou a trabalhar como professora da rede pública de ensino no Rio de Janeiro, cargo que exerceu até 1930, quando passou a viver no exílio.

De acordo com Anita Prestes (2015), Leocádia educou os cinco filhos a partir de valores humanistas e com forte apelo às artes e à literatura. Em suas palavras: “Apesar das grandes dificuldades, Leocádia não descuidava da educação dos filhos; orientava-os nas leituras, ensinava-lhes música e idiomas estrangeiros, discutia com eles os acontecimentos políticos em curso no Brasil e no mundo” (PRESTES, 2015, p.24). O relato de sua neta – e também historiadora – Anita Prestes, assim como as cartas escritas por Leocádia ao filho e deste às irmãs, trazem indícios de que a educação era prioridade na casa dos Prestes, e que havia um

341

⁴ De acordo com Fausto (2014, p.181) a Revolução de 1930, que resultou na tomada do poder por Getúlio Vargas, “insere-se em uma conjuntura de instabilidade, gerada pela crise mundial aberta em 1929, que caracterizou toda a América Latina”.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

profundo respeito pelo trabalho e pela ilustração das mulheres da família, bem como uma formação doméstica ampla para todos os filhos, uma vez que a música, a leitura dos clássicos, os trabalhos manuais e os cuidados com a casa eram compartilhados por todos, inclusive pelo filho varão.

Ajudando com os trabalhos de costura ou trabalhando no comércio, as irmãs de Prestes tinham participação importante na organização financeira da família, e assim como a mãe, não hesitaram em acompanhar o irmão no exílio e em garantir o sustento da família quando Prestes estava impedido de fazê-lo. Clotilde, Eloiza, Lúcia e Lygia formam, juntas – e cada uma a seu modo – um importante núcleo de produção e de preservação da correspondência da prisão, isso porque, junto com a mãe, mantiveram um movimento de ajuda e cooperação que rompeu o isolamento em que Prestes estava sendo mantido desde sua detenção. Além disso, mantiveram-se firmes em sua defesa, mesmo vivendo no exílio e em um período de guerra (SOUZA, 2023).

Em 1934, quando Prestes foi aceito no Partido Comunista Brasileiro (PCB), Leocádia e as filhas viviam com ele no exílio soviético. Nesse contexto, reorganizaram as suas vidas, enfrentando dificuldades com os costumes e com o idioma, mas mantendo, dentro do possível, sua rotina de trabalho e de estudos (PRESTES, 2015). No final do mesmo ano, Prestes iniciou a sua viagem de retorno clandestino ao Brasil, com a missão de organizar e liderar os levantes revolucionários que visavam conduzir o país ao comunismo. Para garantir a sua segurança, uma vez que havia sobre ele uma acusação de deserção, o Partido Comunista designou a jovem, mas experiente comunista alemã, Olga Benário. Durante a viagem, Olga e Prestes viveram um relacionamento amoroso, que se consolidou ao longo do ano de 1935. Quando os levantes fracassaram e Prestes passou a ser perseguido pela polícia, Olga já havia se tornado sua companheira.

Olga Benário, assim como Leocádia e as filhas, foi outra importante personagem desta história, isso porque grande parte da correspondência preservada deve-se às circunstâncias em que as trocas epistolares entre ela e Prestes ocorreram durante o período de prisão. Olga e Prestes foram detidos na mesma ocasião e separados logo em seguida: ele foi mantido no quartel da Polícia Especial, enquanto ela foi levada para a Casa de Detenção, onde permaneceu durante seis meses, até ser deportada – grávida de sete meses – para a Alemanha nazista. Cabe lembrar que Olga era judia e comunista, o que fazia de sua deportação uma sentença de prisão e risco iminente de morte.

A prisão de Prestes e de Olga, em março de 1936, desencadeou uma série de acontecimentos que, cerca de um ano depois, deram início a uma robusta correspondência que colocou em diálogo o prisioneiro, sua mãe e irmãs, sua companheira, o advogado ex-ofício que lhe foi

342



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

designado pela OAB e, mais tarde, a filha que Prestes só conheceria quase nove anos depois do seu nascimento. Outros membros da família, como os primos e a avó materna também participaram dessa correspondência, embora de forma mais periférica, dadas as condições de enunciação impostas pela prisão, pela distância, pela guerra e pela importância política da detenção do Cavaleiro da Esperança.

Assim que soube da prisão do filho, Leocádia Prestes, acompanhada da filha Lygia e com o apoio do Socorro Vermelho Internacional, mudou-se para Paris, onde deu início a uma campanha internacional pela libertação dos presos políticos no Brasil. Essa campanha recebeu o nome de Campanha Prestes e mobilizou milhares de pessoas em comícios na França e na Espanha, além de promover manifestações nas ruas e de denunciar as violações a que Prestes e seus companheiros eram submetidos (PRESTES, 2015b).

Entre as denúncias feitas pela Campanha Prestes ao longo do primeiro ano de prisão, estava a incomunicabilidade e o isolamento a que Prestes fora submetido, rompidos apenas por alguns bilhetes trocados entre ele e Olga no período em que ela ainda estava no Brasil. Nenhuma das cartas escritas por Leocádia nesse período chegou até ele, tampouco chegaram até ela notícias do filho, salvo aquelas divulgadas pela imprensa. A correspondência regular entre Prestes e a família teve início apenas em março de 1937, quando Leocádia enviou ao advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto, um total de três cartas: uma destinada ao próprio advogado, solicitando auxílio para estabelecer contato com o filho; outra dirigida a Prestes, que deveria ser entregue por intermédio do advogado; e uma terceira, escrita por Olga para Leocádia, mas que também deveria ser entregue a Prestes.

Em um contexto marcado pela pressão internacional e por notícias da imprensa local negando que os presos tivessem sofrido qualquer tipo de agressão ou tortura, teve início a peregrinação burocrática de Sobral Pinto com o objetivo de entregar as cartas enviadas por Leocádia e, também, de garantir o estabelecimento de um “entendimento epistolar” entre o prisioneiro e sua família. Seus esforços lograram êxito e, em carta datada de 12 de março de 1937, Sobral Pinto informou a Leocádia que havia entregue suas cartas e que, a partir de então, Prestes e a família poderiam corresponder-se regularmente.

Mantida até às vésperas da libertação de Prestes, por meio da anistia concedida por Getúlio Vargas em 1945, essa correspondência nem sempre foi regular. Tida, por vezes, como uma forma de punição a Prestes, a interrupção da correspondência, assim como o confisco de livros, revistas e materiais de escrita, era mantida por semanas, durante as quais Leocádia e as filhas continuavam a escrever e a enviar cartas que se acumulavam na administração da prisão. Algumas dessas cartas se extraviavam, outras eram retidas pela censura, mas a maioria delas chegava até Prestes, que as respondia assim que obtinha autorização.

343



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Essa correspondência foi o único contato de Prestes com a mãe, as irmãs e a companhia durante os nove anos em que esteve preso. Foi por meio dela que ele tomou conhecimento do nascimento da filha, do exílio de Leocádia e de Lygia no México, das dificuldades enfrentadas pelas irmãs que permaneceram exiladas na União Soviética durante a guerra, da prisão de Olga em ao menos dois campos de concentração, dos esforços de sua mãe para salvar a neta e evitar que ela fosse entregue a um orfanato nazista, da ausência de notícias decorrente da execução de Olga, da morte de Leocádia em terras mexicanas, da luta de Lygia para permanecer com a guarda da sobrinha, e, por fim, da possibilidade de um reencontro com a família.

Essas cartas, hoje lidas como um conjunto epistolar, narram a história de um período de distâncias e de sofrimentos para a família Prestes, e de muitas incertezas para a política nacional. Como documentos, testemunharam a ação repressiva do Estado brasileiro e as estratégias criadas por indivíduos e coletivos para resistir e subverter a ordem estabelecida. Todavia, o que nos interessa aqui é buscar, nessas cartas – nos lugares em que foram produzidas e preservadas e nas pessoas que elas envolveram – indícios que nos permitam conhecer suas trajetórias de preservação e as lutas por reconhecimento que permearam essas trajetórias.

344

Os rastros e as trajetórias

Na introdução de sua obra *O fio e os rastros*, Carlo Ginzburg (2007, p.7) retoma o mito grego que narra o percurso de Teseu pelo labirinto do Minotauro, o fim da criatura pelas mãos do herói e o fio de Ariadne que lhe permitiu sair do labirinto. A narrativa mítica, que destaca a astúcia de Ariadne, ofereceu a Ginzburg elementos para destacar a importância de se pensar para além do “fio do relato”, isto é, os rastros deixados ao longo do percurso. A reflexão proposta por Ginzburg, que aqui entendemos como uma reflexão metodológica, serviu-nos de referência para buscar, na leitura do texto epistolar, os rastros deixados ao longo de sua produção – vestígios que pudessem indiciar, também, as escolhas e as condições de possibilidade que resultaram em sua preservação.

A partir dessa perspectiva, chegamos a duas premissas que conduziram nossa busca pelas trajetórias de preservação da correspondência da prisão de Luiz Carlos Prestes, a saber:

1º - No caso da correspondência de Luiz Carlos Prestes com sua família e amigos, mantida no ambiente prisional, no exílio e durante a Segunda Guerra Mundial, os fios que entrelaçados tecem suas trajetórias de preservação circulam e deixam rastros em diferentes ambientes de reconhecimento, fazendo com que cartas resultantes de uma mesma relação epistolar tenham caminhos de preservação distintos.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

2º - Os processos que envolvem a preservação e a publicização de escritas ordinárias, como a correspondência da Prisão de Luiz Carlos Prestes, desenvolvem-se em contextos de “lutas por reconhecimento”, categoria formulada por Axel Honneth (2003) para pensar as patologias sociais, mas que também oferece instrumentos teóricos que permitem uma leitura das relações que se estabelecem em torno da produção, da circulação, da salvaguarda e da publicização de correspondências.

Nesse sentido, a leitura das cartas escritas por Prestes e por sua família durante o período de prisão, através da lente teórica oferecida por essas duas premissas, permitiu-nos considerar, ao menos, três percursos de preservação: o primeiro foi aquele trilhado pela família e pelos amigos, mantido pelos vínculos afetivos que os uniam e pelo esforço no sentido de manter a regularidade da correspondência por meio de cópias, traduções e do compartilhamento dessas cartas entre eles; o segundo foi a salvaguarda resultante do trabalho da polícia (brasileira e alemã) e da censura, por meio de cópias e apreensões, arquivadas por exigência legal; o terceiro, e mais abrangente, foi o caminho resultante das relações de reconhecimento no âmbito da estima social, isto é, por parte da família, dos amigos e, até mesmo das instituições, acerca da importância dessas cartas como documentos históricos representativos para a memória de Prestes e para o seu legado como homem público.

Em cada um desses percursos, há, em maior ou menor grau, elementos que permitem discutir questões relativas à memória e às diferentes formas pelas quais o gesto de guardar cartas, doá-las para instituições de salvaguarda ou torná-las públicas, decorre de diferentes circunstâncias de lutas por reconhecimento, por meio das quais questões como o direito à memória e as disputas em torno da memória de Prestes se colocam como partes do caminho percorrido por cada uma dessas cartas até a sua preservação, indiciando, também, os caminhos que resultaram no descarte ou extravio de parte do acervo.

Essas lutas por reconhecimento, decorrentes tanto do reconhecimento recíproco quanto de sua frustração, foram pensadas, no caso específico da correspondência de Prestes, a partir das três esferas definidas por Honneth (2003, p. 157), ou seja: o reconhecimento que provem das relações amorosas e de amizade, o reconhecimento jurídico e o reconhecimento decorrente do “assentimento solidário” ou, como prefere Ricoeur (2006), da “estima social”. Sendo assim, a história desses “anos tormentosos” (PRESTES, 2000) vividos por Prestes e por sua família, narrada a partir de seus escritos e memórias, configura a primeira esfera de reconhecimento recíproco, que resultou na preservação das cartas que escreveram.

Lygia, a irmã mais nova Prestes, era a pessoa responsável por organizar o complexo sistema em que circulava a correspondência da família. Isso porque, vivendo com a mãe, primeiro em Paris e depois no México, era ela quem fazia cópias das cartas recebidas e enviadas, ora para

345



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

compartilhar informações com as irmãs que não puderam deixar a União Soviética durante a guerra, ora para garantir que nenhuma informação se perdesse caso alguma carta fosse apreendida pela censura ou extraviada no caminho. Além disso, Lygia também copiava as traduções das cartas que Olga escrevia para ela e para Leocádia, e as enviava para Prestes, que seguidamente pedia por mais notícias da filha e da companheira. Em uma carta para a avó, datada de 13 de agosto de 1937, ele escreveu sobre uma dessas cartas: “Recebo regularmente as notícias da Mamãe, das manas, da Olga e da minha Anita Leocádia. Ainda hoje recebi a cópia de uma carta da Olga para a Mamãe, datada de 15 de julho último” (PRESTES, 2000, p. 91).

Havia também a situação singular da correspondência entre Prestes e Olga, pois, como prisioneira em um campo de concentração, Olga estava submetida a um regime restrito de correspondência, no qual só lhe era permitido escrever e receber cartas em alemão, previamente censuradas. Essa situação impunha a necessidade de que, depois de recebidas por Lygia e Leocádia, suas cartas fossem copiadas e traduzidas para só depois serem enviadas a Prestes. O mesmo ocorria com as cartas enviadas por Prestes, as quais precisavam, necessariamente, passar pelo mesmo processo. Esse sistema de cópias e traduções só se tornou menos regular quando Prestes, autodidata, aprendeu alemão e passou a escrever diretamente para Olga, assim como a receber suas cartas sem a necessidade de intermediários.

Todo esse sistema de cópias e traduções promovido por Lygia e Leocádia para garantir a correspondência entre Prestes e sua companheira contribuiu diretamente para a preservação dessas cartas, tanto por meio da produção de cópias quanto pelo envolvimento de outros agentes, como tradutores e intermediários. De acordo com Anita Prestes, em entrevista concedida a esta pesquisa,

“Lygia tinha essa preocupação, as cartas eram traduzidas e mandavam a tradução, então ela foi guardando os originais, tanto da minha mãe, quanto do meu pai. Na medida em que era traduzido, o que partia era o traduzido, e os originais ela guardava” (PRESTES, A., 2021, sd).

Lygia foi uma guardadora, no sentido mais amplo da palavra, pois, junto com a mãe, ela não apenas manteve a regularidade da correspondência garantindo que as cartas fossem copiadas e compartilhadas entre os membros da família, como também guardou consigo os originais. Mesmo depois da morte de Leocádia, em 1942, quando Lygia assumiu a responsabilidade pela educação da sobrinha e pela correspondência semanal com o irmão, o sistema de cópias e de envios foi mantido.

Quando Prestes foi anistiado em abril de 1945, a família que reencontrou era bastante diferente daquela que ele havia deixado no exílio para fazer a revolução no Brasil. Embora não houvesse

346



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

notícias de Olga desde o final do ano de 1941, foi apenas depois da anistia que Prestes teve a confirmação de seu assassinato em um campo de extermínio. Leocádia faleceu antes de ver o filho em liberdade. Lygia, que era uma jovem estudante quando o irmão foi preso, tornou-se responsável pela Campanha Prestes e pela articulação política em sua defesa, além de ter assumido o papel de segunda mãe para a sobrinha, Anita Leocádia. Eloiza deixou a União Soviética assim que foi possível e, em janeiro de 1946, desembarcou no Rio de Janeiro. Contudo, o reencontro de toda a família só foi possível mais de um ano depois da anistia, quando Clotilde e Lúcia – então casada e mãe de três filhos – puderam retornar ao Brasil.

O reencontro da família Prestes marcou o início de uma nova fase na história de preservação de sua correspondência, fase esta relembada por Lygia e Anita quando escreveram o texto de apresentação para a publicação da correspondência da prisão, cerca de 50 anos após o seu retorno ao Brasil⁵. A vida sob constante vigilância da polícia, as estratégias de Lygia para manter as cartas em segurança, distribuindo-as pela casa de amigos, assim como as perseguições e os anos de exílio, também foram mencionados por Anita em suas memórias (PRESTES, 2019), demonstrando que o mesmo interesse manifestado por Lygia enquanto ainda escrevia ao irmão na prisão, se manteve e foi compartilhado com a sobrinha, que no retorno ao Brasil depois dos anos de exílio, reuniu, junto com a tia, os documentos que haviam ficado no país, organizando novamente o arquivo familiar.

Mas em que medida as ações da família Prestes no sentido de preservar a correspondência trocada durante o período de prisão podem ser compreendidas como uma luta por reconhecimento? Desde o início, havia por parte da família o entendimento de que Prestes era um preso político e que sua prisão era parte de uma vida de luta por um país melhor e mais justo. Preservar suas palavras, portanto, significava também preservar a memória dessa luta. Isso fica evidente em sua correspondência, como pode ser lido em uma carta escrita por Lygia ao irmão em 14 de agosto de 1937:

Tu foste sempre e continuas sendo o meu querido Cauzinho muito estremecido, mas hoje em dia tu não representas simplesmente para mim um bom irmão muito querido, mas muito, muito mais do que isso!... Se eu fosse “romântica” como nosso querido magro, diria que tu és para mim o que a estrela de Nazaré era para os Reis Magos... (PRESTES, 2000, p. 572)

Há nas cartas de Lygia – assim como na correspondência em geral –, indícios de uma relação de respeito e admiração que, para além do amor fraternal, nortearam as suas ações no sentido

⁵ A correspondência da prisão de Luiz Carlos Prestes foi publicada, entre os anos 200 e 2002, em três volumes sob o título “Anos Tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)”.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

de reconhecer a importância histórica da vida do irmão e, consequentemente, a necessidade de preservar a sua “memória de papel” (CUNHA 2008, p. 118), isto é, cartas, fotografias, recortes de jornal, e outras materialidades que acabaram por compor o seu legado documental. Lygia se coloca como uma leal seguidora do irmão, não apenas em razão do amor existente entre eles, mas também por reconhecer nele um símbolo de orientação, isto é, “o que a estrela de Nazaré foi para os Reis Magos”.

A luta por reconhecimento se configura, também, a partir da noção de legado, no sentido de que tanto Lygia como Anita Leocádia assumiram publicamente a responsabilidade pela preservação da memória de Prestes e do seu legado político. Da mesma forma, as disputas existentes no interior da família, mais especificamente aquelas que ocorreram após a morte de Prestes em 1990, apontam para uma outra demanda de luta por reconhecimento, visto que a postura pública de Anita Leocádia e de suas tias, em relação à memória de Prestes, difere em discurso e em ação, daquela assumida por sua, Maria Prestes, e pelos filhos do casal. As divergências vão desde a escolha das instituições responsáveis pela salvaguarda do acervo pessoal de Prestes, até o aceite ou a recusa de benefícios e homenagens.

Cabe ressaltar, contudo, que a luta por reconhecimento, quando pensada a partir das relações de amor e amizade, não se esgota nos valores mobilizados no interior dessas relações, ou seja, guardar as cartas de um pai ou de um irmão, pode também representar um gesto em prol da preservação de sua memória como homem público, assim como a manutenção dos lugares consolidados no interior das relações familiares, tais como: herdeiros, continuadores, testemunhas, etc.

O segundo percurso de preservação, congruente com as lutas por reconhecimento mantidas na esfera do direito, diz respeito tanto às instituições que regulavam a produção e a circulação das cartas escritas e recebidas por Prestes na prisão, como também às noções de direito à memória, de autoria das cartas e de gestão legal dos documentos produzidos no interior dessas instituições.

Ainda que a maior parte das cartas – cópias e originais – que compõem a correspondência da prisão de Prestes tenham sido preservadas pela família, há ao menos duas outras circunstâncias/lugares de preservação, a saber: a censura e a administração dos locais de prisão de Prestes e de Olga, hoje salvaguardados no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ e no Arquivo Estatal Russo de História Social e Política; e a produção editorial responsável pela publicação das cartas, seja na íntegra, seja em forma de excertos, como parte de obras de cunho biográfico e autobiográfico.

Um dos muitos caminhos possíveis para a preservação de acervos epistolares é a sua institucionalização, isto é, o seu reconhecimento como documento comprobatório e de

348



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

relevância operacional ou histórica. Esse foi o caminho percorrido por parte da correspondência da prisão de Prestes, como indiciam suas cartas, a documentação arquivada pela administração do presídio e por outros órgãos de censura, assim como os acontecimentos que se seguiram à anistia e a consequente libertação de Prestes. Nas cartas que Prestes escreveu à mãe e a Lygia quando ainda estava encarcerado, assim como naquelas escritas por elas a ele, há inúmeras menções ao extravio, à retenção ou à apreensão de sua correspondência. Para Prestes, os entraves impostos à sua correspondência com a família constituíam forma de punição, assim como o eram as proibições para comprar ou receber jornais, livros e revistas.

Prestes e sua família estavam cientes de que as cartas que escreviam eram “cartas abertas” e que as apreensões e retenções faziam parte das circunstâncias impostas pela prisão e pelo exílio, em razão disso, Prestes informou à mãe, em uma de suas primeiras cartas, que a censura de sua correspondência seria feita pela Inspetoria Geral de Polícia, e que para agilizar o processo ela deveria destinar para lá as cartas que escrevia a ele. Sabe-se, portanto, que havia ao menos dois intermediários entre as cartas de Prestes e os correios: o primeiro intermediário era a administração da Casa de Correção, que era responsável por remeter às cartas que Prestes escrevia; o segundo era a censura feita pela Inspetoria Geral de Polícia. Nessa perspectiva, é possível afirmar que as apreensões e mesmo os extravios poderiam ocorrer sob responsabilidade tanto de um como de outro intermediário. Da mesma forma, as cartas escritas por Olga, quando presa em um campo de concentração, também eram censuradas e, por vezes, apreendidas. O resultado dessas apreensões, ou mesmo das cópias feitas pela censura com o propósito de arquivamento, foi a constituição de arquivos referentes aos prisioneiros, os chamados “prontuários”, que reuniam, além das cartas, fotografias, laudos, pareceres e demais documentos produzidos pela instituição.

O contexto de luta por reconhecimento, em casos como esses, não se limita ao processo de constituição dos arquivos, estendendo-se também à sua salvaguarda como documentos históricos, mesmo muitos anos depois de sua constituição. Esse reconhecimento configura-se como uma demanda da estima social, caracterizando, assim, o terceiro percurso de preservação. O arquivamento de documentos com o propósito de utiliza-los como prova ou evidência de delito é permeado pelo reconhecimento da relevância desses registros e dos possíveis usos atribuídos a eles. Essa relevância está diretamente relacionada ao reconhecimento do prisioneiro como fonte produtora dessa documentação, bem como, dos discursos e práticas que podem ensejar.

349



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ao se referir à documentação preservada no APERJ, que integrou a publicação da correspondência da prisão de Luiz Carlos Prestes, a historiadora Jessie Jane Vieira de Souza, à época diretora do arquivo, ressaltou que:

O mais instigante nesta documentação foi o seu destino: ao ser apreendida pelo Estado, no exercício de suas funções repressivas, terminou sendo organizada e preservada a fim de que hoje possamos utilizá-la como instrumento para a construção da cidadania e a afirmação dos valores democráticos. (SOUZA, 2000, s/d)

Nesse sentido, ainda que a preservação das cartas não tenha ocorrido, originalmente, com o intuito de utilizá-las como “instrumento para a construção da cidadania e a afirmação dos valores democráticos”, a luta pelo reconhecimento desses valores como basilares à construção de um país mais justo, também contribuiu para que essas correspondências fossem salvaguardadas como documentos históricos. Guardadas por exigência legal e preservadas como documentos históricos, essas cartas, escritas no interior das relações familiares e de intimidade, passaram a integrar a esfera pública mediada pelo direito e pela sua violação sistemática.

A correspondência de Prestes protagonizou, ainda, outra contenda jurídica que evidencia as lutas por reconhecimento envolvidas em sua preservação. Em 18 novembro de 2018, o jornal O Globo publicou, em suas redes sociais, a notícia de que um lote com 320 cartas enviadas para Luiz Carlos Prestes seria leiloado no Rio de Janeiro. As matérias destacavam, especialmente, correspondência entre Prestes e Olga Benário, chamando a atenção para o caráter romântico das cartas escritas por eles⁶. Além disso, informavam que as cartas haviam sido encontradas no lixo e vendidas a um comerciante de antiguidades que decidiu levá-las a leilão, marcado para o dia 22 de novembro sob responsabilidade da casa de leilões da Sra. Soraia Cals.

Ao tomar conhecimento, pela imprensa, de que as cartas de seus pais iriam a leilão, Anita Prestes tomou providências legais para impedi-lo, dando início a um processo que se estendeu até o ano de 2020, quando ela foi reconhecida como herdeira e proprietária legal das cartas. Tanto nos autos do processo, como nas matérias publicadas pela imprensa a cada decisão divulgada, questões como o direito à memória, o direito de herança e o reconhecimento do caráter íntimo das cartas, foram mencionados no sentido de sustentar o

350

⁶ Conforme: https://www.facebook.com/jornaloglobo/videos/cartas-de-olga-para-prestes-s%C3%A3o-encontradas-no-rio/302345760382954/?locale=pt_BR Acesso em: 27 maio 2023; <https://www.youtube.com/watch?v=dxOl4XKhkm4> Acesso em: 27 maio 2023.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

argumento do direito legal de Anita à correspondência de seus pais. Neste caso, assim como na salvaguarda a partir da perspectiva histórica, a esfera do direito e da estima social se sobrepuseram, uma vez que a contenda jurídica pelas cartas envolveu diretamente o reconhecimento histórico dos correspondentes, assim como o direito de sua herdeira de preservar a memória pública dos pais.

No que concerne à estima social, cabe destacar, ainda, que a publicização dessas cartas abriu um novo campo discursivo referente à imagem de Prestes consolidada na memória pública brasileira, isso porque os memoriais, as exposições, os filmes e as muitas obras da historiografia brasileira dedicadas à vida de Prestes, abordam, em sua maioria, aspectos de sua vida pública, como a Coluna Prestes e a sua atuação como líder comunista. Como documentos singulares, as cartas da prisão permitem um olhar sobre as relações familiares e as fragilidades de um homem mantido em isolamento por nove anos.

Atualmente, há registros de cartas, bilhetes e telegramas escritos ou recebidos por Luiz Carlos Prestes nos seguintes locais: Arquivo pessoal de Anita Leocádia Prestes, Instituto Luiz Carlos Prestes, Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Federal de São Carlos, Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista, Arquivo Estatal Russo de História Social e Política e Arquivos do Poder Judiciário. Ainda que nem todas essas instituições salvaguardem cartas do período de prisão, seus registros e publicações são de suma importância para a história que contamos aqui, pois como fios que entrelaçados compõem um tecido narrativo, as trajetórias de preservação da correspondência de Prestes contam uma história de luta por reconhecimento, ora mediada pelas relações de amor e amizade que mobilizam pessoas e ensinam gestos abnegados de renúncia por uma causa, ora atravessadas pelas relações de poder que permeiam as instituições e as leis.

Considerações finais

Ao propor um olhar crítico sobre as cartas e suas trajetórias de preservação, buscamos na noção de luta por reconhecimento um horizonte teórico que nos permitisse pensar as singularidades das cartas escritas e recebidas em um ambiente fortemente institucionalizado, sem que para isso fosse necessário classificá-las entre cartas cotidianas e políticas. A noção de reconhecimento recíproco permitiu-nos, também, pensar as escolhas feitas por indivíduos e instituições acerca da necessidade de guardar ou não, correspondências familiares, para além de uma ideia genérica de atribuição de valores, colocando na “ordem do dia” questões

351



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

como: a guarda a partir do hábito, a identificação de um futuro interesse público, a necessidade/vontade de lembrar, o caráter de atestação das cartas como documento, a reivindicação de um direito à memória, o respeito à norma prescrita e, no âmbito público, uma luta por reconhecimento.

Deixamos muitas questões em aberto, como não poderia deixar de ser, visto que as trajetórias de preservação não se encerram com a salvaguarda institucional, tampouco garantem a permanência dos discursos e práticas de que decorreram. Da mesma forma, reconhecemos que o caráter documental da correspondência de Prestes no período de prisão, que não se limita às questões que envolvem a sua preservação, permite um olhar sobre diferentes temáticas que incidem, de forma mais ou menos direta, sobre as práticas de preservação, tais como: as relações de gênero, a estratégias da linguagem usadas para burlar a censura, as redes de solidariedade construídas a partir da Campanha Prestes, entre outros.

Por fim, faz-se necessário lembrar que em busca de indícios que pudessem contar a história dessas cartas, dos lugares que ocuparam, das pessoas que envolveram e das vidas que testemunharam, foi preciso afastar o olhar para poder observar as relações estabelecidas entre cada uma das trajetórias de preservação identificadas. O amor, as leis e a estima social não estabeleceram fronteiras rígidas para as lutas por reconhecimento que permearam argumentos, escolhas e gestos em prol da preservação das cartas de Prestes e de sua família, pois os fios que entrelaçados contam essa história partem de um mesmo lugar: o texto epistolar.

352

Referências

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 2014.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

PRESTES, Anita Leocádia. A Coluna Prestes: uma proposta de trabalho. **Revista de História**, São Paulo, n. 118, p. 29–59, 1985. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61327>. Acesso em: 5 ago. 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

PRESTES, Anita Leocádia. **Campanha Prestes pela libertação dos presos políticos no Brasil:** uma emocionante história de solidariedade internacional. São Paulo: Expressão Popular, 2015b.

PRESTES, Anita Leocádia. **Entrevista.** [Nov. 2021]. Entrevistador: Cristiële Santos de Souza. Entrevista via internet. 1 arquivo mp4 (56 min.). Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/13083> Acesso em: 05/08/2025.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes:** um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2015.

PRESTES, Anita Leocádia. **Viver é tomar partido:** memórias. São Paulo: Boitempo, 2019.

PRESTES, Luiz Carlos. **Anos Tormentosos:** Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945), volume 1,2,3. Organizado por Anita Leocádia Prestes e Lygia Prestes. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000/2002.

PRESTES, Lygia. **Leocádia Prestes.** Mãe Coragem! 2006. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/prestes/livros/leocadia.pdf> Acesso em: 10 jul. 2023.

RICOEUR, Paul. **Percurso do Reconhecimento.** Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SOUZA, Cristiële Santos de. **Legado e reconhecimento:** trajetórias de preservação da correspondência da prisão de Luiz Carlos Prestes (1936-1945). Tese de doutorado – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, 2023.

353



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ENTRE A TRADIÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO: DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS NO SUDOESTE ANGOLANO¹

Paulo Pereira Oliveira Matos²

Afonso Camacho Dombe de Jesus³

Introdução

A região sudoeste da República de Angola, que atualmente abrange as províncias da Huíla, Cunene e Namibe (ver Figura 1), constitui uma zona historicamente marcada por dinâmicas sociais e ecológicas diversas e complexas. Diferentes grupos etnolinguísticos habitam a região, sendo as populações mais numerosas os Ovanyaneka-Nkumbi, ocupando desde os arredores das Terras Altas da Huíla até as proximidades da cidade do Humbe; os Ovaherero, maioritários na província do Namibe; e os Ovawambo, estabelecidos na província do Cunene (ESTERMANN, 1983, p. 34).⁴

O fim da guerra civil angolana, em 2002, representou um marco de inflexão no modo como as comunidades se relacionam com o Estado e com as instituições externas. A reconfiguração do espaço político nacional intensificou a presença estatal em regiões anteriormente consideradas periféricas, em um avanço marcado pela retórica da reconstrução e da expansão de projetos estruturantes. No sudoeste angolano, entre esses projetos estiveram a recuperação da Barragem do Calueque, no município de Ombadja, Cunene; a reabilitação da Barragem das Gangelas, na Chibia, Huíla; a organização do polo industrial da Matala, na Huíla; e a reabilitação do Caminho de Ferro de Moçâmedes, ligando o Namibe à fronteira oriental (ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 2007, p. 49-56).

354

¹ A investigação se insere no âmbito do projeto ERC *Starting Grant* CATTLEFRONTIERS, concessão n.º 101076565, financiado pela União Europeia.

² Doutorando em História pela Universidade de Gante, na Bélgica, em cotutela com a Universidade de Lisboa, em Portugal.

³ Licenciado em História pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-Huíla), Angola.

⁴ Os etnônimos apresentados respeitam os termos identitários próprios existentes em cada uma das línguas das populações do sudoeste angolano. Um traço comum a essas línguas é a utilização do prefixo “Ova” indicando o plural, enquanto o prefixo “Mu” indica o singular. Expressões como “Ovakwanyama” são utilizadas, neste estudo, em referência ao povo ou comunidade, enquanto termos como “Mukwanyama” referem-se aos indivíduos que se autoidentificam como pertencentes àquelas comunidades.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

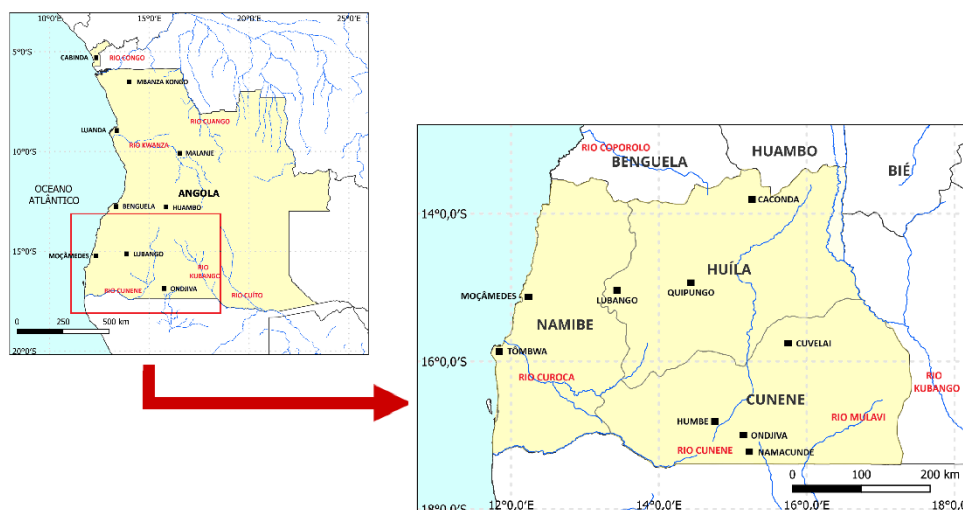


Figura 3 - Região de estudo, o sudoeste de Angola. Fonte: elaborado pelos autores, a partir da base de dados vetoriais Database of Global Administrative Areas – GADM, disponível em <https://gadm.org/>.

355

Contudo, como argumenta Ferguson (2006, p. 379), essa presença nem sempre implicou em uma inclusão plena: por vezes, o “desenvolvimento” estatal no continente africano produziu efeitos desiguais, deixando vastos territórios à margem dos fluxos decisórios e econômicos dominantes. Neste contexto, a interação entre as comunidades e os agentes externos resulta em zonas ambíguas, nas quais categorias como “tradição” e “modernidade” são constantemente renegociadas e rearranjadas.

Inspirando-se nas abordagens da história social africana e da antropologia crítica, o presente estudo parte do princípio de que as dinâmicas socioculturais devem ser compreendidas como expressões de agência histórica, criatividade cultural e resiliência (DIAS PEREIRA, 2023, p. 1264–1268; ORTNER, 2006, p. 2-5). Ao invés de tratar a tradição como um legado estático, buscamos entendê-la como um campo de interação, disputa e reinvenção, conforme propôs Hobsbawm (2013, p. 2) ao escrever sobre a “invenção das tradições” em contextos coloniais e pós-coloniais.

Esta perspectiva levou-nos a privilegiar as vozes dos sujeitos locais, recorrendo a metodologias qualitativas, como entrevistas, observação participante e estudo de caso, permitindo captar os sentidos atribuídos pelas comunidades às transformações vividas. O conhecimento histórico, neste caso, não se limita à reconstrução factual de eventos, mas envolve a escuta e interpretação das memórias, silêncios e narrativas que informam a experiência social dos sujeitos (VANSINA, 1995, p. 94).





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O presente estudo é parte de uma investigação, ainda em curso, sobre a agência das populações pastoris do sudoeste de Angola frente aos desafios impostos pela globalização. Ele tem, como objetivo central, identificar e analisar os processos de transformação sociocultural vivenciados pelas comunidades pastoris do sudoeste de Angola no período pós-2002, com atenção às tensões entre continuidade e mudança, autonomia e dependência, tradição e adaptação. Será dada ênfase à população Ovakwanyama, parte do grupo etnolinguístico Ovawambo, habitante na província do Cunene, devido à sua relevância econômica e às suas características socioeconômicas distintas.

Os Ovakwanyama, concentrados majoritariamente nos municípios do Cuanhama⁵ e de Namacunde, são uma população agropastoril paradigmática, reconhecida pela excelência de seus pastores e pela qualidade de seu gado bovino, e que possui um longo histórico de interações (por vezes conturbadas) com diferentes agentes externos. Esse histórico abrange o período anterior à invasão portuguesa do Reino Oukwanyama, no início do século XX, época em que o Reino exportava gado bovino para as colônias confinantes (KREIKE, 2009, p. 81-85); os conflitos coloniais, que levaram à desarticulação da autoridade tradicional (MARTINS, 2015, p. 80-131) e à implementação de novas estratégias de ocupação territorial (CLARENCE-SMITH, 1985, p. 222-223); um momento pós-colonial conturbado, com invasões militares estrangeiras como a Operação Savannah, realizada pela África do Sul a partir da fronteira sul, em 1975 (SCHERMAN, 2019, p. 56-58); e um período pós-guerra civil, no qual teve início um relevante processo migratório em direção aos centros regionais – Ondjiva, Xangongo, Namacunde – em busca de emprego e melhores oportunidades econômicas.

A investigação pretende contribuir para uma compreensão mais plural e situada das sociedades africanas contemporâneas. Busca-se visibilizar a história e a cultura dos povos do sudoeste de Angola, ressaltando a perspectiva local sobre as transformações socioculturais ocorridas nos últimos anos, destacando a história oral e produzindo conhecimento histórico a partir do ponto de vista de pessoas consideradas comuns. Conforme argumenta Mbembe (2001, p. 14-17), compreender a África contemporânea exige atenção às múltiplas temporalidades que compõem a experiência africana, bem como às formas próprias por meio das quais os sujeitos produzem sentido, expressam-se simbolicamente e constroem sua historicidade. O sudoeste de Angola, neste sentido, oferece um espaço privilegiado para

356

⁵ De acordo com a Lei nº 14/24, que trata da nova distribuição administrativa angolana, promulgada pelo Presidente da República de Angola em 5 de setembro de 2024, a grafia correta do nome do município é Cuanhama, desconsiderando a grafia em Oshikwanyama, língua própria dos Ovakwanyama. O espaço geográfico pelo qual a população está distribuída é identificado, pela população local, por Oukwanyama.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

repensar as relações entre as comunidades e os agentes externos, bem como as consequências dessas interações.

Paisagens e populações: uma leitura do sudoeste de Angola

A região apresenta contrastes marcantes no relevo, na hidrografia, no clima e na cobertura vegetal. Esses contrastes ocorrem, por vezes, em áreas contíguas, influenciando o modo de vida das populações que se estabeleceram nos diferentes espaços geográficos. O relevo é dominado por terras altas que se estendem nas direções leste e nordeste, fazendo parte do planalto da Huíla (Terras Altas da Huíla), com elevações entre 1600 e 2300 metros. Na direção oeste, há uma zona intermediária, composta por escarpas acentuadas, na serra da Chela. A zona costeira é composta por uma estreita faixa sedimentar contínua, de vinte e cinco quilômetros de largura em sua faixa central, com altitudes variando entre dez e 200 metros, interrompida ocasionalmente por vales fluviais (FEIO, 1981, p. 287-288).

A hidrografia é composta por rios intermitentes torrenciais, na planície costeira, e por rios perenes que correm pelo planalto, sendo estes de vital importância para as populações, como os rios Cunene, Caculuar e Cuvelai. Épocas de cheias são percebidas como sinônimo de fartura, garantindo a alimentação para os indivíduos e para os animais, principalmente para o gado bovino. Conforme o relato de Leonardo Tuyenikumwe Pedro, professor universitário Mukwanyama, em conversa informal (comunicação pessoal, 1 abr. 2025), “anos de chuva e de cheia do (rio) Cunene são anos de alegria para a população, são anos sem fome”. Tal impressão foi frequentemente partilhada por indivíduos de diferentes grupos etnolinguísticos contactados durante o trabalho de campo realizado na região em abril de 2025.

A região apresenta três tipos de clima: o clima tropical de altitude com estação seca, entre os meses de maio e setembro, nas Terras Altas da Huíla; o clima de deserto, presente na faixa litorânea que vai de Moçâmedes à foz do rio Cunene, ao sul; e o clima semiárido, envolvendo a região desértica, em direção às escarpas da serra da Chela (MATOS, 2023, p. 69-70). A cobertura vegetal varia da aridez das terras arenosas próximas ao deserto do Kalahari, ao sul, às matas tropicais úmidas no planalto da Humpata e nas Terras Altas da Huíla (HUNTLEY, 2019, p. 45-65; JORGE, 1977, p. 219-220).

Os principais grupos etnolinguísticos que habitam a região são os Ovaherero, os Ovawambo e os Ovanyaneka-Nkumbi (ver Figura 2), fragmentados em numerosos subgrupos que possuem hábitos, tradições e dinâmicas econômicas próprias. Essas populações adaptaram, durante os séculos, o seu modo de vida às diferentes condições ambientais regionais. O pastoralismo é a principal estratégia econômica, em diferentes graus de especialização –

357



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

portuguesas (REPÚBLICA DE ANGOLA, 2023, p. 109-123; DULLEY, 2010, p. 68, 71, 88-90; CARVALHO, 1995, p. 225; CARVALHO, 1974, p. 224).

A estrutura social das comunidades pastoris do sudoeste angolano é baseada em sistemas de parentesco normalmente matrilineares (e por vezes duais em subgrupos dos Ovahereros), onde a linhagem determina o acesso ao gado. A figura do chefe tradicional representa uma autoridade política e espiritual, atuando como mediador entre os vivos, os ancestrais e o ambiente (FEIJÓ, 2012, p. 32-33). As relações intercomunitárias são reguladas por alianças matrimoniais, pactos de reciprocidade e pela redistribuição de rebanhos. Tais estruturas, longe de serem fixas ou imunes ao tempo histórico, foram continuamente desafiadas e adaptadas ao longo dos séculos. Como argumenta Feierman (1990, p. 13), as sociedades africanas não apenas “resistiram” às imposições externas, mas também reinterpretaram e ressignificaram esses elementos a partir de lógicas locais, criando formas de organização híbrida.

Historicidade: continuidades e rupturas

359

Durante a segunda metade do século XX, o Estado colonial português intensificou os esforços para controlar os territórios do sudoeste angolano, promovendo políticas de tributação, recrutamento e integração forçada do pastoralismo regional ao mercado colonial, frequentemente com o apoio de missões católicas e protestantes que atuavam como instrumentos de sedentarização e moralização (CRUZ E SILVA, 2017, p. 10-12).

O povoamento branco também foi planejado como forma de ocupação e controle dos espaços geográficos. A partir de 1945, diferentes projetos de implementação de colonatos europeus foram impulsionados, primeiramente através da política oficial portuguesa de oferta de passagens gratuitas para Angola e, posteriormente, através de dotações orçamentárias previstas no Plano Nacional de Fomento (1953-1958) (CASTELO, 2007, p. 129-132). No Sudoeste, um dos maiores projetos de colonização branca foi o Colonato do Cunene, um projeto de viés agrícola que englobou vastas áreas às margens do rio Cunene, na região central da Huíla (PAULA, 2016, p. 197-201).

Grandes áreas comunais, por todo o Sudoeste, foram concessionadas e demarcadas utilizando-se arame farpado, impactando de forma decisiva o modo de vida das populações. Não somente se restringiu o acesso às pastagens comunais, como também se limitou o acesso às fontes de água para a beberagem dos bois, situação que se alastrou até o Cunene (CASTELO, 2018, p. 49-53). Relatórios oficiais de organismos estatais, como a Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola (MIAA), indicaram uma ocupação “quase exaustiva” de



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

empresas pecuárias de colonos brancos na zona entre o Baixo Cunene e a fronteira com a Namíbia (CASTELO, 2022, p. 3).

As dinâmicas pastoris foram severamente afetadas, resultando em conflitos entre os pastores de gado considerados “tradicionais”, que apascentavam o gado conforme os padrões desenvolvidos secularmente – pastagens comunais, realização de transumância, controle ao acesso às fontes de água disponíveis – e os considerados “evoluídos”, que supostamente utilizavam as técnicas sugeridas pelos veterinários coloniais, como a demarcação/vedação de propriedades, aplicavam medidas profiláticas no rebanho e buscavam realizar melhorias genéticas através de cruzamento de raças autóctones com raças exógenas (CARVALHO, 1974, p. 221).

As populações locais, por sua vez, desenvolveram estratégias múltiplas diante das imposições coloniais: algumas comunidades migraram para áreas limítrofes, caso dos Ovamwila nas proximidades do Lubango; outras negociaram com autoridades locais ou missionárias, enquanto outras mantiveram práticas as suas culturais, de forma tácita. Kreike (2004, p. 1-4, 84) afirma que, entre os Ovakwanyama, a migração e a reconfiguração de diferentes espaços geográficos, entre paisagens naturais selvagens (*efuka*) e paisagens criadas “pelos homens e para os homens” (*oshilongo*), estiveram entre as principais estratégias das populações locais. Ainda segundo o mesmo autor, as imposições coloniais na zona Oukwanyama causaram uma “desglobalização”: a região, anteriormente integrada comercialmente com as colônias confinantes, passou a estar isolada, produzindo gado bovino apenas para a sua subsistência (KREIKE, 2009, p. 82-83).

O final do colonialismo não significou um tempo de paz e de reorganização social no Sudoeste. A guerra civil angolana, deflagrada em 1975, representou uma continuidade na perturbação da dinâmica pastoril, ao provocar deslocamentos forçados, insegurança generalizada e o colapso das infraestruturas e das redes comerciais. Entre os Ovakwanyama, muitas famílias foram forçadas a abandonar seus lares, migrar para centros urbanos ou para campos de refugiados – inclusive em países vizinhos como a Namíbia – desorganizando os ciclos sociais e produtivos típicos das sociedades. A migração em direção aos centros regionais, como as cidades do Lubango e Ondjiva, aumentou, em virtude da percepção de uma relativa segurança e, principalmente, do maior dinamismo econômico dessas áreas (JESUS e NGHIKOLWAKUSA, 2024, p. 49-50; GOMES, 2012, p. 181-184).

O fim do conflito, em 2002, representou uma reabertura das fronteiras internas e uma relativa normalização da vida civil em todo o país. No Sudoeste, entretanto, o período pós-guerra trouxe consigo um novo conjunto de pressões sobre os territórios e sobre os modos de vida pastoris. Projetos estatais de reordenamento fundiário, a concessão de grandes extensões de

360



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

terra a empresas privadas, e a intensificação de obras de infraestrutura (como as já citadas obras estruturantes) passaram a interferir diretamente nos territórios tradicionais.

O avanço da propriedade privada, o crescimento populacional acelerado e a ocupação desordenada das áreas comunais de pastorícia tem ampliado os desafios e agravado os conflitos fundiários no sudoeste angolano. No espaço Oukwanyama, de acordo com o Ohamba (Rei) da Ombala-Ya-Naluheke, Mario Shatipamba (entrevista pessoal, 2 abr. 2025), as zonas comunais desocupadas entre os municípios de Ombadja e Cuanhama, nas quais era proibida a construção de residências ou a ocupação, passaram a ser ocupadas mesmo sem a autorização formal das autoridades tradicionais ou dos mais-velhos, o que vem restringindo progressivamente a atividade pastoril tradicional.

A progressiva urbanização de cidades como Ondjiva e Lubango, tem funcionado como um polo de atração para jovens e famílias que abandonam ou reduzem sua vinculação com a vida rural. Esse deslocamento não é apenas espacial, mas também simbólico: o acesso à escola, à televisão, aos telefones celulares e às igrejas urbanas tende a reformular o imaginário social, as aspirações de futuro e os sistemas de autoridade tradicional. Entre os jovens, há uma crescente valorização de modelos urbanos de comportamento, consumo e organização social, que muitas vezes entram em conflito com as normas e expectativas do mundo rural. No entanto, seria reducionista imaginar uma simples substituição da tradição pela modernidade, ou mesmo o desaparecimento de um modo de vida milenar – o pastoralismo – face às ameaças da atualidade. O que se observa no sudoeste angolano é um processo híbrido de transformação, no qual antigos e novos elementos se combinam, se confrontam e se ressignificam. Práticas como os ritos de iniciação, o uso ritual do gado, os sistemas de parentesco e as formas locais de justiça continuam presentes, mas muitas vezes reconfiguradas em função das novas condições sociais e econômicas (JESUS e NGHIKOLWAKUSA, 2024, p. 47-50). O uso de tecnologias digitais, por exemplo, tem sido apropriado por comunidades pastoris para coordenar deslocamentos, organizar celebrações, divulgar mensagens religiosas, e para diversão, revelando formas criativas de adaptação e agência local. Por exemplo, durante o trabalho de campo realizado no Sudoeste, em abril deste ano, foi possível encontrar jovens pastores de gado, conduzindo rebanhos bovinos pelas bermas das rodovias, portando e utilizando telemóveis.

Além disso, há uma crescente tensão entre as diferentes gerações. Enquanto os mais-velhos lamentam a perda de referências tradicionais, os mais jovens tendem a buscar mobilidade social fora dos marcos comunitários. Essa tensão intergeracional revela não apenas um choque de valores, mas também os efeitos concretos de uma reconfiguração territorial e

361



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

simbólica. O que está em disputa, nesse sentido, não é apenas um estilo de vida, mas também as formas de pertencimento, autoridade e continuidade cultural.

Por fim, é necessário ressaltar que essas dinâmicas não são exclusivas de Angola. Transformações semelhantes vêm sendo observadas em outras regiões da África, onde os modos de vida pastoris enfrentam pressões conjuntas do Estado, do mercado e da globalização cultural (HAUCK e RUBENSTEIN, 2007, p. 1-3). A especificidade do sudoeste angolano, contudo, reside na superposição entre as heranças do colonialismo tardio português, a longa guerra civil e a reconfiguração socioeconômica do pós-guerra, criando um cenário de transição especialmente tenso e complexo.

Dinâmicas históricas, estrutura social e identidade dos Ovakwanyama

As transformações socioculturais que marcaram a trajetória histórica dos Ovakwanyama devem ser compreendidas à luz dos seus processos migratórios e da sua relação com o território. Supõe-se que essa população terá inicialmente ocupado a região do delta do rio Cubango e, posteriormente, migrado para oeste, estabelecendo-se abaixo do paralelo 18° (WILLIAM, 1997, p. 60-61).

No contexto da dominação colonial, as delimitações fronteiriças entre Angola e o Sudoeste Africano (atual Namíbia) foram estabelecidas com base em acordos político-diplomáticos, nem sempre acompanhados de efetivação territorial no terreno. Tratados entre Portugal e Alemanha, em 1886, esboçaram uma fronteira ao sul de Angola, que dividiu sociedades sem levar em conta as dinâmicas locais. Entretanto, essas fronteiras permaneceram porosas, e facilmente transpostas pelos pastores de gado bovino, até 1926, quando Portugal e a União Sul-Africana acordaram os marcos fronteiriços e passaram a exercer um controle mais rígido em relação à travessia de indivíduos, animais e bens (KREIKE, 2004, p. 59-65). Comunidades Ovawambo como os Ovavale, Ovakafima, e Ovambadja passaram a integrar formalmente o território angolano, enquanto outras, como os Ovakwanyama ficaram divididas entre Angola e o lado hoje correspondente à Namíbia.

A estrutura social dos Ovakwanyama caracteriza-se pela forte presença de clãs totêmicos, que desempenham papel central na organização política, social e espiritual do grupo. Cada clã tem origem específica, muitas vezes relacionada a uma figura ancestral que é reconhecido como tendo sido o primeiro a matar determinado animal, ou o primeiro a comer tal alimento, ou por ter realizado um feito notável, sendo, por isso, associado ao totem do clã. Esses clãs são tradicionalmente identificados pelo prefixo nominal “Ovakwa”, indicador de pertença. Existem 19 diferentes clãs, dentre eles os Ovakwanambwa (do cão), Ovakwaluvala (da zebra),

362



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ova-kwanailia (do massango), Ova-kwahongo (do gato ou da árvore), Ovakwangadu (do crocodilo), entre outros. Ainda que os vínculos entre membros do mesmo clã tenham enfraquecido nas últimas décadas, em razão das transformações sociais e dos processos de urbanização, persistem práticas rituais e representações que buscam reforçar a coesão identitária intra e interclânica, sobretudo em contextos de cerimônias tradicionais.

No que se refere à estrutura habitacional, Monteiro (apud JESUS e NGHIKOLUAKUSA, 2024, p. 9) destaca que o conceito de *eumbo* – conjunto de casas de pau-a-pique cercadas por uma estrutura circular (*onaula*) – constitui a base da organização espacial Kwanyama. O *eumbo* não é apenas uma unidade física de habitação, mas também um símbolo de poder, autoridade e proteção, com forte carga cultural e militar. A sua arquitetura, com entradas labirínticas e cercas reforçadas (*ongnubo*), sugere uma lógica defensiva construída a partir da experiência histórica de conflitos e invasões.

Nas palavras do griô Mukwanyama Pedro Tongeni (entrevista pessoal, 5 mar. 2024), as práticas rituais são elementos estruturantes da identidade Ovakwanyama, estando presentes em todas as fases do ciclo de vida do indivíduo. Entre os diversos ritos, destacam-se a purificação após gravidez precoce (*Epaku*), a imposição do nome (*Eluko*), a confirmação da paternidade (*Ekululo*) e a cerimônia de passagem à vida adulta (*Efundula*). Esta última, realizada entre os 16 e os 20 anos, representa o ápice do ciclo iniciático feminino e marca a transição da rapariga para o estatuto de mulher, e envolve danças específicas, trajes cerimoniais, uso de missangas e objetos simbólicos, além da participação ativa da comunidade (JESUS e NGHIKOLUAKUSA, 2024, p. 32-37). Após a *Efundula*, segue-se a fase de *Oibanangolo*, em que as jovens iniciadas passam por um período de reclusão simbólica, reforçando os elementos de transição e ruptura com a infância. Essa fase termina com o rito *Omatela*, onde a jovem adquire um novo penteado e status social, preparando-se para o casamento (LIMA, 1969, p. 177-178). Os rituais não apenas regulam o comportamento individual, mas integram o sujeito ao corpo social e ao mundo espiritual, sendo uma expressão da cosmovisão Ovakwanyama.

363

Tradição e modernidade: reconfigurações culturais em contextos urbanos

As transformações sociais nas sociedades Ovakwanyama resultam, em grande medida, das tensões entre os modelos culturais herdados da tradição rural e aqueles advindos da experiência urbana. De acordo com o professor Mukwanyama José Evaristo Kondja (entrevista pessoal, 23 jun. 2025), os indivíduos que permanecem nas aldeias organizam sua vida com base em uma cosmovisão herdada de seus ancestrais, formando um sistema cultural



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

coerente e enraizado. Em contrapartida, aqueles que se deslocam para os centros urbanos passam a conviver com múltiplos referenciais culturais, muitas vezes contraditórios, que influenciam suas práticas, valores e modos de projetar-se no mundo.

Nessa perspectiva, as cidades tornam-se espaços de contato intercultural, onde os modelos tradicionais coexistem com influências da modernidade ocidental e com as lógicas sociais produzidas pelo colonialismo. Os indivíduos adultos que migram para a cidade tendem a manter por mais tempo os referenciais da aldeia, enquanto os jovens, especialmente os nascidos no meio urbano, são socializados por códigos e valores híbridos, nos quais os elementos africanos e europeus se articulam de maneira assimétrica. Essa articulação dá origem a novas configurações sociais e culturais, que, segundo Jesus e Nghikoluakusa (2024, p. 49-50), podem resultar, em longo prazo, na emergência de uma “autoidentificação angolana” única, marcada por uma mistura linguística, simbólica e espiritual. Essa “padronização sociocultural” pode ser percebida como uma ameaça à existência e continuidade de ricas culturas regionais, como a dos Ovakwanyama.

Essa reconfiguração causada pelas dinâmicas urbanas é percebida como sendo inexorável por parte da sociedade Ovakwanyama. E uma das preocupações é com o incremento do uso da língua portuguesa nas cidades, em detrimento da língua Oshikwanyama, utilizada cotidianamente nas aldeias. A busca dos jovens por uma educação formal nas cidades, em escolas nas quais se ensina prioritariamente a língua Portuguesa, bem como as demandas de uma economia monetizada e integrada às dinâmicas angolanas como um todo, fazem com que o Português seja a forma privilegiada para comunicação entre os indivíduos.

Kondja (entrevista pessoal, 4 mar. 2024), afirma que a língua Oshikwanyama é um dos pilares da resistência cultural da população face às pressões da modernidade urbana. Ainda segundo o entrevistado, o desaparecimento da língua (glotocídio) implicaria no apagamento de todo um sistema de valores, representações e saberes locais, e na invisibilização da cultura Ovakwanyama. Jesus e Nghikoluakusa (2024, p. 48) opinam que a substituição do Oshikwanyama pelo Português é uma das principais ameaças à cultura Ovakwanyama.

Semelhante percepção possui o Ohamba da Ombala Youkwanyama, Jerônimo Hailengue (entrevista pessoal, 1 abr. 2025), ao comentar sobre os desafios trazidos pela globalização à cultura e ao modo de vida Ovakwanyama. Para o Ohamba, é necessário haver uma adaptação da comunidade às novidades trazidas pela globalização, sem deixar que a sua língua desapareça:

“Então, eu não vejo perigo na globalização. Vejo perigo naqueles povos que não forem capazes de defender a sua cultura (...) Começamos pela língua. Porque se a sua língua não é falada, nem estudada, vai desaparecer essa língua. Desaparecendo essa língua, desaparece a cultura...”.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A religiosidade desempenha papel crucial nesse processo de transformação cultural. A presença das missões cristãs, sobretudo luteranas e católicas, teve impacto significativo na educação, nos valores morais e até na atribuição de nomes. Segundo Haipinge (2015, p. 11-16), os nomes tradicionais Ovakwanyama carregam significados profundos, muitas vezes associados à missão social do indivíduo. Com a disseminação da religião cristã, observou-se a introdução de antropônimos bíblicos e uma redefinição do valor simbólico dos nomes, sem eliminar os sistemas tradicionais de nomeação.

O incremento da presença de religiões até então exógenas ao espaço Oukwanyama tem inserido novos paradigmas e reconfigurado ritos. Um exemplo é o ritual da *Efundula* que, reapropriado pela Igreja Católica sob a denominação *Efiko*, teve seus elementos simbólicos readaptados à liturgia cristã (KONDJA, entrevista pessoal, 23 jun. 2025). O confinamento da adolescente por longo tempo, as restrições de alimentação e a presença familiar foram substituídas por ritos realizados dentro das igrejas ou em espaços relacionados, com o apoio de padres e pessoal das próprias igrejas. Se por um lado essa intervenção desconfigura um rito de valor sociocultural relevante às comunidades, a própria reelaboração ritual evidencia a permanência da tradição sob novas roupagens, mesmo em contextos urbanos.

A migração para as cidades e a assunção, pela juventude, de novos modelos e papéis sociais, fez com que outros ritos tradicionais dos Ovakwanyama fossem relegados, como o *Ekululu*, uma festa popular realizada por ocasião do primeiro corte de cabelo das crianças, ou mesmo com o rito da circuncisão. Enquanto nas aldeias tais rituais são revestidos de um significado simbólico identitário, nas cidades os diferentes sistemas de valores e modelos culturais vivenciados pela juventude, não deixam espaço para a sua realização (JESUS e NGHIKOLUAKUSA, 2024, p. 49).

A juventude age, portanto, como o principal vetor de reconfiguração cultural da sociedade, reformulando modelos culturais herdados e integrando-os às suas experiências urbanas, linguísticas, religiosas e estéticas. Esse movimento não se configura como ruptura definitiva com o passado, mas sim como um processo contínuo de negociação e de reinvenção identitária. Um exemplo curioso é o da reinterpretação da *Otchiandja*, uma dança tradicional ligada ao rito da circuncisão, em mesclas com gêneros musicais como o kuduro, o *afro-house* ou o samba, vinculados costumeiramente ao cotidiano urbano.

Conclusão

O sudoeste de Angola emerge, neste estudo, como um espaço sociocultural marcado por uma profunda historicidade, em que tradição e transformação não se opõem, mas se

365



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

entrelaçam em arranjos criativos e complexos, exemplificados pelas dinâmicas socioculturais vivenciadas pelos Ovakwanyama. Essas dinâmicas revelam um processo de negociação entre elementos de continuidade e transformação, marcado pela criatividade cultural e pela agência histórica das comunidades.

Longe de constituírem uma sociedade estática ou cristalizada no tempo, os Ovakwanyama demonstram capacidade de adaptação frente às múltiplas pressões externas — coloniais, missionárias, estatais e urbanas — sem abrir mão de referenciais simbólicos fundamentais à sua identidade. As reconfigurações observadas nas práticas rituais, nos usos do território, nas formas de autoridade tradicional e na linguagem expressam tanto tensões quanto inovações, indicando que a tradição não desaparece, mas se reinventa.

A cidade, enquanto espaço de intersecção cultural, impõe desafios à preservação de elementos identitários centrais — como a língua Oshikwanyama ou os ritos de iniciação —, mas também oferece possibilidades de expressão cultural híbrida. Assim, a identidade Ovakwanyama não deve ser pensada como essência fixa, mas como um processo em movimento, forjado na experiência histórica de adaptação, resistência e recriação constante. Ao reconhecer essa complexidade, o estudo contribui para uma abordagem aprofundada das sociedades africanas contemporâneas, para além dos dualismos simplificadores entre tradição e modernidade.

366

Referências

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA. *Estudo de Mercado sobre a Província de Huíla*. Lisboa: Associação Industrial Portuguesa, 2007. Disponível em: <https://fundacaoaip.pt/estudos-de-mercado/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BONTE, Pierre. Ecological and economic factors in the determination of pastoral specialization. In: GALATY, J. G.; SALZMAN, P. C. (ed.). *Change and development in nomadic and pastoral societies*. Leiden: Brill, 1981.

CARVALHO, Eduardo Cruz de. 'Traditional' and 'Modern' Patterns of Cattle Raising in Southwestern Angola: A Critical Evaluation of Change from Pastoralism to Ranching. *The Journal of Developing Areas*, v. 8, n. 2, p. 199–226, 1974.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARVALHO, Ruy Duarte de. O futuro já começou? Transições políticas e afirmação identitária entre os pastores Kuvale (Herero) do Sudoeste de Angola. *Lusotopie*, v. 2, n. 1, p. 221–237, 1995.

_____. *Vou lá visitar pastores: exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1992–1997)*. Lisboa: Edições Cotovia, 2000.

CASTELO, Cláudia. *Passagens para África: o povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920–1974)*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

_____. Arame farpado, conhecimento e desenvolvimento no Sudoeste de Angola (c. 1960–1974). *Africana Studia*, n. 30, p. 47–59, 2018.

_____. Perturbações na paisagem pastoril do sudoeste angolano: ansiedade política e geografia aplicada no colonialismo tardio. *Terra Brasilis*, n. 17, 2022.

CLARENCE-SMITH, Gervase. *The Third Portuguese Empire, 1825–1975: A Study in Economic Imperialism*. Manchester: Manchester University Press, 1985.

CRUZ E SILVA, Teresa da. Christian missions and the state in 19th and 20th century Angola and Mozambique. In: *Oxford Research Encyclopedia of African History*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 10–12.

DIAS PEREIRA, Joana. Engaging with colonial knowledge on African associational life: Angola case study from 1860 to 1974. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 34, 1258–1269, 2023.

DULLEY, Iracema. *Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: Annablume, 2010.

ESTERMANN, Carlos. A vida econômica dos bantos do sudoeste de Angola. Luanda: Junta Provincial de Povoamento de Angola, 1971.

367



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

____. Notas etnográficas sobre os povos indígenas do distrito da Huíla. In: *Etnografia de Angola (sudoeste e centro): coletânea de artigos dispersos*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983. v. 1, p. 34.

FEIERMAN, Steven. *Peasant Intellectuals: Anthropology and History in Tanzania*. Madison: University of Wisconsin Press, 1990.

FEIJÓ, Carlos. *A Coexistência Normativa entre o Estado e as Autoridades Tradicionais na Ordem Jurídica Plural Angolana*. Coimbra: Almedina, 2012.

FEIO, Mariano. *O relevo do sudoeste de Angola: estudo de geomorfologia*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1981.

FERGUSON, James. *Global Shadows: Africa in the Neoliberal World Order*. Durham: Duke University Press, 2006.

GOMES, Adriano Fernandes. *O gado na agricultura familiar praticada no sudoeste de Angola: meios de vida e vulnerabilidade dos grupos domésticos pastoralistas e agro-pastoralistas*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

HAILENGUE, Jerônimo. Mário. Entrevista pessoal. Ombala Youkwanyama, 1 abr. 2025.

HAIPINGE, Toivo Evaristo. *Antroponímia na Língua Oshikwanyama*. 2017. Dissertação (Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade. Universidade Nova, Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/22256>. Acesso em 25 jul. 2025.

HAUCK, Sonja; RUBENSTEIN, Daniel I. Pastoralist societies in flux: A conceptual framework analysis of herding and land use among the Mukugodo Maasai of Kenya. *Pastoralism*, London, v. 7, art. 18, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13570-017-0090-4>. Acesso em: 28 jul. 2025.

HOBSBAWM, Eric. Introduction: Inventing Traditions. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (ed.). *The invention of tradition*. 21. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

368



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HUNTLEY, Brian J. Angola, um perfil: fisiografia, clima e padrões de biodiversidade. In: HUNTLEY, B. J. et al. (ed.). *Biodiversidade de Angola: Ciência e Conservação - Uma Síntese Moderna*. Porto: Arte & Ciência, 2019.

JESUS, Afonso de; NGHIKOLWAKUSA, Nelson Emílio. *Os Ovakwanyama: um grupo etnolinguístico do Sul de Angola e da Namíbia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ensino de História) – Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Huíla), 2024.

JORGE, Vítor Oliveira. Alguns elementos para o estudo dos recintos murlhados do planalto da Humpata: Região da Huíla, Sudoeste de Angola. *Revista de Guimarães*, n. 87, p. 219–246, 1977. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/23117/2/vitorjorgealguns000093061.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2025.

KREIKE, Emmanuel. *Recreating Eden: Agro-Ecological Change, Food Security and Environment Diversity in Southern Angola and Northern Namibia, 1890-1960*. Portsmouth: Heinemann, 2004. _____. De-Globalisation and Deforestation in Colonial Africa: Closed Markets, the Cattle Complex, and Environmental Change in North-Central Namibia, 1890–1990. *Journal of Southern African Studies*, v. 35, n. 1, p. 81–98, 2009. <https://doi.org/10.1080/03057070802685585>.

369

KONDJA, José Evaristo. Entrevista pessoal. Ondjiva, 4 mar. 2024 e 23 jul. 2025.

LIMA, Maria Helena de Figueiredo. *Nação Ovambo*. Lisboa: Editorial Aster, 1977).

MARTINS, Isildo Gouveia. *Cuanhama: estratégias internas e prelúdio da perda da sua autonomia (1900–1915)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

MATOS, Paulo Pereira Oliveira. “Terras desertas e selvagens”: a região ao sul de Benguela no imaginário português (1750–1840). 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/61489>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MBEMBE, Achille. *On the Postcolony*. Berkeley: University of California Press, 2001.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ORTNER, Sherry B. *Anthropology and Social Theory: Culture, Power, and the Acting Subject*. Durham: Duke University Press, 2006.

PAULA, Simoni Mendes de. *O colonialismo espelhado nas águas do Cunene (1884–1975)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167715>. Acesso em: 28 jul. 2025.

PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe. Comunicação pessoal. Ondjiva, 1 abr. 2025.

REPÚBLICA DE ANGOLA. PLANAPECUÁRIA. *Diário Oficial da República de Angola*, Luanda, Série I, n. 4, 6 jan. 2023. Disponível em: <https://faolex.fao.org/docs/pdf/ang215091.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SCHERMAN, Jean-Pierre. OPERATION SAVANNAH, 1975–76: The initial South African armour deployments into Angola. In: *Different Times*, 2019. p. 44.

SHATIPAMBA, Mário. Entrevista pessoal. Xangongo, 2 abr. 2025.

TONGENI, Pedro. Entrevista Pessoal. Ondjiva, 05 mar. 2024.

VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

WILLIAM, Freida. History Of Owambo Kingdom (1600 – 1920). Windhoek: The National Archives Of Namibia, 1994. Disponível em: <https://namibiadigitalrepository.com/items/show/153>. Acesso em: 10 jun. 2025.

370



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM PERSPECTIVA TERRITORIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICA

Raquel Arruda Carvalho de Oliveira¹

Leandro Benedini Brusadin²

Introdução

As relações entre indivíduos e a sociedade são objetos de estudo em vários campos do conhecimento, seja nas ciências humanas, sociais aplicadas, exatas ou da natureza. O objetivo desses estudos pode ser considerado amplo, mas parecem convergir em um ponto comum: o interesse em desvendar a natureza das interações. Nas ciências humanas, a investigação da dimensão relacional das interações entre sujeitos é fundamental para compreender os fenômenos e as transformações manifestadas nas sociedades, sejam elas arcaicas, contemporâneas, rurais ou urbanas.

Este artigo propõe uma revisão teórica de literatura no âmbito dos estudos em Hospitalidade, voltada à construção de um referencial epistemológico que permita compreender a hospitalidade como um fenômeno territorializado, no qual o território circunscreve as dinâmicas de trocas. Parte-se do questionamento à lógica neoliberal, que compele os sujeitos contemporâneos a crer na corrida meritocrática, na busca pela “autonomia” e pela “liberdade” individual, desejo “alcançado” por meio de alta produtividade e do esfacelamento das relações interpessoais, uma vez que os outros ocuparam o lugar de concorrentes e nossas crenças e valores foram transpostas em mercadorias. Como pensar, então, na reparação do esfacelamento dos vínculos sociais, das relações de vizinhança e do senso de pertencimento à uma comunidade?

É nessa toada de enfrentamento às sociedades de desempenho (Han, 2015), que se faz necessário o conhecimento e a discussão de teorias e práticas que nos auxiliam a pensar maneiras de reconstituir os laços e alianças fundamentais à vida coletiva. O objetivo central do estudo é, portanto, propor uma discussão teórica sobre a Hospitalidade como conceito e prática oportuna para o tema, uma vez que pode ser compreendida enquanto um processo

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Email: raquelcaarv@gmail.com

² Professor Doutor na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: leandrobrusa@hotmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

de mediação simbólica entre duas pessoas, com a finalidade de produzir laços sociais e alteridades. Enquanto fenómeno relacional e inerentemente ambivalente, busca-se cruzá-la com os estudos da Dádiva e o conceito de Território. A articulação desses elementos visa suscitar a compreensão da complexa e interessante influência que exercem na formação e regulação das interações sociais e espaciais.

A metodologia adotada envolve o levantamento, seleção e análise de livros, artigos científicos, dissertações e teses, que fundamentam o estudo a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Para isso, foram realizadas buscas nas principais bases de dados de trabalhos científicos, como Periódicos da CAPES, Scielo e Google Acadêmico. Foram utilizadas palavras-chave nos idiomas português, francês e inglês, a fim de ampliar o escopo do trabalho. O uso das palavras em outros idiomas ampliou a busca, em razão da atuação da intitulada escola francesa na pesquisa em hospitalidade. Os termos empregados incluíram “dádiva”, “don”, “cidade”, “*gift*”, “hospitalidade”, “*hospitality*”, “*l’hospitalité*” e “território”.

A seleção do material considerou como critérios a relevância teórica dos textos para a compreensão da hospitalidade como fenómeno e prática social, bem como a presença de abordagens que relacionassem a temática ao estudo da cidade e à noção de território. A análise do conjunto bibliográfico foi conduzida a partir de uma leitura crítica e entre os principais autores, destacam-se Mauss (2017), Caillé (1998), Godbout (1998), Godelier (2001), Derrida (2003), Gotman (2008, 2019), Camargo (2015, 2021), Raffestin (1993, 1997), Benveniste (1995), Pitt-Rivers (2012), Grinover (2006, 2019), Costa & Moesch (2017), entre outros, cujas obras oferecem fundamentação sólida para a articulação entre Hospitalidade, Dádiva e Território.

372

O sistema da dádiva e de trocas nas relações sociais

Marcel Mauss, em sua obra ‘Ensaio sobre a Dádiva’, publicada em 1923, apresenta seu estudo sobre o sistema de trocas observado em sociedades ameríndias, polinésias e melanésias do início do século XX. Ao investigar as relações estabelecidas entre pessoas, identificou que se baseavam em trocas caracterizadas por condições implícitas impostas por ambas as partes. Mais que isso, compreendeu que a organização da vida social estava estruturada por este sistema tríplice de trocas, composto por atos de dar, receber e retribuir, a que chamou de Dádiva.

Para Mauss (2017), a dádiva opera através de trocas – prestações - que não envolvem apenas bens materiais, como riquezas e banquetes, mas inclui algo de ordem simbólica responsável por manter o sistema em funcionamento e em constante renovação, visto que a cada



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

prestação dada, espera-se uma contraprestação – contra dádiva – em retorno. Todavia, segundo o autor, não há garantias de que a dádiva inicial seja retribuída ao doador, visto que as prestações possuem caráter voluntário e gratuito, ou seja, dá-se porque se quer dar. Embora aparentemente livre, notou-se, no entanto, que as prestações eram retribuídas ao doador, sendo também obrigatórias e interessadas. “Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?” (Mauss, 2017, p. 194).

Em releituras mais recentes da obra de Mauss é possível encontrar discussões importantes sobre o “algo a mais” identificado pelo autor. Segundo Caillé, “não há dádiva que não exceda, por sua dimensão simbólica, a dimensão utilitária e funcional dos bens e serviços” (Caillé, 1998, p.5). Nesse sentido, o simbolismo contido no sistema de trocas é o que lhe confere a sustentação e atemporalidade de um fenômeno atual, visto que o símbolo atravessa a história humana e se manifesta nos rituais, na linguagem, nos mitos e nas tradições. Por esta razão, as prestações na dádiva são consideradas **totais**, pois ultrapassam o interesse utilitário, pautado nos bens, para conformar-se sob a forma de regras simbólicas.

Para o autor, o simbolismo está diretamente relacionado ao caráter voluntário-obrigatório da dádiva, chamando atenção para a aposta lançada pelo doador ao dar, investindo confiança no outro, que é livre para retribuir e também obrigado, pois estão ambos regidos por este contrato implícito e simbólico. A aposta, seguindo essa linha de raciocínio, representa a formação de alianças, uma vez que o outro livre para agir, mas espera-se que aja. A realização da ação do outro e, assim, da própria dádiva, fortalece essa aliança, pois as obrigações foram honradas pelas partes.

Godbout (1998), em consonância com esta ideia, defende que há ainda prazer nessa realização, além da obediência às regras impostas, o que sugere a liberdade dos atores, que “consiste em tornar o próprio laço mais livre, multiplicando os rituais que visam diminuir, para o outro, o peso da obrigação no seio da relação” (Godbout, 1998, p.7). Dessa forma, para o autor, a dádiva é tudo que circula em nome do laço social, ou seja, que não diz respeito nem à lógica do mercado, nem a do Estado. Para o autor, a dádiva, ao contrário da lógica mercantil, busca a dívida, que tende a manter-se no sistema, pois quitá-la significaria o seu fim. A doação inicial é a ação criadora de vínculo entre doador e donatário. É importante notar que há uma assimetria entre os atores – a dívida –, sendo este o atributo para a retribuição do donatário.

Para Godelier (2001), o ato de retribuir representa uma nova dádiva, não anulando a dívida, mas criando uma nova. Assim, o sistema pressupõe um processo de desequilíbrio e assimetria entre os agentes para que ocorra. A autor entende que se trata de uma ambivalência, pois a

373



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

partilha (troca) ao mesmo tempo que aproxima os agentes, os afasta, ao criar uma dívida e posição hierárquica entre eles.

Alguns autores discutem ainda as motivações que levam à primeira doação. Embora não seja o foco deste trabalho, é importante pontuar que a dádiva pode advir da rivalidade e da demonstração de superioridade, o que Caillé (1998) chamou de dádiva agonística, como pode ser fruto da partilha harmônica, ato de generosidade. Godbout (1998) defende que se dá na tentativa de conectar-se a algo mais vasto, de fazer as coisas circular e romper a solidão. É nesta toada que a dádiva pode ser compreendida como a origem do laço social, pois estrutura-se de forma a privilegiar a formação de alianças e a reciprocidade. Um sistema vivo que possui, assim, uma raiz política, pois se direciona a uma questão primordial para Caillé (1998): Quem são os amigos (e os inimigos)? Com quem se aliar? A quem dar? De quem receber? Parte-se desse questionamento para introduzir a noção de hospitalidade.

A hospitalidade debruça o olhar sobre a relação com o outro que ainda não se conhece - o estrangeiro, o viajante, o diferente -, que pode vir a tornar-se um aliado ou representar uma ameaça. Assim como na dádiva, também não há garantias, e a relação com o outro constrói-se por meio da confiança e da aposta, do estabelecimento do contrato implícito de ordem simbólica, que implica os sujeitos à interação. Se a dádiva corresponde ao sistema de trocas, que opera com gratuidade, liberdade, obrigação, dívida e reciprocidade para a formação de laços sociais, onde estaria a hospitalidade nesse sistema?

Segundo Camargo (2021), a hospitalidade é uma troca que se realiza sob a égide da dádiva, pois estrutura-se a partir da mesma tríade dar, receber e retribuir. Para Gotman (2019), a essência da hospitalidade ancora-se na ideia de que a conexão entre dois homens ocorre pela obrigação de retribuir uma dádiva recebida. Nesse sentido, pode-se entender a hospitalidade como uma manifestação da dádiva, pois ocorre através da mesma sistemática. Posicionar dádiva e hospitalidade é importante, pois apesar de possuírem elementos comuns, não significam a mesma coisa. Para este trabalho importa também o entendimento da dádiva como uma teoria mais ampla que se volta para a realidade concreta, a fim de compreender como os laços sociais se originam, e da hospitalidade como um conjunto de ações percebidas na realidade, práxis da dádiva.

374

(In)Hospitalidade: processo territorializado de abertura ao outro

A relação que ocorre entre dois agentes – anfitrião e hóspede – compreende o que se entende por Hospitalidade. Os atores envolvidos nessa relação ocupam posições opostas e assimétricas (Gotman, 2011), pois o anfitrião representa a comunidade e possui domínio



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sobre o espaço (topos), sendo aquele que recebe o hóspede, que por sua vez, simboliza o exterior, aquele que chega e recorre à comunidade a qual não pertence e é estranho. Anfitrião e hóspede podem significar um indivíduo ou um grupo coletivo (instituição, cidade, nação, etc.) e se encontram em assimetria porque o primeiro detém poder sobre o outro, uma vez que pode acolhê-lo ou não. A hospitalidade trata, assim, do fenômeno que ocorre a partir do encontro/confronto entre esses personagens, que mantêm uma relação dialógica e interdependente, visto que um não pode ser concebido sem o outro.

A etimologia da palavra hospitalidade deriva de *hostis*, nome latino que possui significado ambíguo, pois remete à ideia de hóspede e também de inimigo. Benveniste (1995) ao estudar este termo, supõe que ambos derivam da ideia inicial de ‘estranho’, que pode assumir uma significância positiva (hóspede) ou negativa (inimigo). É interessante notar que, para o autor, *hostis* não representa o estranho absoluto, mas aquele que possui direitos reconhecidos pelos indivíduos do grupo. Esse reconhecimento implica o estabelecimento de acordos e certa reciprocidade entre *hostis* e o grupo, estando o primeiro em uma relação compensatória para com o segundo, o que Benveniste (1995) considera fundamento essencial da hospitalidade. A necessidade de compensação e de novas trocas entre os agentes opera, assim como na Dádiva, na produção de vínculos. Segundo Camargo (2021), o encontro produzido pode resultar em um estreitamento ou esgarçamento do vínculo social intencionado, sendo essa a questão central em hospitalidade. Para o autor, os encontros podem não produzir interações, o que atribuiu o nome de hospitalidade neutra, ou promover interações mal ou bem sucedidas.

Quando mal sucedido, o encontro pode gerar indiferença/desinteresse de algum dos agentes – inospitalidade – o que pode culminar, no pior cenário, na rejeição do outro, que pode ser manifestada com agressividade - hostilidade. Por outro lado, quando bem sucedidos, podem criar intimidade e aproximação, o que sugere a construção de uma relação que pode vir a ser duradoura – vínculo - ou refletir distância e polidez. A polidez a que se refere está vinculada à ideia de Urbanidade, resultado de um projeto civilizatório composto por regras de cordialidade e etiqueta que tornam possível o convívio entre estranhos nas sociedades modernas Camargo (2021).

No entanto, ainda que positiva, esse tipo de hospitalidade pode ser considerado encenada (Gotman, 2008), superficial e desprovida de calor humano, não tendo capacidade de produzir relações autênticas. Desse modo, Camargo defende a ideia da hospitabilidade, ao pensar a hospitalidade genuína como uma habilidade e uma capacidade de receber e ser hospitaleiro, o que representa também uma virtude.

375



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O entendimento da hospitalidade como uma virtude reverbera o raciocínio de Derrida (2003), para quem a hospitalidade é uma questão ética, e o acolhimento do outro um dever moral e incondicional. Embora sua discussão esteja pautada na questão migratória do continente europeu e na tentativa de pensar a cooperação entre os países, fornece uma contribuição importante ao relacionar a hospitalidade a um direito, representando algo intrínseco à natureza humana e regido por leis tão universais quanto a própria humanidade. O autor postula a hospitalidade como um fenômeno que contém uma contradição de formação, pois embora defenda a hospitalidade como um dever incondicional, concretizado por meio do acolhimento irrestrito do outro, entende que a interação entre anfitrião e hóspede é também condicionada por leis não escritas que permitem que esse encontro aconteça sem violência.

Embora intencione a superação dessas leis, percebe que a troca incondicional é difícil de ser consolidada por uma série de fatores. Nesse sentido, a incondicionalidade de que trata pode ser assimilada como um incentivo e disposição à prática da hospitalidade, uma maneira de estabelecer relação com o outro por intermédio de atos ritualizados que submetem os sujeitos a trocar prestações.

A lei que condiciona as trocas entre hóspede e anfitrião e que garante direitos e deveres é entendida pelos autores como simbólicas e implícitas, expressas nas ações de cada sujeito. Camargo (2021) pontua quatro leis necessárias à compreensão:

- Incondicionalidade, que vale tanto para o anfitrião quanto para o hóspede e pressupõe à disposição e abertura já mencionada;
- Reciprocidade, que implica ambos a honrar-se e a valorizar a sociabilidade produzida pela troca, que os coloca em lugar de destaque moral;
- Compensação, a mesma necessidade de retribuição da dádiva relacionada à ação do hóspede, no primeiro momento, uma vez que foi recebido e deve recompensar o anfitrião, não imediatamente, demonstrando gratidão;
- E assimetria, que revela a posição de cada agente na cena, estando o hóspede submetido às regras do anfitrião, que detém domínio sobre o território físico e simbólico.

Com relação à assimetria, é importante ressaltar ainda que as posições hierárquicas se invertem à medida que a relação avança e que as prestações e contraprestações degradingolam, demonstrando, assim, a circularidade promovida pela dívida/dádiva. No entanto, a superioridade do anfitrião mantém-se resguardada de certo modo por conta de um fator que influencia e circunscreve a relação entre os atores: o território.

Ao introduzir esta variável no estudo da hospitalidade, é fundamental posicionar conceitualmente a noção de território, visto que, como qualquer outro conceito científico, é

376



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

historicamente condicionada. Em geral, pode-se analisa-la a partir de dois pontos de vista: o físico-cultural e geopolítico ou o de enfoque simbólico e perceptivo (Schlee et al., 2009). Para este trabalho interessa o segundo. Os autores que tratam da abordagem de enfoque simbólico definem o território como uma produção humana sobre um determinado espaço, apropriando-o e territorializando-o. Para Raffestin (1993), a apropriação do espaço suporta o território e ocorre de forma concreta e abstrata, uma vez que envolve as relações sociais e a dimensão simbólica.

Seguindo essa linha de raciocínio, Fischer (1994) entende o território como lugar socializado e, portanto, de domínio e poder, refletindo as regras, códigos e rituais dos grupos nos espaços que produzem. Sendo assim, as marcas deixadas no lugar compartilhado geram identidade e pertencimento coletivos, uma vez que identificam os membros do grupo ao mesmo tempo que os diferencia daqueles que não o integram. Desse modo, inclui e exclui simultaneamente ao delinear fronteiras materiais e simbólicas que garantem a dominância territorial, referindo-se ao que o autor denomina de zonas de influência. Esta noção de território relaciona-se diretamente ao conceito de territorialidade como um conjunto de ações mobilizadas para representar e garantir domínio sobre um determinado espaço.

Nesse sentido, território e territorialidade são noções essenciais à compreensão das trocas em hospitalidade porque delimitam o universo do anfitrião, composto por elementos materiais, como os limites físicos do lugar (casa, instituição, cidade, etc.), e por elementos simbólicos, como os valores, rituais, linguagem, identidade e tradições – a cultura que identifica o grupo receptor. Este universo é conhecido aos membros da comunidade ao mesmo tempo que é misterioso ao hóspede, que o confrontará com a sua chegada. Sendo assim, a cena hospitaleira é territorialmente situada, sendo influenciada por aspectos físicos, simbólicos e sociais do espaço onde se dá a interação.

Hóspede e anfitrião estão separados por um limite, a soleira da porta (Grassi, 2011a) ainda não cruzada. Para Raffestin (1997), a hospitalidade representa o ritual que rege a transposição de uma fronteira entre a exterioridade e a interioridade. A chegada do estranho encontra uma ordem moral e social que delimita a vida dos que compõem o grupo. Essa transposição é marcada por um duplo aspecto, sendo espacial, pois demarca as posições iniciais de cada agente da cena - exterior como lugar do hóspede e interior como lugar do anfitrião -, e também temporal, representado pelo momento anterior à aceitação do recém chegado e pelo período posterior a esta ação. Por esta razão, Camargo (2015) ensina que a hospitalidade pode ser percebida em cenas, que contam com a designação de atores principais e de marcações precisas de tempo e espaço.

377



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ao adentrar um novo território, o hóspede não tem garantias do que encontrará e de que será bem recebido. Do outro lado da soleira, o anfitrião deve assegurar-se de que aquele que cruza a fronteira respeite seu espaço de domínio e submeta-se. A cena é também um ritual, pressupondo uma série sucessiva de ações e mediações cuidadosas para que a interação ocorra de forma a atenuar desconfortos que possam levar à hostilidade.

O ritual de chegada ao grupo, que pode ser considerado o primeiro encontro, é considerado de grande importância para Pitt-Rivers (2012), pois associa-se ao início de um processo de incorporação ao grupo, com a passagem do status de estranho para o de membro. A ideia da mobilidade contida nesse processo encontra ressonância em Raffestin (1997), que utiliza uma analogia na mitologia grega com o casal Hestia e Hêrmes para explicar a relação antagônica entre o dentro e fora. Hestia representa a imutabilidade, a proteção da casa e a estabilidade, permanecendo sem nunca deixar o seu lugar. Hêrmes, por sua vez, é o mensageiro, o viajante, aquele que não possui nada de fixo e que carrega a mudança, o movimento. São opostos e representam o sedentarismo e o nomadismo como reflexos da dualidade expressa pela hospitalidade, que media e se configura como ponte entre dois mundos.

A dialética estabelecida entre a imobilidade do grupo e a mobilidade contida no movimento de chegada do hóspede e também na decisão de acolhê-lo, sugere que o mistério que circunda o desconhecido causa medo e também fascínio, algo da ordem do (extra)ordinário (Pitt-Rivers, 2012), que cria no grupo estável uma expectativa ou revelação. Raffestin (1997) associa a figura do forasteiro às divindades, estando o reconhecimento de ambas envoltas pelo mistério associado ao medo ou reverência. Dessa maneira, a inserção do hóspede modifica/perturba o universo do grupo, que admite o seu acesso pela aposta de que essa interferência pode alterar o seu status. O ritual de entrada ressignifica as relações internas entre os membros, havendo uma "ordem de atração" que rege a recepção do outro: a novidade desperta curiosidade e interesse, mas a incorporação ao grupo depende de regras e limites estabelecidos a priori.

O status do hóspede e a sua identidade também são levadas em consideração para a sua aceitação. Raffestin (1997) argumenta que a figura do estranho se manifesta em diferentes dimensões, sendo alguns mais bem aceitos que outros. Na Grécia antiga, o *xenos* – similar ao *hostis* latino – não se refere à assimilação do outro como inimigo ou hóspede, mas trata da identificação daquele que é possível relacionar-se (Benveniste, 1995). Sendo assim, *xenos* remete ao estranho que precisa ser caracterizado e diferenciado do grupo, que tomará a sua própria identidade como parâmetro para a aceitação. Contrariando a incondicionalidade irrestrita proposta por Derrida, essa diferenciação sugere o delineamento de condições para

378



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

o acolhimento, um processo regulado pela distância percebida entre o status do grupo receptor e do recém chegado (Manzi, Toudoire-Surlapierre, 2011).

Nesse sentido, o território desempenha um papel ativo na definição de quem é considerado hóspede “legítimo” e quais são as condições de sua permanência. Para Raffestin (1997), a cidade é o lugar de experimentação e implementação de novas discontinuidades espaciais, temporais e culturais resultantes da movimentação humana, que condicionam uma territorialidade livre para manter relações “não apenas consigo mesma, mas também com o exterior e com a alteridade, por meio de mediadores, para satisfazer suas necessidades na perspectiva de alcançar a maior autonomia possível, levando em consideração os recursos do sistema” (Raffestin, 1997, p.165). Assim, a territorialidade é um fator que possibilita o acontecimento de um emaranhado de interações em prol da autonomia do grupo original, que se direciona a garantir sua segurança e sua evolução.

A hospitalidade representa esse processo de negociação territorial, onde o anfitrião estabelece e comunica regras de pertencimento, e o hóspede deve interpretá-las para se integrar ao ambiente. Sobre isso, Raffestin (1997) introduz a ideia da semiosfera de Lotman como o mecanismo de mediação do confronto entre a exterioridade e a interioridade. A semiosfera configura-se como um campo semiótico que reúne o sistema de signos e significados que distingue cada grupo. Possui uma fronteira permeável, que pode ser penetrada mediante a tradução do exterior na linguagem interna. A permeabilidade dos limites desse campo condicionará a abertura e a forma que se dará o convívio e, assim, a dinâmica hospitaleira. Sendo o território um produto das relações de poder e regulador desse mecanismo, a entrada do hóspede em um novo lugar pode ser vista como uma penetração na semiosfera, onde se depara com códigos culturais e linguísticos que precisam ser decifrados para que sua presença seja aceita. Ocorre, assim, um fenômeno de "tradução" da diferença para permitir a interação. A soleira da porta (Grassi, 2011a) pode, então, ser compreendida como um limiar semiótico, um ponto onde os signos da hospitalidade são negociados e interpretados. A distância entre as identidades dos atores permite a assimilação dessas regras em maior ou menor grau de dificuldade. Desse modo, aqueles que advêm de lugares que compartilham semelhanças culturais ou gozam de status social similares ao dos membros do grupo possuem mais chances de um acolhimento bem sucedido, uma vez que estão mais próximos à “borda” da semiosfera. Quanto maior essa distância, mais criteriosa ou resistente pode ser a abertura ao outro, que parece mais hostil à comunidade receptora (Raffestin, 1997). A borda de acesso ao universo interno varia em função da caracterização daquele que se aproxima, funcionando como reguladora da fronteira.

379



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



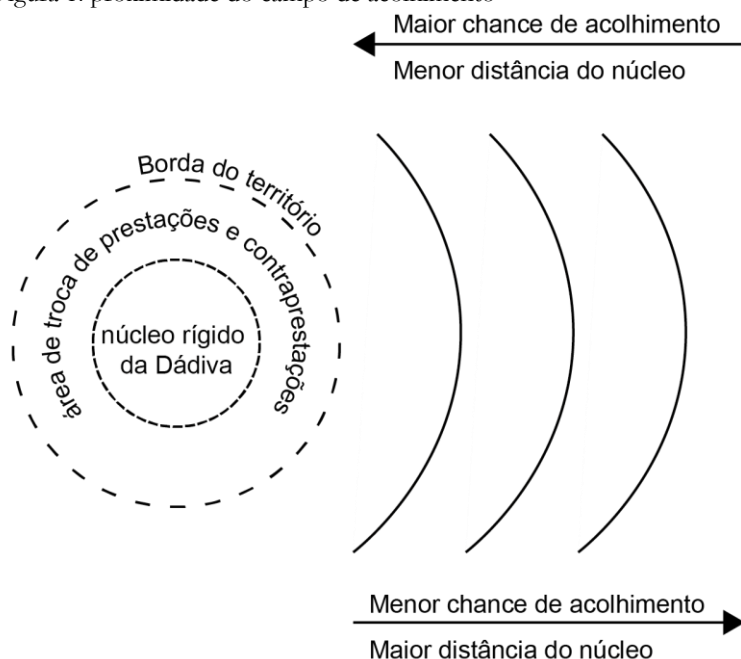
7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ao relacionar o mecanismo da semiosfera à lógica da Dádiva, pode-se pensar no centro da semiosfera a existência de um “núcleo rígido”, como mostra a Figura 1, que não está imediatamente disponível ao outro, mesmo que este tenha cruzado a soleira. Por esta razão, possui acesso restrito àqueles que integram o grupo, e por isso, o seu limite é menos permeável que o primeiro.

Após a travessia bem-sucedida da primeira fronteira (borda), o hóspede será iniciado na dinâmica de prestações e contraprestações — área de hospitalidade. Ultrapassar a segunda fronteira que leva ao núcleo, refere-se à integração nos laços sociais mais íntimos da comunidade. Desse modo, a permeabilidade das fronteiras varia de forma a estruturar os modos de pertencimento e definindo quem pode ou não circular com liberdade entre os espaços da intimidade.

Figura 1: proximidade do campo de acolhimento



Fonte: A autora, 2025.

A passagem da fronteira é irreversível e atesta a provação percorrida pelo hóspede, que ao ser julgado e aprovado, adquire um novo papel e um status mais aceitável, integrando-se ao grupo original (Pitt-Rivers, 2012). Percebe-se que neste processo de integração está posto um teste (Gotman, 2019) tanto para o hóspede, que deve superar o desafio da chegada e



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

alcançar o reconhecimento do grupo, quanto para o anfitrião, que com suas regras e espaços perturbados, fará concessões e mobilizará ações para reorganizar o espaço de acolhida do recém chegado.

O teste a que se refere Gotman (2019) sugere que tudo é posto à prova, o que amplia a percepção da hospitalidade para além de leis implícitas e códigos, incluindo o que transborda, supera ou excede a configuração original. Desse modo, fortemente associada à mobilidade e à ação, as práticas hospitaleiras devem ser entendidas como um processo composto por restrições e liberdades. Esta noção admite um processo que ocorre meio a inospitalidade sempre presente (Camargo, 2015), e que evidencia o caráter de tensão entre hospitalidade x hostilidade como algo contínuo e mutável, não absoluto. Não haveria, assim, apenas um ou outro, numa lógica estritamente binária, mas um equilíbrio assimétrico entre ações de inclusão e exclusão.

Nesse sentido, a hospitalidade não se esgota no gesto inicial de “abrir a porta”, mas configura-se como um processo contínuo de negociação e provação, no qual o hóspede enfrenta sucessivos desafios (Gotman, 2019) para conquistar lugares de pertencimento dentro da comunidade. Inspirando-se na leitura de Grassi (2011a), transpor a soleira pode não se restringir à travessia de um limiar, mas implica ultrapassar inúmeras fronteiras simbólicas que regulam o acesso a diferentes camadas da vida coletiva. Assim, a hospitalidade se desenha como um percurso gradual de aproximação, em que os acessos são conquistados, e não concedidos automaticamente.

Enquanto processo, pode ser compreendida em três fases: separação, limiar e integração (Camargo, 2015). A fase de separação demarca o momento anterior ao confronto/encontro inicial e pressupõe uma primeira iniciativa, como um convite ou deslocamento físico. A segunda pode ser entendida como o durante, indicativa da acolhida do hóspede e da fase de negociações, provações e prestações. Neste período ocorrem as trocas de presentes, ritos de comensalidade e outros que reforçam a aceitação. A última simboliza a integração do hóspede ao grupo receptor, que passa a gozar dos mesmos direitos que os membros, tornando-se “culturalizado” (Raffestin, 1997). A terceira fase compreende também o fim da hospitalidade, que marcada por uma temporalidade, tem duração determinada que culmina na produção de vínculo.

É importante reforçar que há uma ideia de linearidade e continuidade no processo hospitaleiro pautado pela reciprocidade e pela alternância de papéis (Ferro; Bastos, 2024). Esse jogo dinâmico pressuposto pela tríade do dar, receber e retribuir, implica os agentes a submeter-se às leis, mas também abarca os deslizes e violações que podem levar a finais não

381



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

previstos (Camargo, 2015), ao interrompimento de alguma das fases e à descontinuação da relação em curso.

Dessa forma, a hospitalidade opera como um processo de abertura ao outro e de estruturação das relações sociais, onde o estranho é admitido na medida em que sua presença possa ser integrada à ordem já existente. O acolhimento do outro envolve mecanismos de inclusão e exclusão, e uma expectativa de reciprocidade, implicando no avanço coletivo, na produção dos laços sociais e na reafirmação de uma identidade coletiva. Resulta, assim, na expansão do grupo para fora ou para dentro de si (Gotman, 2019), adquirindo recursos e meios que propiciam novas trocas. As ações, prestações, negociações e tensões que caracterizam a dinâmica relacional da cena hospitaleira podem ser compreendidas ainda como experiências.

Lugares de experiência e de ação

A relação dialética entre atração e controle, interior e exterior insere a hospitalidade no campo das trocas simbólicas, orientada pela sistemática da dádiva descrita por Mauss, para além da mera aceitação ou rejeição do outro, é um fenômeno ritualizado que demarca uma passagem, que pode ser analisada enquanto um processo de três fases repleto de ações de ordem prática que acontecem em um determinado lugar. Sendo um fato social total (Mauss, 2017), todos esses fatores exercem influência na cena hospitaleira, que em retorno implica transformações nas estruturas existentes “para atender às necessidades na perspectiva de adquirir a maior autonomia possível compatível com os recursos do sistema” (Raffestin, 1997).

Esse processo interativo configura, assim, a base do relacionamento entre as pessoas e o meio para a convivência entre diferentes, sendo produtor de sociabilidade. Segundo Costa e Moesch (2017), a dádiva não se restringe apenas às relações interpessoais, mas influencia a forma como a sociedade se arranja espacialmente, reforçando também os laços espaciais, o ser e estar no mundo. Com essa perspectiva, voltar a atenção para os lugares, para a sua história, morfologia e conformação auxilia na compreensão do rastro do vínculo e das diversas interações situadas territorialmente. Os autores atribuem à gratuidade da dádiva o poder de formação substantiva do território, das relações de pertencimento e identificação. A hospitalidade ocorre, assim, no encontro entre sujeitos que estão inseridos num fluxo de mobilidade provocado pela vida, pelas relações de trabalho, pelo lazer e pelo próprio cotidiano. Sendo assim, circula por todos os lugares, sejam eles privados, públicos, domésticos, urbanos ou rurais. Esse acontecer localizado torna a hospitalidade uma prática sociocultural (Ferro; Bastos, 2024), uma vez que é profundamente influenciada pelas dimensões cultural e social, o que a torna uma experiência singular daqueles que envolve.

382



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A singularidade presente na experiência de hospitalidade reside na base cultural-territorial que diferenciam o cosmos, o lugar onde se dá. Para Costa e Moesch (2017), as práticas dão consciência individual e coletiva e remetem à produção e à interação social, sendo ações que pressupõem a presença de outros. Desse modo, é um fato social e também cultural em permanente reconfiguração. Para Grinover (2019), a experiência implica na obtenção de conhecimento ou aprendizado por meio da prática. Defende que há uma noção de transmutação contida na experiência, atrelada ao percurso feito pelo indivíduo, que se torna diferente após a vivência.

Relacionada ao lugar, a experimentação provocada pelos deslocamentos e pelas práticas do habitar caracteriza a cultura e corresponde ao “sistema de valores, normas e relações sociais que possuem uma especificidade histórica e uma lógica própria” (Grinover, 2019, p.226).

A identificação coletiva com esse sistema de valores impressas no território é o que garante o sentimento de pertencimento, autoestima e autodeterminação de um grupo, que se reconhece pela partilha do conjunto de representações simbólicas e age no sentido de cooperar com a sua manutenção, garantindo a coesão e a segurança de seus membros (Dencker, 2013). Manter a identidade recai na necessidade de integração e da criação de referenciais que indiquem ao grupo seus limites e fatos (Grinover, 2006), sua memória coletiva, constituída por um intenso componente afetivo.

A sensação de pertencimento delinea aqueles que são ‘iguais’ em oposição aos ‘outros’. À medida que membros de diferentes agrupamentos se relacionam, necessitam desencadear uma conciliação desses conjuntos de códigos discrepantes para que consigam interagir. Para o autor, a hospitalidade exige o reconhecimento e a aceitação do outro enquanto diferente e se orienta pelo distanciamento dos aspectos que reforçam essa diferença, com a aproximação dos elementos de significados comuns.

Nesse sentido, por meio da abertura, o exercício da hospitalidade incita a reflexão de atos de fraternidade e alteridade. Por este motivo, Baptista (2017) mostra que os lugares de hospitalidade são necessariamente lugares de responsabilidade. Em razão de possuírem caráter relacional, são locais de experimentação, de ação criadora e de realização prática, sendo, portanto, privilegiados. Para a autora, é pela dimensão relacional que se exercita a capacidade humana de desenvolvimento e de expansão de sua autonomia.

Grinover (2019) amplia o entendimento da prática de hospitalidade como uma virtude de pessoas, para considera-la também um compromisso de instituições e espaços públicos, uma vez que são esses lugares que assumem dimensão política ao demandar apropriações dos indivíduos que interagem com e sobre eles. Sendo assim, as práticas de hospitalidade criam condições e consolidam experiências na cidade, que sendo local de acolhida e/ou de hostilidade, é responsável por agregar e/ou excluir os que chegam.

383



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Ao engendrar laços sociais entre sujeitos e desses com o meio em que vivem/visitam, a prática da hospitalidade e a dádiva se revelam como um poder que emana do território. Em contrapartida, por meio de dimensões subjetivas-objetivas, esses fenômenos contribuem na construção da própria noção de território, expressa pela relação sociedade-indivíduo-espço (Costa e Moesch, 2017). O poder a que se referem tem origem no que é próprio do povo do lugar, no sentido de sua autonomia, seus recursos, criatividade, estratégias de sobrevivência, desejos, necessidades e embates – sua cultura.

Dessa forma, a dinâmica de trocas com o outro, ainda que observadas em todo o mundo, possui uma denotação singular, atrelada às nuances que perpassam o existir localmente (Costa e Moesch, 2017). Sendo assim, é preciso alocar a hospitalidade como uma práxis integradora-cultural e humanizadora, que se dá pela manifestação do ser e estar, não pela lógica monetária ou pela quitação de dívidas. Portanto, corresponde também a um fato territorial, vinculado ao reconhecimento dos territórios de hospitalidade como territórios de cultura e, por isso, de construção identitária.

Para os autores, a partilha da identidade e do sistema comum de códigos, fortalece a ideia da hospitalidade como um movimento necessário à compreensão do lugar que se ocupa e à circularidade de ideias e dádivas. A mobilidade, o movimento, a mudança representam, assim, a força vital da existência humana. Hospitalidade e território são, assim, noções indissociáveis que quando relacionados à Dádiva, simbolizam simultaneamente sua práxis e seu *locus* (Costa e Moesch, 2017).

Assim, pensar a hospitalidade sob a ótica da dádiva e do território permite reconhecer sua dimensão política, abrindo caminho para a sua discussão junto à lógica da alteridade. Ao propor o território como possibilidade epistemológica para o estudo da hospitalidade, este trabalho busca contribuir para o alargamento do campo conceitual, ao sugerir que os lugares não apenas condicionam, mas também são moldados pelas experiências de hospitalidade, que deve ser entendida como uma prática em constante reinvenção.

Referências

- Baptista, I. (2017). Entre hospitalidade moderna, lugares de experiência e criação. In L. Brusadin (Org.), *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e cultura do acolhimento* (pp. 141–153). Prisma.
- Benveniste, É. (1995). Hospitalidade. In É. Benveniste, *O vocabulário das instituições indo-europeias* (pp. 87–101). Ed. Unicamp.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Benveniste, É., Agamben, G., & Palmer, E. (2016). *Dictionary of Indo-European concepts and society*. Hau Books.

Caillé, A. (1998). Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(38), 5–38.

Camargo, L. O. de L. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade* (n. especial), 42–69.

Camargo, L. O. de L. (2021). As leis da hospitalidade. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 15(2), e-2112.

Costa, E. B. da, & Moesch, M. M. (2017). Território - locus da dádiva e núcleo da vida. In L. Brusadin (Org.), *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp. 155–171). Prismas.

Dencker, A. D. F. M. (2013). Hospitalidade e interação no mundo globalizado. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 5(1), 4–14.

Derrida, J. (2000). Hostipitality. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, 5(3), 3–18.

Dufourmantelle, A., & Derrida, J. (2003). *Da hospitalidade*. Escuta.

Ferro, R. C., & Bastos, S. R. (2024). Hospitalidade: conceitos fundamentais e relevância para os estudos do turismo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 18, e-2958.

Fischer, G.-N. (1994). *Psicologia social do ambiente*. Instituto Piaget.

Godbout, J. T. (1998). Introdução à dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(38).

Godelier, M. (2001). *O enigma do dom*. Civilização Brasileira.

Gotman, A. (2008). O turismo e a encenação da hospitalidade. In L. Bueno & L. O. Camargo, *Cultura e consumo: Estilos de vida na contemporaneidade* (pp. 115–134). Senac.

385



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Gotman, A. (2011). Les périls de l'asymétrie. La mondialisation et la fin de l'étranger. *Collège des Études juives de l'Alliance universelle*, 15–36.

Gotman, A. (2019). Hospitalidade em sentido próprio e figurado. *Revista Hospitalidade*, 160–174.

Grassi, M. C. (2011). Hospitalidade: Transpor a soleira. In A. Montandon (Org.), *O livro da hospitalidade* (pp. 55–62). Senac.

Grinover, L. (2006). A hospitalidade urbana: Acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, 3(2), 29–50.

Grinover, L. (2019). Nós, a cidade, a hospitalidade. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 11(1), 224–234.

HAN, Byung-Chul. (2015). *Sociedade do cansaço* (E. P. Giachini, Trad.). Vozes.

Manzi, J., & Toudoire-Surlapierre, F. (2011). O estrangeiro: O desconhecido que bate à minha porta. In A. Montandon (Org.), *O livro da hospitalidade* (pp. 795–804). Senac.

Mauss, M. (2017). Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In M. Mauss, *Sociologia e antropologia*. Ubu.

Pitt-Rivers, J. (2012). The law of hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2(1), 501–517.

Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. Ática.

Raffestin, C. (1997). Réinventer l'hospitalité. *Communications*, 65(1), 165–177.

Schlee, M. B., Nunes, M. J., Rego, A. Q., Rheingantz, P., Dias, M. Â., & Tangari, V. R. (2009). Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras – Um debate conceitual. *Paisagem e Ambiente* (26), 225.

386



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

JOGOS ESTUDANTIS DA PRIMAVERA EM PONTA GROSSA – PR: HISTÓRIA, MEMÓRIA, SOCIEDADE

Cláudio Jorge Guimarães¹

Carlos Maurício Zaremba²

Introdução

O presente trabalho integra uma pesquisa mais ampla que tem como objeto de estudo um dos mais antigos eventos poliesportivos no estado do Paraná – Brasil: Os Jogos Estudantis da Primavera - JEPs, organizados na cidade de Ponta Grossa desde o ano de 1956 e que em 2025 completa setenta edições, sendo realizado de forma ininterrupta.

Os Jogos foram idealizados por alunos do curso de Filosofia da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa – precursora da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, por meio do Diretório Acadêmico Dr. Joaquim de Paula Xavier, no qual participavam alunos das instituições escolares da cidade e de diferentes regiões do estado. Tem sido realizado um “garimpo” buscando reconstruir sua trajetória não apenas como evento esportivo, mas sociocultural e entendendo-o como um patrimônio local e regional.

As fontes sobre a criação e história do evento até a década de 1970, quando foi assumido pela UEPG, são escassas, sendo possível encontrar matérias nos acervos dos jornais locais, mas as principais fontes são as entrevistas com pessoas da comunidade e a busca de acervos iconográficos, que são difíceis pois o ato de fotografar e revelar, segundo depoimentos, não era acessível para a maioria dos participantes.

O estudo e pesquisa sobre os JEPs tem se constituído em um desafio para a preservação da memória coletiva e de valorização deste evento que transcende o campo esportivo,

387

¹ Doutor em História pela Unesp/Assis/Brasil; professor Associado na Universidade Estadual de Ponta Grossa no Departamento de Educação Física. Coordenador do Projeto de Extensão “Jogos Estudantis da Primavera em Ponta Grossa - PR: História, Memória, Esportes e Sociedade” e participante do Projeto de Pesquisa “Gestão do Esporte: Futebol, História e Sociedade”. E-mail para contato: cjguima@hotmail.com

² Doutor em Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Estadual de Ponta Grossa: professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná – Brasil. Coordenador do Projeto de Pesquisa “Gestão do Esporte: Futebol, História e Sociedade” e participante do Projeto de Extensão “Jogos Estudantis da Primavera em Ponta Grossa - PR: História, Memória, Esportes e Sociedade”. E-mail para contato: zaremba@uepg.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

configurando-se como manifestação cultural de relevância para a identidade regional e, portanto, considerado um patrimônio local e regional.

Este artigo integra os resultados de investigações realizadas no âmbito do Projeto de Extensão “Jogos Estudantis da Primavera em Ponta Grossa - PR: História, Memória, Esportes e Sociedade” e do Projeto de Pesquisa “Gestão do Esporte: Futebol, História e Sociedade”, ambos desenvolvidos na UEPG.

Desenvolvimento

Quando se refere a patrimônio cultural, a Constituição do Brasil diz, em seu artigo 216 que:

Art. 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, p. 191).

388

Os Jogos aqui referidos se inserem como formas de expressão corporal, o fazer e viver de comunidades escolares que participaram e participam do evento com influências em seu cotidiano. Os JEPs apresentam objetos físicos como medalhas, troféus que fazem parte do ritual de premiação aos participantes, produzem documentos e matérias nos meios de comunicação local e regional.

A participação nesse evento poliesportivo era e ainda é considerado um ponto de encontro entre gerações de alunos atletas, faz parte das histórias das famílias e, para algumas delas, influenciou a tomada de decisão de seguir uma carreira na área de formação relacionada à Educação Física.

Os JEPs, realizados na cidade de Ponta Grossa, está presente na memória da sociedade local e regional como um espaço não apenas de lazer, de entretenimento, mas de relações sociais, culturais, de formação, constituindo-se como um patrimônio cultural local e regional, pois era e é um espaço de encontro não apenas esportivo, mas sociocultural.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Para compreender a dimensão social, cultural, esportiva e patrimonial do evento, esse estudo busca a interdisciplinariedade, procurando subsídios principalmente na História, na Sociologia e na Educação Física.

Para se desenvolver o presente estudo foi realizada, inicialmente, uma pesquisa documental, entendendo-a como:

Um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas - ou não - são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode-se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou se constituir como instrumento metodológico complementar. Apresenta-se como um método de escolha e de verificação de dados; visa o acesso às fontes pertinentes, e, a esse título, faz parte integrante da heurística de investigação. (Sá_SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.13).

A busca documental para a pesquisa evidenciou que, para o período de 1956 até 1974, os documentos escritos pelos organizadores do evento são praticamente inexistentes, com raras exceções, como por exemplo o primeiro regulamento da competição. Após o ano de 1974, os jogos passaram a ser realizados pela UEPG, onde a massa documental apresenta melhores resultados.

Outros materiais interessantes para a investigação são os informativos produzidos pelos participantes, que eram distribuídos ao público presente nas praças esportivas. Esse material contém informações sobre os jogos, brincadeiras, críticas sociais e outros temas. Dentre os informativos existem exemplares do “Arquibancada”; “O Chato ‘Q Ri’”; “The Spring”.

Apesar da existência de poucos exemplares desses informativos, eles contribuem para pensar o contexto, o ser jovem em diferentes temporalidades e perceber as interrelações que aconteciam nesses espaços de entretenimento, lazer, disputas esportivas.

A falta de material documental a partir do início do evento, período de 1956 até o início dos anos de 1973, evidenciou a urgência de utilização de outras fontes para a pesquisa no sentido de um esforço para contextualizar os jogos, perceber sua significância para o contexto social, político, econômico, cultural, educacional onde se insere.

Uma das principais fontes foi o levantamento realizado nos acervos de jornais do período em estudo. As matérias sobre os jogos estampavam a capa, evidenciando a relevância e a inserção deste evento inicialmente na comunidade local e, nos anos seguintes, para a comunidade regional.

389



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

[...] ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. [...] O assunto retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte? Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (LUCA, 2008. P. 140).

As matérias publicadas nos dois jornais de maior circulação no período, Jornal Diário dos Campos e Jornal da Manhã, se referindo aos Jogos Estudantis da Primavera, destacavam essa realização a partir de acadêmicos do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da representação estudantil reunidos no Diretório Acadêmico Doutor Joaquim de Paula Xavier - DAJPX. Os jornais dedicaram várias matérias ao evento e em edições posteriores acompanhavam sua realização com ampla divulgação nesses periódicos.

As matérias publicadas no Ano I dos jogos traziam a regulamentação dos JEPs, divulgaram sua abertura e, durante o evento, traziam matérias sobre os resultados das diferentes modalidades em disputa, como basquetebol masculino e feminino, voleibol masculino e feminino, futebol masculino, xadrez masculino e feminino e tênis de mesa masculino e feminino.

Para sua primeira edição, realizada em 1956, os organizadores marcaram a abertura dos jogos para o dia 15 de setembro, data de aniversário da cidade de Ponta Grossa, o que também contribuiu para dar maior visibilidade e participação local. A abertura foi realizada no Estádio de Futebol Joaquim de Paula Xavier, “casa” do Clube Guarani Esporte Clube. Nessa primeira edição participaram apenas instituições da cidade, sendo elas a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Farmácia, Escola Normal e o Colégio Estadual Regente Feijó.

Hasteamento do Pavilhão Nacional pelo Exmo. Sr. Moisés Lupion, Governador do Estado. – Hasteamento da bandeira do Paraná pelo DD. Prefeito Municipal José Hoffmann. – Hasteamento da bandeira representativa dos 1º Jogos Estudantis da Primavera pelo Secretário de Viação e Obras Públicas Dr. Eurico Batista Rosas. – Execução e canto do Hino Nacional. Abertura dos Jogos pelo Sr. José Hoffmann, Prefeito Municipal. – Oração proferida pelo Sr. João Ricardo Borell du Vernay, Presidente da Liga Desportiva de Ponta Grossa. – Juramento do Atleta Estudante, proferido pelo atleta da Faculdade de Filosofia Heros (sic) Rebonato. – Execução e canto da Marcha de Ponta Grossa e Desfile de Encerramento. (BUCHNER, 1956).



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3

A matéria publicada em 1956 aponta a participação de autoridades políticas no evento, tais como o Governador do Estado do Paraná, o Prefeito e o Secretário Municipal, o Presidente da Liga Desportiva da cidade. A estratégia de abertura na data de comemorações da cidade pode ter contribuído para maior participação popular. As matérias publicadas na imprensa se referem a uma grande participação na abertura dos Jogos, o que iria se repetir em outras edições.

O garimpo de informações em jornais também evidenciou as falhas de séries nesses acervos, o que não permite seguir a trajetória dos Jogos por meio das notícias divulgadas nesse meio de comunicação. As falhas na periodização desse material dificultam a análise do evento, essas lacunas estão presentes em diferentes arquivos consultados como o acervo do Museu Campos Gerais e da Casa da Memória Paraná, na cidade de Ponta Grossa.

Outra possível fonte de informações seria o acervo radiofônico da cidade, uma vez que rádios da cidade transmitiam os Jogos Estudantis da Primavera, principalmente as modalidades de basquetebol e voleibol. É importante destacar que a cidade teve uma importante trajetória na modalidade de basquetebol no Estado do Paraná, destacando-se em diferentes competições, tanto com a seleção da cidade quanto de instituições escolares. Entretanto, as rádios não conseguiram preservar esse tipo de material.

As fontes iconográficas localizadas permitem perceber a importância das rádios nesse cenário. A foto a seguir destaca a coroação da primeira rainha do evento, sendo realizada nos estúdios da Rádio PR J2.

391

Figura 1 - Coroação de Mara Rocha - primeira Rainha dos Jogos Estudantis da Primavera de Ponta Grossa - PR - ano de 1956



Fonte: Acervo Família Rebonato



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A imagem mostra a coroação da primeira Rainha dos JEPs – a acadêmica do Curso de Filosofia Mara Rocha, ao centro o radialista Barros Júnior e ao seu lado o Presidente do DAJPX Luiz Carlos Blanc.

A Rádio PR J2 passou a dar ampla cobertura aos Jogos, narrando partidas principalmente de basquetebol, entrevistando pessoas que participavam dos jogos, como atletas, técnicos, os responsáveis pelas delegações de outras cidades que a partir da segunda edição do evento passaram a enviar seus representantes.

A pesquisa realizada em acervos particulares tem contribuído para ampliar o conhecimento sobre a trajetória dos JEPs. Assim, tem-se procurado identificar os participantes dessa trajetória e buscar, em seus acervos, objetos e documentos que permitam conhecer a dimensão, a repercussão, a significância dos jogos em diferentes campos da sociedade.

As matérias publicadas nos meios de comunicação impressos as vezes traziam o nome completo de participantes, o que permitiu a identificação de pessoas e possibilitou outra vertente de pesquisa com a utilização da História oral que, segundo Thompson:

[...] a História oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, p. 17)

392

A realização dos Jogos Estudantis da Primavera exigia uma preparação cuidadosa, envolvendo aspectos logísticos, informacionais e estruturais. Era necessário organizar os espaços para as diferentes modalidades em disputa, garantir meios de transporte adequados – especialmente em um momento em que as rodovias do Estado do Paraná ainda estavam em processo de expansão – e planejar a comunicação e a divulgação do evento de forma eficaz.

No que se refere aos espaços utilizados para as diferentes modalidades, matérias nos jornais e depoimentos já coletados indicam que o evento ocorria em vários espaços, como por exemplo: Futebol de Campo – utilizava-se o campo do Clube Operário Ferroviário – Estádio Germano Gröger; o campo do Guarani Esporte Clube – Estádio Joaquim de Paula Xavier; campo do 13º Batalhão de Infantaria Blindada; campo do Olinda Esporte Clube.

Para a realização dos jogos de basquetebol o principal espaço era a “Quadra da Marechal” do Guarani Esporte Clube, considerada como o centro do basquetebol da cidade, até a



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

inauguração do Ginásio de Esportes Borell du Vernay no início dos anos de 1960. A quadra citada não existe mais, hoje a Agência do Banco do Brasil ocupa este antigo espaço esportivo.

Figura 2 – “Quadra da Marechal”



Fonte: Acervo família Rebonato

Figura 3 - Atual Agência Banco do Brasil



Fonte: <https://dcmais.com.br/> - Foto José Aldinan

A figura 2 apresenta a antiga “Quadra Marechal”, assim denominada pela sua localização nas proximidades da Praça Marechal Floriano, mas era uma quadra do Clube Guarani. Perdeu sua relevância como o centro do basquetebol da cidade após a construção do Ginásio Borell du Vernay, no início dos anos 1960. A figura 3 mostra o mesmo espaço onde atualmente se localiza a Agência do Banco do Brasil.

Por isso é importante conhecer o cenário onde o evento se realiza, por isso a necessidade de diferentes fontes para o conhecer, com diferentes olhares, o que é/foi a realização deste evento para as comunidades que traziam seus alunos atletas e o sentido de participação para esses jovens estudantes.

Também se faz necessário refletir sobre a economia, uma vez que os jogos movimentam pessoas, que necessitam de alimentação, transporte, alojamento. Não se deve perder de vista a dimensão que o evento vai alcançando ao longo do tempo e sua influência nos diferentes campos do social.

Segundo Alberti:

[...] ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares: de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes versões e testemunhos (ALBERTI, 1990, p. 23).



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A identificação dos personagens participantes dos JEPs permitiu a utilização da História Oral como ferramenta para garimpos nos acervos particulares, principalmente de fotografias, pois imagens dos primeiros jogos são difíceis de encontrar. As famílias se referem aos altos custos de fotografar e revelar as imagens, o que restringia a utilização de câmeras fotográficas nesse contexto.

O trabalho com as entrevistas tem permitido a gravação de depoimentos, o acesso a memórias sobre os jogos que não fazem parte dos acervos institucionais, relatórios etc. A história está em todo lugar, não se restringe a dados oficiais, resultados de partidas disputadas, mas está no participar, nos encontros entre os jovens, a história do cotidiano, as vivências coletivas. Citando o poeta Ferreira Gullar:

E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas do subúrbio, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz. (GULLAR, 1997, p. 07).

394

A história não se dá apenas nos gabinetes ou dentro das linhas das quadras esportivas, nos diferentes espaços utilizados, as memórias são mais que relatórios, são as vivências individuais e coletivas. A história do cotidiano, das quadras esportivas, do movimento corporal, dos encontros entre jovens, das histórias de vida, do campo social, perpassa os Jogos Estudantis da Primavera. Segundo Alberti:

A história oral permite o registro de uma quantidade diversificada de narrativas de experiência de vida, viabilizando o acesso a visões de mundo e a histórias de vida provenientes de diferentes grupos sociais. Na medida em que se entende esse pluralismo como democracia, pode-se seguramente afirmar que a instituição do campo da história oral foi um passo importante no sentido da democratização do registro e do acesso a narrativas de experiência pessoal. (ALBERTI, 2004, p. 46).

Não apenas a democratização do registro, mas possibilitar outras narrativas que não as estritamente oficiais, é a fala da população e os registros das memórias do cotidiano e do campo esportivo escolar. As narrativas evidenciam o espaço dos jogos como momentos de interação, de “namoros de esquina”, como disse o poeta, de relacionamentos afetivos, de escolha de carreiras profissionais, de memórias de um evento que se perde na falta de



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

suportes de memórias individuais e coletivas, de um patrimônio local e regional com diferentes significados.

Eu fui apresentado aos Jogos Estudantis da Primavera na década de 70, como atleta participante, e ali você pega, quando vai participar, vai jogar, vai se preparar, vai treinar, você pega um amor, um carinho muito forte por aquilo que está fazendo e, lógico, uma motivação. E talvez esses Jogos Estudantis da Primavera tenham sido um dos motivadores para eu seguir a carreira, da Educação Física, da prática de esportes, e desse lado todo que emergiu aí na década de 70, quando eu fiz o curso de Educação Física. (Depoimento 1, ex-aluno atleta e professor de Educação Física).

Os JEPs também contribuíram para a formação docente. A cidade contava com poucos professores formados em Educação Física, a maioria dos que atuavam na rede de ensino eram denominados de leigos, sem formação específica, normalmente ex-atletas. É nesse contexto que foi criado o Curso de Educação Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa no ano de 1973 com a primeira turma entrando em 1974.

As memórias dos JEPs se relacionam com a construção do Curso, com esses professores leigos buscando sua formação para regularizar-se profissionalmente e com jovens que participavam como alunos atletas nos Jogos e tiveram, nessa experiência, a motivação para buscarem sua formação no novo curso – Licenciatura em Educação Física.

A realização dos jogos era uma ocasião, um momento em que a comunidade local e regional se inseria nessas atividades, como alunos atletas, treinadores, árbitros, imprensa local e regional.

A seguir alguns depoimentos que relatam sobre o fato de terem participado em algum momento dos Jogos Estudantis da Primavera, na década de 1970.

No contexto cidade a população participava sim, as pessoas participavam sim, e como não havia muito evento, muita coisa naquela época como agora tem muita festividade uma atrás da outra e diversas, diversidade, isso era um evento bem significativo na cidade, sabe. A gente via muita mobilização de tudo, população, ornamentação, enfim, tudo isso nesse sentido, de festividade mesmo, não era só um evento esportivo se aproveitava para fazer festividade para as pessoas participarem. Vinham de outros lugares também, tinha tudo isso aí, a gente acabava conhecendo mais pessoas tendo mais contatos para a gente que vivia em um ambiente mais fechado, por assim dizer, também era uma forma de confraternização de conhecer, de se conhecer, de você ver bons atletas em ação que a gente admirava. (Depoimento 2, aluna atleta).

395



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O que era para os participantes serem reconhecidos como alunos atletas? inspirar em outros jovens o desejo de participar em um evento deste porte? as influências e relacionamentos extrapolavam o contato imediato nas atividades esportivas, se constituíram em amizades.

Era bem gratificante, porque era assim, a medida que a idade da gente ia avançando e você ia participar, por exemplo, mais um ano só que você já era da equipe dos veteranos por assim dizer, aí os mais jovens eles vinham pra treinar com a gente, e a gente ia ensinar alguma coisa e passar, eu me lembro muito disso, lembro de umas alunas que até tenho amizade até o dia de hoje, que até comentaram e comentam, eu me lembro delas, elas eram bem mais jovens do que eu e a gente ia ensinar umas técnicas e ia jogar bola junto, treinar junto com elas. [...] era emocionante porque você recebia um abraço “Eu vi você jogando, nossa, sempre queria jogar também; queria ser selecionada também e agora vocês estão jogando aqui com a gente, treinando com a gente”. É aquela sensação de você chegar num objetivo, alcançar mesmo aquilo e aquela expectativa que se fica posteriormente e eu acompanhei umas meninas que continuaram jogando e depois adolescente continuei conversando posteriormente depois de adulta. (Depoimento 2, aluna atleta).

396

Memórias de jovens que não participavam como atletas, mas faziam parte das torcidas que as Instituições Escolares levavam para os jogos ou, ainda, que faltavam às aulas com outros objetivos, como a paquera, os namoros nesses espaços.

Vivi os jogos com a idade dos 15 aos 18 anos, mais ou menos, as torcidas eram muito animadas, os ânimos ferviam, algumas discussões, mas nada de grave. Eram torcidas barulhentas, com apitos, cornetas (emprestadas da fanfarra do colégio), faixas, cartazes. O público era uma mistura de adolescentes e pais, já que muitos iam assistir e torcer pelos filhos que participavam das disputas. Quando o colégio jogava, geralmente as aulas eram dispensadas para que fossem compor a torcidas, mas pessoalmente gazei muitas aulas para assistir jogos, porque a paquera rolava solta nesses eventos. Eram momentos muito bons, boas recordações. (Depoimento 3, aluna torcedora, professora aposentada).

E o que significava ser jovem nesse contexto? como a juventude agia nesse período, década de 1970, com a movimentação na cidade em razão da realização desse evento? A resposta a essas indagações é um convite para a reflexão sobre a categoria juventude nesse processo.

Era diferente no sentido de que os jovens não tinham a liberdade que têm hoje. Os pais seguravam mais, mas isso não impedia que participássemos, já que muitas vezes eu menti, inventando uma pesquisa, um trabalho, apenas para poder ir aos jogos. A paquera e o namoro também eram mais inocentes, era ficar de mãos



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

dadas, um beijinho meio escondido, tomar coca cola. Não vou afirmar que não existissem outras bebidas ou drogas, porque eu pessoalmente aprendi a fumar nessa época. Mas quando revejo minhas memórias, acho que as coisas eram mais tranquilas, pelo menos com relação a mim e aos meus colegas da época. Então ser jovem na época, era gazejar aula para ir aos jogos, eram as festinhas de aniversário na casa dos colegas, ficar encostado nos carros domingo à tarde na Av. Vicente Machado paquerando os meninos e a sessão das 17h30min no Cine Inajá aos domingos. Tempos maravilhosos! (Depoimento 3, aluna torcedora, professora aposentada).

Nas memórias emergem referências ao contexto musical daquele momento, o vocabulário, as “gírias” que naquele período eram utilizadas pelos jovens, relacionadas ao movimento cultural denominado de Jovem Guarda e que tinha como destaque os ídolos da geração como os cantores: Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Wanderlea, Eduardo Araújo, Ronnie Von, Renato e Seus Blue Caps, Os Incríveis, Martinha, Golden Boys e The Fevers, dentre outros artistas que faziam sucesso no período em tela, inclusive com programas na TV.

Muita paquera, e nada sério. Era o que os jovens de hoje chamam de “ficar”. O nome mudou, mas continua tudo igual nesse sentido, pois não havia muita fidelidade nesses relacionamentos. Era o que hoje se chama de “curtição”. Namorava ou “ficava” com um hoje, amanhã alguém mais interessante aparecia, e assim as coisas “rolavam”. Os gatinhos de hoje eram o “pão” de ontem, graças ao vocabulário da Jovem Guarda, com Roberto e Erasmo. (Depoimento 3, aluna torcedora, professora aposentada).

Os relatos dos participantes dos JEPs possibilitam refletir sobre o contexto vivido, não apenas o esportivo, as modalidades em disputas, os espaços que eram utilizados e que hoje existem apenas nas memórias ou em alguns acervos fotográficos, mas também com a identificação das instituições escolares que participavam, várias das quais não mais existem. As narrativas contam sobre as relações sociais, o ser jovem em um contexto em que as tecnologias estavam apenas despontando, as questões estruturais da comunidade naquele contexto como, por exemplo, as constantes interrupções de energia elétrica na cidade que afetava a todos, inclusive durante os jogos. Nesse sentido é interessante observar a imagem a seguir que estabelece uma crítica a esse respeito, publicada no informativo dos JEPs no ano de 1965.

397

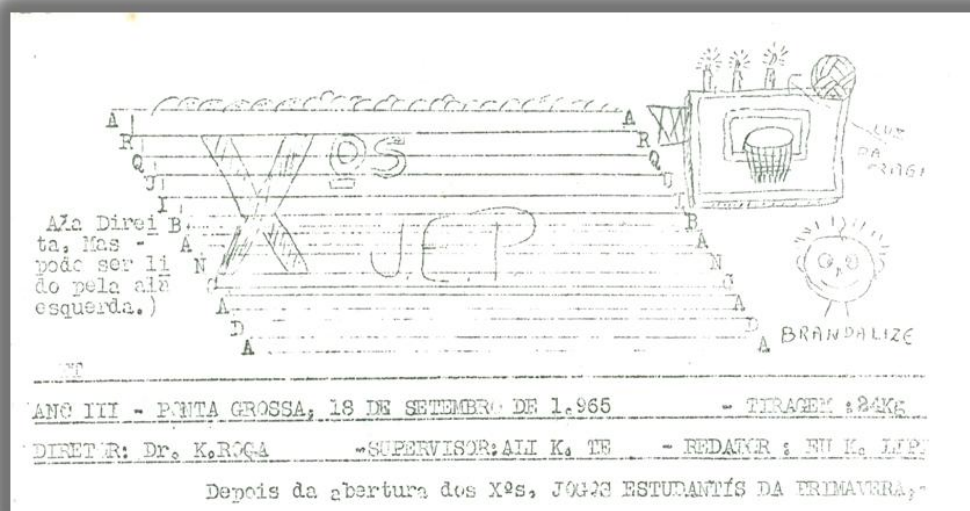




7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 4 - Informativo produzido por alunos da organização dos Jogos Estudantis da Primavera em 1965.



398

Fonte: Acervo Museu Campos Gerais - UEPG

A imagem foi publicada no informativo denominado de “Arquibancada”, uma referência ao denominado “Bloco de cimento armado”, Ginásio Borell Du Vernay, inaugurado no início dos anos de 1960 e que se constituiu no palco onde eram disputadas as consideradas principais disputas dos Jogos Estudantis da Primavera de Ponta Grossa. Nesse espaço ganharam destaque as partidas de basquete, muitas delas transmitidas pela Rádio PRJ2 na voz do locutor Barros Júnior e Osíres Nadal.

A imagem reproduz uma tabela de basquete com três velas acesas ao lado de uma bola de basquete com a inscrição “LUZ DA PRADA”, assinado por Brandalize. Prada era o nome da Companhia de Eletricidade que administrava a rede de distribuição da cidade, mas, os apagões eram constantes, a falta de energia era recorrente ao ponto de as pessoas se referirem a cidade como: “cidade que de dia falta água e de noite falta luz”, as críticas aparecem na imprensa escrita com a descrição de uma manifestação da população na principal avenida da cidade com o enterro simbólico da companhia.

Isso não passou batido pelos responsáveis pelo informativo, faltou luz no dia do evento, em uma partida de basquete e nessa edição foi feita a crítica em relação a falta de luz, uma problemática de cunho social. Essa situação só foi solucionada no início da década de 1970, com a incorporação da antiga fornecedora local pela Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Os Jogos Estudantis da Primavera se constituem como um patrimônio cultural não apenas em relação a um evento esportivo considerado como um dos mais antigos do Estado do Paraná, mas também por ser um espaço de relações pessoais de diferentes comunidades que interagem nos espaços em que se realizou e realiza.

Chamamos de patrimônio cultural todo bem a que são atribuídos sentidos e significados que o tornam referência para um grupo social, que com ele se identifica. Ao ser reconhecido como patrimônio, esse bem torna-se um elo entre passado e presente para aqueles que compõem esse grupo hoje. Todo patrimônio, portanto, se constitui a partir de uma forte carga simbólica, que produz um sentimento de pertencimento no tempo presente. (CHUVA, 2023)

As memórias do evento e das comunidades participantes se referem a um espaço em determinado contexto histórico onde a dinâmica cultural, as estruturas sociais acontecem e se constroem por meio das relações interpessoais.

A cidade é pensada, refletida, as instituições se fazem presentes, se movimentam, escolhas são feitas em termos de carreiras profissionais, o esporte movimenta as comunidades, pessoas definem a busca por formação em Educação Física, a UEPG busca suprir essa demanda aliada a novas alterações em currículos e a obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de ensino.

399

[...] o patrimônio pode ser compreendido como esse esforço constante de resguardar o passado no futuro; e para que exista patrimônio é necessário que ele seja reconhecido, eleito, que lhe seja conferido valor, o que se dá no âmbito das relações sociais e simbólicas que são tecidas ao redor do objeto ou do evento em si. (FERREIRA, 2006, p. 79).

Quando indagada sobre a importância da preservação da memória dos Jogos Estudantis da Primavera, da preservação das memórias do evento e das pessoas que participaram e participam dele, a relevância dessa preservação, o depoimento a seguir destaca:

Acho superimportante que as memórias sejam preservadas para que as novas gerações saibam e conheçam a história de sua cidade, de seus atletas. Apenas o relato oral vai aos poucos se modificando até desaparecer. E um museu, um espaço dedicado a essas memórias, vão deixar o acervo seguro para as próximas gerações. {...} Foi muito bom relembrar minha adolescência e juventude com relação ao tema esportes, já que há muito tempo não revisitava essas memórias. Por isso é importante a preservação das memórias da cidade, pois quando guardamos apenas para nós, um dia essas histórias se perdem. As minhas são simples, mas certamente têm muitas histórias escondidas por aí que merecem ser contadas. (Depoimento 3, aluna torcedora, professora aposentada).



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

As memórias dos envolvidos nos JEPs não se referem apenas aos jogos em si, mas abarcam aspectos de todo o contexto, como os diferentes espaços ocupados, os desfiles na cidade e na abertura do evento nos campos de futebol, os rituais de hasteamento das bandeiras, da pira olímpica, do juramento do atleta, dos concursos de fanfarras, apresentações de bandas das instituições de ensino, escolha da rainha dos jogos, bailes etc.

Interessante observar a narrativa da citação, a concepção da perda das memórias da cidade, ao mesmo tempo se refere às suas memórias como simples, mas que tem outras que merecem ser contadas.

Essa é uma questão importante para a reflexão da preservação patrimonial das comunidades, algumas merecem ser contadas, outras não? Questões que devem ser refletidas sobre o que preservar, para que preservar.

As memórias relativas aos Jogos Estudantis da Primavera, realizados na cidade de Ponta Grossa desde 1956 e que completam 70 edições em 2025, e que movimentaram e movimentam a população local e regional se constituem como um patrimônio cultural passível de preservação?

400

Considerações finais

A afirmativa é a de que os Jogos Estudantis da Primavera, realizados na cidade de Ponta Grossa desde o ano de 1956, sem interrupção em sua realização, se configura como um patrimônio cultural não apenas local, mas regional.

Como foi evidenciado ao longo do texto a história do cotidiano, das quadras esportivas, do movimento corporal, dos encontros entre os jovens, das histórias de vida, do campo social, perpassa os Jogos Estudantis da Primavera.

Os JEPs se inserem na história local e regional, perpassa diferentes temporalidades e espacialidades, em contextos socioculturais particulares, definindo identidades, movimentam o cenário local e regional.

O evento teve início com a participação de instituições locais, ocupando diferentes espaços para sua realização, como por exemplo, os estádios de futebol de diferentes equipes da cidade, com destaque para o campo do Guarani Esporte Clube e do Operário Ferroviário, também utilizaram os espaços do 13º Batalhão de Infantaria Blindada, clubes sociais, estabelecimentos de ensino da cidade.

Os jogos ocupavam espaços para as práticas esportivas, mas também os salões dos clubes, com a realização de bailes de abertura e de encerramento. Participavam artistas do período da Jovem Guarda, como Jerry Adriani nos bailes. Desfiles na principal avenida da cidade



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

com a participação do atleta João do Pulo. Concursos de fanfarras, rituais como Pira Olímpica, Juramento do Atleta, escolha da Rainha dos Jogos, apresentações de bandas.

O evento movimentava a população local e regional, as pessoas se preparavam para a chegada dos jogos, novas roupas eram confeccionadas para os jovens torcedores que estariam nos espaços onde as disputas aconteciam e se estabeleciam novas relações sociais, amizades que perduraram, escolhas profissionais foram decididas a partir da participação no evento.

Alunos atletas percorriam grandes distâncias para participarem, utilizando como meio de transporte a ferrovia, uma vez que a cidade contava com esse meio de transporte e as delegações viajavam até oito horas de trem para chegarem a tempo de participar.

Em seu início participaram em torno de 300 alunos atletas, exceção às equipes de arbitragem, coordenadores, equipes de alojamento, alimentação, transportes etc. Atualmente o número de alunos atletas ultrapassa a casa de cinco mil participantes com representantes da comunidade local e regional.

O garimpo de memórias é um processo constante, novas pistas levam a novas descobertas, material a ser identificado, catalogado. Acervos particulares ainda a serem conhecidos, pessoas a serem entrevistadas.

O patrimônio cultural dos jogos, principalmente no período de 1956 até o início dos anos 1970, se encontra nas memórias de seus participantes, em seus acervos particulares. Esse tem sido o esforço mais constante na busca da preservação das memórias do evento.

401

Referências

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: **Secretaria de Documentação**, 2018. 530 p. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>.

BUCHNER, Dirceu. Sucesso na abertura dos 1º. Jogos Estudantis da Primavera. **Jornal da Manhã**, 5ª página, Ponta Grossa: 18 de setembro de 1956. Acervo Casa da Memória Ponta Grossa.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CHUVA, Márcia. A relevância do Patrimônio Cultural e da Memória. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/a-relevancia-do-patrimonio-cultural-e-da-memoria>, 2023.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Patrimônio: Discutindo Alguns Conceitos. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38967>.

GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem**. Florianópolis: Editora UEPG, 1997.

LEAL, L. A. M. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Holbwachs. **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB**, Campus Vitória da Conquista, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos.php>.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In Pinsky, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SÁ-SILVA, Jackson R.; ALMEIDA, Domingos C.; GUINDANI, Joel F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, Julho de 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/viewFile/6/pdf>.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

402



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

“LIBERDADE A ELAS”: ALFORRIADAS, BRUXAS E FEITICEIRAS NEGRAS NA LUTA HISTÓRICA POR LIBERDADE EM MINAS GERAIS (SÉCULO XVIII)¹

Rogéria Cristina Alves²

Escolher escrever é rejeitar o silêncio.
Chimamanda Ngozi Adichie

Introdução

Essa pesquisa é motivada pela busca de registros e evidências históricas que nos possibilitam verificar a vida e luta das mulheres negras, africanas e afro-brasileiras, nas Minas Gerais Setecentista. Nossa premissa principal é que estas mulheres estiveram envolvidas de diferentes formas, na busca por liberdade. Neste sentido, acreditamos que se engajaram em diversas estratégias e formas de luta na busca por autonomia e rompimento com padrões e ordens vigentes — caracterizando o que chamamos de liberdade.

A pesquisa nasce como um desdobramento de minhas investigações de mestrado, defendido em 2011, no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Na ocasião, defendi a dissertação que buscou analisar as estratégias de ascensão social e econômica empreendidas por homens e mulheres alforriados, no contexto de Minas Gerais Setecentista. Encontrei mais de 100 registros cartorários referentes a essa população, sendo que, destes, mais de 70% se referiam às mulheres (ALVES, 2011). Essa investigação levou-me a buscar e investigar trajetórias de mulheres, em outras localidades de Minas Gerais que também se alforriaram e continuaram a buscar estratégias e formas de liberdade que as permitissem viver longe do cativeiro ou de uma existência de mendicância. Nesse sentido, ao longo de mais de 10 anos venho coletando outras evidências sobre a resistência destas mulheres.

¹ Este trabalho é financiado pelo Edital PQ/UEMG nº 13 de 2024.

² Doutora em História Social da Cultura (PPGHIS/UFMG). Professora titular no departamento de História, da Faculdade de Educação (FaE/CBH) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UEMG). É bolsista do Programa Institucional de Produtividade em Pesquisa (PQ/UEMG). E-mail: rogeria.alves@uemg.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Neste texto, demonstrarei como a proposta desta investigação foi construída e enfocarei a alforria como uma destas estratégias de liberdade, alcançada pelas mulheres de origem africana e afro-brasileiras, no século XVIII. Acredito que o impacto desta pesquisa para os setores educacional e sociocultural seja evidenciado pela constatação de que é urgente desmitificar as visões perpetuadas ao longo do tempo e da história, sobre a atuação histórica e ativa das mulheres negras. Neste sentido, retomo a brilhante fala da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009), na qual ela nos alerta sobre as formas diferentes e possíveis de se construir a história, não perpetuando falsos estereótipos e trazendo para a centralidade do discurso histórico, outros sujeitos — que por ora foram relegados à invisibilidade em discursos e versões ditas "oficiais" da história.

Como bem exposto por Kilomba (2019, p. 53), o conhecimento é colonizado e o colonialismo significou também, a imposição da autoridade ocidental sobre todos os aspectos dos saberes, línguas e culturas indígenas e assim, não é somente uma imensa, "mas também urgente tarefa descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento" (KILOMBA, 2019, p. 53). Assim, a proposta que brevemente aqui apresentei, busca contribuir com a quebra de discursos hegemônicos, voltados para a manutenção do pensamento abissal, que nega radicalmente a co-presença de pluralidades e de formas diversas de conhecimentos e cosmogonias (SANTOS, 2007). Nossa contribuição se dará por meio da análise comparativa, qualitativa e embasada nestas premissas teóricas e também em fontes históricas, em sua maioria, desconhecidas do amplo público.

404

Objetivos, métodos e produtos desta pesquisa

O objetivo principal desta investigação é analisar as biografias e trajetórias de mulheres negras, alforriadas e também aquelas que foram acusadas de bruxaria ou de feitiçaria, no contexto de Minas Gerais colonial. Nosso intuito é elaborar uma base de informações e dados sobre essas mulheres, de modo a inseri-las na narrativa histórica, como sujeitas históricas que estiveram engajadas em diferentes formas de busca pela liberdade. Assim, é também um objetivo geral desta pesquisa, resgatar e dar visibilidade às conquistas e desafios enfrentados por mulheres negras ao longo da história. Contribuímos, também, com os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU (ODS), na medida em que reforçamos a importância de educar as futuras gerações sobre a igualdade de gênero. Entre os objetivos específicos, destacam-se:



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

- a) Copilar os dados biográficos destas mulheres, a partir da investigação de fontes históricas em acervos mineiros e também estrangeiros, em especial, aqueles que estão disponíveis de forma digital;
- b) Elaborar um e-book com essas trajetórias e que as relacione com os períodos históricos em questão, possibilitando o uso destas informações por educadores, em especial;
- c) Resgatar e dar visibilidade às conquistas e desafios enfrentados por mulheres negras ao longo da história.

Trabalharemos com diferentes documentações históricas, visando trazer a público a história de mulheres que foram subjugadas de diferentes formas, mas que ainda sim, conseguiram resistir e deixar registrada na história, as marcas de suas existências. Assim, trabalharemos com as mulheres negras, africanas e afrodescendentes, que foram escravizadas, mas que conseguiram se alforriar. E também buscaremos nas fontes inquisitoriais por mulheres negras que viveram nas Minas Gerais, mas que sofreram perseguições e chegaram a ser denunciadas/processadas pelo Tribunal do Santo Ofício e cujas histórias permanecem ocultas até hoje. Portanto, essa proposta pretende, por meio de uma análise qualitativa de fontes históricas, copilar informações biográficas sobre mulheres negras, de modo a relacioná-las com a realidade social e histórica de nosso país (MINAYO, 2013).

Assim, trabalharemos com fontes históricas, em especial testamentos e inventários, que se encontram originalmente, em Arquivos Históricos Mineiros, como a Casa Setecentista de Mariana e o Arquivo Histórico da Casa dos Contos de Ouro Preto. Ressalto que parte desta documentação está digitalizada por mim, e encontra-se em drives digitais, o que facilitará o acesso e também poupará tempo no andamento dos trabalhos. E também, pesquisaremos a documentação digitalizada, sobre os processos inquisitoriais, que está disponível no acervo da Torre do Tombo, de Portugal, via online. A pesquisa está estruturada em três grandes momentos: a) a leitura e coleta de dados das fontes históricas selecionadas; b) a organização destes dados, já transcritos, na elaboração do livro que trará as biografias destas mulheres; c) e por fim, a elaboração do livro, pensando-o como um instrumento que pode ser utilizado por professores e estudantes.

Do ponto de vista dos produtos, pretende-se produzir um livro, que versará sobre o impacto desta pesquisa para o papel da história das mulheres, na sociedade setecentista mineira. Este livro terá sua versão digital disponibilizada de forma gratuita e contará com uma parte que visará apresentar essa proposta para professores e educadores, que poderão utilizar-se desta ampla pesquisa sem suas aulas, como forma de reparar historicamente a memória feminina e a ativa participação destas mulheres na História de nosso Estado. A disponibilização gratuita deste e-book proporcionará seu uso por educadores e também servirá de amparo à

405





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

formulação de propostas educativas, que tenham como enfoque a história das mulheres, a questão da equidade de gênero na educação, entre outras premissas, presentes em documentos e orientações educacionais brasileiras.

A alforria como liberdade almejada

Dentro desta pesquisa, compreendemos a alforria como uma forma de busca pela liberdade, que podia ser alcançada de diferentes formas pelos sujeitos escravizados. Segundo Douglas Cole Libby, a manifestação mais visível de mobilidade social nas sociedades escravistas das Américas, talvez tenha sido a instituição da alforria:

O fato de os libertos terem sido capazes de criar espaços próprios dentro das sociedades escravistas evidencia sua tenacidade – uma tenacidade que, muitas vezes, havia ajudado decisivamente na obtenção da liberdade – e demonstra que uma boa medida de maleabilidade social e racial existia, em pelo menos algumas daquelas sociedades (LIBBY, 2009, p. 13).

406

Os cativos podiam ser libertados gratuitamente, nas chamadas alforrias incondicionais, muito comuns nos testamentos dos proprietários, ou condicionalmente, quando eram estabelecidas certas obrigações até que o cativo obtivesse sua carta de liberdade. Outra forma de alforria era aquela concedida no ato do batismo, quando uma criança nascida de mãe escrava podia obter liberdade ao ser batizada, o que geralmente acontecia nos primeiros meses de vida. Embora alguns adultos tenham se emancipado dessa forma, geralmente eram as crianças as mais favorecidas. Havia uma forma particular de alforria, especialmente comum na região das Minas, a coartação, que pode ser definida, grosso modo, como a compra parcelada da liberdade. A prática era um acordo no qual os proprietários permitiam aos seus escravos parcelar o valor total da alforria e saldar as prestações semestral ou anualmente – em três, quatro ou cinco anos (PAIVA, 2001, p. 506). No século XIX, se o acordo entre senhor e escravo se tornava inviável, seja pela resistência do senhor em libertar seu cativo, seja pela discordância das partes sobre um “valor justo”, o escravo poderia buscar meios de sustentar judicialmente sua causa (MATTOSE, 1990, p. 183).

Há uma série de argumentos históricos que explicam as razões que levavam as mulheres, mais que os homens, ao contexto de alforrias. Alguns autores defendem a ideia de que as mulheres tiveram preços mais baixos que os verificados para os homens — especialmente por possuírem menor resistência ao trabalho braçal — e assim, trabalhavam menos tempo para acumular o valor de sua liberdade. Como se sabe, o preço a ser pago pela própria



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

alforria geralmente era estabelecido por um acordo verbal entre o senhor e seu escravizado, era um preço contratual, mas que se baseava numa avaliação feita pelo senhor. Assim, era esperado que os proprietários de escravizados estivessem menos dispostos a libertar um homem e mais propensos a libertar uma mulher, que consideravam de menor valor (KARASCH, 2000, p. 452). No entanto, é importante atentar-se para o fato de que nas áreas mais urbanizadas da colônia existiram várias formas de trabalho que não se resumiam às atividades braçais. Visto sob esta ótica o referido argumento perderia força: o que explicaria, nestas áreas mais urbanas, o alto número de alforrias das mulheres, já que elas poderiam ser empregadas em outras atividades que não exigissem tanta força física?

Um dos caminhos para se entender as razões que explicam a alta incidência de alforrias em diversas áreas coloniais é focar a análise e buscar nas características de cada região os motivos para os fatos. Existiram numa mesma colônia realidades diversas, que comportaram situações e fatos próprios e que devem ser estudadas separadamente para que possam ser mais bem compreendidas. Outro argumento é o de que as relações familiares estabelecidas entre os cativos, de um modo geral, favoreciam a alforria das mulheres. Os escravizados preferiram libertar as mulheres com as quais mantinham relações amorosas para que os filhos do casal nascessem livres. Tal argumento também poderia explicar a alta incidência, identificadas por alguns pesquisadores, de casamentos de forras com escravizados, que o contrário (SILVA, 1998, p. 185).

Segundo Andréa Lisly, levando-se em conta uma racionalidade essencialmente econômica, a manumissão da mulher escravizada poderia significar, num prazo mais longo, a possibilidade de conquistar a alforria para os demais membros da família, especialmente pela maior facilidade que ela encontrava em se estabelecer no pequeno comércio urbano (GONÇALVES, 2008, p. 60).

As relações de parentesco entre os cativos e outros grupos da sociedade, fossem reais (pais, irmãos, avós, filhos, etc.), fictícias (padrinhos, madrinhas) ou consensuais (amásios), sempre foram apontadas como fontes importantes para a concessão das alforrias. Mary Karasch, no já referido estudo, identificou que algumas forras receberam suas alforrias pela proximidade que tinham com suas senhoras, que acabaram as considerando “suas amigas e confidentes”. Outra estratégia utilizada pelas cativas na busca pela liberdade foi o estabelecimento de relações afetivas e sexuais com seus senhores, ou com outros homens, em especial, com estrangeiros que, segundo Karasch, acabaram pagando pelas alforrias de suas companheiras (KARASCH, 2000, p. 453).

Segundo Júnia Furtado — em estudo sobre as mulheres livres de cor, habitantes do distrito Diamantino, durante o século XVIII — as mulheres libertas que conseguiam

407



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

acumular um extenso patrimônio, foram as que puderam usufruir da convivência com algum homem branco importante, a exemplo da famosa Chica da Silva. No entanto, a pesquisadora ressaltou que a trajetória de muitas forras e o acúmulo de patrimônio experimentado por elas não podem ser explicados por esse convívio, haja vista a recorrência, nos testamentos destas mulheres, as declarações de que elas viviam “de sua agência e negócio” ou ainda, “de seu trabalho e indústria” (FURTADO, 2003. P. 91).

Eduardo Paiva destacou que embora ocorressem o envolvimento das cativas com seus senhores, nem sempre esta era a garantia de uma alforria incondicional e gratuita. O autor relata um caso de uma cativa que pagou ao seu proprietário, amante e pai de seu filho, o preço pela própria liberdade e a de seu filho. Relata ainda, outro caso, em que a mãe cativa e o filho foram re-escravizados pelo proprietário, que também era amante e pai do filho da cativa e que este ainda ameaçou vender o próprio filho (PAIVA, 2009, p. 122).

Um caso intrigante neste sentido é o de Tereza dos Santos Gracia.⁷⁴ A liberta, natural da Costa da Mina, residia no arraial de Catas Altas em 1767. Em seu testamento, ela relatou uma situação interessante quanto à alforria de seus filhos. Proprietária de vários bens, Tereza era solteira, mas tinha quatro filhos, dos quais dois eram crioulos e um era mulato, todos forros. Além deles, ela tinha uma filha mulata, que vivia “na companhia do meu senhor que foi Manoel dos Santos Gracia.” Não há referências sobre a condição social da única filha de Tereza, ao contrário de seus irmãos. O fato da única filha de Tereza viver com o ex- proprietário da mãe gerou uma suspeita: seria ela, filha de Tereza com seu ex- proprietário? Dificilmente poderemos confirmar tal suposição, no entanto, levando-se em conta a situação de muitas mulheres libertas e cativas, que mantiveram relacionamento com seus proprietários, tal suposição se torna perfeitamente aceitável. E ganha reforço quando Tereza declara ter vários bens, entre eles uma casa na Rua Direita do arraial, muitas jóias e ouro lavrado. Ou seja, recursos materiais não faltariam à alforriada para comprar a alforria da filha, embora não possamos perder de vista que a alforria era um processo de negociação, que dependia também, da vontade do proprietário em libertar o próprio cativo (KARASCH, 2000, p. 453).

As escravizadas, segundo Karasch, tiveram a vantagem de que nem sempre eram avaliadas pela sua força de trabalho, mas pelos serviços domésticos que empreendiam. Sendo assim, “não fazia diferença para um senhor se sua companheira ou amante fosse legalmente livre ou não. Se a libertasse, não perderia os serviços dela, como acontecia no caso de um escravo.” No entanto, como demonstramos isto não foi regra. Kathleen Higgins, num estudo sobre as alforrias nas regiões mineradoras das Minas Gerais, constatou que muitos senhores alforriavam suas companheiras escravizadas, geralmente, na hora da morte, quase

408



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sempre estipulando um prazo para o pagamento da liberdade ou cumprimento de algumas condições, e que raramente a alforria à companheira era concedida durante o tempo de vida do proprietário (HIGGINS, 1999).

Outro argumento desenvolvido por vários autores, para explicar a preponderância das mulheres entre os libertos, diz respeito ao envolvimento das cativas, especialmente as africanas, com o pequeno comércio em áreas urbanas. Tal atividade teria fornecido às escravas o pecúlio necessário para a compra da própria alforria e da liberdade de familiares.⁷⁷ E este é um argumento claramente válido para as áreas urbanas, onde as possibilidades de inserção econômica eram maiores, haja vista a dinâmica e a variedade de atividades que podiam ser desenvolvidas.

Segundo Gabriel Aládrén, para os cativos nascidos na colônia, as alforrias podiam vir por outros meios, em especial através das relações de proximidade com os senhores. A proximidade estabelecida pelos cativos com seus senhores ajudava não só no processo de libertação, como também fornecia aos mesmos, possibilidades de se manterem economicamente após a conquista da liberdade, sendo comuns os casos de alforriados que continuavam a trabalhar para os ex-senhores em atividades muito semelhantes às do tempo de cativo (ALADRÉN, 2008, p. 45). Marco Magalhães de Aguiar (2001, p. 56) identificou, em estudo sobre a população forra habitante de Vila Rica no século XVIII, que existia uma maior probabilidade de adquirir projeção econômica e social, para aqueles forros que haviam conquistado a alforria pelos próprios meios. Eduardo França Paiva (2001) demonstrou em seus estudos que muitos alforriados, especialmente nas Minas setecentistas, foram empreendedores de seus próprios destinos, amealharam posses e subverteram, cotidianamente, a ordem daquela sociedade. O pesquisador ressalta que o cotidiano colonial mineiro foi marcado por uma circulação de culturas, objetos, pessoas de diferentes origens, que operavam tradições e conhecimentos muito díspares, o que imprimia ao cotidiano nas Minas aspectos particulares e dinâmica própria. Assim, é necessário compreender a sociedade colonial a partir de uma lógica particular, que comporta dimensões políticas, sociais e culturais diversas.

Contudo, o alcance da alforria não era sinônimo de ascensão econômica ou social. A alforria era apenas uma das lutas vencidas na busca pela liberdade plena, que as possibilitasse viver de forma independente.

Perseguições inquisitoriais: mulheres negras na mira da igreja católica

Além das alforriadas, as mulheres negras que também foram perseguidas pela igreja são outra parcela desta população colonial que despertou minha atenção enquanto pesquisadora. São

409



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

muitas mulheres negras que foram denunciadas aos agentes metropolitanos e acusadas de heresias. Além da escravidão, outra característica marcante do período colonial foi a inseparável ação do poder metropolitano junto à igreja católica. Segundo Rodrigues e Maia (2023, p. 88-89), a violência das ações contra a população colonial, respaldas neste poder intrínseco e inseparável entre monarquia e catolicismo, levou à perseguição e vigilância de qualquer desvio à ortodoxia católica — sendo que qualquer dissidência religiosa era considerada também, uma ameaça à unidade política. O Brasil nunca abrigou um tribunal da Inquisição, mas ficava sob a vigilância do Tribunal de Lisboa e seus habitantes eram julgados e sentenciados na corte da metrópole. E neste sentido, muitas mulheres negras acabaram denunciadas aos agentes metropolitanos, que remetiam os casos aos inquisidores portugueses. Entre as heresias denunciadas, envolvendo mulheres negras, destacavam-se as acusações de bruxaria e feitiçaria.

Há uma série de estudos famosos na historiografia brasileira que segue o fio histórico das denúncias sobre essas mulheres, sendo que alguns casos são bastante conhecidos, como a história de Luzia Pinta — que foi denunciada em 1739 como “feiticeira”. Residente em Sabará (Minas Gerais), Luzia Pinta foi presa e enviada a Portugal no ano de 1742, para ser julgada pelo Tribunal de Inquisição de Lisboa, onde permaneceu encarcerada durante dois anos, sem que se saiba qual o fora seu destino final (MARCUSSE, 2006). Recentemente publicado o estudo de Guillianio Gloria de Sousa (2025) também realiza um levantamento minucioso de mais de 700 denúncias envolvendo mulheres pretas e mestiças nas Minas Gerais colonial. Esta pesquisa revisitará estes estudos e outros para subsidiar a criação das pequenas biografias destas mulheres, como uma forma de resgate de suas trajetórias e histórias. Essa é uma etapa da pesquisa ainda em andamento.

410

Apontamentos Finais

Estes são alguns dos exemplos de trajetórias históricas que estão documentadas em diferentes fontes históricas, em arquivos brasileiros e estrangeiros, e que contam da luta destas mulheres pela liberdade. Neste sentido, essa proposta de pesquisa vai de encontro à atualíssima lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024, que torna obrigatória a inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas, nos conteúdos curriculares, a partir de 2025. A lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir a obrigatoriedade de abordagens sobre as contribuições femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio. A lei também institui a Semana de



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Valorização de Mulheres que Fizeram História, que será realizada anualmente na segunda semana de março, nas escolas de todo o país.

Assim, a existência desta investigação fundamenta-se na urgente necessidade de tornar conhecida do grande público, as trajetórias femininas de mulheres que de fato, fizeram história, mas que por muitas razões, estão fora das narrativas oficiais da História. Entre essas, destacam-se as mulheres negras, participantes ativas e numerosas na realidade colonial de Minas Gerais. Contudo, pouco mencionadas nas narrativas históricas oficiais. Nossa proposta objetiva produzir materiais, que possam subsidiar e trazer visibilidade a trajetória destas mulheres. Afinal, como dito pela escritora nigeriana, Chimamanda Adichie, ao escolher escrever e relatar as trajetórias destas mulheres, rejeitamos o silêncio imposto por séculos, sobre suas histórias e seu papel na luta pela liberdade, de variadas formas.

Espera-se que esta proposta de pesquisa possa impactar positivamente o estudo sobre o papel histórico das mulheres, contribuindo para combater a invisibilidade histórica das mulheres negras na história. Assim, esperamos que além de publicizar os registros históricos sobre a vida de cada uma delas, sob o formato de um livro, que possamos também contribuir com a produção de conhecimento e pesquisas que poderão subsidiar a aplicação da lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024, nas escolas e ambientes educativos. Também se pretende publicizar os resultados desta pesquisa sob o formato de artigos científicos e também em apresentações, em espaços de pesquisa e extensão. Assim, acredito que essa proposta de pesquisa endossa e reafirma os compromissos que a pesquisa acadêmica possui com a sociedade, no sentido de produzir conhecimento; contribuir para a reflexão científica e crítica na formação dos cidadãos; combatendo formas de discriminação em nosso país, visando a construção de uma sociedade equitativa, no que diz respeito ao gênero.

411

Referências

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. Palestra no evento Technology, Entertainment and Design (TED), em 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 19 de jan. 2019.

AGUIAR, Marcos Magalhães. Quotidiano da população forra em Minas Gerais do período colonial. In: **Oceanos**. Viver no Brasil Colônia. Lisboa: Comissão Nacional para as Construções dos Descobrimentos Portugueses, nº 42, abril/junho, 2001.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ALADRÉN, Gabriel. **Liberdades negras nas paragens do sul**: alforria e inserção social de libertos em Porto Alegre, 1800-1835. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

ALVES, Rogéria Cristina. **Mosaico de Forros**: Formas de ascensão econômica e social entre os alforriados (Mariana, 1727-1838). Belo Horizonte: UFMG, 2011. (Dissertação de Mestrado).

BRASIL. **Lei n. 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 18 de ago. 2018.

_____. **Lei nº 14.986**, de 25 de setembro de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 de setembro de 2024.

412

FURTADO, J. F. **Chica da Silva e o contratador de diamantes**: O outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GONÇALVES, A. L. Práticas de alforrias nas Américas: Dois estudos de caso e perspectiva comparada. In: PAIVA, E. F. & IVO, I. P. (Org.)s. **Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas**. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: PPGH-UFMG; Vitória da Conquista: Edunesb, 2008. P. 59 – 75.

HIGGINS, K. J. **Licentious liberty, in Brazilian gold-mining region**. University Park/PA: Pennsylvania State University Press, 1999.

KAMBUNDO, Bruno. J.; SANTOS, Jaqueline L. O ensino de história da África e a descolonização dos currículos: um desafio para os países com passado colonial. In: CARREIRA, D. & ANDRADE, A. (Orgs.) **Educação das Relações Raciais**: balanços e desafios da implementação da lei 10639/2003. Ação Educativa. São Paulo, 2010.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

KARASCH, M. C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Tradução JessOliveira. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIBBY, Douglas Cole. À procura de alforrias e libertos na freguesia de São José do Rio das Mortes. (c.1750 – c. 1850). In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues; LEEUWEN, Marco H. D. van (Org.). **Mobilidade social em sociedades coloniais e pós-coloniais: Brasil e Paraguai, séculos XVIII e XIX.** Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009.

MARCUSSI, Alexandre Almeida. Estratégias de mediação simbólica em um calundu colonial. **Revista de História**, n. 155, p. 97-124, 2006.

MAT*TOSO, Katia Mytilineou de Queirós. **Ser escravo no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

_____. **Escravos e libertos em Minas Gerais: estratégias de resistências através dos testamentos.** 3. ed. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFMG, 2009.

MINAYO, Maria C.S. (2013). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde** (13ªEd). São Paulo, SP: Editora Hucitec.

RODRIGUES, Aldair e MAIA, Moacir. **Sacerdotisas voduns e rainhas do Rosário: Mulheres Africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII).** São Paulo, SP: Chão Editora, 2023.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

413



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Críticade Ciências Sociais**, v. 63, 2002. Disponível em: <encurtador.com.br/wzO68>. Acesso em: 11jun. 2019.

SILVA, M. B. N. da. **História da Família no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. P. 185.

SOUSA, Giulliano Gloria de. “**Tidas e havidas por feiticeiras**” – Mulheres pretas e mestiças acusadas de feitiçaria nas Minas Gerais Colonial. 1ª Ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2025.

UNICEF. Divisão de Programas da Seção de Educação. **Educação transformadora de gênero**, 2021.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MEMÓRIAS SUBALTERNAS E NARRATIVAS ANCESTRAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Marta Helena Sant'anna Pires¹

Introdução

O silenciamento histórico dos povos indígenas é uma marca constitutiva da formação do imaginário nacional brasileiro. Desde os primeiros registros coloniais até os currículos escolares contemporâneos, as representações indígenas têm sido construídas majoritariamente a partir de perspectivas externas, que os enquadram como obstáculos ao progresso ou personagens do passado remoto. Esse processo contribuiu para a consolidação de memórias subalternizadas, que negam o protagonismo dos povos originários e invisibilizam sua presença ativa na história do Brasil.

Diante disso, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a construção dessas memórias, com ênfase na educação escolar, onde discursos históricos ainda reproduzem visões etnocêntricas e excludentes. Toma-se como exemplo a obra *Lições de História do Brasil* (1871), de Joaquim Manuel de Macedo, um dos primeiros livros didáticos adotados no ensino brasileiro, cuja narrativa evidencia o apagamento e a estigmatização dos povos indígenas. A partir da análise dessa obra, discute-se de que modo a história ensinada contribuiu para naturalizar hierarquias coloniais e consolidar uma cultura histórica centrada na perspectiva europeia.

No entanto, a contemporaneidade também é marcada pelo fortalecimento das narrativas ancestrais, produzidas por autoras e autores indígenas que vêm reconfigurando a forma de contar a história do Brasil. Por meio da literatura, da educação e da oralidade, essas vozes reivindicam o direito à memória e à autoria, rompendo com o modelo historiográfico tradicional e propondo outras formas de existir, narrar é resistir.

O objetivo deste trabalho, portanto, é confrontar as memórias subalternizadas historicamente produzidas no campo escolar com as narrativas ancestrais indígenas que emergem na contemporaneidade, apontando as implicações epistemológicas e pedagógicas desse embate. A abordagem é qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, articulando análise de conteúdo e reflexão teórica.

¹ Doutoranda do Programa de Doutorado em Artes e Literatura da UNIGRANRIO-Afya. Email: marpirezs249@gmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O artigo está estruturado em três partes: na primeira, apresenta-se o referencial teórico, com base em estudos sobre consciência histórica, memória e colonialidade do saber; na segunda, analisa-se a obra de Macedo como expressão da narrativa tradicional e eurocêntrica sobre os povos indígenas; na terceira, discute-se o contraponto proporcionado pelas narrativas produzidas por autores indígenas contemporâneos, como Eliane Potiguara, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Márcia Kambeba, Graça Graúna, Julie Dorrico e Olívio Jekupé.

Narrativas históricas, cultura escolar e o apagamento das memórias indígenas

A formação da memória histórica brasileira esteve, desde os seus primórdios, fortemente condicionada pela lógica eurocêntrica de interpretação do passado. Na construção da disciplina de História na educação básica, as narrativas produzidas no século XIX foram decisivas para consolidar uma visão nacional unificada, marcada pela marginalização de grupos não brancos, especialmente os povos indígenas. A análise dos discursos históricos escolares especialmente os manuais didáticos revela como esses saberes foram instrumentalizados para perpetuar estereótipos, apagamentos e silenciamentos.

O pensamento de Jörn Rüsen é central para compreender como a história atua na formação das identidades. Para o autor, a consciência histórica é o resultado de operações mentais que articulam o passado ao presente com vistas à orientação do futuro (RÜSEN, 2010). Essa consciência, mediada por narrativas, constrói sentidos sobre o tempo e, ao fazê-lo, naturaliza determinadas versões do passado. Em sua tipologia, a narrativa tradicional predominante em obras didáticas como a de Joaquim Manuel de Macedo (1871) é aquela que busca legitimar a continuidade da ordem vigente, reforçando a estabilidade e a permanência.

Autores como Maria Auxiliadora Schmidt (2014) e Ana Cláudia Urban (2009) aprofundam essa reflexão ao tratarem do papel da cultura histórica escolar, entendendo o ensino de História não apenas como transmissão de conteúdos, mas como processo formador de subjetividades, valores e visões de mundo. A educação histórica, portanto, é um campo disputado, onde o passado é construído, manipulado e mobilizado segundo interesses políticos e ideológicos.

No caso da representação indígena, a tradição historiográfica dominante consolidou uma imagem de povos “selvagens”, “canibais” ou “auxiliares dos portugueses”, como evidenciado nos trechos selecionados do livro de Macedo. Essas representações são, como destaca Maria Regina Celestina de Almeida (2010), produto direto das diretrizes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), instituição criada em 1838 com o intuito de formar uma

416



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

identidade nacional unificadora, apagando a diversidade étnica e cultural da população brasileira.

Esse processo tem sido criticado por uma vertente historiográfica recente, que busca revisitar a história oficial a partir das perspectivas dos povos subalternizados. A chamada Nova História Indígena, conforme propõem Edson Hely Silva e Silva & Benites (2023), emerge como um esforço de reescrever o passado indígena com protagonismo dos próprios indígenas e com sensibilidade para as experiências locais, não reduzidas às categorias coloniais como “assimilação” ou “aculturação”.

Além disso, o trabalho de João Pacheco de Oliveira (1998) é fundamental ao demonstrar como a historiografia e a antropologia negligenciaram os povos indígenas do Nordeste brasileiro, com base em uma falsa percepção de “miscigenação total”, contribuindo para seu apagamento acadêmico e institucional. Esse silenciamento reitera a necessidade de abordagens interdisciplinares que valorizem a sociodiversidade e a resistência dessas populações.

A partir da Constituição de 1988 e da LDB de 1996, houve avanços significativos no reconhecimento da pluralidade cultural brasileira, incluindo a criação de políticas educacionais voltadas à Educação Escolar Indígena (EEI), à Educação Indígena (EI) e ao Ensino da Temática Indígena (ETI). Segundo Luciano/Baniwa (2006), essas distinções são essenciais para compreender os projetos pedagógicos indígenas, que não se restringem ao aparato escolar ocidental, mas integram língua, território, parentesco e economia como elementos formativos fundamentais.

Dessa forma, a crítica às narrativas históricas escolares passa não apenas pela revisão de conteúdos, mas pelo reconhecimento de que a própria estrutura narrativa da história escolar foi forjada para sustentar um projeto nacional que excluiu as vozes originárias. É nesse ponto que o debate sobre memória subalterna e narrativa ancestral torna-se central, pois recoloca os povos indígenas como sujeitos da história e não como objetos de discurso.

Análise e discussão

Representações etnocêntricas dos povos indígenas na narrativa escolar do século XIX

A análise da obra *Lições de História do Brasil* (1871), de Joaquim Manuel de Macedo, evidencia um padrão discursivo alicerçado no etnocentrismo e na colonialidade do saber, características estruturantes das narrativas históricas escolares do século XIX. Essa obra, amplamente

417



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

difundida no ensino primário durante o Império, foi um dos primeiros manuais didáticos brasileiros de História e consolidou um modelo narrativo que relegava os povos indígenas à condição de personagens periféricos e estereotipados, inseridos em um passado fixo, alheio à agência histórica.

Nas primeiras lições do livro, que tratam dos “descobrimentos” e da chegada dos portugueses ao território que viria a ser o Brasil, observa-se uma total invisibilização dos indígenas. A história começa com a perspectiva europeia, e os povos originários são introduzidos apenas como cenário ou obstáculo. Quando mencionados, são caracterizados com termos depreciativos como “selvagens”, “gentios” ou “canibais”, reforçando uma imagem de inferioridade moral e civilizatória. Um exemplo emblemático encontra-se na descrição dos habitantes nativos como dotados de “caracteres physicos” que os diferenciariam das “raças civilizadas”, e ainda como “vingativos”, “cruéis”, “sem religião” e “sem relações sociais” (MACEDO, 1871, p. 43-50).

Esse tipo de construção discursiva mobiliza uma lógica narrativa que, conforme define Rüsen (2010), corresponde ao modo tradicional de consciência histórica, aquele em que o passado é contado para garantir a continuidade do presente dominante, estabilizando valores e identidades. Nesse modo, a função da história é reforçar um pertencimento comum, naturalizando hierarquias culturais. No caso da narrativa de Macedo, isso se manifesta na dicotomia entre civilização (representada pelos portugueses) e barbárie (representada pelos indígenas).

A intencionalidade pedagógica da obra, voltada à formação moral e cívica dos estudantes do século XIX, deixa claro que os indígenas só são valorizados quando associados aos interesses coloniais. Personagens como Felipe Camarão, por exemplo, são exaltados por sua lealdade à Coroa portuguesa e por terem sido “civilizados”, recebendo honrarias como o título de “Dom” e o hábito da Ordem de Cristo. Em contraste, líderes como Cunhambebe ou Jagoanharão aparecem como ameaças, inimigos do progresso, descritos com termos que os animalizam ou desumanizam.

Essa narrativa está diretamente vinculada ao projeto do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, cuja missão era produzir uma história nacional que reforçasse a unidade do Império sob o signo do progresso, da cristandade e da mestiçagem dirigida. Como aponta Maria Regina Celestina de Almeida (2010), o IHGB relegou aos indígenas o lugar do passado remoto, da origem, excluindo-os da construção ativa da nação moderna. Esse deslocamento simbólico legitimava políticas de assimilação e apagamento, ao mesmo tempo que consolidava um imaginário coletivo sobre quem pertence e quem deve ser lembrado.

418



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A permanência desses estereótipos nas práticas escolares e nos materiais didáticos pode ser entendida como expressão da cultura histórica escolar, conceito central nas análises de Urban (2009) e Schmidt (2014). Essa cultura não apenas ensina conteúdos, mas forma modos de pensar a história, consolidando representações sociais que são naturalizadas como “verdade histórica”. No caso dos indígenas, a narrativa didática os manteve fixados em uma temporalidade que os exclui da contemporaneidade, funcionando como uma forma de silenciamento epistêmico e histórico.

Assim, a obra de Macedo é exemplar no que tange à função do livro didático como reprodutor de uma memória oficial uma memória que, ao mesmo tempo que estrutura a identidade nacional, subalterniza os povos indígenas, transformando-os em objetos de discurso e não em sujeitos históricos.

No entanto, a partir da década de 1990, essa narrativa começa a ser tensionada por uma nova geração de intelectuais indígenas e por mudanças no campo historiográfico, que passaram a questionar as formas tradicionais de contar a história do Brasil. Essa virada será analisada na próxima subseção, a partir do contraponto com autores indígenas contemporâneos, que reivindicam o direito de narrar suas próprias histórias a partir de suas memórias, cosmologias e epistemologias.

419

O contraponto dos autores indígenas: da memória subalterna à narrativa ancestral

A partir da década de 1990, um movimento crescente de autores indígenas passou a interpelar diretamente as narrativas históricas hegemônicas, reivindicando o direito de narrar suas próprias histórias, por meio de suas línguas, cosmologias, memórias e modos de existência. Esse movimento representa não apenas uma virada política e cultural, mas também epistemológica, uma vez que propõe outras formas de produzir, guardar e transmitir o conhecimento formas que desafiam os cânones eurocentrados da história e da educação escolar.

Em oposição à visão tradicional que situava os povos indígenas no passado e os representava como obstáculos à civilização, os autores indígenas contemporâneos reafirmam a ancestralidade como potência presente e futura. Como afirma Ailton Krenak (2019), “adiar o fim do mundo” é um gesto político de resistência ontológica, que passa pela recuperação das histórias apagadas, mas também pela crítica à lógica colonial que transforma tudo em recurso, inclusive a memória. Krenak aponta que a narrativa hegemônica da história do Brasil é linear e instrumental, enquanto a história indígena é circular, sensível, vinculada ao território e à oralidade.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nesse mesmo sentido, Daniel Munduruku (2018) problematiza o apagamento da memória ancestral como estratégia colonial. Para ele, recuperar essa memória implica desestabilizar a ideia de que a história indígena está congelada no passado. “A escrita indígena é a afirmação da oralidade”, afirma o autor, que vê na literatura um instrumento para expressar os saberes ancestrais em diálogo com o mundo contemporâneo. O ato de narrar, portanto, torna-se um gesto de resistência e reexistência.

Eliane Potiguara, do povo Potiguara da Paraíba, também se destaca nesse movimento. Sua obra poética e política articula memória, gênero e território. Em textos como *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), Potiguara denuncia a dor da colonização, mas também celebra a força da ancestralidade feminina. Sua escrita mobiliza o que ela chama de “memória do corpo-território”, onde a identidade indígena é inseparável da terra, da língua e da coletividade. Para a autora, escrever é um modo de reivindicar a dignidade negada aos seus ancestrais e de formar novas gerações conscientes de sua história.

Outras vozes têm contribuído para expandir esse campo de disputa narrativa. Márcia Kambeba, do povo Omágua/Kambeba, afirma que “quem escreve recebe influências de espíritos ancestrais”, e por isso a literatura indígena é percebida como portadora de valores materiais e imateriais (KAMBEBA, 2018). Em sua poesia e prosa, Kambeba dá voz à floresta, ao rio e às mulheres indígenas, rompendo com a lógica antropocêntrica e colonizadora da história oficial.

Graça Graúna, do povo Potiguara do RN, é pioneira na crítica ao silenciamento das mulheres indígenas na literatura brasileira. Sua obra denuncia a violência estrutural do colonialismo, mas também evoca a memória como instrumento de cura e resistência. A autora propõe uma escrita que descoloniza o tempo, abrindo espaço para narrativas que “vivem no corpo, no canto, na dança, na terra e na palavra”. A poesia, para Graúna, é um lugar de escuta e reconexão com os saberes coletivos.

Julie Dorrico, do povo Macuxi, atua tanto na produção quanto na crítica literária, sendo uma das vozes mais articuladas da nova geração de autoras indígenas. Em suas análises e escritos, Dorrico aponta a necessidade de reconhecer a autoria coletiva nas obras indígenas e de entender a literatura como prolongamento da oralidade ancestral.

Para ela, muitos livros indígenas não seguem a lógica autoral ocidental, pois são produzidos de forma comunitária, como ocorre nos materiais do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE). Isso rompe com o conceito de autoria individual e propõe uma nova ética narrativa.

Olívio Jekupé, do povo Guarani, tem uma vasta produção de livros infantis e juvenis, com o objetivo de educar a partir da visão indígena. Em suas histórias, os protagonistas são

420



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

indígenas que vivem em aldeias contemporâneas, mostrando a continuidade das tradições e a presença dos povos originários no Brasil atual. Sua obra desmistifica o “índio do passado” e desafia a ideia de que a cultura indígena está em extinção.

Todos esses autores compartilham um mesmo gesto: a recusa da invisibilização e o exercício da autoria sobre sua própria história. Ao escreverem desde seus lugares, territórios e coletividades, eles instauram uma outra narrativa uma narrativa ancestral, não no sentido de arcaica, mas de fundada em raízes vivas, que continuam a pulsar no presente.

Este contraponto revela que a memória indígena não é estática nem fragmentada, mas orgânica, relacional e política. Ela não apenas confronta os estereótipos coloniais perpetuados na educação básica, como também oferece alternativas epistemológicas, pedagógicas e existenciais. Como afirma Linda Tuhiwai Smith (2018), contar histórias é um ato de resistência, mas também uma forma de reconstruir mundos.

Ao escutar essas vozes, torna-se evidente que a memória subalterna pode se transformar em narrativa insurgente, capaz de desestabilizar a história única e de abrir caminhos para uma educação mais plural, justa e enraizada na diversidade originária do Brasil.

421

Currículo, memória e justiça epistêmica: por uma educação decolonial

A disputa pelas narrativas históricas no espaço escolar passa, necessariamente, pelo debate sobre o currículo. Mais do que uma lista de conteúdos, o currículo expressa um projeto de sociedade, revelando quais saberes são legitimados, quais sujeitos são reconhecidos e quais histórias são contadas. No caso da educação brasileira, o currículo historicamente consolidado reforçou a lógica colonial, apagando ou distorcendo as memórias dos povos indígenas, ao mesmo tempo em que naturalizava um modelo eurocêntrico de conhecimento. Para Aníbal Quijano (2005), essa persistência do eurocentrismo está ancorada na colonialidade do saber, um sistema de produção e validação do conhecimento que impõe hierarquias epistêmicas e exclui saberes ancestrais, locais e comunitários. Mesmo após a independência política dos países latino-americanos, a estrutura colonial continuou operando por meio das instituições educativas, moldando currículos que desqualificam as epistemologias indígenas e africanas, tratando-as como inferiores ou inexistentes.

Essa crítica encontra eco no pensamento de Paulo Freire, cuja pedagogia se fundamenta no reconhecimento dos oprimidos como sujeitos históricos e epistemológicos. Freire denuncia a educação bancária, na qual os estudantes são vistos como recipientes vazios a serem preenchidos por conteúdos autoritários e descontextualizados. Em oposição a essa lógica, propõe uma educação dialógica e libertadora, onde o currículo se constrói a partir da escuta,



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

da vivência e da problematização da realidade. Para Freire (1996), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

No contexto indígena, essa pedagogia da escuta encontra potência na proposta de Edson Kayapó, educador e intelectual do povo Kayapó, que defende a construção de currículos específicos e interculturais, baseados nos saberes, línguas, cosmologias e práticas educativas de cada povo. Segundo Kayapó, a escola indígena deve deixar de ser um instrumento de assimilação e passar a ser um espaço de afirmação identitária, fortalecimento comunitário e revalorização da ancestralidade. “A escola deve ensinar os jovens indígenas a serem mais indígenas ainda”, afirma o autor (KAYAPÓ, 2020).

A articulação entre Freire, Quijano e Kayapó evidencia que descolonizar o currículo é mais do que incluir novos conteúdos: trata-se de repensar os fundamentos da educação, reconhecendo que há múltiplas formas de conhecer, aprender e ensinar. É também uma forma de promover a justiça epistêmica (SANTOS, 2019), ao abrir espaço para que os saberes indígenas deixem de ser tratados como objeto e passem a ocupar o lugar de sujeitos na construção do conhecimento escolar.

Assim, o currículo é um campo de disputa entre a memória subalterna e a narrativa ancestral. Enquanto os projetos coloniais continuam tentando neutralizar a diversidade epistêmica em nome de uma suposta universalidade, as vozes indígenas reivindicam seus próprios tempos, línguas, histórias e pedagogias — não como adições, mas como centros produtores de conhecimento. O desafio contemporâneo é, portanto, repensar o currículo não como ferramenta de integração, mas como território de escuta, tradução e resistência.

422

Considerações finais

A análise do livro *Lições de História do Brasil* (1871), de Joaquim Manuel de Macedo, permitiu compreender como as narrativas escolares do século XIX foram fundamentais na construção de uma identidade nacional excludente, marcada pelo apagamento das vozes indígenas e pela consolidação de estereótipos coloniais. A representação dos povos originários como selvagens, canibais ou obstáculos à civilização revela não apenas um conteúdo didático, mas um projeto político-pedagógico de longo alcance, ainda presente nos currículos escolares e no imaginário social brasileiro.

Conforme demonstrado, a narrativa tradicional veiculada por Macedo está inserida no modo de consciência histórica que, segundo Jörn Rüsen (2010), objetiva estabilizar o presente por meio da legitimação de um passado selecionado e hierarquizado. Essa forma de narrar a história do Brasil reforçou a colonialidade do saber e a exclusão dos povos indígenas como



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sujeitos históricos. Mesmo quando reconhecidos, os indígenas eram instrumentalizados como aliados da Coroa portuguesa ou como personagens heroicos apenas quando subordinados aos projetos coloniais.

Contudo, a partir da década de 1990, um movimento de reconfiguração narrativa tem sido conduzido pelos próprios autores indígenas, que passaram a ocupar espaços de produção intelectual, artística e educacional. Escritoras e escritores como Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Márcia Kambeba, Graça Graúna, Julie Dorrico e Olívio Jekupé vêm promovendo uma transformação profunda na forma como a história e a memória dos povos originários são contadas e compreendidas. Ao escreverem desde suas próprias cosmologias e territórios, eles não apenas contestam os discursos hegemônicos, mas instauram outras epistemologias, que valorizam a oralidade, a ancestralidade, a coletividade e a relação com a terra como fundamentos da existência.

Esse movimento não se limita à literatura. Ele representa uma ação política e pedagógica que exige da educação básica e da historiografia escolar uma revisão crítica de seus referenciais. Reconhecer a pluralidade de narrativas históricas é condição para construir uma cultura escolar que efetivamente valorize a diversidade étnico-cultural brasileira e rompa com os mecanismos de exclusão reproduzidos ao longo dos séculos.

Portanto, este trabalho defende a urgência de um ensino de História comprometido com a justiça epistêmica e com a escuta dos povos indígenas como autores e guardiões de suas próprias memórias. Superar a narrativa única que ainda vigora nos espaços escolares exige o enfrentamento da colonialidade do saber e o reconhecimento das epistemologias indígenas como parte integrante e insubstituível da história do Brasil. Nesse processo, o passado não pode mais ser contado sem os povos originários, e o futuro não pode ser pensado sem eles.

423

Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestina. *História indígena no Brasil: uma história silenciada*. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Narrativas indígenas: epistemologias, histórias e saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2010.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Epistemologia da Ciência da Informação: perspectivas atuais*. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n. 2, p. 96-117, 2010.

BAMBERG, Kátia et al. *Epistemologias decoloniais e Ciência da Informação: um estado da arte*. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 27, n. 1, p. 138-157, 2022.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico escolar: os livros didáticos entre outras mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

CARDONA, Natalia. *Paradigmas interculturais na Ciência da Informação: desafios e possibilidades*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 16, n. 1, p. 58-70, 2020.

CHOPPIN, Alain. *O livro didático: história, atualidade e perspectivas*. Educação & Sociedade, Campinas, n. 85, p. 39-59, 2004.

DORRICO, Julie. *Literaturas indígenas em português: territórios, palavras e resistências*. Porto Alegre: Zouk, 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAÚNA, Graça. *Canto mestiço: ensaios de poéticas ameríndias*. Recife: UFPE, 2005.

JEKUPÉ, Olívio. *O Canto da Coruja*. São Paulo: Global, 2015.

KAMBEBA, Márcia. *Ay kakyri Tama – Eu moro na cidade*. São Paulo: Tukano, 2018.

KAYAPÓ, Edson. *Currículo e cultura indígena: saberes tradicionais e escola*. In: SILVA, G. I.; RODRIGUES, W. L. (org.). *Educação, currículo e cultura: diálogos interculturais*. São Paulo: Cortez, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOUREIRO, José. *Memória social e patrimônio*. Revista Museologia e Patrimônio, v. 8, n. 1, p. 100-112, 2015.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primária*. 9. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1871.

MUNDURUKU, Daniel. *Memórias ancestrais*. Petrópolis: Vozes, 2018.

424



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. Mana, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história: formas e funções do saber histórico*. Brasília: Editora UNB, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensino de História: uma proposta de aprendizagem histórica*. Campinas: Papirus, 2014.

SILVA, Edson Hely. *A representação dos povos indígenas na história escolar*. São Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, Edson Hely; BENITES, Tiago. *A nova história indígena e seus impactos na produção historiográfica brasileira*. História & Perspectivas, v. 36, n. 71, p. 203-220, 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Decolonizing methodologies: research and Indigenous peoples*. 2. ed. London: Zed Books, 2018.

URBAN, Ana Cláudia. *Narrativas históricas escolares e a formação da consciência histórica*. Curitiba: UFPR, 2009.

425



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O CORPO EM DISPUTA: GÊNERO, MORAL E PODER NAS IGREJAS PENTECOSTAIS

Célio César de Aguiar Lima¹

Introdução

Nas igrejas pentecostais brasileiras, o corpo não é um mero detalhe secundário — ele constitui o verdadeiro palco onde se manifestam e se encenam as complexas relações de fé, obediência, santidade, pecado e transgressão. Particularmente no caso das mulheres, o corpo torna-se o principal foco dos discursos institucionais, das normativas religiosas e das vigilâncias comunitárias. Aspectos que vão desde o comprimento da saia, o cuidado com os cabelos, a proibição ou permissão do uso de maquiagem, até o comportamento corporal e a entonação da voz são constantemente regulados — seja explicitamente pelas doutrinas oficiais, seja implicitamente pelo olhar vigilante da congregação ou pelos sermões públicos que reverberam dentro e fora dos templos.

Este artigo propõe uma leitura crítica e interdisciplinar dessas práticas corporais, situando-as no centro das disputas simbólicas que permeiam as questões de gênero, moralidade e poder nas comunidades pentecostais contemporâneas. A hipótese que orienta esta investigação é a de que os chamados usos e costumes — especialmente aqueles que regulam o corpo feminino — funcionam como dispositivos poderosos de disciplinamento moral e reforço dos papéis sociais tradicionais, sustentados por interpretações religiosas conservadoras e normativas patriarcais que se legitima sob a justificativa da santidade e do zelo espiritual. Contudo, essa normatização corporal nunca é plena ou absoluta. Ao contrário, o corpo feminino pentecostal também constitui um campo fértil de fissuras, resistências e reinterpretações. Por meio de práticas cotidianas, gestos sutis e negociações simbólicas, muitas mulheres exercem formas silenciosas de contestação ou subversão, ao mesmo tempo em que outras adotam estratégias de adesão consciente para obter reconhecimento e poder

426

¹ Graduado em História, Teologia e Ciências Sociais, Psicanalista, Especialista em: História Social, Arquivologia, Ensino Religioso, Sexologia, Ciências Políticas, Ciência das Religiões (UFJF), Psicanálise e Teologia do Novo Testamento, Mestre em História Social e Ciência das Religiões (UFJF), Doutor em História Política (UERJ), Pós Doutor em História Social (UFRJ) e Memória Social (UNIRIO), Doutorando em Ciências Sociais (UERJ). Pesquisador associado ao NÚCLEAS – UERJ – Núcleo de Estudo das Américas. E-mail: professor.aguiar@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/3031763802521722>





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

dentro da própria comunidade. Assim, o corpo torna-se um espaço dialético, onde convergem controle, agência e disputa identitária.

Para compreender essa complexa tessitura, a pesquisa dialoga com diversos campos do saber — história cultural, estudos de gênero, antropologia do corpo e sociologia da religião — e articula as contribuições teóricas de pensadores fundamentais, como Judith Butler (2019), que enfatiza a performatividade de gênero; Mary Douglas (1976), que analisa os conceitos de pureza e fronteiras simbólicas; Pierre Bourdieu (2007), com sua teoria do corpo como capital simbólico; e Rita Segato (2012), que destaca o corpo como território de disputa e resistência. O foco do estudo recai nas práticas cotidianas que funcionam como mecanismos de controle moral e nos modos variados como as mulheres pentecostais lidam com essas imposições, seja por meio da conformidade, da negociação ou da reinvenção dos próprios códigos.

Dessa forma, o artigo contribui para o debate contemporâneo sobre religião e gênero, ao evidenciar que os corpos não são apenas objetos passivos das estruturas religiosas, mas sujeitos ativos e complexos, cujo manejo revela as tensões e contradições entre moralidade, subjetividade e poder no contexto pentecostal brasileiro.

427

Gênero, Pureza e Controle Moral

Nas teologias pentecostais, o corpo é concebido como templo do Espírito Santo, conforme o ensinamento bíblico (1 Coríntios 6:19-20), o que legitima um conjunto rigoroso de exigências relativas à conduta corporal e aparência dos fiéis. Essa espiritualização do corpo, entretanto, encobre uma complexa rede de controle moral e social profundamente marcada por desigualdades de gênero. Em particular, o corpo feminino é investido com a responsabilidade simbólica e material de preservar a santidade da comunidade religiosa, configurando-se como um vetor central para a regulação dos valores morais da igreja.

A antropóloga Mary Douglas (1976), em sua clássica obra *Pureza e Perigo*, destaca que a noção de pureza ritual está intrinsecamente ligada à manutenção de fronteiras simbólicas que separam o “sagrado” do “profano”, o limpo do impuro. No contexto pentecostal, essas fronteiras se expressam sobretudo através da aparência feminina: saias longas que cobrem as pernas, ausência de maquiagem e acessórios, cabelos longos e um comportamento recatado são as manifestações visíveis dessa separação entre o “mundo” e a “igreja”. O corpo feminino, assim, torna-se não apenas um templo espiritual, mas um símbolo da moral coletiva, cujo controle é entendido como fundamental para a preservação da pureza comunitária. Quando obedecido, esse controle corporal é associado à garantia da salvação;



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

quando “desviado”, é percebido como ameaça e risco de contaminação moral para o grupo (DOUGLAS, 1976).

Essa dinâmica se aprofunda ao considerar a análise de Judith Butler (2019) sobre performatividade de gênero. Butler argumenta que o gênero não é uma essência fixa, mas sim uma construção social que se realiza por meio da repetição performativa de normas culturais. Aplicando essa perspectiva ao contexto pentecostal, a feminilidade ideal não é apenas prescrita, mas constantemente encenada: nos gestos contidos, nas roupas modestas e padronizadas, na voz dócil e obediente que reforça a submissão esperada. Assim, a religião atua como um espaço de produção de subjetividades dóceis, onde o sagrado e o social se entrelaçam para moldar corpos e identidades conformes à moral dominante. A “performance religiosa de gênero” constrói mulheres que internalizam e reproduzem os discursos de pureza e controle, mas que também se colocam como guardiãs da ordem espiritual e comunitária.

Além disso, esse controle sobre os corpos femininos está estreitamente vinculado à reprodução das relações patriarcais de poder dentro da igreja, um tema explorado por autores como Simone de Beauvoir (1949) e, mais recentemente, por teóricas feministas que destacam como a moral sexual feminina é utilizada para sustentar sistemas hierárquicos e desigualdades de gênero. A moralidade pentecostal, então, não é neutra, mas um instrumento que, ao enfatizar a pureza das mulheres, mantém os homens em posições de autoridade e controle.

A vigilância sobre o corpo feminino revela, portanto, não apenas uma questão espiritual, mas um complexo entrelaçamento entre religião, gênero e poder, que impõe limites às possibilidades de autonomia e agência das mulheres nas comunidades pentecostais. Essa articulação de moralidade e controle corporal reforça a importância de uma abordagem interdisciplinar para compreender as múltiplas dimensões desse fenômeno, que envolve desde a teologia e a antropologia até os estudos de gênero e a sociologia da religião.

428

Usos e Costumes: A História da Disciplina

As doutrinas denominadas de “usos e costumes” nas Assembleias de Deus têm uma longa trajetória histórica, que remonta às influências pietistas europeias, especialmente suecas, e foram paulatinamente apropriadas e adaptadas ao contexto social, cultural e religioso brasileiro. Originalmente, essas normas funcionavam como expressões claras de separação do mundo secular, buscando afirmar uma identidade cristã distinta e protegida contra os valores considerados profanos. Com o passar do tempo, porém, essas regras passaram a desempenhar um papel mais complexo e multifacetado, assumindo a função de dispositivos



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

disciplinares e instrumentos de distinção interna que demarcam hierarquias e limites de pertencimento dentro das próprias comunidades pentecostais (ALMEIDA, 2004).

Ronaldo de Almeida (2004) destaca que os usos e costumes, longe de serem meras questões de vestimenta ou estética, atuam como um sistema normativo que regula o corpo e o comportamento, estabelecendo o que é legítimo e aceitável para os fiéis. Essa regulação, no entanto, não é equânime: recai de modo muito mais rigoroso e detalhado sobre as mulheres, impondo-lhes um conjunto extenso de exigências que vão desde o comprimento das saias até a proibição do uso de maquiagem, joias e penteados considerados inadequados. Enquanto os homens são orientados sobretudo por normas relacionadas à moralidade sexual e hábitos de vida (não fumar, não beber, fidelidade conjugal), as mulheres são submetidas a um controle muito mais estrito da sua aparência física e postura corporal, refletindo uma desigualdade de gênero profundamente enraizada.

A análise de Pierre Bourdieu (2007) é particularmente elucidativa para compreender essa dinâmica. Para ele, o corpo é uma forma de capital simbólico, isto é, um recurso que pode ser mobilizado para obter prestígio e poder social, mas que também é objeto de vigilância e controle para a reprodução das estruturas sociais existentes. O controle do corpo feminino nas igrejas pentecostais funciona, portanto, como um mecanismo de reprodução do poder patriarcal, que se apresenta disfarçado sob a aparência de uma doutrina espiritual legítima. Essa disciplina corporal serve para garantir a hegemonia masculina, ao mesmo tempo em que delimita os espaços de atuação e as possibilidades de agência das mulheres dentro das comunidades.

Além disso, essa disciplina também pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo de biopolítica religiosa, no qual a igreja assume um papel de governo dos corpos e das condutas, alinhando-se a um projeto moral que regula não apenas a espiritualidade, mas a vida social cotidiana dos seus membros (FOUCAULT, 2008). O corpo, nessa perspectiva, torna-se um terreno crucial onde se manifestam as relações de poder, controle e resistência, mostrando que as doutrinas de usos e costumes transcendem a mera regulamentação estética para operar como um complexo sistema de dominação simbólica e material.

Resistência e Reinterpretação: O Corpo Também Responde

Embora as igrejas pentecostais brasileiras imponham rígidas normas corporais e morais, é fundamental reconhecer que as mulheres que integram essas comunidades não atuam exclusivamente como sujeitas passivas dessas imposições. Pelo contrário, elas frequentemente reinterpretem, ressignificam e, em diversos casos, subvertem

429



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

silenciosamente os códigos que regulam seus corpos. Essa dinâmica se dá por meio de práticas sutis e cotidianas — como o uso de saias um pouco mais curtas do que o permitido, a vaidade no cuidado com os cabelos ou mesmo a expressão assertiva e firme da voz durante orações públicas — que funcionam como formas de negociação simbólica e resistência micropolítica.

Rita Segato (2012) destaca o corpo como “território primordial de disputa de sentidos e poder”, uma arena onde se travam conflitos que extrapolam as normas oficiais, permitindo que as mulheres construam suas próprias interpretações de fé e identidade. Essa visão dialoga com os estudos de Judith Butler (1990, 2019), para quem o gênero e a identidade são performados, isto é, constantemente construídos e reconstruídos na repetição e subversão de normas sociais. As mulheres pentecostais, portanto, não apenas reproduzem a moral religiosa, mas também praticam atos de agência, mesmo que sutis, que alteram o significado dos próprios dispositivos de controle.

Além disso, algumas dessas mulheres utilizam as próprias normas de disciplina corporal como estratégias para ganhar status, respeito e prestígio dentro das comunidades religiosas. Como Bourdieu (2007) enfatiza, o corpo pode funcionar como um “capital simbólico”, onde a adesão às regras torna-se um meio de afirmação social. Assim, a disciplina do corpo não é uma prisão total, mas um campo de tensões no qual os sujeitos atuam com diferentes graus de conformidade, negociação e resistência.

Essa reapropriação do corpo pela fé evidencia que a normatividade pentecostal não é monolítica, mas permeada por fissuras e contradições, onde a submissão e a contestação coexistem. Ao vivenciar, sentir e, por vezes, reinventar esses códigos, as mulheres pentecostais afirmam sua subjetividade e autonomia, ainda que em condições limitadas, desafiando e ao mesmo tempo reproduzindo as estruturas de poder que regulam seus corpos.

O Peso Moral do Corpo Feminino nas Tradições Pentecostais: Exemplos e Consequências

Nas práticas religiosas pentecostais brasileiras, o controle moral sobre os corpos femininos transcende o campo simbólico e religioso, exercendo efeitos concretos no cotidiano das mulheres. Pesquisas etnográficas e relatos de mulheres participantes dessas comunidades evidenciam que as normas de sobriedade na vestimenta — como o uso obrigatório de saias longas, a proibição de maquiagem, o cuidado rigoroso com cabelos e até a moderação nos

430



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

gestos e na voz — não são apenas imposições formais, mas instrumentos que atravessam as relações sociais e a construção identitária dessas fiéis (FERRARI, 2017; SANTOS, 2019).

Por exemplo, em estudos de campo realizados em igrejas da Assembleia de Deus, observou-se que mulheres que descumpriam as regras de vestimenta sofriam desde olhares de reprovação até comentários diretos em reuniões e cultos, sendo por vezes tratadas como “exemplos a evitar”. Em casos extremos, essas violações podiam resultar em restrições à participação em funções e ministérios, o que demonstra que o controle do corpo funciona também como mecanismo de exclusão e disciplina comunitária (SILVA, 2021).

As consequências sociais desse controle são profundas. Em primeiro lugar, reforçam padrões rígidos de gênero que limitam a liberdade feminina, impondo um modelo único de feminilidade que valoriza a modéstia, a submissão e a resignação. Essa normatização restringe as possibilidades de expressão corporal e de autonomia pessoal, condicionando a aceitação social e religiosa à conformidade estética e comportamental.

Do ponto de vista psicológico, o impacto pode ser igualmente significativo. A vigilância constante e a pressão para a conformidade geram sentimentos de culpa, ansiedade e medo de julgamento, como relatam diversas mulheres em entrevistas (MARTINS, 2018). O corpo torna-se um território de conflito interno, onde a fé e o desejo pessoal muitas vezes colidem, gerando tensões que afetam a autoestima e a saúde mental.

No entanto, como apontam autoras como Rita Segato (2012), esses corpos também são espaços de resistência e negociação. Muitas mulheres adotam estratégias sutis para reinterpretar ou adaptar as normas, encontrando formas de exercer agência mesmo em contextos restritivos. Por exemplo, usar uma cor menos tradicional dentro dos limites permitidos, ou cuidar dos cabelos com vaidade que não chame excessiva atenção, pode ser uma forma de afirmar identidade e autoestima sem confrontar diretamente as normas comunitárias.

Assim, o peso moral atribuído aos corpos femininos nas igrejas pentecostais é um fenômeno multifacetado, que opera como um sistema de regulação social, mas que também é vivido, sentido e, por vezes, transformado pelas próprias mulheres que o experimentam. A análise dessas práticas e consequências é fundamental para compreender as complexas relações entre religião, gênero, poder e subjetividade no Brasil contemporâneo.

A Supremacia Masculina nas Igrejas Pentecostais: Poder, Gênero, Autoridade e Espiritualidade

Nas igrejas pentecostais brasileiras, a supremacia masculina é uma dimensão central e estrutural que permeia não apenas as relações institucionais, mas também a experiência

431



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

espiritual dos fiéis. Essa supremacia se manifesta na concentração dos cargos de liderança pastoral e ministerial majoritariamente nas mãos dos homens, legitimada por interpretações tradicionais da Bíblia que apresentam o homem como chefe da família e líder da igreja (cf. Efésios 5:22-24; 1 Timóteo 2:12).

Estudos empíricos evidenciam que, no Brasil, a maioria absoluta dos pastores é masculina, especialmente em ministérios com maior visibilidade e poder de decisão, como ocorre nas Assembleias de Deus e outras grandes denominações pentecostais (MEDEIROS, 2015; SOUZA, 2018). Mulheres frequentemente são relegadas a funções auxiliares, como a liderança de grupos de louvor, ensino infantil ou ministérios voltados às mulheres, espaços importantes, mas que não possuem a mesma autoridade hierárquica dos pastores homens.

Além do espaço institucional, a supremacia masculina está intrinsecamente ligada à espiritualidade pentecostal. O modelo ideal de liderança espiritual valoriza características tradicionalmente associadas à masculinidade — autoridade, firmeza, carisma e capacidade de conduzir a congregação em momentos de cura e libertação — conferindo aos pastores homens um estatuto quase sacerdotal (FRANCO, 2017). Por sua vez, a espiritualidade feminina é muitas vezes construída em torno da ideia de submissão, oração intercessória e apoio ao marido e à igreja, reforçando papéis tradicionais e simbólicos de gênero.

No cotidiano da igreja, essa relação entre supremacia masculina e espiritualidade se traduz em práticas como a imposição de que as mulheres permaneçam em silêncio durante os cultos ou não exerçam a liderança formal (cf. 1 Coríntios 14:34). Em contrapartida, observa-se que muitos dos líderes espirituais masculinos são celebrados pela comunidade como canais diretos do Espírito Santo, reforçando a ideia de uma “unção” específica que legitima o domínio masculino (COSTA, 2020).

Entretanto, mesmo dentro desse quadro estruturado, surgem práticas de resistência e negociação por parte das mulheres. Algumas constroem ministérios femininos paralelos que ampliam seu protagonismo, outras reinterpretam textos bíblicos para justificar sua liderança espiritual, como as chamadas “pastoras auxiliares” ou “profetisas” em algumas comunidades (RODRIGUES, 2019). Essas dinâmicas revelam que a supremacia masculina, apesar de institucionalizada, não é imutável, sendo continuamente tensionada pelas experiências vividas no interior das igrejas.

Em síntese, a supremacia masculina no pentecostalismo brasileiro não é apenas uma questão de poder administrativo ou hierárquico, mas está profundamente entrelaçada com as concepções espirituais e teológicas que moldam a identidade religiosa da comunidade. Compreender essa relação é fundamental para analisar as disputas de gênero, as formas de autoridade e as possibilidades de transformação social dentro do universo pentecostal.

432



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Considerações Finais

O corpo feminino nas igrejas pentecostais brasileiras configura-se como um verdadeiro campo de disputa simbólica e material. Ele carrega as marcas da doutrina, da tradição, da moralidade institucional e do controle social, mas também é o locus onde emergem as expressões de resistência, agência e subjetividade das mulheres. Como demonstrado ao longo deste artigo, as normas religiosas que regulam a aparência, a vestimenta e o comportamento das fiéis transcendem a mera questão de fé, assumindo a função de expressar e reproduzir relações complexas de poder, codificadas sob a roupagem da espiritualidade e da santidade. Ao considerar os usos e costumes como práticas disciplinares, fundamentadas naquilo que Foucault (2008) denomina “governamentalidade”, compreendemos que o corpo é um dos principais instrumentos para a normalização e regulação dos sujeitos. No contexto pentecostal, essa disciplina é explicitada em regras que dizem respeito ao corpo feminino — com ênfase na pureza, modéstia e comportamento recatado — que atuam como mecanismos simbólicos de controle e preservação da ordem moral da comunidade (Douglas, 1976). Entretanto, a análise também revelou que as mulheres, longe de se limitar a uma posição de passividade, atuam como agentes que performam, resignificam e, por vezes, contestam essas normas, reforçando o caráter dialético e dinâmico do religioso (Butler, 2019; Segato, 2012). Dessa forma, entre o púlpito e o espelho, entre o altar e o cotidiano, o corpo feminino permanece como um território central onde se negociam pertencimentos, moralidades e poderes. Essa negociação evidencia que a disciplina corporal não é um processo unívoco ou unilateral, mas um espaço permeado por tensões e ambivalências, onde o controle institucional convive com a construção de subjetividades criativas e estratégias de sobrevivência simbólica.

Por fim, este estudo contribui para o debate contemporâneo sobre religião e gênero ao evidenciar que o corpo feminino, longe de ser um mero objeto passivo, é campo de ação política e cultural dentro do pentecostalismo brasileiro. O exame dessas disputas corporais permite compreender melhor as intersecções entre moralidade, poder e subjetividade, mostrando como a fé atua simultaneamente como instrumento de dominação e de resistência — um espaço paradoxal que merece atenção crítica e interdisciplinar contínua.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. *Religião e mercado: lógicas sociais e estratégias institucionais*. São Paulo: Edusp, 2004.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

COSTA, Ana Lúcia. Liderança e Poder nas Igrejas Pentecostais: o corpo do pastor como instrumento espiritual. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 35, n. 103, 2020, p. 1-20.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo: Vozes, 1976.

FERRARI, Ana. Vestir-se para Deus: normas de aparência e controle social em igrejas pentecostais. São Paulo: Editora Religião e Sociedade, 2017.

FOUCAULT, Michel. Segurança, Território, População. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANCO, Marcos. A autoridade espiritual e o corpo do pastor: estudo sobre o pentecostalismo brasileiro. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

MARTINS, Carla. “Corpos sob vigilância: saúde mental e moralidade feminina em contextos pentecostais”. Revista Psicologia e Religião, v. 15, n. 2, 2018, p. 45-67.

MEDEIROS, Maria Helena. Pastoras e Pastores: gênero e liderança no pentecostalismo brasileiro. Revista Estudos de Religião, v. 10, n. 2, 2015, p. 45-65.

RODRIGUES, Carla. Profetisas e liderança feminina: o desafio das mulheres no pentecostalismo brasileiro contemporâneo. Dissertação (Mestrado) – PUC-SP, 2019.

SANTOS, Juliana. Entre o sagrado e o corpo: mulheres e discipulado nas Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2019.

SEGATO, Rita Laura. As estruturas elementares da violência. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

434



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

SILVA, Marcos. “Disciplinamento e exclusão: práticas de controle corporal nas igrejas evangélicas”. *Cadernos de Antropologia*, v. 34, n. 1, 2021, p. 78-95.

SOUZA, Ricardo. A masculinidade do pastor e a organização das igrejas pentecostais no Brasil. *Revista de Sociologia da Religião*, v. 20, n. 1, 2018, p. 72-89.

435



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O MERCADO DA FÉ: CULTURA RELIGIOSA, NEOLIBERALISMO E MEMÓRIA COLETIVA NO SÉCULO XXI

Célio César de Aguiar Lima¹

Introdução

Nas últimas décadas, a paisagem religiosa da América Latina tem sido profundamente transformada. Em especial no Brasil, observa-se a ascensão exponencial de igrejas pentecostais e neopentecostais, fenômeno que não pode ser explicado apenas no campo da fé ou da teologia, mas que demanda uma abordagem crítica, interdisciplinar e histórica. Este artigo propõe analisar esse processo à luz da mercantilização do sagrado, articulando elementos do neoliberalismo, da economia simbólica e da espetacularização da religião.

Partindo da hipótese de que a fé, sob a racionalidade neoliberal, torna-se uma linguagem de mercado — estruturada por lógicas de consumo, visibilidade, performance e autorresponsabilização —, argumenta-se que as igrejas contemporâneas atuam como empresas de soluções simbólicas, oferecendo bênçãos em troca de engajamento, sacrifícios financeiros e adesão estética. A espiritualidade, assim, é redesenhada como um produto de alta rotatividade, moldado pelas exigências da mídia, do sucesso individual e da promessa de prosperidade.

A análise desenvolvida neste texto baseia-se em autores como Pierre Bourdieu (1993), para quem o campo religioso é espaço de disputas por capital simbólico; David Lehmann (1996), que aponta a transição do pentecostalismo de resistência para adaptação ao mercado; e Néstor García Canclini (1995), cuja noção de hibridação cultural permite entender a interpenetração entre fé e consumo. Soma-se a isso a leitura crítica de Foucault (2008) sobre o neoliberalismo como tecnologia de governo que forma sujeitos empreendedores de si.

¹ Graduado em História, Teologia e Ciências Sociais, Psicanalista, Especialista em: História Social, Arquivologia, Ensino Religioso, Sexologia, Ciências Políticas, Ciência das Religiões (UFJF), Psicanálise e Teologia do Novo Testamento, Mestre em História Social e Ciência das Religiões (UFJF), Doutor em História Política (UERJ), Pós Doutor em História Social (UFRJ) e Memória Social (UNIRIO), Doutorando em Ciências Sociais (UERJ). Pesquisador associado ao NÚCLEAS – UERJ – Núcleo de Estudo das Américas. E-mail: professor.aguiar@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/3031763802521722>





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O artigo está estruturado em quatro partes complementares. A primeira discute a emergência de uma nova economia do sagrado, marcada pela performance da fé e pela promessa de resultados mensuráveis. A segunda analisa a presença midiática da religião, e como ela reformula a linguagem do culto, transformando o púlpito em palco e o pastor em celebridade. A terceira parte explora os impactos dessa lógica sobre a memória coletiva e a subjetividade dos crentes, evidenciando o deslocamento de valores como solidariedade, esperança escatológica e partilha para uma gramática de vitória individual. Por fim, nas considerações finais, propõe-se uma reflexão crítica sobre os riscos dessa reconfiguração da fé em tempos de retrocesso democrático, aprofundamento das desigualdades e esvaziamento do vínculo comunitário.

Mais do que denunciar ou idealizar qualquer forma de religiosidade, este trabalho busca compreender os mecanismos sociais, políticos e econômicos que moldam o religioso na contemporaneidade. Em um cenário em que o sagrado é colonizado pelo mercado e pela lógica da eficácia, torna-se fundamental refletir sobre o papel da fé como espaço de resistência, sentido e reconstrução da vida comum.

437

Neoliberalismo e a Nova Economia do Sagrado

O neoliberalismo não deve ser compreendido apenas como um modelo econômico baseado na desregulamentação dos mercados e na redução do papel do Estado. Trata-se, sobretudo, de uma racionalidade política e cultural, capaz de remodelar os modos de existência e de subjetivação. Conforme desenvolve Michel Foucault (2008), o neoliberalismo atua como uma “governamentalidade”, ou seja, um regime de gestão da vida que incide diretamente sobre os corpos, os desejos e as escolhas individuais. Sob esse paradigma, o indivíduo deixa de ser cidadão com direitos para tornar-se empreendedor de si mesmo, permanentemente responsabilizado por seu sucesso ou fracasso — espiritual, econômico, afetivo ou moral.

Essa lógica não se limita ao mercado financeiro ou ao mundo do trabalho. Ela invade também o campo religioso, que passa a operar segundo os mesmos princípios de competição, performance, eficácia e rentabilidade simbólica. A fé, nesse contexto, transforma-se em investimento subjetivo e mercadoria espiritual. Igrejas não são mais templos no sentido tradicional, mas espaços de consumo simbólico, onde se acessa cura, bênção, prosperidade e reconhecimento social. Como observa Wendy Brown (2019), “o neoliberalismo corrói a gramática democrática e transforma toda forma de valor em capital”.

As igrejas neopentecostais, especialmente, adaptam-se com notável agilidade a esse novo regime de verdade. Com uma retórica fortemente centrada na vitória pessoal e na conquista



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

material, elas promovem uma teologia da “autorresponsabilização espiritual”, na qual o fiel é constantemente incentivado a “determinar” sua bênção, a “plantar” ofertas e a “profetizar” conquistas. A salvação eterna é deslocada para segundo plano, eclipsada por promessas mais imediatas: empregos, curas, carros, casas, casamentos restaurados. Como assinala David Lehmann (1996), esse modelo representa uma transição do pentecostalismo como forma de resistência cultural para um dispositivo de adaptação e conformidade ao sistema.

A figura do crente, nesse cenário, é recodificada: ele não é mais o “pobre de espírito” do Evangelho, mas o cliente da fé, exigente, desejoso e pragmático. Do outro lado do púlpito, o pastor assume o papel de fornecedor de milagres, gestor de soluções simbólicas, especialista em resultados. A pregação é construída como narrativa de superação, e o culto se assemelha a um ritual de motivação coletiva, onde se performa a vitória para legitimar o discurso da fé como investimento lucrativo.

Essa dinâmica gera o que Jean Comaroff e John Comaroff (2000) chamam de “religião como empresa”, um modelo em que o sagrado é colonizado pelas formas empresariais de organização e comunicação. O templo converte-se em empresa espiritual, o púlpito em palco, o testemunho em prova social. Tudo deve produzir resultado, e tudo que não resulta é descartável — inclusive o fiel que não “funciona”.

Mais que uma mutação superficial, esse fenômeno aponta para a formação de uma nova economia religiosa, na qual fé, consumo, mídia e subjetividade operam em plena sintonia. Trata-se de um mercado do sagrado que não apenas se adequa às demandas neoliberais, mas as legitima teologicamente, promovendo uma espiritualidade da performance, da eficácia e da abundância.

Esse processo não é sem consequências. Ao prometer que “tudo vai dar certo” para quem crê e contribui, o discurso religioso neoliberal naturaliza as desigualdades e culpabiliza os fracassos, deslocando a análise das estruturas para o comportamento individual. Assim, como afirma Cristina Inoue (2013), “a fé torna-se funcional à ordem, não à justiça; à resignação, não à transformação”.

Mídia, Mercado e Performatividade Religiosa

A presença massiva da religião na mídia não apenas amplia o alcance das igrejas, mas também reconfigura profundamente a linguagem religiosa, o modo de comunicar o sagrado e as formas de vivência da fé. Trata-se de uma virada comunicacional que converte o púlpito em palco, o sermão em espetáculo e o pastor em celebridade. Igrejas como a Universal do Reino de Deus, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo e a Igreja Mundial do Poder de Deus

438



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

operam como verdadeiras empresas de fé, dominando com maestria o vocabulário publicitário, as técnicas do marketing e as ferramentas da comunicação de massa.

Esse fenômeno não se dá de maneira fortuita, mas responde a uma lógica estruturante: a religião se molda ao regime de visibilidade do mercado. A fé, antes cultivada na interioridade ou no silêncio dos sacramentos, passa a depender da imagem, da performance e da circulação simbólica em plataformas como rádio, televisão e redes sociais. O culto torna-se evento audiovisual; o pastor, uma figura carismática que mescla elementos do pregador, do apresentador e do influenciador digital. Como observa Marcelino (2012), a fé neopentecostal não é apenas comunicada — ela é encenada, dramatizada e esteticamente roteirizada.

Nesse cenário, o discurso religioso se aproxima dos formatos do entretenimento. A pregação é fragmentada em frases de efeito, slogans de vitória e bordões motivacionais. Os testemunhos de fiéis são organizados como narrativas dramáticas de superação. Há iluminação cênica, trilha sonora, efeitos audiovisuais e um cuidadoso gerenciamento da imagem dos líderes. Como explica Mafessoli (2006), vivemos na era do “estético-simbólico”, em que as experiências precisam ser sensoriais, emocionais e memoráveis para serem legitimadas.

A análise de Néstor García Canclini (1995) é central para compreender esse processo. Segundo ele, a cultura contemporânea é marcada por dinâmicas de hibridação e consumo simbólico, nas quais tradições religiosas se misturam com linguagens midiáticas, formas mercantis e repertórios culturais diversos. A fé torna-se, assim, produto cultural que circula, é escolhido, avaliado e descartado conforme sua utilidade emocional ou simbólica. O sagrado, portanto, é profundamente mediado pela lógica da experiência efêmera, da performatividade e da satisfação imediata.

Além disso, a relação entre mídia e fé é mediada pela economia da atenção, como explica Jonathan Beller (2006): em um mundo saturado de estímulos, o que importa não é apenas ter uma mensagem, mas conseguir que ela seja vista, ouvida e compartilhada. As igrejas que melhor compreendem esse jogo simbólico — investindo em tecnologia, narrativa e imagem — tornam-se mais competitivas no mercado da fé. E é justamente nesse ambiente que se consolida a figura do “pastor pop”, que domina câmeras, redes e discursos com a fluidez de um comunicador profissional.

A espiritualidade, nesse contexto, transforma-se em uma experiência sensorial e emocional, que deve ser vivida com intensidade e exibida com orgulho. O culto deixa de ser apenas um espaço de comunhão e passa a ser evento de alto impacto, que precisa entreter, motivar e emocionar. Como observa Ronaldo de Almeida (2004), a religiosidade midiaticizada constrói

439



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

um novo tipo de vínculo, marcado menos pela tradição e mais pela adesão performativa, onde “a crença se afirma na medida em que se vê e se compartilha”.

Esse modelo de performatividade religiosa gera uma nova forma de subjetivação espiritual, voltada para a exibição de resultados, a visualização do sucesso e a constante atualização da fé como recurso visível. A lógica do culto-espetáculo exige do fiel não apenas participação, mas engajamento estético e emocional, com respostas imediatas (curas, bênçãos, empregos, vitórias), frequentemente simbolizadas por objetos, declarações públicas e ofertas financeiras.

Em suma, o que se vê é a incorporação da gramática do mercado e da mídia à linguagem do sagrado, criando uma nova ecologia religiosa profundamente atravessada pela lógica do consumo, da performance e da visibilidade. Essa transformação não apenas redefine o conteúdo da fé, mas também o modo como os sujeitos se relacionam com o divino, com a comunidade e consigo mesmos.

Memória Coletiva e Subjetividades Religiosas

440

O avanço de uma lógica religiosa moldada pelo neoliberalismo e pela espetacularização da fé tem provocado transformações substanciais na memória coletiva dos fiéis latino-americanos. Essa memória, entendida como o conjunto de narrativas, símbolos e experiências compartilhadas por uma comunidade ao longo do tempo (Halbwachs, 2006), sempre foi um dos pilares do cristianismo. A tradição cristã, sobretudo em sua vertente comunitária, historicamente promoveu valores como solidariedade, partilha, comunhão e esperança escatológica — elementos que orientavam o sentido do sofrimento e davam profundidade ética às práticas religiosas.

No entanto, à medida que a religiosidade pentecostal e neopentecostal se alinha às gramáticas do consumo, da performance e do individualismo meritocrático, essa memória coletiva vai sendo resignificada ou obliterada. A narrativa da cruz, que representava a entrega, o sofrimento redentor e o compromisso com os pobres e marginalizados, cede lugar à narrativa da vitória pessoal, da conquista material e da superação individual. O sofrimento, que outrora era reconhecido como espaço de encontro com o divino — como em Moltmann (1974), para quem “a cruz é o lugar onde Deus se solidariza com os que sofrem” — passa a ser interpretado como fracasso espiritual ou falta de fé.

Nesse novo imaginário, a pobreza é moralizada, convertida em defeito de caráter ou em ausência de “propósito profético”. Não se trata mais de lutar coletivamente contra as estruturas que produzem desigualdade, mas de vencer individualmente, por meio da fé e da



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

“semeadura” correta. A teologia da prosperidade impõe, assim, uma reescrita das memórias de luta, resistência e solidariedade, substituindo-as por memórias de vitória, ascensão e consumo. Como aponta Boaventura de Sousa Santos (2006), a modernidade impõe “zonas de ausência”, apagando saberes e experiências que não se alinham com seus paradigmas. A religião, nesse caso, torna-se um instrumento dessa lógica excludente.

Essa transformação afeta diretamente a construção das subjetividades religiosas, que passam a operar com base em narrativas performativas de superação. A fé precisa ser exibida, atualizada e validada publicamente. Não basta crer — é preciso mostrar que a crença produziu resultado visível: emprego novo, cura recebida, casa própria, casamento restaurado. Como observa Marlene de Fáveri (2013), vivemos uma “era da exterioridade”, em que o valor simbólico das crenças está na sua capacidade de gerar efeitos mensuráveis e rapidamente reconhecíveis.

Essa performatividade da fé contribui para o surgimento de uma nova moral do êxito espiritual, segundo a qual o abençoado é aquele que triunfa, enquanto o que sofre é visto com desconfiança ou como alguém que “ainda não tomou posse” da promessa divina. Tal concepção gera processos de culpabilização das vítimas, de invisibilização dos marginalizados e de deslocamento da responsabilidade social para o plano exclusivo da escolha pessoal. Como alerta Dufour (2005), a sociedade contemporânea tende a transformar a autonomia em tirania, exigindo que o sujeito seja “o único autor da própria sorte, mesmo diante do infortúnio”.

Por consequência, a fé deixa de ser uma virtude interior, silenciosa e coletiva, para tornar-se marca pública de sucesso, símbolo de capital simbólico acumulado. A subjetividade do crente, nesse contexto, é moldada pela necessidade constante de atualização espiritual e emocional, em um ciclo de consumo simbólico que exige mais fé, mais ofertas, mais envolvimento — e, sobretudo, mais visibilidade. A espiritualidade é capturada pela lógica do mercado, e o sagrado torna-se espetáculo.

Considerações Finais

A trajetória recente das religiões na América Latina, especialmente no Brasil, revela um fenômeno cada vez mais evidente: a transformação do sagrado em mercadoria simbólica, ajustada às demandas de um mundo neoliberalizado. Essa mutação não é superficial nem apenas estética — trata-se de uma reconfiguração profunda da fé, da memória coletiva e das subjetividades religiosas, que desloca os sentidos tradicionais do cristianismo em favor de uma espiritualidade consumível, performada e rentável.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O neoliberalismo atua como racionalidade difusa, atravessando todas as esferas da vida. Conforme Michel Foucault (2008) analisou, não se trata apenas de um sistema econômico, mas de uma governamentalidade que forma sujeitos empreendedores de si, permanentemente mobilizados para transformar crença em resultado, espiritualidade em capital. No campo religioso, isso se expressa na ascensão de igrejas que operam como empresas da fé, oferecendo soluções espirituais sob medida, baseadas na lógica do investimento, do mérito e da recompensa.

Essa lógica é intensificada pela mediação das práticas religiosas. Os templos se tornam estúdios, os cultos se transformam em shows e os líderes religiosos assumem funções híbridas de pastores, comunicadores e gestores. Como demonstrou Néstor García Canclini (1995), a fé é convertida em objeto de consumo simbólico, submetida à gramática do espetáculo, da emoção e da visibilidade. A fé deixa de ser apenas crença; ela precisa ser vista, performada, narrada e rentabilizada.

Nesse processo, ocorre uma reformulação da memória coletiva cristã. Valores historicamente centrais — como solidariedade, partilha, humildade e esperança escatológica — são substituídos por outras gramáticas: vitória, superação individual, prosperidade financeira e conquista imediata. O sofrimento, outrora redentor, é agora sinal de fracasso; a pobreza, antes lugar teológico, torna-se marca de incompetência espiritual. Como alerta Dany-Robert Dufour (2005), essa lógica individualizante transforma a liberdade em carga, e a fé em fardo performativo: se não “funciona”, é porque algo está errado com o crente — nunca com o sistema.

O resultado é a constituição de uma subjetividade religiosa ajustada à racionalidade neoliberal, moldada por imperativos de eficácia, autocontrole emocional e sucesso visível. Como aponta Marlene de Fáveri (2013), vivemos uma era da exterioridade, em que os sujeitos valem pelo que demonstram, não pelo que são. Na religião, isso se traduz em cultos-coreografia, testemunhos encenados e fé convertida em performance. A salvação eterna dá lugar à “visibilidade da bênção”.

Reconhecer essa dinâmica é crucial para compreender os dilemas contemporâneos da espiritualidade latino-americana. A religião, longe de desaparecer na modernidade, assume um papel central na formação de identidades, na mediação das crises e na legitimação de novas hierarquias sociais. O que está em jogo não é apenas o conteúdo da fé, mas o modo como ela é usada para governar vidas, moldar afetos e organizar o mundo.

Nesse cenário, a crítica não deve ser dirigida aos fiéis — que, muitas vezes, buscam refúgio em meio ao sofrimento e à exclusão —, mas à instrumentalização da fé por racionalidades mercantis, que reconfiguram o sagrado como dispositivo de conformismo e autopacificação.

442



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Entre a cruz e o código de barras, entre o altar e o algoritmo, a religião do século XXI se debate entre ser potência de emancipação ou engrenagem de dominação.

É tarefa das ciências humanas, e especialmente da história e da sociologia da religião, iluminar essas tensões, não para negar a fé, mas para libertá-la dos grilhões do mercado. Como afirmou Walter Benjamin (2012), “nem mesmo os mortos estarão a salvo se o inimigo vencer” — e o inimigo, neste caso, é a neutralização da religião como força crítica. Cabe-nos, portanto, preservar a memória do sagrado como lugar de resistência, e não apenas de rendimento.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. Religião e mídia: novas formas de conexão com o sagrado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 56, 2004.

BELLER, Jonathan. *The Cinematic Mode of Production: Attention Economy and the Society of the Spectacle*. Hanover: Dartmouth College Press, 2006.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BROWN, Wendy. *Nas Ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Politécnica, 2019.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. *Millennial Capitalism and the Culture of Neoliberalism*. Durham: Duke University Press, 2000.

DUFOUR, Dany-Robert. *A Arte de Reduzir Cabeças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FÁVERI, Marlene de. *Corpos, Gênero e Subjetividades*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

443



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

INOUE, Cristina Yumie Aoki. Neoliberalismo e subjetividade. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 10, p. 9-33, 2013.

LEHMANN, David. Struggle for the Spirit: Religious Transformation and Popular Culture in Brazil and Latin America. Cambridge: Polity Press, 1996.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCELINO, Elaine Christine. Pentecostalismo e espetáculo: estética, emoção e consumo nas igrejas contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2012.

444



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A DEUSA TRACIA BENDIS NA CULTURA MATERIAL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO

José Roberto de Paiva Gomes¹

Introdução

O estudo da cultura material grega é fundamental para os estudos clássicos contemporâneos, pois permite acessar dimensões da vida cotidiana, das práticas religiosas e das relações sociais que muitas vezes escapam às fontes textuais. Segundo Meneses (1983, p. 104), a cultura material deve ser compreendida como um campo de fenômenos históricos que, sem sua análise, compromete-se a compreensão plena das sociedades antigas. Essa abordagem tem ganhado força ao longo das últimas décadas, especialmente com o avanço da arqueologia e da história conectada, como destaca Vieira (2020, p. 21), ao afirmar que os objetos materiais funcionam como mediadores das redes sociais e culturais no mundo grego. Além disso, Malkin (2011, p. 15) propõe que a análise de artefatos e inscrições revela uma Grécia plural e interconectada, desafiando visões eurocêntricas e lineares da Antiguidade. Broodbank (2013, p. 27) reforça essa perspectiva ao tratar o Mediterrâneo como um espaço fluido de trocas culturais, onde a cultura material desempenha papel central na construção de identidades e na circulação de saberes. Assim, o estudo da cultura material não apenas complementa os registros escritos, mas também se configura como um debate contemporâneo sobre memória, poder e representação no campo dos estudos clássicos.

A cultura material grega, especialmente no contexto ateniense do século V a.C., revela-se como um campo privilegiado para compreender as práticas sociais, os rituais cívicos e as representações visuais que estruturavam a pólis. Maria Regina Cândido (2011, p. 2045), ao analisar os vasos *kybôes* utilizados no ritual das Anthesterias, destaca que a imagem grega funcionava como uma mensagem visual destinada ao outro, sendo os recipientes cerâmicos

445

¹ Professor adjunto de História Antiga e Medieval (2024-atual) ministrando a disciplina História Antiga Oriental, Pós doutor em História política pelo PPGH da UERJ (2019) atuando na disciplina Tópico de Arqueologia Antiga (2000-2003) em conjunto com a supervisora de Pesquisa (Profa. Dra. Maria Regina Cândido), Doutor (2015) e Mestre (2004) em História Comparada, Bacharel e Licenciado em História (ênfase em História Antiga - 2000); Pesquisador colaborador do NEA/UERJ (2000-atual); Professor colaborador do NEA/UERJ e CMCN – Cruzeiro (2013) e CEHAM/NEA/UERJ) na disciplina “Metodologia - Estudos Pedagógicos – Educação no Mundo Antigo” (2011-2025). <https://orcid.org/0000-0002-4162-6072>



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



não apenas objetos funcionais, mas suportes de significação que comunicavam valores, crenças e identidades. A autora propõe uma abordagem semiótica da cultura material, tratando os vasos como documentos históricos que exigem decodificação para revelar os sentidos atribuídos pelos antigos atenienses. Neyde Theml (2004, p. 250), por sua vez, ao discutir o status dos artesãos na pólis, enfatiza que os vestígios materiais — como ferramentas, cerâmicas e esculturas — são fundamentais para compreender as hierarquias sociais e os discursos simbólicos sobre o trabalho e a cidadania. Ambas as autoras convergem ao tratar a cultura material como fonte ativa de produção de sentido histórico, revelando que os objetos não são apenas testemunhos arqueológicos, mas agentes que participam da construção da memória e da identidade coletiva na Grécia Antiga.

A presença da deusa trácia Bendis em vasos áticos de figuras vermelhas, especialmente em cenas de procissão e cavalaria, revela não apenas sua participação em festividades públicas como a *Bendideia*, mas também sua assimilação simbólica na cultura ateniense. Esses vasos funcionavam como mais do que objetos decorativos: eram instrumentos de memória cultural e integração ideológica, como argumenta Boardman (2001, p. 128–138), ao destacar o papel narrativo da cerâmica grega na construção de identidade coletiva. Segundo Janouchová (2013), a iconografia de Bendis em vasos e relevos votivos reflete uma tentativa deliberada de associá-la à deusa Artemis, suavizando sua origem estrangeira e facilitando sua aceitação no panteão ateniense. Sara Wijma (2008) propõe que a representação de Bendis em contextos cerimoniais e religiosos revela um mecanismo de inclusão social, no qual a cerâmica atuava como meio visual para legitimar a presença de grupos estrangeiros — como os trácios — dentro da estrutura cívica de Atenas. Assim, os vasos não apenas registravam eventos, mas também desempenhavam um papel ativo na negociação entre tradição local e influências externas.

Bendis era uma deusa trácia cujo culto foi incorporado em Atenas por volta do século V a.C., uma divindade trácia associada à lua, à caça e à conexão entre culturas. Seu festival, a *Bendideia*, incluía procissões, banquetes e uma corrida de tochas noturna, simbolizando a integração entre trácios e atenienses (Gomes, 2023, p. 1512-1534).

Bendis na documentação antiga

A deusa Bendis será associada a fertilidade e a caça noturna, sendo ligada as divindades Ártemis, Hécate e Perséfone. No ritual, as mulheres ofereciam trigo. Costumavam-se fazer oferendas nas encruzilhadas com bolos em forma de meia-lua.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A deusa trácia se apresenta trajando um barrete frígio, manto e túnica curta (de pele), de botas e carregando uma lança. Cratinus na obra *Thrattai*, identifica-a como a portadora de lança dupla (Braund, 2017).

O autor satírico Cratinus ressalta o ataque aos cultos estrangeiros e perseguições aos novos deuses e seus seguidores, por uma parte da população. Os cultos estrangeiros de mistérios estavam frequentemente relacionados as cerimónias noturnas associadas a comportamentos efeminados e obscenos (Brewer, 1894, p. 73).

A partir das referências descritas por Cratinus podemos supor que a divindade era conhecida pelos atenienses no período arcaico (Janouchova, 2013, p. 95; Pache, 2001, p. 6).

Alguns estudiosos (Delneri, 2006; Vlassopoulos, 2007), destacam o culto de Bendis como um culto de mistério estrangeiro, em conjunto com Sabazis e Cotys. Os atenienses podem ter misturado o culto de Bendis com as

festas de Dionísios de Kotys, presente em Ésquilo e outros escritores antigos (como Hypponax). Sob a influência oriental, Bendis era frequentemente identificada com divindades da noite – Cottyto, Cibele e Hécate. No mesmo

período, foram encontradas figuras de Bendis, na atual Bulgária, destacando a matriz ritual do culto estrangeiro da

Grande Deusa Mãe arcaica (Webber, 2019).

Outras relações colocam o culto relacionado aos seguidores de Dioniso (por causa dos sátiros e das menades).

A deusa trácia Bendis também era uma divindade associada ao mundo selvagem, guardiã dos bosques, da caça e dos animais selvagens, além de tutora na iniciação das jovens. Vestia uma aljava e “chitoniscos”, uma túnica curta semelhante à de Gaia, complementada por um manto de caçadora, botas de pele e uma lança.

Além das regiões vizinhas à Trácia, o culto de Bendis ganhou expressão significativa apenas em Atenas. Com o início da Guerra do Peloponeso, os atenienses autorizaram a construção de um santuário dedicado à deusa trácia e, pouco tempo depois, instituíram o festival estatal conhecido como *Bendideia*. A primeira celebração ocorreu em 19 de Thargelion (maio-junho) de 429 a.C., no porto do Pireu. Essa festividade envolvia duas procissões, uma corrida de tochas a cavalo e uma vigília noturna — elementos que serviram de pano de fundo dramático para a obra *República*, de Platão, evidenciando a integração entre práticas religiosas e a vida intelectual ateniense (Burkert, 1985).

A presença da deusa trácia Bendis na cultura material ateniense revela um processo de negociação simbólica entre tradição cívica e alteridade religiosa. Representações cerâmicas como a taça de Verona e o *skyphos* de Tübingen mostram Bendis em trajes trácios — botas

447



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

altas, alopekis, manto — ao lado de figuras como Themis e Artemis, sugerindo uma tentativa de integração visual e cultural. Segundo Reitzammer (2016, p. 112–135), essa iconografia não apenas legitima o culto estrangeiro, mas também reflete a flexibilidade da religiosidade ateniense diante de influências externas. Munn (2006, p. 78–85) propõe que Bendis, ao ser inserida em contextos cerimoniais urbanos, assume funções de mediação entre o mundo selvagem e o cívico, evocando paralelos com cultos de soberania como o da Mãe dos Deuses. Já Slaveva-Griffin (2005, p. 312–317) interpreta a *Bendideia* descrita por Platão como um espaço de tensão filosófica e política, onde a figura de Bendis atua como contraponto à racionalidade socrática e à tradição órfica. A análise de Tsiafaki (2016, p. 261–282) sobre a iconografia trácia em vasos áticos reforça essa leitura ao mostrar como os atenienses projetavam suas próprias concepções sobre o “bárbaro” por meio da arte. Assim, Bendis emerge não apenas como deusa da caça e da lua, mas como símbolo de reinvenção religiosa e cultural — uma figura que, mesmo originária da periferia trácia, continua a inspirar debates contemporâneos sobre identidade, acolhimento e espiritualidade.

O barrete ou gorro frígio, chamado alopekis em grego, identificava Bendis e a aproximava de Ártemis, reforçando sua origem trácia. Seu culto foi adotado em Atenas por volta de 430 a.C., e seus ritos são mencionados por Platão (*Republica*, v.328), Estrabão (*Geografia*, 50) e Suda (s.v. Anoubeidion).

Na obra *República*, Platão apresenta Sócrates descendo ao Pireu com Glauco para realizar orações em homenagem à deusa Bendis e assistir à primeira celebração da *Bendideia*. Ele comenta com admiração sobre a procissão dos habitantes e, ainda mais, a dos trácios. Após a cerimônia, voltam à cidade, mas Adimanto menciona uma corrida de tochas a cavalo — uma novidade que surpreende Sócrates, curioso sobre como seriam realizadas as passagens de tochas durante a disputa. Polémarco confirma a corrida e acrescenta que haverá uma festa noturna, prometendo uma grande reunião de jovens e conversas após o jantar. (Platão. *República*, Livro I).

Em Atenas, desenvolveu-se um festival trazido da Trácia, por imigrantes residentes domiciliados (metecos). Existe uma referência a *bendideia* à época de Platão (*Republica*, 328) que se podia chamar de “corrida das tochas” consistindo em corridas de cavalos e de procissões indo do Pritaneu até o porto do Pireu. Há registros do festival (*República* 327a, 328a e 354a), e um dos eventos noturnos mais marcantes incluía uma corrida de cavalos, na qual os cavaleiros carregavam tochas.

Instituiu-se a corrida, em honra da deusa Bendis, mais ou menos em 429 (I. G. I,3,36: cf. Pecirka 1966, p. 122-130). A corrida a cavalo era uma característica trácia do festival, como tais corridas em festivais atenienses eram geralmente realizadas a pé, e trácios eram famosos

448



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

por seu hipismo, embora não se saiba se corridas semelhantes também foram realizadas na própria Trácia.

(Hedrick, 2007, p. 192).

Os adoradores vindos de Atenas processaram a partir do Prytaneion, enquanto os adoradores trácios de Bendis no Pireu organizaram uma procissão separada, possivelmente organizada para que se juntasse ao contingente ateniense antes de chegarem ao santuário. A procissão de Atenas – a seis milhas do santuário – foi provida de esponjas e bacias para lavar e guirlandas; os celebrantes, então, almoçaram no recinto do santuário (Parker, 1996, p. 149-152).



I. Ruínas do Pritaneu de Atenas, o edifício sede dos Prítanes, situado na ágora. (foto do autor -2012)



II. Localização do santuário (*bendideion*), perto do santuário de Artemis na região de Munychia. (imagem Google Earth)

Algumas motivações existiram para a introdução do culto a deusa Bendis em território ático, a saber: Políticas: a aliança entre Atenas e Trácia durante o reinado dos reis Odrisyanos e a naturalização de Sadocos, como cidadão (xênia sagrada); religiosas: a adoção da deusa de uma



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

versão de Lemnos, a partir das incursões de Milcíades, após a batalha de Maratona; De uma expressão de Aristófanes, da comédia "As Mulheres Lemnianas" que a chamou de megalê theos "a grande deusa" (Phot. Lex. e Hesych. s. v.); sociais: movimentos migratórios de trácios, frígios e bithianos, após a paz do rei persa.

No século V a.C., a região da Trácia passou por profundas transformações políticas e culturais, consolidando-se como um espaço estratégico entre o mundo grego e os impérios orientais. Segundo Vojslav Saranski (2008, p. 87), a formação do Reino Odrísio marcou um momento de centralização do poder entre os trácios, com a dinastia de Cótis I buscando unificar tribos dispersas sob uma estrutura monárquica influenciada por modelos gregos e persas. Saranski destaca que, embora os trácios mantivessem práticas religiosas e sociais próprias, como o culto a Zalmoxis e a valorização da bravura guerreira, houve uma crescente helenização das elites locais, visível na adoção de elementos artísticos, linguísticos e administrativos gregos. Essa interação cultural não foi passiva: os trácios também influenciaram os gregos, especialmente nas práticas rituais e na iconografia de divindades como Bendis. A Trácia do século V, portanto, aparece como um território de fronteira dinâmica, onde identidades eram negociadas e poder era disputado entre reinos locais, Atenas e o legado persa.

Temos por hipótese que o culto da deusa trácia Bendis tenha sido levado por Milcíades e sua tripulação para Atica e cultuada na região da Dácia. Mais tarde, por volta de 429/30, o culto, conforme Platão na República (1.327c-1.328a) foi adotado por grupos de trácios domiciliados (metecos) e, depois, por atenienses. Existindo uma controvérsia, se o culto conjugava os dois grupos ou se existiram em paralelo. A adoção do culto, de acordo com parte da historiografia ocorreu quando os atenienses se uniram com as tribos trácias odrísianas, contra as investidas macedônicas de Filipe II nas fronteiras da região do rio Neso (Jakounova, 2013; Archibald, 1998).

A figuração de Bendis na cultura material: alguns exemplos

Atestada pela primeira vez nas contas dos tesouros dos outros Deuses, em 429/8 (IG I3 383, ll. 142-43), a deusa está ligada também à divindade frígia Adrasteia; em 423/2, no entanto, elas aparecem separadas, conforme IG I3 369, ll. 67-68). Provavelmente o culto já havia sido introduzido antes da fundação do tesouro talvez em 434/3 (ver IG I3 52).

Um skyphos ático de figuras vermelhas do final do século V em Tübingen, mostra Themis entregando uma cesta de oferendas à deusa trácia Bendis. Podendo ser interpretado como

450



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

um gesto de aceitação pela divindade Themis, à deusa estrangeira para um posicionamento no culto ático (Nilsson, 1942; Simon, 1953).

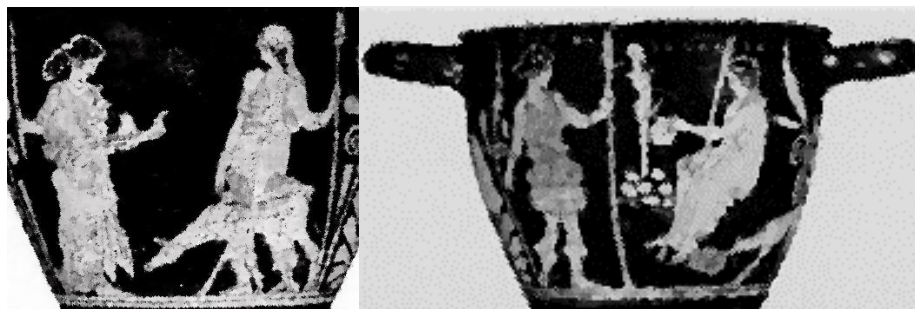


Imagem 1 - Skyphos, figura vermelha, Universidade de Tübingen (F 2, ARV2 1023, no. 147.), 440-430, ambas as faces (arte do autor)

Apesar da aversão de uma parte da elite ateniense, observamos a presença de cultos de divindades estrangeiras em Atenas, a partir da introdução de Bendis no decreto ao “Tesouro dos outros deuses” e sua associação com Adrasteia (deusa frigia) e Themis, conforme destaca Phiale Painter, em uma cena de um vaso Skyphos.

O Phiale Painter foi um destacado artista da cerâmica ático de figuras vermelhas, ativo entre 460 e 430 a.C., cuja identidade permanece desconhecida, mas cuja obra revela uma personalidade artística singular. Considerado discípulo do Achilles Painter, o Phiale Painter se diferencia por sua preferência por cenas narrativas e vasos de grande porte, como os cálices-krateres com registros múltiplos de figuras. Sua produção inclui também peças em técnica de fundo branco, como lekythoi funerários, nos quais demonstra refinamento gráfico e sensibilidade dramática, possivelmente influenciada pelo teatro contemporâneo — como se observa na representação de Hermes na lítia de Oropos, evocando a tragédia *Alceste* de Eurípides. A escolha recorrente do nome "Euaion", filho de Ésquilo, nas inscrições kalos, reforça essa conexão com o universo teatral. A análise estilística de suas obras revela traços precisos, composições equilibradas e uma abordagem expressiva dos temas mitológicos e cotidianos, consolidando sua importância na tradição cerâmica clássica ateniense.

Outra divindade incorporada ao panteão será Cefiso, conforme a cena B do Skyphos, associado com Demeter e a questão da migração. De acordo com o Hino a Demeter, o herói caçador (tal qual como Bendis) trouxe a divindade travestida de velha de Creta para a região ática de Thorikos. A localidade comportava um importante porto e perto das minas de prata do Laurion, outro local onde os metecos trácios desembarcaram.

451



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

No caso de Themis, a divindade será mostrada como a personificação das leis religiosas. Na cena da taça de Tuibingen, a deusa cumprimenta Bendis, embora seja a divindade quem segura a tocha, bem como um *kanoun* tradicional (cesta de oferta). Erika Simon (1983, p. 12-15) explica a cena mostrando Themis na qualidade de paredros (oficiante) de Delfos Apolo, sancionando o estabelecimento do novo culto da divindade trácia em Atenas.

A conexão Bendis-Themis será repetida em um par de taça sem pé em Verona (435 a. C.), também atribuídos a Phiale Painter. Bendis será ilustrada no centro da taça, e do outro ilustra uma mulher, cuja aparência será semelhante à de Themis como ilustrado no skyphos de Tuibingen.

A taça de Verona, atribuída ao Phiale Painter (c. 440–430 a.C.), traz uma figura feminina realizando uma libação diante de um altar, identificada por Beazley como Themis, com base na comparação com outra taça pareada (Verona 52), cuja tondo central retrata Bendis em trajes trácios e em cena de caça. A justaposição dessas duas imagens parece revelar uma construção simbólica deliberada entre tradição e alteridade religiosa, onde Themis representa a ordem divina e cívica, e Bendis encarna a potência lunar e selvagem de origem estrangeira. Essa representação reforça a estratégia visual de assimilação do culto trácia dentro do imaginário ateniense, numa tentativa de integração sob os valores da polis democrática. Ao lado de outras figuras, como Artemis e Theseus, Bendis é gradualmente inserida em narrativas que legitimam sua presença cultural em Atenas, revelando, como argumenta Oakley (1990, p. 47–57), o papel ativo da pintura cerâmica na renegociação da identidade religiosa ateniense. Estudos como os de Beschi (1990, p. 29–36) e Curti (1989, p. 26–27) aprofundam essa análise ao destacar as fusões entre Bendis e divindades gregas, especialmente Artemis, em contextos coloniais e fronteiriços, enquanto Braund (2021, p. 3–24) propõe uma dimensão órfica e funerária para a deusa, ampliando seu alcance simbólico. Janouchová (2013, p. 95–106) complementa essa perspectiva ao comparar a iconografia de Bendis em Atenas e na Trácia, demonstrando estratégias locais de adaptação que revelam não apenas práticas devocionais, mas também um discurso visual sobre pertencimento, acolhimento e reinvenção do sagrado.

A representação conjunta de Bendis e Themis em vasos áticos de figuras vermelhas, como no *skyphos* atribuído ao Phiale Painter (c. 440–430 a.C.), revela tensões e negociações visuais entre o tradicional e o estrangeiro no imaginário ateniense. John Boardman (2001, p. 134–135) argumenta que essas composições cerâmicas funcionavam como registros ideológicos que reforçavam valores coletivos e revelavam a plasticidade do panteão grego ao incorporar figuras não helênicas. Ao lado de Themis — símbolo da justiça e da ordem divina —, a figura de Bendis, vestida à moda trácia e envolvida em atividades cerimoniais como a *Bendideia*,

452



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sugere não apenas aceitação, mas legitimação cultural de divindades estrangeiras. Irene Berti (2001, p. 289–298) reforça essa leitura ao destacar como o culto de Themis, difundido em diferentes regiões gregas e da Ásia Menor, funcionava como estabilizador simbólico das práticas religiosas locais, tornando sua presença em vasos um contraponto à novidade encarnada por Bendis. Contudo, Sara Wijma (2014) oferece uma perspectiva voltada à integração social dos metecos, sugerindo que a presença visual de Bendis em rituais públicos — e por extensão em objetos votivos — servia como ferramenta de visibilidade e pertencimento para comunidades estrangeiras em Atenas. Nesse sentido, o encontro iconográfico entre Bendis e Themis representa não apenas um sincretismo religioso, mas uma estratégia política e social de construção da identidade coletiva ateniense.

Petra Janouchová (2013, p. 95–106) reforça essa perspectiva ao comparar a iconografia de Bendis em Atenas e na Trácia, apontando diferenças significativas que revelam adaptações locais e estratégias de assimilação. D. Braund (2021) propõe que a associação entre Bendis e outras figuras como Adrasteia e Hécate indica uma dimensão funerária e órfica do culto, ampliando seu papel para além da caça e da lua. Assim, a justaposição de Bendis e Themis em vasos não apenas registra eventos cerimoniais, mas também atua como meio de construção simbólica da identidade ateniense diante da alteridade trácia.

453

A guisa de conclusão

Podemos destacar que a introdução da divindade trácia ao panteão ateniense esteja ligada ao Oráculo de Dodona, por ocasião do enfrentamento de atenienses e trácios odrysianos contra os macedônicos, dentro de uma aliança político-militar (Janouchova, 2013, 95). A atividade ritual, a assemelha a deusa Ártemis, a deusa da caça, bem como as outras deusas, como Demeter, Perséfone, Hekaté e Selene ligada ao ciclo de crescimento de plantas, o domínio do civilizado/selvagem e ao cultivo de grãos. Atividades importantes para a manutenção da polis, interligado o público com a venda de couro pelos oficiantes e o privado, com o uso dos grãos consagrados e posterior consumo nas refeições coletivas e individuais.

Por fim, Bendis foi representada em cerâmica ático de figuras vermelhas, frequentemente ao lado de divindades como Ártemis e Apolo, evidenciando sua assimilação simbólica ao panteão grego. Votivos em relevo, estatuetas e inscrições foram encontrados em locais como Pireu e Laurion, indicando a popularidade local do culto. A iconografia de Bendis mesclava elementos trácios e gregos: ela era retratada com túnica curta, capa com pele de raposa e botas altas, além de carregar tochas ou lanças duplas, reforçando sua associação com a caça e a lua. Apesar de sua adoração não ter se espalhado amplamente fora de Atenas, o culto de



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Bendis permaneceu como um exemplo singular de acolhimento de práticas estrangeiras dentro da religião cívica ateniense.

A escolha de representar Bendis e Themis em vasos de uso cotidiano, como taças e *skyphoi*, revela uma estratégia de normalização do culto trácio. Ao lado de figuras como Theseus e Artemis, Bendis é inserida em narrativas visuais que reforçam sua legitimidade dentro do imaginário ateniense. Essa iconografia não apenas documenta práticas religiosas, mas também atua como ferramenta de integração cultural e afirmação política da Atenas democrática como centro de acolhimento de cultos estrangeiros.

O culto de Bendis, reflete, enfim, a ambivalência dos atenienses para com os trácios e ajuda a iluminar a antiga abordagem polarizada grega para as dimensões religiosas, políticas e étnicas.

Referências

Archibald, Z. H. **The Odrysian Kingdom of Thrace, Orpheus Unmasked**. Oxford, 1998.

Braund, D. *The Goddess Bendis in Fifth Century Athenian Culture*. **Journal of Ancient History**, 3(77), 2021, 575-598.

Braund, D. *The goddess Bendis in Fifth Century Athenian culture*. **Journal of Ancient History** 3 (77), 2021.

Beazley, J. D. **Attic Red Figure Vase Painters**, 2ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1963.

Beschi, L. "Bendis, the Great Goddess of the Thracians, in Athens." **Orpheus – Journal of Indo-European and Thracian Studies**, 1990, p. 29–36.

Berti, I. "Il culto di Themis in Grecia ed in Asia Minore." **Annuario della scuola archeologica di Atene**, vol. 3, 2001, p. 289–298.

Berti, I. *Epigraphical documentary evidence for the Themis cult: prophecy and politics*. **Kernos** 15, 2002, p. 225–254.

Boardman, J. **Athenian Red Figure Vases: The Classical Period**. London: Thames and Hudson, 1989.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Boardman, J. **The History of Greek Vases**. London: Thames and Hudson, 2001, p. 128-138.

Brodbank, C. **The Making of the Middle Sea: A History of the Mediterranean from the Beginning to the Emergence of the Classical World**. Oxford University Press, 2013.

Burkert, Walter. **Greek Religion**. Harvard University Press, 1985.

Cobham Brewer, Ebenezer. **Brewer's Dictionary of Phrase and Fable - Revised and Updated Edition**. Harper & Brothers. New York: 1894.

Curti, E. "Il culto di Artemis-Bendis ad Eraclea." **Studi su Siris-Eraclea**, Roma, 1989, p. 26–27.
Delneri, F. **I culti misterici stranieri nei frammenti della commedia attica antica**. Bologna: Pàtron Editore, 2006.

GOMES, J. R. de P. *A deusa Bendis: o feminino e as questões de gênero*. **ANPUH – Parcerias**, v. 1, 2023, p. 1512-1534.

Humphreys, S. C. *Filosofia e religião na Grécia: dinâmica de ruptura e diálogo*. **Classica**, Belo Horizonte, 1990, p. 323-336.

Hedrick, Charles W. "Religion and Society in Classical Greece". Ogden, Daniel (ed.). **A Companion to Greek Religion**. Blackwell, 2007, p. 281-296.

Janouchová, Petra. "The Cult of Bendis in Athens and Thrace.". **Graeco-Latina Brunensia**, **18(1)**, 2013, p. 95–106.

Malkin, Irad. **A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean**. Oxford University Press, 2011.

Meneses, U. T. Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. USP, 1983.

Munn, M. **The Mother of the Gods, Athens and the Tyranny of Asia**. Berkeley: University of California Press, 2006, p. 78–85.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nilsson, Martin P. *Geschichte der griechischen Religion*, C.H. Beck, München, 1942.
Oakley, J. H. *The Phiale Painter (Kerameus 8)*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1990.

Parker, R. *Athenian Religion: A History*. Oxford, 1996.

Planeaux, Christopher. "The Date of Bendis' Entry into Attica". *The Classical Journal* 96, no. 2, 2000, p. 165–92.

Pache, C. O. *Barbarian Bond: Thracian Bendis Among the Athenians*. Asirvatham, S. R.; Pache, C. O.; – Watrous, J. [eds.]. *Between Magic and Religion*. Maryland, 2001, p. 3–12.

Pecirka, J. *The Formula for the Grant of Enktesis in Attic Inscriptions*. Prague, *Acta Universitatis Carolinae, Philosophica et Historica Monographia* 15, 1966.

Reitzammer, L. *The Athenian Adonia in Context*. Madison: University of Wisconsin Press, 2016, p. 112–135.

SARANSKI, V. *Thrace and the Greek World: Cultural Frontiers in the Fifth Century BC*. Belgrade: Academy of Historical Sciences, 2008.

Slaveva-Griffin, S. "A Feast of Speeches: Form and Content in Plato's *Timaeus*." *Hermes*, 133, 2005, p. 312–317.

Smith, A. C. *Athenian Political Art from the Fifth and Fourth Centuries BCE: Images of Political Personifications*. *Dēmos · Classical Athenian Democracy · a Stoa Publication*, 2013.

Simon, Erica. *Festival of Attica*, 1983.

Vassoupoulos, K. *Unthinking the Greek Polis*. Cambridge University Press, 2007.

Theml, N. *Artesãos e status na pólis dos atenienses*. *Phoenix*, v. 10, 2004, p. 246–274.

Vieira, A. L. B. *Cultura material e as conexões no Mundo Grego*. *Revista Romanitas*, UFES, 2020, p-20-32.

456



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Tsiafaki, D. “*Ancient Thrace and Thracians through the Athenian Eyes.*” **Thracia**, **21**, 2016, p. 261–282.

Webber, Ch. **The Thracians, 700 BC-AD 46**. Osprey Pub. 2019.

Wijma, S. M. **Embracing the Immigrant: The Participation of Metics in Athenian Polis Religion (5th–4th century BC)**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2014. (Historia – Einzelschriften, 233).

457



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A REPÚBLICA EM CRISE: A REVOLTA TENENTISTA DE 1924 COMO REFLEXO DA INSTABILIDADE OLIGÁRQUICA

Renan Aguiar¹

José Fabio Rodrigues Maciel²

Introdução

A transição do regime monárquico para o republicano, no Brasil, foi conduzida por republicanos civis e militares, grupos de origens e objetivos distintos. A maioria dos militares, influenciada pelo positivismo, desejava reduzir a dependência da economia agrário-exportadora, defendendo a industrialização, o fortalecimento das classes médias urbanas e a modernização das forças armadas para o enfrentamento de ameaças internas e externas. Entre os civis, destacou-se o Partido Republicano Paulista (PRP), cujo projeto visava fortalecer a produção e exportação de café, setor em expansão no “Oeste Paulista”, assegurando condições econômicas e estruturais para seu crescimento.

Em 1889, um golpe protagonizado por Deodoro da Fonseca proclamou a República, inaugurando a Primeira República ou República Velha, que é normalmente dividida em: República da Espada (1889–1894) e República Oligárquica (1894–1930). A primeira fase foi marcada pela predominância militar, enquanto a segunda foi caracterizada pelo domínio político das oligarquias, especialmente paulista e mineira, no que a historiografia denominou “política do café com leite”.

Apesar da união para a promoção do golpe, não havia consenso entre as lideranças sobre os modelos econômico e político a adotar, gerando instabilidade, sobretudo na República da Espada. A transição para a República Oligárquica ocorreu gradualmente, com a substituição da influência militar pelo predomínio das oligarquias estaduais, cenário que favoreceu o surgimento

458

¹ Doutor em Direito pela Universidade Federal Fluminense (Uff), Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), bacharel em Direito pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Autor, com diversos livros publicados na área, com destaque para Manual de História do Direito, em sua 10ª edição pela Editora Saraiva.

² Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (1997) e mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003), é Advogado e Professor de História do Direito e Direito Constitucional. Autor, com diversos livros publicados na área, com destaque para Manual de História do Direito, em sua 10ª edição pela Editora Saraiva. Doutorando no Programa Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), pela Universidade de São Paulo - USP.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

do tenentismo. Conflitos como a Revolta da Armada e a Revolução Federalista expuseram a dificuldade de harmonizar projetos divergentes.

Em 1891, Deodoro foi eleito indiretamente presidente, enquanto Floriano Peixoto, eleito vice pela chapa adversária, assumiu o cargo com a renúncia de Deodoro. Ligado ao projeto industrializante, Floriano enfrentou resistência das oligarquias paulistas, intensificada após o Encilhamento, crise que abalou o sistema financeiro, elevou a inflação e enfraqueceu seu governo. A eleição de Prudente de Moraes em 1894 consolidou a liderança paulista, favorecendo interesses agrários e relegando o setor urbano. Embora mais estável, a República Oligárquica continuou vulnerável a movimentos golpistas e revolucionários, recorrendo frequentemente ao estado de sítio. Em 1898, Campos Salles “desenvolveu” a “Política dos Governadores”, articulando o governo federal com elites estaduais por meio de alianças e do controle eleitoral exercido por coronéis. Apesar disso, o período registrou conflitos como Canudos, Contestado, Revolta da Vacina, greves operárias, cangaço, Coluna Prestes e o tenentismo.

A Revolta de 5 de julho de 1924 foi um dos episódios mais conturbados do início do século XX. Militares e civis tentaram derrubar o governo oligárquico e implementar reformas. Em São Paulo, ataques estratégicos garantiram inicialmente o controle parcial da capital, mas a falta de coordenação nacional e a forte repressão, com uso inédito de bombardeios aéreos, levaram à derrota e à retirada para o interior, onde os rebeldes se uniram à Coluna Prestes.

Surge, então, a questão: como o estado de São Paulo, principal pilar da política do café com leite, foi palco de tamanha revolta? E como um sistema supostamente monolítico sofreu tal abalo? Fica evidente que as imagens da República do Café com Leite e da política dos governadores não possuíam a solidez que a historiografia tradicional lhes atribuiu. O presente trabalho, a partir da revisão da literatura, explorará a Revolta de 5 de julho de 1924, sob o pano de fundo da distribuição do poder na Primeira República, com o objetivo de falsear a imagem tradicional da República Oligarca solidamente estabelecida sobre a coesão política nos estados e entre os estados liderados pelo Café com Leite, mas – especialmente – pela oligarquia paulista.

A Estabilidade da República Oligárquica

No Segundo Reinado, os cafeicultores paulistas acumularam grande capital econômico e político, sendo decisivos para o sucesso do golpe que proclamou a República. Nos primeiros anos do novo regime, porém, o comando da República contrastava com o poder econômico das oligarquias, pois os presidentes eram militares sem submissão a qualquer grupo. Essa contradição explica parte da instabilidade da República da Espada, mas a persistência dessa

459



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

instabilidade após os governos militares mostrou que o poder econômico, por si só, não garantia estabilidade política (MACIEL; AGUIAR, 2022, pp. 330-334).

Durante a Primeira República, o café consolidou-se como principal produto de exportação, sustentando uma relação simbiótica entre poder político e econômico dos cafeicultores. Políticas como a valorização e a formação de estoques reguladores transferiam prejuízos ao Estado e asseguravam lucros da elite cafeeira, concentrada no centro-oeste paulista. Quando havia excedente, o governo comprava o café, muitas vezes com empréstimos externos, e destruía parte da produção para manter preços e garantir a prosperidade dos produtores.

Apesar de sua força, a oligarquia paulista dependia de alianças com outras elites regionais para consolidar seu domínio. A ausência de um poder moderador, extinto com a República, deixou um vácuo institucional que, desde o fim do Império, impediu a mediação eficaz de disputas e a alternância ordenada entre grupos dominantes, gerando uma década de instabilidade (LYNCH, 2012, p. 88).

Essa lacuna ampliou os conflitos entre cafeicultores, militares e demais republicanos, cujas agendas divergentes dificultavam consensos políticos. O federalismo da Constituição de 1891, ao conceder ampla autonomia aos estados, acentuou a fragmentação do poder. Assim, intervenções federais e estados de sítio tornaram-se frequentes, refletindo a dificuldade do governo central em conter crises regionais (LYNCH, 2012, p. 119-127).

A combinação desses fatores contribuiu para políticas públicas erráticas e para a incapacidade de estabelecer um modelo estável de governança nos primeiros anos republicanos, marcados por disputas constantes e pela ausência de mecanismos eficazes de regulação política, o que comprometeu a coesão institucional e a formação de um sistema político funcional (LESSA, 1999, p. 256-257).

Campos Sales (1898-1902), sucessor de Prudente de Moraes (1894-1898), assumiu o cargo em meio a uma grave crise econômica. Essa crise remontava ao período da República da Espada e tinha como principal causa a política do Encilhamento, implementada pelo então Ministro da Fazenda, Rui Barbosa³.

³ Embora Floriano Peixoto e Prudente de Moraes tenham tentado estabilizar a economia, seus esforços foram malsucedidos. Foi apenas durante o governo de Campos Sales que a estabilidade econômica foi efetivamente iniciada. Quando Campos Sales assumiu a presidência, o Brasil enfrentava o risco iminente de não conseguir arcar com o pagamento dos juros da dívida externa. Diante desse cenário, ainda antes de sua posse, e com a autorização de Prudente de Moraes, Sales viajou a Londres, onde negociou um Funding Loan (empréstimo de refinanciamento) com a Casa Rothschild. O acordo garantiu ao governo brasileiro os recursos necessários para honrar os juros da dívida externa por três anos. Em contrapartida, Sales comprometeu-se a não emitir papel-moeda adicional durante seu mandato e hipotecou a alfândega do Rio de Janeiro como garantia do empréstimo. (ALMEIDA; CROCE, 2016, p. 33).





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Diante desse cenário, Campos Sales (1898-1902), sabedor de que as instabilidades econômicas e políticas eram indissociáveis, afim de consolidar o poder das oligarquias cafeeiras, instituiu a “política dos governadores”. Esse mecanismo garantiu a hegemonia das oligarquias regionais e a exclusão da população do processo decisório, assegurando à elite cafeeira o controle do Estado ao longo de grande parte da Primeira República.

A relativa estabilização política, fruto direto das reformas institucionais e dos arranjos estabelecidos por Campos Sales, permitiu a vitória sistemática dos grupos oligárquicos. Com essa base, o governo central pôde concentrar-se em questões nacionais, como a política de valorização do café. O modelo consolidado fortaleceu, no plano horizontal — relações entre Executivo, Legislativo e Judiciário — e no vertical — União, estados e municípios —, o domínio das elites regionais sobre a estrutura estatal e sua influência nos processos eleitorais. Avesso à democracia, o modelo excluiu a população do debate público e restringiu a arena política ao espaço parlamentar e governamental. A verticalização reduziu outros agentes políticos à representação indireta pelas elites dominantes. O sistema estruturou-se em dois eixos: (a) pragmático, voltado à distribuição de poder entre governadores e suas bases, garantindo a hegemonia oligárquica; e (b) ideológico, fundamentado nos valores do Partido Republicano Paulista (PRP), que orientavam o regime (LESSA, 1999, pp. 256 e 258).

Os grupos oligárquicos, compostos majoritariamente por grandes proprietários, controlavam a política por diversos mecanismos, sendo o coronelismo⁴ o mais emblemático. O sistema eleitoral, marcado pelo voto aberto, favorecia o “voto de cabresto” e a formação de “currais eleitorais”, onde os senhores exerciam controle absoluto sobre o eleitorado. Assim, o coronelismo tornou-se peça central para a consolidação do poder oligárquico e a estabilidade política na Primeira República, especialmente na eleição dos presidentes estaduais.

Esse sistema revelou-se funcional para a Política dos Governadores, um pacto entre líderes estaduais e o governo central que garantiu sustentação mútua entre oligarquias locais e poder federal, reforçando a coesão interna do regime e assegurando sua longevidade.

Nesse arranjo pragmático, os governadores garantiam apoio aos representantes das oligarquias nacionais, que, por sua vez, elegiam o Presidente da República. Em contrapartida, o governo federal reconhecia e legitimava a vitória eleitoral dos deputados e senadores alinhados a esses governadores. Dessa maneira, os governadores mantinham o controle

461

⁴ Desde 1831, com a criação da Guarda Nacional, o poder militar foi concedido a senhores de terra, que assumiram títulos como coronéis e capitães, consolidando uma estrutura de dominação baseada na concentração de poder econômico, político e militar.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

sobre a política local, enquanto o Presidente da República governava sem oposição significativa no parlamento⁵.

A Política dos Governadores, no entanto, não assegurou domínio absoluto de São Paulo, pois o cenário político era marcado por negociações permanentes. O exercício do poder exigia combinações contínuas de persuasão e coerção. A adesão ao projeto do Partido Republicano Paulista, centrado na economia cafeeira, não se restringia aos líderes paulistas, mas expressava um modelo político-econômico sustentado por recursos do café concentrados em São Paulo.

Embora tenha garantido maior estabilidade que a República da Espada, o poder político manteve-se fluido, sustentado por alianças instáveis entre elites estaduais e por um federalismo assimétrico. As oligarquias paulista e mineira ocupavam posições centrais, mas outras oligarquias e atores como o Exército influíam nas decisões e sucessões presidenciais, tornando o equilíbrio constantemente negociado (VISCARDI, 2001, pp. 10-13).

Além do eixo pragmático, o modelo de Campos Sales tinha um conteúdo ético, baseado na ideia de boa gestão e interesse público, alinhado aos interesses da oligarquia cafeeira. Esse discurso, com verniz de modernidade, angariava apoio de diversos grupos. Paradoxalmente, contrastava com a prática pragmática, que desconsiderava valores republicanos em prol da manutenção do poder oligárquico. Renato Lessa caracterizou o modelo como “esquizofrênico” (LESSA, 1999, pp. 258-259). Tal contradição foi evidente em momentos como: (a) a Campanha Civilista (1909); (b) a Reação Republicana (1922) e as revoltas de 5 de julho de 1922 e 1924; e (c) a Aliança Liberal (1930), que expuseram a tensão entre ética e pragmatismo.

Os militares ficaram à margem do pacto político de Campos Sales, mas, com alto grau de organização e capilaridade nacional, mantiveram-se como força latente desde o fim do Império. Ao contrário das elites regionais, estruturavam-se como instituição de Estado, com presença em todo o território, o que lhes conferia vantagem estratégica. Na República, consolidaram um forte espírito de corpo, essencial para enfrentar poderes civis e manter coesão interna em revoltas e crises.

⁵ Segundo a historiografia tradicional, quando os mecanismos políticos tradicionais falhavam em garantir a hegemonia oligárquica, recorria-se a fraudes eleitorais e ao controle institucional da Comissão de Verificação de Poderes. Essa comissão, por meio da prática conhecida como “degola”, cassava mandatos de opositores sob pretextos fraudulentos, assegurando que o parlamento permanecesse subordinado aos interesses das elites dominantes. Esta visão é contestada por Cláudia Viscardi que, após análise dos documentos da Comissão de Verificação de Poderes, percebeu ser a fraude um artifício de todos os grupos políticos (VISCARDI, 2015, pp. 342-344).





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Por terem participado ativamente do golpe republicano, sentiam-se seus garantidores e buscavam “preservar o espírito republicano”. Desse sentimento, comum entre jovens oficiais, nasceu o tenentismo. Tenentes e capitães acreditavam que o Exército se tornara submisso ao modelo da Política dos Governadores e defendiam sua reorganização para liderar a modernização do Estado.

Vindos de camadas médias, partilhavam das dificuldades econômicas nacionais, o que os tornava sensíveis às demandas de setores médios e operários. Reivindicavam reformas no Exército e no sistema político-social, como o fim da corrupção e do voto aberto. Após participarem da campanha oposicionista de Nilo Peçanha, com apoio urbano, foram derrotados pela oligarquia. Com a eleição de Artur Bernardes, em 1922, parte do jovem oficialato tenentista concluiu que apenas a via revolucionária e a insurgência armada poderiam concretizar mudanças.

Ensaando os canhões: a Revolta de 5 de julho de 1922 (18 do Forte)

Após a Primeira Guerra Mundial, o governo Epitácio Pessoa (1919-1922) enfrentou dificuldades para equilibrar as finanças e recuperar os índices econômicos anteriores ao conflito. Greves e movimentos sindicais pressionavam por novos direitos e mudanças nas relações entre capital e trabalho. Incapaz de responder adequadamente, Epitácio perdeu apoio, alimentando, nos anos 1920, a insatisfação social com a República Oligárquica, especialmente entre militares de baixa e média patente e setores médios da sociedade civil (LANG, 2014, p. 1).

A sucessão presidencial de 1922 ocorreu em meio a grave crise econômica. Disputaram Nilo Peçanha, apoiado por militares, e Artur Bernardes, candidato oficial das oligarquias. A campanha foi marcada pelas “cartas falsas”, nas quais Bernardes supostamente atacava Hermes da Fonseca, presidente do Clube Militar (TEIXEIRA, 2022, p. 3). Embora a falsificação, feita por Oldemar Lacerda, tenha sido descoberta em maio, o dano estava feito. Bernardes venceu, mas enfrentou oposição intensa (LANG, 2014, p. 1; REIS, 2014, p. 33). Ainda em 1922, surgiu a primeira revolta tenentista, articulada na Vila Militar, com apoio da Escola Militar do Realengo e do Forte de Copacabana. Defendia-se a depuração moral do regime e a volta à “República da Espada” (REIS, 2014, p. 33). O plano era depor Epitácio, impedir a posse de Bernardes e colocar Hermes na presidência para convocar eleições “limpas”. O estopim foi a prisão de Hermes, em 2 de julho, após declarações sobre a crise sucessória em Pernambuco. Libertado no dia seguinte, manteve-se como liderança simbólica (SILVA, 1998, p. 128–141).

463



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Na madrugada de 5 de julho, o Forte de Copacabana abriu fogo, mas não recebeu apoio da Vila Militar. A Escola Militar aderiu brevemente e recuou. No Forte, Siqueira Campos liberou quem não quisesse lutar; dos 300 insurgentes, 27 permaneceram e decidiram enfrentar as forças legalistas. Nas ruas, o grupo foi reduzido a nove combatentes; sete morreram e dois ficaram feridos. Um civil, que aderiu à caminhada, também foi morto (REIS, 2018, p. 37). O “Episódio dos 18 do Forte” é, segundo Hélio Silva, invenção da Gazeta de Notícias: nunca foram dezoito (SILVA, 1998, p. 152). Tornou-se, porém, marco simbólico para a Revolta de 1924, que também ocorreria em 5 de julho.

Apesar das resistências, Bernardes tomou posse em 15 de novembro de 1922, governando sob quase permanente estado de sítio. Era visto por militares como representante das velhas oligarquias; as cartas falsas e a prisão de Hermes marcaram sua imagem (TEIXEIRA, 2022, p. 4). A repressão à revolta incluiu prisões e processos que se estenderam por todo o governo. Em 1923, o senador Irineu Machado obteve anistia para cadetes, mas outros insurgentes só foram reabilitados com a Revolução de 1930 (SILVA, 1998, p. 169–171). A tensão aumentou após decisão de dezembro de 1923 que enquadrava oficiais no art. 107 do Código Penal, com perda de patente e expulsão do Exército (LANG, 2014).

Ainda em 1923, Bernardes enfrentou a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, liderada por Borges de Medeiros, motivada pela crise no setor pecuário e charqueador e pela inércia do governo. O conflito terminou em dezembro, com o Pacto de Pedras Altas, mas deixou desgaste duradouro nas relações entre o governo federal e as forças políticas gaúchas (HERRLEIN JR, 2015, p. 97).

A Revolta de 5 de julho de 1924

Em março de 1924, articulou-se uma nova revolta, inicialmente planejada para começar na Bahia e repercutir em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Com o fracasso dessa etapa, oficiais de alta patente — como o general da reserva Isidoro Dias Lopes e os coronéis Odílio Bacellar, João Francisco e Olinto Mesquita — juntaram-se a líderes tenentistas como Miguel Costa, Joaquim Távora, Juarez Távora, Eduardo Gomes, Simão Eneas e Emídio Miranda. São Paulo foi escolhida como centro da insurreição, que também deveria atingir Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso (REIS, 2014, p. 41–44).

Os revoltosos, em sua maioria jovens tenentes idealistas, acreditavam que uma ação decisiva mobilizaria apoio popular e militar em todo o país. A escolha de São Paulo, segunda maior e mais influente cidade do Brasil, visava ampliar o alcance do levante e consolidar o tenentismo. Em 5 de julho de 1924, no segundo aniversário da Revolta de 1922, eclodiram

464



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

levantes em Sergipe, Amazonas e São Paulo. Os dois primeiros foram rapidamente sufocados, mas em São Paulo os rebeldes, liderados por Isidoro Dias Lopes, controlaram a capital por três semanas.

O plano previa tomar o 4º Regimento de Infantaria em Quitaúna e o 4º Batalhão de Caçadores, em Santana, além do Regimento de Cavalaria na Praça da Luz, comandado por Miguel Costa. Na madrugada de 5 de julho, bombardeios e tiroteios anunciaram o início da revolta. Os insurgentes tomaram Santana e a Praça da Luz, mas fracassaram em Quitaúna. A expectativa era expandir o movimento a outros estados, mas “a falta de comunicação e coordenação da revolta em âmbito nacional inviabilizou a possibilidade de insurgência nos outros Estados, deixando o movimento revolucionário paulista praticamente isolado” (TEIXEIRA, 2022, p. 6). Em 8 de julho, Isidoro propôs encerrar os combates, mas Miguel Costa insistiu na continuidade (REIS, 2014, p. 45).

O embate contou com militares de baixa e média patente e militantes civis, que forneceram apoio logístico e lutaram ao lado dos rebeldes. A participação civil, decisiva nos primeiros dias, foi limitada pela resistência de oficiais que temiam perder o controle ao armar líderes operários. Esse ponto gerou divisões: parte dos insurgentes defendia o apoio popular, outros temiam influência “bolchevista” que o povo poderia desencadear (CASTRO, 2023, p. 4).

Líderes operários chegaram a pedir armas para formar “batalhões verdadeiramente populares” destinados a cortar comunicações, mobilizar o interior e organizar guerrilhas contra o governo. A proposta foi rejeitada por Isidoro e Juarez Távora, que citou as Revoluções Francesa e Russa como exemplos de insurreições que terminaram em “banhos de sangue” provocados pela vingança das massas. Távora alertou: “Quem de nós poderia prever as consequências finais da subversão social provocada pelo domínio incontrollável das massas?” (CASTRO, 2023, p. 4).

As reivindicações eram amplas: mudanças sociais, econômicas e políticas, direitos trabalhistas e o fim da política dos governadores. Na prática, porém, a revolta se voltou diretamente contra o presidente Artur Bernardes, alvo de críticas sustentadas por retórica moral e política contundente, como expressa o primeiro manifesto dos revoltosos:

O Exército quer a Pátria como a deixou o Império, com os mesmos princípios de integridade moral, consciência patriótica, probidade administrativa e alto descortino político. O Brasil estava reduzido a verdadeiras satrápias desconhecendo-se completamente o merecimento dos homens e estabelecendo-se como condição primordial, para o acesso às posições de evidência, o servilismo contumaz, que, movendo-se pela mola das ambições, cada vez mais se generaliza, constituindo fator de degradação social. O povo ficou reduzido a uma verdadeira situação de impotência, asfixiado em sua vontade pela ação compressora dos que detêm as posições políticas e administrativas (PRESTES, 1990, p. 401).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Durante a Revolta de 5 de julho de 1924, o presidente de São Paulo, Carlos de Campos, mobilizou sua guarda e convocou reforços dos bombeiros para proteger o Palácio dos Campos Elíseos. Mesmo com o avanço dos revoltosos armados com metralhadoras, resistiu ao lado de aliados políticos e militares. Contudo, o bombardeio ao palácio tornou a situação insustentável, levando-o a abandoná-lo e seguir para a Secretaria da Justiça. Diante do agravamento dos combates, fugiu para Guaiaúna, então um subúrbio distante, onde se encontrou com o general Eduardo Sócrates, designado para comandar as tropas legalistas (RIBEIRO, 2004, p. 15).

A retirada foi considerada necessária para preservar a liderança estadual, mas gerou críticas por sua ausência no momento decisivo. A notícia animou os revoltosos e parte da população, que foi às ruas tanto para saudar o movimento quanto para saquear o comércio. Sem ação das forças públicas, o Mercado Municipal foi arrombado e víveres distribuídos à multidão. Os tenentes reagiram, ameaçando prender os “desordeiros” (REIS, 2014, p. 43).

O governo federal respondeu rapidamente, enviando tropas para cercar São Paulo. Em dois dias, bombardeios destruíram bairros como Brás, Mooca, Hipódromo e Belenzinho, forçando milhares de pessoas a abandonar suas casas. O uso de canhões e aviões criou um cenário de guerra urbana (REIS, 2014, p. 46). As forças legalistas isolaram os rebeldes, cortando suprimentos e orientando a população a deixar a cidade. Ainda assim, os militares não armaram batalhões populares nem apoiaram guerrilhas civis; a luta deveria ser conduzida exclusivamente pelas forças armadas. Alguns batalhões de estrangeiros foram formados, mas lideranças operárias permaneceram afastadas (REIS, 2014, p. 47).

A cidade, importante centro industrial e econômico, sofreu danos severos. Bairros inteiros foram destruídos, milhares de pessoas ficaram desabrigadas e o comércio teve grandes prejuízos. A crise humanitária, agravada pela suspensão das fábricas e alta nos preços de produtos básicos, expôs a incapacidade do governo em proteger os cidadãos. Cercada por barricadas e fogo cruzado, a população enfrentou falta de água e alimentos (CASTRO, 2023, p. 3).

Com recursos escassos, ataques intensificados e sem apoio externo, os insurgentes perderam terreno. Houve focos de combate em Sergipe, Mato Grosso, Amazonas e Pará, mas nenhum com a intensidade de São Paulo. Em 28 de julho, percebendo a inutilidade da resistência, decidiram evacuar a cidade. O saldo foi de 503 mortos, 4.846 feridos e cerca de 1.800 edificações destruídas ou danificadas. Após os combates, a repressão se intensificou, com prisões em massa, sobretudo de pobres sem defesa (REIS, 2014, p. 47–48).

Sob a liderança de Isidoro Dias Lopes, cerca de 6 mil homens marcharam para o interior, deixando um último manifesto antes de prosseguir:





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nosso objetivo fundamental era e foi uma Revolução no Brasil que elevasse os corações, que sacudisse os nervos, que estimulasse o sangue da raça enfraquecida, explorada ludibriada e escravizada. Para isso era necessário um fato empolgante, qual o da ocupação da Capital Paulista. (...) (PRESTES, 1990, p. 404).

A tropa dirigiu-se à Presidente Epitácio; intencionavam tomar Três Lagoas, no Mato Grosso, mas por força de combates com legalistas e deserções, foi reduzida a três mil homens que se dividiram em três grupos, comandados por Bernardo Padilha, João Francisco e Miguel Costa, todos recém generais, promovidos por Isidoro Dias Lopes. Do outro lado, as tropas legalistas possuíam 12 mil homens sob o comando do General Cândido Rondon. A esperança dos insurretos era a movimentação de revoltosos no Rio Grande do Sul.

Ao final de outubro, os revoltosos gaúchos levantaram-se e passaram a controlar diversas unidades militares, mas não empolgaram todo o estado e acabaram por concentrarem-se na região das Missões. No resto do Brasil, houve pouca repercussão e nenhuma insurreição relevante. Os revolucionários remanescentes compunham-se de dois grandes grupos: os oriundos da Revolta de 5 de julho em São Paulo, liderados pelo General Isidoro Dias Lopes e os gaúchos, sob o comando do Capitão Luís Carlos Prestes. Coube aos gaúchos marcharem em direção ao norte para encontrarem-se com os paulistas, o que ocorreu entre o final de março e início de abril de 1925 em Foz do Iguaçu. Esta força guerrilheira percorreu o país pregando a revolução social e desafiando o governo central. A Coluna Prestes, que emergiu desse movimento, se tornou um símbolo de resistência e perseverança, percorrendo aproximadamente 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil, passando por 13 estados e difundindo ideais revolucionários (LANG, 2014).

467

A fragilidade da Política dos governadores

Não houve aliança estável e monolítica entre as oligarquias. Segundo Cláudia Viscardi, a “política do café-com-leite” foi uma construção retrospectiva, popularizada nas décadas de 1920–1930. As crises entre paulistas e mineiros eram recorrentes, circunstanciais e estratégicas, resultantes de conflitos de interesse, disputas hegemônicas e alterações no equilíbrio de poder (VISCARDI, p. 12). Contudo, dada a influência dessas oligarquias, suas divergências repercutiam nacionalmente.

Na sucessão de Epitácio Pessoa, por exemplo, os mineiros impuseram Artur Bernardes, rompendo a alternância que sustentava as sucessões presidenciais e desencadeando a Reação Republicana (VISCARDI, p. 11). Em 1924, a cisão entre as oligarquias de Minas e São Paulo



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

levou parte da elite paulista a aderir ao discurso insurrecionista, sobretudo em seu conteúdo valorativo.

No imaginário dessa elite, o moderno, o ético e o interesse público eram atributos da oligarquia do café, enquanto o atraso, o utilitarismo e a imoralidade administrativa marcariam a oligarquia mineira. Tal discurso, embora revestido de moralidade e progresso, ocultava um projeto restrito e excludente, legitimado pela crença em uma suposta superioridade ética, intelectual e racial (LYNCH; SOUZA NETO, 2012, p. 94).

A retórica paulista encontrou eco nas classes médias e entre militares entre 1922 e 1924, formando a base moral e política para a insurgência. É nesse contexto que se insere a declaração de José Carlos de Macedo Soares, presidente da Associação Comercial de São Paulo, ao criticar a “exclusão” paulista dos postos de influência da República — do Supremo Tribunal Federal à diplomacia, das forças armadas aos conselhos de comércio —, denunciando a hegemonia de “estadistas menos adiantados” e a “politicagem utilitária” que, segundo ele, minava o interesse nacional:

"Tinha São Paulo o direito de abandonar a Federação ao domínio - por vezes exclusivo - de estadistas menos adiantados, de permitir a politicagem utilitária do "empreguismo", desanimando todas as coragens cívicas, pelo apoio sistemático aos mandões regionais, pela expropriação injusta dos mandatos? Pois bem: a abstenção de São Paulo não se limitou aos cargos de nomear, que têm constituído o alvo e a ambição de quase todos os homens públicos do país. Perdemos totalmente a influência legislativa, tanto na Câmara Federal quanto no Senado. Fomos completamente excluídos de um dos poderes da República, pois no Supremo Tribunal Federal, a esta hora não há um único juiz de São Paulo. Além disso, Entretanto, deles dizia Rui Barbosa: 'Podemo-nos consolar da fraqueza de seus políticos, ao menos, com a serenidade impoluta dos seus magistrados'. Não temos um só representante no Conselho Superior do Comércio. Na Diplomacia, como na Magistratura, na Marinha, como no Exército, nos poderes do Estado, por toda parte, em todos os postos de influência e de autoridade, São Paulo estava sistematicamente excluído" (MACEDO SOARES, 1925. p. 12)

Além de Macedo Soares, Renato Lessa (LESSA, 1999. p. 245) indicou que intelectuais como Azevedo Amaral, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Oswald de Andrade, em 1930, que teriam engrossado o coro do espírito paulista (moderno) contra o atraso (mineiro), fazendo crer que em 1924 a dissidência ocorreu em São Paulo por haver certa simpatia de parte de sua elite com o tenentismo ou, ao menos, com parte de suas bandeiras. Assim, a Revolta de 1924 não se originou apenas nas camadas médias, com adesão de operários, mas, desde o seu nascedouro, já contava com apoio de parte da elite paulista.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A Revolta de 5 de julho de 1924 teve consequências de longo alcance, pois revelou as fragilidades estruturais da Primeira República e reforçou a percepção de que mudanças profundas eram inevitáveis. A repressão subsequente fortaleceu o controle estatal sobre a população, e a criação do Departamento de Ordem e Política Social (DOPS) por Carlos de Campos em 1924, exemplificou a institucionalização da repressão política no Brasil (TEIXEIRA, 2022, p. 8). Além disso, o movimento alimentou o sentimento revolucionário que culminaria na Revolução de 1930. As políticas repressivas implementadas após a revolta foram usadas para suprimir dissidência durante o governo de Vargas e além (ROMANI, 2011, p. 170).

Conclusão

A Revolta de 5 de julho de 1924 representou um dos episódios mais expressivos do ciclo de agitações militares e civis que marcaram a Primeira República brasileira. Mais do que um simples levante armado, tratou-se de um movimento que condensou tensões acumuladas ao longo de mais de uma década, em que a exclusão política, a centralização do poder nas mãos de oligarquias estaduais e a ausência de canais efetivos de participação da classe média, do operariado e de segmentos das elites econômicas, alimentaram o descontentamento de diversos setores da sociedade. Sob o comando de oficiais do Exército, a revolta traduziu em ação armada um conjunto de reivindicações que iam desde a moralização da vida pública até reformas estruturais capazes de alterar a correlação de forças políticas.

A eclosão em 5 de julho, em São Paulo, não pode ser explicada apenas pela mobilização dos militares, da classe média e do operariado paulistanos, pois — ainda que de forma parcial e seletiva — frações da elite paulista, ideologicamente vinculadas à própria oligarquia cafeeira e/ou ao Partido Republicano Paulista (PRP) apoiaram direta ou indiretamente a revolta. Tal apoio revela que, longe de constituir um bloco coeso, a oligarquia paulista estava atravessada por dissensões internas e, também, por disputas no cenário nacional.

A retórica de modernidade, moralidade e interesse público, cultivada por setores da elite paulista, operava como instrumento discursivo para contestar a hegemonia mineira e reivindicar para São Paulo uma posição política de maior protagonismo. Embora articulada em torno de valores éticos e promessas de progresso, tal narrativa servia, em última instância, a um projeto político restrito, voltado à preservação dos privilégios de um grupo específico. Ainda assim, encontrou ressonância tanto no descontentamento de setores militares quanto nas críticas à centralização do poder vigente, angariando apoio inclusive entre membros da elite econômica, simpatizantes da causa, embora pouco inclinados a avaliações pragmáticas sobre a dinâmica do poder.

469



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A participação de figuras de destaque, como José Carlos de Macedo Soares, e a simpatia de intelectuais influentes, demonstram que havia fissuras tanto na relação entre as oligarquias paulista e mineira quanto no interior da própria elite do café. O discurso contra o “atraso” e a “imoralidade” atribuídos aos mineiros, aliado à denúncia de exclusão de São Paulo dos principais postos políticos e administrativos da República, fortaleceu o ambiente para que parte dessa elite visse no tenentismo — ou em parcelas de suas bandeiras — uma oportunidade de reposicionar-se no tabuleiro político nacional. Assim, a Revolta de 1924 emergiu como expressão não apenas da insurgência militar, mas também de uma disputa interna pela redefinição do poder oligárquico, corroendo a imagem tradicional de uma Primeira República solidamente articulada sob o domínio da inquebrável “política do café-com-leite”.

Referências

ALMEIDA, Ian Coelho de Souza; CROCE, Marcus Antônio. Abolição, encilhamento e mercado financeiro: uma análise da primeira crise financeira republicana. *Rev. Econ. do Centro-Oeste*, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 19-36, 2016.

CASTRO, Maria Clara Spada de. “Devemos contentar-nos com fazer uma revolução o mais nossa que seja possível”: trabalhadores na Revolta de 1924 em São Paulo. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 15, p. 1-17, 2023.

HERRLEIN JR, Ronaldo. O cenário econômico da revolução de 1923 (Rio Grande do Sul): mudança estrutural, crescimento e crise da pecuária. *Revista de História Regional*, v. 20, n. 1, 2015.

LACLETTE, Jorge. CAMPOS, SIQUEIRA. *Verbete*. Rio de Janeiro: FGV CPDOC. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2024.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Revolta de 5 de julho de 1924 [Verbete]*. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2014. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2024.

MACIEL, José Fabio Rodrigues; AGUIAR, Renan. *Manual de história do direito*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2022.

470



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MARTINS, Adelino. Negregada revolta (Monografia do concurso “A história de São Paulo através dos documentos da ALESP” (1º lugar). São Paulo: Acervo Histórico, 2012. Disponível em: . Acesso em: 23 jun. 2024.

PRESTES, Anita Leocádia. A coluna Prestes. São Paulo: Brasiliense, 1990.

REIS, Daniel Aarão. Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. 5 de julho de 1924: 80 anos de uma revolução. Alesp (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo), 2 jul. 2004.

ROMANI, Carlo. Antecipando a era Vargas: a Revolta de 5 de julho de 1924 e a efetivação das práticas de controle político e social. Topoi (Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ), 2011-12, v. 12. n. 23, jul.-dez. 2011, p. 161-178. Disponível em: . Acesso em: 16 jun. 2022.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. História da República Brasileira: O Levante da Escola Militar, 1920-1922. São Paulo: Editora Três, 1998.

TEIXEIRA, Matheus Bino. Julho de 1924 - a “Revolta de 5 de julho de 1924” na cidade de São Paulo. Revista de História da UEG, v.11, n.1, p. 1-15, jan./jun. 2022. DOI.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O federalismo oligárquico brasileiro: uma revisão da "política do café-com-leite". Anuário IEHS, n. 16, 2001.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Voto, representação política e soberania popular na república brasileira. Estudos Ibero-Americanos, v. 41, n. 2, p. 333-354, 2015.

LYNCH, Christian Edward Cyril; DE SOUZA NETO, Cláudio Pereira. O constitucionalismo da inefetividade: a Constituição de 1891 no cativeiro do estado de sítio. Revista Quaestio Iuris, v. 5, n. 2, p. 85-136, 2012.

LESSA, Renato. A invenção republicana. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

471



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

HISTÓRIA E PEDAGOGIA NO UNIVERSO ESCOLAR: A INTERDISCIPLINARIDADE NECESSÁRIA AO ENSINO DO SÉCULO XXI

Tathianni Cristini da Silva¹

Sirlei Ivo Leite Zoccal²

Introdução

Este trabalho apresenta e discute práticas desenvolvidas por um grupo formado por professores do ensino superior e da educação básica, estudantes universitários e da educação básica pensando o ensino de modo interdisciplinar, entre História e Pedagogia.

Profissionais da educação de diferentes segmentos do ensino, preocupados com questões voltadas ao ensino e aprendizagem, ressaltam a importância da aproximação dos cursos de licenciatura com a educação básica.

Segundo Gatti (2017), há um conflito entre os cursos de formação docente e o trabalho realizado na educação básica com vistas à formação das novas gerações. Isto é, um distanciamento entre as Instituições de Ensino Superior e Instituições da Educação Básica. Nesse contexto, surgiram algumas inquietações: O que e como fazer para mudar, ou ao menos, dirimir esse cenário? Política de formação de professores é suficiente para a melhoria da educação básica? Como proporcionar a qualidade do ensino e aprendizagem dos acadêmicos e do público-alvo da educação básica? Esses questionamentos direcionaram as docentes dos cursos de licenciaturas em História e Pedagogia buscar resposta à questão-problema desse trabalho: Como contribuir à formação dos licenciandos, futuros professores e à aprendizagem dos estudantes da educação básica?

Para tanto, foram desenvolvidas atividades do estudo do meio na Baixada Santista/SP-Brasil, que congregassem os dois cursos, educandos e educadores que trabalhassem de forma conjunta para uma compreensão diferenciada do trabalho dos envolvidos/participantes e das possibilidades de diálogo existentes.

¹ Professora Doutora no curso de Licenciatura em História e de Pedagogia na Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES); tathianni@gmail.com

² Professora Mestra no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES); silzoccal@gmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A proposta/ação apresentada justifica-se pela necessidade de agregar à formação inicial dos licenciandos, por meio do estudo, pesquisa e práticas pedagógicas, a melhoria do ensino e aprendizagem. As atividades, ações realizadas fora do espaço escolar e acadêmico, visam integrar a teoria aprendida em sala de aula com a prática em contextos reais, proporcionando aos envolvidos experiências enriquecedoras e significativas.

Diante do exposto, esse trabalho objetiva explorar e refletir sobre as aprendizagens decorrentes por meio do estudo do meio, metodologia que possibilita integrar a teoria com a prática estudada, levando os conceitos apreendidos na sala de aula para novos espaços e contextos culturais.

Fundamentação teórica

Ao refletir sobre ações concretas, como o estudo do meio, desenvolvidas por docentes, o estudo perpassa pelas contribuições de pesquisadores como Cerri (2012), Ferreira e Oliveira (2019) e Barros (2019) quando discutem consciência histórica e os usos da História no ambiente escolar; Freire (1982) com a Pedagogia centrada na leitura de mundo; Fazenda (2017) e Morin (2011) para pensar a interdisciplinaridade tão necessária ao ensino do século XXI, além de documentos oficiais e das contribuições de Tardif (2010) e Nóvoa (1999) com suas discussões sobre a relevância da formação de professores para sua efetiva ação e conscientização identitária. Questão central em uma sociedade neoliberal na qual as identidades são diluídas propositadamente a fim da promoção do individualismo e indiferença com as questões coletivas.

A melhoria na qualidade do ensino requer dos docentes uma interação entre suas experiências individuais, acadêmicas e profissionais. Assim, ao se pensar na contribuição à formação de professores, à construção da identidade profissional, no decorrer da carreira e qualificação dos licenciandos, há que mencionar as contribuições de TARDIF (2010, p.11) ao afirmar que “o saber dos professores está relacionado com a pessoa e identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares”. Percebe-se aqui, a ligação das ideias de Nóvoa ao mencionar que “[...] Universidades e especialistas externos são importantes no plano teórico e metodológico. Mas todo esse conhecimento só terá eficácia se o professor conseguir inseri-lo em sua dinâmica pessoal e articulá-lo com seu processo de desenvolvimento profissional.” (NÓVOA, 1999, p. 20).

Ententemos que esse trabalho perpassa as competências apontadas na Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica – BNC-Formação

473



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

(Brasil 2019), no que tange a utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem do estudante e na sua própria aprendizagem.

Acreditamos que a formação docente precisa encontrar relação com as condições histórico e culturais que vivemos na atualidade em consonância com a necessidade da aprendizagem da educação básica, que não devem estar apoiadas em observações vagas, torna-se necessário considerar os obstáculos para a realização do trabalho pedagógico hoje existente nas escolas. “Faz-se necessário olhar sem véus a situação presente, o que se está fazendo e os efeitos histórico-sociais dessas ações” (GATTI, 2017, p. 727).

Nesse sentido, entendemos que a atividades desenvolvida está alinhada com a teoria e a prática e com as novas demandas exigidas para a educação, nas quais a formação de professores esteja fortalecida por uma identidade docente para a contemporaneidade, em que a justiça social se faça presente por meio prática inovadora.

Procedimentos metodológicos

O trabalho desenvolvido em Santos/SP - Brasil, envolveu professores do ensino superior e da educação básica, estudantes universitários e da educação básica

A metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho possui um caráter descritivo, sendo de cunho qualitativo, em intenta responder a questão-problema, que segundo Gil (2017), considera a compreensão do significado do objeto. Para coleta de dados, utilizou-se fragmentos de relatos dos participantes, com os preceitos éticos adotados.

Apresentação e discussão dos resultados

A ideia central do trabalho, envolvendo futuros pedagogos e historiadores foi tornar a História algo vivo e cotidiano aos demais colegas, que infelizmente em sua ampla maioria tiveram aulas factuais e possuem certa resistência ao componente escolar como algo inerte e pouco representativo de suas práticas.

Sendo assim, o estudo do meio desenvolvido de forma interdisciplinar implica uma interação e integração mais profunda, em que os componentes curriculares dos diferentes cursos se comunicam, compartilham conhecimentos e constroem novos conceitos de forma conjunta, buscando uma visão mais ampla e integrada da proposta. Para pedagogia, o estudo do meio possibilita a compreensão de como o ambiente influencia o desenvolvimento infantil e como os conhecimentos escolares podem ser desenvolvidos e contextualizados fora da sala de aula,



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

conforme disposto na BNCC (2018). Essa prática vai ao encontro do que buscam as Instituição do Ensino Superior (IES) e a Instituição de Ensino da Educação Básica, pois considera-se o percurso formativo dos envolvidos, durante as etapas do desenvolvimento da atividade prática (estudo, preparação das atividades, desenvolvimento e avaliação) necessários à sua formação como futuro docente

Partindo de Circe Bittencourt, a educação patrimonial deve integrar os planejamentos escolares e, especialmente, o componente curricular História, envolvendo o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que cada sociedade estabelece com ele. O professor deve suscitar nos alunos indagações do tipo: o que é preservado? Como é preservado? Por que é preservado? Por quem é preservado? Essas perguntas têm por objetivo refletir sobre a construção da memória social e indagar, ainda, se todos os setores e classes sociais têm sua memória reconhecida. (Bittencourt, 2008).

Além disso, continua a autora, cumpre à discussão do patrimônio e da memória o papel de desfazer a percepção equivocada de que somos “um país sem memória”, cabendo questionar qual memória tem sido esquecida e como recuperar um passado que possa contribuir para atender às reivindicações de parcelas consideráveis da população às quais tem sido negado, recorrentemente, o “direito à memória”. (Bittencourt, 2008).

A atividade de Estudo do Meio pelo Centro Histórico de Santos foi dividida em três fases distintas. A primeira foi de preparação dos discentes para o estudo do meio em sala de aula realizada pelos professores que sugeriram a atividade. A segunda fase compreendeu a saída para o estudo *in loco* com a mediação dos docentes. Por fim, a última etapa o retorno para sala de aula e as impressões dos participantes sobre a experiência.

A primeira etapa do estudo de meio compreendeu a escolha de bens patrimoniais para visita através de roda de conversa com os discentes e da compreensão de suas necessidades e curiosidades.

No decorrer das atividades, estudos e debates de questões teóricas e práticas acerca da noção de patrimônio de modo geral, e do patrimônio da Baixada Santista, litoral sul do estado de São Paulo, em particular, (sendo que compõem a chamada Baixada Santista os seguintes municípios: Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente) foram realizados. A maioria dos estudantes era proveniente das cidades de Cubatão, Santos e São Vicente.

Após as primeiras conversas verificou-se que a maioria dos envolvidos não conhecia o patrimônio de sua região e o centro histórico de Santos era um ilustre desconhecido e pouco atraente para visita. A sugestão conjunta partiu da visita à região mais próxima

475



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

geograficamente e com imensa relevância cultural para o estudo da História regional e nacional por abrigar exemplos de bens patrimoniais diversos e de diferentes tempos históricos e realizada facilmente por todos a pé.

Desta forma, organizou-se a atividade para um sábado pela manhã, para que todos os discentes pudessem participar, pois todos trabalhavam de segunda à sexta e alguns inclusive aos finais de semana. O roteiro definido pelo grupo foi: Igreja e Mosteiro de Santo Antônio do Valongo (1640), Estação Ferroviária do Valongo (1867), Museu Pelé (2014), Rua do Comércio, Casa da Frontaria Azulejada (1865), Rua XV de Novembro e Museu do Café (1997).

O estudo do meio foi realizado a pé com observação da paisagem do entorno, os participantes foram instigados a perceber os diferentes estilos arquitetônicos que convivem numa mesma área, denotando os diferentes momentos históricos em que foram construídos, as intervenções contemporâneas do porto na cidade e os usos ou não do patrimônio da região.

Na terceira etapa, na semana seguinte retornamos para sala de aula e uma avaliação do estudo foi realizada por meio de roda de conversa considerando os aspectos positivos e negativos da saída.

Algumas considerações negativas giraram em torno da falta de informações sobre os bens no sítio em que se encontravam como placas e demais marcadores que poderiam ter informações aos visitantes. O principal ponto positivo levantado foi a identidade com a cidade. A ideia de pertencimento que até então era distante havia tomado um novo caminho de preocupação com a História Local.

Verificou-se que as atividades práticas pela cidade ajudam a quebrar a barreira que a história ensinada durante muito tempo nas escolas gerou em muitas pessoas como algo que trata somente do passado sem relações com o presente.

A avaliação sobre a proposta interdisciplinar com a prática dos estudo do meio, ocorreu durante todo o percurso, com observação, questionamentos e ajustes. Após, na roda de conversa e autoavaliação os depoimentos foram positivos, conforme seguem:

“O grupo ficou imensamente entusiasmado com o estudo do meio e com a experiência de vivenciar, o dia de aula com os alunos [...].

“A experiência vivenciada foi enriquecedora, com teoria e prática indissociáveis, proporcionou amadurecimento pessoal e profissional, conhecimento construído e reconstruído.”

“[...] Gostaria de agradecer a oportunidade oferecida, a qual foi executada com maestria. Excelentes profissionais, que não mediram esforços para dar o seu melhor, propiciando momentos únicos de ensino e aprendizagens significativas.”





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

[...] constatee na prática o que abordado em sala de aula.”

“[...] Espero que muitos alunos tenham essa oportunidade e, apesar de minhas limitações, entendo sua importância para nossa formação.”

Diante do exposto, percebe-se que o estudo do meio realizado com as licenciaturas de História e Pedagogia, permitiu aos licenciandos, de ambos os cursos, aprofundarem seus conhecimentos por meio da experiência direta com o ambiente, cultural e social, fomentando o desenvolvimento de habilidades como observação, análise crítica e trabalho em equipe. Os fragmentos mencionados, permitem constatar a contribuição da atividade proposta e desenvolvida, para o aperfeiçoamento da formação e práxis dos licenciandos, a construção do conhecimento em um processo mediado e sinérgico entre os envolvidos.

Considerações

Ao pensar as conclusões, entendidas como considerações preliminares, uma vez que a proposta e o trabalho continuam, faz-se necessário retomar à questão-problema desse estudo, isto é: Como contribuir à formação dos licenciandos, futuros professores e à aprendizagem dos estudantes da educação básica?

A proposta desenvolvida valida que o ensino, a pesquisa e a prática, quando realizados de forma indissociável e interdisciplinar, qualificam a formação acadêmica, ampliam o repertório social de todos os envolvidos. Em relação à formação inicial docente torna-se significativa quando construída no ambiente de coletividade, esta observação permite ao futuro docente a percepção da importância da promoção de uma prática semelhante na educação básica.

Dessa forma, é relevante a respectiva ação, pois auxilia na formação de professores mais conscientes e preparados para lidar com as diversidades e desafios do ambiente escolar em que necessita abranger fundamentos do saber fazer e da convivência humana, requisitos necessários para que o profissional possa atender as demandas da contemporaneidade.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 30 jun. 2025.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BRASIL. Ministério da Educação - Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file> Acesso em: 10 mai. 2022.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica:** Implicações Didáticas de uma Discussão Contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1982.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NÓVOA, Antônio. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 25, n 1, jan./jun., 1999.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias De; FERREIRA, Marieta De Moraes. **Dicionário de ensino de história.** Rio de Janeiro, FGV, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 10 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

478



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ENTRE A ESPADA E A SERPENTE: FÉ, SÍMBOLO E NARRATIVA NA PEREGRINAÇÃO DE JOÃO LUIZ POZZOBON

Tatiana Godinho Martins¹

Marta Rosa Borin²

Introdução

Em 4 de julho de 1965, no início da celebração eucarística, João Luiz Pozzobon, afirmava ter vivenciado uma *inspiração* divina, a qual o acompanhou durante toda a Missa e o auxiliou na elaboração do desenho anual da Campanha do Terço, marcando o décimo quinto ano de peregrinação, “os 15 anos são os 15 mistérios: vida e morte de Jesus” (Pozzobon, *O Grande Sábio*, 1964). As chamadas *inspirações*, tal como Pozzobon as nomeava, eram por ele interpretadas como orientações de Nossa Senhora, comunicadas não por meio de visões ou sonhos, mas por intuições, como se ela conduzisse seus pensamentos, e isso exercia uma força direta sobre sua prática religiosa cotidiana.

Para Pozzobon, o mais importante era permanecer firme em sua consagração, mesmo quando suas ações não eram plenamente compreendidas ou aceitas por outros. Assim, suas chamadas *inspirações*, são uma forma de pensamento religioso permeadas de símbolos, o que podemos remeter àquilo que Santo Agostinho define como *visio spiritualis*, ou seja, um modo de ver sem recorrer aos sentidos corporais, operado pelos “olhos da mente”. Como afirma o mesmo autor, “nesse caso, quaisquer corpos que estejam presentes não são vistos mesmo estando abertos os olhos, e nem se ouve absolutamente qualquer voz” (Agostinho, 2005, p. 272), por isso, “todo o olhar da mente está ou nas imagens do corpo mediante a visão espiritual, ou nas realidades incorpóreas desprovidas de qualquer imagem corporal, mediante a visão intelectual” (Agostinho, 2005, p. 272). Assim, as *inspirações* de Pozzobon são

479

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Maria, Bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Maria; Técnica em Processos Fotográficos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS; E-Mail: tatiana.godinho.martins@gmail.com

² Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Professora do Departamento de Metodologia do Ensino e do Mestrado Profissional em História, Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria; Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Mestrado Profissional; do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado e Doutorado, Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: marta.borin@ufsm.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

experiências interiores de mediação simbólica, como uma estrutura de pensamento orientada pelo sagrado.

Entretanto, para compreendermos a densidade dessa experiência, é preciso compreender a trajetória e o contexto em que a espiritualidade de João Luiz Pozzobon foi sendo moldada. Nascido em uma família católica na pequena comunidade de Ribeirão, no distrito de São João do Polêsine, região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, próxima a Santa Maria (Rio Grande do Sul, Brasil), decidiu dedicar sua vida adulta à devoção à Mãe Rainha Três Vezes Admirável de *Schoënstatt*, quando seus sete filhos já estavam independentes. Viviam numa pequena casa de madeira, onde administravam um armazém, e hoje, esse local é conhecido como a Casa Museu II João Luiz Pozzobon, a qual guarda os quadros elaborados como relatórios anuais de suas práticas religiosas.

O seu contato com a pedagogia do Movimento Apostólico de *Schoënstatt*, em 1950, durante um retiro espiritual em Santa Maria, reconfigurou o campo religioso santameirense e reforçou a prática da oração do terço entre as famílias, o que já fazia parte de sua vida desde a infância, ensinada a ele por seus pais e avós imigrantes italianos, que ele manteve viva na família construída com sua esposa e filhos.

Segundo Uriburu (1985), João carregava dentro de si uma “grande saudade”, como se, apesar de tudo o que havia construído, algo ainda lhe faltasse. Foi nesse encontro com a Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de *Schoënstatt* que ele sanou este sentimento, interpretando como um chamado para viver a vocação de serviço a Nossa Senhora. Naquela ocasião do retiro, duas grandes imagens da Mãe Rainha foram abençoadas para serem levadas em peregrinação às casas das famílias, sendo uma delas confiada a Pozzobon, que ao aceitar a tarefa, assumiu com dedicação o compromisso. Ao conhecer cada vez mais a pedagogia de *Schoënstatt*, apesar da sua originalidade, passou a se considerar um “pobre servo”, pois sua humildade era própria de quem reconhecia o poder da devoção.

Assim, podemos compreender esse sentimento devocional de Pozzobon, a partir de Bourdieu (1983), como expressão de um *habitus* primário, um conjunto de disposições incorporadas desde cedo, moldadas pelo ambiente familiar, social e religioso. Através disso, entendemos que as práticas da fé católica, com destaque a oração do Terço, não nasceram do acaso na vida de Pozzobon, nem é algo biológico. Sendo assim, se enraízam nas experiências que o atravessaram desde seus primeiros momentos de vida, a partir do meio ao qual ele estava inserido.

Com isso, João percorreu milhares de quilômetros, carregando consigo uma maleta, vestindo terno e gravata, promovendo a Campanha do Terço, que consistia em levar essa oração às

480



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

escolas, casas, presídios, hospitais e diversos outros espaços sociais. Além da oração, promovia festas, procissões e práticas devocionais, apresentando-se com humildade como um *pobre peregrino*. Seu percurso foi cuidadosamente registrado por ele, pois seu processo criativo consistia em relatar, por meio de pequenos textos, bilhetes e rabiscos, as atividades realizadas ao longo do ano, incluindo os episódios ocorridos durante as peregrinações.

A partir de 1955, passou a se encontrar anualmente com o amigo Hayrton Bortholacci, com quem sintetizava esses registros, transformando-os em relatórios anuais, com elementos simbólicos e textuais. Os desenhos eram idealizados por Pozzobon, que escolhia as palavras, os elementos visuais e as cores de cada composição. Por meio deles, ele registrava suas experiências espirituais, os conflitos religiosos vividos, o alcance de suas peregrinações e sua visão de mundo sob a mediação de Maria, mãe de Jesus. Por isso, estes documentos tornam-se fontes para estudo, embora não sejam obras eruditas, carregam uma complexidade simbólica que revela a densidade do pensamento do “pobre peregrino”. Neste ensaio, propomos apresentar parte de nossa metodologia para a compreensão da construção de sentido das iconografias presentes nesses quadros, considerando seus aspectos culturais, sociais e históricos.

481

Os símbolos e o peregrino

Para interpretar os sentidos nos quadros idealizados por João Pozzobon, parte-se do pressuposto de que eles são constitutivos da experiência humana, funcionando como meios de expressão de ideias e causas. Seus desenhos e anotações refletem o compromisso que ele tinha com seus propósitos e sua preocupação em expressar o divino, algo que as palavras, por si só, não conseguiam transmitir. Como observa Ginzburg (1989), Pozzobon não buscava “controlar a curiosidade intelectual sobre as coisas do alto”, numa referência ao alerta de São Paulo contra o orgulho dos heréticos em matéria de religião. Suas imagens não visavam à sistematização racional da fé, mas à expressão sensível de uma experiência espiritual.

O estudo dos traços materiais desses desenhos, permite uma leitura que trata de decifrar sentidos múltiplos que podem se manifestar de maneira simbólica e narrativa. Essa abertura à polissemia visual, que transborda o caráter estático do desenho, se aproxima da análise de Fogelman (2007), ao considerar as representações do céu nos tetos das igrejas coloniais como fronteiras imaginárias entre o mundo terreno e o divino. Assim, como tais imagens reforçavam a fé dos fiéis, os desenhos de Pozzobon também ressignificam suas experiências religiosas e tornam visível, de forma simbólica, sua vivência devocional.



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Sua proposta expressiva pode, portanto, ser entendida como uma linguagem simbólica voltada à mediação do sagrado e à vivência da fé, concepção que entendemos a partir de Santo Agostinho (2018). Para o autor, os signos apontam para realidades superiores, “não aprendemos pelas palavras, mas pelas coisas.”. Logo, “se não conhecemos a coisa, a palavra não nos informa nada; se já a conhecemos, o signo é inútil” (Agostinho, 2018, p. 70). Ou seja, a linguagem só comunica algo quando se refere a uma realidade já vivida internamente, os signos apenas despertam o saber que já habita o sujeito.

Portanto, salientamos que a Campanha do Terço e as concepções de fé assumidas por João Luiz Pozzobon foram profundamente inspiradas pelo Movimento Apostólico de *Schoënstatt*, com o qual ele entrou em contato em 1950, como explicado acima. Esse Movimento, surgido na Alemanha no início do século XX, constituiu-se como uma resposta espiritual aos desafios enfrentados pela Igreja e pela sociedade em tempos de crise. Assim, o surgimento deste Movimento está ligado ao contexto posterior à morte de Vicente Pallotti, fundador da Congregação dos Padres Palotinos, e a perda gradual dos ideais propostos por ele, diante da rigidez crescente nos seminários da época. Kentenich, membro da Congregação Palotina, buscou resgatar as ideias do fundador, buscando uma espiritualidade mais encarnada, próxima da realidade dos fiéis, centrada na liberdade interior, na atuação ativa dos leigos e numa profunda relação com Maria. Essa proposta foi assumida por João Pozzobon. À época da fundação, em 18 de outubro de 1914, a Primeira Guerra Mundial já devastava a Europa, e a pedagogia de uma auto educação, tendo Maria como mediadora, foi o caminho para superar as inseguranças, o medo e o sofrimento humano causados pela guerra.

De acordo com Borin (2000), compreendemos o Movimento de *Schoënstatt* a partir de quatro marcos fundamentais. O primeiro foi sua fundação, em 1914. O segundo, a prisão de Pe. Kentenich pelo regime nazista em 1941 e sua deportação ao campo de concentração de Dachau. O terceiro, em 1949, refere-se à carta enviada ao episcopado alemão, a partir do Chile, que resultou em seu exílio por 14 anos nos Estados Unidos. O quarto marco se deu em 1965, com o reconhecimento oficial do Movimento pelo Papa, em Roma.

Enquanto o Pe. Kentenich era perseguido e suas ideias sofriam resistência, em especial por contrariarem o regime nazista, João Pozzobon iniciava, em 1950, sua Campanha do Terço, igualmente marcada por *tensões* e conflitos no *campo religioso*³. Portanto, para compreendermos

482

³ Conforme Bourdieu (2005), o campo religioso constitui-se como um espaço social estruturado por forças, posições e disputas simbólicas, onde os agentes religiosos competem pela legitimidade das crenças. Esse campo não possui sentido isolado, mas deve ser compreendido de forma relacional, a partir das distinções e oposições





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

as peregrinações realizadas por ele e a espiritualidade que moldava sua missão, tomamos como fonte seus quadros/relatórios, tendo como eixo o quadro que referenciamos no início deste ensaio, *O Grande Sábio*, de 1965 (Figura 1).

No que diz respeito aos elementos visuais, destaca-se, no centro da composição, a imagem de uma espada cuja lâmina atravessa a serpente, representação simbólica da vitória do bem sobre o mal, do heroísmo espiritual sobre as forças da decadência moderna. Segundo Pozzobon, é “despir o homem velho e revestir o homem novo; um espírito de novas vivências sobrenaturais; quando o homem se vence ele é a espada que fere a serpente, libertando-se da escravidão do mundo cheio de paixões!” (Pozzobon, *O Grande Sábio*, 1965). A espada, portanto, representa a luta por um amor que transforma, remete à purificação dos pecados e à fecundidade espiritual que brota da superação das paixões desordenadas.

Figura 1: Quadro “O Grande Sábio”, 1965.



Fonte: Casa Museu II João Luiz Pozzobon, Santa Maria/RS, Brasil.

483

entre as posições que o compõem. É na interação com esse campo que os agentes desenvolvem o habitus, entendido como um sistema de disposições incorporadas que orienta percepções, práticas e ações.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Esse sentido simbólico revela a influência da pedagogia do Movimento Apostólico de *Schöenstatt* sobre a espiritualidade de Pozzobon. Conforme ensina o Pe. Kentenich, trata-se de formar “um homem novo dentro de uma comunidade nova. Sendo um Movimento de educação e de renovação” (Trevisan, 1986, p. 128), tornando o homem capaz de viver uma espiritualidade profundamente enraizada no cotidiano.

A base dessa espiritualidade encontra-se na Aliança de Amor com Maria, fundamento do Movimento de *Schöenstatt*. Essa aliança é entendida como uma renovação do compromisso batismal, pela qual os fiéis se unem à Mãe de Deus em uma entrega mútua. Como explica Trevisan (1986), trata-se de “um despojamento de amor, um perder-se no outro tu. Pela consagração, ambos os contraentes se pertencem mutuamente com toda a responsabilidade”. A Aliança expressa, assim, um modo de viver o cristianismo no cotidiano, capaz de transformar indivíduos e comunidades pela ação da graça e pela intercessão da Mãe Três Vezes Admirável.

Essa Aliança, teve influência também nas inquietações existenciais de Pe. Kentenich, que se intensificava diante do contexto histórico e filosófico de sua época, marcado por um pensar mecanicista, herança da modernidade e da tecnificação industrial, que separava os elementos da realidade em compartimentos rígidos e isolados. Esse modo de pensar reduzia o mundo a uma engrenagem, desumanizando o indivíduo e obscurecendo sua interioridade e capacidade criativa. Para Pe. Kentenich, a sociedade moderna estava estruturada por esse pensamento fragmentado que via “o mundo como uma máquina gigantesca, como uma grande fábrica” (Borin, 2000, p. 130), impedindo a percepção da harmonia entre fé e natureza, entre o natural e o sobrenatural.

De forma convergente, Baumer (1997) também critica essa lógica, afirmando que não é possível compreender o funcionamento do corpo, ou da realidade humana, com base em esquemas mecânicos. Como o próprio Kentenich disserta, esse tipo de pensamento “separa a ideia da vida, causa primeira, da causa segunda, os processos vitais entre si” (Kentenich, 1999, p. 53). E ainda, “divide a ideia de Deus da vida de Deus. Em Deus vê ideias, mas não vê a vida de Deus” (Kentenich, 1999, p. 53). Em outras palavras, o mecanicismo fragmenta a realidade, tornando o ser humano incapaz de reconhecer as conexões entre suas experiências e o mistério divino que as atravessa.

Como alternativa a essa mentalidade, Kentenich propõe o *pensar orgânico*, capaz de integrar os diversos aspectos da vida e da fé em uma totalidade dinâmica. Esse modelo se ancora nas leis do crescimento natural e valoriza tanto a linguagem simbólica quanto a discursiva, respeitando a diversidade das perspectivas e reconhecendo a interdependência entre elas.

484





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Dessa forma, o pensamento mecanicista encontra suas raízes em um irracionalismo que ignora a ordem objetiva da criação, afastando o ser humano de sua dimensão espiritual. Assim, trata-se de uma visão “atomizada, parcial, que separa as coisas e os processos orgânicos; que desintegra, conduzindo por isso a um beco sem saída” (Uriburu, 1983, p. 32), gerando a desumanização do indivíduo. Nesse sentido, a proposta de Kentenich busca combater os efeitos profundos dessa lógica desumanizante sobre a fé, a cultura e as instituições, princípios que Pozzobon colocou em prática, e deixou registrado através de suas iconografias e escritos.

De volta a iconografia, *O Grande Sábio*, dos céus, por entre nuvens esponjosas, dois braços descem e envolvem a espada com o Santuário de *Schoënstatt* em suas mãos. Esses braços e mãos, são descritos por João Pozzobon como “a graça e a força espiritual, método de libertação do homem” (Pozzobon, “O Grande Sábio”, 1965). Os “santos braços e mãos da Mãe e Rainha” (Pozzobon, “O Grande Sábio”, 1965) são, assim, símbolos da ação da Mãe no mundo. Por meio deles está depositado o Santuário de *Schoenstatt*, centro de irradiação de graças que alcançam não apenas os de perto, mas também os distantes, os idosos, as crianças e os lares que necessitam de paz. Essas mãos expressam o cuidado ativo da Mãe de Deus, que, como verdadeira peregrina, atravessa caminhos fáceis e difíceis, visita ricos e pobres, oferecendo consolo, proteção e presença. João interpreta esse desenho como uma alvorada espiritual (Pozzobon, “O Grande Sábio”, 1965):

Ser pequenino, viver as vivências infantis, viver uma serena e nobre fidelidade, envolvido numa tarefa confiada, é como uma alvorada em que todos os dias os raios do sol no horizonte anunciam mais uma Santa Jornada; é lutar com heroísmo pela perfeição, para que se realizem o Amor e a Caridade nos corações, conforme anuncia a Mãe e Rainha Três Vezes Admirável (Pozzobon, “O Grande Sábio”, 1965).

A espada, nesse contexto, fere por amor. Ela simboliza a vontade espontânea e determinada de lutar contra as tendências humanas e buscar a santificação pessoal e comunitária. O azul celeste ao fundo expressa um céu aberto, sinal da proteção divina que se derrama sobre a terra. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), o azul é a mais imaterial e profunda das cores, pois, evoca o sagrado, o céu, o espírito, um vazio luminoso onde a matéria se dissolve e dá lugar à dimensão divina. No contexto cristão, especialmente mariano, de acordo com Dantas (2024), é também a cor da Virgem Maria, associada à pureza e à elevação espiritual. Com isto, essa espada espiritual exige do homem um processo contínuo de renovação. Essa leitura insere-se numa tradição simbólica que entende a espada como instrumento de

485





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

combate interior, e não físico. Assim, uma “guerra santa”, espiritual, feita de renúncia, sacrifício e amor. A espada fere a serpente, mas é o homem quem se fere primeiro, ao cortar de si tudo aquilo que o separa de Deus. A serpente, por sua vez, representa as paixões desordenadas, a escravidão espiritual, o egoísmo e a autossuficiência do homem moderno. Mas seu simbolismo é ambivalente, como aponta Dantas (2024), ela pode enganar e redimir, destruir e curar, como a serpente de bronze de Moisés, figura de Cristo. No Apocalipse, é o próprio Satanás, o Dragão, o adversário arquetípico, a Besta que encarna o *inominável*, a decadência moral e o poder ideológico opressor. Ao mesmo tempo, a tradição cristã a representa sendo esmagada por Cristo, pela cruz ou pelos santos, como São Miguel ou São Jorge, simbolizando o triunfo do bem sobre o mal. Em chave simbólica mais profunda, Jung (apud Chevalier & Gheerbrant, 2001) interpreta a serpente como expressão da “psique inferior”, os impulsos inconscientes que precisam ser integrados e purificados. Para Pozzobon, atravessar essa serpente é viver a ascese, isto é, o enfrentamento da sombra interior, a ordenação das forças vitais em direção à luz, à verdade e ao encontro com a Mãe Rainha.

Esses elementos simbólicos ultrapassam a função representacional. Como lembra Freedberg (2013), imagens eficazes provocam, mobilizam afetos, geram respostas físicas e espirituais. Esse poder não se limita ao que se vê, mas ao que se espera da imagem, ao que ela convoca em quem a contempla. No imaginário do sagrado, segundo Eliade (2004), símbolos e mitos pertencem à substância da vida espiritual. Não se pode suprimi-los, a imagem não é apenas reflexo do sagrado, mas o próprio meio por onde ele se manifesta, como gesto cosmogônico, como retorno ao centro, “não se pode extinguir o símbolo, pois ele é condição de possibilidade para a libertação” (Eliade, 1992, p. 114).

Nesse sentido, o conteúdo simbólico não reside apenas naquilo que se vê, mas no modo como a imagem comunica. Como afirma Panofsky (2012), uma imagem “denúncia, mas não ostenta” (p. 33), condensando em si *tensões* espirituais, culturais e históricas. Quando gesto e forma se equilibram, revela-se o “conteúdo intrínseco” da imagem, aquilo que a transcende como objeto e a converte em sacramento visível. Assim, na iconografia de Pozzobon, os elementos e textos por ele trazidos são corporificações de seus princípios religiosos, tornando visível aquilo que age sobre o invisível.

Além disso, se no contexto europeu da Primeira Guerra Mundial Pe. Kentenich enfrentava os efeitos de uma mentalidade mecanicista que fragmentava a realidade e afastava o homem de sua interioridade espiritual, poderíamos dizer que, por analogia, a serpente, como símbolo da desordem e da escravidão interior, poderia representar esse pensar mecanicista que ele tanto criticava. Já João Pozzobon, no sul do Brasil, travava a mesma batalha: a luta contra a

486





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

perda da fé entre os católicos e a indiferença religiosa. A imponente e pesada capela da Mãe Rainha que ele levava sobre os ombros e o terço que ele carregava, representavam armas tão poderosas quanto as espadas reproduzidas nos seus desenhos. Com elas promoveu transformações espirituais e sociais.

Um exemplo de transformação social, foi a construção de uma pequena capela de capim, erguida em 1952, registrada em seus quadros/relatórios, visando proporcionar aos mais pobres e simples a vivência da fé. Em 1954, Pozzobon idealizou e iniciou a Vila Nobre de Caridade, um projeto social voltado à moradia gratuita para os mais necessitados. Segundo Uriburu (1984), sua proposta ia além do assistencialismo, ele visava educar, formar cidadãos e oferecer acesso à fé e ao conhecimento religioso. No ano seguinte, foi instalada uma Via Sacra na Vila, reforçando seu caráter espiritual e comunitário. Ainda em 1954, Pozzobon ampliou sua missão às escolas, levando consigo a imagem da Mãe Rainha e fortalecendo sua atuação pedagógica, ao apresentar Maria como Mestra Educadora.

A partir de então, a Campanha cresceu em alcance e estrutura, e no quadro *O Grande Sábio*, de 1965, registrou que a organização das famílias para acolher a visita da Mãe já era sistemática, alcançando 5.267 lares. Nesse mesmo ano, foram registrados a realização de 333 casamentos legitimados e mais de 300.000 terços rezados. Nas comunidades visitadas, a presença da Mãe Peregrina estabeleceu laços, especialmente com as famílias e com as crianças, que aguardavam ansiosamente sua chegada. Como podemos observar no relato abaixo:

Ela ficou fazendo visitas mensais, protegendo a família para que não perca sua finalidade, conservando a inocência dos pequenos, como a daquele pequeno de 6 anos, que ansiava pela visita da mãezinha, reclamando por sua demora, por ter atrasado um dia; com sua inocência falou à Mãe que vinha chegando à tardinha; o menino com toda a simplicidade falou: ‘Agora é que vem chegando?... Tanto que esperava!’ Este acontecimento justifica a saudade das crianças pela visita da Peregrina das crianças. Ela eleva sua alminha ao sobrenatural.”(Pozzobon, “O Grande Sábio”, 1965)

Conforme seus registros, na constância da peregrinação, realizada passo a passo, a missão foi se alinhando progressivamente aos grandes eventos eclesiais da Igreja, culminando com a recepção das mensagens do Concílio Vaticano II. Ainda antes do Concílio, o Movimento de *Schöenstatt*, por meio da Mãe Rainha, já anunciava a paz e o amor como resposta a um mundo fragmentado. A espiritualidade proposta pelo Movimento antecipava, com simplicidade e profundidade, grandes linhas do pensamento conciliar, uma fé familiar, missionária, fecundada pela caridade. Assim, as ideias defendidas por José Kentenich se apresentam como



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

uma antecipação viva daquilo que, anos depois, seria oficialmente proclamado pela Igreja, a busca por uma comunhão fraterna, fundada na misericórdia, na corresponsabilidade e na formação de uma família espiritual unida (Pozzobon, “O Grande Sábio”, 1965).

Nesse contexto, o Concílio Vaticano II (1962–1965), convocado pelo Papa João XXIII, representou um momento de transição ao propor um *aggiornamento*, isto é, uma atualização pastoral e teológica frente às mudanças culturais e sociais do mundo contemporâneo. Rompendo com modelos eurocêtricos, o Concílio ressignificou a missão da Igreja como ação evangelizadora compartilhada por todos os batizados, reconhecendo os leigos como sujeitos eclesiais ativos, em igualdade de dignidade com os ministros ordenados (Silva e Silva, 2021; Almeida, 2020). A missão deixou de ser centrada na expansão institucional da Igreja e passou a ser entendida como anúncio do Evangelho, sendo então, reafirmados o diálogo com outras religiões e culturas, a abertura ao ecumenismo, a liberdade religiosa e o compromisso com os pobres e com a justiça social, compondo uma reconfiguração do catolicismo (Ribaric, 2019; Medeiros, 2023).

De acordo com os registros presentes no quadro analisado, a Campanha do Terço contou com importantes gestos de reconhecimento eclesial, como a bênção do bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis, por meio de cartas enviadas em 1954 e 1960. Como também, no mesmo episcopado em 1957, o bispo co-adjutor Dom Luiz Victor Sartori lhe envia uma carta reconhecendo seu trabalho pastoral, e posteriormente em 1964. Estes atos que, na compreensão de Pozzobon, significavam tanto a aprovação episcopal, como também o respaldo do clero e, simbolicamente, do próprio Papa. Esses reconhecimentos contribuíram para que a Campanha se expandisse por comunidades humildes e afastadas, tornando-se uma presença constante no cotidiano popular.

No entanto, esse crescimento não ocorreu sem *tensões*. É importante lembrar que, até o Concílio Vaticano II (1962–1965), a atuação dos leigos na Igreja era amplamente secundarizada. O modelo vigente era profundamente clerical, centralizado na figura do sacerdote, e pouco aberto à ação evangelizadora do povo simples (Almeida, 2020). Nesse contexto, a atuação de Pozzobon, um leigo, casado, pai de família, autônomo em sua missão, desafiava as estruturas eclesiais tradicionais. Sua Campanha, que crescia “de baixo para cima”, tensionam o campo religioso (Bourdieu, 2005), onde distintas posições disputavam legitimidade simbólica e autoridade espiritual. Por mais que tivesse apoio de alguns bispos em determinados períodos, sua presença ativa em escolas, presídios, lares e hospitais, levando a imagem da Mãe Rainha, gerava desconfiças em setores da Igreja, principalmente entre os anos de 1956-1969, período por ele definido como de *incompreensões*.

488





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Pontuamos também, que as motivações para as *incompreensões* sofridas por Pozzobon tem influência também do contexto religioso e político de Santa Maria. De acordo com Borin (2015), a devoção à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, promovida a partir da década de 1930, foi uma resposta estratégica do clero local diante do enfraquecimento da Igreja após o fim da união entre Igreja e Estado. Com a liberdade religiosa assegurada pela Constituição republicana, o catolicismo deixava de ser hegemônico e buscava novas formas de afirmação. Nesse cenário, o jesuíta Padre Inácio Rafael Valle teve papel central ao apresentar Nossa Senhora Medianeira como protetora da cidade de Santa Maria durante a Revolução de 1930, e posteriormente como padroeira dos Círculos Operários Católicos, reforçando sua importância religiosa e política.

A proposta de Pozzobon, com sua peregrinação, destoava dessas estratégias institucionais. Por isso, enfrentou resistências inclusive dentro da própria Igreja, onde muitos, inclusive sacerdotes, não compreendiam o sentido de sua missão com a Mãe Rainha. Para ele, porém, essas dificuldades não vinham de má-fé, mas de divergências de perspectiva sobre o sagrado (Pozzobon, entrevista, 1980). Em consonância com Borin (2015), compreende-se que a devoção à Nossa Senhora Medianeira, além de instrumento de mobilização religiosa, era também um recurso político-social, usado pelo clero local, com o apoio de Dom João Becker e de Getúlio Vargas, para fortalecer a identidade católica e combater o avanço do comunismo entre os operários ferroviários de Santa Maria. Assim, as *tensões* vividas por Pozzobon não eram apenas espirituais, mas atravessadas por disputas simbólicas e políticas dentro do próprio campo religioso.

Ainda assim, ano após ano, mesmo diante de intempéries, limitações materiais e *incompreensões*, João Luiz Pozzobon manteve-se com seus ideais. Com a Mãe Rainha nos ombros, percorreu longas distâncias em uma peregrinação contínua, ampliando a popularidade da Campanha de Oração do Terço entre o povo. Sua atuação antecipou, na prática, aquilo que o Concílio Vaticano II viria mais tarde a reconhecer oficialmente, isto é, a centralidade do leigo como sujeito ativo na missão evangelizadora da Igreja.

Conclusão

Pozzobon, neste relatório aqui apresentado, salienta os modelos espirituais que inspiraram seu caminho, principalmente o próprio fundador do Movimento Apostólico de *Schöenstatt*, “Sr. Padre José Kentenich: sob a proteção da Mãe e Rainha e de seu Santuário quer levar o grande bem: que todos descobrissem o grande segredo para a santificação” (Pozzobon, O

489



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Grande Sábio, 1965). Assim, tomando-o como referências de uma santidade vivida no cotidiano, nos pequenos gestos, na fidelidade.

Esse caminho, no entanto, não foi isento de tensões. Desde Vicente Pallotti, passando por Kentenich e chegando até Pozzobon, há uma continuidade de resistência enfrentada por aqueles que propuseram modelos de vivência da fé entre populares. Pallotti enfrentou incompreensões ao propor uma atuação missionária aberta ao laicato; Kentenich, por sua vez, viu sua pedagogia ser julgada e sua pessoa exilada por autoridades eclesiais. Pozzobon, seguidor dessa espiritualidade, também experimentou essas dificuldades no campo religioso, sendo por vezes desacreditado ou desautorizado. Seu perfil, um leigo, casado, de origem simples, que percorria cidades com uma imagem nos ombros, não correspondia à imagem tradicional do agente evangelizador dentro da estrutura hierárquica. Sua ação, que transcendia os limites do que se esperava de um leigo, tensionava as fronteiras simbólicas entre fé popular e autoridade institucional.

Neste quadro, destacamos também, a forma como ele assume sua pequenez diante da grandiosidade da tarefa que a ele fora confiada, “ajoelhado sobre o solo da terra, curvado, a beija como gratidão à Mãe e Rainha pela graça grandiosa de peregrinação dos 15 anos [...] peço que continue me aceitando assim como eu sou” (Pozzobon, *O Grande Sábio*, 1965). O gesto humilde, é uma característica da sua consagração a missão, em consonância com os valores espirituais e pedagógicos propostos por Kentenich. A simbologia por ele construída, neste caso a espada, a serpente, os braços maternos, configura uma narrativa que carrega sua experiência pessoal, e também, é o registro de uma nova sensibilidade eclesial em formação, pensando que 1965, marcava o primeiro ano pós Concílio Vaticano II.

As ações de João Luiz Pozzobon, nesse sentido, constitui-se como um marco de transição entre uma Igreja marcada pelo clericalismo e uma Igreja de comunhão, pautada na construção coletiva da fé. Como expressou o Papa João XXIII na abertura do Concílio, essa renovação representava uma “flor de inesperada primavera”, um “novo Pentecostes” (Passos, 2006). Isto é, um tempo de renovada efusão do Espírito Santo sobre a Igreja, semelhante ao evento narrado nos Atos dos Apóstolos, no qual os discípulos, antes temerosos, foram fortalecidos para anunciar o Evangelho com ousadia. Nesse espírito, a Igreja, como “mãe e mestra” (*Mater et Magistra*), reafirma sua missão de iluminar o mundo com a verdade moral.

Logo, fora exatamente nesse contexto que Pozzobon, um *pobre peregrino*, assumiu durante 35 anos (1950-1985), a missão de promover a reza do Terço de lar em lar, sendo reconhecido em 1972, ao tornar-se Diácono, e em 1985, antes de perder a vida por atropelamento, foi honrado pelo Papa João Paulo II com o título de *moderno pastoralista*. Da mesma forma, pontuamos que, em 2009, foi instaurado em Roma o Tribunal Eclesiástico para a Causa de

490



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Beatificação e Canonização do Diácono, processo que continua até hoje, sendo que em junho de 2025 foi reconhecido pelo papa Leão XIV como *Venerável* devido as suas virtudes heróicas ou seja, viveu a fé, a caridade, a esperança, a justiça, a prudência de forma heróica, a custa de grandes sacrifícios.

Referências

AGOSTINHO, **Comentário ao Gênesis**: A Gênese à Letra (De Genesi ad Litteram). Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística, v. 21).

ALMEIDA, Nadi Maria. **A missão ad gentes**: em torno da renovação do Vaticano II. Estudos Teológicos, v. 60, n. 3, p. 867–881, 2020.

BAUMER, Frankling Le van. **O pensamento europeu moderno**. Vol III. Rio de Janeiro: XX Edições, 1997

BORIN, Marta Rosa. **Pe. Kentenich e a Ideologia de *Schöenstatt***. VIDYA, v. 19, n. 34, p. 12-12, 2000.

. ———. **A “guerra” pelas Marias**: conflito no campo religioso sul rio-grandense. Maringá: Revista Brasileira de História das Religiões. v. 7, n. 21, p. 33-45, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Formas, Figuras, Cores, Números**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.

DANTAS, Janice. **Mapa dos símbolos**: a arquitetura sacra como deve ser. São Paulo: FULGET, 2024.

491



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREEDBERG, David. **El poder de las imágenes**: estudios sobre la historia y la teoría de la respuesta. Tradução de Jordi Beltrán. Madrid: Cátedra, 1989.

KENTENICH, José. **Que se faça o homem novo**. Santa Maria. Ed. Centro Mariano, 1999.

MEDEIROS, João Victor Silva. **Concílio Vaticano II**: tradição e ruptura nos bastidores eclesiológicos. 2023.

PANOFKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Helena Ochi Matos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PASSOS, João Décio. **A Construção do Concílio Vaticano II**: intuições germinais do Papa João XXIII em vista de um evento renovador. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1012-1038, 2016.

RIBARIC, Sergio Alejandro. **Ecumenismo**: do Concílio Vaticano II a Puebla. Espaços: Revista de Teologia e Cultura, v. 27, n. 1, p. 55–68, 2019.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SILVA, Fernandes Barnabé da; SILVA, Fátima A. **A missão dos cristãos leigos e leigas: do Concílio Vaticano II ao Papa Francisco**. 2021.

TREVISAN, Pe. Vitor. **Movimento Apostólico de *Schöenstatt***: introdução histórica. Santa Maria: Pallotti. Vol II, 1986.

492



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A LITERATURA REGIONALISTA: OS ATOS PUNITIVOS E DE CONTROLE DOS SENHORES DE ENGENHO

Wanderlei Porto do Nascimento Aguiar¹

Apresentação

Quais eram as práticas de tortura, controle de poder e as penalidades aplicadas pelos proprietários de engenhos nos idos de 1920 a 1940? Essa é uma questão que pode ser analisada à luz das obras de ficção regionalista, especialmente aquelas do período modernista, conhecidas como da segunda geração.

O texto que buscamos desenvolver objetiva examinar as técnicas de tortura, formas imbricadas de controle e punições aplicadas pelos proprietários de plantações nas décadas de 1920 a 1940, mesmo após findado a escravização, destacando a importância dessa análise dentro do contexto dos romances regionalistas, especialmente os pertencentes à segunda fase do modernismo.

Estamos cientes de que a pesquisa pode ser explorada em maior profundidade e, que investigações futuras poderão oferecer novas perspectivas a partir deste estudo inicial.

A relação entre a literatura e a experiência da opressão expõe as nuances sociais e as dinâmicas de poder do contexto histórico em questão, além de evidenciar como as narrativas ficcionais podem ilustrar as crueldades desse período, servindo como uma marca de autoridade, geradora de disparidades econômicas e de controle social.

Neste estudo, fundamentaremos nossa abordagem nos conceitos de “poder simbólico” e “violência simbólica” apresentados por Bourdieu (1989). O autor explica que os sistemas simbólicos funcionam como instrumentos de entendimento e interação, capazes de estabelecer uma hierarquia de poder decorrente de sua estrutura específica. O poder simbólico atua como uma influência que define a realidade, com a finalidade de estabelecer uma ordem de conhecimento: a interpretação direta e sem questionamentos influencia a maneira como os indivíduos percebem o mundo ao seu redor, especialmente dentro de um contexto social mais amplo.

¹ Mestrando em Educação Profissional (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES). Licenciado em Pedagogia (Pitágoras, 2004); Filosofia (UFES, 2017); História (UFES, 2024). Professor autista da educação básica de Cariacica e Viana-ES. Email: wanderp2065@gmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A metodologia utilizada é a revisão narrativa. Cordeiro *et al* (2007) explica que a revisão da literatura narrativa, em contraste com a revisão sistemática, aborda temas de forma mais ampla e não se concentra em perguntas específicas claramente definidas. Não requer um protocolo rigoroso para sua elaboração e a busca por fontes não é definida previamente, muitas vezes resultando em uma abordagem menos abrangente. A escolha dos artigos é subjetiva, o que pode levar a um viés de seleção, influenciado pela percepção do autor.

Entre as várias obras relevantes para esse projeto de escrita, sobressaem-se os escritores José Américo de Almeida com “A bagaceira” (1928), José Lins de Rego com “Menino de engenho” (1932) e Graciliano Ramos com o romance “Vidas Secas” (1938).

Começando por José Américo de Almeida, ele é reconhecido por abordar questões sociais e políticas em suas obras de ficção, com atenção particular à realidade e aos desafios enfrentados pelos habitantes do sertão nordestino. Em seu livro mais celebrado, “A Bagaceira” (1928), ele explora a seca e a deslocação involuntária de indivíduos do interior para áreas costeiras, evidenciando o sofrimento e a disparidade social.

Almeida (1928) ainda aborda questões relacionadas as tensões existentes entre o meio urbano e o rural, o efeito dos grandes latifúndios sobre a vida dos trabalhadores do campo e as questões relacionadas à identidade cultural. Seu modo de escrever é caracterizado por um realismo intenso e uma atenção especial às injustiças sociais de sua época.

O mesmo autor evidencia que as questões sociais e culturais do Nordeste brasileiro, especialmente os desafios que as comunidades do sertão enfrentam devido às secas e à migração forçada, servem como “cenário” para destacar a dificuldade de viver em um ambiente tão hostil. Para ilustrar isso, a obra apresenta alguns dos temas centrais: Seca: a narrativa começa com uma severa estiagem no sertão, forçando as famílias a abandonarem suas terras em busca de melhores condições de vida. Migração: o texto retrata o deslocamento dos sertanejos em direção às regiões costeiras, onde enfrentam preconceitos e diversas adversidades. Desigualdade Social: José Américo de Almeida expõe a exploração e a opressão que os trabalhadores rurais sofrem nas mãos dos poderosos proprietários de terra. Confronto entre Tradição e Modernidade: o escritor examina as tensões entre o modo de vida tradicional do sertão e as novas influências que emergem nas áreas litorâneas. Identidade Cultural: A história investiga a identidade dos habitantes do sertão e a luta para manter suas tradições frente aos desafios. “A Bagaceira” é considerada, nesse contexto, uma obra fundamental do regionalismo brasileiro, tendo um impacto significativo na literatura do país. José Lins do Rego é outro relevante nome do regionalismo na literatura brasileira, tratando de assuntos significativos em suas obras. No seu romance “Menino de Engenho” ele

494



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

descreve o cotidiano nos engenhos de açúcar da Paraíba, examinando temas como opressão, desigualdade social e as transformações econômicas e culturais que impactaram a região.

Em “Vidas Secas”, Graciliano Ramos retrata a existência árdua e instável dos habitantes do sertão nordestino. O livro explora diversos temas relevantes, incluindo: Sobrevivência e Pobreza: o romance retrata a batalha cotidiana das famílias em busca de subsistência em um cenário adverso e desfavorável, marcado pela aridez e pela pobreza intensa. Com o tema desumanização o autor ilustra como a miséria e a opressão despojam os personagens de sua humanidade, apresentando-os quase como criaturas primitivas, limitadas às suas necessidades mais elementares.

Observando a injustiça social Ramos denuncia a configuração social que mantém a desigualdade e a exploração dos menos favorecidos por aqueles que detêm poder e riqueza. Retratando a relação entre Seres Humanos e Natureza a obra investiga a interação entre a humanidade e o meio ambiente, enfatizando a apatia da natureza frente aos seus desafios e sofrimentos. Com a comunicação e solidão o autor aponta como os personagens lidam com barreiras nessa comunicação, tanto entre eles quanto com o mundo ao seu redor, intensificando seu estado de isolamento e alienação. É possível dizer que “Vidas Secas” é uma obra imponente da literatura do Brasil, apresentando uma representação dura e verídica das circunstâncias de vida no sertão nordestino.

O texto oferece uma análise que não pretende esgotar as profundas conexões entre a literatura regionalista do modernismo e as relações de poder presentes na história, principalmente no que se refere à violência sistemática. Essa relação não apenas amplia a avaliação estética das obras, mas também nos provoca a ressuscitar memórias coletivas que frequentemente ficam ocultas pelo esquecimento.

Ao expor os métodos de opressão e tortura, o texto se transforma em um convite à reflexão sobre como essas narrativas literárias podem atuar como espelhos das desigualdades sociais que ainda nos cercam. Com essa leitura, ressaltamos que a literatura vai além de ser um simples reflexo da realidade; ela se configura como uma força crítica e resiliente.

Nesse contexto, a análise crítica feita não se limita à produção literária, mas se conecta com a necessidade de reexaminar as estruturas sociais de poder que mantêm a injustiça. A obra, portanto, se torna um espaço prolífico para discussões contemporâneas sobre opressão e desigualdades econômicas nos instigando a indagar: de que maneira podemos transformar as lições do passado em ferramentas para construir um futuro mais justo e menos opressor para criar condições para a dignidade humana?

Assim, é que a interação entre literatura e história emerge como um potente instrumento para a conscientização e a transformação social, incentivando não apenas os estudiosos da

495



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

literatura, mas todos nós de várias áreas do conhecimento – História, Ciências Sociais, Antropologia, Filosofia - a nos mobilizarmos na luta contra as desigualdades que ainda perduram em nossa sociedade. Portanto, esse trabalho se configura não apenas como um exercício acadêmico, mas como um apelo à ação programada, uma chance de revisitar e reinterpretar nosso papel na construção da memória e na busca por justiça social.

Discussões acerca das obras literárias

Examinar as táticas de tortura e as medidas punitivas utilizadas pelos grandes latifundiários ou pelas autoridades governamentais entre 1920 e 1940 exige uma pesquisa mais aprofundada, é o que já dissemos. No entanto, devido às limitações de espaço, iremos nos concentrar em partes que atendam ao propósito mencionado. Para essa análise, selecionamos três autores e suas obras: José Américo de Almeida com “A bagaceira” (1928), José Lins de Rego com “Menino de engenho” (1932) e Graciliano Ramos com o livro “Vidas Secas” (1938).

A conexão entre arte e ativismo nas obras de José Américo de Almeida, em “A bagaceira” (1928), José Lins de Rego, com “Menino de engenho” (1932), e Graciliano Ramos, através do romance “Vidas Secas” (1938), ressalta que a literatura, ao abordar questões sociais prementes, transforma-se em um símbolo de esperança e um chamado à reflexão. Assim, ao explorarmos essas narrativas, não nos mantemos como simples espectadores, mas nos tornamos protagonistas de uma incessante busca por justiça e verdade.

Por meio de suas histórias, somos instigados a reconhecer a importância de nossa própria contribuição na promoção da justiça e na resistência à opressão. Dessa forma, a literatura vai além de apenas narrar; ela se torna um guia que ilumina as trevas das injustiças sociais, nos incitando a tomar atitudes. É nesse cenário de adversidade que notamos a energia e a importância desse diálogo, onde cada palavra atua como uma semente de transformação.

Assim, a integração entre arte e ativismo não apenas enriquece a literatura, mas também estabelece um compromisso ético, enfatizando que cada leitor pode e deve ser um agente de mudança.

Ao nos aprofundarmos nessas histórias, somos lembrados do poder que possuímos: a habilidade de amplificar as vozes dos oprimidos e de lutar por um futuro mais equitativo e justo. Essa conexão entre literatura e ativismo não é meramente uma moda, mas uma necessidade premente de nossos dias.

De acordo com Bosi (2006), “Vidas Secas” é o último romance escrito de Graciliano Ramos, narrado após as dificuldades que viveu nos porões de navios, onde ficou detido por quase

496



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

um ano durante o período do Estado Novo. Essa vivência foi crucial para a representação dos retirantes, que são descritos de forma animalizada em sua obra.

Soares (2008) explica que o romance *Vidas Secas*, publicado em 1938, é a única obra de Graciliano Ramos que é narrada em terceira pessoa e se destaca por abordar os dramas sociais que afetam sua região natal. A história se desenrola em um breve período e retrata o dia a dia de uma família de retirantes que foge da seca no Nordeste do Brasil, composta pelo pai Fabiano, a mãe Sinhá Vitória, seus dois filhos e a cadela Baleia.

Soares (2008) ainda argumenta que durante a viagem, o personagem Fabiano se estabelece como vaqueiro em uma fazenda desabitada, desfrutando de um breve momento de estabilidade, mas logo vê seus anseios se desvanecerem. Com a volta da seca, a família retoma sua jornada migratória em busca de sustento, pontua o autor.

O pequeno estudo que empreendemos, destaca a importância dessa investigação no âmbito dos romances regionalistas, consoante já argumentado, especialmente no período final do modernismo. Ao iniciar essa jornada literária com a obra “*Vidas Secas*”, apresentamos um exemplo emblemático da presença do poder governamental nos sertões do Nordeste, manifestando sua severidade punitiva, onde se encontra um personagem conhecido como “soldado amarelo”.

A convergência das críticas e avaliações apresentadas expõe uma análise complexa e profunda das práticas de tortura, punição e controle do poder que caracterizaram um período obscuro da história. Essa reflexão não apenas revela a brutalidade social e desumana do tempo, mas também nos mostra como a literatura pode se tornar uma ferramenta sofisticada de resistência e crítica a essas realidades.

[...] um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme. Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. (Ramos, 2006, p. 27).

A célebre imagem do “soldado amarelo”, repleta de significados, destaca-se como um símbolo da repressão governamental, convidando o leitor a compreender e confrontar essas dinâmicas de poder que influenciam as histórias locais não como algo dado, mas como uma oportunidade de analisar um ambiente moldado por hierarquias de controle. Nesse cenário, a obra de Ramos não se limita a contar uma história, mas também estimula um debate crucial sobre as estruturas sociais e políticas que moldaram o Brasil atual.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

De acordo com Bordieu (2001), o poder mesmo quando se apoia na força bruta, seja ela militar ou financeira, a dominação carrega sempre um aspecto simbólico. Da mesma forma, os gestos de submissão e obediência representam formas de compreensão e reconhecimento, as quais, nesse contexto, ativam estruturas cognitivas que podem ser aplicadas a diversas situações do mundo, especialmente no que tange às estruturas sociais. Essas estruturas formativas são moldadas historicamente; são arbitrárias, conforme o entendimento de Saussure e Mauss, cuja origem social pode ser mapeada.

Bordieu (2001, p. 207)

O poder simbólico só exerce com a colaboração dos que lhe estão sujeitos porque contribuem para construí-lo como tal. Contudo, seria bem perigoso deter-se nessa constatação (com o construtivismo idealista, etnometodológico ou qualquer outra abordagem): essa submissão tem muito pouco a ver com uma relação de "servidão voluntária" e essa cumplicidade não é concedida por um ato consciente e deliberado; ela própria é o efeito de um poder, que se inscreve duravelmente no corpo dos dominados, sob a forma de esquemas de percepção e de disposições.

Entendemos que a presença do “soldado amarelo” na literatura regionalista e na obra citada se transforma em um convite à reflexão sobre nossa própria trajetória e suas consequências contemporâneas. Essa intenção literária é um apelo para que as vozes silenciadas pela opressão sejam resgatadas e para que esses debates críticos permaneçam vivos tanto na academia quanto na sociedade.

É fundamental que desenvolvamos uma reflexão e um diálogo crítico sobre como esses fatores influenciam não apenas nossa identidade pessoal, mas também as interações sociais no contexto mais amplo. Ao analisar e desafiar as normas que sustentam desigualdades e formas de opressão, não apenas buscamos modificar as estruturas externas, mas também pretendemos realizar uma transformação interna que permita um novo modo de compreender e viver em comunidade pela via da transformação e a luta contra todas as formas de opressão. Para Freire (2019, p.72) “o diálogo crítico e libertador, por isso mesmo que supõe a ação, tem que ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau que esteja a luta por sua libertação.”

No fim das contas, essa jornada de desconstrução se revela uma necessidade essencial, não apenas para a libertação dos indivíduos, mas para o progresso coletivo em direção a uma realidade mais justa e equitativa. Dessa maneira, ao trazer à luz essas dinâmicas ocultas, nos preparamos para agir com resistência e promover mudanças. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres históricos-sociais. (Freire, 2019, p. 128).

498



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Quando consideramos o “soldado amarelo” como um símbolo de resistência e crítica social, é importante usar sua narrativa como base para uma reflexão abrangente sobre a realidade atual. Essa análise além de aprofundar nossa compreensão das relações de poder, também nos capacita a lutar por um futuro que priorize a liberdade e a igualdade. Assim, ao contemplarmos esse emblema, devemos nos indagar: de que maneira podemos transformar esse despertar em ações concretas que contestem as injustiças presentes? Em essência, a metáfora do “soldado amarelo” não se limita a um exame da repressão, mas se apresenta como um apelo à ação em nossa busca por justiça social.

Segundo Silva e Silva (2023), o ambiente geográfico pode ser analisado como um fator que auxilia na formação da compreensão de que tanto a religião quanto o saber popular direcionam as pessoas a uma visão de mundo que se ancora em superstições, ou, de maneira mais geral, numa perspectiva acrítica que faz com que os indivíduos se comportem como se estivessem incapazes de transformar suas circunstâncias desfavoráveis.

Ao analisar o livro de Graciliano Ramos, e, utilizando-se dos seus personagens, vimos a preocupação do autor com o meio ambiente. Ao adentrar na literatura por meio de Vidas Secas, observamos o retrato de uma sociedade e realidade brasileira específica, que tem arraigadas a crença no conhecimento vulgar e religioso, e que precisa romper com as barreiras impostas por este mundo na busca do desenvolvimento e da própria sobrevivência. (Silva; Silva, 2023, p. 14352)

499

A conexão entre a literatura e a realidade sociopolítica de repressão desse tempo revela as complexidades sociais e as relações de poder em ação, além de demonstrar como a ficção pode expor as barbaridades cometidas nesse período histórico.

A literatura sempre atuou como um reflexo da sociedade, mostrando suas complexidades e contradições. A análise crítica das abordagens opressivas nas narrativas literárias se apresenta, assim, como um ato de bravura e percepção. Ao examinarmos as obras da segunda fase do modernismo, que reavaliam as brutalidades do passado, notamos que, mais do que simples relatos de um período conturbado, elas têm um papel fundamental na formação de uma consciência coletiva sobre as injustiças sociais que ainda estão presentes em nosso dia a dia. Essas obras não apenas enriquecem o cenário literário, mas também se tornam potentes ferramentas de denúncia e conscientização. A ficção, ao capturar a essência do sofrimento humano e das batalhas por liberdade, ultrapassa as limitações do tempo e do espaço, transformando nossas reflexões sobre o passado em mais do que apenas uma saudade, mas em um apelo à ação no presente. É o que aponta Silva e Silva (2023, p. 14352).



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A vida dura de Fabiano se contrasta com os donos de terras da região, mostrando a discrepância de mundos diferentes que ocupam o mesmo espaço. Ele é mais um dos excluídos desse outro mundo. Por outro lado, evidencia-se a relação de poder através dos bens extraídos, já que os ricos se tornavam mais ricos e os pobres a cada dia ficavam mais pobres, como por exemplo, o próprio Fabiano que era explorado pelo fazendeiro.

Reconhecemos a literatura como uma forma de resistência, pois, por meio de suas páginas, encontramos não só entretenimento, mas a oportunidade de questionar, aprender e, eventualmente, transformar. Nesse contexto, as narrativas nos incitam a examinar nossa própria realidade de forma crítica, desafiando-nos a confrontar as opressões que ainda subsistem.

Dando continuidade aos diálogos, prosseguimos pela senda para confrontar essas opressões. Dessa vez vamos buscar explorar o romance “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida. Nossa intenção, como já mencionado anteriormente, é analisar as maneiras de punição presentes na obra, que, em última análise, possuem um aspecto “educativo” no que se refere ao controle da autoridade local. Esse aspecto, podemos dizer, sugere uma crítica às relações de poder e à forma como a disciplina é aplicada, evidenciando o papel do autor na representação das dinâmicas sociais existentes na sua contemporaneidade.

A obra em análise ressalta a intrincada rede de relações sociais e hierarquias de poder que caracterizam as comunidades rurais, mostrando de que forma as ações punitivas se conectam às normas sociais existentes. O autor da obra “A Bagaceira” não apenas expõe essa dinâmica, mas também provoca um exame crítico sobre a efetividade dos métodos “educacionais” convencionais, se assim podem ser denominados, desafiando a ética dos sistemas de controle que dominam essas coletividades.

A convocação para a reflexão é especialmente válida em um cenário onde disciplina e autoridade são frequentemente associadas à ideia de castigo. Assim, o texto atua como um motor para uma conversa mais abrangente sobre a equidade das punições e como elas podem, em diversas ocasiões, reforçar ciclos de opressão e desigualdade. Trata-se de um apelo para reavaliar as estratégias punitivas, em meio ao cenário que é seca severa, sugerindo alternativas que sejam mais justas e humanas, algo que se torna cada vez mais crucial em momentos em que a empatia e o entendimento mútuo são extremamente essenciais.

No final, a obra não apenas critica práticas punitivas que são para além de problemáticas, mas também propõe um caminho em direção a uma maior justiça social, instigando o leitor a confrontar e reinventar as maneiras de exercer autoridade. Essa combinação de crítica social e proposta de mudança torna a análise da obra do autor não só pertinente, mas também

500



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

motivadora, desafiando-nos a construir comunidades mais justas, nas quais a disciplina sirva como um meio de desenvolvimento e não de repressão.

Conforme afirmam Sousa e Timbó (2015), a obra *A Bagaceira*, lançada em 1928, é vista como um marco na literatura brasileira. Este livro é frequentemente reconhecido por trazer uma perspectiva crítica acerca das desigualdades sociais no Brasil, especialmente na Região Nordeste.

Mais do que um romance de seca, *A Bagaceira* é um texto de transição e, como tal, transformador, por isso mesmo problematiza inúmeras questões políticas e socioculturais, que remetem às particularidades do ambiente rural do sertão, evidenciando os problemas das relações de poder, familiares e interpessoais, sem deixar, porém, de tratar o ser humano em geral. (Sousa; Timbó, 2015, p. 206).

Dialogando em parte com os autores acima, Lima (2016) argumenta que há ausência da denúncia da seca no romance de Almeida, e esta impede que haja uma análise profunda do ambiente ou que se concentre, de maneira primária, na relação intensa entre o homem do sertão e o clima seco. Em vez disso, de acordo com a autora, o foco recai sobre as interações (des)humanas que envolvem os proprietários de terras e seus trabalhadores. Nesse cenário, explica a pesquisadora, a ideia de progresso, com uma perspectiva positivista da história, também não se revela em *A bagaceira*. Ao final da narrativa, com a elevação da usina no Marzagão, a felicidade não parece estar alinhada às conquistas tecnológicas, e os subordinados continuam, de forma direta ou indireta, sob o domínio daqueles que detêm o poder econômico.

A análise crítica realizada pela pesquisadora enfatiza um ponto crucial que frequentemente é ignorado nas conversas sobre desenvolvimento: a falta de profundidade das métricas habituais que costumamos empregar para avaliar o progresso. Embora à primeira vista o crescimento econômico possa parecer um indicativo inequívoco de riqueza, o trabalho nos instiga a explorar além dos números e diagramas, expondo uma rede intrincada de relações de poder que ainda exclui os mais fragilizados.

E é justamente nessa questão do controle de poder que podemos mencionar uma dimensão do poder simbólico (Bourdieu, 1989). Holanda (1978) apud Lima (2016) argumenta que o abuso de autoridade por parte de Dagoberto em “*A bagaceira*” de 1928, juntamente com a opressão dos trabalhadores nas plantações, traz à mente a reflexão sobre a visão de Holanda. De acordo com o historiador, esclarece a autora, a constituição do Brasil foi influenciada pelo personalismo, pelo agrarismo, pelo patriarcalismo e, principalmente, por uma colonização desorganizada, onde os desejos pessoais dos senhores de terra prevaleciam sobre

501



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

qualquer planejamento adequado. Lima (2008) analisando essa obra continua dizendo que essa realidade se caracteriza pelo paternalismo absoluto, com a supremacia da família e da casa-grande em relação ao Estado, resultando na interferência do poder privado, que bloqueou o desenvolvimento do conceito de cidadania e conferiu aos proprietários de vastas terras a prerrogativa de usar a repressão, como claramente exemplificado na postura de Dagoberto.

Referências

BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

BORDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 6, p. 428–431, nov. 2007.

CUNHA, Eneida leal. Uma literatura nos trópicos: notas ao pé da página. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 119–134, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/22198>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LESSA, M. M. R. A linguagem crítica e realista de Graciliano Ramos: um ensaio analítico do discurso literário presente em “Vidas secas”. **Revista Philologus**, RJ, v. 27, n. 81, dez. 2021.

LIMA, Elaine Aparecida. Olhar enviesado: a crítica e o falso romance da seca. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, [S. l.], v. 12, p. 158–170, 2016. DOI: 10.5433/1678-2054.2008v12p158. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24863>. Acesso em: 23 jan. 2025.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

MARINHEIRO, Elizabeth. **A bagaceira**: uma estética da sociologia. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.

MARINHO, Maria Celia Novaes. **Imagem da linguagem na obra de graciliano ramos**: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances angustia e vidas secas. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Acesso em: 21 jan. 2025.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SOARES RIBEIRO, E. A humanização da cachorra Baleia vs. a animalização de Fabiano: uma análise descritiva da tradução do livro Vidas Secas para o cinema. **DARANDINA REVISTELETRÔNICA**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, 2023. DOI: 10.34019/1983-8379.2008.v1.39584. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/39584>. Acesso em: 21 jan. 2025.

503

SOUZA, Maria da Glória Ferreira de; TIMBÓ Margarida Pontes. As estruturas de poder em A bagaceira, de José Américo de Almeida. **Revista Rascunhos culturais**, I Coxim, MS I, v. 6, n. 11, p. 1-287, 1 jan./jun. 2015.

SILVA, A. M. da ; SILVA, J. C. da. ANÁLISE DO ROMANCE VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS, A PARTIR DA ECOCRÍTICA. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 9, p. 14346–14364, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N9-046. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1659>. Acesso em: 20 jan. 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CARTOGRAFIAS DO SENSÍVEL: TEATRO, MEMÓRIA E JUSTIÇA SOCIAL NA BAIXADA FLUMINENSE COM A REDE BAIXADA EM CENA E O INSTITUTO CULTURAL CERNE

Anna Paula Soares Lemos¹

Vinicius Baião²

Introdução

A Baixada Fluminense ocupa um lugar paradoxal no imaginário e na realidade do estado do Rio de Janeiro. Região marcada historicamente pela desigualdade social, pela ausência de políticas públicas estruturais e pela estigmatização midiática, ao mesmo tempo é território de intensa produção cultural, de práticas artísticas inovadoras e de uma memória coletiva resistente. Essa ambiguidade revela-se como um campo fértil para compreender como a arte, especialmente o teatro, pode se articular com processos de justiça social e de construção de novas cartografias do sensível.

Partindo da experiência da Rede Baixada em Cena e do Instituto Cultural Cerne, este artigo busca refletir sobre como a produção teatral da região ultrapassa o campo estético para se configurar como prática política, pedagógica e social. Não se trata apenas de encenar peças, mas de disputar narrativas, visibilidades e direitos em uma região que, segundo dados oficiais, concentra mais de 4 milhões de habitantes, cerca de um quarto da população do estado, mas que sofre de sub-representação em termos de investimento cultural e reconhecimento simbólico.

¹ Doutora e Mestre em Literatura Comparada na Faculdade de Letras – UFRJ com pós-doutorado em Literatura Comparada - UFF. Atualmente é Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, PPGHCA/AFYA UNIGRANRIO. É JCNE - Faperj (Edital E_19/2022 - PROGRAMA JOVEM CIENTISTA DO NOSSO ESTADO - 2022) com a pesquisa "SALA DE ENSAIO: A PRODUÇÃO TEATRAL BRASILEIRA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL". É líder do grupo de pesquisa IMAGEMNO - Núcleo de Estudos em Imagens, Memórias, Narrativas e Oralidades. Estuda a cena contemporânea em diálogo com as tecnologias, via narrativas audiovisuais, o teatro, os coletivos artísticos e a sociedade. Foi Bolsista Produtividade FUNADESP com pesquisa sobre o coletivo de teatro da Baixada Fluminense "Rede Baixada em Cena". É membro do GT Teatro e Dramaturgia da ANPOLL.

² Dramaturgo e diretor teatral. Fundador do Instituto Cultural Cerne e da Escola Popular de Teatro de Baixada. Vencedor do Prêmio Shell de dramaturgia por "Três Irmãos" e do Prêmio CBTIJ de melhor texto adaptado por "Uma História de Rabos Presos". Compõe o Portal de Dramaturgia, que reúne 101 dramaturgos contemporâneos em atividade no Brasil. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, PPGHCA/AFYA UNIGRANRIO.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O trabalho articula três eixos principais: (1) a contextualização da Baixada Fluminense a partir de dados demográficos e socioeconômicos do IBGE e de pesquisas acadêmicas, evidenciando o histórico de invisibilidade e marginalização; (2) a discussão teórica sobre a noção de cartografia do sensível, inspirada em Félix Guattari, Suely Rolnik e Jacques Rancière, como ferramenta para pensar os atravessamentos entre estética e política; (3) a análise das práticas da Rede Baixada em Cena e do Instituto Cultural Cerne, compreendendo-as como estratégias de resistência cultural e de ativação da memória coletiva.

Assim, pretende-se dar a ver a potência do teatro produzido na Baixada como forma de insurgência contra a colonialidade do poder e do saber, contra o racismo estrutural e contra as lógicas de invisibilização que há décadas marcam o território. Mais do que registrar experiências artísticas, trata-se de compreender como esses coletivos constroem um projeto ético-estético de transformação social, no qual o palco se torna espaço de encontro, denúncia, elaboração da memória e exercício de cidadania.

A Baixada Fluminense: território, números e estigmas

505

A Baixada Fluminense é composta por 13 municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Segundo dados do IBGE (Censo 2022), a população somada desses municípios ultrapassa 4,2 milhões de habitantes, o que corresponde a aproximadamente 24% da população do estado do Rio de Janeiro. Para efeito de comparação, trata-se de uma população equivalente à de estados inteiros como Pernambuco ou Ceará.

A densidade populacional é uma das características marcantes da região. São João de Meriti, por exemplo, possui uma das maiores densidades do Brasil, com mais de 13 mil habitantes por quilômetro quadrado. Entretanto, essa concentração populacional não é acompanhada por políticas públicas proporcionais. Os indicadores de desenvolvimento humano revelam desigualdades estruturais: baixos índices de escolaridade média, dificuldades no acesso a serviços de saúde e saneamento básico ainda insuficiente em vários municípios.

Além disso, ainda de acordo com o IBGE (2022), municípios da Baixada apresentam Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) em torno de 0,70, inferiores ao da capital Rio de Janeiro (0,80). Veja os dados do instituto na tabela a seguir:



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



CIDADES	POPULAÇÃO	IDHM	ÁREA DO MUNICÍPIO
Belford Roxo	518.263	0,684	77,82 km ²
Duque de Caxias	808.161	0,711	467,319 km ²
Guapimirim	51.696	0,698	356,6 km ²
Itaguaí	116.841	0,715	282,607 km ²
Japeri	96.289	0,659	81,697 km ²
Magé	228.127	0,709	390,775 km ²
Mesquita	167.127	0,737	41,169 km ²
Nilópolis	146.774	0,753	19,393 km ²
Nova Iguaçu	785.867	0,713	520,581 km ²
Paracambi	41.375	0,720	190,949 km ²
Queimados	140.523	0,680	75,927 km ²
Seropédica	84.737	0,713	265,189 km ²
São João de Meriti	440.962	0,719	35,216 km ²

Registra-se ainda que a região registra altos índices de violência e carência de equipamentos culturais permanentes. O que contrasta com a intensa produção artística local.

A imagem da Baixada Fluminense é ainda atravessada por estigmas históricos. A mídia, ainda que dando sinais de mudança, costuma retratá-la quase exclusivamente pela violência urbana ou por tragédias climáticas, reforçando a noção de território-problema. Esse enquadramento³ reduz a complexidade do território e apaga a riqueza cultural, histórica e social da região. Como aponta Milton Santos (2000), os territórios não são apenas recortes geográficos, mas campos de disputa simbólica, onde se definem quais histórias têm direito à visibilidade. Nesse sentido, pensar a Baixada Fluminense exige romper com os enquadramentos midiáticos e acadêmicos que a situam como periferia da capital, para entendê-la como centro de experiências próprias.

Ao mesmo tempo, é preciso ressaltar que a Baixada tem sido berço de importantes movimentos sociais, culturais e religiosos. Desde o Movimento Negro Unificado que atuou fortemente na região nas décadas de 1970 e 1980, passando pelas experiências comunitárias das escolas de samba, até a emergência de coletivos de teatro e cultura nos anos 2000, há um tecido social pulsante. O desafio é reconhecer essa vitalidade em sua densidade histórica e não apenas como reações pontuais à carência estrutural.

³ A teoria do enquadramento ou framing theory no campo da comunicação social, explica de que maneira a forma de apresentar uma informação e/ou uma narrativa influencia a percepção e interpretação do público.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Fundamentos teóricos: cartografia do sensível, estética e política

O conceito de cartografia do sensível oferece um enquadramento teórico para compreender como práticas artísticas podem transformar territórios afetivos e simbólicos. Félix Guattari (1992), em *Caosmose*, propõe uma abordagem existencial e política que mapeia fluxos subjetivos e afetivos, percebendo os modos de existência que escapam da representação institucionalizada. Guattari entende o território não apenas como espaço físico, mas como conjunto de relações vividas, afetos e experiências que definem as possibilidades de existência das pessoas.

Suely Rolnik (1989, 2005), em *Cartografia Sentimental* e *Micropolítica: cartografias do desejo*, amplia esse conceito, propondo que a escuta e a prática estética dos sujeitos são formas de produção de conhecimento sensível, político e poético. Para Rolnik, mapear um território sensível significa registrar não apenas dados geográficos, mas também memórias, afetos, experiências e resistências que não se encontram nos relatórios oficiais ou nos censos.

Jacques Rancière (2005), por sua vez, com o conceito de partilha do sensível, mostra como determinadas práticas culturais definem quem pode ser visto, ouvido e reconhecido em sociedade. Em contextos periféricos, a produção artística torna-se ferramenta de redistribuição do sensível: ao ocupar o espaço público, o teatro da Baixada reivindica visibilidade e legitima experiências marginalizadas, deslocando narrativas historicamente hegemônicas.

Augusto Boal (1996), no *Teatro do Oprimido*, contribui para compreender a dimensão prática dessa teoria: transformar espectadores em protagonistas da cena é também uma forma de ativar consciência política, possibilitando que a própria comunidade reelabore suas memórias e seu papel social. As práticas de Boal são especialmente significativas quando aplicadas em territórios periféricos, pois permitem que a arte não seja apenas contemplada, mas vivida e compartilhada como estratégia de empoderamento e resistência.

Além disso, pesquisas sobre memória e identidade, como as de Ecléa Bosi (1994), demonstram que a memória coletiva é central na construção de pertencimento. Nas periferias urbanas, o teatro pode atuar como espaço de preservação de histórias que, de outra forma, permaneceriam invisíveis, legitimando experiências históricas locais e promovendo reflexões sobre injustiças estruturais.

Assim, a cartografia do sensível, o teatro do oprimido e a partilha do sensível fornecem ferramentas teóricas para compreender a atuação da Rede Baixada em Cena e do Instituto Cultural Cerne. O território da Baixada não é apenas um espaço físico: é um espaço simbólico e afetivo que a prática teatral ajuda a mapear e ressignificar, transformando experiências de

507



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

exclusão em possibilidades de pertencimento, reconhecimento e justiça social como veremos ao falar da Rede e da Cerne.

A Rede Baixada em Cena: trajetória, objetivos e ações

A Rede Baixada em Cena foi criada como uma articulação de grupos, coletivos e artistas de diferentes municípios da Baixada Fluminense, com o objetivo de fortalecer a produção cultural periférica e criar uma rede colaborativa de trocas e difusão artística. Fundada formalmente em 2008, a Rede atua como primeira iniciativa sistemática de integração do teatro da Baixada, promovendo circulação de obras, encontros de formação e festivais que consolidam o território como produtor de cultura e memória.

A Rede organiza mostras teatrais anuais, rodas de conversa, workshops e seminários, estimulando não apenas a produção artística, mas também a criação de redes de solidariedade e pertencimento entre artistas e público. O 15º aniversário da Rede, em 2023, exemplifica essa dimensão: a mostra reuniu apresentações em cinco municípios, incluiu intervenções cênicas, lançamento de documentário e premiação de destaque cultural.

A prática da Rede evidencia um compromisso com a justiça cultural, entendida como reconhecimento do valor simbólico e social do território e de suas populações. Ela promove a circulação de obras autorais e a valorização de narrativas contra hegemônicas, permitindo que as comunidades da Baixada sejam protagonistas de suas próprias histórias. Veja o mapa da Baixada Fluminense com as companhias teatrais que fazem parte da Rede:



O ponto de análise da Rede, para este artigo, é a articulação com o Instituto Cultural Cerne. Essa colaboração potencializa a formação de novos artistas, a criação de repertório teatral autoral e a mobilização da população para práticas culturais contínuas. A Rede atua como



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ponte entre coletivos e espaços como o Cerne, garantindo a circulação de saberes e experiências no território e fortalecendo políticas de memória e identidade local.

O Instituto Cultural Cerne, sediado em São João de Meriti, constitui-se como um dos principais polos de produção cultural da Baixada Fluminense. Fundado por artistas locais, o Cerne tem como missão democratizar o acesso à arte, promover formação teatral e estimular a produção autoral, valorizando a memória e a identidade do território. Diferentemente de políticas culturais top-down, o Cerne opera a partir de uma pedagogia situada, que considera as experiências, histórias e potencialidades dos moradores da região como centro de sua ação. Em 2023, o Cerne inaugurou a Escola Popular de Teatro da Baixada Fluminense, uma iniciativa voltada à formação de jovens e adultos, oferecendo oficinas de atuação, dramaturgia, direção, produção e formação de plateia. No primeiro ano, a escola contou com mais de 200 alunos, abrangendo idades de 4 a 62 anos, e 866 horas de atividades distribuídas entre cursos regulares e oficinas livres.

O projeto da Escola Popular de Teatro vai além da formação técnica: busca fomentar a consciência crítica, a criatividade coletiva e a valorização do patrimônio cultural imaterial. A culminância do curso inclui apresentações autorais, como a peça *Altura Suficiente*, que envolve não apenas os estudantes, mas também a comunidade local como espectadores ativos, promovendo uma experiência estética compartilhada que reforça vínculos afetivos e sociais. O Cerne também atua na circulação de espetáculos, incluindo produções autorais e adaptações de obras literárias. Um exemplo recente é a circulação da montagem adaptada de *Era uma vez um tirano* por quatro cidades da Baixada: Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Japeri. As apresentações, gratuitas, alcançaram diferentes públicos e fortaleceram o sentido de pertencimento e visibilidade cultural da região.

A relação com a Rede Baixada em Cena é estratégica e simbiótica. A Rede oferece a plataforma de articulação e circulação, enquanto o Cerne proporciona espaço físico, formação contínua e produção autoral. Juntas, as duas iniciativas funcionam como um ecossistema cultural da Baixada Fluminense: a Rede amplia o alcance territorial e a circulação de saberes; o Cerne produz repertório, forma novos artistas e legitima o papel da periferia como centro de criação cultural.

O impacto dessas práticas vai além do teatro. Ao estimular a participação, a escuta sensível e a construção coletiva de narrativas, o Cerne atua como catalisador de processos de justiça social e memória coletiva. Em um território marcado por desigualdades estruturais, a produção artística se configura como forma de resistência simbólica e de ativação da cidadania. Como afirma Bosi (1994), a memória coletiva é central para a afirmação de

509



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

pertencimento e para a construção de projetos de futuro, especialmente em regiões historicamente marginalizadas.

Análise crítica: teatro, memória e justiça social

A experiência combinada da plataforma de circulação Rede Baixada em Cena e do Instituto Cultural Cerne exemplifica como o teatro pode operar simultaneamente como ferramenta estética, pedagógica e política. Em um contexto de marginalização e invisibilização, essas iniciativas produzem um deslocamento simbólico: a periferia deixa de ser apenas objeto de representação e se torna sujeito de sua própria narrativa.

A prática teatral na Baixada Fluminense atua como uma cartografia do sensível, mapeando afetos, memórias e experiências que escapam dos indicadores oficiais e das representações midiáticas. Ao considerar o território como espaço de produção de conhecimento e de subjetividades coletivas, a Rede e o Cerne exemplificam o que Guattari (1992) e Rolnik (1989) chamam de prática de escuta sensível: mapeamento de fluxos subjetivos que não se reduzem ao espaço geográfico, mas se inscrevem na experiência e na memória.

Além disso, seguindo Rancière (2005), essas iniciativas desafiam a distribuição tradicional do sensível, estabelecendo novos regimes de visibilidade. Ao ocupar teatros, praças e centros culturais, os coletivos reivindicam o direito à escuta e à visibilidade, inserindo na esfera pública vozes e narrativas tradicionalmente marginalizadas.

Do ponto de vista da justiça social, a produção teatral vai além do simbólico: promove formação, engajamento comunitário e criação de redes de apoio e solidariedade. A pedagogia do Cerne e a articulação da Rede refletem uma compreensão profunda de que a cultura não é apenas entretenimento, mas instrumento de empoderamento e transformação social, capaz de enfrentar desigualdades estruturais, fortalecer a identidade local e estimular protagonismo cultural.

O trabalho dos dois coletivos também dialoga com políticas culturais e acadêmicas, indicando que intervenções artísticas em territórios periféricos podem servir de modelo para programas de formação cultural, desenvolvimento social e promoção de direitos humanos. O caráter participativo das ações garante que a comunidade não seja apenas receptora, mas coautora de sua história, ampliando o sentido de pertencimento e a capacidade de agência social.

Conclusão

A experiência da Rede Baixada em Cena e do Instituto Cultural Cerne demonstra que o teatro periférico pode atuar como tecnologia social de transformação, memória e justiça. Ao

510



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

articular práticas de criação, formação e circulação cultural, esses coletivos não apenas produzem espetáculos, mas constroem cartografias do sensível, mapeando afetos, memórias e histórias que se encontram invisibilizadas nos registros oficiais e nas representações midiáticas dominantes.

O caráter interdisciplinar dessas práticas evidencia a intersecção entre arte, educação, política e sociologia. Ao engajar a população local, essas iniciativas desenvolvem habilidades de escuta, percepção e pertencimento, fortalecendo o tecido social e promovendo formas de resistência simbólica. Em territórios historicamente marginalizados, como a Baixada Fluminense, a arte torna-se veículo de transformação social, empoderamento comunitário e afirmação de identidades culturais.

A parceria entre a Rede Baixada em Cena e o Instituto Cultural Cerne exemplifica um modelo de cooperação sustentável e inovadora, no qual espaços de produção artística e plataformas de circulação trabalham conjuntamente. Enquanto a Rede garante a visibilidade, o Cerne produz repertório e promove a formação, criando um ciclo virtuoso de criação, circulação e memória coletiva.

Essa articulação evidencia que a justiça social não se efetiva apenas por legislações ou políticas públicas formais: ela se constrói na capacidade de uma comunidade de narrar sua história, preservar suas memórias e participar ativamente da produção cultural e simbólica do território. Ao ocupar o espaço público e institucionalizar processos de formação artística, esses coletivos desafiam hierarquias tradicionais de poder e visibilidade, afirmando a centralidade das culturas periféricas na construção do conhecimento, da memória e do bem-estar coletivo.

Portanto, compreender a Baixada Fluminense a partir dessas práticas culturais exige deslocar o olhar da periferia como déficit para a periferia como protagonista de sua própria história, reconhecendo que os territórios sensíveis são simultaneamente espaços de resistência, de (re) existência, de criação e de experimentação social.

Referências

BOAL, Augusto. *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético, filosófico, científico e político*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1989.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Imagens da branquitude: presença e ausência no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico 2022: resultados preliminares da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

PORTAL TEATRO DA BAIXADA. Cia Cerne inaugura Escola Popular de Teatro da Baixada Fluminense. 2023. Disponível em: <https://teatrodabaixada.com.br/cadastro-noticias/cia-cerne-inaugura-escola-popular-de-teatro-da-baixada-fluminense-conheca-as-acoes-para-este-ano/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

INSTITUTO CULTURAL CERNE. Canal oficial no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCMzAO-GtP34t97trDA4G0kw>. Acesso em: 17 ago. 2025.

REDE BAIXADA EM CENA. <https://redebaixadaemcena.medium.com/>

512



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE MATO GROSSO

Érica Núbia Lopes de Moraes Carvalho¹

Fernanda Martins da Silva²

A trajetória do movimento negro no Brasil é marcada por diversas formas de resistência, articulação política e luta por direitos ao longo da história. Desde o período colonial até a contemporaneidade, o povo negro desenvolveu diferentes técnicas de enfrentamento ao racismo e de afirmação de sua identidade, construindo assim uma base histórica importante, a qual culminaria na promulgação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

Nesse sentido, Movimento Negro Brasileiro significou conjunto de ações coletivas estruturadas por pessoas negras e demais defensores dos mesmos ideias, que tem como objetivo principal o combate ao racismo, a promoção da igualdade racial e a valorização da identidade, cultura e história da população negra. Pereira, define Movimento Negro Brasileiro como sendo “movimento social que tem como particularidade a atuação em relação a questão racial. Sua formação é complexa e engloba o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo” Pereira, (2012, p. 99). Assim, o Movimento Negro Brasileiro tem como protagonista integrantes negros, mas também compõe o grupo outros personagens defensores da luta pela garantia dos direitos da população negra.

No Brasil o Movimento Negro tem suas raízes históricas desde os tempos do período colonial, quando ainda pessoas negras eram escravizadas, quando negros resistiam à opressão por meio de fugas, revoltas e formação de quilombos. Assim, durante o período colonial e

513

¹ Graduada em Licenciatura Plena em História pela FESB – Faculdade de Estudos Sociais de Barra do Garças. Pós-graduação em Reengenharia de Projetos educacionais–História. Mestranda do programa de Pós-graduação Proffhistória – Mestrado em Ensino de História pela UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso, na linha de pesquisa Saberes históricos no espaço escolar. Professora de História da Educação básica da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso – SEDUC/MT. Email: erica.nubia@unemat.br .

² Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na linha de Linguagens, Estética e Hermenêutica. Mestre em História pela Universidade federal da Grande Dourados (UFGD), na linha de Identidade, Imaginário e Representações Sociais e Graduada em Licenciatura em História Pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul(UFMS), professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso, credenciada ao Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Ensino de História (ProffHistoria – Unemat). E-mail: fernanda.martins@unemat.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

boa parte do império, formaram-se diversos quilombos, comunidades organizadas por pessoas negras que resistiram ao processo de escravização, espalhados por todo o território brasileiro.

Enfim as comunidades quilombolas, foram e são espaços concretos da resistência negra frente à opressão escravagista, preservando modos de vida, religiosidade, cultura e formas autônomas de organização social. Entre as comunidades formadas por população negra o Quilombo dos Palmares destacou-se como o maior e mais duradouro símbolo dessa resistência, tornando-se uma referência histórica de luta pela liberdade e de afirmação da identidade e cultura da população negra.

Ademais os quilombos no século XVII pode ser compreendido como espaços concretos de resistência negra no Brasil, e, portanto, formas iniciais do que mais tarde se consolidaria como o Movimento Negro. Assim as experiências de autonomia coletiva foram sucedidas por novas formas de articulação política que ganharam força especialmente nos debates em torno da abolição da escravidão.

Após o fim da escravidão no Brasil, início do século XX e a Proclamação da República, a população negra continuava a enfrentar profundas desigualdades sociais e a permanência da exclusão étnico racial nas esferas econômica, política e educacional. Diante desse contexto emergiu a imprensa negra, um importante instrumento de mobilização e denúncia, como pode ser observado a seguir:

Logo depois da abolição, já circulavam jornais voltados para as populações negras, como o Treze de maio, do Rio de Janeiro (1888), e O Exemplo, de Porto Alegre (1892). Havia também um conjunto de jornais - publicados na cidade de São Paulo a partir da década de 1910 – que nos anos 1920, passaram a ter um caráter de denúncia da discriminação racial. Era a chamada “imprensa negra” paulista, de onde surgiram alguns dos fundadores da Frente Negra Brasileira, (PEREIRA, 2012, p. 100).

Por meio da imprensa negra, lideranças construíam narrativas próprias, articulavam pautas de combate ao racismo e promovia a construção da identidade da população negra, fortalecendo assim as lutas pela ressignificação da história desse grupo social, silenciada ao longo dos séculos.

Portanto, esse ambiente de mobilização intelectual e política proporcionado pela imprensa negra contribuiu diretamente para a reorganização do Movimento Negro, como a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), em 1931, considerada um dos marcos na institucionalização do movimento negro no período republicano. A Frente Negra Brasileira foi a primeira organização de lideranças negras de alcance nacional, no entanto, segundo

514



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Pereira, (2012, p. 103), “o movimento social negro, nesse momento, tinha como principais características a busca pela inclusão no negro na sociedade, mas sem a pretensão de transformar a ordem social”. Nesse sentido a Frente Negra Brasileira, tinha como propósito somente combater a discriminação racial, mas as ações não estavam voltadas para a promoção da transformação da organização social. A Frente Negra Brasileira (FNB) foi além de uma organização social, consolidando-se também como partido político, o qual foi extinto em 1937 com o Estado Novo de Getúlio Vargas. Apesar do curto tempo de duração a (FNB) teve um papel fundamental na organização no Movimento negro nas décadas seguintes.

Logo após o término da Frente Negra Brasileira, emergiram outras organizações do Movimento Negro, as quais tinham características mais alinhadas ao contexto social do período. Entre essas instituições, destaca-se o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias do Nascimento em 1944, que tinha como propósito valorizar a cultura negra e combater o racismo por meio das artes, especialmente do teatro, promovendo também a formação intelectual e política de jovens negros. Paralelamente ao Teatro Experimental do Negro Surgiu a União dos Homens de Cor (UHC), que atuou nas décadas de 1940 e 1950 com foco na promoção da cidadania e na defesa dos direitos civis da população negra.

Ademais, toda a organização do Movimento Negro ao longo da história brasileira, desde os quilombos, passando pela Imprensa Negra, a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e a União dos Homens de Cor, foi essencial na luta contra o racismo, o fortalecimento da identidade afro-brasileira e a garantia dos direitos da população negra. Simultaneamente essas organizações, protagonizadas por pessoas negras, também foram fundamentais para a estruturação do movimento negro contemporâneo.

Assim o Movimento Negro contemporâneo, começou a ser delineado a partir da década de 1970 no Brasil, no período da ditadura civil militar, momento da história brasileira de grande repressão e censura, mas também de mobilizações sociais que denunciavam desigualdades e buscavam reconstruir os espaços de resistência. Nesse contexto político da ditadura militar e da estruturação do movimento negro contemporâneo, surgiu, em 1978, em São Paulo, o Movimento Negro Unificado (MNU), considerado um marco por ser o primeiro a propor a unificação da luta contra o racismo em escala nacional.

Embora o Movimento Negro Unificado (MNU) não tenha conseguido reunir todos os grupos com pautas antirracistas sob uma mesma articulação, sua proposta e atuação serviram de base para o fortalecimento e a ampliação das ações do movimento negro nas décadas seguintes.

515



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Outro aspecto importante do MNU para o movimento negro contemporâneo foi a proposta de transformação social, e não integração social do negro, como militantes da Frente Negra Brasileira e outros movimentos defendiam. Nesse sentido, o MNU foi o primeiro também a denunciar e a questionar publicamente o “mito da democracia racial”, ou seja, a falsa ideia de harmonia entre os grupos étnicos. O Movimento Negro Unificado também teve papel fundamental no fortalecimento da identidade negra, ao promover debates sobre a negritude e estimular o orgulho racial. Além disso, contribuiu para a mudança de perspectiva em relação ao racismo, que deixou de ser compreendido como uma questão individual para ser reconhecido como um problema estrutural, necessitando assim da intervenção do Estado por meio de políticas públicas.

O Movimento Negro Unificado atuou no espaço político, educacional, cultural e no fortalecimento da representatividade negra, sendo uma das primeiras organizações a questionar os governantes brasileiros quanto à necessidade de elaborar e implementar políticas de ação afirmativa, voltadas à inclusão educacional e à valorização da cultura negra. Da mesma forma, Pereira (2012, p. 104) enfatiza que o Movimento Negro Unificado “tornou-se uma organização com representações em vários estados brasileiros e acabou influenciando na criação de outras organizações negras pelo país a fora”. Nesse sentido o Movimento Negro Contemporâneo na atualidade é composto por diversas organizações, autônomas, os quais podem ter diferentes enfoques como cultura, política, religião, educação, direitos das mulheres negras, juventude, mídia, saúde entre outros.

O Movimento Negro Contemporâneo iniciou sua organização em 1970, consolidando-se ao longo das décadas de 1980 e 1990. O movimento Negro na atualidade tem como característica a descentralização e a pluralidade, visto que envolve diversas organizações, cada uma de suas lideranças e atuando em diferentes frentes de combate ao racismo tanto em espaços locais como virtuais. Entre as principais organizações que integram o Movimento Negro Contemporâneo, estão o: Movimento Negro Unificado (MNU), que atua principalmente no enfrentamento do racismo estrutural, da violência policial, do racismo presente no processo educacional e na formulação de políticas públicas. Também faz parte o Geledés Instituto da Mulher Negra, criado por Sueli Carneiro, que defende os direitos à saúde e à educação das mulheres negras, além do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), que dedica-se a pesquisas sobre equidade racial, educação e mercado de trabalho, bem como, o Uneafro Brasil, que luta pela promoção da educação popular e antirracista, do mesmo modo o Movimento Negro Evangélico, que articula a prática cristã com a luta antirracista, o Pretas Ruas, que reúne mulheres negras periféricas em ações de cultura e direitos humanos. Destaca-se ainda a Coalizão Negra por

516



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Direitos, criada em 2019 para articular organizações negras em nível nacional e internacional, a (MAHIN) Organização de Mulheres Negras, na Bahia, com foco no feminismo negro, e a Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN), que promove a articulação entre o movimento negro e outras entidades sociais. Nesse sentido embora o Movimento Negro Contemporâneo não seja um movimento unificado, o que fortalece o movimento é a pauta comum de combate ao racismo que permeia por todas as organizações que o compõe e a grande capacidade de mobilização social em prol da garantia dos direitos da população negra. Ademais dentre as organizações que compõem o Movimento Negro Contemporâneo, várias organizações viam o processo educacional como base principal no combate ao racismo estrutural o que contribui para elaboração, promulgação e aplicabilidade da Lei 10.639/2003, entre essas organizações destacam-se: O Movimento Negro Unificado (MNU), o qual desde sua fundação denunciou o racismo nas escolas e defendeu a representatividade negra nos currículos escolares, sendo a primeira organização a propor uma educação antirracista como política afirmativa, o Geledés Instituto da Mulher Negra, responsável por desenvolver pesquisas, organizar materiais didáticos e formações de professores voltados à equidade racial na educação; o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), que produziu pesquisas fundamentais para embasar políticas como a Lei 10.639/2003, o Coalizão Negra por Direitos, que atua na denúncia da não aplicabilidade da referida legislação; e o Fórum Nacional de Educação Étnico-Racial (FNEER), composto por educadores negros, que atua na implementação, fiscalização e avaliação da Lei 10.639/2003, tendo influenciado diretamente a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004), documento este essencial para a implantação da lei que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Logo a consolidação do Movimento Negro Contemporâneo na década de 90, bem como, as pautas de combate ao racismo defendidas pelo movimento, em especial no contexto educacional, e as mobilizações sociais promovidas pelas organizações que o integram contribuíram e continuam sendo essenciais para o alcance de importantes conquistas da população negra. Essas ações têm possibilitado avanços concretos no reconhecimento da identidade afro-brasileira, na valorização da cultura negra e na formulação de políticas públicas.

Enfim, a partir da década de 90, temas como cultura, diversidade, identidade e relações étnico-raciais foram incorporados às diretrizes do Ministério da Educação e Cultura, principalmente no ensino de História. A inserção das temáticas étnico-raciais no ensino de História é resultado da atuação dos movimentos negros e antirracistas, considerando que

517





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

essas organizações compostas por lideranças negras conquistaram maior espaço político e social, influenciando diretamente as políticas educacionais.

Neste sentido, as instituições que integram o Movimento Negro Contemporâneo foram e continuam sendo essenciais não apenas para pressionar os governantes brasileiros em relação a criação de legislações que garantam os direitos da população negra, mas também para assegurar sua permanência, ampliação e efetividade, a exemplo da Lei 10.639/2003. Assim as pautas defendidas pelas organizações do Movimento Negro possibilitam pensar em políticas públicas, tanto na esfera nacional como estadual para a construção de uma educação antirracista, a valorização da história e da cultura afro-brasileira e o enfrentamento do racismo nas escolas brasileiras, como evidenciado na promulgação e implementação da Lei 10.639/2003.

Observa-se que as ações de combate ao racismo, o silenciamento e as mobilizações do Movimento Negro Contemporâneo culminou em importantes conquistas para a promoção da educação antirracista como a promulgação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. A conquista dessa legislação evidencia o papel central do movimento negro na transformação da sociedade brasileira, especialmente na valorização da identidade negra e na desconstrução das narrativas históricas excludentes. A população negra no território brasileiro, desde o fim da escravidão, não contou com políticas públicas que assegurassem a equidade de direitos. Na educação, essa realidade não foi diferente: a ausência de políticas públicas dificultou tanto o acesso quanto a permanência desse grupo social nas instituições escolares.

A ausência dessas políticas públicas voltadas para a garantia de direitos da população negra, nas décadas de 70 e 80, ocasionou em um afastamento significativo de afro-brasileiros das escolas. Esse fenômeno chamou a atenção de estudiosos, que passaram a investigar os fatores responsáveis pela evasão escolar entre estudantes negros.

Os estudos revelaram que uma das causas desse afastamento era a ausência de conteúdos pedagógicos que abordassem de forma descolonizada a história e a cultura afro-brasileira e africana. Logo o currículo escolar nas décadas de 70 e 80 invisibilizava a contribuição da população negra para a formação da sociedade brasileira, reproduzindo assim estereótipos racistas. Dessa forma os estudantes negros não se reconheciam como sujeitos históricos.

Inegavelmente a ausência de conteúdos que evidenciassem o povo negro como protagonistas da história, contribuiu de forma significativa para o afastamento de estudantes afro-brasileiros das escolas, visto que não se viam representados. Assim a lacuna curricular que reforçava estereótipos e continuava silenciado a contribuição desse grupo social para a formação da sociedade brasileira, demonstrando assim a necessidade e a urgência de um

518



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

currículo escolar que valorizasse a diversidade étnico-racial. Do mesmo modo o contexto educacional excludente dialogava com as pautas defendidas pelo Movimento Negro Contemporâneo, que reivindicava políticas públicas de combate ao racismo e valorização da cultura afro-brasileira e africana, como pode ser observado:

Ao perceberem a inferiorização dos negros, ou melhor, a produção e a reprodução da discriminação racial contra os negros e seus descendentes no sistema de ensino brasileiro, os movimentos sociais negros (bem como os intelectuais negros militantes) passaram a incluir em suas agendas de reivindicações junto ao Estado brasileiro, no que tange à o estudo da história do continente africano e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, e o negro na formação da sociedade nacional, (Santos, 2005, p. 23).

As pesquisas relacionadas ao afastamento de estudantes negros das instituições escolares demonstraram que havia uma relação entre o currículo excludente e a desmotivação dos discentes. Essa constatação fortaleceu as reivindicações do Movimento Negro Contemporâneo pela inclusão, no currículo escolar, do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira.

Diante desse cenário educacional, os debates em prol do combate ao racismo e ressignificação da história da população negra impulsionados pelo Movimento Negro, ganharam destaque na década de 1980 e se intensificaram nas décadas seguintes, culminando assim com ações concretas de em prol da garantia de direitos dos afro-brasileiros em âmbito estadual e nacional, entre essas ações destacam-se: A implementação da disciplina Introdução aos Estudos Africanos nas escolas estaduais da Bahia, a criação do movimento pré-vestibular para negro e carentes no Rio de Janeiro, a Marcha Zumbi dos Palmares, e o lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos, como enfatizado:

Surtem também, nessa época, políticas públicas especificamente voltadas para a população afrodescendente, como a instauração do Movimento Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), a princípio no estado do Rio de Janeiro, com a intenção de promover a entrada nos alunos negros nas universidades públicas. A Marcha Zumbi dos Palmares, no ano de 1995, também contribuiu para que o Estado brasileiro voltasse seus olhos para as lutas antirracistas, forçando, a partir de então, o reconhecimento público da existência do racismo no Brasil e incentivando, assim, uma ação mais diretiva no sentido de se discutir o problema e realizar algumas medidas de combate ao racismo. No ano de 1996, por exemplo, o governo da União lançou o Programa Nacional de Direitos Humanos, documento que estabelece diversas metas para promover os Direitos Humanos de

519



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



modo geral e a luta contra a discriminação racial de modo específico (Silva, Pereira, 2014, p. 121).

Essas ações voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira mesmo que de forma isolada fortaleceram a luta do Movimento Negro e contribuíram com as pressões ao governo pela elaboração de políticas públicas que atendessem a população negra silenciada ao longo da história.

Em paralelo as mobilizações do Movimento Negro Brasileiro em prol das causas raciais, e às diversas ações de valorização da cultura étnico-racial implementadas em alguns estados brasileiros, e em nível nacional, foi promulgada a Constituição Federal de 1988. A nova Carta Magna também chamada de constituição cidadã representou uma conquista importante para o reconhecimento de direitos sociais e políticos no Brasil, especialmente para a população negra, por ter incluído em seu texto o princípio da igualdade racial e a valorização da diversidade étnico-racial. No entanto, mesmo com os avanços legislativos, persistiram os desafios quanto a efetivação desses direitos, principalmente no que diz respeito as políticas públicas que contemplassem as especificidades da população negra e rompesse com o silenciamento histórico.

Logo após a promulgação da Constituição Federal de 1988 e com base em seu texto o deputado Paulo Paim apresentou a Câmara federal um projeto de lei que seria a primeira estrutura da Lei 10.639, o projeto chegou a ser encaminhado ao senado em 1995, mas foi arquivado. Porém de acordo com Silva e Pereira, (2014, p. 122) a proposta de criação e aprovação da Lei 10.639 de 2003 ganha novo impulso posteriormente com a aprovação em 1999 do “Projeto de Lei n.º 259, formulado pelos então deputados Ben-Hur Ferreira e Esther Grossi, estabelecendo a obrigatoriedade da inclusão, no currículo oficial da rede de ensino, da temática História e Cultura Afro-Brasileira”. O Projeto de Lei n.º 259 dialogava com a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB), promulgada em 1996 e com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), formulados entre 1997 e 1998 e embora não tenha resultado imediatamente em lei sancionada, sua aprovação abriu caminhos para os debates na esfera legislativa federal sobre a necessidade de inclusão do ensino das temáticas africanas na educação básica.

O conjunto de legislações e diretrizes educacionais aprovados e sancionados na década de 90, juntamente com as mobilizações do Movimento Negro foram essenciais para a elaboração e promulgação da Lei 10.639 de 2003.

Nesse sentido, o primeiro aspecto legal importante para a aprovação da Lei 10.639 foi a promulgação da Constituição Federal de 1988, que consolidou princípios fundamentais



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

como a promoção da igualdade racial e a valorização da diversidade cultural. Na sequência, e reforçando a luta do Movimento Negro é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, a qual estabeleceu a necessidade de uma educação que respeitasse a diversidade cultural brasileira. Depois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ampliaram o debate em prol do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana ao propor a abordagem da diversidade como tema transversal, apresentando a discussão étnico-racial no espaço escolar. Nesse contexto, o Projeto de Lei nº 259 explicitou a obrigatoriedade da temática africana no currículo escolar. Assim, todas essas legislações e diretrizes, somadas às pressões do Movimento Negro, foram fundamentais para a promulgação da Lei 10.639/2003, marco para a construção de uma educação antirracista.

Em consonância com os marcos legais promulgados no Brasil que delineavam a elaboração das políticas públicas voltadas para atender as pautas raciais, também ocorreu em âmbito internacional em 2001 a III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Durban, na África do Sul. O evento internacional fortaleceu as pautas antirraciais em diversos países, inclusive no Brasil. Essa conferência destacou a necessidade de os países elaborarem políticas públicas afirmativas concretas de combate ao racismo. Diante do contexto internacional de acordo com Medeiros, Portilho, (2019, p. 81) o governo brasileiro reconhece a que o país “durante um longo período praticou a escravidão e que deve desenvolver ações para sanar o débito que existem contra os negros e seus descendentes”. Além das legislações anteriores, as mobilizações sociais do Movimento Negro e documentos educacionais já estabelecidos a conferência em Durban foi o marco final para sacramentar a necessidade de elaboração de políticas públicas afirmativas raciais no Brasil.

Diante das pressões do Movimento Negro Brasileiro e suas lideranças negras, questionamentos internacionais sobre o combate ao racismo e legislações brasileiras consolidadas em 9 de janeiro de 2003, no mandato do senhor Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da república naquele período foi sancionada a Lei nº 10.639, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, seja pública ou privada e nas universidades.

Dessa forma, a Lei 10.639/2003 teve sua primeira estruturada apresentada ao legislativo federal em 1999, porém naquele período foi engavetada, sendo promulgada somente em 2003. A legislação vigente no Brasil a vinte e dois anos é uma política pública afirmativa, resultado de muitas reivindicações e debates nacionais e internacionais, sendo considerada um marco legal importante para a ressignificação história da população negra, combate ao

521





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

racismo estrutural e promoção de uma educação antirracista. Tal legislação modificou a Lei 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996, como destaca:

A Lei nº 10.639/03, uma política de ações afirmativas, sancionada em nove de janeiro de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (Lei número 9.394/96), incluindo os artigos 26-A e 79-B, instituindo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileiras nas escolas públicas e privadas dos Ensinos Fundamental e Médio, que posteriormente foi modificada pela Lei 11.645/2008 tornando obrigatório o ensino de história afro-brasileira e indígena, é um marco histórico para educação brasileira, (Duarte, Fontoura e Gasparotto, 2023, p. 12)

Logo a política pública afirmativa caracterizada pela Lei 10.639/2003 ao tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no espaço educacional, visa corrigir a desigualdades históricas, o silenciamento desse grupo social e combater o racismo estrutural no espaço educacional. O principal objetivo da legislação é valorizar a contribuição da população negra na formação da sociedade brasileira, dando visibilidade as conquistas e resistências do povo negro, ou seja, valorizando a diversidade cultural e o protagonismo afro-brasileiro.

Para Medeiros, Portilho, (2019, p. 81) a Lei 10.639/2003 tem o propósito “compensar a enorme dívida que o Brasil tem para com aqueles que ao longo da história brasileira não tiveram o seu devido reconhecimento”. Ao longo dos séculos na história oficial brasileira a população negra foi invisibilizada, apagada, a legislação estabelece a ressignificação da história do povo negro.

Portanto, a Lei 10.639/2003 enquanto política pública afirmativa educacional é essencial para o enfrentamento do racismo estrutural originário desde a escravização da população negra, e sucessivamente no fortalecimento da identidade negra. Nesse sentido o principal objetivo das políticas afirmativas a exemplo da legislação 10.639/2003 é:

Criar medidas que propiciem novos rumos nas questões que envolvem a discriminação racial, constituindo medidas compensatórias em favor da harmonia entre os diversos grupos étnicos que ao longo da história sofrem ou sofreram alguma forma de ação negativa contra a sua cultura, (Medeiros, Portilho, 2019, p. 81).

Nesse sentido, o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica previsto na Lei 10.639/2003, constitui uma dessas medidas compensatórias, visando a promoção da educação antirracista e combater o racismo estrutural que historicamente apaga a cultura e a história negra no Brasil.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A legislação 10.639/2003 é uma política pública de afirmação voltada para combater no espaço educacional o racismo estrutural, enraizado na sociedade. O racismo estrutural é definido por Almeida, (2018, p. 39) como sendo uma “decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo com que se constituem as relações políticas, econômicas e jurídicas, e até familiares”. Logo o racismo estrutural presente no território brasileiro diferencia-se de outras ações racistas porque está impregnado na estrutura da sociedade, nas instituições, nas nossas ações conscientes e inconscientes.

Dando continuidade Rosa, (2022. P.29) enfatiza que não é fácil romper com o racismo estrutural, visto “que suas raízes são profundas. Mas é possível erradicá-lo, implementado em nossas vidas atitudes não racistas e sendo agentes antirracistas”. Nesse sentido o objetivo do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana estabelecido pela Lei 10.639/2003 por meio de um ensino que visibilize a população negra, fortalecer a representatividade negra e construir uma cultura antirracista.

Segundo Silva e Pereira, (2014, p. 124) com a promulgação da legislação 10.639/2003, ainda no mesmo ano é criada a “secretaria voltada para a questão étnico-racial, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir)”.

Na sequência foi fundado o Conselho Nacional de Educação, que elaborou a Resolução nº 1, de 17 de julho de 2004, a qual instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O objetivo do documento era orientar as instituições escolares e as universidades sobre o ensino das temáticas africanas. Esse documento no artigo 2º e inciso 1º estabelece:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira, (Brasil, Resolução nº 1, 2004).

523



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

As Diretrizes Curriculares Nacionais brasileiras, para a Educação das Relações Étnico-Raciais, representaram um marco importante na luta por uma educação antirracista no Brasil. O documento oferece orientações pedagógicas que visa reparar as omissões históricas e o apagamento da contribuição da população afrodescendente na formação da sociedade brasileira, além de reforçar a obrigatoriedade do ensino das temáticas africanas na educação básica. Do mesmo modo as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais propõem mudanças no currículo escolar, na formação docente, no material didático, visando assim a promoção do respeito a diversidade étnico-racial, o fortalecimento da identidade negra e o combate ao racismo.

Posteriormente, em 2006, com o propósito de apoiar a implementação da Lei 10.639/2003, o Ministério da Educação (MEC), juntamente com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), colaboradores e movimentos sociais ligados a educação antirracista, redigiram e organizaram as *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, o qual foi publicado na versão impressa e digital e encaminhado as instituições escolares em 2010. De acordo com Brasil, (2010, p. 22) as *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* é um documento por “nível/modalidade de ensino que, giram em torno da construção de Orientações e Ações para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, orientando os(as) profissionais que trabalham com a educação, na implementação da Lei nº 10.639/2003 em todas as escolas deste país”. Contudo o documento tem caráter abrangente, oferecendo subsídios concretos para as diferentes etapas e modalidades de ensino, bem como para os educadores, possibilitando assim a efetivação de práticas pedagógicas que evidenciam a história da população afro-brasileira.

Ademais observa-se que as diretrizes presentes na *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* contribuiu significativamente para a inserção das temáticas africanas nos currículos escolares, possibilitando as escolas conhecerem a proposta pedagógica decolonial para o ensino destes conteúdos.

Nesta conjuntura, o documento *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* orienta as escolas a construir práticas educativas fundamentadas na perspectiva decolonial, propondo assim a superação dos paradigmas eurocêtricos que historicamente predominaram no currículo escolar ao longo dos séculos.

Outro documento que serviu de embasamento para trabalho pedagógico referente ao ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Embora formulado antes da promulgação da Lei 10.639/2003, os Parâmetros curriculares nacionais, em especialmente o volume dedicado aos Temas Transversais: Pluralidade Cultural, contribui significativamente para o trabalho pedagógico

524





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

do professor, visto que propunha uma educação comprometida com os direitos humanos, com a valorização da diversidade cultural e com o combate a todas as formas de discriminação e preconceito. Segundo Mattos e Abreu, (2012, p. 120) os PCNs mesmo “sem uma proposta específica, a questão da educação das relações étnico-raciais, formava um importante pano de fundo para o eixo transversal da pluralidade cultural” Matos; Abreu, (2012, p. 120). Logo os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros (PCNs) possibilitou instituições escolares e educadores a refletirem sobre as desigualdades históricas e subsidiarem práticas pedagógicas mais inclusivas. Assim, os PCNs influenciaram não apenas a formulação da Lei 10.639/2003, mas também se tornaram instrumento de referência para sua implementação, ao fornecerem princípios pedagógicos e metodológicos para uma abordagem curricular mais inclusiva, crítica e antirracista. Embora os PCNs tenham contribuído para a elaboração da legislação que determina o ensino das temáticas africanas, e tenha sido reformulado após a promulgação da lei o documento se limita a pluralidade cultural, enquanto os documentos posteriores como as diretrizes curriculares vão além propondo discussões referentes as relações raciais e o combate ao racismo.

Compartilhando do mesmo pensamento Gomes (2013, p. 81), destaca que as orientações para o ensino das relações raciais parte do entendimento de que “a discussão sobre a questão africana e afro-brasileira só terá sentido e eficácia pedagógica, social e política se for realizada num contexto de educação para as relações étnico-raciais”. Ademais a promulgação da Lei 10.639/2003 significou um marco jurídico e pedagógico importantíssimo no combate ao racismo e a ressignificação da história da população afro-brasileira.

Contudo, para a efetivação da legislação, foi preciso a formulação de diversos outros documentos e políticas públicas articuladas ao novo paradigma curricular, entre estas iniciativas, destacam-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 a do Ensino Fundamental e 2018 a do Ensino Médio. Embora a Base Nacional Comum Curricular não tenha aprofundado suficientemente as discussões raciais, o documento contempla o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, reforçando a necessidade de uma prática pedagógica problematizada, conforme:

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles

525





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber. Problematicando a ideia de um “Outro”, convém observar a presença de uma percepção estereotipada naturalizada de diferença, ao se tratar de indígenas e africanos. Essa problemática está associada à produção de uma história brasileira marcada pela imagem de nação constituída nos moldes da colonização europeia, (Base Nacional Comum Curricular, p. 401).

A Base Nacional Comum Curricular propõe um ensino das temáticas africanas, crítico, efetivo e transformador em conformidade com a Lei 10.639/2003. Outro documento fundamental para a efetivação da legislação 10.639/2003 é o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que a partir do ano de 2011 passou a incluir critérios específicos para avaliação das abordagens étnico-raciais nas obras didáticas distribuídas pelo MEC. Nesse sentido, as editoras passaram a ser orientadas a incluir conteúdos que contemplavam a história da África.

Além dos documentos já citados formulados para embasar a aplicabilidade da Lei 10.639/2003, também foram elaborados documentos específicos em âmbito federal, estadual e municipal voltados para a efetivação da legislação, entre estes se destacam o Plano Nacional de Implementação da Lei 10.639/2003 criado em 2006 o qual tinha como objetivo orientar as redes de ensino da educação básica e nível superior na criação de políticas públicas e ações pedagógicas que garantissem a implementação da legislação.

O plano Nacional de Implementação da Lei 10.639/2003 estava estrutura em eixos que contemplavam a formação inicial e continuada dos professores, produção e distribuição de material didático e paradidático, revisão dos currículos escolares. Esse documento foi um marco institucional importante, por detalhar como seria a implementação da legislação nos espaços educacionais, sem falar que a partir do documento federal estados e municípios foram incentivados a construir seus planos de ação.

Portanto toda lei, especialmente as voltadas para o contexto educacional, requerem um conjunto de ações e políticas públicas articuladas ao currículo escolar, à formação inicial e continuada de professores, à elaboração de material didático e à oferta de estratégias de ensino que deem sustentação à sua implementação. A Lei 10.639/2003, em vigor há vinte e dois anos, motivou a formulação de diversos documentos e políticas públicas com o propósito de garantir sua aplicabilidade. No entanto, observa-se que essa lei ainda não alcançou sua efetivação plena, como reforça:

Mesmo com a existência da Lei 10.639/2003, que inclui no currículo o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, e com a relevância de importantes trabalhos feitos por diversas escolas brasileiras, produzidos por inspiração dessa

526





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

lei, os frequentes episódios de manifestações racismo, lamentavelmente, continuam a ocorrer nas convivências escolares, (Rosa, 2022, p. 33).

Por fim é devido aos casos de racismo vivenciados nos espaços escolares atualmente e a abordagem superficial no mês de novembro³, que se observa que a Lei 10.639/2003 ainda não atingiu seu principal objetivo, que é a ressignificação da história da população afro-brasileira. Dessa maneira, os fatores que podem estar comprometendo a efetivação da legislação, possivelmente estão associados, às fragilidades presentes nas ações e políticas públicas voltadas para sua aplicabilidade.

Quando analisamos, a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 na Educação de Base do Estado de Mato Grosso, percebemos que ainda há muito no que avançar. Em 2024 a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc-MT), lança a “*Cartilha Mato Grosso por uma Educação Antirracista*”, ao final do ano de 2024. A cartilha é um dos materiais pedagógicos ofertados às instituições de ensino estadual, compondo, assim, a política pública de enfrentamento ao racismo no ambiente escolar, com foco na orientação pedagógica aos docentes sobre os marcos legais, os estereótipos associados à população negra e propostas de práticas educativas voltadas à promoção da equidade racial e do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da educação básica. No entanto, sua aplicabilidade tem enfrentado entraves diversos, os quais vão desde a ausência de formação específica para os professores, tanto inicial como continuada, à escassez de materiais pedagógicos adequados, bem como às resistências ideológicas e estruturais presentes no cotidiano escolar.

A “*Cartilha Mato Grosso por uma Educação Antirracista*”, distribuída nas escolas da rede estadual a partir de 2025, é analisada enquanto material pedagógico e ação institucional, considerando-se tanto seus aspectos conteudísticos quanto sua forma de disseminação entre os profissionais da educação. A cartilha reúne legislações nacionais e estaduais sobre o enfrentamento ao racismo, apresenta definições de conceitos fundamentais como racismo estrutural, estereótipos e branquitude, e propõe atividades pedagógicas que visam promover a valorização da cultura e da história africana e afro-brasileira. Apesar de representar um avanço importante na instrumentalização dos docentes para o cumprimento da Lei 10.639/2003, o material também apresenta limites que merecem análise crítica, sobretudo no que diz respeito a efetivação da legislação.

Nesta conjuntura, este texto buscou refletir sobre o ensino de História afro-brasileira e africana no currículo da educação básica, em âmbito nacional e estadual, com enfoque nas

527

³ Data que se comemora o Dia da Consciência Negra no Brasil, uma referência a memória de Zumbi de Palmares.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

políticas do Estado de Mato Grosso, considerando a atuação do movimento negro brasileiro, a origem da Lei 10.639/2003 e sua aplicabilidade atualmente, bem como analisar os avanços e desafios na implementação da referida lei e a contribuição da Cartilha “*Mato Grosso por uma Educação Antirracista*” na superação das barreiras enfrentadas pelos docentes na efetivação da legislação, além de definir e apresentar atividades relacionadas à cultura afro-brasileira que possibilitem aos professores trabalhar as temáticas antirracistas em sala de aula, evidenciando e ressignificando a história do povo negro.

Referencial

ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”:** uma conversa com historiadores. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. **Uma conversa com professores de história sobre as “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.”** IN: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. O Negro no Brasil, trajetórias e lutas em dez aulas de história. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acessado 30.05.25.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 22 jun. 2004, p.11. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> - Acessado 25.05.25

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm - Acessado 20.03.25



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2010.
https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/orientacoes_acoes_miolo.pdf - Acessado 10.06.25

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.
<https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/diretrizes.pdf> – Acessado 10.06.25

DOCUMENTO DE REFERÊNCIA CURRICULAR PARA MATO GROSSO. **Concepções para Educação Básica**. Mato Grosso, 2018.

DUARTE, Sônia Oracilio. **Olhares negros: a prática pedagógica como luta e resistência**. Revista de Educação e Complexidade, n. 6, jun. 2018. ISSN: 2317-5656
<http://www.crc.uem.br/departamento-de-pedagogia-dpd/koan-revista-de-educacao-e-complexidade/edicao-n-6-jun-2018> - Acessado 20.04.25.

DUARTE, Cláudia; FONTOURA, Kátia Flores; GASPAROTTO, Alessandra. **Lei 10.639/03, vinte anos existindo e resistindo**. Recurso eletrônico. Porto Alegre: Casalettras, 2023. (Coleção Cadernos Temáticos do LEH, vol. 3).

GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03**. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: Desafios, políticas e práticas**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, v. 27, n. 1, p. 109-121, jan./abr. 2011.
<https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19971> - Acessado 11.06.25.

GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola: Desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03**. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 67-89.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

GONTIJO, Rebeca. **Identidade nacional e ensino de história: A diversidade como “patrimônio sociocultural”**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 55-79.

MATO GROSSO (Estado). Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/MT). **Cartilha Mato Grosso por uma Educação Antirracista**. 2024/2025.

MEDEIROS, Oberdan da Silva; PORTILHO, Maria Iraneide Cruz. **Desigualdade, luta e cidadania: acontecimentos que antecederam à culminação da Lei 10.639/03**. Estudos IAT, Salvador, v. 4, n. 2, p. 68-85, set. 2019.

https://scholar.google.com.br/scholar?q=DESIGUALDADE+LUTA+E+CIDADANIA:+ACONTECIMENTOS+QUE+ANTECEDERAM+%C3%80+CULMINA%C3%87%C3%83O+DA+LEI+10.639/03+Oberdan+da+Silva+Medeiros1+Maria+Iraneide+Cruz+Portilho2&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 - Acessado em 03.06.25.

MULLER, Maria Lucia Rodrigues. **Educação antirracista e formação de professores: A Lei 10.639/03**. Revista de Educação Pública, Cuiabá: EdUFMT, v. 15, n. 28, p. 179-190, 2006.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Global, São Paulo 2006.

MUNANGA, Kabenele. **Superando o racismo na escola**. 2 ed. MEC - Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização de Diversidade. Brasília, 2005, p. 15-20.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil**. 2. ed. Brasília: MEC; SECAD, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica, Belo Horizonte, 2008.

530



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sankofa: Educação e identidade afrodescentes.** In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: Repensando nossa escola.** São Paulo, Selo Negro, 2001, p. 115-119.

PEREIRA, Amílcar Araujo. **O movimento negro no Brasil Republicano.** In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (Org.). **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de História.** 1º. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 99-106.

ROSA, Sonia. **Reflexão antirracista de bolso. Conversa preta: diálogos sobre racismo nas convivências por meio da educação e da literatura.** 1. ed. Arco 43 Editora: São Paulo, 2022.

SILVA, Maurício; PEREIRA, Márcia Moreira. **Dez anos da Lei n.º 10.639/03: antecedentes, desdobramentos, percursos.** Eccos – Revista Científica, São Paulo, n. 34, p. 117-129, maio/ago. 2014. <https://www.redalyc.org/pdf/715/71532890007.pdf> - Acessado 30.05.25

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro.** In: **Educação antirracista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Educação Continuada. Brasília: Diversidade, 2005. Página (21-37).

531



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DA GRANDE IMIGRAÇÃO (1880-1930)

Paulo Cesar Ribeiro Vital¹

Introdução

O presente trabalho tem como tema a imigração portuguesa no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, durante os anos de 1880 a 1930, no que ficou conhecido como o período da Grande Imigração. O objetivo é apresentar o que foi, em termos demográficos, a grande imigração portuguesa para o Brasil e o Rio de Janeiro durante esse tempo, os fatores políticos, econômicos e sociais, no Brasil e em Portugal, que a motivaram, como os portugueses se estabeleceram e a contribuição que deixaram para o Rio de Janeiro. Para tal, foram estudados trabalhos elaborados por acadêmicos brasileiros e portugueses visando identificar aspectos relevantes da abordagem historiográfica sobre o tema nos dois países, e realizada a análise dos censos demográficos que foram feitos no período.

A imigração é um tema recorrente nos estudos acadêmicos realizados por pesquisadores de todo o mundo, bem como ponto central de inúmeras produções culturais como peças de teatro, filmes, documentários, séries, livros, artes visuais e outras. Investigar o que leva uma pessoa a abandonar a sua terra natal, seus familiares, sua comunidade local e aventurar-se em terras estrangeiras de diferentes costumes, por vezes, falando outro idioma, em espaços geográficos e situações climáticas não conhecidos instiga a curiosidade e a busca por entender as razões políticas, econômicas e sociais que fazem com que tamanha quantidade de pessoas enfrentem tão grande desafio. São os chamados, na teoria, “fatores de atração” e “fatores de repulsão”. Identificar esses fatores é fundamental para entender o fenômeno da imigração dentro de um contexto espacial e temporal, sem deixar de considerar que a decisão de migrar, no final das contas, é uma decisão individual (Gonçalves, 2020; Klein, 2000).

O final do século XIX e o início do século XX foi um período onde a combinação desses fatores, associados ao progresso tecnológico que “encurtou” as distâncias e aproximou as pessoas, propiciaram uma maciça migração de pessoas da Europa para as Américas, constituindo-se em uma das maiores da História Mundial. Esse processo histórico é

532

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 2025. E-mail: pcvital@gmail.com





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

conhecido como a Grande Imigração. Alguns autores consideram o seu período temporal como sendo de 1880 a 1915; outros como de 1880 a 1930. Neste trabalho, será adotado o intervalo de tempo de cinquenta anos, de 1880 a 1930, levando em conta as especificidades do contexto brasileiro, que permaneceu depois da Primeira Guerra Mundial ainda recebendo um grande número de imigrantes.

O Brasil foi um dos grandes destinos dos emigrantes do continente europeu. Esses estrangeiros que aqui chegaram e se estabeleceram, através do seu trabalho e trazendo consigo a sua cultura, foram responsáveis por transformações econômicas e sociais da sociedade brasileira. De uma forma geral, a maioria dos imigrantes se fixaram em São Paulo e no Rio de Janeiro, contudo sua presença pode ser observada em praticamente todos os estados brasileiros. No caso do Rio de Janeiro, a presença majoritária foi de portugueses que exerceram diversos tipos de atividade profissional e deixaram profundas marcas culturais e arquitetônicas na cidade.

Apesar de toda a relevância da imigração na história, economia, política e cultura brasileiras, esta não foi tão estudada pelos pesquisadores nacionais até a última década do século XX. Segundo Fausto (2000, p. 11), isto se deve à devida relevância que a questão da escravidão possui na formação e na história da sociedade brasileira. Mesmo a imigração portuguesa no Brasil sendo a segunda maior em quantidade de pessoas, a de maior regularidade durante a Grande Imigração e os portugueses terem sido a maioria dos estrangeiros que se estabeleceram no Rio de Janeiro nesse período, o estudo acadêmico e a realização de produções culturais sobre esse processo migratório, muitas de grande apelo popular como novelas e programas da mídia, não teve a dimensão que é dada à imigração de outras nacionalidades, principalmente a italiana. Isso possivelmente se deu em função do grande contingente de portugueses na cidade desde o tempo colonial, o que levou à consideração errônea da presença dos portugueses como “imigrantes conhecidos”, em um processo de “invisibilidade pelo peso da presença” (Duroselle, 2000 apud Menezes, 2020, p. 22). Contribuíram para começar a mudar esse quadro as produções acadêmicas de historiadoras como Eulália Maria Lahmeyer Lobo, Gladys Sabina Ribeiro e Lená Medeiros de Menezes que deram foco em seus trabalhos à imigração portuguesa no Brasil. A historiografia portuguesa dá mais espaço aos estudos sobre a emigração, especialmente para o Brasil, destino da grande maioria dos portugueses nesse período. As interpretações historiográficas desse processo por pesquisadores como Miriam Halpern Pereira e Joaquim da Costa Leite, bem como os estudos coordenados pelo Centro de Estudos de População, Economia e Sociedade (CEPESE) da Universidade do Porto, trazem a visão do que esse processo histórico significou para Portugal.

533



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A Grande Imigração (1880-1930)

Durante as últimas duas décadas do século XIX e as primeiras três do século XX ocorreu uma das maiores migrações de pessoas da Humanidade. Europeus de diferentes nações buscaram no continente americano a melhoria de suas condições de vida. Os números não são exatos; variam de acordo com a forma como eram feitos os registros de saída dos indivíduos de seus países de origem e os apontamentos de entrada dos imigrantes nos países de destino, isto quando eram realizados (Gonçalves, 2020, p. 98). Somente durante o período de 1880 a 1915, aproximadamente 30 milhões de pessoas emigraram da Europa para as Américas, sendo que, nos anos 1880, a média anual foi em torno de 600 a 700 mil emigrantes europeus, atingindo a marca de mais de 1 milhão por ano a partir de 1900 (Klein, 2000, p. 24; Hobsbawn, 2015, p. 296). Cerca de 70% desses emigrantes foram para os Estados Unidos da América (EUA), seguido da Argentina e do Brasil, respectivamente, com algo em torno de 4 e 3 milhões de pessoas (Klein, 2000, p. 25). Quanto ao país de origem, a maioria dos imigrantes vieram da Itália, Espanha e Portugal. Quanto aos portugueses, aproximadamente 800 mil emigrantes vieram para o Brasil, o que corresponde a 80% dos que saíram de Portugal para o continente americano nesse período (Leite, 1987, p. 480).

Considerando uma abordagem estrutural, os indivíduos migram por causa de dois tipos de fatores: os de expulsão e os de atração. Os fatores de expulsão são aqueles que levam as pessoas a abandonarem o local onde vivem. Os fatores de atração são os que estimulam os indivíduos a viverem em um novo lugar. Observando o período da Grande Imigração, o principal fator de expulsão dos europeus de seus países foi a condição econômica em que viviam. A mudança na relação do homem com a terra foi o principal elemento na piora da situação. Para Klein (2000, p. 14-15), o pano de fundo desta mudança foi o fator demográfico. A Europa, de uma maneira geral, a partir do século XIX, começou a passar por um cenário de crescimento demográfico, fruto da estabilidade dos índices de mortalidade e de um permanente aumento da natalidade. Este crescimento populacional pressionou o segmento agrícola a aumentar significativamente a sua produção para atender as necessidades de alimento da população. Isto levou a uma concentração fundiária com o fim de inúmeras pequenas propriedades, assim como a busca pelo aumento de produtividade das terras. Gonçalves (2020, p. 92) enxerga não somente o fator demográfico como elemento para a mudança do sistema de produção agrícola europeu. Para ele, o que aconteceu foi efeito da expansão do capitalismo, que chegava então ao campo, fazendo com que a terra passasse a ser “um fator de produção e fonte de capital”. Conforme Hobsbawn (2015, p. 299), “o século XIX foi uma gigantesca máquina para desenraizar os homens do campo”. O resultado deste

534



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

processo foi o recrudescimento da fome, estimulando que muitos europeus buscassem uma nova vida nas Américas.

E quais foram os fatores de atração que levaram estes imigrantes europeus a virem para o continente americano? A chamada “fronteira aberta” foi um dos principais fatores. Nas Américas, havia uma enorme extensão de terra a ser conquistada e explorada. Os países europeus, de forma geral, necessitavam de alimentos para suas respectivas populações, sendo, portanto, um grande mercado para a produção agrícola das nações americanas, que, por sua vez, necessitavam de mão de obra para aumentar esta produção. A imensidão de terras agricultáveis e o seu valor relativamente baixo possibilitavam também aos imigrantes sonharem em terem a sua própria terra em pouco espaço de tempo (Klein, 2000, p. 16-17). As oportunidades não eram somente como trabalhador nos latifúndios. Gonçalves (2020, p. 92) destaca que alguns dos países americanos, além do já desenvolvido e industrializado EUA, passavam por um processo de surgimento ou crescimento de alguns segmentos industriais, principalmente os de bens não duráveis, que necessitavam de operários, mesmo que com pouco ou sem nenhuma especialização.

Por fim, mas não menos fundamental para a ocorrência da Grande Imigração, considera-se também o fator tecnológico. A partir da segunda metade do século XIX, o mundo passou por um processo de adoção acelerada de novas tecnologias que revolucionou a vida das pessoas e das nações. Especificamente em relação à imigração, viabilizaram o grande crescimento do fenômeno migratório a substituição dos veleiros pelos navios a vapor na navegação transatlântica, a instalação do primeiro cabo telegráfico entre a Europa e a América agilizando os negócios e a comunicação entre os indivíduos, e a implantação de malhas ferroviárias nestes dois continentes, facilitando, em muito, o deslocamento interno de pessoas e produtos.

O fluxo de imigrantes para a América diminuiu sensivelmente no período da Primeira Guerra Mundial, porém voltou a crescer na década de 1920, sem atingir os volumes expressivos de antes da guerra. Contribuiu para isto o crescimento da xenofobia no continente americano em geral, o que levou estes países a abandonarem as políticas de incentivo à imigração ou mesmo a adotarem restrições à entrada de novos imigrantes. Enquanto isso, na Europa, surgia um nacionalismo extremado que não considerava a emigração como uma política saudável para uma nação. A redução da taxa de natalidade e o crescimento da industrialização reduziram os incentivos estatais, assim como o estímulo individual a que as pessoas saíssem dos países. Os efeitos econômicos mundiais recessivos da Crise de 1929 encerraram o período da Grande Imigração (Klein, 2000).

535



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



A Grande Imigração no Brasil (1880-1930)

No período da Grande Imigração, prevaleceu no Brasil os imigrantes oriundos da Europa Mediterrânea, notadamente portugueses, italianos e espanhóis, sobretudo os dois primeiros. Aportaram também em terras brasileiras, em números significativos, alemães e japoneses e, em menor quantidade, pessoas oriundas de várias outras nações europeias, tais como poloneses, russos e romenos.

Tabela 1 – Entrada de estrangeiros no Brasil conforme suas nacionalidades (1877-1930)

Períodos	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses	Outros	Total
1877-1886	83.998	132.153	15.715	20.936	—	20.360	273.162
1887-1903	305.582	995.620	193.607	22.795	—	137.226	1.654.830
1904-1914	412.607	212.063	243.617	36.670	15.543	165.349	1.085.849
1915-1918	41.897	17.647	31.539	753	9.728	10.102	111.666
1919-1930	337.723	116.319	91.776	80.447	75.382	243.637	945.284
Total	1.181.807	1.473.802	576.254	161.601	100.653	576.674	4.070.791

Fonte: Levy (1974)²

Conforme mostra a Tabela 1, o maior contingente de imigrantes no Brasil no período de 1877 a 1930 foi de italianos, com uma entrada maciça no período de 1887 a 1903, seguido dos portugueses e dos espanhóis. Este crescimento abrupto da imigração italiana, não só para o Brasil como para as Américas em geral, foi fruto, principalmente, do processo de unificação da Itália, finalizado em 1871, e das condições de pobreza que imperavam nos campos italianos (Oliveira, 2006, p. 51). Para a redução da entrada dos italianos no Brasil a partir do período de 1904 a 1914, o que tirou da Itália a posição de maior contingente de imigrantes no Brasil, tornando-a menos expressiva que as imigrações portuguesa e espanhola, contribuiu, preponderantemente, o decreto Pinetti, promulgado na Itália em 1902, que proibia a imigração gratuita para o Brasil, em consequência de um relatório elaborado por um delegado do governo italiano acusando serem péssimas as condições de trabalho dos italianos nos cafezais do Estado de São Paulo (Camargo, 1952, p. 117). Quanto à imigração portuguesa, o segundo maior quantitativo de imigrantes no Brasil no período da Grande Imigração, esta manteve uma regularidade ao longo de todo o tempo, acompanhando as oscilações nos totais de cada período. Durante o período da Primeira Guerra Mundial, a

² O valor total da entrada de estrangeiros no Brasil no período 1915-1918 foi corrigido, pois no original a totalização não está correta.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

entrada de estrangeiros no Brasil acompanhou o quadro de redução drástica da imigração para o continente americano. Após a guerra, a imigração voltou a crescer, porém sem atingir o patamar de antes. Os imigrantes portugueses continuaram a ser a maior parcela, porém seguidos agora pelo total da imigração de outras nacionalidades, como poloneses, romenos, russos e sírios libaneses (Gonçalves, 2020, p. 121).

A entrada maciça de imigrantes no Brasil nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX não pode ser explicada somente pelos fatores econômicos. Tanto quanto estes, a Grande Imigração foi motivada pela “política de branqueamento” da população brasileira que prevaleceu durante este período, independente de qual era o sistema de governo nem os governantes. Esta política era baseada na interpretação de teorias científicas racistas da época pela maior parte da elite política e intelectual brasileira de que havia uma superioridade da “raça” branca sobre as demais, principalmente sobre a negra, e que, após sucessivos cruzamentos entre brancos e negros, a população negra seria extinta no Brasil. A ideia era que a vinda de imigrantes brancos para o Brasil aceleraria este processo (Skidmore, 1976).

A partir de 1930, com o fim da Primeira República e a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a imigração passou a ser vista de uma outra maneira. Na década anterior, o Governo Federal já tinha abandonado as políticas de incentivo, e o Estado de São Paulo fez o mesmo em 1927. Já em 1930, com Vargas no poder, foram adotadas medidas de restrição à imigração e de reserva de emprego para o trabalhador brasileiro nato, com a instituição de que estes fossem, no mínimo, dois terços dos empregados das empresas. A produção cafeeira ainda era a grande força econômica do país, mas a sua participação na economia brasileira tinha reduzido. Além disso, a visão era de que a mão de obra disponível no país já era capaz de atender à produção cafeeira. Na Constituição de 1934, foi estabelecida uma cota de entrada de estrangeiros de no máximo 2% sobre o total de imigrantes de cada nacionalidade que haviam entrado no país no período de 1884 a 1933. Em consequência, o total de entrada de estrangeiros, no período de 1930 a 1940, reduziu para cerca de trezentos mil, quantidade bem abaixo do que a dos períodos de 1880 a 1930, com exceção dos anos da Primeira Guerra Mundial. Chegava ao fim a chamada Grande Imigração no Brasil. (Gonçalves, 2020; Levy, 1974).

537

A imigração portuguesa no Brasil (1880-1930)

Conforme já apresentado, a imigração portuguesa no Brasil foi a segunda maior em quantitativo no período da Grande Imigração, ficando atrás somente da imigração italiana. Aproximadamente um milhão de imigrantes portugueses vieram para o Brasil nesta época.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



A entrada de imigrantes portugueses foi a mais regular dentro deste período, acompanhando as oscilações nos totais de imigrantes, diferentemente da italiana, que atingiu o seu ápice nas duas últimas décadas do século XIX, declinando gradativamente a partir do início do século XX. A partir de 1910, a imigração portuguesa assumiu a condição de maior participação na entrada de estrangeiros no país, conforme mostra a Tabela 2. Segundo Leite (1987, p. 480), o Brasil correspondeu a cerca de oitenta por cento da emigração portuguesa no período de 1880 a 1914.

Tabela 2 – Participação da imigração portuguesa no Brasil entre 1880 e 1929

Períodos	Portugueses	Total de estrangeiros	% de imigração portuguesa
1880-1889	104.690	448.622	23%
1890-1899	219.353	1.198.327	18%
1900-1909	195.586	622.407	31%
1910-1919	318.481	815.453	39%
1920-1929	301.915	846.647	36%
Total	1.140.025	3.931.456	29%

Fonte: Levy (1974)

Quais foram os fatores específicos que motivaram a vinda de tantos portugueses para o Brasil? Dois elementos fundamentais foram as políticas portuguesa de emigração e a brasileira de imigração durante o período. Esta última, conforme descrito anteriormente, visou atender essencialmente aos interesses dos grandes cafeicultores, especialmente os paulistas, na substituição da mão de obra escrava pelo trabalhador livre, assim como a uma equivocada “política de branqueamento” da população brasileira. Quanto à política portuguesa de emigração, a Constituição Portuguesa de 1838 estabeleceu que os cidadãos portugueses tinham liberdade para emigrar do país. Contudo, o Estado Português não abriu mão de ter um controle administrativo sobre a emigração e de estabelecer algumas condições para que os seus cidadãos pudessem viver em outro país. Através de leis específicas sobre a emigração, determinou que para que um português emigrasse era necessário obter um passaporte. Para obtê-lo, era necessário aos homens que atendessem aos seguintes requisitos: ter um contrato de trabalho já firmado com o empregador no país de destino ou comprovar que sua passagem havia sido paga, estar quites com o serviço militar e, no caso de funcionário público, ter a aprovação dos seus superiores hierárquicos. Os rapazes de 14 a 21 anos precisavam pagar uma fiança de valor considerável. Uma das principais preocupações do governo português era evitar a diminuição significativa de recrutas em suas fileiras militares.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

As mulheres só podiam obter o passaporte com a autorização de seus maridos, e os menores com a permissão dos pais (Leite, 2000, p. 179).

Apesar destes controles, o governo português foi tolerante com a emigração na maior parte do período da chamada Grande Imigração. Para Leite (2000, p. 180), este foi o “[...] período de maior liberdade migratória da história portuguesa contemporânea”. A economia portuguesa dependia da remessa de dinheiro que os emigrantes portugueses enviavam para os seus familiares que haviam ficado no país. Conforme Pasckes (1991, p. 86), no fim do século XIX, o envio de divisas dos portugueses que emigraram foi maior que o total das exportações portuguesas, adquirindo uma importância fundamental para o equilíbrio da balança comercial portuguesa. Pereira (2002, p. 85) destaca que a emigração também foi para Portugal uma forma de diminuir o contingente de desempregados, já que a indústria portuguesa crescia lentamente e não absorvia a mão de obra excedente, reduzindo, como consequência, a possibilidade do surgimento de revoltas e conflitos sociais.

No plano individual do que efetivamente motivava o português a trocar a vida em seu país pelo Brasil, Pereira (2002) define o que ela chama de mitos: o mito da fortuna e o mito do retorno. O mito da fortuna era uma visão de enriquecimento fácil e rápido no Brasil. Na mentalidade destes portugueses existia a ideia de um “Eldorado” brasileiro. Este pensamento vinha das reminiscências do passado colonial de extração de riquezas do Brasil por Portugal. Esta visão já se apresentava na viagem para o Brasil, onde o que era oferecido nos navios, mesmo sendo na terceira classe, era muito mais do que os portugueses, em sua maioria camponeses pobres, usufruíam no dia a dia de sua dura vida (Pasckes, 1991, p. 87). Trabalhando em conjunto com o mito da fortuna, estava o mito do retorno, que era a visão de um retorno rápido à sua terra natal e ao convívio de seus familiares e dos demais habitantes de sua aldeia em condições econômicas muito superiores de quando de sua partida. Na realidade, este retorno endinheirado do emigrante português foi somente de uma minoria. Contudo, muitos deles conseguiram ter um rendimento financeiro no Brasil melhor do que tinham em Portugal, principalmente para aqueles que recebiam salários, e com isso enviar boa parte de suas poupanças para seus parentes na terra natal. Isto alimentava o mito do retorno de que num tempo futuro, mesmo que não tão próximo, o emigrante português conseguiria voltar ao convívio de seus familiares e amigos. Porém, segundo Lobo (2002, p. 293), a maioria dos imigrantes portugueses no Brasil não voltaram para Portugal, mantendo o envio de parte do que ganhavam para suas famílias e trazendo parentes para trabalharem no Brasil. Outros casaram e constituíram família em terras brasileiras.

A ideia de enriquecer no Brasil para voltar em melhor situação financeira para Portugal fez com que prevalecesse, durante todo o período da Grande Imigração, o perfil do imigrante

539



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

português como sendo o do homem adulto solteiro. A emigração portuguesa não se caracterizou como uma emigração familiar, apesar desta também ocorrer em certo número. Esta é uma diferença entre a emigração italiana e a portuguesa para o Brasil. Para Pereira (2002), isto se deve basicamente a dois aspectos. Um deles é o fato de que os governos italiano e brasileiro assinaram acordos de imigração que incentivaram a vida de famílias italianas para o Brasil, diferentemente do governo português que não estabeleceu nenhum acordo com o governo brasileiro sobre isto. Esta posição adotada por Portugal reforça a interpretação de que ao governo português não interessava a emigração de famílias, já que isto significaria a diminuição de remessas das poupanças dos imigrantes homens portugueses que estavam no Brasil, dificultando a busca do equilíbrio da situação econômica de Portugal. Os imigrantes portugueses, a partir das últimas décadas do século XIX, vieram principalmente do norte de Portugal, das províncias do Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Alta, Trás-os-Montes e Alto Douro. A partir do início do século XX, aumentou o contingente de emigração de outras províncias portuguesas como a Beira Baixa, o Ribatejo e o Baixo Alentejo, porém, sem ficar próximo dos números do norte português (Florentino; Machado, 2002; Pasckes, 1991). Para Florentino e Machado (2002, p. 105), os fatores que levaram o norte de Portugal a ter os maiores índices de emigração foram uma alta taxa de natalidade, um predomínio de pequenas propriedades rurais na região e uma rede de relações sociais de parentes e membros das suas comunidades que possibilitavam aos seus habitantes terem informações sobre as oportunidades de trabalho no Brasil.

Conforme a análise feita por Evangelista (1971, p. 130), a ocupação destes imigrantes portugueses em sua terra natal era predominantemente no setor agrícola, situação que não se altera ao longo de todo período da Grande Imigração. Esta predominância foi diminuindo ao longo dos anos, mas sempre permaneceu como sendo a maior atividade laboral dos portugueses que emigraram neste período. Parte deles foi trabalhar nos cafezais paulistas, mas a maioria foi para o trabalho urbano no Rio de Janeiro.

A imigração portuguesa no Rio de Janeiro (1880-1930)

Falar de imigração portuguesa para o Brasil é se referir, em grande parte, à imigração para o Rio de Janeiro. Durante todo o período da Grande Imigração, o destino dos portugueses no Brasil foi preferencialmente a cidade do Rio de Janeiro. Isto pode ser constatado no resultado dos censos de 1890, 1906 e 1920, conforme mostra a Tabela 3. O percentual de portugueses em relação aos estrangeiros no Rio de Janeiro se manteve estável nos três censos na casa dos 60%, sendo que a participação da população portuguesa acompanhou o declínio do número

540



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



de estrangeiros, que reduziu aproximadamente de um terço para um quarto da população da cidade.

Tabela 3 – População portuguesa no Rio de Janeiro pelos Censos de 1890, 1906 e 1920

Censo	População Total	Estrangeiros	Portugueses	% estrangeiros	% portugueses	% portugueses em relação aos estrangeiros
1890	522.651	155.202	97.434	30%	19%	63%
1906	811.443 ³	210.515	133.393	26%	16%	63%
1920	1.157.873	239.129	146.779	21%	13%	61%

Fonte: Menezes (2007, p. 104-106).

Considerando que, conforme o Censo de 1920, os imigrantes portugueses chegavam a 61%, Menezes (2007, p. 106) entende que os dados de estrangeiros por idade e gênero na cidade do Rio de Janeiro, coletados no mesmo Censo, são fortemente influenciados pela imigração portuguesa, servindo assim para suportar algumas análises sobre o perfil dessa imigração. Como mostra a Figura 1, a significativa predominância do número de homens sobre mulheres estrangeiras na faixa etária de 21 a 45 anos é devida ao perfil da imigração portuguesa de homens solteiros. Já os dados dos estrangeiros menores de 16 anos, com praticamente uma igualdade do número de homens e mulheres, podem ser atribuídos a um crescimento da imigração familiar ao longo dos anos. A proximidade do quantitativo de estrangeiros e estrangeiras na faixa etária a partir dos 50 anos pode ser explicada, segundo Klein (1989, p. 27), pela característica predominante dos portugueses se casarem com portuguesas, e vice-versa, o que não acontecia, por exemplo, com os imigrantes italianos e espanhóis.

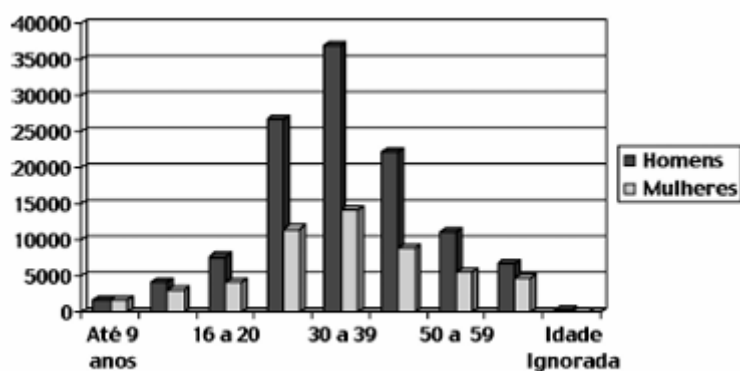
³ Quantitativo da população total: ANTUNES, Laura. Censo feito em 1906 é relançado nesta quinta-feira com curiosidades sobre a história carioca. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/censo-feito-em-1906-relancado-nesta-quinta-feira-com-curiosidades-sobre-historia-carioca-9736971>. Acesso em: 17 abr. 2025.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 1 – Distribuição dos estrangeiros no Rio de Janeiro por faixa etária e gênero
(Censo de 1920)



Fonte: Menezes (2007, p. 114)

O Censo de 1920 levantou o quantitativo de estrangeiros por ocupação laboral, segundo determinados grupos de profissões. Na Tabela 4, são apresentados os segmentos de atividades com maior participação de mão de obra estrangeira na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Destaca-se a predominância dos estrangeiros no comércio com 54% de participação, ou seja, a maioria dos que trabalhavam no ramo comercial no Rio de Janeiro eram imigrantes. Nos demais segmentos, o percentual de atuação dos estrangeiros é significativo, oscilando entre 35 e 40%. Considerando-se os segmentos de atividades relacionados na Tabela 4, em todos eles, a participação dos estrangeiros supera em muito o percentual de 21% de imigrantes da população em 1920, apresentado na Tabela 3. Trata-se, portanto, de uma prova inequívoca da contribuição da imigração, em especial a portuguesa, para o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro.

Na historiografia da imigração podem ser encontrados dados e considerações específicas sobre a atuação profissional dos portugueses no Rio de Janeiro. No segmento do transporte, Oliveira (2014, p. 42) apresenta que 26% dos estivadores registrados como membros na União de Operários Estivadores entre 1903 e 1905 eram portugueses, participação cinco vezes maior que a dos espanhóis, segundo maior grupo de estrangeiros na entidade. No ramo da construção civil, as inúmeras obras no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX fizeram deste segmento um dos maiores empregadores de imigrantes deste período, portugueses em sua ampla maioria (Menezes, 2021, p. 72).

542



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



Tabela 4 – Participação de brasileiros e estrangeiros nos segmentos de atividade
(Censo de 1920)

Segmentos de atividade	Brasileiros			Estrangeiros			
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	% de estrangeiros
Agricultura	15.065	1.270	16.335	9.083	273	9.356	36%
Indústria	51.859	31.858	83.717	34.691	9.549	44.240	35%
Transporte	25.841	982	26.823	17.091	72	17.163	39%
Comércio	38.611	1.709	40.320	46.567	1.385	47.952	54%
Edificações	16.222	0	16.222	10.153	0	10.153	38%

Fonte: Recenseamento de 1920.

O crescimento da indústria na cidade do Rio de Janeiro, principalmente a partir da política de substituição de importações adotada em alguns períodos da Primeira República, muito contribuiu para a absorção de imigrantes portugueses neste segmento (Menezes, 2021, p. 65). Quanto mais portugueses conseguiam trabalho nas indústrias, através das informações que chegavam aos seus familiares e amigos, mais imigrantes recém-chegados buscavam empregos nestas fábricas, muitas vezes sendo esta a sua primeira ocupação em solo carioca. Alguns, após conseguirem acumular alguma poupança, tornavam-se donos de um pequeno comércio no entorno de seus antigos locais de trabalho (Menezes, 2021, p. 74-75).

O ramo do comércio atraiu o maior contingente de imigrantes portugueses na Primeira República. O crescimento econômico e a expansão da malha urbana da cidade do Rio de Janeiro incentivaram sobremaneira a abertura de pequenos e grandes comércios na cidade. A presença dominante de portugueses nos estabelecimentos comerciais do Rio de Janeiro fez a população carioca se referir à imigração portuguesa como sendo uma “imigração de caixeiros”, como eram chamados na época aqueles que trabalhavam nos estabelecimentos comerciais, nas mais variadas funções (Florentino; Machado, 2002, p. 102). Neste ramo foi onde o sonho do português de se tornar dono do próprio negócio mais se realizou.

A relação dos portugueses com os brasileiros, em especial com os cariocas, não foi por vezes de uma forma amistosa. Buscando o seu sonho de retorno à terra natal e comprometido com a necessidade de fazer poupança para enviar boa parte dela aos seus familiares em Portugal, o imigrante português, em sua maioria, era explorado em uma longa e dura rotina diária de trabalho, sendo chamados pelos cariocas de “burros de carga”, tidos muitas vezes como tomadores das oportunidades de trabalho dos brasileiros e ingratos com a terra que os acolheu. Por outro lado, principalmente pela predominância no pequeno comércio, os



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

portugueses eram tidos como exploradores dos empregados, como desonestos que roubavam no peso das mercadorias e responsáveis pelo alto custo dos produtos. Isto acarretou diversos conflitos na convivência do dia a dia que por vezes chegaram a gerar registros criminais (Ribeiro, 2018, p. 27).

O mito do “Eldorado” para a maioria dos imigrantes portugueses revelou-se em uma vida de sacrifícios e saudades. O trabalho duro em jornadas de 10 a 12 horas de trabalho diário, comuns no mundo do trabalho da Primeira República, logo mostrou a muitos deles que fazer a fortuna no Brasil era realmente um mito. Desta forma, alguns deles buscaram o caminho da reivindicação de maiores salários, redução da jornada diária e melhores condições de trabalho. A historiografia da organização sindical e participação em movimentos reivindicatórios das classes trabalhadoras na Primeira República, na maioria das vezes, não dá a devida importância à atuação dos portugueses, ao contrário do que considera sobre os outros imigrantes, em especial, os italianos. Contudo, a participação dos imigrantes portugueses nas lutas trabalhistas, inclusive nas diversas greves que aconteceram neste período, foi significativa em todos os segmentos de atividade.

Os portugueses criaram em solo carioca, ainda no tempo do Brasil Império e durante a Primeira República, inúmeras instituições tais como sociedades beneficentes e provedoras de serviços médicos, clubes sociais e casas regionais. Vários desses locais começaram atendendo e permitindo somente a participação de portugueses, mas gradativamente foram servindo também à população em geral (Lobo, 2002, p. 292; Menezes, 2021, p. 90). Uma dessas organizações criadas no início do século XX foi o Clube Orfeão Português, fundado em 1915, com o nome de Recreio Dramático Juventude Portuguesa, com o objetivo de proporcionar um espaço para a arte e o folclore português. Neste sentido, o Orfeão Português é considerado um precursor das casas regionais portuguesas criadas a partir da década de 1920. Para Menezes (2021, p. 96), estas casas eram “[...] associações destinadas à reunião e conagração de portugueses de uma determinada região de Portugal, ressignificando a terra natal em terra estrangeira”. Durante a segunda década do século XX, foram fundadas a Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, no bairro da Tijuca, em 1923; a Casa do Minho, no bairro do Cosme Velho, em 1924; a casa dos Poveiros, também na Tijuca, em 1930 (Oliveira, 2006, p. 124).

Destacam-se nos eventos realizados nas casas regionais as festas reproduzindo celebrações tradicionais portuguesas, como as festas juninas em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro, e outras de regiões específicas de Portugal como a Festa do Santinho, promovida pela Casa do Minho, e a Festa da Vindima, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro. Estas festividades cumpriam um papel importantíssimo de aplacar as saudades da

544



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

terra natal e ressignificar o que era ser um português na cidade do Rio de Janeiro (Menezes, 2021, p. 99; Oliveira, 2006, p. 124).

Depositária dos sonhos e esperanças dos imigrantes portugueses, fortalecida pelo seu suor e trabalho duro, retrato de um amálgama social construído através das identidades e diferenças entre brasileiros e portugueses, a cidade do Rio de Janeiro possui em abundância as referências arquitetônicas e culturais que a tornam uma “cidade portuguesa”, como escreveu Carlos Lessa (2002), tamanho o peso da contribuição da imigração portuguesa para o que é a cidade nos dias de hoje.

Considerações Finais

Este trabalho se propôs a ser uma síntese das produções historiográficas sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro durante o período da Grande Imigração, proporcionando uma análise e uma visão condensada de alguns dos mais importantes estudos elaborados sobre este processo. Sendo assim, algumas lacunas puderam ser observadas na historiografia desse tema. A que mais se destaca é a quase ausência de trabalhos acadêmicos sobre a atuação dos imigrantes portugueses na área rural do Rio de Janeiro de então, mesmo sendo identificado nos estudos demográficos da época que 36% dos estrangeiros que viviam no Rio de Janeiro se dedicavam à agricultura. Outro tema que merece a atenção dos historiadores e demais profissionais das Ciências Humanas é a participação e a influência que os portugueses tiveram na organização sindical e nos movimentos de trabalhadores que proliferaram no Rio de Janeiro durante a Primeira República. A visão predominante é a de que este foi um espaço de atuação onde prevaleceram os imigrantes italianos, porém alguns estudos historiográficos já mostraram que os imigrantes portugueses tiveram papel significativo nesse movimento. Concluindo, os estudos sobre os movimentos migratórios ao longo da História são retratos da condição humana. Entender que a decisão de uma pessoa de imigrar passa pela sua própria análise daquilo que a estimula ou a obriga a mudar a sua situação de vida de uma maneira radical é fundamental, porém não se deve esquecer que ela está inserida dentro de processos históricos estruturais e conjunturais que a influenciam. Problematicá-los para conhecê-los e interpretá-los em seus diferentes tempo e espaço é o ofício dos historiadores.

Referências

CAMARGO, José Francisco de. **Crescimento da população do Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. São Paulo: IPE/USP, 1952. v.1.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá**. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

EVANGELISTA, João. **Um século de população portuguesa (1864-1960)**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1971. Disponível em: <https://biblioteca.ine.pt/Catalog/winlibimg.aspx?skey=F7199D99B3614727BDFD9F31416CA8C9&doc=13557&img=127>. Acesso em: 11 abr. 2025.

FAUSTO, Bóris. Introdução. In: FAUSTO, Bóris. (org.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 9-12.

FLORENTINO, Manolo; MACHADO, Cacilda. Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil nos séculos XIX e XX: um ensaio. In: LESSA, Carlos (org.). **Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 91-116.

GONÇALVES, Paulo Cesar. A Grande Imigração no Brasil (1880-1930): números e conjunturas. In: REZNIK, Luís. (org.). **História da Imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 91-132.

HOBSBAWN, Eric J. **A era do capital**, 1848-1875. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

KLEIN, Herbert. S. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX. **Revista Brasileira de Estudos de População**. [S. l.], v. 6, n. 2, p. 17-37, 1989. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/555>. Acesso em: 19 abr. 2025.

KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Bóris. (org.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 13-32.

LEITE, Joaquim da C. Emigração portuguesa: a lei e os números (1855-1914). **Análise Social**. Lisboa, n. 97, p. 463-480, 1987. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41010635?read-now=1&seq=12#page_scan_tab_contents. Acesso em: 21 mar. 2025.

546



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

LEITE, Joaquim da C. O Brasil e a Emigração Portuguesa (1855-1914). *In*: FAUSTO, Bóris. (org.). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 177-200.

LESSA, Carlos. Rio, uma cidade portuguesa?. *In*: LESSA, Carlos (org.). **Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 21-62.

LEVY, Maria Stella F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 8, p. 49-90, 1974. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsp/1974.v8suppl0/49-90/pt>. Acesso em: 18 mar. 2025.

LOBO, Eulália Maria L. A Imigração Portuguesa e a Mão-de-Obra no Rio de Janeiro na Primeira República. *In*: SILVA, Sergio S.; SZMRECSÁNYI, Tamás. **História Econômica da Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 287-295.

MENEZES, Lená M. de. A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os Censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida. *In*: SOUZA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de L.; PEREIRA, Conceição L. (coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: Edições Afrontamento; Porto: CEPSE, 2007. p. 103-119. Disponível em: <https://www.cepse.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-emigracao-portuguesa-para-o-brasil>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MENEZES, Lená M. de. Imigração: aportes historiográficos. *In*: REZNIK, Luís. (org.). **História da Imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 17-38.

MENEZES, Lená M. de. **Portugueses no Rio de Janeiro: negócios, trajetórias e cenografias urbanas (Séc. XIX-XXI)**. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2021.

PASCKES, Maria Luisa N. de A.. Notas sobre os imigrantes portugueses no Brasil (sécs. XIX e XX). **Revista de História**. São Paulo, n. 123-124, p. 81-93, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18636>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PEREIRA, Miriam H. **A Política portuguesa de emigração (1850-1930)**. Bauru, SP: EDUSC; Portugal: Instituto Camões, 2002.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

OLIVEIRA, Lúcia L. **Nós e eles**: relações culturais entre brasileiros e imigrantes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RIBEIRO, Gladys S. O imigrante e a imigração portuguesa no acervo do Arquivo da Justiça Federal – Segunda Seção – Rio de Janeiro (1890-1930). *In*: RIBEIRO, Gladys S; TERRA, Paulo C.; POPINIGIS, Fabiane. **Portugueses e cidadãos**: experiências e identidades nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2018, parte 1, cap. 1, p. 23-48.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

548



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS REFLETIDAS NA ARTE AZULEJAR BRASILEIRA: A PRESENÇA DO PORTUGUÊS RAFAEL BORDALO PINHEIRO NO RIO DE JANEIRO

Heitor Miguel Chaves Dias¹

Inês El-Jaick Andrade²

Elisabete Edelvita Chaves da Silva³

Introdução

A arte decorativa em edificações históricas no Brasil assume um papel essencial na constituição de identidades culturais e na afirmação de um projeto civilizatório modernizante nas décadas finais do século 19 e iniciais do século 20. O Pavilhão Mourisco, situado no campus da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), na cidade do Rio de Janeiro, destaca-se como uma dessas expressivas manifestações. A edificação é tombada pelo governo brasileiro, representativa da arquitetura eclética de vertente neo-mourisca.

Projetado em 1904 pelo arquiteto português Luiz Moraes Júnior (1872–1955)⁴, o edifício foi concebido para abrigar os laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz, além de biblioteca e dormitórios para os pesquisadores. Sua construção teve início em 1905 e foi concluída em 1918, marcando um momento de grande efervescência científica e cultural no país segundo BENCHIMOL, 1990; COELHO et al., 2020 e SILVA, 2024. Inspirado na arquitetura islâmica andaluza e projetado dentro dos princípios do ecletismo, a edificação é adornada por um rico conjunto de elementos decorativos, entre os quais se destaca os painéis de

549

¹ Estudante de graduação no Curso de Desenho Industrial da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de iniciação científica FAPERJ.

² Arquiteta e Urbanista do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz. Doutora em arquitetura e urbanismo pela FAUUSP. Docente do Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde.

³ Conservadora do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz. Doutora Museologia e Patrimônio pela Unirio.

⁴ Luiz Moraes Júnior foi um engenheiro-arquiteto português que atuou no Brasil no início do século 20. Foi responsável pela construção dos principais edifícios que integram o Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos, localizado na sede da Fiocruz, e por diversas edificações de inspiração ecléticas no estado do Rio de Janeiro.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



azulejos policromáticos de padrão “Granada” localizados na varanda do primeiro pavimento da edificação, de autoria de Rafael Bordalo Pinheiro⁵.

Rafael Bordalo (1846–1905) é amplamente reconhecido como um dos maiores caricaturistas portugueses e um dos precursores da modernidade artística em Portugal (Figura 1). Filho do pintor Manuel Maria Bordalo Pinheiro, integrou-se precocemente na vida cultural lisboeta, onde desenvolveu habilidades no desenho e no comentário social. Para além de caricaturista, decorador, jornalista, ilustrador, etc., Bordalo foi ceramista inovador, criador do icônico personagem “Zé Povinho” e fundador da Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha, na qual uniu arte e indústria em peças que dialogavam com a tradição e o experimentalismo (FRANÇA, 2005; TELLES, 2011).

Figura 1 — Fotografia de Rafael Bordalo



Fonte: Museu Bordalo Pinheiro.

O artista português morou no Rio de Janeiro no final do século 19, e dirigiu o jornal “O Mosquito” entre os anos 1875 e 1877. Seu trabalho abarcou caricaturas, ilustrações e a cerâmica decorativa. Após seu retorno a Portugal, fundou a Fábrica de Faiança das Caldas

⁵ Quanto à ortografia do nome do artista, ele assinou em vida Raphael Bordallo Pinheiro; só com a atualização no século XX é que passou a ser referido como Rafael Bordalo Pinheiro. Alguns familiares descendentes (não diretos, porque não teve netos), continuaram a assinar Bordallo e a marca da fábrica de faianças, na Vila das Caldas da Rainha, continua a usar Bordallo Pinheiro até à atualidade (BRAGA, 2023, p.1).



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

da Rainha onde produziu azulejos com forte inspiração na arte islâmica como os do padrão "Granada", caracterizados por sua policromia e padronagens geométricas complexas.

A azulejaria é uma expressão artística tradicional na cultura luso-brasileira, reunindo características técnicas e estéticas que a tornam um bem patrimonial de grande relevância.

No Brasil, a arte azulejar adquire significados próprios, especialmente em exemplares como os painéis do Pavilhão Mourisco. Os painéis de azulejos bordalianos instalados nas varandas do primeiro pavimento se destacam por sua exuberância estética e valor histórico, compondo um expressivo acervo do gênero fora de Portugal. A aplicação desses azulejos foi parte de um projeto visual que unia ciência, arte e cultura, simbolizando o caráter cosmopolita da instituição Fiocruz na Belle Époque brasileira.

O presente estudo está estruturado em três eixos principais: a atuação de Rafael Bordalo Pinheiro no Brasil; as ressonâncias de sua obra na produção cerâmica e azulejar luso-brasileira; e a caracterização dos azulejos do Pavilhão Mourisco como bens integrados.

A pesquisa propõe levantar dados sobre a vida e obra do artista português, investigando seus feitos no Brasil e em Portugal, a fim de contextualizar historicamente e socialmente a sua produção de azulejos de inspiração neo-mourisca presente no Pavilhão Mourisco e identificar seu legado na cidade do Rio de Janeiro. A investigação relaciona análise estilística, levantamento documental e revisão bibliográfica, considerando os azulejos como testemunhos materiais de uma herança artística compartilhada entre Brasil e Portugal.

Considera-se que contextualizar a atuação de Bordalo e analisar a produção de suas peças torna-se fundamental para compreender as trocas culturais luso-brasileiras e a circulação de repertórios ornamentais europeus em um momento-chave da formação da modernidade no Brasil. Em um momento em que a Fiocruz pleiteia o reconhecimento do Pavilhão Mourisco como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, torna-se ainda mais relevante refletir sobre os significados e a preservação desses bens que compõem o seu patrimônio arquitetônico.

Rafael Bordalo no Brasil

A atuação multifacetada de Bordalo foi fundamental para inserir a caricatura como ferramenta crítica no debate público português e, posteriormente, para consolidar a azulejaria como expressão de identidade cultural. Em suas obras, Bordalo combinou crítica política, humor ácido e estética refinada, revelando um artista atento às questões sociais e políticas de sua época.

551



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O século 19 português foi marcado por instabilidade política, pela lenta modernização econômica e pelo intenso debate entre monarquistas e republicanos. O período do Fontismo, liderado por Fontes Pereira de Melo, investiu em obras públicas e industrialização, mas conviveu com desigualdades sociais profundas e censura à imprensa. Nesse cenário, a imprensa ilustrada ganhou força como espaço de contestação e debate cultural (FRANÇA, 2004). O ambiente artístico era permeado pelo romantismo tardio e pelo surgimento do realismo, que buscava retratar a sociedade de forma crítica. Bordalo Pinheiro absorveu essas influências, usando-as para construir uma linguagem visual singular, que combinava observação minuciosa da realidade com sátira contundente. Suas caricaturas, publicadas em jornais como *A Berlinda* e *A Lanterna Mágica*, tornaram-se instrumentos de denúncia política e social, além de consolidarem sua reputação como um artista ousado e comprometido (TELLES, 2011).

Já na década de 1870, o Brasil vivia os últimos anos do Segundo Reinado, liderado por D. Pedro II. O país experimentava avanços em educação e cultura, mas enfrentava tensões em torno da escravidão — que seria abolida apenas em 1888 — e do fortalecimento de ideias republicanas. A imprensa era vibrante, com jornais e periódicos satíricos desempenhando papel fundamental na crítica política e social. O crescimento urbano do Rio de Janeiro, capital do Império, trouxe efervescência cultural e pluralidade artística. A caricatura, popularizada por artistas como Angelo Agostini, era instrumento de mobilização política e de combate ao conservadorismo imperial. Esse ambiente dinâmico, aliado a debates sobre modernidade, imigração e identidade nacional, forneceu terreno fértil para a atuação de Bordalo no país. Rafael Bordalo Pinheiro chegou ao Rio de Janeiro em 1875, contratado pelo periódico ilustrado *O Mosquito* (Figura 2).

552



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

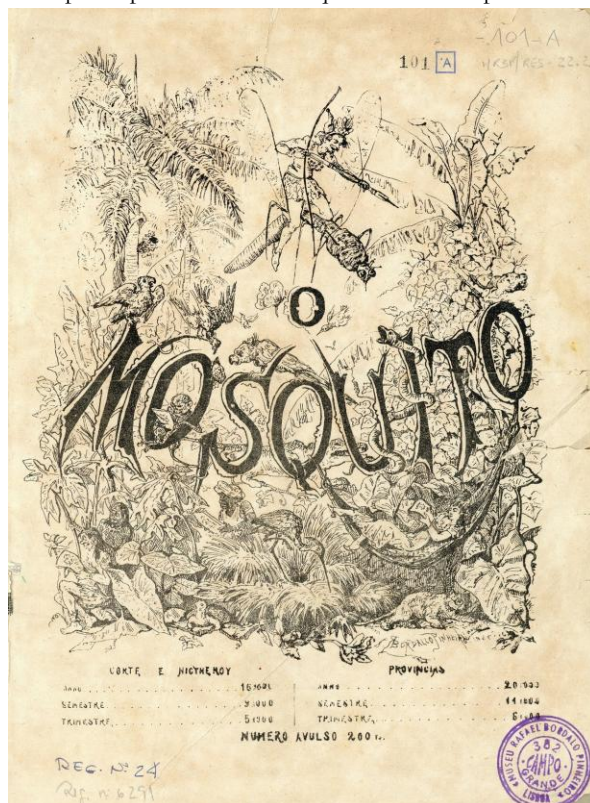
Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 2 – Capa do periódico "O mosquito" ilustrado por Rafael Bordalo



Fonte: Biblioteca Nacional.

553

A decisão de atravessar o Atlântico foi motivada tanto por questões financeiras, quanto pelo desejo de ampliar horizontes profissionais em um mercado jornalístico em expansão. Segundo levantamentos da doutora Rosângela de Jesus Silva (2020), as correspondências de Alfredo Camarate, amigo e mediador do contrato, descreviam o Brasil como um país de oportunidades artísticas e liberdade criativa. Ao desembarcar, Bordalo encontrou um ambiente competitivo, onde a imprensa ilustrada disputava leitores e influência. O artista, porém, soube rapidamente dialogar com o público brasileiro, adaptando suas críticas às peculiaridades do país e estabelecendo conexões entre questões locais e universais (SILVA, 2020).

Durante sua estadia no Brasil (1875–1879), Bordalo Pinheiro colaborou não apenas com *O Mosquito*, mas também criou os periódicos “*Psit!!!*” e “*O Besouro*”. Sua produção gráfica abordou temas como anticlericalismo, corrupção política, desigualdade social e escravidão, sempre permeados por humor mordaz e detalhamento estético (TELLES, 2011). Um marco



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

importante foi a introdução do personagem “Zé Povinho” no Brasil, que, adaptado ao contexto local, tornou-se símbolo do povo humilde e explorado, sendo incorporado por caricaturistas brasileiros posteriores (LIMA, 1963). Outro episódio relevante foi a publicação, em 1878, de uma litografia baseada em fotografias de crianças vítimas da seca do Ceará, considerada uma das primeiras utilizações da fotografia como denúncia social na imprensa brasileira (ANDRADE, 2004). Essa prática inaugurou um caminho de convergência entre artes visuais e jornalismo de denúncia.

O tom incisivo das charges de Bordalo Pinheiro, somado à sua defesa de ideias republicanas e ao anticlericalismo, despertou reações hostis em setores conservadores do Império. As críticas direcionadas ao governo e à monarquia provocaram atritos com autoridades e culminaram em episódios de perseguição e até de atentado contra sua vida (TELLES, 2011). A instabilidade política, marcada por disputas entre liberais, conservadores e republicanos, tornou-se um fator de risco para artistas engajados. Em 1879, diante da escalada de conflitos e ameaças, Bordalo retornou a Portugal. Apesar da saída abrupta, sua experiência brasileira ampliou seu repertório e influenciou diretamente sua produção posterior em jornais como *António Maria* e *A Paródia* (FRANÇA, 2005).

554

Ressonâncias em sua produção

Rafael Bordalo Pinheiro construiu um legado artístico que ultrapassa a caricatura e a crítica social, sendo também reconhecido como um inovador no campo das artes decorativas, especialmente na cerâmica e na azulejaria. No campo da cerâmica, Bordalo Pinheiro destacou-se por combinar tradição artesanal com inovação industrial. A fundação da Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha, em 1884, permitiu-lhe explorar técnicas avançadas de moldagem e pintura que resultaram em peças icônicas, como as travessas em forma de couves, peixes e frutos, que hoje são consideradas verdadeiros ícones do design português do século 19.

Além das peças utilitárias, Bordalo produziu grandes painéis ornamentais e azulejos de padrão que se inserem no revivalismo histórico e no orientalismo, como os modelos de inspiração mourisca e renascentista. Essas obras, atualmente preservadas em museus e coleções particulares, reforçam seu status de mestre da cerâmica e da azulejaria (HENRIQUES, 2000).

Outro aspecto relevante de sua obra foi a integração entre arte gráfica e cerâmica. Bordalo criou esculturas satíricas, bustos caricaturais e figuras humorísticas que dialogavam com suas publicações na imprensa, revelando um processo criativo coerente e multidisciplinar. Essa



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

interligação de linguagens, além de ampliar sua notoriedade, consolidou um modelo de produção artística que influenciou tanto a indústria cerâmica quanto a cultura visual portuguesa.

Durante sua estadia no Brasil (1875–1879), Rafael Bordalo Pinheiro concentrou-se majoritariamente na produção gráfica, mas sua experiência cerâmica não deixou de ecoar no país. Embora não haja registros de oficinas de cerâmica instaladas por ele no Brasil, sua estética e estilo foram assimilados por artistas e fabricantes locais, especialmente na combinação entre funcionalidade e ornamento.

A introdução de elementos de inspiração oriental e padrões decorativos geométricos, frequentes em sua obra, dialogaram com tendências de modernização das artes aplicadas brasileiras no final do século 19. Apesar de não ter instalado oficina de cerâmica no Brasil, Bordalo enviou importantes peças para o país, como a célebre Jarra Beethoven (1899), entregue ao presidente brasileiro e hoje exposta no Museu Nacional de Belas Artes - MNBA, no Rio de Janeiro.

Diversos painéis e azulejos da Fábrica das Caldas — naturalistas e revivalistas — foram também exportados ao Brasil e empregados na decoração de residências e edifícios públicos, contribuindo para a difusão de seu repertório ornamentais em solo brasileiro (TELLES, 2011; COELHO et al., 2020; MUSEU BORDALO PINHEIRO, 2025). Além da Jarra Beethoven, entre outras descritas por Silva (2024) do acervo do MNBA, existem outros exemplares da arte decorativa de Rafael, há painéis decorativos exportados para residências nobres cariocas, citados no catálogo do Museu Bordalo Pinheiro. Em Salvador, há registros de revestimentos cerâmicos bordalianos aplicados em sobrados do bairro do Comércio, mencionados em levantamento de Coelho et al. (2020).

A seguir imagens de Bordalo junto a sua obra em Portugal (Figura 3), e a imagem da Jarra no acervo do MNBA, em 2025 (Figura 4).

555



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 3 — Fotografia de bordalo com a Jarra Beethoven



Fonte: Museu Bordalo Pinheiro.

Figura 4 — Imagem da Jarra Beethoven acervo do MNBA, no Rio de Janeiro



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes. Autor: Elisabete Chaves, 2025.

A influência bordaliana também se observa em fábricas brasileiras de cerâmica do final do século 19 e início do século 20, que reproduziram padrões geométricos e arabescos inspirados em sua produção. Essa presença, somada à circulação de catálogos e amostras



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

enviadas de Portugal, contribuiu para consolidar a azulejaria como elemento de identidade cultural no Brasil, especialmente em edificações ecléticas de influência orientalista (LÓPEZ; GUTIÉRREZ, 2016).

Azulejos como bens integrados do Pavilhão Mourisco

No campo da museologia e da preservação do patrimônio arquitetônico, o conceito de “bens integrados” refere-se a elementos materiais que fazem parte indissociável de um imóvel, tendo sido concebidos como componentes funcionais e estéticos da arquitetura. Esses bens não apenas compõem o espaço, mas estruturam, qualificam e definem a experiência e a integridade do patrimônio construído. Como salienta Elisabete Edelvita Chaves da Silva em sua tese, o conceito de bens integrados foi criado pela museóloga brasileira Lygia Martins Costa, servidora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artísticos Nacional - IPHAN, para diferir e proteger os bens móveis dos bens integrados. Para ela os bens integrados são bens arraigados a arquitetura – azulejos, estuques, mosaicos, esculturas etc., que quando retirados causam lacunas e perda de valor cultural e patrimonial aos edifícios de valor histórico (SILVA, 2024, p. 157).

No caso do Pavilhão Mourisco, sede da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a classificação dos azulejos como bens integrados está diretamente ligada à maneira como esses elementos se inserem harmonicamente na linguagem arquitetônica da edificação. Segundo Silva, a musealização desses bens requer abordagem específica, pois a separação ou deslocamento de tais componentes comprometeria não apenas sua integridade física, mas também o sentido histórico e estético da obra arquitetônica como um todo (SILVA, 2024). Arquitetonicamente, o edifício representa uma síntese do ecletismo de inspiração orientalista — especificamente a vertente neomourisca — em voga nas primeiras décadas do século 20, no Brasil.

A edificação (figura 5) foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1981 e, desde 2018. Sua ornamentação é composta por diversos bens integrados, entre os quais se destacam os painéis de azulejos policromáticos da varanda do primeiro andar, a escadaria metálica forjada, vitrais, estuques e mosaicos (OLIVEIRA et al., 2003; COELHO et al., 2020; SILVA, 2024).

557



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 5 — Pavilhão Mourisco



Fonte: Departamento de Patrimônio Histórico/COC.

558

Entre os bens integrados que compõem o repertório decorativo do Pavilhão Mourisco, os painéis de azulejos policromáticos localizados nas varandas do primeiro andar se destacam por sua exuberância estética, valor histórico e raridade.

Os azulejos em questão pertencem à série conhecida como padrão “Granada”, cuja estética remete diretamente à tradição ornamental islâmica da Península Ibérica, particularmente à arte decorativa da Alhambra, em Granada. Esse tipo de azulejo é caracterizado por complexas composições geométricas, rica policromia (em tons de azul, grená, verde, ocre e branco) e pela repetição de padrões que produzem efeitos óticos sofisticados. Esteticamente, os painéis apresentam uma lógica compositiva inspirada no horror vacui, característica da arte islâmica e da azulejaria neomourisca, em que todo o espaço é preenchido por arabescos, entrelaçamentos e figuras geométricas que remetem à ideia de infinito (JONES, 2010; LÓPEZ; GUTIÉRREZ, 2016). Esse padrão remete diretamente ao repertório decorativo promovido por Bordalo Pinheiro, cujo trabalho na fábrica das Caldas da Rainha inclui dezenas de composições similares, muitas das quais estão atualmente expostas no Museu



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Bordalo Pinheiro, em Lisboa, e possíveis de serem acessadas na página eletrônica da instituição⁶.

Figura 6 — Detalhe do painel de azulejos policromáticos do Pavilhão Mourisco



Fonte: Departamento de Patrimônio Histórico/COC.

559

A escolha dos painéis bordalianos para compor o Pavilhão Mourisco (figura 6) reforça a intenção estética do projeto arquitetônico: integrar o orientalismo ao ideário científico, como símbolo de sofisticação, erudição e cosmopolitismo. Ao importar painéis da firma Bordalo Pinheiro, a Fiocruz assumia não apenas uma posição de vanguarda estética, mas também participava de um diálogo cultural com a tradição decorativa europeia, adaptando-a ao contexto brasileiro (COELHO et al., 2020; OLIVEIRA et al., 2003).

Um dado expressivo que revela a importância dos painéis de azulejos do Pavilhão Mourisco é o fato de que a edificação abriga atualmente um total estimado de 1.180 peças cerâmicas de padrão bordaliano, que estão expostas na varanda. Tal número, segundo pesquisa conduzida Elisabete Edelvita Chaves da Silva, ultrapassa inclusive o acervo de azulejaria da própria instituição portuguesa dedicada à memória do artista — o Museu Bordalo Pinheiro, que possui em sua coleção 378 peças de azulejaria padrão (SILVA, 2024, p. 289).

⁶

<http://colecacao.museubordalopinheiro.pt/ficha.aspx?id=29743&ns=216000&lang=PO&museu=1&c=colecacao&IPR=1%2045>. Acesso: 10/out/ 2025.

Ver:





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Figura 7 — Chacota de azulejo localizado no acervo do Museu da Vida Fiocruz



Fonte: Museu da Vida. Autora: Luana Silva, 2020.

560

Esse dado reforça o caráter singular do acervo da Fiocruz, não apenas por sua quantidade, mas pela aplicação contextual e original em um projeto arquitetônico institucional de grande relevância para saúde, cultura e ciência no Brasil. A presença de tantos exemplares originais em um único edifício fora de Portugal demonstra a importância do intercâmbio artístico luso-brasileiro no período e atesta o prestígio de Bordalo entre os intelectuais da época.

A presença dos painéis de azulejos no Pavilhão Mourisco transcende a mera função decorativa. Em termos práticos, os azulejos contribuem para o conforto térmico e a proteção das superfícies, graças à sua resistência à umidade e à insolação. Mas, sobretudo, eles assumem um papel simbólico de mediação entre arquitetura, ciência e cultura.

Como bens integrados, os azulejos colaboram diretamente para a valorização do edifício enquanto patrimônio histórico e artístico. São elementos que não podem ser dissociados da concepção original da obra, pois sua inserção respeita princípios compositivos, cromáticos e estilísticos fundamentais ao conjunto arquitetônico. O painel de azulejos da varanda, em particular, desempenha papel crucial na definição da fachada e do caráter do Pavilhão Mourisco, conferindo-lhe identidade visual única dentro do núcleo eclético do campus de Manguinhos.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Considerações Finais

A presença dos painéis de azulejos de Rafael Bordalo Pinheiro no Pavilhão Mourisco revela não apenas o valor estético dessas peças, mas sua importância como documentos históricos que atestam a circulação de ideias entre Brasil e Portugal no século 19. Esses azulejos, concebidos na Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha, traduzem uma linguagem ornamental inspirada na tradição islâmica e associada ao ecletismo da época. Sua instalação no edifício da Fiocruz simboliza a interseção entre arte, ciência e arquitetura em um momento de afirmação institucional e cultural no Brasil. O estudo da atuação de Bordalo no Brasil evidencia como sua experiência local contribuiu para o amadurecimento de sua linguagem artística, influenciando, posteriormente, sua produção cerâmica. Apesar de sua breve estadia no país, sua marca foi significativa, tanto na imprensa quanto na cultura visual. A escolha de seus painéis para o Pavilhão Mourisco reforça sua relevância como artista de projeção transnacional, cuja obra permanece atual pela riqueza formal e simbólica que carrega.

A classificação dos azulejos como bens integrados fortalece o entendimento de que esses elementos não podem ser dissociados do edifício que os abriga. Eles compõem a identidade visual da edificação, contribuindo e reforçando os valores culturais e científicos do núcleo eclético arquitetônico da Fiocruz. A comparação com o acervo do Museu Bordalo Pinheiro em Lisboa, superado em quantidade de peças de padrão “Granada” pela coleção do Pavilhão Mourisco, ilustra a monumentalidade e o valor desse conjunto cerâmico. Preservar os azulejos do Pavilhão Mourisco significa proteger uma herança artística de grande importância para a história das artes decorativas e da ciência no Brasil. Eles representam a convergência entre tradição e inovação, entre estética e funcionalidade. Este artigo reforça, portanto, a necessidade de valorização desses bens como parte fundamental da memória luso-brasileira e como suporte para futuras políticas de preservação cultural.

561

Referências

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. História da fotoreportagem no Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BENCHIMOL, Jaime L. Manguinhos do sonho à vida – A ciência na Belle Époque. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1990.

BRAGA. Pedro Bebiane. Informações sobre Bordalo Pinheiro. Correspondência eletrônica, 2023.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

COELHO, Carla M. T.; SILVA, Elisabete E. C. da.; ZOUAIN, Rosana S. Pavilhão Mourisco: desafios para sua preservação. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 27, p. 565-582, 2020.

COMPAGNON, Olivier. L'Euro-Amérique en question. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, n. 52, 2005.

FRANÇA, José-Augusto. O essencial de Rafael Bordallo Pinheiro. Lisboa: INCM, 2005.

HENRIQUES, Paulo. A cerâmica em Portugal 1900. In: DIAS, João C.; FIGUEIREDO, Maria R.; MACEDO, Rita S. Portugal 1900. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LIMA, Herman. História da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LÓPEZ, Rafael G.; GUTIÉRREZ, Rodrigo V. (Orgs.). Alhambras: arquitetura neoárabe em Latinoamérica. Granada: Almed, 2016.

“Marco no fotojornalismo brasileiro: a seca no Ceará é documentada com fotografias”. *Brasileana Fotográfica*, 2023. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=33938>>. Acesso em: agosto de 2025.

MUSEU BORDALO PINHEIRO. Catálogo azulejaria. Lisboa: Museu Bordalo Pinheiro, [2025?]. Disponível em: <<https://museubordalopinheiro.pt/colecao/azulejaria/>>. Acesso em: agosto de 2025.

SILVA, Elisabete Edelvita Chaves. A conservação no âmbito da patrimonialização e da musealização de bens integrados: estudo de caso do Pavilhão Mourisco. 2024. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

SILVA, Rosângela de Jesus. Experiências de Rafael Bordalo Pinheiro no Brasil: O Mosquito (1875–1877). *Estudos Ibero-Americanos*, v. 46, n. 2, 2020.

TELLES, Angela. Rafael Bordalo Pinheiro. *Convergência Lusíada*, n. 25, 2011.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA NOS CURRÍCULOS DE MATO GROSSO DO SUL E DA PARAÍBA: POLÍTICAS, PRÁTICAS E DESAFIOS

Vânia Cristina da Silva¹

Cláudia Cristina do Lago Borges²

Introdução

A promulgação da Lei nº 11.645/2008 tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados da rede nacional de ensino. Vinte anos antes, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, já se estabelecia a necessidade de valorização da diversidade étnica e cultural como princípio fundamental da educação nacional. Em 1996, com a Lei nº 9.394 (LDB), essa questão foi novamente retomada, com um reforço desse compromisso ao ser enfatizado que o ensino de História do Brasil deveria levar em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro.

A Base Nacional Comum Curricular/BNCC, homologada pelo Ministério da Educação em 2017, organiza as competências e habilidades que devem orientar a elaboração dos currículos estaduais e municipais, incluindo a necessidade de compreensão dos direitos dos povos indígenas e a análise de suas trajetórias históricas como agentes ativos na formação da sociedade brasileira. O referido documento enfatiza que a inclusão das temáticas relacionadas às culturas afro-brasileira e indígena “[...] deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil” (BRASIL, 2017, p.401). O questionamento que fica é o seguinte: Como os currículos estaduais têm incorporado esse debate em suas especificidades? Como a Lei nº 11.645/2008 é contemplada nesses documentos? Apesar de estabelecer um marco normativo nacional, sua aplicação varia conforme as realidades locais, exigindo um olhar comparativo sobre dois contextos historicamente distintos: Mato Grosso do Sul, terceiro estado em população

563

¹ Professora da rede estadual de ensino do Mato Grosso do Sul (SED/MS). Vice-coordenadora do grupo de pesquisa Abaiara. E-mail: vaniac_historia@hotmail.com.

² Doutora em História e professora na Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Coordenadora geral do grupo de pesquisa Abaiara. E-mail: claudialago.rn@gmail.com.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

indígena do país³; e a Paraíba, que teve sua história marcada pela forte resistência indígena local.

Este artigo propõe-se, então, a discutir de que maneira o ensino de história indígena está contemplado nos currículos estaduais da educação básica dos estados de Mato Grosso do Sul e da Paraíba. Nossa pesquisa baseou-se numa análise documental dos currículos disponíveis e os preceitos estabelecidos pela Lei nº 11.645, considerando seus desdobramentos no contexto educacional. Vale mencionar que se trata de um estudo inicial, resultado das inquietações de duas professoras de História, a fim de analisar de forma comparativa as políticas públicas e os desafios enfrentados na implementação do ensino de história indígena em Mato Grosso do Sul e na Paraíba.

Ensino de história indígena no Mato Grosso do Sul: um olhar sobre o currículo estadual para o Ensino Fundamental II

A rede estadual de ensino do Estado do Mato Grosso do Sul tem como atribuição principal a oferta e supervisão do Ensino Médio, mas também atende, em diversas unidades escolares, o Ensino Fundamental, complementando a oferta de vagas sob responsabilidade dos municípios. Diante disso, no presente artigo pretendemos apresentar um estudo comparativo entre os currículos do Mato Grosso do Sul e da Paraíba, conforme já mencionado anteriormente, a fim de verificar de que forma eles tratam sobre a obrigatoriedade do ensino de história indígena e se estão em consonância com a Lei nº 11.645/2008.

Na versão de 2019⁴ do currículo de referência do Mato Grosso do Sul para o Ensino Fundamental II, elaborada em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e publicada pela Secretaria de Estado de Educação (SED/MS, 2019), a temática indígena é tratada de modo recorrente no componente de História, embora com intensidades diversas ao longo das unidades de aprendizagem.

O documento dedica 78 páginas ao componente curricular de História, que abrange do 6º ao 9º ano, e está organizado em quatro eixos: unidades temáticas, objetivos de conhecimento,

564

³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2022: população e domicílios – resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 05 ago. 2025.

⁴ O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Educação Infantil e Ensino Fundamental foi elaborado e publicado em versão de referência em setembro de 2019 pela SED/MS em parceria com a UNDIME/MS. Em 13 de dezembro de 2022, a Secretaria de Estado de Educação formalizou a adoção obrigatória das Matrizes Curriculares deste currículo por meio da Resolução SED nº 4.113/2022, com vigência a partir de 2023.



habilidades e ações didáticas. Ao todo, são 118 unidades temáticas distribuídas da seguinte forma: 21 no 6º ano, 20 no 7º ano, 34 no 8º ano e 43 no 9º ano. Quanto à abordagem da temática indígena, ela aparece em 4 objetos de conhecimento no 6º ano, em 8 objetos no 7º e no 8º ano, e em 7 objetos de conhecimento no 9º ano.

Quadro 1: Resumo das unidades temáticas e objetos de conhecimento do Currículo de História/MS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
HISTÓRIA – 6º ANO História: tempo, espaço e formas de registros.	Povos ameríndios milenares de Mato Grosso do Sul. Grupo de pescadores-caçadores-coletores que ocupou o pantanal há mais de dez mil anos.
HISTÓRIA – 6º ANO A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.	Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos). Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais.
HISTÓRIA – 6º ANO A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.	Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos). Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais.
HISTÓRIA – 6º ANO A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.	Os povos indígenas originários do atual território sul-mato-grossense, cultura e sociedade.
HISTÓRIA – 7º ANO O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.	Mato Grosso do Sul pré-colonial - Cultura material e imaterial dos povos originários (Tradição geométrica). Desenvolvimento da agricultura e produção de artefatos cerâmicos (século XI ao XVI).
HISTÓRIA – 7º ANO A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.	A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação.
HISTÓRIA – 7º ANO A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.	A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação.
HISTÓRIA – 7º ANO A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.	Organização e resistência indígena no Mato Grosso do Sul colonial, face a violência empreendida durante a expansão da América Portuguesa.
HISTÓRIA – 7º ANO A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.	Organização social de populações ameríndias de Mato Grosso do Sul (séculos XVI- XVIII): arte, língua, cultura, política e sociedade.



HISTÓRIA – 7º ANO A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.	A estruturação dos vice-reinos nas Américas Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa.
HISTÓRIA – 7º ANO A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.	A estruturação dos vice-reinos nas Américas. Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa.
HISTÓRIA – 7º ANO A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.	A estruturação dos vice-reinos nas Américas. Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa.
HISTÓRIA – 8º ANO Os processos de independência nas Américas.	A tutela da população indígena, a escravidão dos negros e a tutela dos egessos da escravidão.
HISTÓRIA – 8º ANO Os processos de independência nas Américas.	Implementação da política indigenista no Brasil no século XIX, no Antigo Sul de Mato Grosso e o impacto dela sobre as populações indígenas.
HISTÓRIA – 8º ANO O Brasil no século XIX.	A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, em solo sul-mato-grossense. Participação de povos indígenas: lutas e resistências. As principais consequências sociopolíticas e econômicas para o Sul da província de Mato Grosso.
HISTÓRIA – 8º ANO O Brasil no século XIX.	O pós-guerra do Paraguai em Mato Grosso do Sul. A concessão da Erva Mate Laranjeira em território dos Guarani e Kaiowá, e exploração da mão de obra indígena. Matte Laranjeira: exploração do produto primário, empobrecimento da população local e exaustão de recursos naturais. Desapropriação de terras indígenas: aldeamento, violência e extermínio. Medo, inércia ou resistência. A invisibilidade imposta pela história tradicional e estratégia de auto defesa dos povos indígenas.
HISTÓRIA – 8º ANO O Brasil no século XIX.	Políticas de extermínio do indígena durante o Império.
HISTÓRIA – 8º ANO O Brasil no século XIX.	Criação de reservas indígenas em Mato Grosso do Sul: confinamento, integração e destruição de comunidades indígenas (século XIX).
HISTÓRIA – 8º ANO O Brasil no século XIX.	O protagonismo Guaicuru no Sul de Mato Grosso: da resistência ao domínio colonial até a subjugação total.
HISTÓRIA – 8º ANO Configurações do mundo no século XIX.	Pensamento e cultura no século XIX: darwinismo e racismo O discurso civilizatório nas Américas, o silenciamento dos saberes indígenas e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas A resistência dos povos e comunidades indígenas diante da ofensiva civilizatória.
HISTÓRIA – 9º ANO O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.	Mato Grosso do Sul no contexto da colonização contemporânea, a partir da Era Vargas. A Marcha para o Oeste - ideário expansionista e invenção dos espaços vazios. Movimentos migratórios e ocupação não índia em terras do Antigo Sul de Mato Grosso. Esbulho de terras tradicionalmente indígenas. Processo de desarticulação de modos de vida indígenas e o início de processos de etnogênese.



HISTÓRIA – 9º ANO O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.	A questão indígena durante a República (até 1964).
HISTÓRIA – 9º ANO O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.	Indígenas sul-mato-grossenses durante a República, até 1964: Da tutela aos novos processos de resistência e estratégias de luta.
HISTÓRIA – 9º ANO Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.	Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência. As questões indígena e negra e a ditadura.
HISTÓRIA – 9º ANO Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.	O processo de redemocratização A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.) A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais. Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira A questão da violência contra populações marginalizadas O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização.
HISTÓRIA – 9º ANO A história recente.	Os conflitos do século XXI e a questão do terrorismo Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade. As pautas dos povos indígenas no século XXI e suas formas de inserção no debate local, regional, nacional e internacional.
HISTÓRIA – 9º ANO A história recente.	Protagonismo indígena em Mato Grosso do Sul. A pauta da terra: historicidade, reivindicação, resistência e conflito. A experiência indígena com a vida urbana: ressignificação e afirmação de identidade.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do currículo de referência do MS, 2019.

O quadro acima nos permite observar que a proposição curricular de História para os anos finais do Ensino Fundamental em Mato Grosso do Sul inaugura uma leitura decolonial do passado ao integrar a experiência indígena como eixo estruturante e não meramente expositivo. Ao desenhar trajetórias que atravessam do 6º ao 9º ano, o documento rompe com a tradição de concentrar os povos originários no episódio inaugural da colonização, restituindo-lhes agência contínua no processo de formação social e cultural. Essa concepção redefine o estatuto epistemológico do indígena, deslocando-o de objeto de estudo para sujeito que produz história, inserindo-o em todas as frentes temáticas, tais como: política, economia, cultura e meio ambiente do percurso escolar. Sobre esse assunto, Edson Kayapó (2023, p. 47-48) argumenta:



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Seguindo na direção de uma postura pedagógica decolonial, o estudo da História e da cultura indígena nas escolas pode ocorrer por um viés que reconheça a pluralidade da nação brasileira e as diversidades dos povos indígenas, ressaltando que esses povos estão inseridos no tempo presente, em diálogo com o passado e com as perspectivas de um futuro pautado no projeto de autodeterminação.

Na construção dos conteúdos, o currículo propõe abordagens multidimensionais que articulam temporalidades diversas: de cosmologias e mitos de origem a práticas contemporâneas de luta por territórios e direitos. As unidades de estudo contemplam, por exemplo, o protagonismo feminino em sociedades matriarcais, a tecnologia tradicional aplicada à gestão de recursos naturais e as interfaces entre saberes indígenas e ciência ocidental. Dessa forma, a narrativa histórica ganha complexidade ao evidenciar a resiliência cultural e o contínuo processo de hibridização entre múltiplas identidades, contribuindo para uma percepção mais crítica e plural do passado regional e nacional. “Faz-se necessário prezar por uma educação que coloque as línguas e as cosmologias tradicionais em um lugar de respeito e protagonismo” (KAYAPÓ, 2024, p.3).

Para que essa proposta vá além da mera inclusão temática, o currículo enfatiza a necessidade de metodologias ativas e dialógicas, baseadas em pesquisa colaborativa, fontes orais e produção de materiais didáticos indígenas. A formação continuada de professores assume papel central, pois exige o desenvolvimento de competências para mediar o encontro entre saberes escolares e tradições comunitárias, sem recorrer a estereótipos ou reducionismos.

568

Ensino de história indígena na Paraíba: um olhar sobre o currículo estadual para o Ensino Fundamental II

A rede estadual de ensino da Paraíba, apesar de responsável por ofertar, de maneira obrigatória e gratuita, o Ensino Médio, etapa final da educação básica, incorpora também o atendimento ao Ensino Fundamental em casos nos quais a rede municipal não possui estrutura necessária ou vagas suficientes que sejam capazes de atender às demandas locais. Nesse sentido, o currículo da rede estadual não é pensado para atender somente o Ensino Médio, mas traz uma proposta curricular também voltada ao Ensino Fundamental. No caso do estudo aqui específico, voltamos nosso olhar para o currículo destinado aos anos finais do Ensino Fundamental.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



Na proposta curricular do Ensino Fundamental II da Paraíba, que entrou em vigor no ano de 2019⁵, alinhada à Base Nacional Comum Curricular, a análise do componente de História revela uma presença tímida e fragmentada dos povos indígenas. O documento direcionado ao componente curricular de História apresenta uma introdução na qual os organizadores propõem uma reflexão sobre as experiências humanas e a relação dos sujeitos com o tempo e os lugares. Ainda nesse sentido, salientam o caráter científico da experiência humana e apontam a relação entre os eventos, os lugares e as pessoas no tempo e no espaço como parte dessa experiência; e reforçam “[...] que a produção dos conhecimentos históricos e do desenvolvimento da consciência histórica se dá através da relação entre os sujeitos e os objetos dos conhecimentos e que essa interação é mediada através de conceitos” (PARAÍBA, 2019, p. 399).

Ainda na apresentação da proposta curricular do componente de História (que possui 28 páginas), os organizadores selecionaram os conceitos de identidade, cidadania, cultura e tempo como norteadores da proposta e passaram a discuti-los antes de abordar as unidades temáticas do componente curricular de História. Para Circe Bittencourt (2011, p. 199): “Entre as noções e conceitos históricos fundamentais tanto para a pesquisa quanto para o ensino de História, a noção de tempo histórico e de espaço são fundamentais. Todo objeto do conhecimento histórico é delimitado em determinado tempo e [...] espaço.

Por fim, informam sobre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento no ensino fundamental, momento em que elencam dez direitos que devem ser resguardados aos educandos, a saber: se conhecer; conhecer o outro; viver seu lugar e seu tempo; viver a infância; aprender; conhecer o conhecimento; ter acesso à informação; ser, reconhecer e valorizar; cidadania participativa; vivenciar.

O documento está estruturado em um quadro com três colunas: objetivos, conteúdos e habilidades. Relativo à turma do 6º ano, são apresentados três conteúdos⁶ principais: Introdução à História (que aborda os temas: sujeito, tempo e espaço; memória, narrativa e interpretação; sentido, utilidade e significado); Pré-História e Brasil Pré-colonial (surgimento da vida e dos seres humanos; povoamento da terra; os povos ameríndios; organização social, trabalho e cultura); e Antiguidade Ocidental e Oriental (organização temporal e espacial sobre antiguidade; as primeiras sociedades (China, Índia, Oriente Médio, África e América); a formação do ocidente europeu; organização social, trabalho e cultura). Com relação aos

⁵ Aprovada pela Resolução Nº 500/2018: “Aprova a proposta curricular do Estado da Paraíba, passando a denominá-la documento curricular para Educação Infantil e Ensino Fundamental do Estado da Paraíba”.

⁶ Embora a BNCC utilize o termo componente curricular, nesta análise adotamos o uso de conteúdo, conforme o modelo do currículo da Paraíba.



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

objetivos, foram elaborados dez para o primeiro conteúdo, oito para o segundo e onze para o terceiro.

Acerca do modo como o currículo aborda o estudo das culturas indígenas, observa-se que, no conteúdo referente à Pré-História e Brasil Pré-colonial, é empregado o termo povos ameríndios e constam dois objetivos que fazem menção a essa proposta, os quais propõem: “Analisar o processo de ocupação da América, do Brasil e da Paraíba. Caracterizar a organização social e a produção cultural dos povos que ocuparam o Brasil e particularmente a Paraíba” (PARAÍBA, 2019, p. 413).

Fica evidente aqui que, apesar da menção aos povos ameríndios, essa inclusão é pontual e restrita a uma breve contextualização sobre ocupação e organização social, sem um aprofundamento acerca da diversidade cultural, das cosmovisões e da continuidade histórica desses povos. Não há referência à contribuição indígena nas noções de sujeito, tempo e espaço, conceitos que são tratados no capítulo. Assim, o documento invisibiliza a presença contínua dos povos originários, seu protagonismo na construção da história nacional e suas epistemologias. Sobre essa questão, o pesquisador Edson Kayapó (2023, p. 44-45) alerta: “Os povos originários são condenados a um passado longínquo da história nacional, enquanto suas concepções cosmológicas e saberes milenares são transformados em folclore, entendido no sentido mais pejorativo da ideia de lendas”. Nesse sentido:

As escolas e seus currículos, por sua vez, sutilmente ou declaradamente vêm acompanhando a ação genocida, quando silencia esses povos no processo de ensino e aprendizagem. Os povos originários são condenando-os a um passado longínquo da História nacional, enquanto suas concepções cosmológicas e saberes indígenas são transformados em folclore, entendidos como lendas. Os povos indígenas são oportunamente lembrados nas aulas de História que tratam da “descoberta do Brasil” e da montagem do sistema colonial e, eventualmente, em momentos pontuais da recente história brasileira. (KAYAPÓ, 2023, p. 40).

Relativo ao 7º ano, são elencados três conteúdos: Idade Média (organização espacial e temporal sobre medievo; sociedades africanas; organização social, trabalho e cultura); Idade Moderna (organização temporal e espacial sobre a modernidade; as estruturas do modo de produção capitalista; as dinâmicas de dominação e resistência entre a Europa, a América e a África; religião, poder e diversidade cultural); Brasil colônia (organização temporal e espacial sobre o Brasil colônia; processos de ocupação do território: América, Brasil e Paraíba; o estado português, a igreja e o povo; aspectos culturais do Brasil colônia). Em relação à proposta curricular para o 7º ano, no tópico de Brasil colônia, merecem destaque os objetivos que fazem referência à temática e como eles são propostos no documento.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Identificar a distribuição territorial das populações ameríndias; identificar a organização social, política e cultural dos grupos que habitavam a Paraíba antes do processo de colonização; compreender as relações entre os povos ameríndios, africanos e colonizadores; analisar a pluralidade cultural dos povos ameríndios e africanos; discutir os conceitos de índio, africano, colonização, civilização, eurocentrismo. (PARAÍBA, 2019, p. 416).

A formulação mencionada acima demonstra a preocupação em inserir os indígenas na narrativa colonial, mas ao tratá-los de modo genérico como povos ameríndios corre-se o risco de homogeneizar comunidades com histórias, línguas e estratégias de resistência próprias. Ademais, é possível observar o agrupamento dos povos indígenas e africanos num mesmo bloco de análise, mas aqui corremos o risco de diluir as especificidades, tais como: rituais, cosmologias e modos de organização próprios de cada população. É possível perceber a utilização do termo índio, ainda que apresentado como um conceito a ser problematizado. A proposta parece convidar a um questionamento dessa denominação, pois um texto que se pretende comprometido com a diversidade cultural e histórica dos povos originários não pode se limitar a um rótulo genérico.

571

Índio - Este termo genérico leva-nos a crer que não há diversidade de povos, pois todos são uma coisa só – índios. Por isso, muitos pensam que não há culturas, e sim uma única cultura, uma única fé, uma única maneira de organização social, uma única língua. O termo contribuiu, enfim, para falsamente diminuir a diversidade indígena brasileira ou, em outras palavras, universalizar o diverso. (GUARANI, 2006, p. 151).

Assim, notamos que apesar de trazer a temática para o debate, existem fragilidades significativas com relação ao documento aqui estudado. Generalizações como esta devem ser combatidas e dar lugar às especificidades linguísticas, territoriais e sociopolíticas de cada etnia, adotando suas próprias autodenominações, para evitar a universalização do diverso e promover um ensino que se faça realmente plural.

Por fim, os conteúdos voltados às turmas do 8º e 9º anos omitem as populações indígenas, silenciando sua crucial contribuição para a construção da história do Brasil. Essa exclusão reforça uma visão eurocêntrica e impede que os estudantes reconheçam a diversidade cultural e o legado dos povos originários como elementos fundamentais da identidade nacional.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Considerações finais

A análise comparativa entre os currículos do Ensino Fundamental dos estados de Mato Grosso do Sul e da Paraíba revela avanços significativos na abordagem da temática indígena por parte do primeiro. O currículo sul-mato-grossense demonstra maior sensibilidade intercultural e compromisso com a Lei nº 11.645/2008 ao integrar os povos indígenas como sujeitos históricos ativos, distribuindo suas experiências por múltiplas temporalidades e áreas do conhecimento. Essa proposta rompe com a visão tradicional que restringe os indígenas ao passado colonial, promovendo uma leitura plural e crítica da história regional e nacional. Em contraste, o currículo da Paraíba ainda apresenta lacunas importantes na efetivação da lei, tratando os saberes indígenas de forma mais pontual. A ausência de uma abordagem multidimensional e a limitação da presença indígena a episódios históricos específicos revelam uma concepção ainda distante dos princípios da interculturalidade e da decolonialidade. Isso evidencia que, embora a legislação represente um marco importante, sua implementação depende de escolhas políticas e pedagógicas concretas que variam entre os estados.

No entanto, é preciso reconhecer que a existência de um currículo mais avançado não garante, por si só, a transformação da prática pedagógica. A efetividade da Lei nº 11.645/2008 nas salas de aula ainda esbarra em desafios como a formação docente, a escassez de materiais didáticos adequados e o desconhecimento sobre as realidades indígenas locais. Sem ações estruturantes e acompanhamento contínuo, o risco é que mesmo os currículos mais bem elaborados permaneçam como documentos formais, sem impacto real na construção de uma educação verdadeiramente intercultural, mas essa reflexão entre o que consta nos documentos curriculares e o que realmente se efetiva na prática educativa será uma questão retomada pelas pesquisadoras em estudos futuros.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Abordagens históricas sobre a história escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 83–104, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15136/11519>. Acesso em: 09 ago. 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 28 jul. 2025.

GUARANI, Vilmar M. Desafios e perspectivas para a construção e o exercício da cidadania indígena. In: ARAÚJO, Ana Valéria et al. **Povos indígenas e a lei dos “brancos”:** direito à diferença. Brasília: MEC/Secadi/Museu do Índio, 2006. Disponível em: https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume14_povos_indigenas_e_a_lei_do_s_branco_o_direito_a_diferenca.pdf. Acesso em: 09 ago. 2025.

KAYAPÓ, Edson. O silêncio que faz ecoar as vozes indígenas. In: SILVA, Rodrigo; MUNSBURG, Eduardo (Orgs.). **Ensino de História:** reflexões e práticas decoloniais. São Paulo: Editora Letra 1, 2021. Cap. 3. Disponível em: <https://editoraleta1.com.br/epub/9786587422176/9786587422176-03.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2025.

KAYAPÓ, Edson. Conversas sobre povos indígenas, escola e o ensino da História. In: SOUZA, Rosemeire de Oliveira; RODRIGUES, Sonia da Silva (Orgs.). **Ensino de História Indígena na sala de aula:** repensando práticas e metodologias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 39–54. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2023/01/EBOOK_Ensino-de-Historia-Indigena-na-sala-de-aula.pdf. Acesso em: 09 ago. 2025.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

KAYAPÓ, Edson. Entrevista. In: MIRANDA, Emanuely; DIAS, Susana (Ed.). **Revista Climacom – Territórios e Povos Indígenas**, ano 11, n. 26, 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2024/06/Entrevista-Climacom-Edson-Kayapo.docx.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2025.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental**. Campo Grande: SED-MS, 2019. 863 p. (Série Currículo de Referência; v. 1). Disponível em: https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/09/curriculo_ms_109.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular da Paraíba: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. João Pessoa: SEE-PB, 2019. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/docu_mento_curricular_pb.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

574



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

VISITAS ESCOLARES AO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF): REFLEXÕES EM TORNO DAS APRENDIZAGENS NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO CULTURAL DE CURSOS DO ICH/UFJF

Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior¹

Isadora de Rezende Ferreira²

Introdução

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) possui um serviço regular de visita ao campus, com vistas a atingir estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da Zona da Mata de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Essa prática intitula-se “Programa de Visita ao Campus”, sendo uma ação institucional da universidade levada a efeito pela Diretoria de Imagem destinada a apresentar os cursos de graduação a estudantes que, em breve, ingressarão em uma instituição de ensino superior.

A partir da feitura de um pré-agendamento realizado por meio de um formulário eletrônico ou pelo envio de uma solicitação para o e-mail visitas@comunicacao.ufjf.br, as escolas interessadas podem solicitar o agendamento de um horário junto à UFJF às terças, quartas ou quintas-feiras, no horário compreendido entre 9h e 17h. A partir da existência da disponibilidade, a instituição de ensino realiza a confirmação da visita *a posteriori*.

Essa iniciativa institucional, que teve início em 2010, já atendeu mais de 250 escolas (UFJF, 2023a), sendo um projeto estratégico da Diretoria de Imagem Institucional e operacionalizada também por meio de um projeto de extensão universitária, na medida em que permite democratizar o acesso a informações relativas ao funcionamento de uma Instituição de Ensino Superior (IES), servindo também para motivar os estudantes a ingressarem em uma IES.

Considerando não só o cenário de existência de expressivo quantitativo de vagas ociosas em curso de graduação no Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFJF, mas também da

575

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Associado do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: edwaldo.anjos@ufjf.br

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: isadora.rezende@estudante.ufjf.br





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

existência de propagação de desinformação em torno da área de Ciências Humanas e da percepção quanto a uma adesão intermitente do Instituto ao longo dos anos juntos programa, é que, a partir de 2023, foi instituído o projeto de extensão “Visitas Escolares ao ICH/UFJF”. Essa iniciativa tem recebido semanalmente escolas do Ensino Médio para conhecer os cursos de graduação do Instituto de Ciências Humanas, por meio da elaboração de roteiros e realização de uma mediação centrada na dialogicidade e na ludicidade, não focando na transmissão unilateral do saber, mas em estabelecer diálogos em torno dos cursos, áreas de atuação dos profissionais e territórios dos participantes.

Essa proposição, ao apresentar a área de Humanidades e os cursos de graduação, permite não só a manifestação de incertezas e dúvidas dos secundaristas em torno de suas práticas culturais e da própria área de Ciências Humanas, como também permite que os jovens possam ter nos acadêmicos certas referências. Logo, a apresentação do campo das humanidades tem possibilitado um encontro de saberes, favorecendo novas formas de agir e de pensar por parte dos estudantes de Ensino Médio, especialmente através do desenvolvimento das suas crenças de autoeficácia, ao ter contato com experiências e trajetórias dos universitários que podem servir de modelos de inspiração e identificação.

Posto isto, este trabalho visa discutir, a partir de uma revisão bibliográfica narrativa e de uma metodologia centrada na pesquisa-ação, aspectos do processo de ensino-aprendizagem de estudantes secundaristas e universitários participantes do projeto de extensão “Visitas Escolares ao ICH/UFJF”, a partir da perspectiva sociocultural acerca do desenvolvimento humano de Vygotsky, que valoriza os contextos socioculturais dos indivíduos.

Para tanto, este trabalho apresenta mais três seções. Na próxima seção, realiza-se um breve histórico do Programa Visitas Guiadas à UFJF. Na sequência, pormenoriza-se as razões, fundamentos e histórico do Projeto de Extensão “Visitas Escolares ao ICH”. Posteriormente, realiza-se uma discussão das ações do projeto a partir da perspectiva vigotskiana do desenvolvimento humano.

Visitas Guiadas à UFJF: democratizando a Universidade e a presença do lazer

A partir do momento em que a instituição confirma a sua presença junto à visita guiada ao campus, destaca-se que esta visita se inicia às 9 horas da manhã, momento em que os estudantes têm acesso a uma fala inicial sobre regras da visitação e uma breve apresentação sobre a Universidade. Na sequência, se tem a visita às instalações do campus, sempre junto a equipamentos e unidades previamente cientes e disponíveis para receber os secundaristas. Essa visita inicial se encerra às 10:20h, aproximadamente, quando os visitantes se deslocam

576



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

para o Restaurante Universitário (RU), com vistas não só a almoçar, mas também experimentar um pouco da atmosfera do RU. Na parte da tarde, após a refeição, os participantes conhecem outras unidades de ensino, quando poderão se aprofundar um pouco na rotina universitária, ao acessarem laboratórios, salas de aula, equipamentos de extensão, projetos de pesquisa, ações de extensão e ter contato com a estrutura curricular de cursos de graduação. Destaca-se ainda que não há um roteiro específico, na medida em que a disponibilidade de dadas unidades tende a flutuar ao longo do semestre.

Entende-se que a estruturação de uma iniciativa capaz de instrumentalizar os secundaristas quanto ao acesso à Universidade é relevante, pois, a despeito de ter havido um contínuo processo de expansão de vagas decorrente do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), é possível constatar que há certo desconhecimento de setores da sociedade em torno do ingresso às universidades, inclusive em relação à Universidade Federal de Juiz de Fora. O depoimento de um estudante, da Escola Estadual Maria Elba Braga, de Juiz de Fora, é revelador dessa situação:

O pessoal da escola pública não costuma ter conhecimento sobre o quanto a UFJF é ampla e o tanto de graduações oferecidas para que estudantes tenham acesso ao ensino superior. Quando a Universidade abre as portas para nós, permite que tenhamos esperança de estudarmos aqui, sem que tenhamos aquela sensação de incapacidade para ingressar no curso que sonhamos. (UFJF, 2023a).

577

Além dos objetivos ao incentivar o ingresso à UFJF e democratizar as informações sobre a vida universitária, há, no programa Visita ao Campus, um conjunto de desafios passíveis de reflexão.

O primeiro é relativo à sobrecarga de trabalho docente, que acomete diversos educadores do ensino superior (Anjos Junior, 2021), inclusive coordenadores de curso. Logo, num panorama geral em que já há sobrecarga laboral, a proposta, ao recorrer também às coordenações de curso, professores, grupos de extensão e pesquisa para viabilizar as visitas às dependências do curso, nem sempre consegue contar com o retorno esperado e duradouro relativo a determinados cursos e unidades demandadas.

Ademais, é relevante salientar que, atualmente, o Visita ao Campus deve ser compreendido num cenário com expressivo quantitativo de vagas ociosas em cursos de graduação na UFJF. Esse dado permite considerar a necessidade das unidades acadêmicas e/ou cursos de graduação se sentirem concitados a contribuir com o projeto, na medida em que o contingente supracitado parece apontar para uma demanda relevante, socialmente estratégica





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

(estudantes que almejam ingressar em uma Universidade) e que carece de maior atenção institucional.

Um outro elemento que carece de ser melhor problematizado no Programa é a presença do lazer e do turismo. Tal aspecto é passível de atenção, na medida em que a proposta se pauta em um elemento estruturante do turismo, qual seja, o deslocamento (Tadini; Melquiades, 2010), haja vista que muitas escolas provêm de outras cidades. E, mesmo aquelas que são de Juiz de Fora costumam ser oriundas de territórios muito distantes e socioculturalmente distintos da região em que o campus está inserido, configurando também uma experiência perpassada pelo interesse turístico do lazer (Camargo, 1986).

Tal assertiva pode ser melhor visualizada a partir do depoimento de Luara, estudante do Ensino Médio, que, em 19 de abril de 2023, visitou o planetário da Universidade. Após a visita, a secundarista enuncia que gostaria “muito [de] retornar quando estiver aberto ao público para acessar o observatório” (UFJF, 2023a), pois o edifício do Centro de Ciências, segundo a visitante, teria uma estrutura impressionante. Logo, a partir dessa observação, é possível perceber que, junto ao ensejo de favorecer uma democratização de informações acerca da universidade, há, também, de forma correlata, a experiência de uma vivência permeada de aspectos de lazer, inclusive do Turismo.

Nesse ínterim, a teoria de Gomes e Elizalde (2012) pode apontar caminhos ao propor que as vivências de lazer não sejam cartesianamente separadas das demais experiências sociais. Ou seja, para os autores, não faz tanto sentido em se indagar se dada vivência estaria apenas no campo do lazer, no campo do trabalho ou no campo da educação. Antes, pode-se pensar num tempo e num espaço socialmente construídos para o lazer, mas também clivado de outras ações, anseios e práticas culturais.

Esse debate é importante porque a existência de hierarquias entre educação e lazer em espaços educativos ainda é uma realidade (Gomes e Elizalde, 2012; Anjos Junior, 2021). E a existência desse processo favorece com que exista um não reconhecimento de que experiências centradas na ludicidade podem contribuir para releituras do mundo e dos próprios sujeitos (Gomes, 2014), ao descortinar novos sentidos e visões da realidade.

Isso pode ser explicado por uma longa tradição histórica em que, muitas vezes, o lazer foi associado à “ociosidade”, a uma prática atrelada ao desinteresse (no sentido pejorativo), algo oposto ao trabalho ou à educação, tidos como práticas culturais mais nobres, evidenciando uma lógica social pautada na produtividade e/ou na instrução (Gomes, 2008). Todavia, a despeito dessa valoração simbólica de dadas práticas, é possível perceber o lazer no processo educativo vinculado a diversas iniciativas em que a criatividade (Rolim, 1989) e a ludicidade se façam presentes. Se a ludicidade estaria calcada em vivências educacionais centradas no

578



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

estímulo aos sentidos, no brincar e na exaltação de emoções (Gomes, 2014), a criatividade se faria presente sobretudo por intermédio de práticas centradas na criação, na invenção e no estabelecimento de inovações no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, pensando o programa Visitas Guiadas em si, é possível perceber a incorporação de elementos do lazer no próprio cotidiano das atividades, sobretudo ao i) estimular novos sentidos, ii) favorecer a manifestações de diferentes emoções, iii) e oportunizar a expressão de sentimentos, por intermédio de práticas que podem ser percebidas em afinidade com os conteúdos ou interesses culturais do lazer, a saber: intelectual, social (Dumazedier, 1980) e turístico (Camargo, 1986).

Desse modo, considera-se que as visitas ao campus congregam várias práticas culturais. Se, de um lado, há um explícito objetivo ligado à educação e à difusão de informações em torno de cursos e áreas do saber, há, por outro turno, aspectos do lazer presentes, com destaque para o deslocamento e a ludicidade, vivenciados não apenas em atividades direcionadas mas também em momentos espontâneos, em que cada visitante vivenciará experiências próprias, seja pelo compartilhamento de registros em redes sociais, seja por conversas espontâneas entre si próprios, ou mesmo refletindo consigo mesmos.

579

O projeto “Visitas Escolares ao ICH”: histórico, fundamentos e funcionamento

O Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora foi criado em 1968, no contexto da reestruturação administrativa e acadêmica da própria instituição, fundada em 1960. O ICH emerge reunindo cursos e departamentos voltados ao estudo do homem e da sociedade em suas múltiplas dimensões. Ao longo de sua trajetória, passa a ser percebido como uma unidade intimamente comprometida com a produção de conhecimento crítico e interdisciplinar sobre as Humanidades e as Ciências Sociais, inclusive as Aplicadas. (UFJF, [2025?]).

Atualmente, o instituto oferece oito cursos de graduação, a saber: Ciências da Religião, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História, Psicologia e Turismo. Os cursos apresentam enfoques diversos, que vão desde a análise das transformações sociais e culturais até o estudo de práticas turísticas e do pensamento filosófico. Além do ensino e da pesquisa, o espaço físico do instituto, localizado no campus da UFJF, conta com laboratórios, salas multimídia e uma estrutura voltada para atender tanto à formação acadêmica quanto às atividades de integração com a sociedade.

A despeito da existência de 8 cursos de graduação, muitos deles detentores do conceito “A”, junto ao Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), é possível verificar



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

um crescente número de vagas ociosas dentre os cursos de graduação. Para se ter ideia dessa asserção, o edital 2025/1 conteve os seguinte quantitativo de vagas por curso: Filosofia (Bacharelado/Licenciatura) com 50 vagas disponíveis; Geografia Licenciatura (noturno) com 125 vagas; História (Bacharelado/Licenciatura) – Noturno com 15 vagas; Bach. Interdisciplinar em Ciências Humanas (integral e noturno) com 85 vagas disponíveis ao todo; Ciência da Religião (Bacharelado e Licenciatura) com 20 vagas; 11 vagas em Psicologia e, por fim, o Curso de Turismo (integral/noturno) com 119 vagas (UFJF, 2025).

Além do contexto supracitado, historicamente a área de Ciências Humanas tem sido alvo recorrente de críticas, muitas vezes baseadas em percepções distorcidas e em discursos que desvalorizam seu papel social. Esse cenário se agrava com o aumento da desinformação, que circula amplamente nas redes sociais, contribuindo para a disseminação de estereótipos sobre a suposta “falta de utilidade prática” dessas formações. Paulo Freire (2003) já alertava para a negação de um pensamento crítico no Brasil, o que favorece práticas autoritárias e enviesamentos quanto à compreensão da realidade, enquanto Marilena Chauí (2016) aponta que o ataque às humanidades está ligado a um projeto de enfraquecimento da reflexão e da crítica.

Além disso, estudos como o de Veletsianos e Shepherdson (2016) demonstram que a desinformação acadêmica, quando direcionada a áreas específicas, compromete a percepção pública sobre sua relevância, algo percebido no Brasil inclusive com a escalada da extrema direita ao Poder em 2020. Assim, cresce a necessidade da área de Humanidades fomentar outras estratégias de comunicação científica que combatam a desinformação, propondo alternativas pautadas no saber científico e que reafirme a sua importância na construção de uma sociedade democrática.

Associado ao quadro supracitado, destaca-se que, em 2023, havia uma demanda reprimida de escolas que, embora desejosas de conhecer as instalações do campus, ainda se ressentiam quanto à inexistência de vagas, pois não só a demanda era crescente naquele momento, mas também muitas instituições de ensino tiveram os seus agendamentos cancelados durante a Pandemia da COVID-19. Logo isso, gerou uma lista de milhares de estudantes aguardando vagas para conhecer o campus, algo de certo modo agravado pela não participação regular do Instituto de Ciências Humanas no programa Visitas ao Campus.

É, portanto, nesse bojo, que surge o projeto de extensão “Visitas Escolares ao ICH”.

O Projeto Visitas Escolares ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFJF, iniciativa de extensão parceira do Programa de Visitas ao Campus, buscou atender à alta demanda reprimida de visitas naquele momento, oferecendo roteiros mediados que apresentam o currículo dos cursos de graduação do instituto, os laboratórios, projetos e as áreas de atuação

580



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

profissional. Historicamente, ele se insere em uma ação institucional mais ampla de democratização do acesso à informação sobre o ensino superior, mas traz o diferencial de integrar a ludicidade, a concretude e a dialogicidade dentre seus fundamentos.

O fundamento teórico para o projeto partiu de autores como Paulo Freire (2004), Gomes e Elizalde (2012) e Murta e Goodey (2002), que defendem uma abordagem dialógica, centrada na ludicidade e concreta em torno do conhecimento. Nessa perspectiva, as visitas não se restringem a repassar informações factuais, mas visam estimular sentidos, emoções e a criatividade dos visitantes, valorizando a ludicidade e o deslocamento como elementos formativos. O projeto também dialoga com a curricularização da extensão, prevista na Resolução 75/2022 da UFJF, permitindo que graduandos atuem como mediadores, articulando ensino, pesquisa e extensão, além de fortalecer a sua formação crítica, em consonância com o disposto na Política Nacional de Extensão Universitária. Brasília, emanada do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) em 2012.

A dinâmica de funcionamento do projeto se dá da seguinte maneira: às quintas de manhã, entre 9h a 10:20h, aproximadamente, os estudantes são recepcionados num dos mirantes do Instituto, especialmente aquele que propicia uma visão de parte da cidade de Juiz de Fora. O intuito é, a partir da paisagem, fomentar uma exemplificação mais concreta de como a cidade e as relações entre os homens são um importante campo de estudo das Humanidades sob a perspectiva de seus deslocamentos, de suas temporalidades, de suas reflexões e de suas práticas culturais. Ao mesmo tempo, a permanência no mirante permite apresentar os cursos de graduação do Instituto e convidá-los a refletir sobre o estereótipo do que seria um laboratório. A mediação, sempre centrada em perguntas e no interesse em conhecer as realidades territoriais dos estudantes, procura favorecer também a praticidade ao observar diferentes arranjos urbanos possíveis na sociedade. Essa visita dura cerca de 15 minutos, para, na sequência, os estudantes serem convidados a ingressar junto a uma sala de aula ou laboratório para acesso à segunda parte da visita: a vivência universitária.

A vivência universitária foi desenhada para, por meio da imersão, permitir que estudantes tenham experiências tátil-sensoriais, ao vivenciarem apresentações de objetos, pesquisas ou laboratórios. A mediação aqui sempre procura trazer objetos, como fotos de vivências universitárias ligadas aos cursos e ao campus em geral e objetos ligados a cursos, como livros, protótipos, dentre outros³. Na impossibilidade disso, favorece-se dinâmicas, para que os estudantes deixem uma posição de certa passividade e possam interagir uns com os outros e

581

³ Itens ligados à Gastronomia, souvenirs e mapas já foram usados em mediações em torno do curso de Turismo. Exames, jalecos e livros já foram mobilizados para apresentações em torno do Curso de Psicologia.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

com a equipe de mediação. Essa mediação é levada a efeito por cerca de 40 minutos e procura sempre problematizar aspectos de um curso de graduação ou áreas que são geralmente solicitadas pelos professores quando do contato prévio entre a equipe e a escola agendada. Após essa abordagem inicial, os professores consultam os alunos e enviam uma devolutiva. Destaca-se que, desde o início do projeto, as mediações têm-se centrado mais nos cursos de Psicologia, Turismo, Geografia e História, nesta ordem.

Desde o segundo semestre de 2024, é ofertada uma disciplina extensionista regular às quintas-feiras, ministrada por um professor do Departamento de Turismo. Essa disciplina foi constituída para não só permitir que discentes de todos os cursos de graduação do ICH participassem do processo, como também favorecer que todas as áreas de conhecimento do Instituto tivessem representantes, ainda que por meio de discentes. Se em 2024/2 a disciplina contou com 9 estudantes do curso de Turismo, em 2025, ela contou com 2 discentes do Curso de Psicologia, uma estudante de Ciências Humanas, 3 acadêmicos do Curso de Ciências Sociais e 6 universitários do bacharelado em Turismo.

A despeito do projeto receber regularmente grupos escolares às quintas pela manhã, eventualmente, a equipe, que contém acadêmicos, técnicos administrativos, voluntários e estudantes, se desloca, dentro das possibilidades de cada membro e mediante apoio da Direção do Instituto, a escolas que não conseguiram transporte para o campus. Tal iniciativa visa mitigar a exclusão e capilarizar ações do projeto. Instituições públicas de Juiz de Fora/MG, Pequeri/MG, Rio Novo/MG, Tiradentes/MG e Santana do Garambéu/MG foram alcançadas pelo projeto após sinalizarem a demanda por meio de e-mail à equipe.

Por fim, insta destacar que o projeto do ICH, desde o início de 2025, impactou diretamente 1400 pessoas, 1360 estudantes das seguintes cidades mineiras: Juiz de Fora, Pequeri, Mar de Espanha, Fervedouro, Rio Novo, Conselheiro Lafaiete, Matias Barbosa, Santana do Garambéu, São Lourenço e Além Paraíba. Além disso, escolas fluminenses de Sapucaia, Petrópolis, Cordeiro, Três Rios, Barra Mansa e Paraíba do Sul foram alcançadas.

Aspectos metodológicos

A presente investigação caracteriza-se inicialmente como uma pesquisa bibliográfica narrativa, uma vez que se fundamenta na leitura, seleção e análise de referenciais teóricos que contribuem para compreender o objeto de estudo sem a pretensão de exaurir todas as publicações existentes sobre o tema. Nessa abordagem, priorizou-se a interpretação crítica do material consultado, articulando diferentes contribuições acadêmicas capazes de embasar as ações extensionistas analisadas e discutir seus impactos formativos.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Complementarmente, adotou-se a pesquisa-ação, realizada entre a 22/04/2025 (início do período letivo) até 08/08/2025 (fim do período letivo), como estratégia metodológica, conforme delineada por Tripp (2005), que a concebe como um processo cíclico e reflexivo em que a investigação e a intervenção caminham de forma simultânea. Nessa perspectiva, a pesquisa não se limita à observação passiva dos fenômenos, mas envolve a participação ativa dos pesquisadores no contexto investigado, de modo a promover melhorias ou transformações concretas. No caso deste estudo, as ações planejadas e executadas no projeto de extensão “Visitas Escolares ao ICH/UFJF” foram continuamente avaliadas e ajustadas, integrando a prática reflexiva ao cotidiano da equipe e dos participantes. Esse movimento dialético, entre agir e refletir, fortalece tanto a construção de conhecimento quanto a efetividade das ações extensionistas.

Por fim, a metodologia incorporou aspectos da observação participante, recurso de coleta de dados também utilizado em contextos extensionistas por possibilitar uma compreensão mais profunda das interações e dinâmicas que se estabelecem em campo. Ao se inserir ativamente nas atividades, o pesquisador-extensionista compartilha o espaço, o tempo e as experiências com os sujeitos envolvidos, registrando impressões, comportamentos e falas que dificilmente seriam captados apenas por instrumentos formais, como ponderado por Magnani (1998). Essa imersão permitiu identificar nuances que permeiam as visitas escolares, sobretudo em torno dos estudantes, sejam eles acadêmicos, sejam eles secundaristas.

583

A perspectiva sociocultural acerca do desenvolvimento humano e as aprendizagens

No âmbito da Psicologia, o projeto apresenta relevância para o desenvolvimento dos jovens e para o processo de aprendizagem. Lev Vygotsky (1984) aborda em sua teoria uma perspectiva sociocultural acerca do desenvolvimento humano e afirma que este não é um processo exclusivamente interno, mas influenciado pelos contextos sociais e culturais em que o indivíduo está inserido (Oliveira, 2017). Considerando o cérebro como um sistema aberto, de grande plasticidade, percebe-se que sua estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e das vivências individuais (Oliveira, 2017). Desse modo, o homem deixa de ser visto apenas como um ser biológico, elucidando a relevância sócio-histórica, onde a cultura é parte essencial da formação da natureza humana.

Portanto, à luz dessa perspectiva, a apresentação do campo das humanidades para jovens do ensino médio possibilita um encontro de saberes de grande diversidade, representando a introdução a novos signos e ferramentas culturais, fato que amplia o repertório intelectual e simbólico, possibilitando o contato com novas formas de agir e de pensar.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Notas sobre as aprendizagens dos acadêmicos

A teoria vygotskiana ressalta a importância da interação do homem com o meio na construção do conhecimento, visto que o contato de um indivíduo com outro mais experiente possibilita novas formas de pensamentos culturalmente construídos. Nesse sentido, Vygotsky define a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (Vygotsky, 1984, p. 97). Assim, essa zona representa a trajetória que o sujeito deve percorrer para desenvolver certas funções que estão em processos de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas. Analisando esse conceito, é possível perceber a relevância do projeto nesse amadurecimento psicológico, pois através da interação com professores e estudantes da universidade os adolescentes são estimulados a pensar sobre habilidades e perspectivas futuras, assim, esse processo de aprendizado desperta processos de desenvolvimento em uma rede inter relacionada.

Especificamente dos acadêmicos, nota-se o quanto destacam, nas reuniões semanais de avaliação perpassadas pela dialogicidade (Freire, 2004), o impacto social do projeto. Sintagmas recorrentes, como “muito importante”, “me via neles”, “essa oportunidade foi decisiva para eu ingressar na UFJF”, evidenciam o quanto os acadêmicos também se espelham nos jovens, mas num sentido diferente. Ao rememorar as suas trajetórias, os que não tiveram a oportunidade de conhecer as instalações do campus lamentam. Já os que tiveram esse momento reconhecem ter sido ele decisivo para o ingresso no ensino superior.

Além disso, ao mobilizar a criatividade (Rolim, 1989) e a ludicidade (Gomes, 2014) ao realizar a mediação, os acadêmicos também se aproximam dos secundaristas, pois essas oportunidades acabam por aproximá-los, visto que, por meio do riso e da evasão, as fronteiras entre eles parecem ser atenuadas momentaneamente.

A apresentação da área das humanidades a estudantes do ensino médio, representa, para muitos deles, novos símbolos, devido a falta de conhecimento e representatividade dessa área na escola e na vivência dos adolescentes. A troca de informações sobre os cursos fomentam reflexões acerca das possibilidades futuras e da própria aplicação das ciências humanas em contextos próximos aos estudantes, estimulando o pensamento crítico e refletindo suas próprias práticas culturais. Dessa forma, o projeto visa combater a indiferença de muitos jovens em relação ao contexto acadêmico através da ativação da Zona de Desenvolvimento Proximal e da transmissão de informação, visto que a formação de conceitos científicos e a

584



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

apropriação da linguagem própria de cada campo do saber não são processos espontâneos, pois demandam mediação e reflexão (Oliveira, 2017). Dentro do projeto o espaço universitário torna-se um dispositivo relevante para o desenvolvimento desses jovens, auxiliando na criação de novos repertórios simbólicos e culturais que contribuem para escolhas futuras e para o processo motivacional relacionado à área estudantil.

Percepções em torno dos secundaristas

A Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura (1989) tem muito a contribuir para a perspectiva de desenvolvimento do sistema motivacional dos adolescentes recebidos no campus. Esse pressuposto destaca a capacidade humana de planejar e executar cursos de ação a partir do conhecimento sobre si e sobre o ambiente. Tal modelo de agência baseia-se na noção de causalidade triádica recíproca, em que se interrelacionam as ações, os fatores internos (como crenças, afetos e expectativas pessoais) e os elementos contextuais. Nesse sentido, o contato direto com o ambiente universitário representa um importante potencial motivacional, permitindo que os estudantes se visualizem como futuros ingressantes no ensino superior, o que pode influenciar diretamente sua capacidade de se planejar e agir para alcançar esse objetivo.

A teoria da autoeficácia, nesse contexto, destaca que a percepção de capacidade pessoal – e não as habilidades objetivamente mensuráveis – é o que determina o engajamento e a persistência em direção a metas (Bzuneck, 2001). Trata-se de um julgamento subjetivo acerca da própria capacidade de organizar e executar ações necessárias para alcançar determinado objetivo. Assim, alunos com elevadas crenças de autoeficácia acreditam possuir (ou ser capazes de desenvolver) os recursos necessários – como inteligência, habilidades e estratégias – para tomar decisões assertivas e alcançar seus objetivos acadêmicos. Mesmo quando reconhecem limitações, esses estudantes tendem a acreditar que são capazes de adquirir as competências que ainda não dominam.

É precisamente nesse ponto que as vivências partilhadas no projeto exercem influência significativa: os universitários que atuam como mediadores compartilham suas trajetórias acadêmicas, muitas vezes marcadas por experiências semelhantes às dos estudantes visitantes. Desse modo, o encontro de secundaristas e acadêmicos se mostra fundamental na influência e no estímulo ao ingresso na Universidade. Através das visitas é perceptível o quanto muitos adolescentes se veem nos universitários através de relatos de experiências que são compartilhados no momento da mediação. Nota-se, em geral, comentários relativos a elogios à equipe, desde menções a aspectos estéticos dos membros, como vestimentas e expressões

585



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

faciais, como também agradecimentos por determinadas falas capazes de encorajá-los e sanar dúvidas.

Quando alunos da própria universidade expõem suas jornadas até a entrada no campus faz com que os estudantes do ensino médio percebam que é possível traçar um caminho semelhante. Esses relatos favorecem a identificação e promovem o que Bandura (1977) denomina contágio social, reforçando as crenças de autoeficácia por meio de modelos positivos e acessíveis, influenciando no sistema motivacional dos secundaristas e fazendo-os refletir sobre a possibilidade de ingresso em uma universidade. Nesse ínterim, destacam-se, sobretudo quando a equipe se relaciona com estudantes de cidades mais afastadas, o balançar das cabeças de forma afirmativa quando os jovens ouvem algo que os motiva. Geralmente, as falas relativas a acadêmicos que vieram de cidades pequenas e/ou remotas chama mais a atenção, pois, em geral, eles pormenorizam as dificuldades vividas e o quanto a UFJF lhes abriu as portas.

Por meio dessa troca, os alunos do ensino médio têm a oportunidade de observar modelos sociais próximos de sua realidade, como por exemplo presenciar relatos de universitários que vieram da mesma cidade que eles ou escolas semelhantes, o que os ajuda a se projetar como agentes capazes de reproduzir, com êxito, os caminhos percorridos pelos mediadores. Ao internalizar esses modelos, tendem a direcionar seus comportamentos para um maior envolvimento escolar e uma postura mais proativa frente aos desafios acadêmicos, visando um futuro dentro de uma Universidade Pública.

586

Considerações Finais

O projeto Visitas Escolares ao ICH/UFJF tem favorecido um diálogo construtivo sobre as áreas de atuação das Ciências Humanas e os cursos de graduação do Instituto. A mediação, pautada pela dialogicidade e pela ludicidade, possibilitou que estudantes manifestassem suas dúvidas, percepções e incertezas, criando um espaço de troca de saberes e experiências.

Sob a perspectiva sociocultural de Vygotsky, as visitas constituíram um ambiente de aprendizagem significativo, no qual o contexto sociocultural dos participantes foi valorizado. A interação entre secundaristas e universitários permitiu que os primeiros tivessem contato com trajetórias acadêmicas reais, funcionando como modelos de inspiração e fortalecendo suas crenças de autoeficácia. Esse processo contribuiu para ampliar o repertório cultural e oferecer novas possibilidades de ação e pensamento.

As observações e reflexões resultantes demonstram que ações extensionistas, quando bem estruturadas, podem ir além da divulgação de cursos, atuando como experiências



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

transformadoras a todos os envolvidos. Ao integrar dimensões cognitivas, sociais e afetivas, o projeto favorece escolhas acadêmicas mais conscientes e promove o fortalecimento do vínculo entre universidade e comunidade, reafirmando o papel social da instituição no incentivo à formação crítica e cidadã.

Referências

BANDURA, A. Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, n. 2, p. 191-215, 1977.

BANDURA, A. Human agency in social cognitive theory. **American Psychologist**, v. 44, n. 9, p. 1175-1184, 1989.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 7, 25 abr. 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm. Acesso em: 8 ago. 2025.

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia e o seu papel na motivação do aluno. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 116-133.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**. São Paulo: UNESP, 2016. Disponível em: https://www.marilenachauí.fflch.usp.br/sites/marilenachauí.fflch.usp.br/files/2020-02/universidade_publica.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

587



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes Latino-americanos do Lazer/Horizontes Latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **RBEL - Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1 n. 1, jan./abr. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BRASIL). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: MEC/SESu, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5972-politica-nacional-de-extensao-universitaria&category_slug=extensao-universitaria-3&Itemid=30192. Acesso em: 8 ago. 2025.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

588

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sociocultural**. São Paulo: Scipione, 2017.

QUIJANO, A. Aníbal Quijano. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2020.
ROLIM, Liz Cintra. **Educação e lazer, a aprendizagem permanente**. São Paulo: Ática, 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). **Programa de Visitas abre as portas da UFJF para alunos do ensino médio**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2023/04/26/programa-de-visitas-abre-as-portas-da-ufjf-para-alunos-do-ensino-medio/>. Acesso em 14 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). **Visite o campus**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ufjf/contato/visiteocampus/>. Acesso em 14 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). **Instituto de Ciências Humanas – ICH**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ich/>. Acesso em: 8 jul. 2025.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). **Catálogo de cursos de graduação**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/graduacao/cursos/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). **Portal da Graduação – Estatísticas e Dados dos Cursos**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/grad/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Coordenadoria de Assuntos e Registros Acadêmicos. Edital nº 01/2025 – Quadro de Vagas Ociosas 2025**. Juiz de Fora: UFJF, 2025. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/cdara/wp-content/uploads/sites/82/2025/01/QuadroVagasOciosas2025.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2025.

VELETSIANOS, George; SHEPHERDSON, Peter. A systematic analysis and synthesis of the empirical research on MOOCs. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 17, n. 2, p. 198–221, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.19173/irrodl.v17i2.2448>. Acesso em: 8 ago. 2025.

589

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

CAMINHOS DO DESCAMINHO: ROTAS CLANDESTINAS, PATRIMÔNIO E RESISTÊNCIA NA ZONA DA MATA MINEIRA

Marcio Henrique Francisco de Souza¹

Introdução

A formação histórica do território brasileiro foi marcada por dinâmicas que extrapolaram os limites normativos impostos pelo Estado colonial, revelando um processo de ocupação profundamente atravessado por práticas informais de circulação, negociação e resistência. No contexto da Capitania de Minas Gerais, especialmente nos chamados Sertões do Leste e na atual Zona da Mata Mineira, essas dinâmicas assumiram contornos específicos, materializando-se em uma complexa rede de trilhas, veredas e caminhos não oficiais que sustentaram fluxos clandestinos de mercadorias, pessoas e saberes entre os séculos XVII e XIX. Esses percursos, posteriormente identificados como caminhos do descaminho, constituíram infraestruturas territoriais alternativas, fundamentais para a consolidação da ocupação regional, embora sistematicamente silenciadas pela historiografia tradicional e pelas políticas oficiais de reconhecimento patrimonial.

Longe de representarem meros desvios ocasionais à ordem colonial, os caminhos do descaminho configuraram-se como espaços sociais ativos, nos quais se articularam estratégias de sobrevivência, práticas econômicas informais e formas de resistência protagonizadas por sujeitos historicamente marginalizados, como populações indígenas, africanos escravizados e libertos, quilombolas, pequenos comerciantes e colonos pobres. Essas rotas clandestinas tensionaram os mecanismos de controle fiscal da Coroa portuguesa, como a instituição das casas de fundição e da chamada Barreira Verde, ao mesmo tempo em que possibilitaram a circulação de experiências culturais, conhecimentos territoriais e narrativas que escaparam aos registros oficiais. Assim, a Zona da Mata Mineira emerge não como espaço periférico ou

590

¹ Possui graduação em Ciências Biológicas e Ambientais pela Fundação Educacional de Além Paraíba (2017). É graduando em Direito pela Fundação Educacional de Além Paraíba (FEAP). É pós-graduado em Ciências Sociais, Ciências Políticas e Antropologia pela FANS, em Direitos Humanos pela i9 Educação, em Arqueologia e Patrimônio pela Faculdade Fleming de Cerquilho, em Arquivo: Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural pela Faculdade Iguaçu. Pós-graduando em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e em Arquivologia, pela Faculeste. É mestrando em Arqueologia pelo Centro Internacional de Pesquisa Integralize.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

residual, mas como território estratégico na engrenagem colonial, cuja historicidade foi construída a partir da negociação permanente entre legalidade e informalidade.

A invisibilização desses caminhos no campo da história e do patrimônio reflete uma concepção restritiva de territorialidade e memória, tradicionalmente ancorada na centralidade de bens monumentais e em narrativas associadas às elites políticas e econômicas. No entanto, as marcas deixadas pelas rotas do descaminho persistem na paisagem, na toponímia, na memória oral e nas práticas culturais das comunidades locais, constituindo um patrimônio cultural de natureza material e imaterial que desafia os critérios convencionais de preservação. Reconhecer essas trilhas como expressões legítimas de patrimonialidade implica ampliar o entendimento de patrimônio histórico, incorporando territórios ordinários, experiências subalternizadas e formas alternativas de produção do espaço.

Nesse sentido, este artigo propõe uma análise crítica dos caminhos do descaminho na Zona da Mata Mineira, articulando história, geografia, memória e patrimônio cultural. Ao investigar o papel dessas rotas clandestinas na formação territorial e socioespacial da região, o estudo busca evidenciar como práticas informais de circulação estruturaram redes de sociabilidade, resistência e identidade que perduram até a contemporaneidade. Além disso, o texto discute o potencial desses caminhos como base para iniciativas de turismo cultural de caráter comunitário e para ações de educação patrimonial, capazes de promover desenvolvimento territorial sem dissociar-se das memórias e dos sujeitos que historicamente produziram esses espaços.

Ao deslocar o olhar para as margens da legalidade colonial, a investigação reafirma a centralidade dos descaminhos na compreensão da história mineira e brasileira, contribuindo para a construção de uma narrativa mais plural, sensível às múltiplas territorialidades e comprometida com a valorização das memórias historicamente silenciadas.

Caminhos do descaminho e formação territorial da Zona da Mata Mineira: circulação clandestina, memória e patrimonialidades nos Sertões do Leste (séculos XVII–XIX)

A história da Zona da Mata Mineira, situada nos chamados sertões do leste da antiga Capitania de Minas Gerais, revela uma geografia social e cultural profundamente marcada por dinâmicas subterrâneas de circulação e resistência. Entre os séculos XVII e XIX, esse território experimentou um processo de ocupação à margem do controle direto da Coroa Portuguesa, sendo atravessado por rotas clandestinas de ouro que desafiaram as estruturas oficiais de fiscalização e tributação. Como demonstra Mafalda Zemella (1951), os mecanismos de abastecimento e circulação na capitania mineira jamais se limitaram aos

591



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

circuitos legalmente instituídos, sendo constantemente atravessados por práticas informais que sustentavam a economia colonial e tensionavam a autoridade metropolitana. Nesse contexto, a imposição da *barreira verde*², mecanismo criado pela administração colonial para conter o contrabando e delimitar as fronteiras econômicas da mineração, não foi suficiente para frear a atuação de diversos grupos sociais que, ignorando os limites impostos pelo poder metropolitano, teceram caminhos paralelos de mobilidade e sobrevivência, confirmando o que Rocha (1995) define como uma geografia histórica marcada pela fluidez das fronteiras e pela negociação permanente entre poder, território e circulação.

Esses grupos - formados por bandeirantes, comerciantes ilegais, comunidades quilombolas e populações indígenas - transformaram as trilhas do descaminho em verdadeiros espaços de autonomia. A literatura sobre a formação territorial da Zona da Mata evidencia que tais trajetórias não podem ser compreendidas apenas como desvios ocasionais, mas como parte estruturante da ocupação regional. Soares (2009) argumenta que a rede urbana e os eixos de circulação da Zona da Mata se constituíram a partir de caminhos pré-existentes, muitos deles informais, que precederam a institucionalização do território. O trânsito por esses percursos clandestinos não apenas possibilitou o escoamento ilícito do ouro extraído fora do circuito oficial, mas também promoveu encontros culturais, alianças e resistências que moldaram a formação social da região. Nesse sentido, Ferreira (2012) ressalta que a territorialidade mineira foi construída por múltiplos agentes sociais, cujas práticas frequentemente escapavam às normativas do Estado colonial, produzindo um espaço socialmente heterogêneo e politicamente tensionado. A Zona da Mata, longe de ser um espaço periférico ou secundário no contexto colonial, configurou-se como território estratégico, onde a repressão fiscal encontrou obstáculos geográficos, humanos e simbólicos que acabaram por construir um tecido social híbrido, resiliente e duradouro.

A análise das trilhas do contrabando revela, portanto, uma dimensão ainda pouco explorada da história mineira e brasileira: a dos circuitos informais e das práticas sociais que escaparam

592

² A chamada *barreira verde* consistiu em um conjunto de medidas fiscais, administrativas e militares adotadas pela Coroa portuguesa ao longo do século XVIII com o objetivo de restringir a circulação ilegal de ouro, diamantes e mercadorias entre as áreas mineradoras da Capitania de Minas Gerais e as capitanias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Nos Sertões do Leste, essa política materializou-se por meio da tentativa de controle dos acessos naturais ao território minerador, especialmente em regiões cobertas por densa Mata Atlântica, consideradas estratégicas para o contrabando. Mais do que uma linha fixa ou um limite territorial claramente demarcado, a Barreira Verde operou como uma fronteira móvel e difusa, composta por registros, postos de fiscalização e ações repressivas pontuais, cuja eficácia foi constantemente tensionada pela geografia, pela escassez de efetivos e pelas práticas sociais locais, favorecendo a reorganização das rotas clandestinas e a consolidação dos chamados caminhos do descaminho.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

aos registros oficiais, mas que deixaram marcas profundas na paisagem, na toponímia e na memória coletiva. Estudos sobre os caminhos terrestres na Capitania de Minas Gerais indicam que essas rotas alternativas desempenharam papel decisivo na organização do espaço colonial, articulando áreas consideradas marginais ao sistema econômico formal (Leal; Porto, 2023). Esses caminhos do descaminho, como se convencionou chamar, constituem não apenas rotas geográficas, mas também trajetos de significados, atravessados por experiências de opressão e liberdade, de silêncio e resistência. Tal compreensão dialoga com a perspectiva de Choay (2006), ao afirmar que o patrimônio não se restringe a monumentos consagrados, mas se estende às marcas ordinárias do vivido, inscritas na paisagem e nos modos de narrar o passado. A paisagem atual da Zona da Mata guarda resquícios materiais e imateriais dessas trajetórias: trilhas em meio à vegetação, narrativas orais transmitidas por gerações, práticas culturais e referências simbólicas que testemunham a permanência de identidades forjadas na fronteira da legalidade colonial.

O esquecimento histórico a que foram relegadas essas rotas e suas implicações socioculturais reflete uma tendência mais ampla de silenciamento de experiências que não se enquadravam nos modelos normativos da administração colonial e da historiografia tradicional. Castro (1987) já apontava que os Sertões do Leste foram, por muito tempo, tratados como espaços vazios ou atrasados, desconsiderando a complexidade de suas dinâmicas sociais. No entanto, nos últimos anos, tem-se ampliado o debate em torno da valorização de patrimônios culturais não monumentais, muitas vezes ligados à memória de comunidades marginalizadas ou subalternizadas. Cruz (2000) destaca que a incorporação dessas memórias ao planejamento territorial e turístico exige a revisão de concepções centralizadoras de patrimônio e desenvolvimento. Nesse sentido, compreender os caminhos do descaminho como patrimônios culturais significa não apenas reconhecer sua importância histórica, mas também reivindicar sua centralidade na construção de identidades locais e na elaboração de políticas públicas voltadas à salvaguarda da diversidade cultural.

Ao investigar os processos de ocupação territorial sucedidos ao longo do tempo, desde a repressão fiscal da Coroa até o advento da monocultura do café no século XIX, pretende-se compreender como essas trilhas foram sendo apropriadas, esquecidas ou ressignificadas pelas populações locais. A historiografia agrária de Minas Gerais demonstra que a incorporação dessas áreas ao mercado interno e posteriormente à economia exportadora se deu de forma desigual, frequentemente apagando os usos anteriores do território (Carrara, 1999a; 2007). Da mesma forma, a pesquisa busca evidenciar o papel das comunidades quilombolas e indígenas na manutenção de saberes, práticas e narrativas associadas a esses caminhos, destacando sua contribuição para a resistência cultural e territorial diante das

593





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

imposições externas, conforme apontam Oliveira e Oliveira (2001) ao tratarem do patrimônio arqueológico e cultural da Zona da Mata Mineira.

Além disso, o texto propõe a valorização dos caminhos do descaminho como recurso para o desenvolvimento sustentável por meio do turismo cultural de base comunitária. Saar e Sancho destacam que a reinterpretação dos descaminhos do ouro, quando associada a estratégias participativas de planejamento turístico, pode contribuir para o desenvolvimento regional sem descaracterizar os territórios e suas memórias. Essa perspectiva dialoga com Ruschmann (2016), ao defender que o turismo sustentável deve estar ancorado na proteção do patrimônio cultural e ambiental, com protagonismo das comunidades locais. Ao serem resgatadas e inseridas em projetos de educação patrimonial, essas trilhas podem tornar-se vetores de fortalecimento identitário, geração de renda e reconhecimento de direitos territoriais, sobretudo para os grupos tradicionais que ainda hoje habitam a região.

Dessa forma, a presente investigação se insere em um campo interdisciplinar que abrange os estudos históricos, antropológicos, geográficos e patrimoniais, propondo um olhar atento e comprometido com a valorização das memórias silenciadas. Ao trazer à tona os caminhos esquecidos do contrabando e suas implicações na formação sociocultural da Zona da Mata Mineira, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla e plural da história do Brasil, reconhecendo, como sugere Capistrano de Abreu (1976), que a história colonial brasileira foi construída tanto nos espaços regulados quanto nas margens, nos desvios e nos caminhos não oficiais. É também nesses “descaminhos” que se constroem sentidos, resistências e possibilidades.

594

A rota do contrabando e a formação territorial dos sertões do leste nos séculos XVIII e XIX

Este trabalho parte da hipótese de que a formação territorial da Zona da Mata Mineira e dos chamados Sertões do Leste, entre os séculos XVIII e XIX, foi estruturada de maneira decisiva por circuitos informais de circulação, práticas sistemáticas de contrabando e estratégias sociais de resistência, que se desenvolveram em permanente tensão com o projeto fiscal, administrativo e territorial da Coroa portuguesa. Tal perspectiva dialoga com a interpretação de Zemella (1951), ao demonstrar que a economia mineira colonial se sustentava por uma complexa rede de abastecimento e circulação que extrapolava os limites da legalidade institucional, sendo o contrabando não uma anomalia, mas parte constitutiva do funcionamento do sistema colonial. Defende-se aqui que tais dinâmicas não podem ser compreendidas como fenômenos marginais ou residuais, mas como processos históricos



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

centrais, responsáveis por conformar padrões específicos de ocupação do espaço, mobilidade social, sociabilidade e produção de territorialidades alternativas às diretrizes oficiais do Estado colonial.

A análise da chamada barreira verde insere-se, nesse sentido, em uma leitura crítica do sistema fiscal colonial. Instituída ao longo do século XVIII como mecanismo de contenção do contrabando de ouro e diamantes, a barreira integrava uma engrenagem mais ampla de vigilância, composta por registros, casas de fundição e postos de fiscalização. Entretanto, como apontam Rocha (1995) e Abreu (1976), a própria concepção desse aparato revela os limites do poder metropolitano diante da vastidão territorial e da complexidade social da Capitania de Minas Gerais. A tentativa de controlar rigidamente a circulação revelou as fragilidades do domínio colonial em áreas de fronteira, marcadas pela precariedade logística, pela escassez de efetivos militares e pela dificuldade de monitoramento de extensas áreas florestais. Longe de eliminar o contrabando, a barreira verde contribuiu para sua reorganização espacial, deslocando os fluxos para regiões consideradas periféricas ou inhóspitas pela administração colonial.

É nesse contexto que os Sertões do Leste³ e a Zona da Mata Mineira assumem centralidade analítica. A combinação entre densa cobertura de Mata Atlântica, relevo acidentado, hidrografia complexa e fraca institucionalização do poder colonial produziu um espaço de difícil controle estatal. Estudos de geografia histórica indicam que a posição intermediária da região, conectando o interior minerador às capitanias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, favoreceu a consolidação de uma malha clandestina de circulação que escapava tanto aos registros administrativos quanto à cartografia normativa (Mattos, 2016; Soares, 2009). A geografia física, portanto, não atuou apenas como cenário, mas como agente histórico ativo, condicionando práticas sociais, estratégias de deslocamento e formas específicas de apropriação do território.

595

³ A expressão *Sertões do Leste* refere-se à vasta região situada a leste da antiga Capitania de Minas Gerais, abrangendo, de forma imprecisa e variável ao longo do tempo, áreas que posteriormente constituiriam a Zona da Mata Mineira e seus entornos. Durante os séculos XVII e XVIII, o termo “sertão” não designava um espaço vazio ou desabitado, mas territórios considerados de difícil controle pela administração colonial, marcados pela presença indígena, por densa cobertura de Mata Atlântica e por formas de ocupação não plenamente submetidas às normativas fiscais, jurídicas e administrativas da Coroa portuguesa. Nos Sertões do Leste, a ocupação ocorreu de maneira gradual e conflituosa, impulsionada por expedições bandeirantes, pela abertura de rotas clandestinas de circulação, pela formação de quilombos e pela instalação de povoações informais, configurando uma região de fronteira dinâmica, caracterizada pela fluidez territorial, pela negociação permanente do poder e pela coexistência de múltiplas territorialidades.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Sustenta-se, assim, que as rotas do contrabando não se limitaram ao escoamento ilegal de metais preciosos, mas integraram circuitos complexos de circulação de pessoas, mercadorias e saberes. Carrara (2007) demonstra que o mercado interno mineiro se estruturou a partir de redes informais que articulavam produção rural, abastecimento urbano e circulação inter-regional, muitas vezes à revelia da fiscalização oficial. Por esses caminhos transitavam escravizados fugidos ou comercializados à margem da legalidade, gêneros alimentícios, ferramentas, armas e informações estratégicas. Tropeiros, pequenos comerciantes, forros, quilombolas, indígenas e, em certos casos, agentes coloniais atuaram como mediadores dessas redes, evidenciando a fluidez das fronteiras entre legalidade e ilegalidade no antigo regime português. O contrabando, nesse sentido, deve ser compreendido como componente estrutural da economia colonial e da reprodução social em territórios de fronteira.

A presença indígena constitui elemento fundamental para a compreensão dessas dinâmicas. Pesquisas sobre a ocupação territorial da Zona da Mata indicam que muitos dos trajetos utilizados pelas redes clandestinas se apoiavam em trilhas pré-coloniais, elaboradas e mantidas por diferentes grupos indígenas ao longo de séculos (Carneiro, 2008; Castro, 1987). Esses caminhos, originalmente associados a práticas de troca, deslocamento sazonal e ocupação territorial, foram apropriados e ressignificados no contexto colonial. Indígenas atuaram como guias, conhecedores do território e mediadores culturais, evidenciando a persistência de saberes territoriais originários mesmo diante da violência colonial. Essa continuidade tensiona narrativas historiográficas que pressupõem o apagamento indígena precoce na região.

Do ponto de vista da organização espacial, defende-se que os caminhos do descaminho funcionaram como eixos estruturantes de territorialização. Estudos sobre os caminhos terrestres da Capitania de Minas Gerais indicam que a repetição dos fluxos produziu padrões estáveis de ocupação, mesmo na ausência de reconhecimento oficial (Leal; Porto, 2023). Ao longo de rios como o rio Doce, o Pomba, o Muriaé e o Paraíba do Sul, bem como de seus afluentes, estabeleceram-se pontos de pouso, áreas de cultivo, roças de subsistência e refúgios temporários. O uso reiterado desses percursos favoreceu a fixação de populações e a formação de núcleos habitacionais relativamente estáveis, que desenvolveram formas próprias de organização social e econômica, baseadas em redes de solidariedade, trocas locais e estratégias coletivas de proteção frente à repressão colonial.

A historiografia tradicional, fortemente marcada por uma leitura normativa e institucional do processo colonial, tendeu a classificar essas ocupações como marginais, ilegais ou transitórias. Contudo, abordagens contemporâneas, ancoradas na história social e na geografia histórica crítica, permitem compreender esses espaços como centrais para a consolidação territorial

596



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

de Minas Gerais. Ferreira (2012) destaca que a formação do território mineiro resultou de múltiplas territorialidades em disputa, muitas delas construídas fora do aparato estatal. Muitos dos atuais municípios da Zona da Mata tiveram origem direta ou indireta em povoações formadas ao longo dessas rotas clandestinas, evidenciando que o mapa político-administrativo do século XIX incorporou, ainda que tardiamente, territorialidades produzidas à margem do controle estatal.

Com o declínio da mineração e a expansão da economia cafeeira, sobretudo a partir da primeira metade do século XIX, essas rotas foram progressivamente ressignificadas. Carrara (1993; 1999b) demonstra que a incorporação da Zona da Mata à economia agrária exportadora se deu por meio da apropriação de antigos caminhos, agora convertidos em vias legais de circulação de mercadorias e mão de obra. No entanto, essa incorporação não ocorreu de forma homogênea nem equitativa. A herança de informalidade associada à gênese dessas povoações contribuiu para a persistência de desigualdades estruturais, perceptíveis na precariedade de infraestrutura, na limitada presença do Estado e no reduzido reconhecimento patrimonial da região.

As marcas deixadas pelos caminhos do contrabando extrapolam a dimensão material do espaço. Elas se manifestam na toponímia, na memória oral e nas narrativas das comunidades tradicionais. Pesquisas arqueológicas e etnográficas desenvolvidas na Zona da Mata Mineira evidenciam que essas memórias constituem um patrimônio cultural profundamente enraizado na experiência social, embora sistematicamente invisibilizado pelas políticas oficiais de preservação (Oliveira; Oliveira, 2001). Trata-se de narrativas que preservam relatos de travessias, esconderijos, estratégias de sobrevivência e resistência frente à repressão colonial.

Defende-se, portanto, uma concepção ampliada de patrimonialidade, capaz de reconhecer não apenas os vestígios físicos dessas rotas, mas também os saberes, práticas e memórias associadas a elas. Em consonância com Choay (2006), compreender o patrimônio como construção social implica deslocar o foco dos monumentos consagrados para os processos históricos que produziram sentidos e pertencimentos. As comunidades quilombolas, ribeirinhas e rurais da Zona da Mata Mineira assumem papel central como guardiãs dessa história social da circulação informal, devendo ocupar posição de protagonismo em qualquer iniciativa de reconhecimento patrimonial.

Do ponto de vista do desenvolvimento territorial, as rotas do descaminho apresentam potencial significativo para iniciativas de turismo cultural de base comunitária e educação patrimonial. Contudo, como alerta Cruz (2000), políticas de turismo desvinculadas da crítica territorial tendem a reproduzir desigualdades históricas. Saar e Sancho reforçam que a

597



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

valorização dos descaminhos do ouro exige planejamento participativo, sob pena de transformar a memória da resistência em mercadoria destituída de sentido social.

Em síntese, sustenta-se que a formação territorial da Zona da Mata Mineira foi profundamente moldada por práticas de resistência, adaptação e agência social, materializadas nos caminhos do contrabando. Os descaminhos não foram apenas desvios ilegais do sistema colonial, mas formas legítimas de produção do espaço, construção de identidades e organização da vida social. Ao deslocar o olhar historiográfico para essas trajetórias, este estudo propõe uma leitura crítica da formação territorial mineira, capaz de articular fiscalidade, circulação, poder e memória.

Analisar as rotas clandestinas, portanto, não significa apenas revisitar o passado, mas intervir no presente, questionando hierarquias de memória e critérios de reconhecimento patrimonial. Trata-se de um gesto epistemológico que reivindica a centralidade das populações historicamente marginalizadas na construção do território, recolocando a Zona da Mata Mineira no centro do debate sobre patrimônio, desenvolvimento e justiça territorial no Brasil.

598

Dos caminhos do descaminho nos sertões do leste como rotas clandestinas a formação socioespacial da zona da mata mineira

Este trabalho sustenta que a formação socioespacial da Zona da Mata Mineira deve ser compreendida a partir das dinâmicas históricas dos chamados caminhos do descaminho, entendidos como rotas clandestinas, trilhas informais e corredores de circulação que articularam práticas de resistência, sobrevivência e territorialização à margem do controle estatal. Defende-se que esses caminhos não constituíram apenas vias de deslocamento físico, mas estruturas fundamentais na produção do espaço regional, responsáveis por articular grupos étnicos distintos, modos de vida diversos e estratégias sociais que desafiaram, tensionaram e, em muitos casos, antecederam a incorporação formal do território aos projetos econômicos da Coroa portuguesa e, posteriormente, do Estado imperial brasileiro. Essa leitura dialoga com a geografia histórica proposta por Rocha (1995) e Mattos (2016), ao evidenciarem que a ocupação do território mineiro se deu por meio de fluxos não lineares, frequentemente dissociados da legalidade colonial, nos quais caminhos informais exerceram papel estruturante na conformação regional. Do mesmo modo, Leal e Porto (2023) demonstram que os caminhos terrestres da Capitania de Minas Gerais não apenas conectavam espaços produtivos, mas organizavam relações sociais, econômicas e políticas, conferindo centralidade a áreas consideradas marginais pela administração colonial.



Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Localizada entre os sertões mineradores do interior e o litoral atlântico, a Zona da Mata Mineira ocupou, durante os séculos XVII e XVIII, uma posição ambígua no sistema colonial: simultaneamente periférica aos grandes centros administrativos e estratégica para a circulação de pessoas, mercadorias e informações. A fragilidade do controle colonial direto sobre essa região, associada às condições geográficas da Mata Atlântica, densa cobertura vegetal, relevo acidentado e rede hidrográfica complexa, favoreceu sua constituição como espaço de refúgio, trânsito clandestino e interação entre diferentes grupos sociais. Assim, a região configurou-se como um verdadeiro território de fronteira, no qual a legalidade colonial era constantemente negociada, burlada ou ressignificada. Essa condição fronteiriça é amplamente discutida por Mercadante (1973) e Vieites (2006), ao caracterizarem os Sertões do Leste como espaços de fluidez territorial, nos quais o poder estatal operava de forma precária. Capistrano de Abreu (1976) também contribui para essa análise ao demonstrar que a ocupação colonial brasileira se estruturou a partir de zonas de avanço irregular, onde a presença efetiva da Coroa se dava apenas após a consolidação de práticas econômicas e sociais já estabelecidas.

Antes da intensificação da presença colonial, diversos povos indígenas, como Purís, Botocudos e Coroados⁴, ocupavam extensas áreas da Zona da Mata, desenvolvendo formas de organização social, territorial e simbólica profundamente articuladas aos ciclos da floresta. Esses grupos possuíam amplo conhecimento das trilhas, dos cursos d'água e das estratégias de deslocamento na mata, o que lhes permitiu, em um primeiro momento, resistir à penetração colonial. A chegada dos bandeirantes paulistas⁵, impulsionados pela busca por

599

⁴ Os Purís, Botocudos e Coroados figuraram entre os principais grupos indígenas que habitaram os antigos Sertões do Leste da Capitania de Minas Gerais, ocupando extensas áreas da atual Zona da Mata Mineira. Conforme analisa Missagia de Mattos (2019), esses povos desenvolveram formas próprias de mobilidade territorial, organização social e uso dos recursos da Mata Atlântica, exercendo papel central como conhecedores do território e mediadores da circulação regional. Apesar de submetidos, entre os séculos XVIII e XIX, a processos sistemáticos de violência, expulsão e extermínio associados às frentes coloniais e às políticas de “pacificação”, seus saberes e práticas territoriais influenciaram decisivamente a abertura de caminhos e a dinâmica de ocupação dos Sertões do Leste.

⁵ Os bandeirantes paulistas e, posteriormente, os chamados bandeirantes mineiros, atuaram de forma decisiva nos Sertões do Leste entre os séculos XVII e XVIII, conduzindo expedições voltadas à prospecção de ouro e pedras preciosas, à captura de indígenas para escravização e à abertura de trilhas no interior da colônia. Essas incursões contribuíram para a expansão das fronteiras coloniais, para a incorporação territorial da região das Minas Gerais e para a formação de povoados, ainda que associadas a práticas sistemáticas de violência, expropriação indígena e sertanismo de contrato, no qual bandeirantes eram mobilizados para combater quilombos e grupos indígenas resistentes. Antônio Rodrigues Arzão é tradicionalmente referido como um dos primeiros a localizar indícios auríferos no sertão mineiro, deixando registros de itinerários que orientaram expedições subsequentes.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

metais preciosos e pela captura de indígenas para escravização, representou um ponto de ruptura violento. As expedições armadas desencadearam processos sistemáticos de expulsão, etnocídio e desestruturação sociocultural, ao mesmo tempo em que se apropriaram dos saberes territoriais indígenas para viabilizar a exploração colonial. Carneiro (2008) evidencia que a conquista da Zona da Mata esteve diretamente associada à incorporação forçada desses conhecimentos, transformando trilhas indígenas em corredores estratégicos para a expansão colonial. Ferreira (2012) reforça que esse processo expressa uma relação assimétrica de poder, na qual o território indígena foi reconfigurado para atender às demandas do Estado colonial e dos interesses mercantis.

Paralelamente à presença indígena, a Zona da Mata tornou-se espaço privilegiado para a formação de quilombos e refúgios de africanos escravizados em fuga. As rotas clandestinas, abertas fora dos caminhos oficiais e frequentemente associadas ao contrabando de ouro, gêneros e pessoas, foram apropriadas por essas populações como vias de fuga, comunicação e articulação entre comunidades autônomas. A dificuldade de acesso e a baixa presença repressiva favoreceram a manutenção desses territórios de resistência, que estabeleceram relações complexas com grupos indígenas, colonos pobres e segmentos marginalizados da sociedade colonial, produzindo um tecido social marcado pela diversidade étnica e pela interdependência. Essa dinâmica é analisada por Freire e Schettini (2019), ao demonstrarem que a presença africana na Zona da Mata não se restringiu à força de trabalho escravizada, mas envolveu a construção de estratégias territoriais próprias, ancoradas em redes de sociabilidade e resistência. Saar e Sancho também ressaltam que os descaminhos do ouro funcionaram como infraestruturas alternativas de circulação, apropriadas por sujeitos subalternizados como forma de contestação à ordem colonial.

A confluência entre indígenas, africanos e colonos pobres, brancos ou mestiços, deu origem a práticas culturais híbridas, formas de agricultura adaptadas ao ambiente florestal e redes de solidariedade que estruturaram a vida cotidiana na Zona da Mata. Essas experiências sociais, embora por muito tempo silenciadas pela historiografia oficial, constituem elemento central para a compreensão da identidade regional. Os caminhos do descaminho, nesse sentido, configuram-se como testemunhos materiais e simbólicos dessa convivência conflituosa, mas também criativa, revelando modos alternativos de produção do espaço e de organização social. Carrara (1993; 1999a) demonstra que a diversidade econômica da Zona da Mata resulta justamente dessas articulações informais, que garantiram a subsistência e o abastecimento interno, muitas vezes à margem dos circuitos oficiais descritos por Zemella (1951) no contexto da Capitania de Minas Gerais.

600



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Com o declínio da mineração aurífera e a reorientação dos interesses econômicos da Coroa portuguesa, as chamadas áreas marginais passaram a ser progressivamente incorporadas ao projeto colonial. A partir da segunda metade do século XVIII, intensificou-se a política de concessão de terras por meio do sistema de sesmarias⁶, instrumento utilizado para legalizar a ocupação e estimular a produção agrícola. Na Zona da Mata, esse processo resultou na concessão de grandes extensões de terra a militares, comerciantes e proprietários rurais, frequentemente desconsiderando a presença prévia de populações indígenas e quilombolas, o que agravou conflitos fundiários e aprofundou processos de exclusão territorial. Carrara (1999b) evidencia que a institucionalização da propriedade privada operou como mecanismo de apagamento das ocupações anteriores, convertendo territórios de uso coletivo em unidades produtivas voltadas ao mercado.

A promulgação da Lei de Terras⁷ de 1850 representou um marco decisivo na reconfiguração socioespacial da região. Ao extinguir a concessão gratuita de terras e estabelecer a compra como único meio legítimo de acesso à propriedade, a legislação consolidou a concentração fundiária e reforçou a exclusão das populações tradicionais. Esse processo esteve diretamente articulado à expansão da monocultura cafeeira, que encontrou na Zona da Mata condições ambientais favoráveis. A incorporação da região à economia exportadora intensificou a transformação dos antigos caminhos clandestinos em vias de acesso às fazendas, reordenando o território segundo as necessidades do capital agrário, como analisado por Castro (1980) e Carrara (2007), ao destacarem a integração entre produção rural, mercado interno e infraestrutura de circulação.

As trilhas indígenas e os caminhos do contrabando foram progressivamente integrados à malha fundiária, às estradas rurais e, posteriormente, aos eixos ferroviários, redefinindo os padrões de mobilidade e ocupação. Vilas, povoados e núcleos urbanos emergiram em torno das grandes propriedades, das capelas, das casas comerciais e das estações ferroviárias, consolidando uma nova hierarquia socioespacial. Contudo, essa integração ocorreu de forma

601

⁶ Sesmarias foram concessões de terras feitas pela Coroa Portuguesa, em Portugal desde 1375 e no Brasil a partir de 1534, condicionadas à ocupação e ao cultivo. Criado como instrumento de povoamento e estímulo à produção agrícola, o sistema vigorou até 1822 e, embora tenha impulsionado a ocupação do território, contribuiu para a concentração fundiária e a formação de grandes latifúndios no Brasil.

⁷ A Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850 (Brasil, 1850), conhecida como Lei de Terras, instituiu um marco fundamental na política fundiária do Império ao extinguir a aquisição de terras devolutas por meio da posse e estabelecer a compra como única forma legal de acesso à propriedade rural. Ao regulamentar sesmarias, posses e processos de medição e demarcação, a lei consolidou a mercantilização da terra, favorecendo grandes proprietários e projetos de colonização, ao mesmo tempo em que excluiu populações pobres, ex-escravizados e povos indígenas do acesso legal à terra, reforçando desigualdades estruturais no processo de ocupação territorial.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

desigual, resultando na marginalização contínua de comunidades tradicionais e no apagamento de suas histórias nos registros oficiais. Soares (2009) demonstra que a formação da rede urbana da Zona da Mata esteve diretamente vinculada a esses processos seletivos de integração territorial, nos quais determinados grupos foram sistematicamente excluídos dos benefícios do desenvolvimento.

Apesar das transformações impostas pelo avanço do capital agrário, as marcas das ocupações anteriores persistiram no território. Os caminhos do descaminho sobreviveram como estradas vicinais, trilhas secundárias, topônimos e referências na memória oral das populações locais. Esses vestígios revelam uma memória subterrânea da ocupação territorial, que resiste às narrativas hegemônicas e mantém viva a história dos deslocamentos, das fugas e das estratégias de sobrevivência. Oliveira e Oliveira (2001) destacam que o patrimônio arqueológico e cultural da Zona da Mata é fundamental para compreender essas permanências, funcionando como registro material de processos históricos silenciados.

Do ponto de vista das patrimonialidades, esses caminhos devem ser compreendidos como expressões materiais e imateriais de uma história social invisibilizada. Reconhecê-los como patrimônio cultural implica ampliar a noção de território para além de sua função produtiva, incorporando suas dimensões simbólica, política e identitária. Essa abordagem converge com as reflexões de Choay (2006), ao problematizar o patrimônio como construção social e política, e com Cruz (2000) e Ruschmann (2016), que defendem a articulação entre patrimônio, território e planejamento sustentável, especialmente no contexto do turismo cultural.

Sustenta-se, ainda, que os caminhos do descaminho constituem territórios de resistência, nos quais se forjaram identidades, práticas culturais híbridas e redes de sociabilidade alternativas ao modelo hegemônico colonial e imperial. A memória desses espaços, preservada em festas populares, saberes agrícolas, práticas religiosas e narrativas orais, deve ser reconhecida como elemento central na formulação de políticas públicas voltadas à valorização das culturas tradicionais e à promoção da justiça territorial.

Na contemporaneidade, o debate sobre esses espaços adquire novo fôlego diante das discussões sobre direito à memória, território e reparação histórica. Iniciativas de mapeamento participativo, reconhecimento de comunidades quilombolas, proteção de sítios arqueológicos e valorização de bens culturais imateriais configuram-se como ferramentas fundamentais para enfrentar a invisibilidade histórica e fortalecer a cidadania cultural. Ao iluminar os caminhos do descaminho, este estudo propõe uma leitura crítica da formação socioespacial da Zona da Mata Mineira, afirmando a centralidade das experiências historicamente marginalizadas na construção do território.

602



Conjugare

Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Assim, longe de representarem apenas um passado marginal ou interdito, os caminhos do descaminho oferecem chaves interpretativas para a construção de um futuro mais justo e plural. A superação de narrativas elitistas e eurocêntricas sobre a ocupação territorial de Minas Gerais exige a escuta das vozes silenciadas, a valorização dos rastros esquecidos e o reconhecimento das formas autônomas de produção do espaço que moldaram, e ainda moldam, a Zona da Mata Mineira.

Turismo nas rotas invisíveis e o patrimônio cultural nos caminhos esquecidos da zona da mata

A Zona da Mata Mineira, caracterizada por sua densa cobertura de Mata Atlântica e por uma complexa conformação socioespacial, foi historicamente atravessada por uma rede de caminhos não oficiais que desempenharam papel central na dinâmica territorial da região entre os séculos XVII e XIX. Esses trajetos, conhecidos como rotas do descaminho, configuraram-se como vias alternativas aos caminhos legalmente instituídos pela Coroa Portuguesa, possibilitando a circulação clandestina de metais preciosos, a fuga de pessoas escravizadas, bem como o deslocamento de populações indígenas e de colonos pobres situados à margem da legalidade colonial. Longe de constituírem simples desvios geográficos, tais rotas operaram como verdadeiras infraestruturas informais de mobilidade, sustentando práticas de resistência, sobrevivência e reinvenção social que contribuíram decisivamente para a formação histórica e cultural da Zona da Mata.

Nesse sentido, a análise dialoga com Rocha (1995) e Leal e Porto (2023), ao evidenciarem que os caminhos terrestres da Capitania de Minas Gerais extrapolavam sua função logística, estruturando relações sociais, econômicas e políticas em territórios considerados periféricos. Do mesmo modo, Zemella (1951) demonstra que os circuitos de abastecimento e circulação de mercadorias no século XVIII dependiam amplamente dessas rotas informais, fundamentais para a sustentação da vida econômica nas regiões afastadas dos centros administrativos. No entanto, apesar de sua permanência na paisagem e no imaginário coletivo, esses caminhos seguem amplamente invisibilizados pelos instrumentos oficiais de reconhecimento e preservação do patrimônio cultural.

A patrimonialidade associada às rotas do descaminho deve ser compreendida a partir de uma perspectiva que articule memória social, território e resistência. Ao longo do tempo, esses caminhos foram ressignificados pelas populações locais, transformando-se em estradas vicinais, trilhas comunitárias ou caminhos rurais utilizados cotidianamente. Ainda que desprovidos de reconhecimento formal no planejamento urbano e rural, esses trajetos

603



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

concentram densos valores simbólicos e imateriais, vinculados a experiências históricas de dor, luta, solidariedade e reconstrução cultural. Essa leitura converge com as reflexões de Choay (2006), ao problematizar o patrimônio como uma construção social marcada por disputas simbólicas e políticas, na qual determinados bens são legitimados em detrimento de outros. Cruz (2000) acrescenta que a exclusão de determinados territórios das políticas públicas de cultura reforça desigualdades históricas, reproduzindo lógicas seletivas de valorização do espaço. A ausência de políticas patrimoniais voltadas a esses espaços contribui, portanto, para a reprodução de processos históricos de marginalização, silenciando as trajetórias de grupos sociais que encontraram nesses caminhos não apenas meios de deslocamento, mas territórios de autonomia e afirmação identitária.

Ao adotar uma concepção ampliada de patrimônio cultural - que ultrapassa a centralidade dos bens materiais monumentalizados e incorpora práticas, saberes, celebrações e territórios simbólicos - torna-se possível compreender os caminhos do descaminho como elementos estruturantes da identidade regional da Zona da Mata Mineira. Oliveira e Oliveira (2001) destacam que o patrimônio arqueológico e cultural da Zona da Mata deve ser interpretado a partir das experiências cotidianas das populações locais, considerando tanto os vestígios materiais quanto os saberes e narrativas a eles associados. Essa abordagem permite reconhecer os trajetos informais como paisagens culturais vivas, nas quais se inscrevem memórias de resistência e estratégias de adaptação ao longo do tempo. Trata-se, assim, de compreender o patrimônio não como vestígio estático do passado, mas como construção social dinâmica, permanentemente atualizada pelas experiências e memórias coletivas que se inscrevem no território.

Nesse contexto, o turismo cultural de base comunitária emerge como uma estratégia relevante para a preservação da memória e para a promoção de um desenvolvimento territorial socialmente justo e sustentável. Ruschmann (2016) argumenta que o planejamento turístico sustentável deve priorizar a proteção do meio ambiente e o respeito às comunidades locais, evitando a exploração predatória dos recursos culturais. Saar e Sancho reforçam essa perspectiva ao demonstrar que os descaminhos do ouro podem ser reinterpretados como ativos culturais capazes de promover o desenvolvimento regional, desde que integrados a estratégias participativas e sensíveis às especificidades históricas do território. Diferentemente do turismo de massa, que frequentemente descontextualiza e mercantiliza os bens culturais, o turismo comunitário fundamenta-se no protagonismo das populações locais, no respeito aos modos de vida tradicionais e na valorização dos saberes e narrativas enraizados no território.

A educação patrimonial desempenha papel central nesse processo, ao promover a sensibilização de moradores e visitantes quanto à relevância histórica, cultural e simbólica desses espaços. As ações educativas associadas ao patrimônio, conforme apontam Oliveira e

604





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Oliveira (2001), possibilitam o fortalecimento do vínculo entre comunidade e território, contribuindo para a transmissão intergeracional de saberes e memórias. Mais do que um simples resgate histórico, essas práticas configuram-se como exercícios de justiça social e epistêmica, ao trazerem à tona histórias silenciadas e ao contribuírem para a construção de uma cidadania cultural ativa, crítica e participativa.

O mapeamento participativo dessas rotas, realizado em diálogo com moradores, historiadores, educadores e gestores públicos, revela-se uma ferramenta fundamental tanto para a salvaguarda dos traçados físicos quanto para o registro das memórias e narrativas associadas a eles. Mattos (2016) e Soares (2009) demonstram que a compreensão da ocupação territorial da Zona da Mata exige o cruzamento entre cartografia histórica e relatos locais, capazes de revelar camadas ocultas da formação socioespacial regional. Em muitos casos, esses caminhos conectam comunidades quilombolas, antigas fazendas, sítios arqueológicos e paisagens naturais dotadas de elevado valor simbólico, o que reforça a necessidade de políticas integradas de preservação cultural e ambiental.

A revalorização dos caminhos do descaminho exige, contudo, uma ruptura profunda com concepções tradicionais de patrimônio cultural, historicamente ancoradas na centralidade de bens materiais monumentais e em narrativas seletivas que privilegiaram experiências das elites políticas, econômicas e intelectuais. Choay (2006) evidencia que esse modelo patrimonial produziu hierarquias simbólicas que relegaram práticas populares e territórios ordinários à marginalidade cultural. No caso da Zona da Mata Mineira, tal lógica reforçou o apagamento das rotas informais e das territorialidades construídas à margem da legalidade colonial, como também assinalam Carrara (1999a; 1999b) ao analisar os processos de institucionalização da propriedade e da economia agrária na região.

Superar esse enquadramento implica adotar uma abordagem patrimonial sensível às experiências locais e às múltiplas temporalidades que se entrecruzam no território, reconhecendo que o patrimônio não se limita a objetos estáticos, mas se constitui nas relações sociais, nas práticas cotidianas e nos modos de apropriação do espaço. Moraes (2002) contribui para essa reflexão ao compreender o sertão como uma construção histórica e simbólica, marcada por alteridades e disputas de sentido. Os caminhos do descaminho, nesse sentido, devem ser compreendidos como paisagens culturais vivas, produzidas e continuamente ressignificadas pelas populações que delas fizeram uso ao longo do tempo.

Essa mudança de paradigma desloca o foco da monumentalidade para a vivência cotidiana, valorizando formas de conhecimento transmitidas oralmente, experiências territoriais marcadas pela informalidade e práticas culturais que resistem ao tempo apesar da ausência de reconhecimento institucional. Ao reconhecer os caminhos do descaminho como

605



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

expressões legítimas do patrimônio cultural, amplia-se o entendimento do território como espaço simbólico, político e identitário, no qual se manifestam conflitos, negociações e formas alternativas de organização social, conforme discutido por Ferreira (2012) ao analisar as relações entre territorialidade e poder em Minas Gerais.

Nesse sentido, o papel das comunidades locais revela-se absolutamente central na preservação e na transmissão dos sentidos simbólicos associados aos caminhos do descaminho. Oliveira e Oliveira (2001) destacam que a memória oral e a toponímia constituem instrumentos fundamentais de preservação cultural, funcionando como verdadeiros arquivos vivos do território. Os nomes atribuídos a trilhas, veredas, grotas e rios condensam experiências históricas e reforçam vínculos identitários, permitindo acessar narrativas que escapam aos registros oficiais e à cartografia institucional.

Entretanto, a patrimonialização desses espaços enfrenta desafios significativos, como a burocratização dos processos de reconhecimento, a escassez de recursos técnicos e financeiros e a fragilização das instituições de proteção ao patrimônio. Cruz (2000) alerta que a ausência de políticas públicas territorializadas compromete a efetividade das ações de preservação cultural, sobretudo em regiões historicamente marginalizadas.

Por fim, o uso crítico das tecnologias digitais e dos sistemas de georreferenciamento pode ampliar o acesso às informações históricas sobre as rotas do descaminho, sem substituir o protagonismo das comunidades. Experiências de mapeamento colaborativo analisadas por Oliveira e Oliveira (2001) indicam que essas ferramentas, quando articuladas à educação patrimonial, fortalecem o sentimento de pertencimento e ampliam a participação social.

Em última análise, os caminhos do descaminho constituem fragmentos vivos de uma história marcada pela clandestinidade, mas fundamental para a configuração socioespacial da Zona da Mata Mineira. Reconhecer suas dimensões patrimoniais e investir em sua valorização por meio do turismo cultural e da educação patrimonial significa abrir espaço para uma memória mais plural, crítica e sensível às vozes historicamente marginalizadas, reafirmando a centralidade desses sujeitos na construção histórica do território.

Considerações finais

A análise das rotas clandestinas que cortaram a Zona da Mata Mineira entre os séculos XVII e XIX revela uma dimensão histórica complexa, marcada por processos de resistência, adaptação e territorialidade à margem das instituições coloniais. Longe de serem apenas trilhas ilícitas destinadas ao contrabando de metais preciosos, como o ouro e o diamante, tais caminhos configuraram-se como espaços de deslocamento estratégico de sujeitos

606



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

historicamente marginalizados, como escravizados em fuga, indígenas remanescentes e colonos empobrecidos. Essas rotas, por não se sujeitarem ao rígido controle da Coroa Portuguesa - sobretudo após a criação das casas de fundição e a instituição da derrama -, foram duramente reprimidas pela administração colonial, mas sobreviveram graças à sua inserção no saber local e na geografia do cotidiano.

É nesse sentido que a noção de patrimônio deve ser expandida para abarcar tais manifestações territoriais. As trilhas do descaminho carregam, em suas curvas, bifurcações e pontos de passagem, uma memória social que não se encontra nos documentos oficiais, mas que resiste na oralidade, na toponímia rural, nas práticas culturais e nos modos de vida das populações locais. A patrimonialidade dessas rotas está, portanto, intrinsecamente ligada à vivência dos sujeitos que delas fizeram uso não apenas como via de fuga, mas como ferramenta de reconstrução de suas existências e vínculos sociais. Trata-se de uma paisagem cultural silenciosa, mas eloquente, que nos convoca à escuta e ao reconhecimento.

Historicamente, o Estado brasileiro estruturou suas políticas de proteção do patrimônio a partir de uma lógica monumentalista, centrada em edificações de valor artístico ou arquitetônico, muitas vezes desconectadas das dinâmicas populares. Nesse cenário, trilhas informais, caminhos de tropeiros, estradas de fuga ou rotas de contrabando raramente foram incorporados aos inventários oficiais. No entanto, a partir dos debates impulsionados pela Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003) e pela Nova Museologia, surge uma nova sensibilidade voltada à preservação de territórios simbólicos e práticas sociais vinculadas à memória coletiva.

Conforme estabelece a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003), o patrimônio deve ser compreendido a partir das práticas, representações, expressões, conhecimentos e usos sociais reconhecidos pelas próprias comunidades como parte constitutiva de sua herança cultural. À luz dessa concepção, torna-se evidente o limite histórico das políticas patrimoniais brasileiras, estruturadas majoritariamente sob uma lógica monumentalista e material, que privilegiou edificações e bens de valor artístico em detrimento das dinâmicas culturais populares. Trilhas informais, caminhos de tropeiros, rotas de fuga ou circuitos de contrabando, embora sistematicamente excluídos dos inventários oficiais, configuram suportes territoriais de práticas imateriais relacionadas à memória, à mobilidade e à resistência social. Ao enfatizar o protagonismo das comunidades na definição do que deve ser salvaguardado, a Convenção tensiona esse modelo excludente e aponta para a necessidade de reconhecer tais caminhos como expressões legítimas do patrimônio cultural, indissociáveis das experiências históricas e identitárias que lhes dão sentido.

607





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Reconhecer os caminhos do descaminho como patrimônio histórico-cultural não é apenas um gesto de reparação, mas uma ação estratégica para a valorização do passado e o fortalecimento de identidades regionais. Essa reinterpretação crítica permite o desenvolvimento de políticas públicas integradas, que associem salvaguarda patrimonial, educação e turismo de base comunitária. Com base em experiências exitosas em outros contextos do Brasil, é possível propor ações como o mapeamento participativo das rotas, a criação de roteiros interpretativos, a instalação de sinalizações históricas e a implementação de museus de território que envolvam diretamente as comunidades locais.

Do ponto de vista da historiografia, os caminhos clandestinos da Zona da Mata Mineira configuram uma fronteira entre o visível e o oculto, exigindo abordagens interdisciplinares que combinem fontes documentais, memória oral, arqueologia do território e cartografia social. Tais caminhos revelam uma historicidade própria, onde a clandestinidade não se limita à ilegalidade, mas aponta para a agência de sujeitos que, em contextos adversos, construíram alternativas de mobilidade, trocas e resistência cultural. Essas experiências têm muito a dizer ao presente, especialmente em um país ainda marcado pela desigualdade e pelo apagamento de narrativas subalternas.

Por fim, é fundamental compreender que a patrimonialização das rotas do descaminho não se esgota em sua formalização jurídica ou na sua inclusão em listas técnicas. Trata-se de um processo dinâmico, contínuo e dialógico, que exige escuta, reconhecimento e investimento em práticas de memória. O turismo cultural, quando praticado de forma ética e participativa, pode ser um instrumento poderoso nesse processo, contribuindo não apenas para a preservação, mas também para a reinvenção simbólica desses espaços. O desafio que se impõe é o de construir, a partir das trilhas do passado, novos caminhos de pertencimento, justiça social e valorização da diversidade cultural brasileira.

608

Referências

ABREU, João Capistrano de. Capítulos de História Colonial (1500-1800). 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 27 **Arquivo Histórico Ultramarino**, Lisboa, Conselho Ultramarino, Brasil, cx.131, doc. 74, fls. 6-7 e 9 apud Silva (2003, p.160).

ANTEZANA, Sofia Lorena Vargas. **Os contratadores dos caminhos do ouro das Minas Gerais: estratégias mercantis, relações de poder, compadrio e sociabilidade (1718-1750)**. 2006.



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

BRASIL. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. **Coleção das Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, 1850. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis>. Acesso em: 23 jan. 2025

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. Conquista e Povoamento de uma Fronteira: a Formação Regional da Zona da Mata no Leste da Capitania de Minas Gerais, 1694-1835. 295 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), **Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2008.

CARRARA, Angelo Alves. A Zona da Mata Mineira: diversidade econômica e continuísmo (1839-1909). 1993. 167 f. Dissertação (Mestrado em História), **Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense**, Niterói, 1993.

_____. Contribuição para a História Agrária de Minas Gerais: séculos XVIII-XIX. Mariana: **UFOP**, 1999a.

_____. Minas e Currais: produção rural e mercado interno de Minas Gerais, 1674-1807. Juiz de Fora: UFJF, 2007. CASTRO, Antônio Barros de. Sete Ensaios sobre a Economia Brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 1980.

_____. Uma fronteira da Capitania de Minas Gerais: a freguesia de São João Batista do Presídio. Mariana: **UFOP**, 1999b.

CASTRO, Celso Falabella de Figueiredo. Os Sertões de Leste: achegas para a história da Zona da Mata. Belo Horizonte: **Imprensa Oficial**, 1987.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2006. 288 p.: il. ISBN 978-85-7448-030-5.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Políticas de turismo e território. São Paulo, **Editora Contexto**, 2000, 167

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A formação histórica de Minas Gerais: territorialidade e poder*. Belo Horizonte: **UFMG**, 2012.

609



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)
Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

FREIRE, Jonis; SCHETTINI, Vitória Fernanda de Andrade. Produção de alimentos, cafeicultura e escravidão na Zona da Mata mineira, século XIX. **Patrimônio e Memória**, UNESP, 2019.

_____. A Inserção dos Africanos na Zona da Mata – Minas Gerais, Século XIX. Sankofa. **Revista de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira**, USP.

LEAL, Letícia; PORTO, Gil Carlos Silveira. Caminhos terrestres na capitania de minas gerais e formação socioespacial brasileira. **Caderno de Geografia**, v. 33, n. 1, p. 274-274, 2023.

MATTOS, Rodrigo Faria. Geografia histórica da ocupação territorial da Zona da Mata Mineira ao longo do século XVIII e primórdios do XIX. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 6, n. 3, 2016.

MERCADANTE, Paulo. **Os sertões do leste** – estudo de uma região: a Mata mineira. Rio de Janeiro. Zahar, 1973.

MISSAGIA DE MATTOS, Izabel. Povos indígenas e negros nos Sertões do Leste: transição para a República e nacionalidade. **TELLUS (UCDB)**, v. 19, p. 49-77, 2019.

MORAES, A. C. R. O sertão: um “outro” geográfico. **Cadernos de Literatura Brasileira**, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 13-14, p. 360-368, dez. 2002. Euclides da Cunha. Edição especial de centenário de “Os Sertões”.

OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de; OLIVEIRA, Luciane Monteiro. Patrimônio arqueológico e cultural da Zona da Mata Mineira. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, Universidade Federal de Sergipe, n. 1, p. 81, dez. 2001.

OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de; OLIVEIRA, Luciane Monteiro. Para uma etnografia dos saberes: as estratégias de ação do Projeto “Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira”. **Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2001. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/maca/files/2009/11/portg.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2025.

610



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ROCHA, José Joaquim da. Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: **Fundação João Pinheiro**, 1995.

RUSCHMANN, Doris. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. **Papirus editora**, 2016.

SAAR, Leandro; SANCHO, Altair. **Os descaminhos do ouro e o planejamento turístico: Uma estratégia para o Desenvolvimento Regional**.

SOARES, Josarlete Magalhães. Das Minas às Gerais: um estudo sobre as origens do processo de formação da rede urbana da Zona da Mata mineira. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – **Universidade Federal de Minas Gerais**, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, 2009.

VIETTES, E. G. Sertões do Leste: A construção de uma região geográfica. In: Encontro Acadêmico Científico Os Sertões: Espaço, Tempo e Movimentos. In: Congresso de Ensino Pesquisa e Extensão da UFPE, VI. Recife: **UFPE**, 2006. CD-ROM.

ZEMELLA, Mafalda P. Abastecimento da capitania de minas gerais no século XVIII. 1951. Tese (Doutorado) - **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 1951. Acesso em: 18 jan. 2025.

611



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A EUGENIA E A EXPANSÃO DO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO

Felipe Cromack de Barros Correia

Introdução

Durante uma aula sobre estereótipos e preconceitos em uma escola privada no bairro Barra da Tijuca, a eugenia e a perpetuação do racismo na sociedade brasileira foram os temas centrais. Em virtude de despertar a curiosidade sobre os alicerces da desigualdade racial no país, sugeri tratarmos do final do século XIX, momento em que a independência não acarretou automaticamente na libertação ou melhora da condição de vida de corpos pretos (VIOTTI, 1998)¹. Contudo, alguns alunos demonstraram resistência ao trazermos para o debate reflexões sobre o período colonial brasileiro, argumentando que estava demasiadamente distante em suas realidades temporais: “aí é muito antigo né” – afirmou a aluna. Embora fosse um exercício importante abordar o final do século XIX, optei por iniciar nossa aula a partir de outra data. Escrevi “1930” no quadro e, imediatamente, surgiram os comentários: “minha bisavó já era nascida”, “meu avô também”. A partir desta relação construída com os estudantes, questionei se eles sabiam que em 1930 existiam testes nas escolas para saber quem se aproximava da branquitude? Neste momento, o espanto contagiou a sala e, de fato, a aula começou. A curiosidade é um fator imprescindível para o educando, como aponta Paulo Freire, a distância entre a curiosidade ingênua, do senso comum, e a curiosidade crítica é exatamente a criticidade dos métodos de pesquisa, e o rigor na aproximação ao objeto, tornando-se o que denomina de “curiosidade epistemológica”. O tema que transbordava na educação, ciência e saúde no Brasil em 1930 era a eugenia. De modo que a História da escola pública brasileira, para JERRY DÁVILA (2005) é inseparável da História da eugenia no Brasil. A eugenia era a forma de aperfeiçoar a nação, tornando-a mais próxima do símbolo do desenvolvimento, a branquitude. Em meados de 1920, uma elite branca é a responsável pelas políticas educacionais do país, gerando práticas universalizantes

612

¹ CHALHOUB, Sidney. Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. No livro, Chalhoub examina como, apesar do progresso das leis abolicionistas, a população negra permaneceu à margem da sociedade, ainda submetida a formas de coerção e exclusão social. Outra autora importante é Emília Viotti da Costa, que, em *Da Senzala à Colônia*, também analisa como a conquista da independência política do Brasil, no século XIX, não significou automaticamente a libertação nem a melhoria das condições de vida dos negros.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

e desigualdades raciais e de classe a partir de suas ideias eugenistas. Nesse sentido, como mostra J erry D avila (2005), a institucionalização destas desigualdades na educação pública brasileira foi embasada nos ideais de intelectuais brancos sobre raça e classe. A percepção de inferioridade de alunos pobres e pretos contagiaram as políticas públicas na saúde e na educação brasileira na primeira metade do século XX, resultando na transformação do sistema escolar em uma “máquina eug nica” (DÁVILA, 2005) reforçando a hierarquia racial e de classe na busca incansável pelo embranquecimento, físico ou não, da população. Em outras palavras, o anseio por atingir a branquitude se constituía pela negação do outro², o corpo que não era desejado.

A degeneração era associada a tudo que constituía a identidade negra, extrapolando a mera cor da pele. Para esses intelectuais reformistas, a pobreza, a falta de higiene e de educação representavam sinais do atraso e retrocesso nacional. Por esta razão, as reformas educacionais brasileiras não apenas reforçaram as desigualdades raciais, mas também evidenciaram a interseccionalidade entre as hierarquias de raça e classe. Embora a branquitude fosse concebida como o ideal a ser alcançado para o progresso da nação, a noção de degeneração atribuída aos corpos negros se manifestava não apenas na cor, mas também nas marcas sociais da pobreza.

613

A negritude ainda conservava todas as suas conotações pejorativas, mas os indivíduos podiam escapar à categoria social da negritude por meio da melhoria de sua saúde, nível de educação e cultura, ou classe social. Inversamente, os brancos podiam degenerar por meio da exposição à pobreza, vícios e doenças. Em outras palavras, dinheiro, educação, status de celebridade e outras formas de ascensão social aumentavam a brancura (DÁVILA, 2005, p.26).

A faca de dois gumes

Durante a primeira metade do século XX, os indivíduos encarregados por reformar o campo da educação eram médicos, cientistas e intelectuais. Todas estas reformas, como mostra J erry Dávila, foram realizadas em virtude de aperfeiçoar a raça e, desta forma, aproximar a nação das referências europeias. Todavia, a expansão do sistema escolar na década de 20 a 50 criou consequências díspares para os pretos e pobres. Se por um lado a modernização da educação brasileira se deu pelo aumento de número de escolas e por um grande esforço em tornar estas instituições mais acessíveis aos pobres e não brancos. A outra face da moeda se

² Sueli Carneiro (2005) em “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser” demonstra como o racismo se perpetua na sociedade brasileira por meio da desumanização do “outro”. Ou seja, o “ser”, dominante, se constrói na negação do “não ser”, inferiorizado”.



Centro Português de Apoio
À Pesquisa Científica e   Cultura

Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

constituiu pela atualização e ênfase das desigualdades de raça e classe. De outro modo, estes programas que reformaram a educação brasileira trouxeram benefícios e malefícios à população pobre e negra no Brasil. Estas crianças passaram a receber refeições gratuitas, tratamento médico e dentário e educação, ao mesmo tempo eram objetificados por uma ciência de experimentações e conclusões eugenistas em um sistema em que raça e classe discriminavam a maior parte dos estudantes das escolas públicas. Para Dávila, “A ciência da eugenia forneceu uma ponte entre a ideologia racial e a cultura popular, definindo uma cultura de pobreza” (DÁVILA, 2005, p. 92-93). Ou seja, a educação era considerada pelos intelectuais reformistas a forma pela qual a degeneração seria curada, tornando a criminalidade, preguiça, infantilidade e outros estereótipos ligados à pobreza e à negritude “vencidos”. Em consonância com a elite intelectual responsável pelas políticas públicas educacionais, musicistas, cientistas, psicólogos, antropólogos, médicos, sociólogos, psicólogos e professores abraçavam o ideal eugenista. Para esses atores, a modernização do Brasil estava atrelada ao processo de embranquecimento, sendo a escola o espaço privilegiado para corrigir a suposta degeneração e a eugenia o meio de comunicação comum para as diferentes áreas do conhecimento. A possibilidade do negro se tornar mais próximo do branco por meio da educação existia, simultaneamente, com a capacidade do corpo branco se enegrecer ao perpetuar marcas sociais da pobreza, como educação e higiene precária.

A aula em questão não havia sido planejada deste jeito, mas fora construída neste constante diálogo entre o educador e o educando que se ensinavam em um processo dialógico. Como a ponta Juçara de Mello (2023), uma educação libertadora deve visar a reflexão, e na medida do possível a quebra, dos alicerces do racismo, sexismo e de todo tipo de preconceito, partindo do pressuposto que todos nós temos o pensamento estruturado na perspectiva eurocentrada. Assim, as perguntas suscitadas pelos alunos e as questões levantadas pelo professor erguiam, sob muitas mãos, esta aula em um processo de aprendizagem libertador mútuo, denominado por Paulo Freire de Gnosiológico:

Se, na educação como situação gnosiológica, o ato cognoscente do sujeito educador (também educando) sobre o objeto cognoscível, não morre, ou nele se esgota, porque, dialogicamente, se estende a outros sujeitos cognoscentes, de tal maneira que o objeto cognoscível se faz mediador da cognoscibilidade dos dois, na teoria da ação revolucionária se dá o mesmo. Isto é a liderança tem, nos oprimidos, sujeitos também da ação libertadora e, na realidade, a mediação da ação transformadora de ambos. Nesta teoria da ação, exatamente porque é revolucionária, não é possível falar nem em ator, no singular, nem apenas em atores, no plural, mas em atores em intersubjetividade, em intercomunicação (FREIRE, 2005, p. 146-147).





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

“Vocês sabiam que em 1930 existiam testes físicos recorrentes nas escolas do Rio de Janeiro para encontrar a proximidade da branquitude nos alunos?” – perguntei a fim de despertar o interesse dos alunos. Com espanto, os alunos demonstraram não só surpresa, mas também o desejo para entender como a menos de 100 anos, isto acontecia na realidade da educação brasileira. Desta forma, iniciamos a discussão sobre o caso de Dylma de Carvalho. Carvalho era aluna de uma escola primária submetida a um de muitos testes frequentes que eram realizados nas escolas, avaliando o grau de proximidade dos alunos com a branquitude, não apenas como cor de pele, mas como marca social do desenvolvimento. Neste sentido, faz-se crucial ressaltar os dados e comentários expostos em seu registro médico. Neste documento, o agente da saúde descreveu que a brancura de Carvalho não a impedira de cair na degeneração de sua pobreza de subnutrição e maus cuidados. Além disso apontou a capacidade de se reintegrar após seu tratamento ortodôntico, agora com dentes “normais”. Deste modo, por meio deste registro se torna evidente a interseccionalidade das desigualdades de raça e classe nas reformas da educação pública no Brasil, onde o Estado financiava um sistema voltado ao embranquecimento para o dito desenvolvimento da nação.

615

As reformas educacionais

Com a revolução de 1930 de Getúlio Vargas, paralelamente as reformas educacionais, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), responsável pelas diretrizes educacionais, de saúde pública e hospitalares do Brasil. Em 11 de Abril de 1931, sob o comando de Francisco Campos, é promulgado decretos que estabeleceram os critérios que direcionaram a educação brasileira naquele período para enfrentar um “saneamento moral e físico” a pedido de Vargas. Um destes decretos, n. 19.890 de 18 de abril, norteou as reformas do ensino, conhecidas como reformas Francisco Campos, as quais modificaram o ensino secundários em nível nacional. Três anos mais tarde, em 1934, Gustavo Capanema se torna o novo ministro e modifica profundamente a organização do ministério. O MESP passa a se denominar Ministério da Educação e Saúde (MES), uma reestruturação administrativa ocorre dentro do ministério e as reformas educacionais se voltam a promoção da educação em nível nacional, a fim de contemplar a proposta varguista de acesso a educação pública, leiga e gratuita. Durante a reorganização educacional, iniciada em 1937, diferentes institutos, museus e universidades foram criados, como: o Museu Nacional de Belas Artes, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Instituto Cairu, o Instituto Nacional de Cinema Educativo, o Instituto Nacional de Pedagogia, o Serviço de Radiodifusão Educativa, bem como a Universidade do Brasil, criada pela junção da Universidade Técnica Federal com a



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Universidade do Rio de Janeiro. Por meio dessa medida, a Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás, juntamente com as escolas de aprendizes artífices mantidas pela União, foram reorganizadas em liceus, voltados para o ensino profissional, em seus diversos níveis e especialidades (ARQUIVO NACIONAL, 2025).

Gustavo Capanema estava inserido na elite intelectual que compactuava com os ideais eugenistas da primeira metade do século XX, por isso, encomenda a construção de uma estátua que representasse o “homem brasileiro” para ornamentar o MES. A estátua deveria conter todas as características somáticas que representavam o desenvolvimento: Brancura, altura e forma do corpo. A proximidade com o estereótipo europeu elevava a relevância do Brasil como nação desenvolvida e, ao mesmo tempo, negava a raízes negras de sua história, símbolos da degeneração. A busca pelo “melhor exemplar da raça” (DÁVILA, 2005, p. 47) foi acompanhada pelo suporte de diferentes atores centrais na organização educacional e política do Rio de Janeiro. Alguns destes nomes são: Roquette Pinto, Oliveira Viana e Rocha Vaz, os quais eram, respectivamente, diretor do Museu Nacional de antropologia; jurista e professor da escola de Medicina do Rio de Janeiro. Todavia, o artista Celso Antônio, responsável por executar o trabalho que ornamentaria o MES, retratou o “homem brasileiro” sobre seu ponto de perspectiva, esculpindo um “caboclo, um homem das matas, de raça mestiça. Para tornar as coisas piores, esse caboclo era barrigudo” (DÁVILA, 2005, p. 49). Esta decoração principal do MES acabou por não existir, porém este acontecimento nos exemplifica a realidade brasileira dos anos 30, ou seja, grandes reformas na educação e saúde a fim de embranquecer a sociedade e negar suas heranças diaspóricas.

Ao nos voltarmos especificamente ao caso do Rio de Janeiro, encontramos reformistas que impactaram o cenário nacional, transformando a educação pública brasileira. As reformas educacionais foram uma “faca de dois gumes” para a população preta e pobre do Brasil. Evidentemente, os resultados desses programas beneficiaram as crianças negras e pobres com refeições gratuitas, tratamentos médicos e dentários e uma educação de qualidade. Todavia, no cenário educacional brasileiro, estas crianças eram tratadas como objetos da ciência, sob grandes experimentos no seio da escola, a fim de preservar um sistema em que classe e raça discriminavam a maior parte dos estudantes das escolas públicas. Aprendia-se, na escola, o desejado para uma cultura desenvolvida, considerada avançada, não degenerada, em outras palavras, aprendia-se a cultura branca, europeia em detrimento do apagamento da cultura popular negra. Nas palavras de Jerry Dávila: “Os professores ensinavam aos alunos que ser parte da raça era a chave para a cidadania e o sucesso. Na prática, isso significava o branqueamento comportamental: ou seja, descartar as práticas culturais africanas e indígenas” (DÁVILA, 2005, p.56). Faz-se necessário destacar que ao direcionarmos nossas

616



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

lentes analíticas às reformas na educação no Rio de Janeiro, estamos lindando com a capital federal. O Rio de Janeiro era o maior sistema escolar do Brasil, mais importante para os reformadores do que o MES, funcionava como vitrine para outros projetos de educação pública. Entre 1931 e 1935, as reformas na educação estiveram sob o comando de Anísio de Teixeira, educador, jurista e escritor. Expondo a disparidade de acesso ao ensino público, apontou que um terço das crianças de 6 a 12 anos não acessavam as escolas públicas em 1930 (DÁVILA, 2005). Afastados dos grandes centros da Zona Sul do Rio de Janeiro, os pobres e, em geral, não brancos tinham um acesso escasso a rede pública de educação, fato que tentou ser contornado pelas reformas de Anísio de Teixeira. Teixeira foi o principal articulador da Escola Nova no país, advogando a favor de uma democracia em que todos possuem acesso ao ensino público, não à toa em 2024 foi condecorado patrono da escola pública brasileira pela lei 15.000. Para Teixeira, a emancipação econômica e social do país seria possível por meio da educação.

[...] ora, a ideia de “educação comum”, da escola pública americana ou da école unique francesa, não era nada disto. Não se cogitava de dar ao pobre a educação conveniente ao rico, mas, antes, de dar ao rico a educação conveniente ao pobre, pois a nova sociedade democrática não deveria distinguir, entre os indivíduos, os que precisavam dos que não precisavam de trabalhar, mas a todos queria educar para o trabalho, distribuindo-os pelas ocupações, conforme o mérito de cada um e não segundo a sua posição social ou riqueza (TEIXEIRA, 1971, p. 29).

617

Anísio de Teixeira foi o responsável pela construção de 29 escolas no Rio de Janeiro em bairros pobres e, quando em bairros ricos, voltada para o acesso de indivíduos pobres. Contudo, como salientado anteriormente, a expansão do acesso às escolas acarretou consequências ambivalentes para os corpos não brancos na sociedade brasileira da primeira metade do século XX. Enquanto a escola fornecia uma educação de qualidade para indivíduos que não tinham acesso anteriormente, era o lugar em que testes eram raciais eram constantes.

A vida cotidiana das escolas do Rio, a começar da decisão sobre onde colocar um aluno até atividades tão cotidianas e privadas como escovar os dentes e lavar as mãos, era efetuada em uma lógica solidamente enraizada no discurso sobre raça. Práticas diferentes nas próprias escolas e no sistema como um todo reforçavam uma a outra em sua expressão de valores raciais” (DÁVILA, 2005, p.237).

Como nos mostra JERRY DÁVILA, os reformistas da educação do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, mesmo quando voltados a um ensino público universal, ainda se baseavam em preceitos eugenistas. Ainda que Teixeira ampliara a educação pública carioca, evidencia-se a disparidade entre negros e brancos no processo educacional. Petrônio Domingues afirma: “embora as políticas estatais tivessem ampliado as oportunidades educacionais na rede



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

de ensino público, elas não beneficiaram os afrodescendentes na mesma proporção” (DOMINGUES, 2008, p.283). Embora estes reformistas concentraram seus esforços na ampliação do acesso às escolas públicas, os conceitos eugênicos nortearam as práticas cotidianas nas escolas. O ordenamento escolar foi estruturado de tal forma que os alunos negros e/ou pobres eram considerados deficientes, atrasados e doentes. Logo, no lugar da exclusão, enfrentou-se na educação brasileira de meados da década de 30 uma inclusão marginalizadora. De outro modo, ao mesmo tempo que Anísio de Teixeira se transforma em referência nacional pela sua expansão com um viés democrático de mobilidade social do ensino público brasileiro, a implementação da Escola Nova nas escolas se deu por meio de constantes testes de habilidades e capacidades, a fim de discernir e categorizar os alunos. Nestes testes, buscava-se encontrar os indivíduos que estavam mais próximos do ideal da época racializado, ou seja, as características (sociais e físicas) que pairavam sobre a branquitude. Da mesma forma, os professores também foram afetados por estes projetos de nação. As provas e exames obrigatórios, baseados em conceitos eugênicos, tornaram a profissão de professora³. A escola era um espaço técnico de intervenção para desenvolver a nação e aperfeiçoar a raça.

Faz-se fundamental destacar que a eugenia não fazia parte de uma luta política, entre seus adeptos e seus contestadores. Por outro lado, o projeto eugenista serviu de ponto de intersecção entre diferentes atores e grupos políticos sobre as noções de desenvolvimento, raça e degeneração. A eugenia transformou o século XX e foi transformada na medida em que os contextos mudaram, se atualizando e negociando seu posto no poder por meio dos diferentes atores que a praticavam, como juristas, cientistas, médicos e pesquisados. Este modelo de inferioridade racial em meados da década de 20 se funde com o de inferioridade socioeconômico, nortearando os diferentes estudos conduzidos para determinar os atrasos e deficiências do desenvolvimento cultural afro-brasileiro. Deste modo, reafirmou-se a supremacia cultura e social da branquitude.

618

Por uma educação libertadora

Os valores e preconceitos que marginalizaram a população pobre e preta do país se perpetuaram após o auge das ideias eugenistas. As instituições educacionais, assim como práticas governamentais, foram influenciadas por este discurso racializado que se atualizou e

³ Jérry Dávila (2005) aponta que os responsáveis por reformar a educação instituíram a ideia de que o ensino deveria ser uma atividade voltada às mulheres — homens foram impedidos de ingressar na formação docente — reforçando o estereótipo do cuidado materno no ambiente familiar.





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ainda é visto nos dias atuais, mesmo após a perda de legitimidade da eugenia pós segunda guerra mundial. Diante disso, o papel do Ensino de História é produzir ferramentas que servissem como elementos compensatórios às distorções raciais criadas, reforçadas e atualizadas por políticas públicas na educação no pós-abolição e que se mantêm, por outras formas, no imaginário brasileiro. Para Juçara de Mello (2023), a fim de construirmos uma educação para liberdade e presarmos por uma sociedade verdadeiramente democrática:

O enfrentamento da desigualdade, tão profundamente arraigada em nossa sociedade, requer, além da atenção ao processo de formação do grande abismo que separa ricos e pobres, visando o seu combate, o reconhecimento e a valorização da enorme diversidade cultural que nos constitui. Isso implica no enfrentamento do preconceito e da discriminação de gênero e raça no processo de construção do conhecimento histórico escolar (MELLO, 2023, p.294).

Em consonância com esta proposta, Mello expõe as experiências de Ruth Telles Menezes, uma mulher negra aprovada no concurso público para professora do estado do Rio de Janeiro em 1930. Apenas com esta informação sobre a história de vida da professora, compreendemos a dificuldade em sua realidade. Imersa em uma sociedade racializada, em meio a diversas reformas na educação pautadas na eugenia que buscavam excluir as mulheres negras do cargo de professora, Ruth Menezes se torna docente de uma escola na capital federal do Brasil. A estruturação da educação pública brasileira construiu ferramentas universalizantes e produziu desigualdades culturais, sociais e raciais. Por meio das experiências compartilhadas por Juçara de Mello, percebe-se a necessidade da valorização de experiências apagadas por uma educação racista, a fim de construir caminhos possíveis para a superação das hierarquias culturais.

Olhares para o passado, que procuram libertar-se da colonialidade que estrutura nosso pensamento, revelam certamente outros protagonismos que, ao serem evidenciados, podem quebrar os alicerces do racismo, do sexismo e de todo tipo de preconceitos. (MELLO, 2023, p.301).

Ruth Menezes foi central na transformação e ampliação da escola estadual e da educação no município de Magé. Menezes dialogou com a fábrica para construção de novas salas, debruçou-se para convencer a Secretaria de Educação da transferência do Grupo Escolar para Santo Aleixo recolhendo 900 assinaturas e impactou ativamente numerosos alunos em seu trabalho sensível em diálogo diretamente com as famílias. Todavia, seu protagonismo, como de inúmeras mulheres negras foi apagado do discurso oficial. Durante a homenagem na inauguração do Grupo Escolar, apenas homens políticos foram lembrados. Por isso,





7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Mello expõe a importância para a educação de nos voltarmos a estas experiências de mulheres negras subalternizadas:

Uma educação antirracista e antissexista por meio do ensino de história visa a reconfiguração de uma memória histórica coletiva que atribui lugares de subalternidade a negros e mulheres, mas sobretudo às mulheres negras, pois somente sobre elas pesa a possibilidade de uma intersecção de preconceitos e processos discriminatórios atravessados por sua classe, por seu gênero e por sua raça (MELLO, 2023, p.294).

Apenas na segunda metade da década de 90 que o presidente do Brasil reconhece a discriminação racial do país. Não à toa, é neste momento que começar a surgir as políticas afirmativas em busca de contrabalancear as desigualdades construídas ao longo dos séculos. Cabe ao Ensino de História “por possibilitar esse contato com o diferente, assim concebido apenas por sua distância temporal e Espacial” (MELLO, 2023, p.295), propagando um convívio respeitoso com o diferente. Nesse sentido, reconhecer os avanços no campo da História em prol de uma sociedade mais democrática e uma educação libertadora valorizando experiências inviabilizadas, não significa nos esquecermos que a história escolar permanece “hegemonicamente orientada por um viés linear, eurocêntrico e reprodutivista” (MELLO, 2023, p.297). Logo, se é o Ensino de História uma área capaz de buscar novas alternativas a fim de romper com as desigualdades sociais e culturais construídas na educação, compartilho uma proposta pedagógica libertadora, baseada na experiência de Ruth Telles Menezes e nas proposições de Jerry Dávila:

620



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

ATIVIDADE 1

Analise com atenção os documentos abaixo:

Documento 1:

“Nas lembranças de D. Lúcia, é possível perceber também um tom de denúncia. Segundo ela, a professora Ruth “foi esquecida, nem uma escola com o nome dela, e essas que tem aí com nomes de pessoas que ninguém sabe quem é”. Posicionamento semelhante é o de Edir Inácio da Silva, filho da operária militante Edna Nunes da Silva, hoje advogado e militante filiado ao PDT (Partido Democrático Trabalhista). Em depoimento ao Grupo Memória Resgate de Magé, em 2018, Edir relata sua frustração: “Que pena que Magé (município do qual Santo Aleixo é distrito) não tem nenhuma escola com o nome de Dona Ruth Telles de Menezes. Seria uma homenagem merecida para Dona Ruth e seus familiares”. (MELLO, 2023, p.284)

Documento 2:

“Ruth Telles de Menezes, filha de ex escravizados, diplomou-se como professora em 1932. Foi a responsável pela condução da educação de toda uma cidade localizada no interior do Rio de Janeiro, tendo sido durante mais de 20 anos a única professora diplomada do lugar” (MELLO, 2023, p. 302).

Documento 3:



Inauguração da Escola Municipal Uruguay, 1925. Coleção Augusto Malta, MIS, Secretaria de Estado de Cultura e de Esporte do Rio de Janeiro, 127u/f009741.

Questão:

Os registros apresentados se referem a momentos distintos da trajetória histórica do Brasil, porém existem pontos de contato entre eles. Atentando-se a experiência de vida de Ruth Menezes, explique a relação entre o documento dois e os outros documentos sobre o papel da mulher negra na educação do Brasil.

621



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)

Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3



7º ciclo
ibero-americano
de diálogos
contemporâneos

HISTÓRIA, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Referências

ARQUIVO NACIONAL. Ministério da Educação e Saúde Pública (1930-1945). Dicionário da Administração Pública Brasileira do Período Vargas. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/83-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-vargas/1628-ministerio-da-educacao-e-saude-publica-1930-1945?highlight=WyjtaW5pc3RcdTAwZTlyaW8iLCJkYSIsImVkdWNhXHUwMGU3XHUwMGUzbyJd>. Acesso em: 26 maio 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOMINGUES, Petrônio. Resenha do livro “Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)” de Jerry Dávila. *História* (São Paulo), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 281-287, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/kvSxq3MYq4W7jsVjs8y3RzS/?format=pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 41.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa. Histórias cruzadas de mulheres negras: por um ensino de História antirracista e antissexista do Brasil republicano. In: VIANA, Iamara; COSTA, Valéria (Orgs.). *Mulheres afro-atlânticas e ensino de História*. Rio de Janeiro: Malê, p.279-308, 2023.

TEIXEIRA, A. *Educação não é privilégio*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

VIOTTI DA COSTA, Emília. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: UNESP, 1998.

622



Actas Completas e Resumos do 7º Ciclo Ibero-Americano de Diálogos Contemporâneos: História, Cultura e Interdisciplinaridade

Thiago S. Reis & Maria Ferreira (orgs.)
Editora Cravo | Porto | Portugal | 2026 | ISBN 978-989-9037-82-3